



Um

MILHÃO *de* PROMESSAS

ÀS VEZES PALAVRAS SÃO TUDO O QUE NOS MANTÊM VIVOS

CINTHIA FREIRE



Um
MILHÃO *de*
PROMESSAS

ÀS VEZES PALAVRAS SÃO TUDO O QUE NOS MANTÊM VIVOS

CINTHIA FREIRE

Copyright © 2021 Cinthia Freire

Capa:
Thais Alves

Modelo da capa:
Mariá Casals

Ilustração do casal do miolo:
P A R K (@ilustra.nicah)

Revisão e Diagramação:
Carla Santos

Todos os direitos reservados a autora.

SUMÁRIO



[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Ficha Catalográfica](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Aviso da autora](#)

[PRIMEIRO TEMPO](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[SEGUNDO TEMPO](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[PRORROGAÇÃO](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

[PÊNALTIS](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)

[Notas](#)

*Este livro é dedicado a todos aqueles que possuem um sonho. Ele é seu, não
deixe que ninguém o tire de você.*

“A coisa de que a pessoa está fugindo, seja ela qual for, vai junto com ela. E fica com ela até a pessoa descobrir uma maneira de confrontá-la.”
(Métrica – Colleen Hoover)

AVISO DA AUTORA



Querido leitor, esse livro aborda temas importantes, reais, mas que podem causar gatilhos em pessoas sensíveis à violência, à depressão ou à dor.

Caso você seja uma pessoa sensível, tenha cuidado ao ler esse livro.

Um milhão de promessas é um grito para que o mundo note aqueles que tiveram suas palavras silenciadas.

PRIMEIRO TEMPO



1

Ayla



O chão de terra vermelha parece estar pegando fogo, os pés, na grande maioria, descalços, levantam poeira que mais parece labaredas de fogo e colore as roupas já puídas dos seus ocupantes. A gritaria em torno do campo é constante. Amontoados em volta da quadra há homens e garotos de todas as idades, com os olhos fixos nos pés ágeis, que correm de um lado para o outro, e no meio de toda essa algazarra estou eu.

Há uma única garota, que é o ponto vermelho em meio a um mar de preto e azul. Quase ninguém entende o que faz uma menina em um lugar como esse: sujo, impregnado de suor, poeira e palavrões. Mas não me importo em explicar. Eu sei porque estou aqui.

Ele também, e isso basta.

Meus olhos astutos buscam por seus cabelos negros, agora molhados de suor, colados em volta do rosto sujo, em meio àquela confusão. Ele não é o maior, nem o mais forte, mas é com certeza o mais habilidoso.

Há um machucado em seu joelho, recém-adquirido depois de uma dividida com um garoto que tem quase o dobro do seu tamanho. Está inchado, mas ele não se importa, tenho certeza de que sequer está sentindo, ele é pequeno para a sua idade, mas é corajoso e não se intimida com o tamanho dos seus adversários, na verdade quando está no campo, ele não vê nada a sua volta, nem o céu acima de si, nem a terra castigada abaixo de suas chuteiras velhas e esburacadas. Seus olhos castanhos, que conheço tão bem quanto os meus, estão fixos na bola que parece ter uma paixão por seus pés maltratados e insiste em voltar para ele sempre que pode.

— Thales, aqui! — Duda grita do outro lado do gol e Thales olha rapidamente para o nosso amigo enquanto desvia de um garoto, que tenta pará-lo com um carrinho.

Ele corre com a bola a sua frente. Duda mantém os olhos fixos no amigo, que lança a bola de forma perfeita para que ele só precise colocá-la no chão e chutá-la para o gol. Esse é o momento que todos esperam, as jogadas de Thales e Duda impressionam até os mais velhos, é como se eles pudessem se comunicar sem que ninguém os ouçam, é belo e mágico e faz com que esse campinho maltratado, escondido no fim do mundo, fique lotado todos os fins de semana.

Todos gritam quando a bola acerta o fundo da rede, os jogadores correm ao encontro de Duda que está vibrando com o gol, como se estivesse em uma final de Copa do Mundo ao invés de uma pelada em um campinho de uma cidadezinha esquecida.

Ele se ajoelha exageradamente no chão e logo é coberto pelos companheiros. Enquanto isso meus olhos desviam para o garoto dos cabelos negros do outro lado do campo, ele está olhando para o céu e sorrindo, discretamente. Eu sei o que está fazendo, já vi ele fazer isso um milhão de vezes. Ele está agradecendo a Deus.

O jogo termina e o time deles vence por oito a dois, Duda é cercado pelos outros garotos e comemoram cantando uma canção boba enquanto giram suas camisetas suadas no ar, as pessoas aos poucos se dispersam e outros meninos menores começam a chutar a bola de um lado para o outro tentando imitá-los.

Thales se afasta, tão discreto, que quase ninguém nota a sua falta, ele passa a mão suja de terra nos cabelos embolando-os enquanto caminha em minha direção. Gosto quando ele faz isso, faz parecer mais velho e charmoso, e, embora não tenha olhado para mim nem uma vez sequer enquanto jogava, sabe exatamente o lugar onde estou.

— Você viu o gol do Duda? — ele indaga quando se senta ao meu lado no canto mais alto do morro.

— Vi, você foi incrível ao driblar aquele garoto e dar aquele passe, Duda só precisou ajeitar a bola na rede.

Thales finge não ouvir os elogios, ele quase nunca dá bola para eles, apenas ergue os ombros enquanto falo e pega um punhado de areia passando no joelho, como se fosse um tipo estranho de medicamento, escondendo o sangue que volta a escorrer.

— Você foi muito bem hoje — completo.

— Não foi nada de mais — ele mente e faço uma careta para a meleca que ele faz na perna.

Ele olha para o campo lá embaixo, Duda parece iluminado pela luz do céu alaranjado que deixa seus cabelos loiros ainda mais claros, quase brancos. Ele está crescendo mais do que Thales e já começa a se parecer mais com um adolescente do que nós, embora tenhamos todos a mesma idade.

Duda aceita muito bem as atenções que recebe, como se estivesse se preparando para o seu futuro, sempre cercado, amado, idolatrado. Ao contrário de Thales, que, depois que o jogo termina, sempre dá um jeito de escapar das pessoas como se tivesse alergia ao contato humano.

Thales apoia o queixo nos joelhos enquanto observa a cena, faço o mesmo, mas meus olhos se atraem para o menino magricelo, sujo e suado, sentado ao meu lado. Gosto de observar as sardas que cobrem seu rosto e a forma como seus olhos parecem quase verdes quando o sol bate neles, gosto de ver seu cabelo, embaçado de suor e terra, gosto até mesmo dos seus dentes, um pouco grandes demais, mas que combinam tão bem com sua boca.

— O que você está fazendo, Ayla? — pergunta sem se mexer e sinto minhas bochechas esquentarem de vergonha.

— Nada — minto e viro meu rosto para o campo observando Duda finalmente começar a vir até nós.

Ele coloca a mão na frente dos olhos para poder nos ver e seu sorriso se espalha quando nos encontra.

— Cara, você viu o golaço que fiz? — Duda pergunta com um sorriso enorme quando se aproxima e se senta do outro lado me deixando no meio deles.

— Vi sim, vocês foram incríveis — digo enquanto olho para os meus dois melhores amigos. Tão diferentes um do outro, mas que me completam como os três lados de uma pirâmide.

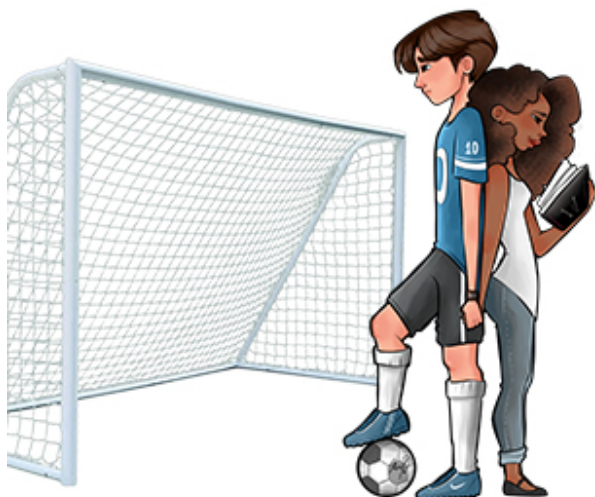
Duda tem um ralado no cotovelo, que parece incomodá-lo enquanto ele fala com Thales sobre as jogadas que não deram certo. E permaneço em silêncio, degustando a interação deles, admirando a paixão que une esses dois garotos.

Alguns minutos depois voltamos para casa, juntos na pequena estradinha de terra. Thales chuta uma pedrinha por todo o caminho enquanto

Duda não para de falar sobre o jogo e que acha que viu um olheiro. Eles sempre foram os opostos: um adora falar demais, enquanto o outro é calado; um é alto, e o outro baixinho; um tem cabelos da cor de areia e o outro, negros como carvão; um se destaca em tudo o que faz enquanto o outro é tão tímido, que sequer gosta de chamar atenção; um é meu amigo e o outro, o dono do meu coração.

Durante todo o caminho, Thales permanece ao meu lado, de vez em quando seus olhos se encontram com os meus, mas ele não diz nada. Em minha imaginação, gosto de pensar que ele gosta de mim, que ele anseia para que eu veja seus jogos e que a melhor parte do dia sempre seja o momento em que estamos assim, caminhando lado a lado no mais completo silêncio.

Esse, com certeza, é o meu melhor momento do dia.



2

Thales

Tento não mancar, mas meus pés estão me matando, Duda fala sem parar e, por mais que eu tente acompanhar seu raciocínio, não consigo. Tem alguma coisa errada com a minha cabeça e isso eu já sei faz tempo, minha mãe acha que é culpa do futebol, que não presto atenção em nada porque não me interessa por outra coisa além de chutar bola.

Isso não é verdade, eu me interessou, eu tento, me esforço, às vezes me esforço tanto que minha cabeça dói. E ela sempre dói, mas a verdade é que não consigo manter minha concentração, basta apenas alguns minutos para que as coisas se evaporem da minha mente como uma nuvem de fumaça e eu não me lembre mais o que está sendo dito.

É por isso que amo jogar, quando estou no campo não ouço nada, não preciso prestar atenção em nada além da bola e o nosso destino, no máximo um “passa pra mim” ou um “aqui, Thales” e só. Diálogos perfeitos de dois segundos. O suficiente para que meu cérebro bugado não apague.

Mas não é o que acontece agora.

— Aquele cara de agasalho preto, você não viu? — Duda se vira para nós e começa a caminhar de costas.

— Não.

— Você viu, Ayla? — pergunta para ela, com os olhos brilhando de empolgação.

— Eu vi, ele estava anotando algumas coisas, eu acho — responde animada.

— Eu sabia! — Duda bate as mãos, como se estivesse em uma competição, aliás, tudo para ele é uma competição, da hora que acorda até a hora que vai dormir, meu amigo está sempre competindo, consigo mesmo, com os outros. Comigo. — Ele nos viu, Thales, eu sei que ele estava ali por causa da gente. — Me dá um empurrão animado, mas não me deixo levar por suas maluquices.

Duda tem certeza de que um dia estaremos em um grande time, jogando juntos e ganhando muito dinheiro. Pura bobagem. O tempo está passando, estamos ficando velhos e os nossos sonhos não estão conseguindo nos acompanhar.

— Não sei, Duda. — Continuo concentrado na pedrinha à minha frente enquanto meu amigo fala sem parar, mas, embora meus olhos estejam fixos no chão, posso sentir os olhos dela em mim.

Conheço Ayla desde que éramos bem pequenos, crescemos os três juntos. E, por mais que as outras pessoas achem esquisito, ela é nossa melhor amiga assim como somos os melhores amigos dela.

Gosto do jeito tranquilo que Ayla lida conosco, às vezes ela precisa acalmar as coisas, quando estamos agitados demais, quando estou cansado ou quando Duda é um babaca, ou seja, quase sempre. Funcionamos bem assim e não damos a mínima para o que dizem sobre nós.

— Eu também acho, Duda — fala chamando minha atenção.

— Até você vai começar com isso agora?

— E por que não?

— Olhe em volta. — Estendo as mãos e aponto ao redor. — Estamos no fim do mundo, ninguém vai nos ver aqui, somos invisíveis.

— Você está enganado, Thales, a estrela de vocês está brilhando e não existe distância que impeça a luz de uma estrela de ser vista. — Ela se vira para mim, com seu sorriso que acalma os meus medos. — Vocês brilham e eles estão vendo.

O ar para de entrar em meus pulmões por alguns instantes, suas palavras finais flutuam em minha mente, querendo encontrar um lugar onde se fixarem, respiro fundo me fazendo lembrar de que a realidade é outra, muito mais escura e feia que as palavras bonitas de Ayla e volto a chutar pedrinhas. Não quero acreditar em suas palavras, elas são perigosas e podem me fazer sofrer.

Não quero sofrer, isso dói, enfraquece e já estou fraco demais para ilusões.

Eu só quero jogar bola, sobreviver à escola e ter Ayla e Duda ao meu lado, enquanto eu tiver isso está bom, eu serei o garoto invisível mais feliz do mundo.

— Viu só? Ela sabe o que diz. — Ele pisca para Ayla e bufo cansado de tentar fazê-los entenderem.

O assunto se estende por todo o caminho e decido que é o momento de ficar quieto e ouvir. Ou fingir que ouço.

— Vejo vocês depois — Duda se despede duas quadras depois, quando chegamos à sua casa.

— Vê se não se atrasa, na segunda tem prova de português! — grita Ayla quando ele começa a correr. Duda ergue o polegar e estremeço só de pensar que estamos em semana de provas e ainda não estudei para nada.

Tento não pensar muito nisso, ainda estou relaxado depois do jogo e sei que não adianta muito me torturar por algo que não posso mudar. Eu sou burro e isso é um fato.

— Você acredita mesmo nas bobagens que o Duda fala? — pergunto para ela quando estamos sozinhos.

— Sobre o olheiro? — Ela me encara e confirmo balançando a cabeça. — Claro que acredito, eu sei que vocês vão sair daqui um dia.

— Você quer que a gente saia? — Me sinto um pouco ansioso enquanto espero por sua resposta, é esquisito porque ir embora daqui é tudo o que sempre sonhei, mas nesse momento me parece algo... errado.

— Óbvio, eu quero ver vocês nos jogos da tevê.

— Tão longe? — Engulo um nó esquisito que se forma em minha garganta e ela ri, provavelmente achando que estou brincando, mas estar na tevê me parece algo tão distante desse momento ao seu lado e, o pior, não sei ao certo se eu o quero tanto assim.



Passo o resto do fim de sábado pensando no que Ayla disse, se tem mesmo um cara de olho em nós. Isso significa que estamos chamando a atenção, isso é algo que faz meu estômago doer, às vezes os sonhos são tão nossos que a simples ideia de que um dia ele possa vir a se tornar real faz com que tudo pareça mentira.

Jogar bola é o meu maior sonho. O único.

A casa está silenciosa quando saio do banho e percebo que estou sozinho, já me acostumei, sempre que minha mãe e seu marido saem, fazem sem mim, como se eu pudesse manchar a imagem da família feliz deles.

Grande merda de família.

Não dou a mínima para eles, na verdade é melhor não ficar sabendo onde eles se metem quando saem escondido, dói menos.

Visto uma calça de moletom e uma camiseta antiga do Barcelona, vou até a cozinha, mas a geladeira está vazia e as panelas sujas no fogão, não tem nada para comer e estou faminto.

A frustração me consome por saber que minha mãe sequer se importou em deixar algo para mim, quero gritar com a porra da injustiça dessa vida, aperto os punhos e esmurro a parede áspera da cozinha, o cimento rala minhas juntas e me concentro na dor para tentar esquecer a que machuca a porcaria do meu coração.

Saio de casa, incapaz de ficar nem mais um minuto dentro desse lugar e atravesso a rua, já passa das dez da noite e posso ver a luz do quarto de Ayla acesa. Sem pensar duas vezes vou até lá, sei exatamente o impulso que preciso dar para pular para o seu quintal sem chamar a atenção do seu pai, algo adquirido com anos de prática em fugir da minha realidade.

Bato duas vezes no vidro da sua janela e espero, minha respiração está irregular e meu coração descompassado, estou com raiva e sei que não deveria estar aqui, mas não consigo pensar em outro lugar para estar que não me coloque em uma confusão. Aguardo mais um pouco, a sensação de estar fazendo algo escondido me deixa agitado de um jeito bom e, quando ela abre a janela, não demoro para entrar em seu lugar favorito do mundo: o nosso lugar.

— Oi — ela diz enquanto fecha a janela e a cortina e se vira para mim.
— Está tudo bem?

Caminho de um lado para o outro tentando me acalmar, mas não consigo, vou até a prateleira onde ela guarda seus livros e olho para as lombadas sem me prender a nenhuma, Ayla já leu a grande maioria deles para mim, conheço suas histórias, todas contadas pela voz da garota que me conhece o suficiente para saber que não tem nada bem na minha vida.

Olho para a sua cama, há um livro aberto, provavelmente abandonado quando bati na janela, vou até ele e o ergo, fingindo um falso interesse. Leio o título na capa preta e o coloco de volta. Não sei o que fazer e sinto que não

deveria estar aqui, mas minha necessidade de estar perto dela quando as coisas estão muito ruins sempre me traz ao seu quarto.

Ayla não diz nada, ela já está acostumada a me ver assim, então apenas me observa caminhar de um lado para o outro, como um animal acuado necessitando de espaço, talvez seja isso que eu sou, no fundo sou um animal agredido que sente a raiva encher suas veias, cegar seus olhos, tampar seus ouvidos.

Sento-me no chão, ao lado da sua cama ergo os joelhos e apoio minha cabeça neles, sinto quando ela se aproxima, ainda sem falar nada, se senta ao meu lado, seus dedos tocam a pele ferida dos meus dedos e me esforço para não afastá-la, às vezes até mesmo o seu toque me incomoda. Ayla pega o livro em cima da cama e começa a ler, em voz alta, porque sabe que só preciso ficar aqui, quieto, até meu coração voltar a bater calmamente. Apoio minha cabeça no colchão e fecho os olhos, concentrando-me em sua voz, até que ela se torne tudo e não demora para que a calmaria relaxe meu corpo.

E então ela lê.

Pelo tempo que preciso.

Até que sua voz limpe meu coração de toda a sujeira que nele habita.

Até que eu me esqueça de tudo de ruim que existe em minha vida.

Até que eu durma.



Quando acordo, tudo está no mais absoluto silêncio, Ayla não está mais no chão, mas sim deitada em sua cama, no canto, deixando espaço para que eu me deite ao seu lado. Já fiz isso inúmeras vezes quando éramos mais jovens, adormeci em sua cama enquanto ela me contava uma história ou lia um livro, mas não posso mais fazer isso, não é certo, não me sinto confortável.

As coisas mudaram, mais do que eu gostaria, muito mais do que deveria ser certo.

Observo minha melhor amiga dormindo, seu peito subindo e descendo com calma, em um sono sem medos, sem culpas, sem dor, um sono que não tenho há muitos anos e que tenho certeza, nunca mais terei.

Então, eu me satisfaço em ouvir sua respiração suave e saber que ao menos ela está segura. Isso me ajuda a seguir em frente.



No dia seguinte nos encontramos na quadra, já é uma tradição, todo sábado e domingo nós três passamos as tardes aqui, eu e Duda jogando, Ayla nos vendo enquanto lê um livro. Gosto da nossa rotina, mas hoje estou um pouco irritado.

Jogo mal e brigo com dois garotos que não fizeram porra nenhuma, sei que estou sendo um idiota e Duda tenta me acalmar, mas não consegue. Desisto do segundo jogo e me sento ao lado de Ayla, que sente meu mau humor e prefere continuar lendo.

— Você foi embora sem falar tchau — diz ainda olhando para o livro.

— Você estava dormindo, não quis te acordar.

— Mas deveria. — Ela se vira e olha para mim. — Estou preocupada com você.

Desvio o rosto, não quero sua preocupação, nesse momento não quero nada de ninguém.

— Acho que vou indo. — Levanto-me e começo a caminhar para fora do campo, ouço seus passos se aproximando e quero pedir que ela volte e fique com Duda, mas também quero que fique comigo. Droga! Estou uma confusão e não consigo entender sequer meus sentimentos.

— Já estudou para a prova? — pergunta depois de um longo momento em silêncio ao meu lado.

Não respondo, ela sabe a resposta, sabe que não vou conseguir de qualquer maneira e, de verdade, eu não me importo mais, não adianta. Por mais que eu tente, eu não consigo entender nada, então nem tem sentido me esforçar.

Ayla bufa quando ergo os ombros e finjo que não ligo, mas a verdade é que eu me sinto envergonhado quando me pressiona. Ela é uma garota inteligente, sempre tira notas boas e Duda não é nada mau enquanto que eu... sou eu.

— Quer estudar comigo?

— Não.

— Por quê?

— Porque não.

— Você está sendo um babaca.

— É, eu sei, ainda dá tempo de voltar e ficar com o Duda.

— Não acredito que você disse isso.

— Pois é, eu disse.

— Por que você não cala a sua boca?

— Vou calar. Acho que é melhor mesmo.

Fazemos o resto do caminho em silêncio, estou chateado, cansado e com dor. Ayla está tão quieta, que mal ouço sua respiração. Aproveito um instante para olhar para ela, analiso-a como se não soubesse de cor cada detalhe do seu rosto; dos seus cabelos cacheados, que estão sempre espalhados para todos os lados; da cor da sua pele; do jeito que morde o lábio quando está lendo algo que gosta. Da sua voz...

Meu rosto esquenta enquanto admito para mim mesmo que gosto da minha amiga, mas a verdade é que gosto bem mais do que só dos seus cabelos. Gosto do som da sua gargalhada quando Duda fala algo engraçado, gosto do dente encavalado que aparece quando ela sorri, gosto quando ela se senta longe de todo mundo e fica me vendo jogar bola enquanto todas as suas amigas estão fazendo coisas de menina. Gosto dela porque não é como as outras; ela gosta de andar de bicicleta, de nadar no rio, de ver garotos idiotas sujos e fedorentos jogar futebol, de ajudar garotos burros a não passar vergonha na escola. Ela gosta de mim, mesmo sabendo o babaca que sou.

Gosto da Ayla porque ela é diferente.

Gosto dela porque é a minha melhor amiga.

Meu coração acelera quando noto que está olhando para mim, tenho medo que perceba tudo o que sinto por ela se ficar me olhando por muito tempo, isso me deixa nervoso e faço o que sei fazer de melhor: sou um babaca.

— O que foi? — pergunto rude.

— Nada. — Desvia o olhar, envergonhada.

— Então por que está olhando assim pra mim? — insisto porque, quando começo a ser idiota, não consigo mais parar.

— Eu não estou olhando para você.

— Está sim, eu sei o que está pensando, não preciso que tenha pena de mim.

— Eu não tenho pena de você, só queria te ajudar.

— Eu não pedi a sua ajuda.

— Você é um idiota, Thales, nem sei por que perco meu tempo com você.

— Então não perca.

— Você tem razão. — Ela se afasta de mim, correndo, e me arrependo do que disse.

— Ei, Ayla, volta aqui! — grito, mas ela não volta. — Não seja uma menininha, pare de fugir.

— Vá à merda, Thales! — grita. — Ah, e eu sou uma menina, apesar de você não perceber — diz sem olhar para trás.

— Eu sei, Ayla, você é uma menina, a mais bonita de todas — digo baixinho só para mim, enquanto a observo ficar cada vez mais distante de mim. Sentindo o vazio da sua ausência doer mais do que tudo.

3

Ayla



A sala de aula é inundada por um silêncio perturbador, olho para o garoto do outro lado, ele parece concentrado na folha à sua frente, tão curvado sobre a mesa que sua coluna parece prestes a se partir ao meio.

Rezo para que ele saiba o que está fazendo, ao menos um pouco, já que foi idiota o suficiente para ignorar meu pedido, para que estudasse comigo nos últimos dois dias além de me deixar com tanta raiva dele, que desejei que ele se ferrasse. Mas agora, enquanto estou aqui observando-o, quase posso sentir seu desespero e me arrependo do que pensei. Ele está apavorado, eu sei disso.

Thales não ergue o rosto, não olha para mim e tenho a sensação de que sequer é capaz de respirar, passo o olho na minha própria prova, não está tão difícil, mas tem um texto de página inteira e isso é a morte para Thales.

Mal termino de responder a primeira pergunta e ouço o som de uma carteira sendo arrastada para trás com força, fecho os olhos desejando que não seja o que estou pensando, mas sei que é.

Thales se levanta jogando a mochila surrada nas costas, ele vai até a mesa da professora e deixa a folha flutuar até pousar sobre o tampo gasto de madeira. Não espera por sua permissão, apenas sai da sala sem sequer olhar para os lados, ignorando os avisos da professora de que não pode sair. Quero correr até ele, pedir que não faça isso, quero conversar, perguntar o que está acontecendo, mas não posso. Preciso me dedicar a minha própria prova e isso leva o tempo suficiente para que ele tenha desaparecido quando a aula finalmente termina.

— Ei, o que houve com o Thales? — Duda se aproxima, desviando da multidão, que se acotovela para ir embora.

Estou com pressa e não tenho tempo para explicar o óbvio.

— Adivinha?

— Achei que ele tinha estudado com você, como sempre.

Nego com a cabeça e Duda solta um palavrão, não precisamos dizer mais nada, essa é a vantagem de conhecer alguém há tanto tempo. Sabemos tanto da vida um do outro, que basta apenas um olhar para que tenhamos a certeza de que um não está bem.

Thales não está bem, faz tempo que as coisas vêm ficando estranhas e o seu jeito calado só piora tudo.

Passamos uma boa parte da tarde procurando por ele nos lugares que sabemos que costuma ir quando as coisas ficam feias na sua casa, Duda pergunta para algumas pessoas sobre ele, mas ninguém sabe e tenho a sensação de que desapareceu.

— Odeio quando ele faz isso — Duda diz enquanto caminhamos para casa, depois de uma tarde frustrada de busca por nosso amigo.

— Estou preocupada com ele. — Aperto meus dedos em volta da alça da mochila enquanto olho em volta na esperança de encontrá-lo em algum lugar.

— Você acha que ele pode fazer alguma merda?

— Não, ele não, mas sei lá, sinto que está escondendo algo.

— Que merda, Ayla! Que tipo de coisa?

— Eu não sei — respondo porque não quero dizer em voz alta, mas, no fundo do meu coração, eu acho que sei o que Thales está passando.



Termino de arrumar a cozinha e vou direto para o meu quarto, ainda ouço o barulho dos meus irmãos menores brincando na sala enquanto meu pai assiste ao jogo do seu time favorito. Nesse momento, eu odeio futebol e tudo relacionado a ele, então rejeito o convite para assistir à partida. Invento que não estou me sentindo muito bem e me tranco no quarto.

Às vezes, é bom morar em uma casa de meninos. Quando meu pai não está trabalhando, está sempre ocupado tentando fazer uma refeição decente

para nós ou cuidando dos gêmeos. Isso significa que ele quase nunca tem tempo para mim e, de certa forma, isso não é ruim, eu aprendi a me cuidar sozinha muito pequena. Minha mãe morreu de pneumonia quando eu tinha apenas seis anos, os gêmeos tinham acabado de completar o seu primeiro ano e meu pai parecia um louco dividindo-se entre cuidar da casa, trabalhar e cuidar dos filhos. Assuntos femininos são deixados de lado com facilidade quando se tem a tarefa de ser pai e mãe ao mesmo tempo e, sinceramente, eu não me importo.

Sempre que preciso de algo, tenho minha avó que mora perto e pode me ajudar. Nos últimos anos precisei bastante da sua ajuda e meu pai soube me dar o espaço que eu precisava para aprender a lidar com as mudanças do meu corpo. Eu o admiro muito, não deve ser fácil ter a sua vida, mas ele sempre foi um bom pai, não muito carinhoso, nem de muito papo, mas presente e amoroso mesmo assim.

Ajeito-me na cama e abro o livro que estou lendo, é o segundo volume de uma série distópica¹ e estou ansiosa para saber com qual dos mocinhos a protagonista vai ficar. Tenho a minha preferência e estou torcendo para ele, embora eu saiba que o outro seja mais forte e bonito. Gosto do jeito quieto e observador do meu favorito, às vezes ele me lembra o Thales e me pego sorrindo igual boba quando me dou conta de que é o rosto do meu amigo que imagino quando estou lendo.

Estou distraída tentando me concentrar na história e preciso de um tempo para notar um barulho do lado de fora. Sinto meu coração disparar aliviado porque sei exatamente quem é, ouço mais uma batida e vou até a janela, abrindo-a devagar para não fazer barulho.

— Está ocupada? — Thales pergunta com os olhos fixos nos seus pés e as mãos enterradas no bolso da sua calça de moletom. Seus cabelos estão molhados escondendo seu rosto e mal consigo enxergá-lo com a luz fraca da rua. Mas por seu tom de voz, sei que ele não está nada bem.

— Onde você esteve? — pergunto preocupada, ignorando a raiva que estava sentindo por ele ter me tratado daquela forma e por ter sumido por quase três dias inteiros.

— Por aí. — Desvia o olhar para o fim da rua, como se temesse que alguém o visse.

— Ah, legal.

Thales não diz nada e, nesse momento, odeio o seu jeito turrão e calado, às vezes sinto como se estivesse tentando extrair leite de uma pedra quando

tento falar com ele.

— Fala logo, Thales, o que você quer? — Cruzo os braços na frente do peito e ergo o queixo tentando demonstrar minha irritação.

— Nada. — Continua olhando para o chão e sei que está lutando contra seu orgulho.

— Nada? Você veio aqui para nada?

Ele bufá e coloca a unha na boca, não preciso olhar para suas mãos, para saber que seus dedos são todos destruídos. De acordo com minha avó, é ansiedade, mas eu acho que é uma forma de dizer “não consigo falar”.

— Eu... só queria pedir desculpas.

— Por que fez aquilo? — pergunto sentindo meus olhos pinicarem magoada. Não gosto de me sentir assim, e menos ainda de brigar com Thales.

— Eu não estava bem.

— E descontou em mim.

— Eu sei, desculpa.

— Eu te esperei para estudarmos juntos.

— Eu estava irritado.

— Você vive irritado, Thales.

— Você sabe que odeio quando começam a me pressionar — justifica, mas não tenho certeza sobre o que está falando.

— Não tenho culpa que você não gosta de ouvir a verdade.

— Não é isso, eu... — bufá e para de falar, como se estivesse cansado de me explicar a mesma coisa sempre.

Acontece que eu nunca entendo o que ele diz, acho que nem ele mesmo consegue entender porque não se interessa por nada relacionado à escola. Eu sei que Thales não é burro, ele apenas não se esforça. Ele é teimoso e quase nunca aceita ajuda e isso me deixa furiosa porque sei o que acontece quando se dá mal na escola e fico apavorada só de imaginar que pode se machucar.

— Você o quê, Thales? — insisto sabendo muito bem como vai terminar essa conversa.

— Você já tá cansada de saber, Ayla. Não entendo por que tem que ficar repetindo sempre a mesma coisa, droga! — Ele ergue os braços, irritado.

— Eu não sei de nada, eu só sei que, se você não se esforçar, vai repetir de ano.

— E daí? — grita e olho para trás com medo do meu pai entrar no quarto e ver que não estou tão indisposta como disse.

— Fala baixo! — sussurro e ele passa a mão no cabelo daquele jeito que os garotos fazem.

— Quer saber? Eu não deveria ter vindo até aqui.

Começa a caminhar para longe e minha vontade de tacar uma pedra em sua cabeça dura cresce à medida que começo a me sentar na janela para pular para o quintal.

Merda, Thales! Por que você tem que ser tão teimoso? E por que eu tenho que me importar tanto?

Começo a andar atrás dele seguindo-o pela rua escura e deserta sabendo que, se eu demorar para voltar, vou me dar mal e tudo por culpa desse garoto chato e teimoso.

— Thales, volta aqui! — grito, mas ele continua a andar.

— Deixa pra lá, Ayla. — Ele ergue um braço me dispensando sem olhar para trás. — Volta pra sua casa.

— Você sabe que eu não vou deixar. — Começo a ofegar quando preciso apertar o passo. — Thales, não me faça correr! — grito e ele finalmente para de andar e se vira para mim.

— Eu sou burro, é isso que você quer ouvir? Então tá, eu sou burro! — grita com os braços abertos e o rosto tão vermelho, que por um instante acho que ele vai chorar, embora eu nunca o tenha visto chorando, nem mesmo quando quebrou o braço jogando bola ou quando Sandro o surra por ter feito algo errado, o que acontece quase sempre. Nem quando a sua cachorrinha morreu envenenada.

Thales não chora. Nunca.

— Não fala assim. — Sinto um nó se formar na minha garganta por ele. — Eu não gosto que você diga isso.

— Mas é a verdade, é o que eu sou. Um burro que não consegue aprender nada, então pare de perder o seu tempo comigo porque não vai mudar o que sou.

— Eu não me importo, Thales. Não me importo que você ache que é burro. Para mim não é e eu gosto de você mesmo assim — falo sentindo meu rosto esquentar por admitir isso em voz alta.

— Eu vou reprovar — sussurra, mas tão baixinho que é como se até falar isso o machucasse. Seus ombros desabam, envergonhados, cansados. Triste.

— Talvez, se a gente estudar juntos, você consiga. Deu certo ano passado, podemos fazer novamente esse ano. — Me aproximo e toco seu

ombro o encorajando a confiar em si.

— E no ano que vem, e no outro e no outro... Até quando vou depender de você?

— Até quando você precisar de mim. Amigos ajudam amigos. É assim que é.

Ele suspira e se senta erguendo os joelhos e apoiando a testa neles.

Aproximo-me e sento ao seu lado, sinto vontade de abraçá-lo e confortá-lo, de dizer que não importa o que aconteça, que eu sempre estarei aqui, mas sei que ele não gosta de demonstrações de afeto, então me limito a ficar em silêncio.

— Minha mãe vai ficar muito puta se eu tirar mais uma nota vermelha — fala ainda de cabeça baixa e estremeço só de imaginar o que vai acontecer. — O desgraçado do marido dela já disse que eu não vou mais jogar bola se eu não passar, ele vive falando que a culpa por eu não conseguir ir bem na escola é a bola, mas não é, Ayla. — Ele olha para mim, como se precisasse garantir que eu acredite nele.

— Eu sei que não, Thales. — Viro a cabeça de lado para poder olhar para ele, estamos bem perto um do outro.

Se não estivesse tão escuro, eu poderia ver as sardas em seu rosto e a forma como seus olhos escurecem quando fica triste. Se não tivesse tão escuro, eu poderia ver o hematoma em seu maxilar e o motivo para que ele esteja aqui. Se não estivesse tão escuro, eu poderia ler o grito de socorro de um garoto perdido, machucado e assustado.

Mas está escuro demais, para ele, para mim, para a nossa pouca idade, para o conceito de família e proteção que aprendemos desde pequenos e que ainda não temos maturidade para entender, mas talvez um dia, quem sabe, possamos olhar novamente para essa noite e enxergar, através das palavras não ditas, tudo aquilo que queria ser revelado.

— Eu prefiro morrer a ficar sem a bola — sussurra como se estivesse com medo de que alguém o ouvisse admitir.

— Não seja dramático, Thales, você não vai reprovar, eu não vou permitir. — Forço minha voz a parecer mais forte do que realmente sou.

Ele ergue o rosto e um breve sorriso surge em seus lábios enquanto olha para mim, sinto meu estômago se revirar porque não consigo parar de pensar em como me sinto mal quando não está comigo.

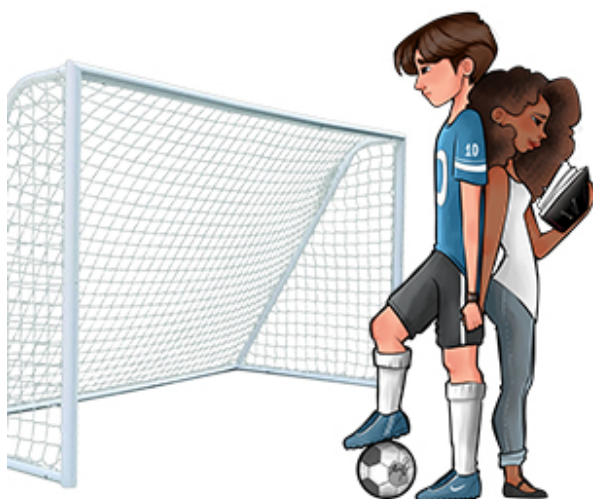
— Não sei o que faria sem você — admite e sorrio sentindo meu coração bobo disparar.

— Nada, você não viveria sem mim — brinco e Thales ri parecendo mais leve.

Ficamos mais um tempo em silêncio, como se estivéssemos nos escondendo de alguém, do futuro, da escuridão, da vida.

Aproximo-me dele e deito minha cabeça em seu ombro enquanto apoia a sua bochecha sobre meus cabelos. Thales está tremendo e sei exatamente o motivo para que estejamos aqui agora.

Não tem nada a ver com desculpas, nem com a escola, não tem nada a ver com o futebol. Isso sempre acontece quando as coisas na sua casa ficam muito difíceis.



4

Thales

Não há nada pior do que não ter um lar para voltar quando se está cansado.

Eu tenho uma casa, paredes que me protegem do frio e um teto que deixa a chuva do lado de fora, mas não é um lar. Não me sinto bem nela, não há amor, não há paz e nem mesmo segurança, então faço tudo para me manter longe. O máximo de tempo possível.

Depois de deixar Ayla em casa, volto a caminhar pelas ruas escuras e sombrias do bairro onde moramos, não tenho medo das coisas que vejo. Aprendi há algum tempo que o perigo de verdade mora dentro da minha casa, no lugar onde eu deveria estar protegido. Não me incomodo com as pessoas que se escondem nas sombras, não me impressiono mais com os carros caros que passam sem realmente olhar em volta, se o fizessem veriam um garoto franzino mancando na calada da noite pelas ruas, porque simplesmente não pode voltar para a casa onde vive.

Há uma briga na esquina, não preciso me aproximar para saber que há drogas e dinheiro envolvido. Embora tenha apenas quatorze anos, sei o suficiente para compreender que aqui a jogada é ser invisível, e isso eu sei fazer muito bem. Infelizmente, as regras da rua não podem ser aplicadas no lugar onde deveria ser meu lar, lá eu não consigo ser invisível.

Desde que minha mãe se casou novamente não tenho paz. Seu marido não passa de um bêbado arrogante, que acha que manda em mim, mas ele não manda e pago um alto preço por não me curvar às suas vontades.

As palavras de Ayla continuam circulando por minha mente, eu sei que ela nunca vai me deixar, sei que ao lado dela eu posso respirar, posso relaxar e até mesmo sorrir, fingir que somos apenas crianças brincando. Mas, por mais que ela tente, nunca vai conseguir me salvar de todas as merdas que envolvem a minha vida.

Ela é suja demais.

É mais fácil eu acabar sujando minha amiga com todas as minhas merdas.

Às vezes, me pego invejando o Duda. Parece sempre feliz, confiante, inteligente, não é o melhor, mas consegue parecer. Com sua confiança e arrogância, ele parece capaz de conquistar tudo o que deseja. Às vezes me esqueço de que temos a mesma idade, ele parece mais velho, sábio e corajoso. Mais inteiro do que eu.

Nesse momento, enquanto me lembro da forma como ele comemorava o último gol e depois como se exibia para Ayla, como se fosse a coisa mais importante do mundo, percebo o quanto eu daria para ser ele e isso dói, quase tanto quanto o punho do meu padrasto ou as palavras da minha mãe.

Afasto esses pensamentos da minha cabeça. Estou com raiva, com dor e cansado. E Duda é meu amigo, eu não devo invejá-lo e nem ter raiva dele, ele não tem culpa da vida de merda que tenho, nem da sorte por ter um pai e uma mãe que o proteja do mundo. Assim como eu, ele não escolheu onde nascer e nem merece pagar por meu azar.

De acordo com Ayla, eles passaram a tarde atrás de mim e sei que ele também se preocupa com minhas merdas, mesmo que não faça ideia do que são de verdade.

Ando por mais uma hora, até que eu esteja cansado demais para ouvir as brigas que acontecem todas as noites na minha casa entre minha mãe e seu marido e possa dormir sem me meter. Geralmente, eu acabo pagando, não suporto vê-lo levantar a mão para ela ou fazendo minha irmã chorar, mas ela o aceita assim e tudo o que preciso fazer é me manter o mais afastado possível e isso significa tentar não ouvir suas brigas. Algo difícil naquela casa.

Quando volto, as luzes estão todas apagadas e respiro aliviado. Minha barriga dói de fome e estou com tanta sede que mal consigo engolir a saliva, meus pés parecem pesar uma tonelada e lamento porque sei que não vou poder jogar bola por algum tempo. Jogar é tudo o que tenho, é minha alegria, minha paz, meu mundo. Quando estou no campo não vejo ninguém, não

ouço nada, apenas os meus pés e o som da bola rolando, é o único momento da minha vida que me sinto alguém de verdade, e saber que ficarei afastado por causa de uma bobagem de um joelho machucado me deixa com raiva.

A porta da cozinha está encostada como sempre, ele nunca a fecha e se fecharmos ele grita conosco, às vezes acho que é para que ele possa fugir com facilidade caso algum dia precise e esse pensamento me faz estremecer. Temo por minha mãe e por minha irmãzinha, sei que ele nunca fez nada com ela, ele parece amar sua filha, mas não confio nele e estou sempre de olho. Eu o mataria se ele sequer tocasse em um fio de cabelo da minha irmã. Passo pela porta e entro devagar, mas não sou silencioso o suficiente já que ele está sentado à mesa como se estivesse me esperando.

— Onde diabos você estava a essa hora? — Sua voz embargada pelo álcool me enoja e não respondo.

Apenas pego um copo na pia e encho de água, bebendo-o de uma vez. Ouço o som dos seus passos se aproximando e não consigo impedir meu coração de disparar.

— Estou falando com você, seu marginal! — grita, mas me mantenho calado, com raiva de mim por ser um covarde e não o enfrentá-lo. — Responda! — O tapa que ele dá em meu rosto é o suficiente para que o copo voe da minha mão e se estilhaça no chão.

Preciso me apoiar na borda da pia para não cair, o mundo gira a minha volta e sua voz se torna um zumbido alto. Seus punhos se fecham em minha camiseta e sou erguido até a altura dos seus olhos injetados de álcool e raiva.

— Quem você pensa que é para achar que pode sair por aí sem dar satisfação? — continua fazendo perguntas, mesmo sabendo que não irei responder, eu nunca respondo. — Estou cansado de você, moleque maldito! — cospe as palavras em meu rosto. — Você está metido com drogas? — Ele me cheira como se pudesse encontrar alguma coisa errada em mim, mas a verdade é que tudo o que pode sentir é o cheiro do meu ódio e do meu medo.

Não respondo, ele sabe melhor do que ninguém que não estou, afinal de contas, ele é o viciado nessa casa. Sei que faz isso para assustar minha mãe, enche a sua cabeça com ideias sobre o porquê não consigo estudar, às vezes é a bola, outras vezes é porque sou burro ou estou me drogando, que é por isso que não aprendo. Por isso que minha atenção está sempre dispersa e tudo o mais que ele pode fazer para me afastar dela. Infelizmente, ela acredita em tudo.

— Responda, seu filho da puta! — Ele me chacoalha no ar e sinto que posso vomitar a qualquer instante, a região onde ele me bateu começa a pulsar.

— O que está acontecendo aqui? — Minha mãe chega na cozinha com os olhos arregalados e os braços cruzados e, pelo seu tom de voz, não preciso me esforçar para saber que ele já encheu a sua cabeça com mais merdas sobre mim. — Posso saber onde você estava, Thales? — exige como se não percebesse que seu marido está quase me sufocando com a gola da minha camiseta.

— Esse moleque tá aprontando alguma merda, eu tenho certeza! — ele continua gritando na minha cara.

— Ah, meu Deus, Thales! De novo isso? Por quê? — Ela passa as mãos na cabeça e sinto vontade de chorar por ela sequer perguntar para mim se ele tem razão. Ela nunca perguntou, nunca duvidou do que ele diz, a sua verdade é absoluta e não tenho a menor chance contra isso.

— Não se preocupe, amanhã mesmo vou falar com os caras lá da boca. Eles vão me contar quem tá fornecendo merda a esse moleque.

Filho de uma puta!

— Eu não mereço isso. — Minha mãe choraminga e sinto raiva dela.

Nesse momento, sou puro ódio e mal consigo respirar tamanha a minha vontade de gritar com ela por ser tão idiota.

— Ainda por cima brigando na rua? — Ele aponta para o hematoma em meu rosto, como se não soubesse que foi ele mesmo que o colocou aí.

Ergo minha mão e tento afastá-lo, quero revidar, esbofetear a sua cara suja, mas não faço nada, nem digo nada, apenas me concentro na raiva que cresce dentro de mim enquanto sua mão se ergue mais uma vez para acertar o outro lado do meu rosto em um tapa mais leve, como se estivesse apenas me repreendendo.

— Olha o que você está fazendo com a sua mãe, seu merdinha! — Ele me chacoalha enquanto ela chora. Continuo calado, a fúria inflando meus pulmões, me sufocando, me esquentando. — Na minha casa, eu não admito bandido está ouvindo? — grita.

Meu rosto arde.

Meu coração infla.

Minha alma dói.

— Onde você estava, Thales? — minha mãe pergunta com a voz chorosa. — Isso são horas de um garoto da sua idade chegar em casa? — Ela

aponta para o relógio e me surpreendo ao ver que são quase três da manhã. Não percebi que havia demorado tanto, eu só queria ficar em paz, descansar em silêncio, só queria a certeza de que não precisaria olhar para a cara do desgraçado que ela colocou no lugar do meu pai, mas não adianta falar isso, ela já foi envenenada e nada do que eu disser vai mudar a forma como pensa sobre mim.

— Não se preocupe, Janaína, amanhã eu vou passar o pente fino nesse bairro e vou descobrir com quem esse moleque está metido.

— Eu não te criei para isso, Thales. — Ela começa a lamentar, me sinto mal por ela achar que eu poderia fazer algo assim. Se ela ao menos me conhecesse... Se olhasse para mim, se me notasse como Ayla, ela saberia quem está falando a verdade aqui.

— Eu estava com a Ayla — digo olhando para a minha mãe na esperança de que, ao menos uma vez na vida, ela acredite em mim, mas assim que nossos olhos se encontram ela desvia o olhar como se não fosse mais capaz de encarar meus olhos.

“Ainda sou eu, mãe!”, quero gritar. “Ainda sou seu filho!”.

— Mentiroso, até parece que o Milton deixaria a filha dele com um marginal como você até essa hora! — ele grita e tenho certeza de que os vizinhos podem ouvir a briga do outro lado da rua.

— Eu não minto, ao contrário de você — rebato e ele me joga no chão com tanta força, que bato a lateral do meu corpo na ponta da mesa e urro de dor quando caio. A dor é tanta, que tenho a sensação de que vou desmaiar, mas não choro, não na sua frente. Ele não vai me ver chorar, me arrasto até apoiar minhas costas na parede enquanto minha mãe continua falando sobre não merecer um filho como eu e onde ela errou comigo. Não me movo, não me defendo, não desminto nada do que eles dizem, apenas me afasto de toda essa merda, levo meus pensamentos para o campo, para a bola, para a garota de cabelos cacheados e pele cor de chocolate, que me conhece o suficiente para que sinta a minha dor e, enquanto eles gritam, eu juro a mim mesmo que isso não será para sempre.

Um dia, eu vou crescer e ele nunca mais vai tocar em mim.

Um dia, eu provarei para ela que não sou o que ela pensa.

Um dia, eu serei alguém.

Eu juro, em nome do ódio que sinto nesse momento, em nome da dor que enche meu coração e em nome das lágrimas que não permito que caiam, um dia eu serei alguém e vou provar quem está falando a verdade aqui.

5

Ayla



Chego à escola dez minutos mais cedo e me sento em um banco do outro lado da rua enquanto espero por eles como sempre faço. Alguns minutos depois avisto a cabeleira clara de Duda enquanto ele conversa com outros meninos, ele é o maior de todos e sempre se destaca com seus cabelos claros. Assim que me vê, ele ergue a mão e acena para mim. Também ergo a minha no ar e observo meu amigo entrar rodeado de meninos e meninas, que o adoram. Todos adoram o Duda.

Espero até o limite para entrar, sinto um frio na barriga cada minuto que passa sem que Thales apareça na esquina. A noite passada foi intensa na sua casa, infelizmente moramos perto o suficiente para que eu ouça quando seu padrasto perde o controle, algo que acontece mais vezes do que eu gostaria. Essa noite foi uma das piores, não consegui dormir, mesmo depois que tudo acabou. E desde então tudo o que quero é vê-lo e me assegurar de que está bem. Ou o máximo possível.

Entro na sala de aula e Duda ergue o queixo em uma pergunta silenciosa, que respondo movendo a cabeça de um lado para o outro. É o suficiente para que seu rosto desmorone e a alegria habitual dele desapareça. A professora entra em seguida e logo as provas são colocadas nas nossas mesas, hoje é dia de matemática, a única matéria que Thales consegue estudar um pouco mais.

Meus olhos estão fixos na porta enquanto as pessoas falam a minha volta, faço um apelo silencioso para que ele apareça, até o último segundo. É

uma tentativa frustrada de fingir que exagerei, que a noite passada não foi tão ruim assim, mas, talvez, tenha sido pior do que imaginei.

— O que deu no Thales para perder a prova? — Duda me pergunta assim que a aula termina.

— Eu não sei, deve estar doente — minto tentando proteger Thales da humilhação.

Ele sempre se envergonha quando as coisas ficam ruins e quase nunca conversa a respeito, sei que odeia o padrasto e sei que ele também não coopera, mas nada justifica as coisas que acontecem na sua casa.

Duda se senta na cadeira à minha frente e apoia o queixo no encosto enquanto olha para mim, como se eu soubesse tudo sobre Thales. Eu sei, mas isso não significa que vou contar para ele o que ouvi na noite passada, é doloroso demais sequer pensar.

— Eu não acho, ele nunca fica doente — Duda fala e ficamos de cabeça baixa pensando no nosso amigo.

— As coisas na casa dele não estão boas — admito sentindo o peso da culpa em minhas costas.

— Aquele padrasto dele é um filho da puta!

Olho feio para Duda repreendendo-o pelo palavrão, mas ele parece não ligar.

— Por que será que ele bate no Thales? — pergunto, mas meu estômago se revira só de imaginar a resposta.

Duda não responde, apenas ergue os olhos e me observa com uma expressão triste que me faz querer chorar. Ele não desmente, não diz que estou sendo dramática, apenas fica em silêncio, como se fosse incapaz de compreender como alguém pode bater no Thales.

— Porque a mãe dele é uma cadela — Duda responde depois de um tempo e baixo os olhos lembrando a forma como Thales falou da sua mãe ontem à noite.

— Acho que é por causa da escola.

— Eles são dois malditos. Um dia ainda vou quebrar a cara daquele desgraçado do padrasto dele.

— Eu não posso acreditar. Será que não percebem que o Thales tem algum problema? — Ignoro as ameaças de Duda e continuo: — Ele se esforça, eu sei que tenta, mas não consegue.

— Você acha que ele é tipo um retardado? — Duda pergunta surpreso.

— Claro que não! Não seja idiota, Duda, e não fale essa palavra. — Dou um tapa em seu ombro, mas ele não se mexe. — Thales não é burro, ele só não consegue compreender da forma como explicam. Quando eu explico, ele compreende.

— É porque ele gosta de você — Duda diz como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. Um sorriso se forma em seu rosto e sinto minhas bochechas esquentarem.

— Não é verdade. É que eu tenho paciência com ele — justifico sentindo meu rosto inteiro ficar vermelho.

— Se você diz. — Ergue os ombros no instante em que o professor entra na sala. — Eu ainda acho que ele gosta de você — insiste e reviro os olhos.

— Senhor Carlos Eduardo, será que dá para sentar-se no seu lugar?

Duda se levanta sem olhar para o professor e passa por mim sorrindo, como se ele pudesse ouvir o meu coração acelerado.



O bater rítmico da bola na parede me diz exatamente onde ele está.

Pulo o muro da construção abandonada onde brincávamos de esconde-esconde quando éramos menores. Já tem um tempo que paramos de brincar de coisas de crianças, agora sinto que os momentos divertidos estão ficando cada dia mais distantes e isso me deixa nervosa.

Thales está de costas para mim, o capuz do moletom esconde o seu rosto enquanto ele chuta a bola no desenho que Duda fez de uma trave de gol na parede à sua frente. Ele sabe que estou aqui, mesmo assim não para de chutar e nem fala nada. Limpo a sujeira de uma pedra e me sento nela enquanto observo meu amigo por um instante.

Nos últimos tempos estar perto dele tem sido diferente, é como se tudo o que ele faz se destacasse, coisas normais do dia a dia, que sempre fizeram parte dele, mas que agora parecem ter um efeito maior em mim.

Hoje é ainda pior, as palavras do Duda continuam martelando na minha cabeça. Mesmo que eu tenha me obrigado a aceitar que ele falou só para nos provocar, no fundo eu desejo que ele esteja certo. Eu quero que Thales goste de mim, não como ele gosta do Duda, mas como eu gosto dele. Quero que

ele sinta o estômago embrulhar quando estou perto, e que tudo o que eu faça pareça diferente para ele. Quero que note que preendi o cabelo, ou quando estou com um vestido novo. Quero que me ache a garota mais especial do mundo, porque para mim é assim que o vejo.

Thales é o garoto mais especial do mundo.

— Por que você não foi à escola? — pergunto quando vejo que não vai parar de chutar a bola.

Ele não responde, apenas ergue os ombros e continua colocando a bola nos cantos exatos do desenho como se não desse a mínima para a minha presença.

— O Duda te procurou o dia inteiro, onde você se meteu?

Minha pergunta fica sem resposta e bufo frustrada com sua teimosia.

— Você perdeu a prova, Thales. E, pelo que estou vendo, não está doente. Então, não tem um atestado para levar à escola.

Ele ergue os ombros de novo e me irrita com seu pouco caso.

— Você quer parar de chutar essa merda de bola e olhar para mim? — Levanto enquanto encaro suas costas.

Thales para de chutar a bola e a segura com seu pé, em um instante ele a ergue em uma manobra elaborada e a coloca debaixo do seu braço. De onde estou, posso vê-lo respirar fundo, seus ombros se erguem enquanto ele enche seus pulmões de ar como se estivesse criando coragem para olhar para mim.

E então ele se vira.

E tira seu capuz.

E o meu mundo desaba.

— Você ainda acha que eu não tenho uma boa justificativa? — pergunta enquanto seus olhos castanhos tristes me encaram aguardando uma resposta que não preciso dar.

Espalmo minha mão na boca na tentativa de reprimir um soluço, mas não consigo. No momento que vejo os hematomas no rosto do meu amigo, algo quebra dentro de mim e sinto uma dor que nunca senti, como se toda a ilusão que criei sobre sua vida desmoronasse e agora preciso lidar com a realidade.

Dou um passo à frente e Thales se afasta colocando o capuz de volta e se virando para a parede.

— Nem tenta — ele me repele erguendo uma mão e sinto o impacto das suas palavras como punhos em meu peito.

— Quem fez isso com você? — pergunto ao me aproximar e ele mantém seus olhos fixos na bola que voa para a parede e retorna para ele.

— Não importa. — Sua voz soa rouca, como se estivesse magoado demais para falar.

— Você se meteu em alguma briga? — Puxo a manga do seu moletom chamando sua atenção quando ele não me responde.

— É isso que pensa de mim? — Para de chutar e se vira, com seus olhos injetados de raiva, inchados e vermelhos, como se tivesse chorado por muito tempo.

— Não, claro que não.

Ele volta a chutar, agora com mais força. As sobrancelhas estão baixas e o olhar furioso fixo na bola... na parede... na bola... na parede.

— Foi ele?

Cravo meus dedos em seu braço quando tenta se afastar. Thales para de se mexer e olha para mim. Respira com dificuldade e sei que está dando tudo de si para não chorar, posso ver uma faixa vermelha se formar em suas bochechas, cobrindo inclusive os hematomas. Sua boca está fechada com força, os lábios brancos.

Mas ele não responde, nem desmente, apenas continua me olhando e respirando e se mantendo firme na sua promessa de não chorar.

— Sua mãe sabe? — pergunto em meio às lágrimas, porque sinto a dor em seu rosto quando pisca algumas vezes desviando o olhar.

Ele puxa a manga do seu moletom com força e se afasta de mim.

— Por que você se importa? — Já de costas, sua voz soa tão grave que eu quase não o reconheço. É como se tivesse envelhecido desde a última vez que o vi.

— Porque gosto de você, Thales.

— Para de falar que gosta de mim, merda! — grita e chuta a bola com tanta força, que me assusto quando ela bate e volta direto no seu peito.

— Por quê?

— Porque eu não mereço.

— Quem disse isso a você?

— Foda-se, não importa! Guarde seus sentimentos para alguém que valha a pena gastá-lo.

— Eu quero guardá-los para você.

Ele vira o rosto para me olhar, com o capuz escondendo seus machucados.

— Está perdendo o seu tempo.

— Eu não me importo.

— Para de esperar algo bom de mim, cacete! — fala mais um palavrão, exatamente porque sabe que detesto quando faz isso.

— Você não pode me impedir de acreditar em você.

— Então você que é a burra aqui. — Ele pega a bola e caminha até o muro, pulando-o com facilidade e me deixando sozinha com as suas palavras machucando o meu peito.

Talvez ele tenha razão, talvez eu seja a garota burra, mas não me importo, eu nunca vou desistir dele, principalmente agora.

6

Ayla



— Você e o Thales ainda estão brigados? — meu pai pergunta enquanto tenta encher mais uma bexiga.

A sala está lotada delas e, mesmo que eu tenha dito para ele que odeio bexigas, principalmente cor-de-rosa, ele continua as enchendo como se fosse a coisa mais importante do mundo.

Faz quase um mês desde que eu e Thales tivemos aquela discussão e as coisas estão esquisitas entre nós. Ele ainda frequenta a escola, mesmo que sequer abra os cadernos e seja sempre o primeiro a sair quando as aulas acabam. Ele continua jogando bola no campinho e continuo vendo-o fazer seus dribles e passes mágicos. Continuo vendo-o, não porque eu esteja lá para isso, mas, depois do segundo fim de semana, Duda disse que é injusto que eu deixe de ir só porque estou brigada com Thales, que ele também é meu amigo.

O problema é que não estamos brigados.

Ele apenas não fala comigo, nem ao menos olha para mim. Na escola, ele desvia quando passa por perto, evita ficar no mesmo lugar e todas as vezes que tentei falar com ele, ele simplesmente disse: “Agora não, Ayla”.

Sinto como se Thales estivesse brigado com o mundo, sua cara feia parece ter se tornado permanente, os olhos sempre injetados de raiva, ainda mais calado do que o normal, como se estivesse desconectando-se da sua humanidade. Já não enxergo mais meu amigo nos olhos do garoto que vejo todos os dias e tenho medo de que eu nunca mais o encontre.

— Não — respondo, sentindo o nó em minha garganta, que sempre se forma quando penso nele.

— Tem certeza, filha? — pergunta mais uma vez e, mesmo que se esforce para parecer casual, eu sei que está tentando descobrir algo que nem mesmo eu consigo entender.

— Eu acho que saberia se tivesse brigado com ele — respondo e só quando meu pai ergue os olhos noto que fui grosseira. Ele não tem culpa se Thales é um babaca. — Desculpa, pai, é que... é complicado — admito e ele assente.

O barulho das bexigas se mexendo dentro da pequena sala começa a me incomodar, me sinto exatamente assim, com tantos sentimentos e dúvidas dentro de mim que tenho a sensação de que, a qualquer momento, no mais simples toque, vou explodir.

— Filha. — Ele coloca a bexiga sobre as outras e se aproxima, abaixando-se para poder olhar em meus olhos, como sempre fez quando eu era criança. — Você sabe que pode sempre conversar comigo, não é?

Balanço a cabeça confirmando que sim, mas não consigo falar. Tenho a sensação de que vou começar a chorar e, por algum motivo, me sinto envergonhada de chorar por um garoto na frente do meu pai, mesmo que esse garoto seja Thales.

O fato é que sinto a falta dele, de ficar ao seu lado em silêncio enquanto ouvimos Duda falar alguma coisa sem importância, sinto falta de caminhar ao seu lado, de ler enquanto ele tenta me desconcentrar brincando com minhas pulseiras ou rindo de algo que os personagens fizeram, sinto falta do seu mau humor, de ouvi-lo bufar enquanto tenta sem sucesso fazer a lição. Sinto falta dele. De nossa amizade. De nós.

Ele está sumindo bem na minha frente e cabe a mim, como sua amiga, fazer algo para ajudá-lo. Então respiro fundo, criando coragem para dizer em voz alta aquilo que me apavora, como se nesse momento as palavras deixassem de ser apenas palavras e passassem a ser algo real.

— Eu acho que Thales está correndo perigo. — Encaro a bexiga em minhas mãos enquanto falo. O silêncio a nossa volta faz a frase parecer como uma sentença de morte.

— Por que acha isso? — meu pai pergunta com cautela.

— Na última vez que nos falamos, ele tinha hematomas horríveis no rosto e, quando perguntei, ele não quis responder.

— Foi por isso que vocês brigaram? — pergunta e balanço a cabeça, desistindo de mentir para mim mesma. Sim, nós brigamos, ou ele brigou, tanto faz.

— Eu conheço o Thales, pai. Ele não vai falar, porque é orgulhoso demais para admitir que está apanhando.

— Isso é uma acusação grave, Ayla.

— Semana passada ele tinha um novo hematoma no olho e disse ao professor que foi jogando bola, mas eu sei que não foi, eu o vi jogando e ele não se machucou.

— Ele pode ter se machucado em uma briga na rua.

— Mas não foi, eu sei.

— Como você sabe?

— É que, às vezes, eu... — Sinto-me envergonhada em admitir que bisbilhoto a vida do meu vizinho, mas sei que é importante. — Eu ouço as brigas.

— Famílias brigam, filha.

— Não como a do Thales, pai — contínuo e ele respira fundo, como se fosse algo difícil de aceitar. — Ele age como se fosse um adulto, mas não é e parece que ninguém se importa. Só que eu me importo porque gosto dele. Thales é o meu melhor amigo e me dói vê-lo se isolando cada vez mais. Eu já não consigo mais alcançá-lo.

Meu pai me observa por um minuto ou talvez tenha sido uma hora, não tenho certeza, não consigo pensar, apenas ouço o barulho do meu coração que bate pesado no meu peito e reverbera em meus ouvidos enquanto me dou conta de como está cada dia mais fácil para mim admitir que gosto dele.

— Alguém mais sabe disso?

— O Duda. Por ele, a gente já tinha chamado a polícia, mas eu tenho medo de prejudicar o Thales.

— Vocês fizeram bem, é preciso ter certeza. Como disse, é uma acusação muito grave. O padrasto do Thales não é alguém com quem se queira arrumar confusão e, se o Conselho Tutelar bater na sua porta, com certeza teremos problemas. Isso é um assunto para adultos resolverem.

Ele passa um braço por meu ombro me puxando para perto de si em um abraço que não me conforta. Não sou eu quem precisa ser amparada, é Thales e nesse momento sequer sei onde ele está.

— O senhor acha que devemos fingir que não estamos vendo?

— Não, eu não disse isso. Apenas disse que precisamos agir com cautela.

— Promete que vai fazer algo, pai? — imploro sentindo uma pontada de esperança surgir em meu peito.

— Prometo que vou pensar em algo.

— Eu estou preocupada com ele.

— Eu também estou, filha, mas infelizmente não podemos agir com o coração. Às vezes, ele nos leva por caminhos perigosos.

— Não é justo ele bater no Thales.

— Claro que não, ninguém tem esse direito.

— O Thales não é mais o mesmo e sinto a falta dele.

— Também sinto falta de ver vocês juntos, gosto daquele garoto.

— Eu estou com medo.

— Vocês são amigos há muito tempo, é natural que se preocupe.

— Eu o quero de volta.

— Eu sei, filha. — Ele beija meus cabelos e me aperta um pouco mais, ficamos um momento e silêncio olhando o mar de bexigas cor-de-rosa, que nada tem a ver comigo. — Sabe, Ayla, eu sempre achei que sua mãe estaria aqui para conversar com você no momento certo, para ouvir suas coisas sobre os meninos e tudo o que eu tinha que fazer era vestir minha capa de machão e afastá-los daqui, mas infelizmente ela não está e não posso ser apenas aquele que afasta os garotos, porque no fundo eu sei que isso não existe, eles virão, eu sabia disso, mas estou feliz que seja o Thales, ele é um bom menino.

Sinto um alívio em meu peito à medida que ouço o que ele diz, suas palavras acalmam meu coração e enrosco meus braços em seu pescoço puxando-o para um abraço.

— Eu te amo — sussurro em seu ouvido e ele beija minha bochecha.

— Eu também te amo, filha. Por favor, só não faça nenhuma bobagem.

— Eu não farei.

— Meninos são um pouco mais lentos que meninas, tenha paciência com ele, tenho certeza de que ele também sente a sua falta — meu pai o defende.

— Eu só quero o meu amigo de volta. — Deito a cabeça em seu ombro e encaro as bexigas no meio da sala. — Era para ele estar aqui enchendo essas bexigas também.

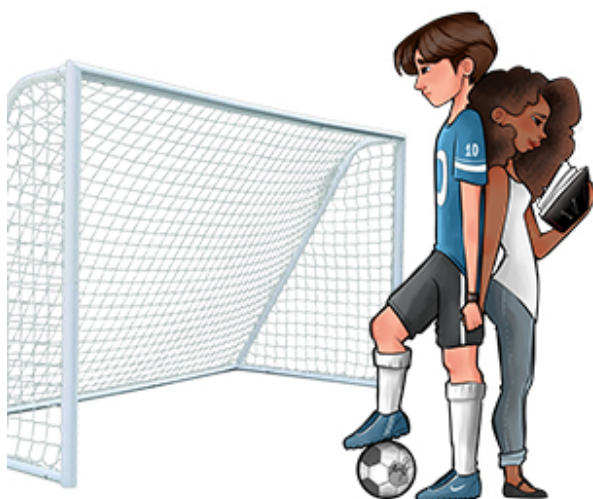
Meu pai sorri e beija minha testa carinhosamente.

— Dê tempo ao garoto. Quando estiver pronto, ele vai voltar a falar com você.

Os gêmeos escolhem esse momento para entrarem na sala como um furacão e estourar algumas bexigas cortando o momento revelador e fazendo meu pai gritar com eles por terem destruído o trabalho de uma manhã inteira.

Faço um agradecimento silencioso aos meninos, nunca amei tanto o fato de ter dois pestinhas como irmãos do que nesse instante. Já não sou mais criança, meu pai já deveria ter percebido isso, mas acho que para ele sempre serei a garotinha cercada de cor-de-rosa. Mesmo que já esteja sofrendo com o meu coração partido.

Olho pela janela para a casa do outro lado da rua e desejo que meu pai esteja certo e que Thales volte para mim.



Um garoto passa seu braço em minha cintura, tentando me parar. Giro o corpo me desvencilhando de seu toque e continuo rumo ao meu objetivo, hoje quero fazer um gol.

Ouçoo vozes gritando a minha volta, sinto o cheiro da terra batida, tão familiar para mim, me enchendo de energia, prevejo os passos do garoto a minha frente, ele é desleal e já me machucou outras vezes, mas hoje ele não vai conseguir. Pulo no momento em que ele tenta me parar com uma perna mal-intencionada, acelero o passo, guio a bola para o lugar onde a quero, driblo um, dois, ouço meus companheiros me pedindo o passe, mas hoje somos eu e ela, apenas nós dois.

Temos uma missão e vamos cumprir, mesmo que a responsável por meu desejo de realizar esse gol não esteja presente para vê-lo.

Dou um chapéu no moleque de cabelo esquisito e olhos arregalados que me vê chegar, meu coração bate com força, a adrenalina me faz flutuar, é como se tudo a minha volta estivesse em câmera lenta, tenho total domínio dos meus passos e da bola a minha frente, agora somos apenas eu e o goleiro.

Olho para ele e tenho certeza de que sei para onde ele vai cair, como se pudesse prever o futuro, então passo a bola para o pé esquerdo e chuto.

A bola soca o fundo da rede balançando-a e fazendo o meu coração explodir, é por essa emoção que vivo, é esse o sentimento que me faz respirar, é o melhor momento da minha vida, o lugar onde me sinto eu mesmo.

Olho para o céu e agradeço a Deus, meu ritual de todas as jogadas, eu o agradeço porque Ele me deu um dom, e mesmo que eu nunca venha a ser um grande jogador, ele é meu e ninguém pode tirá-lo de mim.

Sinto o impacto em minhas costas e sou jogado no chão por Duda, que grita em meu ouvido. Em segundos sou coberto por moleques suados e eufóricos, meus companheiros, tão felizes como se estivéssemos em uma final de Copa do Mundo e sorrio satisfeito enquanto eles gritam meu nome.

“Esse foi em sua homenagem, Ayla. Feliz aniversário.”



— Não vi ele no campo essa tarde — Duda fala enquanto caminha ao meu lado.

Hoje ele está calado, não jogou tão bem como de costume e isso o deixa putado. Meu amigo não aceita perder, não aceita terminar um jogo sem fazer ao menos um gol e hoje foi um desses dias. Já eu não dou a mínima, tudo o que eu quero é jogar, mas hoje fiz quatro gols. Todos para ela.

— Ele quem? — pergunto tentando não parecer tão eufórico, faz tempo que não me sinto assim, uma agitação boa invade meu peito e sinto que quase posso sorrir.

Tenho a impressão de que todos são capazes de notar meus sentimentos por Ayla, evito olhar em sua direção quando ela está perto, tento controlar meu coração, fingir que não sinto, algo que sou bom em fazer.

— O olheiro — responde, parecendo irritado porque não estou prestando atenção.

— Duda, não tem nenhum olheiro, cara. Já te disse para parar de ficar criando ideia.

— Claro que tem, é para nós que ele tá olhando, eu sei.

— Seu pai vai tentar te colocar em um time bacana, você vai ter a sua chance. Esquece essa porra de olheiro.

Duda não é rico, mas ser filho único dá a ele vantagens que a grande maioria dos moleques do nosso bairro não tem, uma delas é um bom investimento do seu pai em seu sonho. Seu futuro já está planejado e logo ele vai dar o fora daqui.

— Eu inscrevi a gente para o torneio — ele fala ignorando o que disse enquanto morde o canto da unha.

— Eu havia me esquecido dele. Quando começa? — Sinto a excitação encher minhas veias quando penso no torneio de várzea.

Esse ano não conseguimos participar, perdemos a data de inscrição. É a única chance que moleques fodidos como nós temos para sermos vistos de verdade. Estamos ficando velhos e talvez essa seja a minha última chance.

Sinto uma sensação estranha, como se meu fim estivesse próximo, como se não houvesse nada após isso, porque no fundo eu sei que não há. Jogar bola é tudo o que sei fazer. Fora isso, o que me resta é o grande e assustador nada. Se eu não conseguir... Jesus, não posso nem pensar nessa possibilidade sem que eu sinta minha garganta fechar.

— Em janeiro, eu acho. O Pablo vai nos falar, foi ele quem nos inscreveu.

Meu coração afunda no peito quando ele fala, penso em contar a Duda que, em janeiro, provavelmente não estarei mais jogando bola. Meu padrasto já me disse que, se eu não passar, ano que vem ele vai dar um jeito de me colocar para trabalhar com ele, isso significa que eu não terei mais tempo para nada, principalmente para a bola.

— Legal — me limito a responder.

— Precisamos de umas chuteiras novas. — Aponta para a sua e olho para a minha, não sei se isso pode sequer ser chamado de chuteiras, elas fazem as de Duda parecerem novas, mas é melhor do que jogar descalço.

Sei que Duda não faz por mal, é difícil ver a miséria quando ela não faz parte da sua vida e, graças a Deus, meu amigo não faz ideia do que é viver como eu.

— É, vamos ver o que a gente consegue.

Duda passa o resto do caminho sonhando com o que vai comprar quando for um jogador famoso, algo que adoramos fazer, mas hoje eu apenas o ouço tentando podar meus sonhos, sei que não chegarei tão alto. Se as coisas não começarem a melhorar para mim rápido, não chegarei a lugar algum. Não vou aguentar mais por muito tempo.

Quando chego em casa, ainda é de tarde e me arrependo por não ter ficado para mais um jogo. Fins de semana são os dias que mais detesto porque, na grande maioria deles, Sandro está em casa e onde ele está eu nunca estou.

Antes eu passava meus fins de semana com Ayla, ela sempre arrumava alguma coisa para a gente fazer com os gêmeos. Aos domingos assistia futebol com seu pai e passava as noites ouvindo o barulho das folhas dos

seus livros sendo viradas enquanto ela lia e me contava o que estava acontecendo na história, mas isso é passado e, embora tenha sido apenas um mês desde que não estamos nos falando mais, sinto como se fosse muito mais tempo. Uma vida inteira.

Sinto sua falta. Mesmo que eu a veja todos os dias na escola, mesmo que ela ainda esteja indo ao campinho a pedido de Duda, eu sinto falta de contar minhas coisas para ela, de olhar em sua direção depois de uma jogada incrível, de ouvi-la pegar no meu pé por causa dos estudos, sinto falta de estar perto dela.

— Thales! — Ouço meu nome e me viro. Milton está atravessando a rua, em minha direção. Olho para os dois lados torcendo para que ninguém apareça e vou até ele impedindo-o de se aproximar da minha casa. Não quero ele lá.

— Oi — digo ainda caminhando para mais longe, como se estivesse indo a algum lugar e rezando para que ele não me peça para voltar.

Milton caminha ao meu lado, com as mãos nos bolsos da sua calça, seus passos, maiores que os meus, o obriga a caminhar devagar. Ele é um homem grande, ao seu lado me sinto ainda menor e mais magro, mas não me sinto acuado, ao contrário, Milton me transmite uma sensação de segurança, algo que nunca encontrei na minha casa, nem em nenhum outro lugar.

— Como você está? — Sua voz grave e poderosa não me causa calafrios, sua proximidade não me faz estremecer e, quando ele olha para mim, não me sinto julgado.

— Bem.

— Semana passada nosso time se isolou na liderança.

— Uhum... — Enfio as mãos no bolso do moletom.

— Sentimos sua falta — fala baixinho, sua voz suave e gentil age como um abraço. Meu coração se agita com essa confissão e viro o rosto, encarando-o em silêncio.

Não respondo, não quero falar com ele, não quero admitir que também sinto sua falta, todos os dias da minha vida, só quero ficar sozinho. Mas ele não vai deixar.

— Como tá o futebol? Estou pensando em levar os gêmeos na semana que vem para...

— Olha, não me leva a mal, mas eu preciso ir. — Dou mais um passo ignorando-o, mas Milton me segura pelo ombro. Sua mão firme em minha pele impedindo-me de fugir me causa arrepios e sem que eu possa evitar, me

encolho, como se meu corpo estivesse acostumado a essa reação toda vez que alguém me toca. Talvez ele esteja.

— Ei, filho, calma. — Retira a mão imediatamente e me afasto enrolando meus braços em volta do meu estômago e evitando seus olhos. — Thales... — ele me chama, mas dou mais um passo para trás até que estou apoiado em um muro.

— Eu preciso ir — digo novamente, dessa vez com a voz falha e encaro o chão sentindo o ar escapar dos meus pulmões.

Milton não se aproxima e, embora ele seja um homem grande, eu nunca tive medo dele antes. Não sei por que seu toque me assustou, eu sei que jamais seria capaz de me machucar, mesmo assim meu corpo reagiu e agora estou envergonhado.

— Filho... — ele me chama e sua voz tão familiar me deixa enjoado.

— Eu... — Olho em volta desejando escapar, mas sem saber para onde ir.

— Ayla está preocupada com você — ele fala e o som do seu nome agita algo dentro de mim.

— Eu estou bem.

— Vocês brigaram?

Ergo os ombros sem saber o que falar, quero dizer a ele que sim, que não quero mais falar com sua filha, mas é mentira e Milton me conhece o suficiente para saber.

— Thales, olhe para mim — ele exige e obrigo meus olhos a encarar os seus. Observo o rosto do homem que durante toda a minha vida foi o exemplo de pai que tive: a pele negra, tão parecida com a de sua filha; o cabelo curto, quase raspado; os óculos de aro, que sempre deram a ele uma aparência de professor. — Você sabe que eu nunca te machucaria, não sabe? — pergunta, bem devagar e não consigo responder. Vejo seus olhos analisando o meu rosto, provavelmente capturando um hematoma suave em minha bochecha. — Filho...

Desvio o olhar e encaro o outro lado da rua, meu coração bate com tanta força que meu peito dói, no fundo eu sei a resposta. Sei que ele não faria isso, mas algo me impede de verbalizar, como se eu não fosse capaz de confiar totalmente nele.

— Tem alguma coisa que você queira me contar? — sussurra, como se soubesse que tenho um segredo sujo, feio. Volto a olhar para ele, meu corpo inteiro se arrepia diante da possibilidade de ele descobrir.

Por um instante, enquanto encaro o pai da minha melhor amiga, imagino o que ele faria se eu contasse a verdade. Vejo as palavras se amontoando em minha mente, o grito de socorro entalado em minha garganta, o medo, a insegurança, a falta de fé... Ele não vai acreditar, ele vai pensar que sou um rebelde, que estou fazendo de propósito, que estou mentindo para prejudicar minha família. *E se ele acreditar, o que ele vai fazer? Falar com minha mãe? Dizer que seu marido é um lixo?*

Ela vai brigar comigo, depois vai contar para o seu marido e ele vai ficar furioso e vai vir até mim... Meu estômago se revira novamente e agradeço por não ter nada dentro dele ou eu poderia vomitar aqui mesmo, bem na frente do Milton.

— Filho... — Ele dá um passo para perto, seus olhos estão fixos em mim, o ar de preocupação faz uma fenda se formar entre seus olhos.

Quero vomitar, quero gritar, quero morrer.

Ele não pode me ajudar, ninguém pode.

— Thales, fale comigo, você está passando mal?

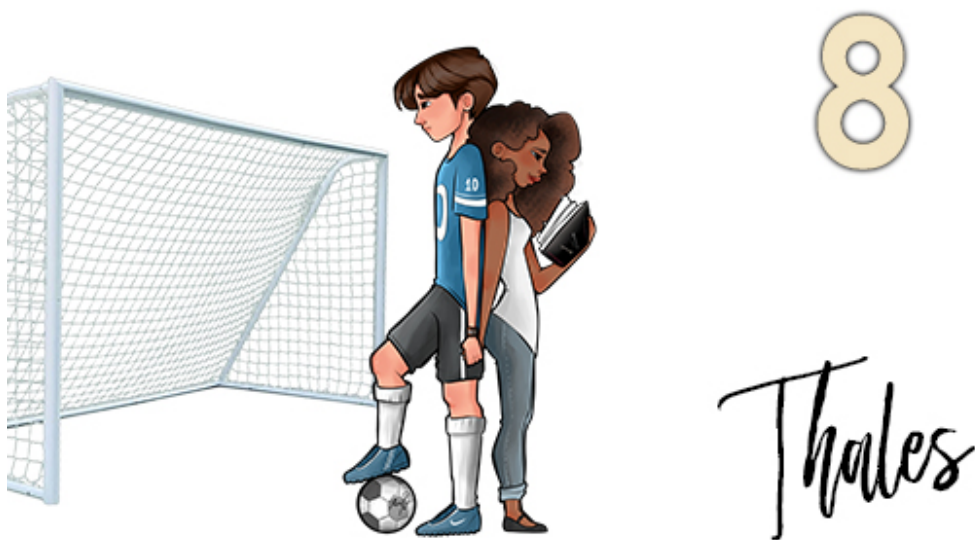
— Me deixa em paz, eu tô bem. — Tento escapar mais uma vez, mas Milton se coloca na minha frente. — Me deixa ir — digo rispidamente e, pela primeira vez em minha vida, sou mal-educado com ele. Isso me deixa ainda pior, Milton não merece, mas não posso ficar aqui. Se continuar eu vou desabar e não posso fazer isso. Simplesmente não posso.

Ele dá um passo para trás, depois outro e outro e então posso respirar, mas não me movo.

— Eu vou deixar você ir — ele continua, como se estivesse falando com um bebê. — Só quero que saiba que não importa o que esteja acontecendo, você não está sozinho, nunca. Eu estou aqui, a qualquer hora, do dia ou da noite. Minha casa sempre está aberta para você. — Ele se inclina um pouco para olhar dentro dos meus olhos, eles ardem de vergonha e tristeza. — Você me entendeu?

Olho para ele por apenas um segundo, quero dizer que sim, mas não acredito em suas palavras. Ele não acreditaria em um moleque, no fundo a palavra da minha mãe será mais forte que a minha. Então não digo nada, apenas afasto seu braço e passo por ele, cambaleando para o fim da rua, sem saber exatamente onde estou indo, apenas me afastando o máximo que posso, me escondendo, para que ninguém possa me ver.

Então eu choro.



Caminho por horas enquanto as palavras de Milton martelam na minha cabeça, sinto um frio em minha espinha quando penso que talvez poderia ter dado certo, se eu tivesse tido coragem, se eu ao menos tivesse conseguido falar, pelo menos uma parte, talvez ele poderia me ajudar.

Mas não consegui, o medo, a vergonha e o orgulho me calaram, me fizeram o covarde que Sandro sempre diz que sou. Então suas palavras invadem minha mente, gritando comigo, me dizendo que sou um merda e que a culpa de tudo é minha. E eu acredito nelas, porque é mais fácil acreditar no que nos diminui.

Não sei quanto tempo fico nessa loucura, mas quando volto para casa já anoiteceu. A casa do outro lado da rua já está cheia de pessoas e as risadas que ecoam até onde estou parecem tapas na minha cara me dizendo que não importa o que eu pense, não sou importante para ninguém, no fundo tudo aquilo foi papo furado, a vida daquelas pessoas é outra e eu sou apenas o moleque problemático que cruzou o caminho deles. Entro sentindo-me exausto, tão cansado que mal tenho fome.

— Ainda bem que você chegou. Onde você estava, moleque? — Minha mãe, que mal fala comigo desde a última briga que tive com Sandro uma semana atrás, pergunta e me surpreendo em ouvir a sua voz. Um misto de raiva e expectativa preenchem meu coração ao ouvi-la.

— Oi, mãe — digo baixinho, carente demais para o meu gosto, e desvio o olhar envergonhado por me sentir assim.

— A Tati está pronta, você não vai tomar banho? — Olha para mim e noto a poeira vermelha impregnada em minha pele.

— Não — respondo enquanto abro a geladeira e pego a garrafa de água porque, de repente, sinto um nó se formar em minha garganta.

— Como não? É a festa da Ayla.

— Eu não vou. — Encho um copo de água e bebo rapidamente. Ainda me sinto apreensivo e incapaz de esquecer o tapa que levei do meu padrasto nessa cozinha, na sua frente.

Um buraco se forma em meu estômago enquanto olho para a minha mãe, perguntas e mais perguntas se embolam em minha garganta, fracas demais para serem formadas e despejadas sobre ela. A maior de todas é: “por que você deixa ele fazer essas coisas comigo?”, mas não tenho coragem de perguntar. O medo da resposta é grande demais.

— Claro que vai, a Ayla é sua melhor amiga — continua.

— Não somos mais amigos — minto, porque, apesar de não estar mais ao seu lado, ainda sou seu amigo, ainda a guardo em meu coração, ainda quero contar a ela tudo o que me acontece. Porque isso é amizade, é colocar aquela pessoa acima das outras, se importar, se preocupar, se afastar quando sabe que não pode mais ser algo bom para ela. É saber deixá-la ir.

Coloco o copo dentro da pia, disposto a encerrar a conversa e me viro em direção a porta, mas minha mãe não desiste e me puxa pelo braço. Estou começando a crescer, ainda sou magro, mas hoje sou mais alto que minha mãe e, quando ela me segura no lugar, eu abaixo os olhos para encarar os dela.

— Me solta, mãe — tento ser gentil, mas a mágoa enche minhas palavras de fúria.

— Não, senhor. Você vai tomar banho e vai levar a sua irmã na festa. Até comprei um presente para a Ayla.

Ouçó os passos de alguém entrando e, por mais que eu não queira admitir, estremeço toda vez que ele se aproxima. É como se, mesmo inconsciente, meu corpo soubesse que ele é capaz de me machucar.

— O que tá acontecendo? — Sandro pergunta entrando na cozinha com Tatiana ao seu lado e fecho meu punho, mesmo sabendo que nunca poderei revidar.

— Nada de mais — minha mãe responde enquanto me solta. Sinto a apreensão em sua voz e o sangue começa a esquentar em minhas veias. — Vai tomar banho logo, Thales, tem roupa limpa na gaveta. Por que você não

põe aquela camiseta que o Duda te deu de presente de aniversário ano passado?

Ignoro o que ela diz e passo por ele sem cumprimentá-lo, não nos falamos e isso já é algo normal. Desde a noite que me bateu na frente dela, nossa relação, que já era ruim, se tornou insuportável; e, para o nosso bem, é melhor que não estejamos próximos. Ao menos não na frente da minha mãe e, principalmente, de Tatiana.

Passo a mão no rabo de cavalo da minha irmã e ela sorri para mim. É o suficiente para que eu me sinta encorajado a enfrentar uma festa que não tinha intenção nenhuma de ir. É por ela afinal que estou aqui ainda, e sempre será por ela.

Tomo o banho mais demorado da minha vida na tentativa de enrolar e fazer a minha mãe me esquecer, mas ela não vai. Tati ama aqueles moleques e sempre que pode ela quer ir à casa da Ayla. Desligo o chuveiro só quando Sandro esmurra a porta me acusando de estar fazendo coisas no banho. Fico envergonhado porque sei que minha mãe está ouvindo e o ódio que sinto por ele aumenta.

Como imaginei, a minha roupa está em cima da cama e, para não perder tempo, visto o que ela escolheu. Não me importo que a tal camiseta já esteja ficando pequena, é a melhor que tenho de qualquer forma.

Quando chego na sala, Tati está se balançando de um lado para o outro, impaciente. Ela está com um vestido novo que minha mãe deve ter comprado especialmente para o dia de hoje, segurando um pacote cor-de-rosa nas mãos e penso que eu jamais embrulharia algo para Ayla em papel cor-de-rosa, talvez eu até escolheria algo da Marvel, mas nunca um papel rosa. Ela odeia rosa.

Meu coração bobo se agita ao pensar que sei algo tão simples sobre ela. Mas a verdade é que sei muito mais: sei que adora quando brinco com seus cachos puxando-os e soltando-os; que nunca usou batom, porque tem nojo; e que sempre compra suas camisetas na sessão masculina, porque elas são mais legais; sei que detesta ser excluída de algo e que ouve música quando está lendo; sei que prefere livros de amor, mesmo que não seja nem um pouco romântica como as outras garotas; e sei que, ao contrário de mim, Ayla não se sente fraca ao chorar na frente dos outros. Talvez seja porque suas lágrimas nunca estão relacionadas com dor ou vergonha.

— Thales! — Tati pula e vem até mim. — Olha o vestido que o papai comprou para mim?

— Que linda que você tá. — Ajoelho-me e passo o indicador no seu nariz. Tatiana faz uma gracinha, que me arranca um sorriso. Amo minha irmã e basta que ela sorria para mim, para que eu me sinta capaz de suportar qualquer coisa por ela. — Vamos? — Estendo minha mão e ela a segura feliz.

— Não tire os olhos dela, está me ouvindo? — minha mãe fala como se estivéssemos indo para o outro lado do mundo e não para o outro lado da rua e confirmo.

— Vê se não faz nenhuma merda por aí, hein — o imbecil do marido da minha mãe fala sem tirar os olhos da tevê. — Acabo com você se algo acontecer com a minha filha. — Sandro se vira para olhar para mim, seus olhos encaram os meus como se precisasse reforçar a mensagem. Tenho vontade de dizer que o pior que poderia acontecer com ela era ser sua filha, mas me limito a olhar para a sua cara de bêbado e não respondo nada.

— Vamos, Tati, os gêmeos devem estar ansiosos pra brincar com você. — Abro a porta e sinto o ar fresco me receber quando saio do inferno que chamo de casa.

Atravesso a rua sem prestar muita atenção no que Tati fala, meu coração ainda bate forte e preciso me conter para não fechar os punhos toda vez que me lembro do pai da minha irmã.

Assim que chego ao portão vejo balões cor-de-rosa espalhados por todo lado e sorrio porque imagino que isso tenha sido ideia de Milton e Ayla deve ter ficado uma fera. A ansiedade que sinto muda, sinto meu estômago revirar, não sei o que estou fazendo aqui, não nos falamos há semanas e sei que fui eu quem a afastou. Sei que foi o melhor, ao menos para ela, não consigo pensar direito quando estou ao seu lado e sinto que estou apenas antecipando algo que aconteceria naturalmente.

— Que bom que vocês vieram. — Milton me recebe na porta sorrindo, como se aquela conversa esquisita nunca tivesse acontecido. Ele faz uma brincadeirinha com Tati, que está tão eufórica que está prestes a se soltar da minha mão. — Vamos, entrem.

Meu coração está acelerado quando entro e encontro Ayla rodeada de pessoas. Ela está bonita com um vestido laranja e um laço nos cabelos soltos. Gosto de vê-la de vestido, é tão incomum que quase se parece com outra pessoa. Assim que me vê, ela para de falar e seu rosto muda. Os olhos se arregalam como se me ver aqui fosse uma surpresa e um sorriso tímido surge em seus lábios.

Tati corre até ela e entrega o pacote, que não faço ideia do que seja. Ayla a abraça e elogia seu vestido deixando-a contente, mas seus olhos voltam rapidamente para mim.

— Oi, Thales. — Sua voz sai baixa e ela parece tão nervosa quanto eu.

— Oi... — pigarreio totalmente sem graça e aponto para o pacote em suas mãos. — Eu não faço ideia do que seja, foi minha mãe quem comprou.

— Obrigada. — Olha para o pacote como se só então se lembrasse dele. — Obrigada por ter vindo.

— De nada.

Ficamos parados um na frente do outro sem dizer nada, Tati corre quando vê os gêmeos e os abraça. Imagino que eles serão melhores amigos quando crescerem assim como eu e Ayla.

— Bonita decoração — brinco apontando para a mesa cheia de coisas de meninas e Ayla revira os olhos fazendo meu peito estremecer.

Ela está tão bonita, seu corpo está tão... diferente, mais parecido com o de uma mulher do que a magricela que era a minha amiga. Sei que ela está crescendo, assim como eu também estou diferente. Isso me deixa ansioso e agitado e preciso me lembrar que ainda somos nós.

Ela começa a abrir o pacote e fico em expectativa para saber o que minha mãe comprou. Ela a adora. Quando sua mãe morreu, a minha cuidou dela por muito tempo, ela dizia que Ayla era a filha que não tinha, isso foi antes de Sandro chegar nas nossas vidas e agora ela tem a Tati e já não reconheço mais nela a mãe que cuidou da minha amiga.

O rosto de Ayla fica vermelho quando vê o que tem no interior na embalagem. Estico meu pescoço para bisbilhotar, mas Ayla puxa a sacola para longe.

— Nem pensar, Thales — diz e, pelo seu embaraço, posso imaginar que não seja algo que meninos comprariam para uma garota.

— Eu não sei o que tem aí. — Ergo as mãos em minha defesa e ela sorri timidamente.

— Eu já volto, vou guardar isso. — Ela se afasta carregando o pacote junto a seu corpo como se temesse que alguém o pegasse e sinto vontade de matar minha mãe por me colocar nessa situação. Seja lá o que for que ela comprou é embaraçoso o suficiente para deixar Ayla sem graça.

Vou até o canto da sala, pego um punhado de salgadinhos e começo a comer. Algumas meninas que conheço da escola vêm conversar comigo, não

me sinto muito confortável na presença de meninas, elas falam demais e, na maioria das vezes, me deixam nervoso e odeio me sentir assim.

Passo o olho pela casa em busca dela, mas não a vejo. Invento uma desculpa de que preciso olhar minha irmãzinha e saio à procura da minha amiga. Preciso falar com ela, pedir desculpas e explicar por que não podemos mais ficar juntos, mas, assim que chego à cozinha, a encontro conversando com Duda e, por algum motivo que não sei dizer, isso me incomoda.

Duda, eu e Ayla nos conhecemos desde muito pequenos, somos amigos desde sempre, já que Ayla nunca gostou de brincar de bonecas com as meninas e nós éramos os únicos meninos que não nos importávamos de ter uma garota conosco. Ele sempre foi o mais falante de nós três e nunca liguei quando ela parecia se entender mais com Duda do que comigo, não até hoje.

Assim como nós, Duda está crescendo. Já vi meninas falando dele, do quanto o acham bonito e sei que ele é. Já vi Ayla olhando para ele quando está sem camisa. Pode ser bobagem, afinal somos amigos, mas não gosto quando Ayla olha para ele. Assim como está fazendo agora.

Duda está bem arrumado, calça jeans e uma camisa polo cheia de frescura. Olho para a camiseta que estou usando e detesto o fato de estar usando algo que ele me deu e de que ela é a única que tenho em bom estado. Tenho vontade de voltar em casa e trocar de roupa, não gosto de me sentir inseguro e começo a ficar com raiva dos sentimentos confusos que fazem meu peito comprimir.

Começo a sair da cozinha pensando que esse é o motivo para eu ter me afastado de Ayla, não gosto de como me sinto na sua presença, ela me deixa ansioso para ser melhor e não posso ser mais do que sou. Decido que, a partir de hoje, vou me manter ainda mais longe.

— Ei, Thales! — Duda me chama, sua voz sempre tão alegre me incomoda e preciso me lembrar de que ele é o meu amigo para não acabar fazendo mais uma merda.

— E aí. — Estico o punho em cumprimento para ele.

Paro ao seu lado e não consigo evitar a comparação, Duda está uns cinco centímetros maior do que eu e, mesmo que seja alguns meses mais novo que nós, ele parece mais velho. Mais bonito. Mais feliz. Inteiro. Limpo. Normal...

Ele diz alguma coisa, vejo seus lábios se movendo. Sinto os olhos de Ayla sobre mim, mas não ouço nada. Há um zumbido em meus ouvidos e

tudo o que vejo é Ayla e Duda juntos, felizes, longe de mim.

Merda!

— Droga, meu pai está me chamando, já volto. — Ayla sai correndo pelo corredor e fico sozinho com meu amigo, observo seu rosto e me irrita quando noto que está olhando para ela.

— A Ayla tá diferente — diz e imagens do meu punho socando a sua boca começam a invadir minha mente.

— Diferente como? — pergunto e começo a sentir minha pulsação aumentar enquanto espero por sua resposta. Preciso dar o fora daqui antes que eu faça uma merda.

— Não sei, ela está... diferente.

Olho para o mesmo lugar que ele, Ayla está abraçando algum parente que chegou, seu vestido se ergue um pouco e o topo da sua coxa aparece. Meu coração acelera e desvio o olhar sentindo meu rosto arder. Olho para Duda e ele está olhando para ela também, há um sorriso em seus lábios e em minha mente meu punho soca repetidas vezes o seu sorriso idiota.

Não respondo seu comentário, ao invés disso começo a encher a minha boca de comida, porque algo esquisito está acontecendo comigo e não faço a menor ideia do que seja.

Eles são meus amigos, tudo o que tenho nessa vida, além da Tati e minha mãe. E seja lá o que for, não quero estragar mais nada. Não posso estragar mais nada.

9

Ayla



Já passa das onze quando a festa finalmente acaba, meu pai está no quintal dos fundos conversando com alguns tios e minha avó está guardando as sobras de bolo na geladeira.

Tatiana adormeceu no sofá junto com os gêmeos e estou ajudando Thales a levá-la até sua casa. Ele desapareceu por quase toda a noite e nem ao menos esteve ao meu lado na hora de cortar o bolo. Tento fingir que isso não me incomodou.

— Essa menina tá ficando pesada — ele resmunga enquanto ajeita a cabeça dela em seu ombro.

— Eles estão crescendo rápido — digo enquanto observo a forma carinhosa com que ele segura a irmã da melhor maneira possível.

— Rápido demais para o meu gosto — Thales diz quase sem fôlego e sorrio.

Sua casa está escura e acendo a lâmpada que Thales colocou ao lado do portão para que ele não tropece com a menina nos braços. Ele é bom em inventar coisas e compensa suas dificuldades escolares com uma excelente habilidade em consertar e criar. Perdi a conta das vezes em que passei tardes inteiras ao seu lado observando-o criar algo incrível a partir de um punhado de lixo. E isso só me dá a certeza de que ele é incrível, só não consegue enxergar isso.

Ele anda com cuidado e caminho ao seu lado sem querer ir embora, ainda não conversamos e sinto tanto a sua falta que tenho medo de que amanhã quando acordarmos ele tenha voltado a ser como antes e me afaste.

Thales muda a sua postura assim que entramos em sua casa, ele sempre tão confiante e seguro, parece um menininho amedrontado olhando para todos os lados e andando na ponta dos pés como se temesse acordar alguém. Odeio saber disso, odeio a forma como vem escondendo as coisas que acontecem aqui e odeio não saber como fazê-lo voltar a confiar em mim.

Thales leva Tatiana até seu quarto, ele a deita na cama devagar, retira o laço do seu cabelo e os sapatos dos pés, depois coloca um ursinho ao seu lado e estica o edredom sobre seu corpo. Quando se afasta, eu posso ver o meu amigo novamente, os cabelos desarrumados e um sorriso tímido no rosto, que faz meu coração dar cambalhotas no peito. Ele está muito bonito essa noite, embora eu sempre ache que está bonito, mesmo sujo de terra e suor, ou talvez seja apenas a saudade que está me matando.

— Minha avó fez essa marmitinha de doces para Tati. — Estendo a sacola para ele. — E esse é o seu bolo, é o de sempre. Só sobrou esse pedaço, você sumiu e as pessoas acabaram comendo.

Ele pega os potes da minha mão e, por um instante enquanto ele olha para eles, tenho a sensação de que está emocionado.

— É porque é o melhor. — Ele balança o pote no ar e força um sorriso triste que não gosto. — Obrigado — sussurra quando passa por mim, sigo-o até a cozinha, e aguardo enquanto ele guarda os potes na geladeira e quando a fecha e volta a olhar para mim parece sem graça.

Deus, desde quando ficamos sem graça na frente um do outro?

— Agradece a sua avó por mim.

— Não precisa, você sabe que ela sempre lembra.

— É, eu sei. — Thales balança a cabeça meio sem graça e se vira de costas para mim. — Quer um copo de água?

— Não, obrigada.

Um ruído vindo do fim do corredor o assusta e ele desvia o olhar para mim, não gosto da expressão em seu rosto. Parece ansioso de um jeito assustador.

— Vamos embora daqui — diz enquanto abre a porta da cozinha e aguarda até que eu passe por ela.

Saímos da sua casa e ele me acompanha até a minha. Embora a festa tenha acabado ainda há pessoas e, diferente da sensação de medo que senti em sua casa, sinto que assim que chegamos à minha, Thales relaxa.

— Podemos ficar um pouquinho aqui? — pergunto no meio do quintal.

Thales coça a nuca e me entristeço, isso nunca foi algo que precisei me importar até agora. Ele sempre foi o último a ir embora nas festas, agora sinto-o como se não visse a hora de se livrar de mim.

— Por favor — complemento e ele respira fundo antes de se sentar no chão.

Sento-me ao seu lado, tão perto que posso sentir o calor da sua pele. Passamos nossa vida inteira assim, juntos, seja no chão de terra do campinho, no sofá da minha sala ou na minha cama. A presença de Thales ao meu lado sempre foi a coisa mais normal, mas pela primeira vez me sinto agitada com a proximidade dele. Tenho medo que ele possa perceber como estou tremendo e se afaste novamente.

— Hoje fiz quatro gols — diz enquanto estica a borracha de uma bexiga furada em suas mãos e olha para a rua vazia e escura à nossa frente.

— Jura? Faz tempo que não te vejo fazer tantos.

Ele balança a cabeça concordando comigo, Thales é um bom meia-esquerda, tem velocidade e uma habilidade fora do comum, geralmente não costuma ser o goleador de um jogo. O que ele gosta mesmo é de montar jogadas e lançar atacantes ao gol. Saber que fez tantos gols me surpreende de um jeito bom e me sinto triste por não ter estado lá, eu queria ter visto a expressão de alegria em seu rosto sempre tão triste.

— Sim — ele se limita a responder e pego um pedaço de bexiga para mexer porque não sei o que fazer. Ele conta um pouco sobre o jogo, palavras aleatórias, pergunto sobre o tal olheiro e ele revira os olhos sem acreditar em nada.

O assunto acaba e ficamos assim, quietos por um tempo. Somos pessoas silenciosas, o silêncio nunca nos incomodou, mas hoje sinto que ele é como um intruso sussurrando em meu ouvido que as coisas não estão legais.

— Ele me bate desde os oito anos — Thales sussurra, como uma confidência que só se faz assim, na calada da noite. A mudança de assunto me pega de surpresa e tento não reagir. — Ele diz que faz isso porque quer que eu me torne um homem decente. — Meu amigo ri sem alegria, encarando a bexiga como se não fosse capaz de olhar em meus olhos enquanto conta algo tão triste. Sinto a raiva e a vergonha em suas palavras e não sei o que fazer além de ouvi-lo. — Como se ele fosse um homem decente, né?

— Meu Deus, Thales... — sussurro, porque não há mais nada que eu possa dizer.

Cresci em um lar quebrado pela falta da minha mãe, mas cheio de amor e carinho. Não me recordo a última vez em que meu pai me deu umas palmadas e o fato de ser menina e não ter uma mãe faz com que ele seja ainda mais cuidadoso e carinhoso comigo. Sinto-me mal por saber que, infelizmente, meu amigo não tem o mesmo e a lembrança do seu rosto machucado no dia em que se afastou de mim faz com que minha garganta se feche.

— Sempre o respeitei, embora eu nunca tenha considerado ele porra nenhuma, mas minha mãe insiste em dizer que ele é o meu pai e, para agradá-la, eu faço o que ela me pede. De uns tempos para cá, eu comecei a questionar sua autoridade. Não concordo com o que ele faz e fala e foi aí que as surras pioraram. Ele procura qualquer motivo para me bater, como um aviso de que quem manda naquela porra daquela casa é ele. — Thales olha em direção ao lugar que deveria ser seu lar e ignoro a quantidade de palavrão que ele está falando.

— Sua mãe sabe? — pergunto e, quando ele balança a cabeça confirmando, meu coração dói por meu amigo.

— O que mais me revolta é saber que ela permite que ele me surre como se eu fosse um bosta. É olhar em seus olhos no dia seguinte e não encontrar nada que justifique o fato de um estranho bater no filho dela e ela achar normal. Isso não é normal.

— Ela acredita que ele está fazendo para o seu bem, Thales. — Tento defendê-la porque sei que isso o magoa, mas no fundo também não consigo compreender por que ela permite que Thales seja machucado dessa forma.

Ele é um bom garoto. Embora tenha problemas na escola, sempre foi um bom filho e não merece o que tem passado.

— O Duda nunca apareceu de olho roxo porque apanhou do pai, apareceu? — Olha para mim e nego com a cabeça. — Seu pai já deu um soco no seu rosto?

— Deus, não, claro que não!

— Não é algo que eu acho que os pais fazem com seus filhos. Bater não é o melhor jeito de educar alguém e tenho certeza de que a última coisa que ele pensa enquanto está me batendo é em fazer de mim um homem.

Thales suspira e abaixa a cabeça entre as pernas erguidas, estico minha mão e acaricio sua nuca sentindo-o enrijecer sob meu toque.

— Ayla não — me repreende movendo o ombro para me afastar, mas continuo passando meus dedos de um lado para o outro até que Thales relaxa. Massageio sua pele quente tentando dar um pouco de conforto para o meu amigo. Meus dedos sobem até seu cabelo sem corte e desarrumados e depois descem até a base da sua coluna. É gostoso senti-lo se arrepiar e repito, subindo e descendo, subindo e descendo. Algo desconhecido se agita dentro de mim, mas não paro. É bom tocá-lo e melhor ainda senti-lo se acalmar com meu toque.

Passamos algum tempo assim, sua respiração se acalma enquanto dou a ele tudo o que posso nesse momento. É minha forma de dizer que estou aqui para ele, que pode confiar em mim e que está tudo bem se sentir triste.

Eu estou triste também.

— Eu tô uma merda, Ayla. Cada dia que passa sinto que estou afundando mais e mais. Não vou conseguir passar de ano e o Sandro vai transformar a minha vida em um inferno — ele diz ainda com o rosto entre as pernas.

— É por isso que você brigou comigo? — pergunto e ele ergue o rosto desfazendo o nosso toque e se virando para ficar de frente para mim.

— Eu fui um idiota e estava com muita raiva. Não queria ter falado daquele jeito com você, eu tentei pedir desculpas, vim aqui várias vezes, mas não consegui e depois fui orgulhoso. O tempo passou e não soube o que fazer. Eu só queria que soubesse que não foi sua culpa.

— Não faz mais isso, você me magoou — digo baixinho sentindo-me envergonhada por admitir meus sentimentos para ele.

— Desculpe, não sei o que estou fazendo — diz tão baixo quanto eu, tão perto, que tenho certeza de que é capaz de ouvir meu coração disparado e sentir minhas mãos tremendo. — Eu fiz os gols para você. — Sorrio sentindo um quentinho no meu coração ao ouvi-lo falar isso. — Cada um deles.

— Obrigada — sussurro sentindo meu coração bater tão rápido, como se eu tivesse acabado de correr. — Senti sua falta — admito e noto quando seus lábios se movem em um breve sorriso.

— Eu também — admite, com o sorriso um pouco maior se espalhando por seus lábios. Gosto do seu sorriso. Ele faz borboletinhas baterem asas em meu estômago.

— Nunca mais me afaste de você. Quando estiver chateado, me fale e eu te darei espaço, mas não me afaste, não me magoe, não finja que eu não

existo porque isso dói.

— As coisas vão ficar ruins — diz como se fosse uma certeza.

Sem pensar no que estou fazendo, me aproximo um pouco mais do meu amigo. Ele se inclina e apoia sua testa na minha, envolvo seu pescoço com meus braços, enroscando meus dedos em seus cabelos e ele descansa suas mãos em meu colo, os dedos brincando com o tecido do meu vestido.

Não sei o que meu pai pensaria se nos visse nesse momento, não quero pensar muito além de que Thales está de volta e que não quero perdê-lo nunca mais.

— Não tem problema — digo sabendo que é verdade, eu não me importo com o quanto ele acha que pode piorar.

— E se eu não der conta de tudo isso?

— Eu estarei aqui.

— E se eu afundar, se me perder?

— Eu te ajudo a se achar.

— E se ele conseguir o que quer?

— Não vamos deixar chegá-lo a esse ponto.

— Se quiser dar o fora, se ficar insuportável para você, eu vou entender. Coloco um dedo em sua boca, obrigando-o a se calar.

— Insuportável para mim é ficar longe de você — admito e Thales respira fundo, como se estivesse se privando de respirar até ter certeza de que estarei ao seu lado.

— Prometo nunca mais fazer isso, nunca mais te afastar de mim. Enquanto for seguro para você, eu estarei aqui. — Thales ergue os olhos e me encara enquanto diz.

— Acho bom cumprir essa promessa.

Aproximo-me novamente e o abraço com força apoiando meu rosto em seu ombro. Fecho meus olhos desejando que ele possa sentir o quanto é importante para mim.

Thales se aproxima, com seu rosto enfiado em meus cabelos, inalando o cheiro do meu xampu como ele sempre faz quando estou lendo. Coloco a mão no bolso do vestido e retiro a pedrinha que esteve comigo durante todo o dia. Algo que passei meses preparando para ele, mas que agora parece tão bobo, mais do que já é de verdade.

— Feliz aniversário — digo em seu ouvido enquanto coloco a pedra em sua mão. Ele a observa por um instante, girando-a de um lado para o outro, como sempre faz, todos os anos, quando lhe dou uma pedra nova.

— Ela é linda... — Thales fecha seus dedos em volta dela, como se fosse algo caro, precioso e não uma pedra esquisita encontrada na beira do riacho.

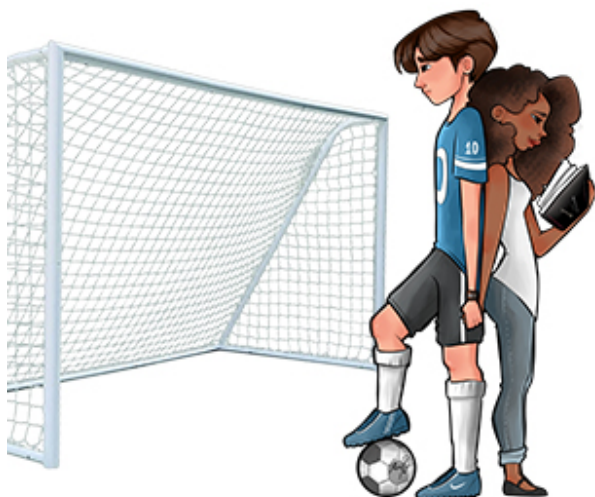
Sempre nos gabamos por fazer aniversário no mesmo dia. Desde os seis anos comemoramos juntos; um lado da mesa azul e o outro rosa, dois bolos; um de coco para mim e um de chocolate para ele.

Todos os anos já sabemos que estaremos juntos. Ele me faz uma promessa, eu lhe dou uma pedra, nosso ritual estranho e especial. Esse ano, por um instante, achei que ele não estaria comigo e chorei. Agora, enquanto estou aqui, dentro do seu abraço, sinto um alívio por perceber que tudo está novamente em seu lugar, exatamente como deve ser.

— Feliz aniversário. — Sua voz é quase um sussurro abafado em meus cabelos antes de deixar um beijo neles e, então, eu percebo que estou enganada.

Não tem como ser igual. Algo mudou desde o nosso último aniversário, algo que não notei até esse momento, mas que me faz perceber que o que sinto por esse menino não é mais a mesma coisa de antes. É algo novo, estranho, assustador e forte, tão forte que me faz querer abraçá-lo para sempre.

Então eu o aperto bem junto de mim.



10

Thales

— O que você está fazendo? — pergunto assim que entro em casa e encontro Sandro sentado com o pote onde está o meu bolo nas mãos.

Ele coloca um pedaço enorme na boca enquanto olha para mim. Meu sangue ferve e sinto meu peito doer com a força que meu coração bate.

Filho da puta!

— Aquela velha até que cozinha bem, hein? — Ele balança a colher no ar enquanto fala de boca cheia.

— Isso é meu.

— Não, isso é nosso, tudo o que tem aqui dentro da minha casa é meu.

— Passa a língua na boca, limpando o chocolate e minha mente gira com todas as palavras que quero gritar para ele.

— Por que você faz isso?

— Do que você está falando? Precisa ser mais específico, Thales.

O desgraçado abre o pote de doces e pega dois brigadeiros, enfiando-os na sua boca imunda.

— É da sua filha, seu maldito! — esbravejo, e sem que eu me dê conta, estou em cima dele, com meu rosto a centímetros do seu, minhas mãos em punho, sedentas de vontade de realizar o que mais quero: quebrar a sua cara maldita.

— Vai, Thales, faz... — Ele olha dentro dos meus olhos e me sinto diminuir, enfraquecer, me acovardar. — Vamos lá, garoto, eu estou louco para ver você perder o controle, vem — me provoca e sinto o estômago embrulhar de nojo, vergonha, ódio.

Tanto ódio que mal ouço minha mãe chegar, não noto quando ela toca meu braço, nem quando a afasto em um gesto brusco.

— O que está acontecendo? — grita me empurrando para longe do seu marido.

— O bebê chorão aí está bravinho porque peguei um pedaço de bolo.

— Era o meu bolo! — grito porque não é só isso. É a representatividade que esse bolo tem para mim, é o fato de que não importa o que aconteça, todos os anos eles se lembram de mim, me fazem sentir especial enquanto aqui...

— Amanhã você pega mais lá na Ayla — minha mãe fala como se não fosse nada, porque para ela nunca é.

— Mas que porra! — grito, sufocando com a raiva que me inunda.

— Olha a boca, moleque. — Sandro dá um passo, mas minha mãe se coloca na frente dele impedindo-o de me alcançar.

— Não, Sandro, hoje não — ela diz e sinto uma dor triste em meu peito por saber que isso é tudo o que ela tem para mim no dia de hoje.

— Vou me deitar. — Saio da cozinha sem olhar para trás, não me importo mais com o bolo ou com qualquer outra coisa.

Coloco a mão no bolso e envolvo meus dedos na superfície áspera da pedra que Ayla me deu, imagino que sejam seus dedos me confortando enquanto caminho em direção ao meu quarto.

Não me troco, apenas me jogo na cama e encaro o teto ansioso e agitado demais para sequer fechar meus olhos, tento contar as batidas do meu coração, mas me atrapalho e desisto. Tento respirar, mas também é difícil, então permaneço quieto, encarando o escuro, ouvindo os passos que se aproximam da minha porta e fazer meu corpo tremer.

A porta se abre devagar, mas não me movo.

Ouçó sua respiração, lenta e profunda, como se estivesse criando coragem para falar seja lá o que for. Mas ela não diz nada, apenas fica lá, me observando, como se esperasse que eu me transforme em um monstro a qualquer momento, ou desapareça para sempre. Mal sabe ela o quanto desejo que isso aconteça de verdade, que um dia ela abra essa porta e não me encontre mais.

O tempo passa e meu corpo dói de tanto que treme. Seu silêncio é agonizante, prefiro mil vezes as surras de Sandro do que o seu silêncio, porque com o ódio eu sei lidar, mas a indiferença me tortura.

Algum tempo depois, ela respira fundo mais uma vez e, então, fala as duas palavras que aguardei o dia inteiro para ouvir:

— Feliz aniversário.

Ela despeja de uma vez só e sai fechando a porta e me deixando sozinho com uma dor quase insuportável no peito.

Viro para o lado e olho o rádio relógio que Milton me deu quando fiz dez anos.

São uma e vinte e cinco da manhã.

Não é mais o meu aniversário.



Um grupo de moleques está sentado na arquibancada, os olhos fixos no homem segurando uma prancheta lá embaixo, há uma agitação fora do normal que silencia a todos até que seja quase insuportável.

Duda está ao meu lado e juntos fazemos parte desse grupo, o homem, que se parece muito com Sandro, está tentando explicar como será o processo de seleção para o campeonato e dou graças a Deus que Duda esteja aqui comigo porque estou nervoso pra cacete e já me perdi no que ele está falando há algum tempo. Não dormi porra nenhuma na noite passada e uma dor insuportável parece prestes a partir minha cabeça no meio. Ainda estou usando a mesma calça da noite passada e a pedrinha que Ayla me deu ainda está aqui comigo, espalmo minha mão no bolso para poder senti-la e lamento por minha amiga não estar aqui.

Hoje eu precisava tanto da sua companhia.

— Eu achei que era mais simples — falo baixinho para que só meu amigo possa me ouvir.

Ele balança as pernas exageradamente enquanto come os cantos do dedo, e estou ficando pior só de olhar para ele.

— Relaxa, Thales, estamos dentro — fala com uma certeza que não condiz com a sua postura e quase me contagia.

Duda tem uma confiança fora do normal, na cabeça dele seremos os novos contratados do ano e não há nada que o faça pensar o contrário.

— Como você sabe? — sussurro sem tirar os olhos do homem.

— Olhe em volta, somos os melhores dessa peneira. Não tem como ficarmos de fora.

Olho para alguns dos meninos. A grande maioria assim como eu, estão nervosos demais para um campeonato de bairro, embora existam alguns que, assim como Duda, intimidam apenas com seu olhar, mas isso não importa. Eu sei que, quando estou dentro do campo, não há nada que me assuste, o problema é só chegar até lá.

Mordo o lábio inferior e rezo para que Duda tenha razão, em algumas semanas começará o treinamento e em janeiro, se tudo der certo, participaremos do nosso primeiro campeonato de verdade, o primeiro de muitos se a convicção do meu amigo estiver certa. E se Ayla conseguir fazer um milagre.



Está escuro quando Gilberto Medeiros, pai do Duda, para o carro na frente da minha casa, estou exausto e o hambúrguer que ele pagou para nós na saída não desceu muito bem, sinto que posso vomitar a qualquer instante.

— Falooooou, meu irmão. — Duda bagunça meus cabelos e sorrio com sua euforia.

— Falou, Duda — digo timidamente. — Valeu aê, tio. — Ergo o polegar para ele.

— Parabéns, garoto, vocês mereceram!

Espero até que o carro vire a esquina, meus olhos desviam para o portão do outro lado da rua e, quando dou por mim, estou caminhando até lá. Não preciso tocar a campainha, Ayla sai no instante em que eu paro na frente da sua casa.

— E aí? — pergunta ansiosa, com os olhos arregalados como se ela não suportasse mais esperar.

— Estamos dentro — mal termino de falar e ela pula no meu pescoço. Preciso dar um passo para trás para não cair, e envolvo meus braços em sua cintura apertando seu corpo junto do meu. É uma sensação maravilhosa, me sinto bem como nunca me senti na vida. Desde a noite do nosso aniversário que anseio por abraçá-la novamente, mas até então não havia tido um motivo.

Hoje tenho um, um de verdade, um do qual me orgulho e quero aproveitar cada segundo desse momento.

Fecho meus olhos e absorvo o cheiro dos seus cabelos, o calor do seu abraço, a leveza do seu corpo sobre o meu. Abraçar Ayla se torna nesse momento minha coisa favorita da vida.

Ela se afasta e sorri segurando minhas mãos, só então percebo que estou sujo, suado e fedendo. Mesmo assim, ela não pensou duas vezes antes de se jogar em meus braços. É por isso que Ayla é tão especial, qualquer outra garota teria ficado com nojo de mim, mas ela não. Ela nunca.

— Estou tão feliz por vocês — fala e meu sorriso é tão grande que estou começando a ficar com câimbras na cara.

— É só um campeonato de várzea, Ayla, nada de mais. — Preciso lembrá-la porque ela está falando como se fôssemos jogar no São Paulo ou no Corinthians.

— É uma peneira, Thales — diz empolgada. — Você sabe que esses campeonatos estão cheios de olheiros, vocês vão ser vistos e contratados por um grande time.

Meu coração acelera com suas palavras, mas não quero me contagiar com sua empolgação. Não mais do que já estou.

— Não é bem assim, e tem muita gente boa lá.

— Mas só existe um Thales Reis. — Não deixo de notar que ela não cita o Duda e isso me deixa feliz.

Ultimamente estou me sentindo mais possessivo com relação a ela e o Duda; e, por mais que eu não queira, me sinto incomodado quando estão conversando e não estou participando ou quando ela sorri de algo que ele contou porque eu não sou tão engraçado quanto ele e comigo ela quase não ri.

Ayla me olha de um jeito que faz com que eu acredite em suas palavras, isso é ruim, mas nesse momento, enquanto seguro suas mãos, eu me permito acreditar nela, afinal de contas, com certeza, só existe um Thales Reis.



Já passa das onze da noite quando chego em casa, Milton me pediu para jantar com eles e depois para assistir ao jogo na tevê. Gosto de assistir jogos com ele, não torcemos pelo mesmo time, mas ele respeita a minha opinião como se eu fosse um adulto e isso é muito mais do que eu já tive em toda a minha vida.

Tento abrir a porta da cozinha, mas ela está emperrada, não compreendo e forço um pouco mais tentando abri-la, o barulho faz com que o cachorro do vizinho lata e tenho medo de acordar meu padrasto, se é que ele está em casa. Vou até a porta da sala e ela também está trancada, tento abrir a janela com a haste de ferro que escondo atrás de uma árvore no quintal, mas ela também está fechada e isso basta para que eu saiba que ele não me quer em casa. Estou trancado do lado de fora.

Ando de um lado para o outro pensando em algo. Não estou interessado em confrontá-lo, mas não posso dormir do lado de fora. Amanhã cedo tenho aula e se eu quiser ter uma chance, não posso faltar. Estou tão cansado que mal consigo me manter em pé. Respiro fundo algumas vezes e crio coragem para bater na porta, a princípio minhas mãos não conseguem sequer fazer barulho na madeira, mas na segunda tentativa eu me forço a esmurrá-la até que alguém se levante.

Colo meus ouvidos na porta e aguardo, depois de algum tempo ouço o som dos chinelos de Sandro se arrastando pelo chão.

— Abram a porta, eu preciso entrar! — grito, mas sou ignorado. — Mãe! Sou eu, abre a porta — grito na tentativa de acordá-la. mas nada acontece.

Sandro caminha até a porta, posso ouvir seus passos se aproximando.

— Abre a porta... por favor — peço me sentindo humilhado quando ouço o som do seu riso. Movo a maçaneta na esperança de que ele tenha ao menos um ato de bondade em sua vida. mas nada acontece.

O cachorro do vizinho volta a latir, uma luz acende do outro lado da rua. Meu coração bate forte, estou tremendo, mas não tem nada a ver com frio e sim com a vergonha que sinto por saber que estou do lado de fora na minha própria casa e minha mãe não deu a mínima para isso. Me sinto pequeno, desprezível, descartável.

Ergo a mão novamente, mas dessa vez ela para no meio do caminho. Não adianta bater, essa porta fechada nada mais é do que um aviso silencioso de que sou um intruso. Eles não me querem aqui.

11

Ayla



Eles conseguiram!

Depois de passar as últimas semanas ouvindo Thales e Duda falar sobre esse campeonato como se fosse a coisa mais importante do mundo, eles finalmente conseguiram e estou tão feliz que não consigo dormir.

Ver o sorriso nos lábios do Thales foi contagiante, ele mal conseguia comer. De vez em quando, sem que ele notasse, eu o observava sorrindo para o prato de comida, seu rosto era pura alegria, como se não pudesse acreditar que fosse capaz.

Mas eu sabia, sempre soube.

Quando meu pai o chamou para ver o jogo rezei em silêncio para que ele dissesse sim. E como se ouvisse meus pensamentos, ele ficou, ninguém se importou com suas roupas sujas, nem com as olheiras cansadas sob os olhos. Apenas queríamos mostrar a ele que nos importamos, que estamos felizes por ele; e, pela forma como retardou a ida para casa, acho que pôde sentir um pouco do orgulho que temos dele.

Agora estou aqui, virando de um lado para o outro na cama, os lençóis amarrotados e a imagem do meu amigo sorrindo ao me segurar em seus braços, em minha cabeça.

Cada dia que passa os meus sentimentos por Thales mudam um pouco mais, meu coração parece não suportar tanta euforia toda vez que o vejo. Não importa se passamos o dia juntos, assim que ele aparece, dispara no peito como se fosse a primeira vez.

Pego o livro na minha cabeceira e folheio tentando ler um pouco, quem sabe assim eu possa dormir, mas não consigo me concentrar em nada e acabo lendo o mesmo parágrafo várias vezes. A mocinha está finalmente se acertando com o mocinho depois de passarem o livro inteiro trocando cartas e se desencontrando, mas nem mesmo o momento da revelação deles consegue me prender².

Fecho o livro e o apoio na minha barriga, desistindo da leitura e sorrindo mais uma vez ao pensar em Thales, não me lembro de achar as sardas em seu rosto tão bonitas, nem mesmo sua boca, que sempre achei grande demais, mas que agora parece do tamanho certo para o seu rosto. Principalmente quando sorri para mim.

Ouçõ um barulho familiar na minha janela e, por um instante, acho que é apenas meu cérebro me pregando uma peça. Faz muito tempo desde a última vez e, quando o barulho se repete, pulo da cama e vou na ponta dos pés até ela abrindo-a devagar para não chamar a atenção do meu pai. Thales está parado do outro lado, ainda usando as mesmas roupas de quando saiu de casa, os olhos cansados desviam dos meus e se fixam no chão.

— O que houve? — sussurro.

— Eu posso entrar? — pergunta ainda sem olhar em meus olhos.

— A essa hora? O que houve, Thales? — pergunto novamente e ele olha em direção a sua casa.

— Eu esqueci minhas chaves — responde e meu peito se comprime porque sei que está mentindo e ele sabe que estou cansada de saber que nunca teve uma chave. Seus pais sempre tiveram a estranha mania de deixar todas as portas destrancadas; e se ele está aqui agora, significa uma única coisa: eles não o deixaram entrar.

— Vá pela frente, vou abrir a porta para você.

Thales faz o que peço, fecho a janela e aguardo um instante antes de sair do meu quarto e bater na porta do quarto do meu pai.

— O que houve, filha? — pergunta sonolento.

— É o Thales, acho que os pais dele o trancaram pra fora — respondo baixinho mesmo sabendo que ninguém pode nos ouvir. Os gêmeos estão dormindo e Thales ainda está no portão aguardando que alguém o deixe entrar.

— Santo Pai do Céu, eu não acredito! — Meu pai coça a cabeça e olha para a porta da frente, como se pudesse enxergar através dela.

— O senhor vai deixá-lo ficar aqui? — pergunto receosa e ele olha para mim como se eu tivesse acabado de falar algo absurdo.

— Mas é claro, Ayla, não vou deixar o menino na rua! — Caminha até a porta enquanto resmunga sobre a espécie de mãe que Thales tem e o quanto o padrasto dele é desprezível e me sinto cheia de orgulho do meu pai, porque sei que jamais faria isso com ninguém.

Assim que ele abre a porta avisto Thales sentado na calçada, as costas apoiadas no nosso portão. Ele parece tão pequeno escondido pela escuridão da noite, encolhido em um canto, aguardando pela piedade de um estranho enquanto seus pais dormem em sua cama.

Eu odeio seus pais.

— Ei, menino, vamos entrar — meu pai diz e Thales se levanta em um pulo olhando para o meu pai e, em seguida, para mim.

— O senhor tem certeza? Não quero dar trabalho. — Parece tão envergonhado que mal consigo ouvir a sua voz.

— Não diga bobagens. Venha, é perigoso ficar na rua a essa hora. — Meu pai olha de um lado para o outro e depois fixa os olhos na casa do outro lado da rua, todas as luzes estão apagadas e posso ver a raiva no olhar dele.

— Obrigado, senhor.

Thales entra de cabeça baixa, os ombros caídos, no mais completo silêncio. Meu pai o acompanha até o banheiro sem falar nada, porque sabe que qualquer coisa que disser vai machucá-lo ainda mais.

— Vou pegar umas roupas minhas para você. Não é o ideal, mas serve por enquanto.

Sento-me no canto do sofá e aguardo até que ouço o chuveiro desligar, penso nos motivos que tenham levado seus pais a fazer algo tão horrível. Lembranças do dia em que me contou que é agredido desde os oito anos fazem meu estômago doer. Sinto vontade de chorar por saber que saiu daqui tão feliz e agora a tristeza e a vergonha estampam o seu rosto.

Hoje era para ser um dia especial, mas parece que Thales não tem o direito de ser feliz, ao menos não na sua casa.

Pouco depois, ele aparece de cabelos molhados, usando uma calça de ginástica e uma camiseta velha do meu pai.

— Adorei o visual. — Aponto para suas roupas tentando brincar. Ele baixa o olhar para a camiseta que de tão velha já perdeu a cor original.

— Eu gosto. — Ele ergue os ombros sem ligar para o que está vestindo e se senta ao meu lado. — São confortáveis e limpas.

Ele olha para mim por baixo dos cabelos, eles têm o cheiro do meu sabonete e a ideia de Thales tomando banho com ele faz com que eu tenha dificuldade de respirar. É esquisito pensar essas coisas sobre ele porque não é como se fosse alguém novo, meu amigo sempre esteve aqui ao meu lado, já perdi as contas de quantas vezes estivemos assim sentados um ao lado do outro, conversando bobagens, reclamando da escola ou de não ter nada para fazer, como irmãos... Não, irmãos não. Como... amigos.

Isso, ele é meu amigo, como sempre foi. O meu melhor amigo, assim como Duda. Não sei o que está acontecendo, mas preciso parar de ficar pensando coisas sobre ele porque tenho medo de que ele descubra e se afaste de mim.

Thales já tem problemas demais, não quero ser mais um.

— Meu pai foi buscar um travesseiro e lençóis para você — falo quando ele começa a olhar para mim por tempo suficiente para que eu me sinta hipnotizada por seus olhos castanhos e minha voz sai tão esquisita que ele franze o cenho.

— Não precisava.

— Claro que precisa, você não pode dormir de qualquer jeito.

— Se não fosse vocês, eu dormiria na rua. — Sua voz sai tão triste, que tenho vontade de chorar.

Como um anjo enviado do céu, meu pai aparece no mesmo instante segurando um travesseiro com foguetes e planetas na mão e um jogo de lençol.

— Acho que você vai ficar bem aqui. — Meu pai entrega tudo para ele, que agradece nitidamente envergonhado. — Esse sofá não é tão ruim quanto parece.

— Não precisava se preocupar, eu fico bem em qualquer lugar.

Meu pai olha para Thales e coça a cabeça de um jeito que conheço bem.

— Ayla, ajuda ele a arrumar o sofá? Os meninos acordaram e estão me chamando. Acho que tiveram pesadelos, eu já disse que não quero eles assistindo esses desenhos esquisitos.

— Pode deixar, pai. — Levanto-me pegando o lençol das mãos de Thales.

— Se cuidem e vão dormir, os dois têm aula amanhã cedo. — Ele aponta o dedo para nós.

— Pode deixar — Thales diz enquanto meu pai sai da sala resmungando sobre não ter mais idade para dormir em caminhas de criança

e, quando ele bate a porta, voltamos a ser apenas eu e meu melhor amigo.

Arrumamos o sofá esticando um lençol sobre ele e afofo o travesseiro para que fique mais confortável possível.

— Prontinho, acho que está até melhor que a minha cama. — Sorrio enquanto Thales olha para mim com as mãos enterradas nos bolsos da calça.

— Ayla... — ele me chama e sinto como se todo o ar da minha sala tivesse desaparecido.

— Oi.

Ele espera até que ergo meu rosto e encaro o seu.

— Obrigado — sussurra e minhas bochechas esquentam.

— Não tem que agradecer, quero que você se sinta em casa.

Ele balança a cabeça e me levanto dando alguns passos para trás.

— Eu... eu vou dormir, se precisar de alguma coisa... — Aponto para a porta do quarto dos gêmeos e ele balança a cabeça de um jeito triste e grato.

— Pode deixar.

Viro as costas para ele e começo a caminhar para o meu quarto quando ele me chama mais uma vez fazendo meu coração disparar.

— Oi — digo encarando o garoto desarrumado no meio da minha sala, desejando poder guardar essa lembrança para sempre em meu coração.

— Eu sempre me sinto em casa quando estou com você. — Meu cérebro precisa de um pouco mais de meio minuto para assimilar cada uma das suas palavras e tentar não compreender da forma errada, mas é em vão. Venho fazendo um bom trabalho nos últimos meses e agora eu sei, nesse exato instante eu tenho certeza de que estou perdida.

Eu me apaixonei pelo meu melhor amigo.

12

Ayla



Quando acordo no dia seguinte, ele não está mais em casa, no lugar onde dormiu ficaram apenas os lençóis dobrados e o travesseiro e me sinto mal por não ter passado mais tempo com ele na noite passada. Acontece que está cada dia mais difícil conseguir entender o que está acontecendo comigo.

— O senhor viu o Thales, pai? — pergunto ao me sentar à mesa e começar a passar manteiga no pão.

— Ele foi para casa — responde sem se virar para olhar para mim e agradeço por ele sempre estar correndo na hora do café e não ter tempo para notar que estou arrasada por ele ter ido embora sem falar comigo.

Mas por que estou tão triste? Daqui a pouco mais de uma hora estaremos juntos na escola como sempre foi.

— O senhor falou com a mãe dele?

— Não.

— Por que, pai?

— Ele me pediu. — Meu pai se concentra na tarefa de colocar o café na jarra.

É claro que Thales pediu para o meu pai não se meter. É a típica coisa que ele faz, puxa todos os problemas para si e não permite que façam nada por ele, como se não merecesse.

Reviro o pão desmanchando-o por inteiro enquanto tento em vão engolir ao menos o café, mas é óbvio que é uma tarefa inútil. Será que Thales comeu?



Chego à escola um pouco em cima da hora e agradeço porque assim não preciso ficar igual uma louca lá fora esperando por ele. Entro na sala e permaneço imóvel observando a porta à sua espera, mas ele não vem, nem no dia seguinte e nem no outro... nem no outro.



— Ontem, eu fui o artilheiro da partida. — Duda está debruçado na minha mesa. Seus longos braços estão cruzados sobre ela e ele está tão perto, que preciso me afastar um pouco.

— Isso não é mais novidade, você é o melhor atacante daquele time — digo e ele abre um dos seus sorrisos arrogantes e bonitos.

Uma garota, que acaba de entrar na sala, olha para Duda sentado no seu lugar. Ela se aproxima e passa suas unhas longas na nuca dele, posso ver os pelos do seu braço se arrepiarem e me sinto constrangida quando ele olha para a garota de um jeito um pouco grosseiro.

— Oi — ele a cumprimenta. Seus braços ainda estão arrepiados e desvio o olhar.

— Você está no meu lugar — ela resmunga tentando esconder um sorriso.

— Senta aqui. — Ele bate em sua coxa e a menina fica vermelha.

— Carlos Eduardo. — Duda revira os olhos quando ouve o professor chamá-lo pelo seu nome cortando o que seja lá que ele estava fazendo com a menina.

— Oi — ele resmunga ainda com o cotovelo apoiado em minha mesa enquanto se vira para olhar para o professor.

— Você sabe me dizer o que está acontecendo com o Thales? — O professor olha para sua lista de chamada e imagino que deve estar vendo que ele não veio à escola tempo suficiente esse ano. Por incrível que pareça,

Thales parece estar conseguindo se tornar invisível, pois quase ninguém nota a sua ausência.

Duda olha para mim e depois para o professor como se dissesse “pergunta pra ela” e me irrita com meu amigo.

— Não sei, professor, ele também não apareceu no futebol essa semana.

— Vou pedir para a coordenadora ligar para a casa dele.

Sinto uma vontade imensa de pedir para que eles chamem a polícia. Se Thales não veio, provavelmente alguma coisa aconteceu e só de pensar nele machucado mais uma vez sinto vontade de gritar com eles. Por outro lado, o que me mantém quieta, além da esperança de que eu esteja exagerando, é o medo de tirarem Thales de casa, levá-lo para longe e então...

— Ayla? — o professor fala mais alto chamando minha atenção.

— Desculpa, o que o senhor disse?

— Você pode responder o exercício 67 na lousa, por favor?

Levanto-me e vou até a frente da sala sentindo um frio na barriga, que nada tem a ver com o exercício, mas sim com o menino que não vejo desde a noite em que me disse que eu sou a sua casa.



Meu pai não me deixa ir à casa dele, então passo as tardes olhando na janela na esperança de que ele apareça, nem que seja apenas para dizer oi. Mas ele não vem.

Todas as noites deixo minha janela aberta. Quem sabe sozinho, sem que ninguém o veja, ele se sinta confortável de vir até mim, porém, mais uma vez, ele não aparece e um buraco negro se forma bem no meio do meu peito.

E se algo grave aconteceu com ele?

Não que eu seja uma garota dramática ou algo assim, mas vejo tanta coisa ruim na televisão que não consigo me impedir de pensar em algumas delas.

Meu pai me pede tempo, minha avó diz que os adultos estão cuidando de tudo, Duda parece alheio ao mundo e eu nunca me senti tão sozinha em toda a minha vida.



Uma semana depois, Thales entra na sala de aula como se nada tivesse acontecido, ele parece bem ao passar por mim segurando as alças da sua mochila. Ele se senta ao lado de Duda, como sempre fez. Quando me vê olhando para ele, pisca e me dá um meio sorriso, que faz meu estômago se revirar, como sempre fez.

Ele ri das piadas ruins, finge que copia a lição da lousa, tenta parecer normal, mas algo está diferente nele, algo que não consigo compreender nesse momento enquanto estou radiante de alegria por vê-lo novamente e saber que ele está bem. Mas eu sei que, no instante em que estivermos sozinhos, ele vai me contar. Ele sempre me conta tudo e estou ansiosa para ouvir o que aconteceu esses dias em que esteve ausente.

A aula demora uma eternidade para acabar, assim que todos se levantam para ir embora espero por ele demorando mais que o normal para guardar meu material. Vejo Thales se aproximar e meu coração acelera, espero que ele pare, que me ajude a segurar a mochila, que pergunte se estou bem, que diga que sentiu minha falta, ou que apenas me dê seu sorriso largo e bonito. Ele passa por mim e, para a minha surpresa, não para.

— Tchau, Ayla — Duda se despede ao passar por minha mesa e respondo a ele. Thales apenas vira o rosto e olha em meus olhos tão rápido, que não tenho tempo sequer de dizer tchau antes de vê-lo sair da sala.

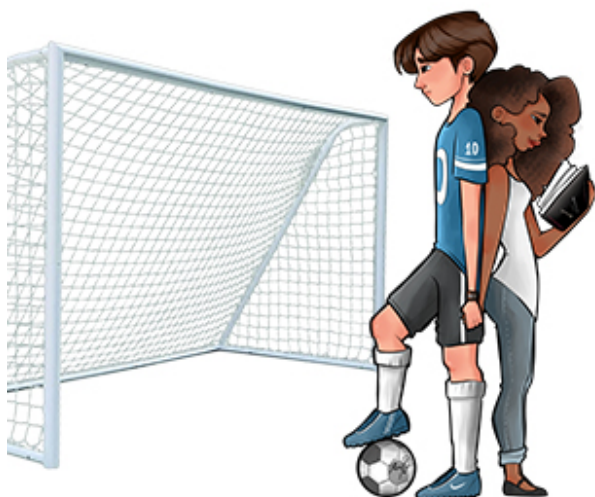
Sinto o chão afundar sobre meus pés e sem saber o que fazer, tento me acalmar enquanto fecho a mochila e a coloco nas costas saindo em direção ao portão. Avisto os cabelos loiros de Duda acima da grande maioria dos meninos e preciso me esforçar um pouco para localizar Thales, como sempre, ele está ao lado de Duda e parecem conversar normalmente enquanto vão embora me abandonando.

Aperto o passo e sigo meus amigos mantendo uma distância entre mim e eles, aperto minhas mãos em volta das alças da mochila enquanto caminho. Eles mudam a rota e sigo atrás deles sem compreender onde estão indo e por que não me esperaram. Após virar a segunda rua à esquerda, Thales finalmente olha para trás e sorri um sorriso perverso, que faz o sangue em

minhas veias gelarem e minhas pernas pararem de caminhar por vontade própria.

O que estou fazendo? Seguindo um garoto que me descartou da sua vida depois de me prometer que nunca mais faria isso? Me dou conta de como estou parecendo patética e, então, apenas o observo se afastar de mim, lentamente enquanto ri de algo engraçado que Duda falou.

Mesmo de onde estou, sinto que ele está diferente. Algo mudou em Thales, algo que sugou toda a cor de seus olhos e o afastou de mim. Só não sei o que foi e, nesse momento, tenho medo de descobrir o que é.



13

Thales

Quando algo se quebra dentro de alguém, há um evento externo que faz com que as pessoas que as conheçam bem percebam. Algo muito sutil, discreto, que apenas as pessoas que se dispõem a chegar muito perto são capazes de ver.

Ayla viu.

Mesmo que eu tenha me escondido, mesmo que eu tenha tentado mantê-la longe, porque é tudo o que tenho feito. Nos últimos dias tenho usado toda a minha energia para me manter longe dela, não quero que se aproxime, que me toque e muito menos que olhe para mim. Não quero que me faça falar, porque tenho medo de que, se eu começar a falar, eu não vá mais parar e ela não vai suportar toda a sujeira que vai sair da minha boca.

Por isso que evito olhar para ela, é a forma mais segura que encontrei de mantê-la longe de tudo o que minha vida vem se tornando nos últimos tempos. Uma droga de uma imensa sujeira.

Uma imundície sem fim.

Chego na rua onde moramos, meus olhos passam rapidamente pela casa dela. Sei que Ayla já chegou, eu a vi passar por mim meia hora atrás e meu peito doeu ao vê-la caminhar de cabeça baixa, tão sozinha. As meninas não gostam muito dela, algumas fazem comentários maldosos por ela gostar de ficar com meninos ao invés de meninas e por causa das roupas que ela gosta de usar, tão diferente dessas curtas e decotadas que as garotas usam.

Mas e daí? É isso que a faz ser especial, Ayla é única, com seus cachos longos, suas camisetas grandes e suas calças masculinas. Ela é linda e gosto

dela assim.

Obrigo meus pés a caminharem e abaixo minha cabeça concentrando-me no chão para não olhar na direção da sua casa. Não quero vê-la, principalmente na sua casa, o único lugar no mundo onde me sinto em paz.

Atravesso a rua e meu estômago começa a ficar doente apenas por saber que mais alguns passos e estarei na minha casa, a minha versão particular de inferno. Minha sujeira pessoal.

Assim que coloco os pés no quintal sinto meus joelhos fraquejarem, a mochila pesar em minhas costas, a respiração falhar e meus olhos arderem com a necessidade de chorar, mas resisto. Não importa o quanto tudo esteja ruim, não importa o quanto aquele maldito possa tirar de mim, eu nunca vou dar a ele o que mais deseja. Mesmo que isso torne meus dias um verdadeiro inferno, ele nunca terá o prazer de me ver chorar.

Empurro a porta da cozinha e passo por ela em silêncio, o cheiro de comida queimada faz meu estômago embrulhar e a fome passar. Odeio frango e, nos últimos dias, é tudo o que temos para comer. Sandro faz de propósito, eu sei. E, sinceramente, não ligo a mínima para suas provocações baixas. Ele me odeia, sou seu brinquedinho particular e já não me importo mais, porém ela é algo que não entendo. Por mais que eu tente compreender, não sei o motivo para que a minha mãe faça isso comigo.

Ela sabe, de todas as pessoas do mundo é ela quem sabe o que o seu filho gosta ou não de comer. Ela me alimenta há quinze anos e a única coisa que eu não gosto de comer é o maldito frango. Mesmo assim é tudo o que faz.

Passo correndo para o meu quarto, o enjoo vem se tornando cada dia mais comum. A cada segundo que passo aqui dentro, me sinto mais doente, irritado, cansado, fraco, triste.

Ouçó as vozes deles no quarto, a princípio acho que estão brigando, mas então ouço minha mãe rir de algo e a bile sobe por minha garganta. Como ela pode rir para ele quando ele me faz sentir tão mal?

Passo pelo quarto da minha irmãzinha e dou graças a Deus por ela passar o dia inteiro na escola e não precisar ficar mais que o necessário ao lado desse monstro que, infelizmente, é o seu pai. No fundo é por ela que suporto tudo, é por ela que continuo aqui. Sou seu escudo e a protegerei com minha vida se for necessário.

Olho mais uma vez para porta fechada onde eles estão e tento não pensar no que estão fazendo. Minha mãe sabe que está na minha hora de

chegar da escola e, mesmo assim, ela se trancou naquele quarto nojento com seu marido imundo. Isso apenas é mais uma prova de que sou praticamente invisível para ela.

Um gritinho feminino faz minha pele se arrepiar de pavor, balanço a cabeça afastando esses pensamentos e me apresso a sair. Não suportarei olhar para eles, não hoje.

Pego algumas bolachas de água e sal no pote antes de sair sem saber para onde ir. O treino foi adiado por conta da chuva que acabou deixando o campo cheio de lama. Os meninos estão quase todos em suas casas, o céu está carregado de nuvens e tenho certeza de que vai cair um temporal daqueles, então não tenho mais nada para me distrair, não estou a fim de jogar com os moleques da rua, não quero falar com ninguém. Na verdade, se eu pudesse, nesse momento eu fecharia meus olhos e não os abriria nunca mais. Seria melhor assim, eu pouparia a todos de toda essa merda e meu peito finalmente poderia descansar em paz. Mas, infelizmente, não tenho essa sorte.

Mastigo a bolacha devagar me arrependendo de não ter pegado uma garrafa de água, me concentro no barulho dela sendo triturada por meus dentes, eles ainda parecem estar moles e meu maxilar está dolorido, mas não ligo mais. Imagino que seja assim que os pugilistas se sentem depois de anos de porrada, eles se acostumam com as dores e elas são tão frequentes, que se tornam parte do que são. As minhas dores são parte de mim, infelizmente, cada dia elas vêm se tornando uma grande parte do que sou.

Mastigo as bolachas bem lentamente com medo de que, se forçar muito, meus dentes caiam. Ouço um trovão soar ao longe e sei que não vai demorar para começar a chover, mas ainda não tenho a menor vontade de voltar para casa, então continuo andando. Entro em uma rua e sigo até as construções que deveriam ter sido um conjunto habitacional, mas que estão abandonadas e conheço tão bem. Vou até as ruínas que tem os nossos nomes marcados no muro inacabado e paro na frente da pichação que enfeita um deles:

***Thales & Ayla & Duda
Para sempre.***

Observo a letra infantil, torta e frágil das três crianças que fizeram isso. Recordo-me exatamente o dia, nos sentimos invencíveis como se

estivéssemos cometendo um crime; estávamos agitados e nossas mãos tremiam tanto, que mal conseguimos escrever nossos nomes.

Foi um dia incrível, nossos corações pareciam ter mudado de lugar e ríamos tanto que nossas barrigas até doeram. Estico o dedo e toco o garrancho na parede, ainda me lembro exatamente a roupa que Ayla usava: um short amarelo e uma camiseta com uma boneca cabeçuda de óculos, que brinquei dizendo que era o retrato dela. Ela ficou brava e tive medo. Naquela época, mesmo sem saber, eu já a notava, sempre observava como ela era especial, mesmo que ainda não compreendesse tão bem o porquê.

Naquele dia tomei uma surra por ter manchado de tinta minha única calça boa. Menti para Ayla dizendo que estava com dor de barriga e fiquei dois dias sem sair de casa, quando na verdade eu tinha ganhado meu primeiro olho roxo e descoberto que minha mãe não ligava a mínima para mim.

É engraçado como que, para cada lembrança boa em minha vida, eu tenha pelo menos uma triste, às vezes mais. Se eu começar a contar, notarei que as boas são escassas e que, a cada dia, elas estão se tornando apenas isso. Lembranças.

Pulo o muro afastando esses pensamentos da minha mente e entro na construção sem saber ao certo o que vim fazer aqui. Jogo a bolacha fora porque não consigo comer mais nada, o lugar onde passamos horas das nossas vidas brincando e sonhando com um futuro, agora mais parece um depósito de lixo e banheiro público.

Sento-me em um banco improvisado e olho para o céu, os primeiros pingos começam a despencar em grossas gotas, fecho meus olhos permitindo que elas caiam em meu rosto. A sensação da água em minha pele é refrescante e suave.

Penso em minha vida, não sei o que vou fazer, não tenho a menor chance na escola, não consigo evoluir e isso é um dos motivos para que meu padrasto me castigue, embora eu tenho certeza de que ele tá cagando para a minha educação.

A única esperança que tenho é o futebol, já vi histórias suficientes para saber que, se eu conseguir uma chance, eu precisarei me agarrar a ela com toda a minha força, mas se eu não conseguir... Balanço a cabeça pensando no futuro que terei se continuar aqui por mais tempo. *Será que chegarei aos dezoito?*

Baixo o rosto e sinto as gotas escorrerem por minha nuca enquanto penso que, a cada dia que passa, se torna mais difícil me levantar da cama, a cada dia é mais difícil me conectar com as pessoas a minha volta. Temo que, ao olhar para elas, possam ver a sujeira dentro de mim, então estou me desconectando, me afastando, me isolando, até mesmo das duas pessoas mais importantes da minha vida. Venho tratando meus amigos mal e, o pior, não me sinto mal por isso.

Ouçó o barulho de alguém se aproximando, não tenho vontade de erguer o rosto. Não ligo para quem quer se seja, no fundo desejo que seja um bandido e que esteja aqui para me roubar, desejo que ele tenha misericórdia de mim e me mate. Talvez, se eu pedir, ele possa me matar. Respiro fundo pensando se eu me sentiria triste com isso e sei que não.

Os passos se tornam mais altos, embora sejam leves, e quando se aproximam eu já sei que não é um bandido, embora eu me sinta exatamente como se estivesse olhando para a ponta de uma arma.

— Ayla. — Seu nome sai como um apelo da minha boca e me odeio por estar aqui. É claro que ela viria até mim, afinal de contas esse era o nosso lugar. — O que você está fazendo aqui?

— Vi você saindo de casa e achei que talvez poderia estar aqui — justifica e por um instante me sinto bem por ela ter vindo, por se preocupar.

Ela está cada dia mais bonita, seus cabelos sempre cheios e brilhantes estão abaixo do ombro, as gotas de chuva desmancham seus cachos fazendo com que pareçam ainda maiores, seu short está mais curto. Eu sei que é porque cresceu nos últimos meses e seu pai não tem muita grana pra ficar comprando roupas novas para ela e os gêmeos. Sua camiseta está mais justa e a chuva a deixou colada em seu corpo fazendo com que eu note seus... Desvio o olhar dos peitos da minha amiga e ignoro a forma como meu corpo reage ao dela e como isso me afeta.

— Você não deveria ter vindo — falo da forma mais grosseira que posso porque preciso afastá-la de mim.

— Eu sei, mas eu quis — Ayla fala com seu ar autoritário de sempre.

— Vá embora, não quero falar com você.

— Não me importo com suas grosserias, Thales. Seja lá o que você está tentando fazer, sugiro que pare, eu não vou a lugar algum.

— Então eu vou. Pode ficar aqui nesse chiqueiro, se é isso que você quer.

Levanto-me e começo a caminhar para longe dela, sinto meu coração bater pesado no peito enquanto me afasto, mas, assim que passo por ela, sua mão se fecha em meu punho me segurando no lugar.

— Não se afaste de mim, Thales — sussurra entre a chuva que começa a cair lentamente.

Olho para sua mão e noto que suas unhas estão grandes e pintadas. *Quando foi que ela começou a se importar com isso? Faz tanto tempo assim que eu não a vejo? Quando foi que parei de notar as mudanças em minha melhor amiga?*

— Me solta, porra! — grito e Ayla se assusta ao me ouvir xingar, mas ela apenas aumenta o aperto dos seus dedos em mim.

— Não vou soltar. — Ela me encara com seus olhos negros profundos e sinto vontade de empurrá-la para longe de mim, de protegê-la do monstro que me tornei e dizer que não podemos mais ser amigos.

— Qual a parte do “eu não quero falar com você” você ainda não entendeu? — pergunto olhando dentro dos seus olhos. A chuva molha seu rosto, pingos caem em volta do seu nariz e escorrem por sua boca. Ela tem uma boca bonita.

— Você prometeu que não importa o que aconteça, você não me afastaria.

— Foda-se, eu não sou bom com promessas!

— Mentira, você é sim. — Seus dedos se espalham por meu pulso e sinto como se ela pudesse me abraçar por inteiro. — Você não está sozinho, eu tô aqui por você.

— Você não sabe de merda nenhuma! — grito em seu rosto e ela sequer se move, me odeio por fazer isso com ela, mas é a única forma que encontrei para protegê-la de mim.

“Você não presta, Thales. Um dia, você vai se tornar o mesmo que o seu pai e vai destruir a vida das pessoas que você ama.”

As palavras dele gritam em minha mente enquanto olho para a minha melhor amiga, não quero destruir a sua vida, não quero fazê-la chorar... Deus, eu morreria antes de machucá-la, sujá-la.

Coloco minhas mãos em meus ouvidos na esperança de silenciar a voz que me tortura gritando que não valho a pena. Quero fugir, mas essa garota me mantém no lugar enquanto me olha como se enxergasse minha alma.

— O que você quer de mim? — pergunto com uma fúria que odeio, tomando conta de mim.

Estou com raiva dele, por saber exatamente como me assustar; estou com raiva dela, por insistir e me conhecer tão bem; estou com raiva da minha mãe, que não me vê e não me protege. Estou com raiva do meu pai, que me deixou sozinho e nunca sequer olhou para trás.

— Eu quero você de volta.

A chuva ensopa nossas roupas e lava nossos rostos desnudando nossas emoções.

— Eu não posso — me esforço a dizer, as palavras rasgam meu coração porque tudo o que quero nesse momento é abraçá-la como naquela noite.

— Por quê? O que foi que aconteceu com você? — sussurra e tudo o que consigo fazer é pensar nele.

Estou aqui, ao lado da garota mais especial do mundo, sentindo meu coração bater pesado no peito, assustado com os sentimentos que ela desperta em mim e tudo o que consigo pensar é nele, nas suas palavras, na forma como me quebrou, na necessidade de me machucar, de me fazer sentir a dor de todas as formas que ele conhece.

Então, eu me recordo do pugilista e sua relação com a dor e compreendo que não tem como eu sentir mais. Já alcancei o ápice, já vi o pior, já me curvei a ela e agora nada mais pode me assustar, nem mesmo os olhos negros, vermelhos e apavorados da minha melhor amiga.

— Eu morri — digo da forma mais fria e clara que posso e, então, meu mundo desaba quando ela começa a chorar.

14

Ayla



— Eu morri — ele diz e, embora eu ainda o sinta quente sob meus dedos, furioso e trêmulo, eu sei que de alguma forma ele tem razão.

Meu Thales morreu. Em algum momento enquanto ele se afastava de mim, enquanto se escondia, enquanto estava longe dos meus olhos, ele morreu e meu coração dói porque não sei o que fazer.

Agradeço a Deus pela chuva, porque nesse momento não consigo afastar as lágrimas que caem dos meus olhos, não consigo sequer soltar o seu braço e deixá-lo ir, não consigo falar... só consigo sentir e sentir nesse instante é algo que dói de um jeito que eu não me lembro de ter sentido antes.

— Me solta, Ayla — exige. Sua voz agora está mais grave e um pouco rouca.

— Não posso — sussurro sem me importar que ele esteja me vendo chorar. Porque é verdade, não posso soltá-lo. Por mais que ele me peça, por mais que ele tente, eu não consigo soltá-lo.

— Solta a porra do meu braço, Ayla! — ele volta a xingar e sinto como se uma faca estivesse me furando.

Ele não era assim, Thales jamais falaria isso para mim. *Como ele pode mudar tanto em apenas alguns meses? O que de tão grave aconteceu para que ele me tratasse dessa forma?*

— O que aconteceu com você? Por favor, me conta, você sempre me contou tudo — pergunto tentando ser o mais paciente possível.

Thales passa a língua sobre a boca sugando a chuva que molha seus lábios. Sinto o conflito dentro dele, uma parte quer me contar o que houve, posso ver o pedido de socorro em seus olhos, mas a outra parte, aquela orgulhosa, não permite que eu veja o que aconteceu com ele.

— Me solta, Ayla — repete, dessa vez com calma. Ele poderia se soltar de mim, é com certeza mais forte do que eu, mas o que está me pedindo nesse momento não tem absolutamente nada a ver com minha mão em seu pulso, mas da minha presença em sua vida e isso eu não posso fazer.

— Você sabe que eu não vou te soltar, nunca.

— Você não pode me manter junto a você! — ele diz com a voz cheia de raiva.

— Eu vou continuar tentando, até que seja impossível para mim.

— Já é, só você que ainda não notou.

A chuva aumenta, os trovões me fazem estremecer, mas não me movo, nenhum de nós se move, apenas ficamos aqui, um olhando para o outro, sem coragem de falar o que realmente importa, inexperientes, assustados, mas cheios de um sentimento que ainda não dominamos.

— Você sabe que o meu pai pode te ajudar, podemos ir até ele e...

— Você ama seu pai?

— Claro que amo.

— Então deixa ele fora da merda da minha vida.

— Eu amo você também. — Nesse instante não sei o que estou falando, não sei se o que disse tem a ver com a força com que meu coração está batendo ou se é apenas o medo de perdê-lo, mas minhas palavras não causam nenhum efeito nele, seu olhar ainda é frio sobre mim.

— Então me solta. — Ele olha para a minha mão e seu peito começa a subir com força enquanto respira com dificuldade. — Me solta, porra! Não me obrigue a te machucar! — ele volta a gritar, mas não se move, como se não fosse capaz de fazer isso e precisasse que eu fizesse, mas eu não vou fazer, eu ficarei aqui pelo tempo que for.

— Você já está me machucando — digo mesmo que ele não tenha sequer me tocado.

— Eu vou machucar mais. — Seu olhar se torna perverso e preciso de toda a minha coragem para não fazer o que ele pede, um raio ilumina o céu atrás dele e, quando o trovão retumba no ar, sinto como se o mundo estivesse rachando no meio.

— Eu sou sua melhor amiga, não tenho medo do que você está fazendo.

Thales não diz nada, seu braço se torna mais pesado em minha mão e sinto que ele está parando de resistir, sua cabeça tomba entre seus ombros e sem pensar em nada, me aproximo do seu corpo, ele está tremendo, obrigo-me a pensar que seja apenas frio, embora a chuva esteja refrescante.

Quando deito minha cabeça em seu ombro, ele não me afasta.

Quando solto seu pulso e passo minhas mãos em suas costas, ele não me repele.

Quando encosto meu corpo no seu, ele respira fundo.

Então ele deita a sua cabeça em meu ombro, passa suas mãos trêmulas em volta das minhas costas e me aperta com tanta força, que tenho dificuldades para respirar, mas não me movo, tenho medo de que esse seja o nosso último abraço, tenho medo de que, no instante em que ele se afastar de mim, ele nunca mais vai voltar e eu ainda não estou preparada para isso.

— Eu não sou mais o seu melhor amigo, Ayla, eu não sou mais o mesmo — sussurra com os lábios a centímetros de distância do meu pescoço. Seu hálito quente causa arrepios em minha pele molhada.

Viro meu rosto para a curva do seu pescoço e cheiro sua pele, tem cheiro de chuva, poeira e Thales, o cheiro do meu melhor amigo.

— É sim, você quem não consegue enxergar, mas você ainda é o mesmo Thales — digo fechando os olhos e o apertando ainda mais.

Ele nega movendo a cabeça devagar.

— Se você soubesse...

— Então me conta — peço pela milionésima vez.

— Não posso. — Sinto os nós dos seus dedos pressionando minhas costas.

— Por quê?

— Porque eu não quero que me olhe diferente.

Afasto-me apenas um instante, somente o suficiente para que eu possa olhar o meu amigo. A água cai entre nós, gotas de chuva escorrem por seu rosto, desenham o contorno dos seus lábios e chegam ao meu rosto.

Seus olhos castanhos estão escuros e hoje não consigo ver os riscos esverdeados neles, sua boca se move, mas ele não diz nada. Meus olhos caem até ela, estendo minha mão e toco a ponta dos meus dedos em seu rosto. O seu hálito me aquece, sua mão espalmada em minhas costas me aperta, mantendo-me junto a si.

Passo as pontas dos dedos por sua testa sentindo as rugas bonitas que tanto odeio, porque são a expressão da sua dor; toco sua sobrancelha escura

e passo por seus olhos tristes, que se fecham para receber meu toque; por seu nariz, seguindo por todas as sardas que, nesse instante, estão encobertas pela chuva, mas que conheço tão bem; toco sua bochecha e, quando meus dedos descem tocando sua boca, ele abre os olhos e me encara.

— Para mim, você sempre será o meu Thales, nada nem ninguém pode me impedir de enxergar você.

— Ayla... — exala, com uma respiração pesada que já não suporta mais segurar.

— Não foge de mim — imploro rezando para que ele possa me ouvir.

Sua mão sobe um pouco mais até o meio das minhas costas e, embora eu saiba o que estamos prestes a fazer, não tenho a menor ideia do que isso significa. Meus olhos caem para a sua boca novamente e, quando sinto seus olhos me analisando, eu sei que ele quer o mesmo que eu.

— Não posso ficar.

— Eu quero — sussurro, sem terminar a frase por medo de estar interpretando errado seus atos. — Thales...

Não consigo falar mais nada, sua boca se cola na minha, sufocando minhas palavras. Passo meus braços em torno dele, segurando sua camiseta encharcada enquanto ele inclina a cabeça para o lado e força seus lábios nos meus.

É um beijo duro, atrapalhado, assustado e triste; cheio de emoções, que eu acredito que não deveriam existir em um primeiro beijo, mas não me importo. Eu aceito o que ele tem para me oferecer e, nesse momento, Thales é feito de dor e tristeza e isso faz com que nosso beijo seja ainda mais especial, único, inesquecível.

Movo meus lábios desejando saber ao certo o que fazer. Ele coloca a sua língua dentro da minha boca, exigindo, tomando, dando... Cambaleio um pouco tonta com sua brutalidade, mas suas mãos me mantêm no lugar e, se não fosse pela chuva, tenho certeza de que estaria pegando fogo.

Quando ele se afasta estamos ofegantes. Thales dá um passo para trás e me olha como se só então tivesse se dado conta do que fez.

— Me desculpa, Ayla — diz caminhando para longe. — Eu não devia ter feito isso. — Se afasta. — Por favor, esquece o que aconteceu aqui. — Ele continua me machucando com suas palavras.

— Tudo bem, Thales, está tudo bem. — Sinto o estalo do meu coração se rachando no peito enquanto o observo se afastar. E, quando ele olha para mim uma última vez, ainda encontro forças para lhe dar um sorriso, mas ele

não passa de um movimento involuntário dos meus lábios, que ainda não se deram conta de que isso não foi um beijo, foi um rompimento.

15

Ayla



Crescer é algo inevitável, não podemos conter, é como água que escorre por nossos dedos, sutil, suave e poderosa. Crescer deveria ser belo, mas crescer dói, porque, enquanto ainda somos crianças, há um véu que nos protege da realidade e da dor, que nos impede de ver o que realmente está acontecendo, como um anestésico.

Não me sinto mais criança. Embora ainda não seja uma adulta, hoje tenho uma visão diferente da vida.

Oito meses se passaram desde aquela tarde chuvosa em que uma garota, que acreditava ser capaz de salvar o mundo, deu o seu primeiro beijo no seu melhor amigo. Oito meses desde que Thales me deixou naquele beco sozinha e tive que encontrar forças para voltar para casa. Oito meses que aprendi a viver sozinha e agora eu vejo tudo com mais clareza.

— O que você quer fazer no seu aniversário? — meu pai pergunta enquanto jantamos, na verdade eu acho que é a segunda vez que me faz a mesma pergunta, ou será que é a terceira?

— Oi? — pergunto confusa e dispersa.

— Filha, estou ficando preocupado com você. — Solta o garfo no prato e me olha daquele jeito doce que sempre faz quando sente que esse é um daqueles momentos em que minha mãe deveria estar aqui.

Sinto falta da minha mãe. Nos últimos meses senti tanto a falta dela, que achei que poderia morrer de tantas saudades. Sinto falta de alguém com quem conversar, de poder contar sobre os meus sentimentos por um menino que se partiu ao meio e se esconde em uma carcaça fria e maldosa, mas que

não consegue encarar ninguém nos olhos porque, no fundo, tudo o que ele faz é um jeito estranho e maldoso de pedir socorro.

— Não tem com que se preocupar, pai. — Forço um sorriso enquanto o encaro, sei que estou me esforçando, continuo sendo uma boa filha, uma excelente aluna, uma irmã dedicada, uma boa dona de casa. Supro a falta que minha mãe faz e não me importo com isso, vivi a vida inteira assim e para mim está bom. Só preciso encontrar uma maneira de fazer com que o meu coração encontre um novo ritmo para bater. Principalmente na presença fria do novo Thales.

Às vezes, acho que tudo isso que estou sentindo é um pouco de exagero, que a adolescência me tornou uma garota dramática e que o que sinto por ele, no fundo, é apenas uma mágoa por ter sido abandonada no momento mais especial da sua vida. Eu adoraria que fosse realmente isso.

— Sou seu pai, é meu dever me preocupar com você.

Respiro fundo em busca de alguma coisa para dizer a ele, mas não encontro nada então apenas agradeço e volto a comer.

— Então, seu aniversário é daqui a dois dias e você ainda não me disse o que quer.

Eu quero o Thales de volta. Quero poder abrir a janela para que ele entre no meio da noite, quero ouvi-lo dormir enquanto leio, quero seu abraço caloroso e tímido, quero o sorriso largo e bonito que ele só dava para mim, quero minha vida de volta.

No começo repassei cada uma das nossas conversas, revivi o nosso beijo tortuosamente, chorei de novo a cada vez que me lembrei da forma como ele foi embora enquanto o tempo passou e hoje, a cada nova semana, sinto que é real e definitivo. Ele não vai voltar, não como era, não para mim.

— Não quero nada, pai, de verdade — digo porque, infelizmente, não há nada que seu dinheiro possa comprar para mim.

— Tudo bem então, se é o que você quer. — Seus ombros caem derrotados e terminamos o jantar em silêncio, como fazemos quase todas as noites.



Não me recordo a última vez que estive aqui. Se dependesse apenas de mim, muito provavelmente eu não voltaria nunca mais, mas devo isso a Duda, que tem sido incrível nesses dias sombrios que passo a maior parte do tempo chorando. É ele quem tem suportado minhas lágrimas e ouvido todas as minhas lamentações sobre o nosso amigo e, quando me ligou na noite passada dizendo que haviam ganhado o campeonato, eu soube naquele momento que eu não poderia dizer não.

Assim que chego ao campo de futebol, onde passei os últimos anos da minha vida, a primeira coisa que vejo é Thales. Ele está de costas para mim, mas o reconheço em qualquer lugar. Embora tenha crescido muito no último ano, Thales tem uma elegância que não é comum a garotos de quinze anos.

Quinze anos... daqui a alguns dias será o nosso aniversário, sonhei com cada uma dessas datas, mas, na grande maioria das vezes, apenas imagino nós dois assoprando as velinhas de nosso bolo juntos. Como não foi no ano passado e não será nesse e, provavelmente, nunca mais será.

Olho para ele aproveitando o fato dele estar de costas e não me ver, ele está conversando com um homem, na verdade está ouvindo o que o homem diz, as vezes ele move a cabeça concordando e, embora esteja magoada com ele, sinto uma alegria absurda ao imaginar que esse homem pode ser o início do seu futuro.

— Você veio. — Duda se aproxima, ele tem um copo de cerveja em sua mão e seu rosto está vermelho.

— Claro que vim, eu disse que viria.

Duda abre um sorriso enorme e bebe um longo gole da cerveja enquanto segue os olhos exatamente para o lugar onde eu estava olhando.

— Ele ganhou o troféu de melhor da partida e o de melhor jogador do campeonato.

— Ele é incrível — falo baixinho e, quando Duda suspira, acrescento: — Você também, claro.

— Eu fui o artilheiro — diz cheio de si.

— Parabéns, Duda, vocês serão os próximos Robinho e Diego do Brasil.

— Não, eu quero ser mais do que eles.

Reviro os olhos e deixo pra lá, às vezes a ambição de Duda me incomoda um pouco.

— Aquele lá é o olheiro que vocês estavam vendo? — Aponto para o homem de cabelos grisalhos, que continua falando com Thales.

Duda balança a cabeça enquanto termina de beber toda a cerveja.

— É sim — desdenha.

— Ele ainda não falou com você?

— Falou sim.

— E qual o problema?

— Ele falou com quase todos os moleques, vamos passar por uma peneira.

— Duda isso é maravilhoso. Qual o clube?

— Santos.

— Ah, meu Deus... parabéns! — Não me contenho e envolvo meus braços em torno do seu pescoço. Duda joga o copo vazio no chão e me abraça segurando-me pela cintura e me erguendo do chão, o abraço demora um pouco mais do que deveria e preciso me esforçar para me afastar.

— Obrigado — ele fala com uma voz meio sonolenta e tenho vontade de dizer a ele que não deveria estar bebendo, mas hoje eles estão comemorando e não quero ser chata.

Olho na direção de Thales e ele está olhando para nós, sinto meu peito se agitar de saudades, e um fio de esperança acende em meu coração. Talvez a alegria possa trazê-lo de volta para mim.

— Santos então? — indago quando nos sentamos um do lado do outro como nos velhos tempos.

— Pois é, acho que você vai ficar um tempo sem ver a nossa cara. — Ele pega o copo de plástico e começa a desfiar os pedaços.

— Vai ser bom tomar um pouco de sol, quem sabe assim você deixa de ser tão branquelo — brinco e ele dá uma gargalhada jogando a cabeça para trás.

— Quando vai ser o teste?

— Daqui a uma semana, um ônibus vai vir buscar a gente.

— Eu estou tão feliz por vocês. — Apoio minha mão em seu braço e ele a segura no lugar.

— Obrigado por ter vindo — Duda agradece com uma voz que me deixa desconfortável. — Não, para, me escuta — ele diz quando tento tirar minha mão da sua.

— Duda, vê lá o que você vai falar.

— Eu sei que você tá chateada com o Thales, mas eu quero que você saiba que não estaríamos aqui se não fosse você. — Balanço a cabeça

negando. — Sério, eu e o Thales só estamos aqui porque você sempre esteve conosco.

— Vocês só estão aqui porque são incríveis.

Ele sorri para mim enquanto seu polegar faz um carinho gentil em minha mão.

— Você é especial demais, Ayla.

— Obrigada — agradeço sentindo meu rosto esquentar.

O sol está se pondo, deixando o céu em um laranja forte e escurecendo alguns cantos. Uma brisa fresca espalha algumas mechas de cabelo claro de Duda em seu rosto e ergo a mão para afastá-la. Não há nada além de carinho fraterno em meu gesto, mas ele parece não achar isso e, antes que eu possa sequer me preparar, Duda se inclina e me beija.

É um beijo rápido, apenas o toque gelado da sua boca com gosto de cerveja na minha, mas é o suficiente para que eu me assuste e caia para trás.

— Mas que merda, Ayla! — Duda se levanta estendendo a mão para me ajudar a levantar.

— Você me assustou! — digo com uma voz irritada e ele sorri.

— Me desculpa, só estou feliz. — Ergue os ombros como se não fosse nada de mais beijar a amiga.

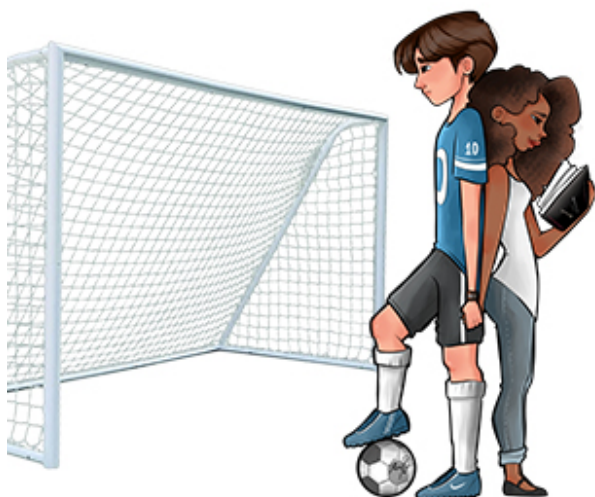
— Não faça mais isso! — ordeno e ele coloca a mão em continência na frente do rosto.

— Sim, senhora!

Limpo minhas roupas enquanto tento processar o que acabou de acontecer, Duda me beijou e preciso acreditar que foi culpa do álcool, ele não quis fazer isso, principalmente com Thales lá embaixo nos vendo. Desvio meus olhos para o lugar onde ele estava um minuto atrás, mas graças a Deus ele não está mais lá.

Talvez ele não tenha nos visto.

Ou talvez... ele não dê a mínima para isso.



16

Thales

Santo Deus! Quanto tempo mais ele pretende continuar falando?

Sinto uma dor de cabeça ameaçar surgir enquanto tento acompanhar seu raciocínio, mas a cada minuto que passa eu me perco mais e mais, como um novelo de lã que se embola e não faço a mínima ideia de onde está a porra da ponta.

— Sim, senhor — digo, mas na verdade não sei sobre o que está falando. *Era sobre fundamentos? Jogadores que sabem trabalhar em equipe? Disciplina?* Realmente não sei.

Fala por mais algum tempo, consigo captar algumas frases, balanço a cabeça algumas vezes para que ele não perceba que não estou compreendendo e rezo para que termine logo porque a dor de cabeça nesse instante é real.

— Eu vou te deixar ir. — Dá uma batidinha no meu ombro. — Você deve estar a fim de comemorar com seus amigos, afinal de contas foi o grande nome do jogo. — Sorri orgulhoso como se eu fosse algo importante e me sinto estranho porque não conheço esse homem e não faço a menor ideia de como ser simpático com ele, porque tudo o que consigo pensar nesse momento é que Ayla está aqui.

Eu vi o exato momento em que ela chegou, meu coração idiota acelerou no instante em que colocou seus pés na arquibancada e desde então não consigo me concentrar em mais nada. Ela está aqui e levando em conta o fato de que mal nos olhamos nos últimos meses, com certeza está aqui pelo Duda e não por mim. Justo!

— Obrigado, senhor — resmungo enquanto me afasto dele sem saber para onde ir. A verdade é que eu não queria estar aqui, por mim tinha dado o fora no instante em que os nomes foram escolhidos, mas Duda me obrigou, disse que preciso ser mais sociável se pretendo entrar em algum time de verdade. Não concordo com ele, não preciso sorrir para ninguém, preciso jogar bola e isso eu sei fazer, aliás sei fazer muito bem.

Ser sociável é algo que está cada dia mais difícil para mim. Sempre foi difícil, sempre me senti estranho na presença de muitas pessoas, mas durante toda a minha vida eu me esforcei, até que percebi que isso me esgotava, me deixava cansado e vulnerável, porém eu tinha Ayla ao meu lado, e ela sempre fazia tudo parecer mais fácil, mas agora não está mais aqui e o que era difícil parece impossível.

Meus olhos seguem para o lugar onde sei que Ayla está, é o mesmo de sempre, o lugar onde eu olhava quando fazia um gol, ou passava uma jogada para o Duda, e sempre a encontrava sorrindo para mim, seus olhos atentos analisando cada um dos meus passos, seus gritinhos agudos quando eu fazia algo legal, sua voz chamando meu nome.

Hoje ela está aqui novamente, mas dessa vez não tem nada a ver comigo, ela está aqui porque o Duda a convidou e não falaria não para ele agora que eles estão mais próximos e que seus sorrisos e olhares são para ele.

Nesse instante, enquanto observo meu amigo ao seu lado, o rosto virado para ela enquanto ouve algo que ela diz, travo uma batalha interna. Tudo o que eu quero é ir até lá, abraçá-la, dizer que sinto sua falta, que a saudade que sinto dela é a dor mais angustiante que já senti na minha vida, quero que saiba que o último gol que fiz foi para ela. Assim como todos eles, minhas vitórias, meus troféus, minha alegria, o ar em meus pulmões... tudo é para ela, mesmo que nesse momento provavelmente me odeie.

— Parabéns, Rei. — Um garoto de uns dez anos me cumprimenta e sorrio com o apelido que me deram, uma brincadeira com meu sobrenome e as minhas jogadas. No começo me senti esquisito, tentei ignorar, Duda disse que é legal ter um apelido e estou começando a me acostumar.

— Valeu.

— Ei, Rei, tira uma foto comigo? — outro garotinho magricelo pede.

Logo estou cercado de moleques que me olham como se eu fosse alguma espécie de herói, tento ser educado com eles, mas são muitos e todos falam ao mesmo tempo. Começo a ficar zozinho e não consigo mais entender

o que dizem, tudo vira uma massa de vozes, som, risos e gritos. E a porra da dor de cabeça.

Alguém chega para tirar a foto, os meninos brigam para ver quem vai ficar ao meu lado, alguns deles são conhecidos meus, outros nunca vi. Enquanto aguardo se organizarem decido que vou até ela, não há nada de mais, não é como se fôssemos ter algum tipo de conversa ou nada assim, eu só vou dizer um oi, ela provavelmente vai me parabenizar, vamos apertar as mãos e pronto.

— Digam xis! — um homem com um uniforme esportivo grita, o técnico dos garotinhos eu acho. Algumas fotos são tiradas de diversos celulares diferentes, agradeço rapidamente a todos e saio em direção a ela.

Meus amigos estão distraídos conversando sobre algo, Duda tem um copo de cerveja na mão e imagino o que seu pai dirá quando souber que está bebendo, com certeza ficará de castigo alguns dias no máximo, ouvirá um sermão, eu sei o que aconteceria comigo e estremeço só de imaginar.

Ayla desvia o olhar rapidamente para o campo e por um instante imagino que está me procurando e meu estômago se agita, respiro fundo criando coragem de me aproximar deles, mas algo me faz desistir, algo no modo como Duda olha para ela, como seu corpo está todo inclinado, como ela olha para ele, como tudo parece... certo, errado, confuso, triste.

Meu peito dói, minha cabeça parece prestes a se partir, um zumbido em meu ouvido me faz encolher e me viro de costas porque não suporto mais ver isso. Estou prestes a ir embora quando ouço alguém me chamar.

— Thales, você tem um minuto? — um homem que nunca vi na minha vida pergunta.

— Oi. — Estendo a mão e o cumprimento.

— Sou Ronaldo Tortola, auxiliar técnico do São Paulo, e gostaria de conversar com você. — Meu coração dispara enquanto olho o símbolo do time em sua camiseta polo.

— Sim, senhor — falo, mas minha voz sai um pouco agitada e sinto meu corpo inteiro tremer.

— Você tem um minuto?

Olho mais uma vez para meus amigos e me obrigo a lembrar porque estou aqui e não lá ao lado deles, porque a afastei daquela forma, porque não disse a ela que aquela foi a primeira vez que beijei uma garota e que, desde então, penso em seu beijo todos os dias e como gostaria de poder beijá-la novamente.

Eu a afastei porque sabia que havia cruzado uma linha, eu estava determinado a ir embora e vou; e nesse dia, levarei comigo algo que ela ainda não sabe e, se depender de mim, nunca vai saber, mais um dos meus segredos, o mais bonito de todos, o único que não me envergonho.

Eu me apaixonei por minha melhor amiga.

Respiro fundo guardando no fundo do meu coração sombrio a lembrança da garota de cabelos cacheados que um dia chamei de amiga e volto a olhar para Ronaldo.

— Sim, senhor, tenho todo o tempo do mundo.

17

Ayla



Já passa das nove da noite quando chego em casa, Duda permanece o caminho inteiro em silêncio, seu pai não gostou nem um pouco de ter sentido cheiro de álcool em seu hálito e Duda não gostou de ter sido repreendido na minha frente.

Não falamos mais sobre o beijo que ele me deu, não sei o que houve e prefiro acreditar que foi culpa da quantidade de álcool que ele ingeriu do que imaginar que, por algum motivo, tenha tido vontade de me beijar. De jeito nenhum!

— Prontinho, está entregue. — O pai do Duda se vira para trás e sorri gentilmente para mim, agradeço e me despeço dele.

Duda sai do carro e me acompanha até o portão, posso sentir o constrangimento crescer entre nós enquanto caminhamos em direção à minha casa e odeio essa situação estranha.

— Ayla — ele me chama sem me olhar nos olhos e estremeço em antecipação.

— Oi, Duda.

— Me desculpa, eu não devia ter feito aquilo, eu acho que bebi demais e...

— Tudo bem. — Espalmo minha mão em seu peito para pará-lo de falar, mas no instante que olha para a minha mão eu a removo me arrependendo de tê-lo tocado.

— Eu não quero que você fique brava comigo nem nada — diz e posso sentir o arrependimento em sua voz para meu alívio.

— Você acha que o Thales viu?

— Isso importa?

— Claro que importa, ele é nosso amigo e...

— Na boa, Ayla, eu não acho que o Thales está ligando muito para o que acontece, cada dia que passa ele tá mais estranho e...

— Ele ainda é o nosso amigo — interrompo-o, irritada.

— Será que ainda somos amigos dele? — Duda abre os braços exageradamente. — Cadê ele? Por que ele não tá aqui?

Abro a boca para falar, mas desisto, talvez ele tenha razão, o garoto que conheço desde criança jamais nos excluiria da sua vida.

— Vamos esquecer que isso aconteceu, tudo bem?

Duda bufa batendo os braços ao lado do seu corpo e assente, me sinto um pouco triste porque, no fundo, eu sei que ele tem razão, ele não está aqui e provavelmente nunca mais estará.

A porta da sala se abre e meu pai sai, para o meu alívio.

— Ei, garoto, parabéns! — ele cumprimenta Duda com um abraço caloroso e meus olhos se voltam para o outro lado da rua, me pergunto se ele está lá dentro, se está nos vendo, se não sente a nossa falta.

— Obrigado, senhor — Duda agradece educadamente.

— Pai, ele e o Thales vão fazer um teste para o Santos — digo animada e logo um sorriso enorme surge nos lábios com sabor de cerveja do Duda.

Deus, preciso me esquecer desse beijo.

— É mesmo? Nossa, mas isso é maravilhoso.

Logo o pai de Duda aparece e eles conversam sobre como estão esperançosos em ver Duda no grupo de jogadores do clube e meu pai lhes enche de palavras motivadoras.

Alguns minutos depois, eles se vão e antes de entrar meus olhos caem para a casa do outro lado da rua, tudo está escuro e silencioso, como se não existisse mais ninguém morando lá e um calafrio se espalha pela minha espinha quando penso nos segredos que se escondem dentro daquelas paredes tristes que abriga meu amigo.

— Está tudo bem, filha? — meu pai pergunta quando me vê olhando para a casa dele.

— Está sim, pai, vamos entrar?

Meu pai passa o braço em meu ombro e não diz mais nada, embora eu saiba que ele também está preocupado com a evolução sombria do novo Thales.



O livro que estou lendo fala exatamente sobre amigos, um grupo de pessoas diferentes que se reconhecem nas fraquezas e medos um do outro e escolhe amá-los mesmo assim³. É um daqueles livros que aquecem nosso coração e nos fazem chorar, cheio de mensagens incríveis e que nos ensina que as pessoas são muito mais do que elas nos deixam ver, é lindo e tenho certeza de que ficará para sempre em meu coração. Quando chego a última página estou em lágrimas e, embora eu saiba que a história em si é suficiente para me fazer chorar, sei que um pouco disso se dá pelo fato de que Thales sequer veio falar comigo hoje.

Tudo bem, eu sei que estamos nessa situação esquisita, que nossa amizade está numa droga de limbo e que mal falamos meia dúzia de palavras nos últimos oito meses, mas eu tinha certeza de que hoje ele estaria mais feliz e que, talvez, assim pudéssemos deixar tudo pra trás e resolver as coisas antes que ele vá embora definitivamente, porque eu sinto, no fundo do meu coração, que ele vai embora, é só uma questão de tempo.

Vou ao banheiro lavar o rosto depois de chorar por quase dez minutos, meus olhos estão inchados e começo a rir imaginando o que meu pai diria se me visse assim. Embora saiba que sou uma chorona, ele nunca compreende quando choro por causa de um livro.

Estou me enganando, fingindo que é por causa desse livro.

Vou a cozinha atrás de algo para comer, pego um pacote de *Oreo*, que levo para meu quarto. É a bolacha favorita de Thales e me odeio por ainda pensar nele desse jeito, às vezes tenho a impressão de que nunca vou superar o que aconteceu entre nós.

Entro decidindo se assisto algum filme ou se começo um novo livro, estou sem sono, agitada e emotiva, uma péssima combinação e não quero ter tempo para pensar em nada.

Assim que fecho a porta, solto um grito quando noto a presença de alguém.

— Thales... — sussurro sem acreditar que ele está aqui.

Nas sombras da escuridão, ele se parece maior do que oito meses atrás. Mesmo de costas, ainda reconheço seu corpo, sua respiração, seu cheiro.

— Não conheço esse. — Ele está de frente para a minha estante, segurando um livro ainda de costas para mim.

— Tem muita coisa aí que você não conhece.

Thales balança a cabeça enquanto folheia o livro e eu continuo apoiada na porta, segurando o pacote de bolacha como se ele pudesse salvar a minha vida.

Eu deveria estar com raiva dele, deveria estar magoada por ter me afastado por todos esses meses, mas estou tão feliz de tê-lo aqui que não tenho forças para odiá-lo nesse momento.

Talvez depois, quando ele for embora novamente. Porque eu sei que ele vai.

— Eu te assustei?

— Sim — sussurro rezando para que meu pai não tenha ouvido meu grito e me afasto da porta.

Coloco o pacote na mesinha ao lado da cama enquanto observo meu amigo agir de forma esquisita. Thales finalmente se vira e lamento por estar tão escuro, queria poder ver seus olhos, compreender o que está acontecendo.

— Desculpa.

Odeio esse clima estranho entre nós, eu não me lembro de me sentir sem graça na sua frente antes e nem de vê-lo tão deslocado no meu quarto. A saudade machuca e me surpreendo porque ele está aqui, na minha frente; se eu der dois passos e estender a minha mão posso tocá-lo, mas é como se isso só fizesse com que a falta que sinto de tudo o que fomos aumente.

— Tudo bem — digo tentando não demonstrar o quanto estou afetada com sua presença, mas se ele ainda me conhece, não precisa ver meu rosto para saber que estou nervosa.

— Eu só... precisava te ver. — Passa a mão nos cabelos sem corte e meu coração bobo se agita com a possibilidade de ele estar voltando para mim.

— Eu estava lá hoje.

— É, eu sei. — Sua voz parece tão séria, dura, triste. — Eu te vi lá.

Meus batimentos dobram, ele viu? O que ele viu? Ah, não...

— É por isso que você está aqui? — Minha voz soa frágil, insegura, baixa.

Thales caminha até que seu rosto esteja livre das sombras, ele ainda está a uma certa distância, mas já posso sentir seu calor aquecendo meu

corpo trêmulo e agitado.

— Eu sinto muito, Ayla — fala com os olhos castanhos fixos nos meus, como se tivesse ensaiado essa frase ao longo dos últimos oito meses e finalmente estivesse aliviado de poder se livrar delas.

As três palavras que esperei ouvir desde o momento que me deixou naquele beco depois de me beijar, mas no instante em que elas saltam da sua boca, perdem toda a força que tinham, porque sinto que elas são vagas demais para tudo o que me fez.

— Pelo que você sente, Thales? — questiono-o cruzando os braços, tentando me defender dos sentimentos que permeiam meu quarto e que fazem minha cabeça girar.

— Por tudo — responde ainda me encarando.

— Me desculpe, mas isso é vago demais para mim.

Thales balança a cabeça e suspira.

— Eu sabia que não seria tão fácil falar com você.

— Fácil? Você me ignorou por oito meses e acha realmente que um simples sinto muito resolve tudo, Thales? — Sinto a mágoa aumentar dentro de mim ao ponto de meus olhos se encherem de lágrimas, mas não as permito caírem, não vou chorar na frente desse menino idiota que machucou meu coração e acha que pode vir aqui e então tudo fica bem.

Não mesmo, não dessa vez.

— Por Deus, Ayla! — Esfrega o rosto e caminha até a janela, por um instante me arrependo de pressioná-lo, tenho medo de que vá embora novamente, sei que Thales não é bom com palavras e muito menos com sentimentos, sei que algo muito ruim aconteceu com ele e quero, com todo meu coração, compreender o que foi, mas isso não muda o fato de que estou magoada.

— O que você quer que eu fale? — resmunga baixinho como se estivesse lutando contra a vontade de se calar.

— Sério isso? Você não sabe o que falar?

Ele demora um instante para responder e, por um momento, sinto que sequer sabe o que está fazendo aqui.

— Eu sei, quer dizer, eu acho que sei, mas não quero — responde e me confundo com suas palavras.

— Será que você pode ser um pouco mais específico?

Thales se vira de frente para mim apoiando a cabeça na parede ao lado da janela que está fechada e trancada.

— Eu sei que devo um pedido de desculpas por causa daquele dia.

— Que dia?

— Porra, Ayla. Você sabe qual o dia.

— Não, eu não sei, acredite. Foram tantos dias que eu não sou capaz de adivinhar sobre qual das vezes em que você foi um babaca, está se desculpando, e não fale palavrão no meu quarto — repreendo-o mais por estar chateada do que por causa das suas palavras.

Thales bufa, esfrega o rosto mais uma vez e olha para o teto antes de voltar a falar:

— O dia em que te beijei.

Um som escapa da minha boca, ele se parece com uma risada, um gemido de frustração, raiva, ódio, tristeza.

— E você veio aqui para pedir desculpas por ter me beijado? — Meu coração se aperta e me odeio por conseguir estar ainda mais ofendida.

— Não, Ayla... — resmunga um palavrão baixinho e esfrega o rosto. Ele está pressionado, tenso e confuso e nunca imaginei que um dia eu o faria se sentir assim. — Eu sei que deveria, quer dizer, eu sei que não deveria ter te beijado, mas eu não me arrependo.

— Ah... — Aperto os lábios e me concentro nele, na sua dificuldade em falar, na forma como parece lutar contra algo que o impede de estar aqui comigo. Busco por baixo do corpo atlético, magro e alto, o garoto que me deixou na chuva depois de roubar meu coração, o dono das minhas palavras, o guardião das minhas promessas. Mas não consigo encontrá-lo, Thales vem fazendo um bom trabalho em se esconder.

— Eu peço desculpas por ter te deixado aquele dia, eu não queria, quer dizer. — Esfrega a nuca e resmunga em frustração. — Eu não queria ter te deixado.

— Então por que me deixou?

— Porque eu gosto de você, de verdade.

Sinto como se uma onda elétrica atingisse meu corpo e suas palavras ecoam em meus ouvidos até chegarem ao meu coração.

Eu gosto de você...

— Eu não entendo por que você fez isso.

Eu gosto de você...

— Porque foi preciso.

— Por que isso agora? Por que você decidiu que tem que se afastar de mim e agora veio aqui me assombrar como a droga de um fantasma?

Thales se afasta da parede e vem até mim até estar tão perto, que posso notar a agitação em seu corpo.

— Porque eu sinto a sua falta, muito mais do que eu imaginei que poderia suportar. Porque eu não aguento mais ver você e o Duda conversando e não saber o porquê você está rindo. Porque eu sinto falta de ouvir você ler seus livros para mim e me ajudar com a matéria, mesmo que eu não dê a mínima para isso. Porque eu sinto falta de estar com você.

— E você precisou de oito meses para perceber isso?

— Eu precisei de apenas oito segundos, no instante em que virei a esquina naquele dia eu já estava arrependido.

Ele se aproxima apoiando sua testa na minha, ergo minha mão e toco seu peito e sinto-o retesar com o meu toque, como se fosse doloroso senti-lo. Mesmo assim não me afasto, ao invés disso, espalmo minha mão sobre sua camiseta; e, diferente de quando toquei o Duda, agora me sinto viva, acesa, de um jeito que me faz querer tocá-lo mais e mais.

— Então por que não voltou? Por que me deixou sozinha depois de me beijar? — pergunto encarando o desenho na camiseta.

— Porque eu não quero te machucar.

— Você já me machucou, é o que você vem fazendo nos últimos meses.

— Ergo os olhos e observo seu rosto e como senti saudades de admirar suas sardas, os risquinhos esverdeados da sua íris, a cicatriz embaixo da sobancelha, Thales... o meu amigo.

— Eu só estava tentando te proteger — sussurra como uma confissão.

— Não precisava, eu sou forte. — Meus dedos se fecham em torno do tecido, como se assim eu pudesse segurá-lo junto a mim.

— Ninguém é forte quando o mal o domina, Ayla, ninguém.

Thales apoia sua bochecha na minha, estamos tão perto, posso sentir seu coração sob meus dedos e o calor da sua bochecha na minha. Mas ele, o meu melhor amigo, o garoto por quem me apaixonei, não sei onde está e isso me desespera.

— Se você suporta, eu suporto.

Thales estremece com minhas palavras, como se elas o machucassem e, então, se afasta, com as mãos em punho ao lado do corpo, a cabeça balançando em negação.

— Não diga isso, nunca mais, não diga isso, não... não, você não suportaria... não... eu nunca vou permitir... nunca... — Ele anda de um lado para o outro, as mãos nos cabelos, puxando-os em agonia.

— Thales! Ei, olhe para mim. — Seguro seu rosto enquanto o chamo.

— Eu sinto tanto, Ayla.

— Tudo bem, já passou.

— Não, não passou, nunca vai passar. Enquanto eu viver, nunca vai passar.

— Eu não ligo, já disse, não me importo, não tenho medo, só preciso que você confie em mim. — Olho dentro dos seus olhos implorando para que ele acredite em minhas palavras.

— Eu não queria te meter nas minhas merdas e ultimamente são tantas que eu nem sei como lidar com elas, eu queria não ter uma vida de bosta, queria que pudéssemos ser apenas Thales e Ayla, como quando éramos crianças. Queria me sentir seguro como me sentia naquela época, mas agora tudo mudou e sei que não deveria estar aqui, o melhor seria se eu nunca mais falasse com você...

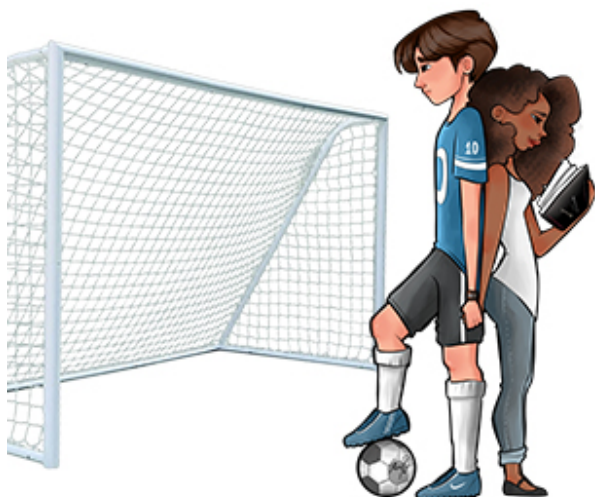
Antes que continue falando envolvo meus braços em torno de sua cintura e o abraço com força, ele estremece, mas não me afasta, apenas aceita enquanto respira com dificuldade.

— Hoje, quando te vi com o Duda, senti tanta saudade.

Será que ele viu quando o Duda me beijou? Será que ele viu quando me afastei com tanta força que até cai? Por que diabos ele precisa se afastar de mim? São tantas perguntas, mas não consigo fazer com que nenhuma delas saiam da minha boca, ao invés disso eu inclino meu rosto para o seu peito e inalo seu cheiro de terra e Thales, fecho meus olhos e me concentro nas batidas do seu coração e fico em silêncio absorvendo esse momento.

— Você não precisa sentir saudades, eu ainda estou aqui — digo baixinho. — Eu sempre vou estar aqui. Sempre.

Thales respira fundo, com tanta força, que seu peito se expande e o som do seu coração acelerado parece ainda mais forte e alto, e então, como se finalmente compreendesse minhas palavras, ele me abraça e sinto como se tudo voltasse ao normal.



18

Thales

Eu não quero soltá-la, sei que deveria, mas não consigo, não posso e isso me assusta tanto que sinto que vou sufocar.

Enfio meu nariz nos seus cachos, inalo seu cheiro e sinto meu peito se acalmar, estou em casa, segurando essa garota em meus braços, sentindo o seu coração batendo contra o meu, sabendo que não tenho direito nenhum de estar aqui.

Depois de longos e infernais oito meses, eu estou de volta ao único lugar onde me sinto em paz; por mais que eu saiba que toda a minha coragem está camuflada pela escuridão da noite e do ciúme que senti ao vê-la conversando com Duda, eu não me importo. Decidi que hoje vou me permitir sentir, vou baixar minha guarda e vou deixar Ayla entrar, só por hoje, eu preciso disso.

Minha vida nunca foi uma maravilha, ao menos desde que minha mãe escolheu colocar aquele homem na nossa casa, mas os últimos oito meses foram horríveis. Por pouco não dei um basta em tudo e por muito menos não cometi um crime e silencieiei a porra daquele coração maldito, mas fui forte, mais do que imaginei que poderia ser e, durante todos os dias em que eu a vi e não pude falar com ela, por mais que eu quisesse, e agora depois de ouvir toda a mágoa em suas palavras, por achar que eu a afastei, só eu sei a força que tive que ter para protegê-la da maldade e inveja, da sujeira e tudo o que de pior pode existir no mundo.

Eu a protegi e o preço que paguei para isso foi alto, mais alto do que achei que poderia suportar. Não sou mais o Thales que ela acha que sou, não

vejo mais a beleza no mundo. Não tenho mais sonhos, apenas objetivos e, embora possa parecer que sejam a mesma coisa, hoje eu sei que sonhos são desejos da alma que nos fazem sorrir enquanto objetivos são metas estipuladas para que tenhamos um motivo para lutar.

Hoje não sonho mais, hoje eu apenas luto.

Com todas as minhas forças, com todo o meu coração, não por mim, por Ayla e por Tati, alguém que não pode se defender e que, mesmo que não pareça, só tem a mim nessa merda de mundo.

Sinto meu corpo estremecer ao pensar nelas e, em um movimento impensado, aperto Ayla para mais perto de mim e beijo seus cabelos uma e outra vez. Ela enfia o nariz em meu peito e tenho vontade de parar o tempo para que possamos ficar assim para sempre.

— Senti falta de te abraçar — sussurra com o rosto ainda enterrado em meu peito.

Deus... parece tão certo estar assim com ela. Como isso é possível mesmo depois de tudo?

— Eu também — admito, baixinho quase inaudível, como se o mal estivesse aqui e pudesse ouvir minha confissão. Por hábito olho em volta. Mesmo sabendo que estamos sozinhos, olho para a janela só para ter certeza de que ela continua fechada e que continuamos seguros aqui dentro, apesar de saber que eu a conferi umas dez vezes antes dela entrar. O medo tenta me atingir e a aperto ainda mais, Ayla parece não se importar e agradeço silenciosamente.

— Não faz mais isso — pede com o rosto ainda pressionado em meu peito. Sei que está ouvindo o meu coração acelerado e não me importo porque também consigo sentir a força com que o seu está batendo. Mesmo que eu saiba que seja por motivos diferentes.

— Me desculpe. — É tudo o que consigo dizer porque não posso prometer nada a essa garota. Todas as minhas promessas já foram dadas a alguém que não as merece, tudo o que tenho e o que sou foi arrancado de mim e hoje só me resta a dor da culpa e da saudade que sinto dela, mesmo que ainda estejamos abraçados.

É tudo minha culpa.

Se eu tivesse sido mais forte, mais corajoso...

Ayla parece sentir minha agitação e se afasta, sinto falta do seu toque e seguro suas mãos para garantir a mim mesmo que ela não fuja, ela sorri enquanto seca o rosto e quero morrer por fazê-la chorar.

— Como vão suas notas? — pergunta enquanto olha para nossas mãos entrelaçadas, fingindo que está tudo bem.

— Uma bosta.

— Thales... — chama minha atenção.

— Tudo bem, não ligo, ano que vem vou abandonar a escola. — Ergo os ombros como se não fosse nada de mais, mas, no fundo, cada vez que penso na minha incapacidade de aprender algo, me sinto fraco e envergonhado.

— De jeito nenhum! Não vou permitir que você faça uma coisa dessas — eleva o tom de voz um pouco e olho para a porta lembrando-a de que é muito tarde e, provavelmente, somos as únicas pessoas acordadas nessa casa.

— Você não pode me impedir.

— Ainda podemos tentar. — Ela espalma uma mão em meu peito e meus olhos caem sobre elas. Um ato que sempre me deixa nervoso, mas que hoje acalenta meu coração. — Se você quiser, eu...

— Não, Ayla, está decidido — interrompo-a e vejo seu rosto se entristecer e sua mão cair ao lado do seu corpo.

Me toque, Ayla, por favor, me toque...

— Por que você está fazendo isso?

— Porque é o melhor. — Estico minha mão e seguro uma mecha rebelde dos seus cachos enrolando-o em meu dedo e me distraíndo dos seus olhos cheios de piedade.

— Para quem? Porque com toda a certeza do mundo não será para você.

Ergo os ombros mais uma vez e ela bufa.

— Qual será a próxima coisa que você vai abandonar? — pergunta com a voz cheia de ira. — O futebol? Sua família?

Ah, se você soubesse...

— Eu não tenho família. — Solto seu cabelo, sua mão e me afasto sentindo a raiva começar a ferver dentro de mim. Ela não sabe do que está falando, se soubesse com certeza não estaríamos tendo essa conversa agora, ela provavelmente sequer estaria falando comigo aqui no seu quarto.

— Como assim? E sua mãe? Sua irmã?

Os olhos doces e inocentes de Tatiana surgem em minha cabeça, o medo que sinto cada vez que saio de casa e a deixo sozinha me faz sufocar e quero fazer com que Ayla pare de falar. Ela não sabe de porra nenhuma, escola não é nada diante de todas as merdas que tenho vivido.

— Eu não quero falar sobre isso. — Esfrego o rosto sentindo o calor subir por minhas bochechas enquanto tento não gritar com ela. — Dá pra parar de falar sobre família e escola?

Caminho de um lado para o outro tentando me acalmar. Ayla puxa minhas mãos, estou tremendo, agitado e com tanta raiva, que não consigo sequer me controlar. Ela pousa uma mão em meu rosto me fazendo parar de andar.

— Tudo bem, não vamos falar sobre isso agora. — Volta a segurar minha mão. — Vem cá, vamos nos sentar, conversar um pouco, estou com saudades de você.

Ayla me puxa para a cama e me deixa levar, olho para o lugar onde passamos tantos momentos juntos, mas hoje não sou mais o garotinho que deitava ao lado dela e ficava inventando histórias de terror; nem mesmo o moleque tranquilo e calado, que adorava dormir ouvindo o som da sua voz enquanto ela lia um dos seus livros para mim. Hoje eu sou o pecado e, enquanto observo ela se sentar dando espaço para que eu possa ficar ao seu lado, eu penso em todas as coisas que se faz em uma cama. Quando a luz alaranjada do abajur ilumina seu corpo fazendo com que se pareça com algo sobrenatural, eu me atento às suas pernas, ao seu short pequeno que sobe quando ela as cruza, a camiseta branca velha puída, a luz me permite ver que ela está sem...

— Eu não posso fazer isso. — Puxo minha mão com força me afastando dela, imagens sujas invadem minha mente e não quero pensar nisso. Vou até a janela e me apoio nela apertando a parede com força, como se pudesse movê-la de lugar com a força da minha raiva. — Eu não deveria ter vindo aqui. — Fecho meus olhos e aperto-os com força, tentando me impedir de pensar, de sentir, de lembrar...

— Thales — sussurra meu nome enquanto se aproxima colocando-se entre mim e a parede.

Deus, ela parece tão delicada, tão pequena.

— Não, por favor, não — repito em uma súplica enquanto ela tenta me acalmar.

Mas meu corpo parece ter vontade própria e ele se agita com a proximidade de Ayla, algo que me deixa confuso, envergonhado... não era para acontecer.

Não consigo entender mais nada.

— Thales, olhe para mim. Sou eu, sua amiga, olhe para mim.

Faça parar, Ayla. Por favor, faça todas essas coisas ruins pararem de me atormentar.

— Eu não posso mais fazer isso. — Aperto ainda mais os meus olhos, não quero olhar para ela, não quero olhar para seu corpo, não quero sentir...

— Tudo bem, tudo bem. — Ela segura meu rosto com suas mãos delicadas enquanto continua sussurrando para mim que vai ficar tudo bem. Me concentro no calor dos seus dedos em minha pele, na delicadeza do seu toque e de como é diferente do peso da mão que tocou meu rosto da última vez, tento não pensar, não quero pensar, não posso fazer isso aqui.

Ayla puxa meu rosto para o seu ombro e me deixa levar, ela acaricia minha nuca lentamente enquanto diz que está aqui e que sempre estará.

— Meu Deus, Thales, o que fizeram com você? — sussurra em meus cabelos, mas sabe que não terá uma resposta para isso. Eu morreria antes de contar a ela as coisas que me tornaram o que sou hoje. Porra, eu morreria se precisasse ver o seu olhar para mim se soubesse...

— Me desculpe — digo agarrando a barra da sua camiseta em meus punhos e puxando-a para mais perto de mim com tanta força, que sinto o tecido se rasgar. — Me desculpe, mas eu não posso.

— Tudo bem. Tudo bem... — Ela beija meus cabelos e apoia a bochecha na minha. Estamos tão perto um do outro, que posso sentir o calor do seu hálito enquanto ela continua me dizendo que está tudo bem.

Ficamos um longo tempo assim, com sua mão em minha nuca me sustentando e me acalmando, minhas mãos em sua camiseta, como se ela fosse o que me mantém em pé e o som da sua voz preenchendo meu corpo e me ajudando a ficar calmo.

Sinto meu coração voltar ao normal lentamente enquanto as imagens das quais não consigo fugir dão lugar a ela, apenas ela.

— Ayla — sussurro seu nome em seu pescoço quando finalmente me acalmo.

— Hum... — diz baixinho e o som soa quase como um gemido.

— Você poderia ler para mim?

Sinto a risada se formar em sua garganta e, quando ela me empurra para poder olhar em meus olhos, tenho a doce ilusão de que tudo pode ser diferente, que eu ainda posso ser o garotinho que gosta de inventar histórias ruins, ou o moleque que adormece ao som da sua voz. Eu posso até ser o garoto que acaba de descobrir o primeiro amor e que ainda não conseguiu esquecer o beijo que deu na sua garota, porque foi o primeiro e que, mesmo

que tenha sido uma merda, foi o melhor beijo de toda a sua vida. Sempre será.

Ayla se afasta indo até a prateleira e pegando o livro que eu estava mexendo agora há pouco. Ela volta para mim segurando-o em seus braços como se fosse um tesouro precioso, eu amo a forma como é apaixonada por histórias. Como ela sorri e chora, se surpreende e passa dias falando sobre pessoas que sequer existem e, nesse momento, sinto ciúmes de seus livros, pois eles podem dar a ela muito mais do que eu jamais poderei dar.

— Senta aqui. — Ela bate no chão ao seu lado e faço o que pede me sentando no piso frio e apoiando a cabeça na parede enquanto sinto a familiar sensação de ouvi-la folhear as páginas e limpar a garganta antes de começar a ler.

— Um dia, eu serei um homem muito rico e comprarei todos os livros do mundo para você. — Olho para a minha amiga e o brilho nos seus olhos é algo que dinheiro nenhum no mundo paga. E nesse instante, enquanto ela revira os olhos sem acreditar no que estou dizendo, eu guardo esse momento em meu coração.

— Eu não quero livros se não tiver você para poder ler eles.

— Mesmo assim, eu o farei.

Ela respira fundo e vira uma página ignorando a verdade de que não estarei aqui para que leia para mim.

— Seu bobo, fica quieto senão não leio.

Ela se ajeita e vira a folha parando no início de tudo.

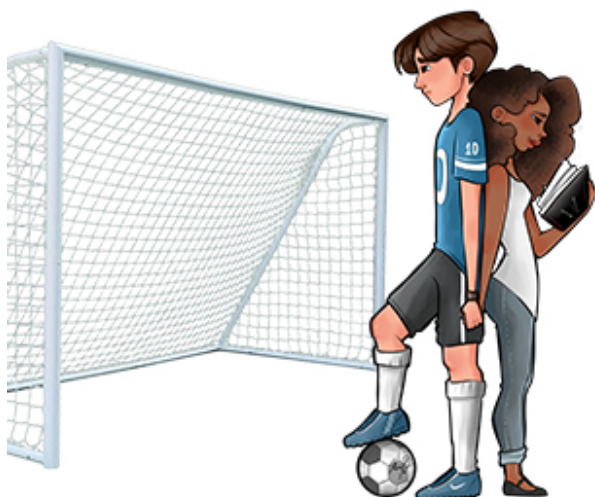
“A cabeça da garota estava apoiada em uma pequena pilha de folhas de tom marrom-alaranjado. Os olhos amendoados estavam fixos na copa de figueiras, faias e carvalhos, mas não enxergavam os raios de luz que tentavam atravessar os galhos, salpicando o chão do bosque de dourado...”⁴

Fecho meus olhos e me concentro em sua voz, percebo nesse momento que ela sempre foi meu bote salva-vidas, minha conexão com o mundo, minha paz. Enquanto ouço o som das páginas sendo viradas sinto sua mão se aproximar da minha, seus dedos se entrelaçarem aos meus e seu polegar fazer longos e preguiçosos círculos na minha mão.

O tempo passa e ela continua lendo, já não consigo mais saber o que está acontecendo e não tem problema. Amanhã ela vai me contar tudo enquanto vamos à escola juntos como dois adolescentes normais, ela vai me xingar por ter adormecido mais uma vez e vai jurar que nunca mais vai ler

para mim. Eu vou sorrir, talvez seja o único sorriso do dia, mas será, com certeza, o mais feliz do mundo.

Ao menos é assim que eu quero acreditar que será.



19

Thales

Seus olhos negros como a noite me observam. Quero desviar o rosto, mas não posso. Prometi ficar quieto, não dizer nada a ninguém, afinal de contas quem acreditaria em mim?

Ele ri e tenho calafrios ao ouvir o som da sua risada. É como o som da morte, que, em noites como essa, vem me visitar, me torturar, me matar um pouco mais.

Sua mão grossa e áspera puxa minha cabeça com força. Quero morrer, imploro mentalmente para que isso aconteça, mas nesse momento tudo o que vejo são seus olhos me consumindo enquanto se diverte com a minha desgraça.

— Fica quietinho, garoto, e tudo vai ficar bem. — Sua voz grossa e maligna invade meus ouvidos e estremeço quando ouço o som das suas calças sendo abertas. A gargalhada que sai da sua garganta é tão alta, que tenho a sensação de que qualquer um pode ouvir a sujeira que está acontecendo, então todos saberão, inclusive ela.

Ele se aproxima colocando a mão em meu ombro e me afasto, não... Por favor, não, já chega! Eu quero implorar, gritar, chorar...

Acordo sobressaltado, há uma mão em minha nuca, segurando-me com força. Empurro-a e me afasto. Não consigo respirar, não consigo pensar, me levanto sem saber onde estou, ainda está escuro e estou confuso, olho em volta e vejo a cama de Ayla, o abajur ligado, olho para o chão e a encontro adormecida, o braço que estava em volta de mim está caído para o lado, há

travesseiros e um cobertor que ela usou para nos cobrir enquanto dormíamos.

Inclino-me e apoio as mãos nas coxas puxando o ar para dentro dos meus pulmões, preciso me acalmar, mas não quero fechar os olhos. O pesadelo ainda está vivo em minha memória e não quero voltar para ele, então observo-a dormir. A curva do seu quadril se eleva sob o cobertor, ela respira suavemente, como só quem tem um sono livre de fantasmas pode fazer.

Ajoelho-me à sua frente e puxo o cobertor para cobri-la, seus braços estão gelados, ela se encolhe quando o cobertor encosta em seu pescoço e estica um braço. *Será que está procurando por mim? Será que mesmo dormindo ela ainda pensa em mim?*

Balanço a cabeça me afastando dela e me sentando na ponta da sua cama. Preciso ir embora daqui, não posso correr o risco do seu pai acordar e nos ver assim, ele vai pensar coisas e não quero que se decepcione comigo. Não vou suportar se Milton achar que sou um filho da puta. Eu posso ser qualquer coisa, mas jamais faria algo com Ayla. Jamais!

Levanto e arrumo a sua cama, coloco os travesseiros de volta no lugar, pego o livro e marco a página que ela parou, não consigo me impedir de pensar se algum dia ela voltará a lê-lo para mim, daqui a duas semanas tenho um teste e se, em nome de Deus, eu passar, provavelmente não voltarei mais para a minha casa, e provavelmente para a minha amiga.

Abaixo-me e retiro o cobertor de cima dela, sua camiseta está levantada e posso ver uma faixa de pele escura exposta, sempre amei sua cor, a forma como sua mão se destaca quando está sobre a minha.

Preto e branco.

Garoto e garota.

O correto, como deveria ser.

Puxo a camiseta para o lugar com cuidado. Passo um braço embaixo da sua nuca e outro em suas pernas e preciso de toda a minha força para conseguir erguê-la, mas quando ela está aninhada em meu colo, me sinto forte e poderoso, capaz de protegê-la de qualquer coisa, assim como venho fazendo.

Caminho a curta distância até sua cama maravilhado em como ela parece perfeita em meus braços e, quando a abaixo para deitá-la, seus braços se prendem ao meu pescoço me surpreendendo.

— Você estava acordada o tempo todo? — sussurro e ela sorri ainda de olhos fechados.

— Quase amputaram meu braço agora há pouco.

— Desculpa. Não fiz por mal.

Ayla me puxa para junto de si e me ajoelho no colchão para não a machucar. Me inclino sobre ela apoiando minha testa na sua, seus dedos voltam a brincar com meus cabelos e sinto um arrepio bom quando suas unhas passam levemente por minha nuca.

Eu não entendo por que é tão bom quando ela me toca, mas estou cansado de pensar. Então me permito sentir, não me lembro a última vez que foi tão bom ser tocado assim, talvez nunca tenha sido, talvez toque para mim sempre esteja ligado a algo ruim, feio, doloroso.

— Você está tremendo... — diz ainda de olhos fechados e fecho os meus me concentrando em seu toque. — Pesadelo?

— Uhum — me limito a dizer.

— Odeio que você não me deixa te ajudar.

— Você não tem ideia do quanto está me ajudando — admito quando abro meus olhos e vejo que está olhando para mim. Seus olhos caem até meus lábios e preciso umedecer os meus que, de repente, ficam secos e trêmulos.

— Acho que esse livro vai ser bem legal — tento mudar o foco dos meus pensamentos em seus lábios.

— Seu filho da mãe, você dormiu na segunda página! — ela diz e sorrio erguendo o ombro.

— Por isso mesmo, só quando o livro é muito bom que consigo essa façanha.

Ayla espalma sua mão em minha nuca e meu coração dispara em antecipação. Sei o que ela quer, é o mesmo que eu desejo desde o dia que a beijei naquela construção abandonada.

— Thales... — ela me chama, um pedido embutido em meu nome que desejo realizar, mas que tenho medo. — Por favor... — implora e me inclino sobre seu corpo aproximando nossos rostos, tocando o seu nariz com o meu, sentindo o seu hálito quando minha boca toca a sua e, antes que eu possa me arrepender de algo, eu a beijo, com todo o desejo do meu coração e do meu corpo.

Ela me puxa para cima de si e preciso me segurar para não esmagá-la enquanto meus lábios se fundem aos seus, minha língua percorre o interior

da sua boca em busca de mais. O beijo é esquisito, meio atrapalhado e afoito, mas é apenas meu segundo beijo e tenho certeza de que Ayla também não beijou ninguém, eu saberia se ela tivesse beijado.

Antes que as coisas possam se tornar mais profundas do que apenas um beijo, eu me afasto e me sento apoiando minhas mãos em suas coxas. Estou ofegante e meu coração bate tão forte, que sinto que vou morrer, mas dessa vez é uma sensação boa. Eu quero ser tocado, quero beijá-la, fazer carinho nela, quero abraçá-la e dizer que gosto dela. Dessa vez é certo e bonito, é algo de que vou me lembrar para sempre.

— Me desculpe. — Passo a mão nos meus cabelos e desvio os olhos dos seus peitos, que sobem e descem com a força da sua respiração.

— Por que está sempre pedindo desculpas? — Ela se senta de frente para mim enquanto aguarda a minha resposta.

— Porque isso não deveria ter acontecido.

— Você não queria me beijar? — Ela parece magoada enquanto me observa por baixo dos cachos rebeldes que escondem seu rosto.

Sem saber como explicar, eu a seguro em minhas mãos e puxo seu rosto para mim, quando minha boca toca a sua. Dessa vez não sou afoito, nem bruto ou desesperado, eu a beijo lentamente, como se fosse o último beijo da minha vida, absorvo seu gosto, a textura da sua boca, o som que ela faz quando minha língua penetra no seu interior.

— Isso responde a sua pergunta? — indago quando o beijo termina, mas não consigo me afastar ainda. Ayla move a cabeça para cima e para baixo e sorrio satisfeito.

— Não quero que peça desculpas para mim, nunca mais.

Ela passa a mão em minha cintura e me abraça por um instante, depois deixa um beijo em meu ombro e se afasta voltando a se deitar na cama.

— Agora vamos dormir, estou com sono.

Observo-a me olhar por um instante, sei que deveria ir embora, que isso só vai piorar tudo, mas quando ela me estende a mão tudo o que posso fazer é aceitá-la e me deitar ao seu lado. Ficamos um de frente para o outro, uma distância segura separa nossos corpos e volto a cobri-la com o cobertor, protegendo seu corpo do frio e de mim. Ayla estica a mão e segura a minha, com seus dedos entrelaçados aos meus.

O certo e o errado.

O limpo e o sujo.

O belo e o feio.

— Dorme, Thales — diz de olhos fechados e a voz pesada de sono.

— Eu já vou — minto porque a última coisa que quero nessa vida é fechar os olhos e deixar que as sombras voltem a dominar a minha mente.

— Estou feliz que você voltou — sussurra, mas tenho quase certeza de que não está mais acordada.

— Eu não voltei, Ayla — admito, só para sentir meu coração doer com a verdade e me preparar para o fim.



Aguardo até que seu sono esteja pesado novamente. Ela parece cansada e tê-la mantido acordada por quase a noite inteira sugou todas as suas energias, acaricio o contorno do seu rosto com a ponta dos dedos. Ela é linda e nem se importa com isso, sempre com suas camisetas largas e rabos de cavalo.

Dou um beijo leve e rápido na sua boca, no seu nariz, nos seus olhos, volto a admirar seu sono por um instante e me levanto devagar, tentando fazer o mínimo de barulho possível. Olho para o relógio e me surpreendo quando vejo que são quase cinco e meia e logo seu pai estará de pé para acordar os gêmeos. Abro a janela e pulo para o quintal suavemente, saio de sua casa e, assim que coloco os pés na rua sinto como se tivesse saído da bolha que me protegia do mundo. Agora sou apenas eu novamente, o garoto sujo que precisa aprender uma forma de se defender.

Obrigo meus pés a me arrastarem para a minha casa. Embora a ideia de ir para outro lugar seja tentadora, preciso tomar um banho e comer alguma coisa, estou faminto e exausto.

Entro em casa e abro os armários em busca de algo que eu possa comer, pego o pacote de pão de forma e manteiga, é o que tem e para mim está ótimo. Estou comendo a segunda fatia quando todos os pelos do meu corpo se arrepiam ao ouvir o barulho da porta do quarto da minha irmã se abrir.

Por favor, Deus... não!

Largo o pão na mesa e corro até lá, encontro Sandro fechando a porta e não consigo pensar direito, eu só quero matar esse homem.

— O que diabos você está fazendo no quarto dela? — As palavras quase não saem da minha boca tamanha a minha fúria. Meus dedos estão

doendo com a força com que fecho meus punhos e minha respiração sai em lufadas pesadas.

— E aí, moleque, estava comendo a vizinha? — Olha em direção à casa de Ayla e não consigo me controlar. Em um instante, sua cabeça bate com força na parede enquanto meus dedos se fecham na gola da sua camiseta.

— Não olhe para lá, nunca olhe para lá. — Estou furioso, minha visão está escura e sinto um zumbido estranho em meus ouvidos, mas ele não se abala, ao contrário, seus olhos negros me encaram de um jeito que faz minhas forças estremecerem.

— Nada como uma boa trepada pra fazer um frangote virar macho, não é mesmo? Fez como te ensinei? Com força?

Afasto-o da parede só para poder empurrá-lo mais uma vez, sinto os tijolos vibrarem com a força com que o empurro. Odeio esse homem, odeio a forma como consegue fazer a minha vida ser a coisa mais desprezível desse mundo, mas, acima de tudo isso, odeio como consegue me controlar com seu olhar.

— Não brinca comigo, eu vou matar você. — Bato mais uma vez a sua cabeça na parede e ele estremece um pouco, mas o sorriso maligno se espalha por seu rosto.

— Calma, garoto, não quero nada com a sua putinha — sussurra mantendo seus olhos fixos nos meus. — Você sabe o que preciso para ficar longe dela.

Sinto o pão remexer em meu estômago e solto sua roupa me afastando até estar do outro lado do corredor, Sandro se afasta da parede ajustando a sua camiseta e vindo até mim, preciso me esforçar para não me encolher, mas tudo o que quero é ficar invisível quando ele se aproxima e segura meu braço com força.

— Nunca mais na sua vida me toque — fala bem devagar. — Só quando eu mandar. Ouviu, Thales?

Encaro o piso rachado no canto enquanto suas palavras envenenadas penetram em meus ossos. Não posso fazer nada além de odiá-lo até sufocar e, mesmo assim, isso não muda o que ele é e muito menos o que faz.

— Está me entendendo, rapaz? — Ergue meu braço puxando-me com tanta força, que preciso respirar fundo para suportar a dor.

— Fique longe delas, eu já disse — falo a mesma frase que falei para ele na primeira vez que me ameaçou pouco mais de um ano atrás. E

exatamente como na primeira vez, ele ri das minhas palavras como se não valessem nada.

— O que está acontecendo aqui? — Minha mãe aparece na nossa frente usando uma camisola minúscula que deixa muito mais do que eu preciso ver, à mostra. Desvio os olhos para o chão enojado demais para encará-la.

— Eu vim desligar a luz do quarto da Tati, que estava acesa até agora, e ele me atacou. — O desgraçado aponta para a camiseta com a gola rasgada.

— Como é?! — minha mãe pergunta horrorizada.

— É mentira dele, mãe, eu...

— Esse moleque tá chapado, deve ter passado a noite fumando maconha ou Deus sabe lá o quê. — Solta meu braço com força enquanto me acusa para a minha mãe.

— O quê?! — digo chocado com a sua capacidade de mentir.

— Eu já fui moleque, Thales. Não adianta mentir, olha para a sua cara de chapado, eu sei reconhecer um usuário a quilômetros de distância, mas no que depender de mim, você não vai cair nessa.

— Seu filho da puta, você... — começo a gritar, mas sou silenciado com um tapa tão forte, que sou jogado no chão.

Minha mãe grita e coloca as duas mãos na boca enquanto permite que seu macho escroto me machuque mais uma vez. Já não consigo mais olhar para ela, infelizmente a cada dia que passa eu a odeio mais, e nesse momento eu a odeio tanto que tenho certeza de que vou para o inferno quando finalmente morrer.

— Primeiro a escola, depois a sua falta de respeito e agora isso? — ela fala com tanta dor em suas palavras que, por um instante, eu quase me comovo. — Você ainda vai me matar de desgosto, Thales — diz dramaticamente.

Não, mãe, sou eu quem vou morrer, muito em breve... muito em breve.

— Como você pode acreditar nesse desgraçado e não em mim? — pergunto pela milésima vez na vida, mesmo sabendo que não adianta, estou falando em vão.

— Ele é o seu pai — responde em meio às lágrimas.

— Ele não é porra nenhuma minha! — esbravejo cego de ódio e não me importo com nada.

— Respeita sua mãe, seu marginal. — Ele desfere alguns tapas em mim, alguns atingem meu rosto, minha orelha, meu pescoço, ergo meu braço

pela primeira vez na vida. Não vou mais deixá-lo me bater, não vou mais suportar ser golpeado como um animal.

Consigo acertar um soco em Sandro antes dele me dar um chute em minhas costelas, que me faz perder o ar.

— Parem, parem com isso! — ela grita, mas não faz absolutamente nada para pará-lo e tenho a sensação de que gosta de toda essa cena.

Sandro se afasta, passa as mãos nos cabelos e me olha como se eu não passasse de um bandido.

— Não se preocupe, meu amor, eu estou aqui. — Ele segura seu rosto nas mãos e dá um beijo em sua boca. A bile sobe por minha garganta queimando-a e preciso me esforçar para não vomitar.

— A gente vai ter uma conversinha depois, moleque. Não pense que vai ficar por isso, eu já falei que na minha casa não aceito vagabundo viciado. Ou você toma jeito, ou dou um jeito em você.

Ele envolve seus braços nojentos em volta do ombro da minha mãe e a leva de volta para o seu quarto, observo os dois até que entram e fecham a porta. Meu rosto pulsa de dor enquanto ouço minha mãe chorar e lamentar o péssimo filho que estou me tornando.

Levanto-me e tento não me deixar abalar com as suas lágrimas, nem com o fato de que ela confia mais em um estranho do que no seu próprio filho. Já não me importo mais, tudo o que quero é manter Tatiana a salvo.

Abro a porta do seu quarto e entro, ela está adormecida. Vou até sua cama e observo-a em busca de alguma coisa que chame minha atenção, olho sua roupa e verifico se está tudo no lugar, afasto seus cabelos do rosto e observo sua boca, seu pescoço, suas mãos. Quando tenho certeza de que está bem, eu me permito desabar ao lado da sua cama, puxo meus joelhos e apoio minha cabeça neles e me concentro, com todas as forças do meu coração, para não chorar.

20

Ayla



Quando acordo, Thales não está mais do meu lado, ele se foi e tenho certeza de que sequer dormiu. Meu coração acelera ao me lembrar de que ele esteve aqui comigo, como nos velhos tempos. Quer dizer, não tanto assim.

Nas outras vezes, eu não senti como se fosse morrer se não o tocasse, nem que meu corpo inteiro se desmancharia quando ele me olhava. Nunca senti meu coração disparar ao ouvi-lo dormir e jamais imaginei coisas enquanto ele me beijava.

Ele nunca me beijava.

Meu coração ainda está acelerado e piora quando me lembro da forma como ele estava sobre mim, sua boca na minha. Meus pensamentos estão confusos e agitados. E depois, me recordo de como me senti em paz ao segurar a sua mão enquanto adormecia olhando para o seu rosto lindo.

Deus, foi apenas um beijo e me sinto como se tivesse entregado muito mais do que isso a ele.

Demoro um pouco para me levantar, tenho a sensação de que, quando eu passar por aquela porta, vou acordar e perceber que tudo o que aconteceu ontem foi um sonho. Me viro de lado abraçando o travesseiro em que ele deitou e tento sentir o seu cheiro. Fecho meus olhos e repasso o nosso beijo por tanto tempo, que só quando meu pai grita meu nome é que percebo que estou atrasada para a escola.

— Já vou! — grito enquanto enfio a camiseta pela cabeça, visto uma calça jeans e coloco meus tênis. Gostaria de poder me arrumar um pouco mais, passar um batom talvez ou sei lá, mas não tenho tempo e me obrigo a

pensar que ele ainda é o Thales, o meu melhor amigo que já me viu nas piores situações e, mesmo assim, ainda me beijou na noite passada.

— O que houve? — meu pai pergunta quando nota que estou passando manteiga no pão há mais de dois minutos.

— Nada — digo sem olhar para ele.

— A Ayla tá apaixonada... A Ayla tá apaixonada... — Guilherme começa a cantarolar e Marcos bate palma.

— Querem parar? — exijo tentando fazer cara feia, mas os gêmeos ignoram e continuam cantarolando.

— A Ayla gosta do Thales... A Ayla gosta do Thales.

— De onde vocês tiraram isso?

— Eu o ouvi no seu quarto ontem à noite — Marcos revela e sinto meu rosto esquentar.

— Vocês estão malucos! — Minha voz soa um pouco histérica demais quando tento fazê-los pararem de falar e dou graças a Deus por minha pele escura ou estaria vermelha como um pimentão.

Okay, talvez nesse momento nem mesmo a minha cor seja capaz de esconder meu embaraço... Droga! Os gêmeos ouviram tudo.

— Já chega, meninos, vão escovar os dentes que já estamos atrasados! — meu pai ordena enquanto se levanta retirando as coisas da mesa. Ele aguarda até que ouve os meninos brigarem no banheiro para ver quem escova os dentes primeiro e volta a se sentar na minha frente.

Ai. Meu. Deus.

— O senhor não está acreditando naqueles dois pestinhas, não é?

— Ayla, eu vi o Thales ir embora essa manhã. Eram cinco e quinze, para ser mais preciso. — Ele une as mãos em cima da mesa e, nesse momento, eu daria um rim para poder desaparecer.

— Não é o que o senhor está pensando — começo a falar e me complico com as palavras.

— Não é? Ótimo, mas não nasci ontem, Ayla. Eu sei bem o que um rapaz quer quando entra no quarto de uma garota na calada da noite.

Escondo meu rosto em minhas mãos enquanto meu pai descreve o que houve ontem entre mim e Thales, como algo sujo e errado.

— Talvez o senhor não saiba de tudo, pai — tento me defender, mas a forma como ele me olha me faz sentir do tamanho de uma ervilha.

— Ayla, eu gosto do Thales, gosto de verdade e você sabe disso. Mas você é minha filha e a sua segurança está em primeiro lugar para mim.

— Meu Deus, o senhor acha o quê? Que o Thales vai me matar? — Começo a ficar nervosa e a combinação constrangimento mais irritação é algo muito perigoso.

— Claro que não, só não quero que você se deixe levar pelos... — pigarreia e sinto o sangue sumir do meu rosto — hormônios.

Abro e fecho a boca algumas vezes e me levanto deixando meu café da manhã intacto sobre a mesa.

— Eu preciso ir, estou atrasada. — Pego minha mochila no chão ao meu lado enquanto meu pai me olha como se eu tivesse feito algo errado. — Só para o senhor saber, ontem eu dei o meu primeiro beijo. Então, se contar o fato de que demorei nove anos para beijar o garoto que eu gosto, acho que o senhor pode ficar tranquilo que não vou me deixar levar por hormônios. — Viro-me para sair da cozinha no exato instante em que os gêmeos entram como se fossem uma manada de búfalos selvagens e não apenas dois garotos.

— Pai, o Marcos bebeu enxaguante bucal — Guilherme dedura o irmão.

— Eu só queria deixar minha barriga limpinha — ele justifica e logo a gritaria começa.

— A gente ainda vai ter uma conversinha, mocinha. Eu, você e o Thales! — meu pai grita enquanto fecho a porta sem me preocupar em responder. Tudo o que eu não preciso é enfrentar uma rodada de “como os bebês são feitos com o meu pai”.

Fecho o portão com um pouco mais de força que o habitual e me assusto quando encontro Thales sentado ao lado dele.

— Deus do céu, você quer me matar? — Coloco minhas mãos sobre meu peito. Thales se levanta jogando a mochila nas costas e ignorando minha pergunta.

— Vamos! — Sua voz ainda parece um pouco sonolenta e um sorriso se desmancha em meus lábios quando segura minha mão e começamos a andar exatamente como sempre foi.

— Por aqui. — Ele me segura pelo cotovelo e viramos para o outro lado.

— Por que vamos dar a volta no quarteirão? — pergunto sem compreender por que ele parece tenso e estamos quase correndo.

— Não quero passar na frente da minha casa. — Ele olha para ela enquanto justifica e não falo mais nada. Sei, pela forma com que desvia o

olhar, que as coisas não devem ter terminado bem para ele.

— Você dormiu bem? — pergunta mudando de assunto enquanto solta meu braço e enfia as mãos nos bolsos da calça de moletom e olha para os seus pés.

— Sim, senti sua falta — admito e me sinto patética por expor assim meus sentimentos para ele. Me sinto estranha, como se minhas palavras dissessem muito mais do que deveriam e culpo o beijo por isso.

— Eu também — confessa, mas não me olha e isso faz com que eu sinta que há algo que tirou o encanto do nosso beijo.

— Você conseguiu dormir?

— Não... — Ele olha para um grupo de alunos que está na nossa frente, Thales parece ainda mais tenso e olha para todos os lados como se estivesse fugindo de algo. Ou de alguém.

Imito seus movimentos, encarando as pessoas como se fôssemos perseguidos da Justiça.

— Thales, você está be...

Ele me puxa para uma viela empurrando meu corpo até que sinto o choque da parede sobre minhas costas e, antes que eu possa pensar em algo, sua boca está sobre a minha, me beijando de um jeito intenso, confuso e sufocante. Enrosco minhas mãos na barra da sua camiseta puxando-o para mais perto de mim, já que minhas pernas parecem prestes a perder suas funções. Thales segura meu rosto em suas mãos e se afasta um pouco ofegante.

— Eu precisava fazer isso — diz e tudo o que consigo fazer é olhar para a sua língua passeando por seu lábio e para o pomo de adão que se move em seu pescoço bonito me deixando com vontade de beijá-lo bem ali.

— Aham... — É tudo o que sai da minha boca porque, de repente, me sinto uma assanhada e tudo o que consigo pensar é em como sua perna se encaixou entre as minhas e como ele parece... perto demais.

Ele percebe meu estado e sorri, meio de lado, torto, fazendo com que seus olhos brilhem. Eu amo seu sorriso, ele aquece meu coração e faz eu me sentir como se pudesse flutuar.

Thales olha para os lados mais uma vez antes de voltar a me beijar, dessa vez um beijo lento. Sinto como se ele precisasse me beijar o máximo possível, como se precisasse tocar cada cantinho da minha boca com sua língua e cada pedacinho de mim com suas mãos porque elas estão por todos os lados, subindo e descendo e me deixando zozona.

Estou tão feliz que tenho a sensação de que vou contar e descrever cada um dos beijos que me der para sempre, porque cada um deles é especial e único, como se fosse o último e o primeiro.

Sua boca se afasta da minha para descer por meu pescoço causando arrepios em minha coluna e me fazendo arfar. Sinto algo... duro em seu corpo e meu coração dispara com a velocidade com que tudo está acontecendo.

— Meu pai viu você saindo do meu quarto — digo porque preciso que ele pare de me beijar assim.

— Viu? — Ele se afasta passando a língua novamente sobre seus lábios, que agora estão rosados por causa dos nossos beijos.

— Uhum. Ele acha que nós...

Não termino de falar e, pela expressão de Thales, percebo que ele não compreendeu. Respiro fundo sem coragem de completar a frase, não enquanto ainda sinto seu... corpo agitado e minhas bochechas começam a esquentar.

— O quê? Ele falou isso? — Thales finalmente compreende e tenho a sensação de que vou explodir de vergonha.

— Ele falou algo sobre hormônios e... — Coloco as mãos no rosto incapaz de olhar para ele.

— Mas que merda! Eu tomei cuidado para não fazer barulho. — Ele se afasta de mim passando as mãos na nuca e olhando para os dois lados da rua novamente, como se estivéssemos sendo vistos. — E o que você disse?

— A verdade, que ontem eu dei o meu primeiro beijo.

Ele volta a olhar para mim e seu rosto se ilumina com a surpresa e o sorriso que surge em seus lábios é tão grande, que faz com que ele se pareça com o meu antigo Thales, aquele que, embora calado, sempre tinha um sorriso para mim.

— Não foi seu primeiro beijo — ele me provoca.

Meu Deus, por que estou me sentindo uma maria-mole hoje? Será que daqui para a frente sempre me sentirei assim na sua presença?

— Claro que foi.

— Como? E aquele dia?

— Não, é só que aquele foi... — Fecho os olhos quando as lembranças daquela tarde chuvosa me invadem e, quando sinto meu corpo agitado com o toque dos dedos de Thales em meu rosto, começo a compreender o que meu

pai quis dizer com harmônios. Tenho a sensação de que posso sentir cada um deles gritando dentro do meu corpo nesse momento.

— Foi... — sussurra em meu ouvido.

— Triste — falo rapidamente, de olhos fechados.

Thales se afasta e abro os olhos, ele está me olhando como se estivesse me vendo pela primeira vez na vida. Seus braços estão em volta de mim e seus lábios comprimidos como se ele estivesse se contendo.

— Triste? — repete e faço que sim com a cabeça.

— Sim, como se você estivesse... — respiro fundo com medo de afastá-lo com minhas palavras — tentando me punir.

Thales dá um salto para trás e toda a cor some do seu rosto fazendo com que eu me arrependa imediatamente do que disse.

— Eu nunca te puniria por nada.

— Eu sei, só...

— Nunca mais diga isso.

— Thales, ei, eu só quis dizer que o beijo de ontem foi mais... gostoso.

Thales parece não me ouvir mais. Caminha de um lado para o outro, as mãos cruzadas na nuca enquanto encara o chão sujo da viela onde estamos.

— Thales. — Puxo seu braço tentando trazê-lo de volta para mim e meu toque o faz se encolher e uma expressão de dor surgir em seu rosto.

— Te machuquei? — Passo a mão no lugar e até mesmo o meu toque o faz se encolher.

— Não, claro que não. — Ele puxa o braço de forma arisca e só então percebo que Thales está usando uma camiseta de manga longa, mesmo com o dia prometendo uma temperatura alta a essa hora da manhã.

— Thales...

— Ayla, por favor! — ele me implora, encaro o local onde minha mão está nesse momento e não digo mais nada. Ele desvia o olhar e sinto meu coração se apertar por saber que o machucaram. Volto a tocar seu braço, dessa vez ele não se encolhe, nem se afasta e faço um carinho desejando poder fazer o machucado sarar.

Thales olha para onde minha mão está, seu rosto está sério e sei que está guardando muita coisa para si, isso não é legal. Minha avó sempre me diz que precisamos desabafar, que ajuda a aliviar a dor e que dividir o fardo faz com que se torne mais suportável. Eu quero dividir o fardo com ele, só não sei como fazer isso.

— Ele te viu chegar, né? — sussurro sem olhar para seu rosto e, mesmo sem esperar nenhuma resposta, continuo: — Você sabe que sempre pode falar comigo, não sabe?

Ele assente enquanto encara minha mão, que sobe e desce por seu braço. Thales volta a se aproximar enroscando os dedos em meus cabelos de um jeito bruto e, quando sua boca se choca sobre a minha novamente, sei que nossa conversa acabou.

— Eu prefiro fazer outra coisa. Vem cá. — Ele me puxa pela nuca e me beija novamente. A cada beijo, ele se torna mais ousado, mais gostoso e mais longo e começo a ficar realmente preocupada com o quanto eu gosto de beijar o meu amigo.

Não sei quanto tempo passamos aqui, escondidos do mundo, fingindo que nada de ruim pode nos alcançar nessa viela suja e escondida, nos beijando, nos tocando, nos conhecendo, enquanto eu finjo que não sei que esse garoto que se parece com o meu Thales, que cheira como ele, que tem sua voz e seu sorriso, não é o Thales.

Ele é apenas uma carcaça e, nesse momento, está me usando como um subterfúgio para fugir da dor que o está destruindo, e estou tão apavorada em perdê-lo que eu deixo.

21

Ayla



— Você não pode bater no amiguinho, Guilherme — Meu pai tenta, pela milionésima vez, explicar que as coisas não podem ser resolvidas assim.

— Mas ele disse que eu não podia jogar no time dele — meu irmãozinho justifica cruzando os braços e preciso me conter para não rir, porque é muito bonitinho vê-lo bravo.

— Mas não se pode impor a nossa vontade. Se ele não queria, então você deveria encontrar outra coisa para fazer.

— Eu quero jogar futebol, o Thales disse que eu sou habilidoso, basta treinar.

Sinto meu estômago se revirar só de ouvir o nome dele, é ridículo já que passamos a manhã inteira juntos e já nos beijamos vinte e cinco vezes.

Sim, eu ainda estou contando. E descrevendo.

— Treina com seu irmão. — Meu pai aponta para Marcos, que está concentrado no jogo de luta no videogame.

— O Marcos é ruim — ele choraminga e não consigo mais conter o riso. — Pai, a Ayla tá rindo de mim. — Aponta para mim e meu pai me olha feio.

— Ayla, você não tinha uma louça pra lavar? — Meu pai ergue a sobancelha enquanto me levanto.

— Tudo bem, já estou indo.

Vou para a cozinha lavar a louça enquanto meu pai tem uma conversa de homem para homem com os meninos. Sua voz é gentil, mesmo quando ele fica nervoso com as justificativas de Guilherme para bater nos meninos.

Ele é um bom pai e tem feito um trabalho incrível conosco, me sinto amada e acolhida no nosso lar e isso é muito mais do que Thales tem.

Meu peito dói ao me lembrar da forma como ele estremeceu quando apertei seu braço. Conforme imaginei, fez um dia ensolarado e Thales sequer ergueu as mangas da sua camiseta. Na saída, ele já estava suando tanto que seus cabelos estavam úmidos, mesmo assim manteve as mangas no lugar. Como se pudesse esconder a realidade de mim.

Estou perdida em pensamentos quando ouço a campainha tocar, viro para encontrar meu pai me olhando como se já soubesse quem está na porta. Ele vai até ela abrindo-a e deixando Thales entrar. Seco minhas mãos e vou até a sala quando ouço a sua voz. Quando ele me vê, o sorriso surge em seus lábios e tenho a sensação de que todo mundo sabe que ficamos nos agarrando na viela hoje cedo.

Desvio o olhar e tento me recompor, mas meu coração está prestes a saltar do peito e Thales parece mais lindo do que nunca, seus cabelos estão molhados e posso sentir o cheiro do seu sabonete. Está usando uma bermuda e um moletom e, embora esteja escurecendo lá fora, ainda está calor, o que me faz pensar no tamanho do machucado que está escondendo.

— Boa noite, Thales, obrigado por ter vindo — meu pai diz de um jeito formal demais e olho para Thales, que desvia o olhar como se estivesse escondendo algo de mim, e eu sei que está.

— Sem problemas, senhor — meu amigo fala com tranquilidade.

Olho para o meu pai e abaixo a cabeça encarando meus pés descalços. Estou nervosa e isso é o suficiente para que eu compreenda que aquela conversa sobre bebês será pior do que eu imaginava.

— Meninos, vão para o quarto — meu pai pede desligando o videogame, para desespero de Marcos.

— A Ayla e o Thales vão ficar de castigo, pai? — Guilherme pergunta com um sorriso triunfante.

— Claro que não, moleque! — Olho feio para ele, que me mostra a língua.

— Guilherme, já para o quarto! — meu pai exige e os dois saem de cabeça baixa. Às vezes, eles são tão parecidos que me deixa transtornada.

Meu pai aguarda até que a porta seja fechada e, então, olha para mim e para Thales e, por um instante, me sinto na sala do diretor da escola.

— Podem se sentar. — Meu pai aponta para o sofá e me sento ao lado de Thales, que parece tranquilo demais para o meu gosto.

Meu pai se senta na poltrona à nossa frente e apoia os cotovelos nas pernas dando um ar dramático à conversa que nem começou, mas já tenho ideia do que seja.

Ai. Meu. Deus.

— Bom, eu pedi para você vir aqui hoje porque eu me sinto no dever de ter essa conversa com vocês.

— Pai, vê lá o que o senhor vai falar — choramingo e me inclino para a frente imitando sua postura e escondendo o rosto em minhas mãos. Sinto Thales se mover até que seu ombro esteja emparelhado ao meu.

— Milton, eu quero pedir desculpas por ter saído do quarto da Ayla essa manhã da forma como o senhor viu. Não foi minha intenção passar a ideia de que estávamos fazendo algo errado além de ouvir sua filha ler para mim, mas eu quero que o senhor saiba que eu jamais a desrespeitaria.

Por favor, Ayla, não pense no beco... Não pense no beco.

— Eu fico feliz em saber, garoto, mas sei que um dia o seu corpo vai falar mais alto que a sua promessa.

— Pai... — o repreendo enquanto sinto que posso morrer a qualquer instante de vergonha.

— Minhas promessas são tudo o que tenho, senhor, eu jamais as desfaço. — Thales mantém a voz firme e me orgulho em saber que ele não se deixa assustar com a cara amarrada do meu pai.

— Eu sei e fico muito feliz em ver o homem que você está se tornando, mas eu sou pai e meu dever é esse. Preciso falar com vocês para garantir que nada de errado aconteça.

Thales olha para mim por um instante, com o queixo apoiado nas mãos, o cheiro de sabonete me acolhendo como um abraço. Sinto um leve toque do seu ombro no meu antes dele sorrir para mim.

— Desde quando você vem se esgueirando pela janela do quarto da minha filha?

— O quê? — resmungo.

— Desde quando tínhamos uns... — Thales me olha novamente e percebo que ele não tem a menor intenção de mentir para o meu pai... Okay, lá vamos nós. — Acho que nove anos, senhor.

— Nove?! — meu pai repete chocado encarando-me completamente horrorizado.

— Pai, não é nada disso, a gente só ficava lendo.

— Lendo?

— Sim, senhor, às vezes conversávamos até adormecer.

— Adormecer?

— Thales, você não está ajudando! — o repreendo.

— O quê? Não estávamos fazendo nada de mais. — Ele ergue os ombros, indignado, e baixo meu rosto nas mãos.

Senhor, me leve agora, por favor!

— Vocês estão dormindo juntos desde os nove anos?

— Pai!

— Não foi isso que eu disse. — Thales se estica ao meu lado parecendo ofendido.

— O que diabos está acontecendo aqui? Você está passando as noites no quarto da minha filha por todos esses anos?

Meu pai se levanta e começo a sentir um nó se formar em minha garganta quando Thales puxa minha mão para segurá-la.

— Até meus dez anos, eu não conseguia sequer ler uma frase inteira. Eu sempre soube que, se juntar BO com LA, se forma bola, mas nunca compreendi uma frase inteira, o que dirá um parágrafo. Mas eu tinha vergonha de dizer a meus amigos que não sabia o que estava escrito nos gibis. Quando Ayla leu para mim pela primeira vez, foi como se o volume das palavras houvesse sido ligado, eu nunca desrespeitei a sua filha, mas gosto de ouvi-la me contar as histórias que eu era incapaz de ler. — Thales respira fundo ao meu lado e meu peito se enche de orgulho de ouvi-lo falar de suas dificuldades para meu pai. — Ayla sempre foi a minha voz, na escola, no campo, entre nossos amigos. Estar com ela é natural para mim. Aos nove anos, quando eu pulava a sua janela, eu só queria ouvi-la...

— E agora? — meu pai pergunta com a voz de um general.

Thales olha para mim, seu rosto salpicado de sardas está corado e posso imaginar que está se esforçando para parecer calmo, mas posso sentir sua mão gelada suando sobre a minha.

— Agora eu necessito, porque sua voz se tornou minha salvação.

— Jesus Cristo! — Meu pai se senta no braço da poltrona e esfrega o rosto.

— O senhor não precisa acreditar em mim, mas precisa acreditar na criação que deu a sua filha. Ela jamais fez nada que o envergonhasse e eu jamais trairia a sua confiança. Mas hoje é diferente.

— O que é diferente? — Meu pai encara o garoto ao meu lado e não consigo decifrar a sua expressão. É algo que nunca vi antes e não tenho

certeza se gosto dela.

— Eu gosto da sua filha, como nunca gostei de ninguém e sei que somos muito novos para esse tipo de coisa, mas eu juro por tudo que é sagrado, que eu nunca a desrespeitei. — Thales olha para mim e quero morrer porque, nesse momento, eu me apaixono ainda mais por esse garoto lindo e sincero, corajoso, que não tem medo de admitir seus sentimentos por mim na presença do meu pai.

Meu pai retira os óculos e esfrega os olhos, como se não fosse capaz de acreditar no que está ouvindo. Ele os coloca de volta e olha para mim como se esperasse que eu diga algo.

— Ele está falando a verdade, papai, nunca fizemos nada de errado.

Não pense no beco... não pense no beco.

Meu pai bufa e tenho quase certeza de que ele solta um palavrão antes de começar a falar.

— Certo, é o seguinte... — Ele coloca as mãos nos quadris e olha para as nossas mãos unidas. — A partir de hoje, eu quero que você entre e saia dessa casa pela porta da frente, rapaz.

— Sim, senhor.

— Nada de dormir, nem de porta fechada, nem de beijos e, se eu te ver deitado na cama dela, eu... — meu pai não termina sua ameaça, mas não precisa, porque nós dois sabemos que ele não fará nada que nos machuque, ele nos ama e sentimos esse amor.

— Pode ficar tranquilo, prometo me comportar — falamos juntos, como se tivéssemos ensaiado essas palavras e, quando meu pai revira os olhos e solta um “pelo amor de Deus”, tenho a sensação de que estou vivendo um conto de fadas.



— Eu ainda não acredito que meu pai fez isso. — Estou andando de um lado para o outro no meu quarto, ainda tentando me recuperar do papelão que meu pai me fez passar na frente do Thales.

— Não seja dramática, Ayla, ele está certo — Thales diz com a mesma tranquilidade com que respondeu ao meu pai.

— Ele te conhece tipo a vida inteira e mesmo assim agiu como se você fosse um psicopata.

— Ele só estava fazendo o seu papel de pai, eu faria o mesmo se fosse com a Tati. — Thales me puxa pela mão quando passo por ele e me coloca entre suas pernas. — Vem cá, para de ser boba.

Thales está sentado. Na minha cama.

Mas a porta está entreaberta, o que considero como um sinal de que está tudo bem. Ele me segura pela cintura e ergue o rosto para olhar para mim. Acaricio seus cabelos, ainda um pouco úmidos do banho, e admiro seu rosto bonito. Noto um hematoma na parte inferior do seu maxilar onde Sandro adora machucá-lo e passo a ponta dos dedos nas suaves sardas que enfeitam sua pele tentando ignorar a raiva que me invade ao imaginar Thales sendo estapeado.

— Eu amo suas sardas, são lindas — digo baixinho e ele balança a cabeça de um lado para o outro. — São sim, eu sempre achei.

— Sempre?

— Uhum...

Ele me puxa um pouco mais para perto e sinto meu coração acelerar quando sua mão desce até a curva do meu quadril.

— Então por que você nunca me disse? — brinca com a ponta da minha camiseta e ergo os ombros enquanto volto a mexer em seus cabelos.

— Porque não é algo que se fala para um amigo.

— Isso significa que não sou mais seu amigo? — Sua voz sai baixa e sinto a ponta dos seus dedos roçando na minha pele toda vez que mexe em minha camiseta.

É algo tão natural estar assim com ele, tocando-o, beijando-o, sentindo os seus braços a minha volta. Sinto como se sempre estivéssemos assim, como se nascêssemos para isso.

— Você sempre foi mais do que um amigo para mim, Thales.

— Você também sempre foi muito mais do que uma amiga para mim.

Thales olha para a porta e passa a língua nos lábios, como se estivesse se preparando para me beijar e já estou ansiosa para senti-lo sobre os meus lábios novamente. Ele se estica e me inclino para que minha boca alcance a sua e, quando ele me beija, sinto uma sensação boa lá no fundo do meu estômago, ouço o barulho dos meninos brincando no quarto ao lado, a tevê ligada, o barulho de carros lá fora e o meu coração explodindo de emoção no meu peito.

— O que você acha de ler aquele livro para mim? — diz quando termina de me beijar. Sua voz soa mais rouca, como se estivesse com dor de garganta e seu rosto fica vermelho novamente.

— Não sei, acho que prefiro você acordado.

— Eu prometo que não vou dormir. — Ele se levanta indo até a prateleira e pegando o livro.

— Olha lá o que você me promete, hein, eu estava do seu lado quando você falou aquilo sobre promessas.

Ele se estica e pega meus travesseiros jogando-os no chão e se deitando. Arregalo os olhos e encaro a porta, temendo que meu pai entre a qualquer momento.

— Ei, não use isso contra mim. — Ao contrário de mim, Thales parece relaxado, ele me puxa para os seus braços e, quando me inclino para beijá-lo, ele coloca o livro na frente do seu rosto. — Leia para mim e eu te beijarei.

— Isso é uma chantagem? — Puxo o livro para baixo para olhar em seus olhos, ele crava os dentes no lábio inferior e inclina levemente a cabeça em um “talvez”, que me faz rir.

— Vamos fazer assim, a cada capítulo um beijo — ele propõe deixando o livro de lado.

— Hum... não sei, esse livro tem capítulos longos demais.

Ele gargalha e tampo sua boca com a mão sentindo meu rosto esquentar com meu atrevimento. *Mas o que posso fazer se tudo o que consigo pensar é em como me sinto quando ele me beija?*

— Um a cada cinco páginas — sugere e gosto da forma como me olha.

— Duas páginas.

— Três páginas.

— Fechado. — Pego o livro e me ajeito na cama ao seu lado, sem querer bato o cotovelo em seu braço e ele solta um suspiro. — Meu Deus, Thales, eu me esqueci, desculpa. — Tento tocá-lo, mas ele se afasta.

— Está tudo bem.

Sento-me de frente para ele e coloco a mão em seu moletom.

— Deixa eu ver? — Abro o zíper e aguardo até que ele me deixe tirá-lo. Thales pensa por um instante, mas logo cede e se afasta da parede deixando que eu tire sua blusa.

— Não é nada de mais, está com uma aparência pior do que realmente é — justifica enquanto dobra o braço para que eu possa puxar a blusa, ergo a manga da camiseta e me surpreendo com o tamanho do hematoma, está

escuro e posso distinguir perfeitamente os dedos que se afundaram em sua carne causando essa mancha horrível.

Tento não parecer assustada, mas é pior do que eu poderia imaginar.

— Eu disse, está feio, mas não é nada, logo vai passar. Só está dolorido porque foi recente.

— Onde mais tem?

— Ayla...

— Thales.

Ele bufa e ergue a camiseta mostrando um hematoma ainda pior do lado esquerdo do seu corpo.

Sem dizer nada, eu me levanto e saio do quarto indo até a cozinha. Meu pai está roncando na sala enquanto passa algum filme na tevê, abro o freezer e pego um pouco de gelo, coloco em um pano de prato e volto para o quarto.

— Ayla... — Thales me chama enquanto me sento ao seu lado e puxo seu braço para o meu colo. — Eu já disse que vou ficar bem. — Ignoro suas mentiras e coloco a compressa em seu hematoma, ele retesa um pouco, mas logo em seguida relaxa sob meu toque. — Você sabe que isso só funciona na hora, não sabe? — Ele está olhando para mim, mas meus olhos estão cravados em seu braço, em seu corpo machucado, em minhas mãos trêmulas.

— Não importa.

Passo a compressa por toda a extensão dando mais atenção ao centro onde está mais vermelho. Travo meus dentes com força para me impedir de perguntar onde diabos está a sua mãe nas horas em que ele é agredido, sim, isso é agressão e nenhuma mãe deveria permitir que seus filhos fossem agredidos dessa forma. Depois de um tempo, ergo a camiseta e coloco o gelo sobre sua pele, ele geme e se encolhe com o contato.

— Ei, você me deveria estar lendo para mim ao invés de me despir — fala baixinho enquanto coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Pare de fingir que você não liga, Thales.

— Mas eu não ligo — diz com a voz doce e os olhos fixos em mim.

— Mas eu ligo, na verdade nesse momento eu estou furiosa porque odeio te ver machucado.

— Eu vivo machucado, Ayla, você sabe disso. — Ele estica um cacho do meu cabelo e solta vendo-o voltar para o lugar igual uma mola.

— Você entendeu o que eu falei — digo um pouco arisca demais, ele não tem culpa, mas, por outro lado, não consigo compreender por que ele

permite isso, não que eu queira que ele enfrente aquele monstro, mas ao menos que não deixe que ele o toque.

— Tanto faz, de verdade, eu estou bem.

— Meu pai precisa ver isso, ele vai ficar furioso e vai falar com a sua mãe e...

— Vem cá. — Thales retira a compressa da minha mão, coloca ao lado e me puxa para seus braços. — Por favor, se você gosta de mim, eu te imploro, não faz isso. Você não me ajuda assim.

Afasto-me e olho para seu braço novamente, meus dedos tocam a pele escura levemente, Thales ergue meu queixo fazendo-me olhar em seus olhos.

— Por que você o deixa fazer isso com você?

Ele respira fundo e olha para o teto.

— Talvez eu goste de provocá-lo, talvez eu mereça isso.

— Não é verdade, eu te conheço. Sei que você é um bom filho — defendo-o e sinto meus olhos se encherem de lágrimas. — Você não merece isso, ninguém merece.

— Ei, não chore por minha causa. — Ele passa o polegar embaixo dos meus olhos e isso só faz com que eu queira chorar ainda mais.

— Eu odeio seu padrasto — admito e ele me dá um sorriso tão bonito, que sinto vontade de congelá-lo só para mim.

— acredite, você não é a única.

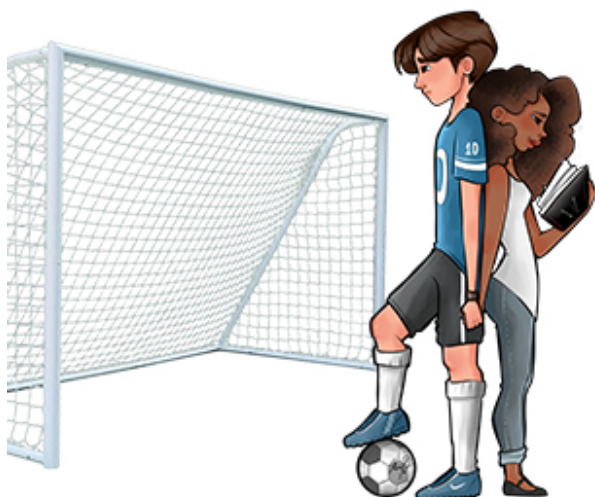
Inclino-me para beijá-lo, mas Thales é rápido e coloca o livro novamente na frente do seu rosto.

— Cinco páginas primeiro — fala.

— Você disse três. — Tento afastar o livro, mas ele não deixa.

— Sabe como é, esse lance de inflação. — Ele me estende o livro e o recebo secando o resquício de lágrimas dos meus olhos e abrindo o livro na página que deixei na noite passada.

Thales veste o moletom novamente escondendo seus machucados, fingindo que não existem, assim como ele está fazendo ao sorrir para mim como se tudo estivesse bem, como se ele fosse forte e corajoso o tempo todo, mas eu sei que ninguém é tão forte assim. Um dia, ele não vai suportar mais e não sei o que será de mim se algo acontecer com Thales.



22

Thales

Não consigo pregar os olhos, meu coração parece prestes a saltar pela boca e, enquanto as letras se juntam em palavras que parecem flutuar por sua boca, eu só consigo pensar na forma como ela cuidou de mim.

Não quero parecer um bebê chorão, mas precisei me esforçar para não chorar quando ela saiu correndo do quarto e voltou com um punhado de gelo em um pano. Ninguém nunca fez isso para mim, minha mãe sequer olha na minha direção quando sou surrado, e nos dias seguintes ela nunca olha em meus olhos quando fala comigo. Acho que sente que, se fizer isso, talvez possa fingir que está tudo bem, basta ignorar os machucados que o seu marido me causou. E as outras coisas...

Talvez eu seja como ela e venho empurrando toda a merda que acontece comigo para baixo do tapete. O fato de estar escondendo o hematoma em meu braço é a prova disso, como se assim pudesse fingir que sou um garoto normal que está passando um tempo com a menina que gosta e não o desgraçado que não consegue entrar em casa até que todos estejam dormindo porque é doloroso demais vê-los interagindo como uma família normal quando, na verdade, aquilo é no máximo a merda de um circo dos horrores.

Mas que mal há em querer fingir que está tudo bem?

Minha ficha ainda não caiu e, embora eu sempre tenha tido a companhia de Ayla em toda a minha vida, agora é diferente. Ela me olha diferente, me toca diferente e, por mais assustador que seja, eu gosto do seu toque.

Por outro lado, ainda temo que eu não consiga ficar com ela por muito tempo, que vai haver um dia em que serei machucado de uma forma que ninguém jamais conseguirá me consertar, nem mesmo ela. Deus, se ela soubesse... tenho certeza de que não olharia para mim da forma como está olhando agora. Se soubesse, ela teria nojo de mim e me mandaria sair da sua casa.

Mas ela não sabe, e nunca saberá. Essa é uma das minhas promessas.

Ela nunca saberá quem sou de verdade. Nunca.

— Você não está me ouvindo. — Ela fecha o livro e se vira para olhar para mim quando nota que estou com os olhos fechados.

— Estou sim — minto.

— Então o que aconteceu? — me desafia e sorrio porque não faço a menor ideia do que está falando, Ayla me acerta com o livro em meu braço bom e gemo exageradamente só para provocá-la.

— Me desculpe, eu não faço ideia do que aconteceu — admito e ela revira os olhos de um jeito tão bonitinho, que não resisto à vontade e me ergo para beijá-la.

— Por que você faz isso? — pergunta quando volto a me encostar na parede.

— Eu não menti para o seu pai quando disse que você me faz sentir bem. — Ergo os ombros porque, sinceramente, não faço ideia de como explicar o que sinto quando ela começa a ler, nem ao menos me lembro de como isso começou, na minha memória eu sempre estive aqui, deitado ao seu lado ouvindo-a ler, gibis, revistas, matéria de prova e, principalmente, livros. No começo era apenas um motivo para ficar longe de casa quando os garotos não estavam na rua ou quando eu não podia jogar futebol, mas com o tempo se tornou o meu momento favorito, mesmo que eu ainda não admitisse.

O que disse sobre sua voz é verdade, ela me acalma, mas, acima disso, sua voz é minha maior conexão com o mundo. Quando ouço Ayla lendo sinto como se todas as minhas emoções flutuassem na superfície do meu corpo e, enquanto ela se concentra nas palavras à sua frente, eu me sinto um pouco mais humano, mais parecido com os outros garotos da minha idade, algo que venho me sentindo cada dia menos.

— Todas as vezes que ele... — ela não termina, mas compreendo a sua pergunta.

— Todas as vezes em que estou em condições de aparecer aqui.

— Então você me pede para ler.

Ergo os ombros odiando a forma como minhas emoções estão confusas.

— Pois é, eu sou um cara esquisito — tento brincar, mas quando olho para Ayla, ela não está sorrindo.

— Eu queria poder fazer mais. — Ela baixa o olhar enquanto passa os dedos pelo desenho da capa do livro.

— Você faz, mais do que imagina.

Ela olha para mim.

— Thales, e se a gente conversar com o meu pai, se mostrarmos o seu braço para ele e contar quem fez isso.

— Não! — rebato, um pouco ríspido demais. Ayla se encolhe com minha resposta e me apresso a falar. — Não faça isso, por favor, não conte a ninguém.

— Mas, Thales, isso não está certo. Eu tenho certeza de que meu pai poderia fazer algo.

Eu também tenho, Milton iria até minha casa, ameaçaria o Sandro e minha mãe, talvez chamaria o Conselho Tutelar e então eu poderia ser levado de casa e não poderei proteger Tatiana como venho protegendo, ou pior, eles me obrigariam a contar e eu não posso contar. Deus, eu mal consigo pensar em tudo o que acontece naquela casa, tenho certeza de que nunca vou conseguir contar. Prefiro morrer.

— Não quero que ninguém faça nada, eu sei me virar.

Sei que pareço orgulhoso e ingrato, mas a simples ideia de que Milton descubra meu segredo, que Ayla saiba o que acontece comigo, a ideia de que algo assim possa acontecer com minha irmã...

Levanto-me da cama e caminho até a janela, está aberta e uma brisa leve entra no quarto, não consigo respirar direito e começa a ficar quente demais.

— Thales — ela me chama da cama, mas não me viro para olhá-la, estou envergonhado e chateado.

— Eu preciso ir. — Ayla não diz nada, apenas me observa ainda sentada na cama com o livro no colo. Me inclino e beijo sua boca rapidamente. — Até amanhã — digo ao abrir a porta.

— Boa noite — sussurra e saio sentindo meu coração doer.

Não adianta jogar a merda para debaixo do tapete, sempre haverá alguém que o levantará e então tudo será exposto.



Quando chego em casa, minha mãe está na cozinha, ela parece chateada e meu coração se agita.

— Onde está a Tati? — pergunto assim que ela ergue os olhos.

— Dormindo — minha mãe sussurra com uma voz chorosa, que me faz estremecer.

— E o Sandro? — Sinto o gosto da podridão em minha boca apenas por pronunciar o seu nome e, quando minha mãe demora para responder, sei que ele não está em casa.

— Saiu faz algum tempo.

Uma pontada de esperança surge em meu peito, sei que é ilusão, eles já brigaram milhares de vezes, ele já foi embora em muitas delas, mas ele sempre volta, como uma maldição da qual não conseguimos nos livrar.

Arrasto-me até onde ela está sentada e puxo uma cadeira me sentando de frente para ela, estamos tão perto que me assusto por parecer estranho. Ela é minha mãe, mas não me recordo a última vez em que me abraçou ou olhou em meus olhos.

— Você... — limpo a garganta chamando a sua atenção. — Você está bem?

Minha mãe funga e puxa um guardanapo para limpar o nariz, observo seus olhos inchados e como ela parece tão velha, como se Sandro tivesse sugado sua juventude, assim como ele vem sugando a minha.

— Mãe, fale comigo — peço esticando a mão, mas incapaz de tocá-la, implorando para que ela olhe para mim, que me enxergue, que veja que estou sofrendo, que aquele maldito está me destruindo.

— Eu estou bem, vou ficar bem — diz, ainda sem olhar para mim, encarando o papel em suas mãos e sinto meu peito sufocar de raiva e dor.

Nada vai ficar bem. Enquanto ela não der um basta nisso, viveremos esse inferno dia após dia.

Forço-me a esticar um pouco mais a mão e faço algo sem pensar. Seguro a sua mão, ela está tremendo e algo dentro de mim se quebra ao pensar no que ele fez para que ela esteja assim. Mal consigo respirar e minha mãe parece notar porque me olha como se finalmente tivesse se dado conta de que estou aqui.

— Onde você estava?

— Na Ayla — respondo, mas quero falar mais, quero dizer que a amo, que eu a beijei e que me senti bem em beijar uma menina. Quero dizer a ela que gosto de garotas, embora por anos acreditei que isso não poderia acontecer. Quero dizer a ela que seu marido é um monstro e que está me destruindo. Quero que ela olhe para mim e leia todas as coisas que nunca serei capaz de dizer, porque ela é a minha mãe e deveria fazer isso. Ela deveria me conhecer o suficiente para saber que algo errado está acontecendo, esse é o seu papel.

Mas ela não diz.

Minha mãe se afasta retirando sua mão de baixo da minha, como se o meu toque a enojasse. Em seguida se levanta respirando fundo.

— Vá dormir, amanhã você tem aula — diz ao me dar as costas, como sempre fez durante toda a minha vida, como sempre vai fazer.

Tento me levantar, mas não consigo. Fico parado, amortecido, observando a estranha que me colocou nesse mundo se afastar de mim como se eu não significasse bosta nenhuma e me pergunto.

Por quê?

A falta dessa resposta vai me assombrar para o resto da minha vida, disso eu tenho certeza.



A quantidade de barulho no intervalo da escola é insuportável, sempre termino com dor de cabeça e um zumbido em meu ouvido. É atordoante e mal consigo compreender o que meus amigos estão falando comigo. Hoje estou pior, Sandro voltou para casa bêbado e passei a noite no quarto da Tati tentando acalmá-la enquanto os dois brigavam e quebravam a casa inteira.

De manhã quando saí, ele estava desmaiado no sofá e minha mãe praticamente me obrigou a vir para a escola e fingir que está tudo bem.

Grande merda de vida.

— O que tá pegando entre você e a Ayla? — Um garoto da nossa sala pergunta enquanto observo-a conversando com uma garota da sala ao lado. Pela forma que ela olha para cá, tenho certeza de que está pedindo informações sobre o Duda. É sempre assim, as meninas só se aproximam dela com interesse nele.

— O que você quer dizer com isso? — Duda pergunta olhando para mim como se estivesse tentando entender que parte da história ele perdeu e me obrigo a prestar atenção nesse papo.

— Não tá pegando nada — Duda responde e só então me dou conta de que a pergunta do imbecil foi feita para o meu amigo e não para mim.

— Por que a pergunta? — questiono sentindo o coração acelerar enquanto olho para o meu amigo.

— Nada, eu só ouvi umas coisas aí — responde como se não fosse nada de mais.

— Que coisas? — Duda pergunta e fico agradecido porque estou começando a ficar com raiva.

Ultimamente é assim, a raiva que antes era algo destinado exclusivamente à minha casa tem se tornado algo maior, se expandindo, dominando tudo, cada pedacinho de mim, se tornando mais forte a cada dia.

— Nada não — ele diz e noto o rosto branquelo de Duda ficar vermelho.

— Agora fala! — rosno para o moleque, que parece prestes a sair correndo quando vê que tanto eu quanto Duda estamos encarando-o.

— Deixa pra lá, mano, o pessoal adora falar — responde como se fôssemos idiotas. Não digo nada, apenas continuo olhando para ele, até que o idiota desiste e fala: — Ouvi umas garotas falarem que ela estava com você só porque, você sabe, estão achando que você vai para algum time e a Ayla é meio... — Ele se dirige a Duda e tenho a impressão de que tudo começa a girar a minha volta.

— Melhor você não terminar — eu o aviso e o filho da puta ergue as mãos em defesa.

— Como eu disse, era bobagem, esquece.

— Estão chamando a Ayla de interesseira? — Duda está irritado demais e, quando ele parece prestes a pular em cima do menino, ergo meu braço e o seguro no lugar.

Se tem alguém que vai bater nesse mané sou eu.

Levanto-me ficando na frente de Duda, mas o idiota se afasta e então somos só eu e meu amigo, bufando como dois touros bravos.

— Por que ele disse aquilo? — indago encarando o rosto todo vermelho de Duda e imaginando que devo estar igual.

Ele não responde, apenas balança a cabeça de um lado para o outro e sinto meu estômago revirar, mesmo que ele esteja completamente vazio já

que não tive condições de tomar café da manhã hoje.

— Fala logo, Duda — peço ainda olhando para ele sem entender porra nenhuma.

— Não sei, porra! — ele explode e meu corpo começa a se agitar porque alguma coisa está errada nessa merda.

Todo mundo sabe que eu e Ayla somos inseparáveis, que se por acaso ela realmente fosse se envolver com alguém por interesse aqui, seria comigo, isso é óbvio, ou talvez...

Olho para ela do outro lado do pátio, seus olhos estão fixos em nós e ela parece não estar mais ouvindo nada do que está sendo dito, em seguida olho para Duda, seus olhos também estão fixos na nossa amiga e começo a achar que estou perdendo algo.

— Por que aquele imbecil falou de você e da Ayla?

Meu cérebro pulsa com a imagem de Duda e Ayla juntos, afasto isso rapidamente porque não é verdade. Ayla gosta de mim, ela disse isso. Ela sempre esteve comigo, desde que eu me lembro. Ela nunca se importou com nada além da minha amizade, esse babaca não sabe nada sobre ela. Nem sobre Duda.

— Duda? — o chamo, mas ele não me olha, apenas balança a cabeça e solta um palavrão.

Merda!

— Nada não. — Ele começa a riscar o chão de cimento com uma pedra e não gosto da forma como joga o assunto no ar.

— Nada não o cacete, o que tá pegando?

— Merda, não foi nada, esquece.

— Não vou esquecer, você sabe disso. — Começo a ficar agitado e odeio isso, Duda sempre foi um tagarela então não há motivos para ele não falar. — Fala logo, porra! — Perco a paciência e ele olha para mim surpreso.

— Ei, se controla aí, mano, por que está nervosinho?

Não gosto do seu tom, não gosto da forma como está jogando com as palavras e, principalmente, não gosto do jeito que faz parecer que ela fez algo.

O sinal toca fazendo com que todos comecem a se levantar, mas eu não me movo e, quando Duda tenta se levantar, eu seguro sua camiseta obrigando-o a permanecer no lugar.

— Fala logo, Duda.

— Ou o quê? — ele me provoca e, nesse momento, eu não me importo se ele é o meu melhor amigo ou não. Se ele não falar logo, nada de bom vai sair daqui.

— Fala, porra!

Duda olha na direção de Ayla, que está olhando para nós como se soubesse que algo ruim está acontecendo. Não gosto da expressão em seu rosto, merda! Nesse momento, eu não gosto de nada do que está acontecendo aqui.

— Okay, eu falo. — Duda exala como se fosse algo muito difícil de falar e, nesse instante, meu coração está batendo tão forte que tenho medo de que ele possa ouvir. — No dia da festa da vitória, Ayla e eu... — Ele desvia o olhar para a pedra em sua mão e começo a imaginar coisas que eu poderia fazer com ela enquanto ele está me enrolando.

— Fala.

— Ela, ela me beijou — ele diz e é como se um caminhão tivesse acabado de passar sobre mim.

— Como é? — pergunto porque, de repente, o zumbido em meu ouvido se tornou maior e não tenho certeza se ouvi direito.

— Cara, não foi nada de mais. Acho que ela estava feliz porque a gente tinha ganhado e sabe como é, né?

— Não, eu não sei como é, mas você vai me explicar. — Duda se afasta um pouco e percebo que estou quase em cima dele.

— Calma, Thales, é só a Ayla. — Ele ergue os ombros e sorri daquele jeito que sempre faz quando quer tirar o peso das coisas. Acontece que não é só a Ayla, é a minha Ayla e o fato de saber que ela beijou o nosso amigo faz com que eu me sinta um completo idiota.

— Quantas vezes? — pergunto ainda sem nenhum motivo para sorrir.

— Quantas vezes o quê? — ele pergunta como se não compreendesse o que estou falando.

— Responde, porra! — grito e preciso de toda a minha força para não partir para cima dele e meter a porrada nessa sua cara de garoto rico e feliz.

Ele beijou a minha Ayla e, o pior de tudo, ela não me contou.

— Ei, tá tudo bem por aqui? — Ouço a voz dela atrás de mim e não consigo me virar, meus olhos estão cravados no meu amigo e, para a sorte dele, os seus estão cravados nos meus.

— Thales? — Ela toca meu braço e me desfaço do seu toque ainda olhando para Duda. — Vocês querem me falar o que tá acontecendo? —

insiste e, quando Duda olha para ela, sinto que estou ficando doente porque meu corpo inteiro dói.

Viro-me para olhar para ela, a garota para quem eu me abri, por quem eu me deixei ter sentimentos, a garota que eu beijei naquela mesma noite. A noite em que ela beijou o Duda.

— Quer saber, vão se foder!

Saio ignorando Ayla, que me chama sem entender nada, e começo a andar sem saber para onde ir. Começo a me arrepender de acreditar que um dia eu poderia ser feliz, que poderia ser apenas um garoto normal. Eu não sou normal e isso não faz parte da minha vida maldita, mas no fundo, bem lá no fundo, estou apavorado porque uma parte de mim está aliviada por saber que isso chegou ao fim.

Ayla merece alguém melhor do que eu.

23

Ayla



É difícil fingir que eu e Thales ainda somos apenas amigos, principalmente depois da noite passada. Vê-lo ir embora daquela forma, magoado e machucado, sem querer ajuda de ninguém me deixou triste. Pior ainda, saber que ele teve que voltar para o lar onde é tratado dessa forma me destrói.

Hoje de manhã, ele estava no meu portão como sempre, as costas apoiadas na parede, a mochila aos seus pés e a droga de uma camiseta de manga longa escondendo a sua realidade.

Dessa vez, não houve beijos embaixo da árvore. Duda estava à nossa espera e Thales sequer se aproximou de mim durante todo o caminho. Ainda me sinto um pouco desconfortável na presença de Duda e, mesmo que eu saiba que o que houve entre nós foi apenas um pequeno ato de alegria misturada com álcool da parte dele, eu não gosto de saber que ele me beijou e por isso tento ao máximo não pensar sobre aquilo.

As aulas se arrastam e, quando o sinal do intervalo toca, me sinto aliviada.

— Ayla. — Ouço uma voz me chamando e, quando me viro, encontro Elisa, uma das garotas mais bonitas da escola e que, até esse momento, eu tinha certeza de que sequer me conhecia.

— Oi, Elisa — cumprimento-a curiosa para saber o motivo para ela vir até mim.

— Oi, está ocupada? — Ela começa a andar e sigo ao seu lado sem ter a mínima ideia do que estou fazendo.

— Estou indo para o pátio, assim como todo mundo. — Aponto para a direção que todos estão tomando e ela ergue um ombro de forma delicada.

Eu sou uma garota de bem comigo, não tenho neuras e nem me ligo muito nessas coisas de vaidade, gosto de quem sou, da cor da minha pele e da forma como posso brincar com o meu cabelo deixando-o de mil formas diferentes. Acredito que ter crescido em uma família que se ama e se orgulha de ser quem é tem muito a ver com isso. Amo ser a Ayla que sou, mas se existe no mundo uma garota que me faz sentir invisível, essa garota é Elisa. O fato de saber que Thales e Duda também a acham linda faz com que minha raiva aumente um pouco.

— Sabe, Ayla, a gente nunca se fala muito, mas eu quero que saiba que gosto de você — diz enquanto cumprimenta algumas pessoas que passam por nós, como se fosse alguma espécie de celebridade.

— Fico aliviada em saber. — Tento não soar tão irônica, mas é um pouco inevitável. Elisa consegue ser ainda mais arrogante do que Duda, um fato incrível, devo afirmar.

Por falar em Duda, assim que chegamos ao pátio, avisto ele e Thales, que estão conversando com Leandro, um babaca que senta ao meu lado e vive fazendo piadinhas de mau gosto durante a aula. Thales parece irritado com algo e, quando ele olha para mim, não consigo mais me concentrar no que seja lá que a garota na minha frente está falando. Tudo o que consigo ver são seus lábios lindos e deliciosos que estou louca para beijar novamente.

— Você quer que eu fale com o Duda? — Adianto o papo porque é sempre assim. Esse tipo de garota só se aproxima de mim para pedir para ajudá-la a chegar no Duda.

— Na verdade, não é o Duda. — Elisa respira fundo e seu rosto fica corado. — É o Thales. — Ela olha para eles e tudo o que consigo pensar é que a garota mais bonita da escola está corada e o motivo é o Thales, o meu Thales.

O Thales que me beijou cinquenta e oito vezes.

— Desculpa, acho que não entendi. Você está interessada no Thales? — Minha voz sai um pouco mais alta que o normal e sinto o sangue aquecer nas minhas veias.

— Você acha que tem algum problema? — Ela morde o cantinho da unha e não consigo pensar em nada que possa dizer que justifique o motivo para que Thales não se interesse por essa garota, ela é perfeita.

— N-não, quer dizer, não sei o que dizer. — Olho novamente para ele. Seu rosto está fechado, um vinco entre suas sobrancelhas e a forma como olha para o garoto faz parecer que ele está prestes a bater nele.

E eu estou louca para bater nessa garota.

— Eu sei que todo mundo morre pelo Duda, ele é bonito e tal, mas o Thales está tão... — Ela suspira, a garota está suspirando pelo Thales na minha frente e eu não consigo fazer nada.

Eu sou uma idiota.

Deveria dizer que ele não está disponível, que é meu, que passamos todas as noites juntos e que eu leio para ele porque ama minha voz, que eu o vejo dormir e que o beijo, e beijo muito, mas tudo o que consigo fazer é imaginar se Thales dormiria se fosse Elisa ao seu lado ao invés de mim.

Idiota, eu sei.

— Olha, eu vou... — Respiro fundo porque, nesse momento, Thales está olhando para mim e mesmo que ele não faça a menor ideia do que está acontecendo aqui, uma parte de mim fica brava por ele não estar ao meu lado. Se ao menos me abraçasse, se nós não agíssemos como se ainda fôssemos uma droga de amigos, eu não estaria tendo essa conversa com Elisa.

— Você fala com ele por mim? — pede como se fôssemos melhores amigas e confirmo com a cabeça sem saber ao certo o que fazer, quando o garoto levanta bruscamente se afastando de Thales. Sei que algo de ruim está acontecendo, ele não é o cara mais amigável do mundo, mas não me lembro qual foi a última vez que Thales brigou com algum moleque na escola.

— Eu preciso ir, Elisa. — Me afasto da garota sem dar a menor atenção ao que está falando. Thales está quase em cima de Duda e preciso correr quando ele grita com nosso amigo como se estivesse prestes a bater nele.

— Ei, tá tudo bem por aqui? — pergunto esperando que Thales se vire ao ouvir minha voz, mas sequer se mexe, como se eu não fosse ninguém.

— Thales? — Toco seu braço na esperança de que ele não tenha me ouvido, mas, quando ele empurra minha mão bruscamente, percebo que seja lá o que está acontecendo aqui, é mais grave do que imaginei. Duda olha para mim como se esperasse que eu pudesse acalmar Thales, mas as coisas não são assim. Quando ele fica bravo, ninguém consegue alcançá-lo, nem mesmo eu.

— Vocês querem me falar o que tá acontecendo? — insisto e, quando Thales se vira e olha para mim, tudo o que consigo ver é raiva e decepção.

— Quer saber, vão se foder!

Thales passa por mim como se eu não fosse nada, observo-o se afastar sem compreender o que o deixou desse jeito. Olho para Duda e sua expressão é tão neutra, que não consigo definir se ele está puto ou se está se divertindo com o que está acontecendo.

— É sério isso? Ele realmente mandou a gente se foder? — Aponto para Thales que, nesse momento, está saindo da escola sem nem ao menos se importar que ainda temos mais meio período de aula.

— Thales tá estressado com o lance da peneira, sabe como é. Ele não é tão completo quanto os times exigem, esse lance todo tá deixando-o nervoso — Duda fala com uma velocidade esquisita, como se já tivesse esse discurso preparado, como uma forma de esconder a verdade.

— O que eu tenho a ver com isso?

— Sei lá, Ayla. Você sabe que o Thales tem esse lance da raiva, todas essas merdas com o padrasto e a mãe, as brigas e o problema da cabeça dele é como uma bomba relógio, ele está prestes a explodir. — Duda ergue os braços como se estivéssemos falando de um estranho e não do nosso amigo. — Meu pai acha que ele precisa de ajuda, um médico de cabeça, sabe?

Não gosto de saber que Duda fala dele, gosto menos ainda da forma como cita a dificuldade escolar dele, como se Thales fosse um retardado ou algo assim. Abro a boca para corrigi-lo, mas desisto quando ouço a coordenadora chamando a nossa atenção.



Eu sei que sou uma idiota, com certeza eu estou concorrendo a idiota do século, mas não tive coragem de deixar as coisas dele lá na sala e agora estou voltando para casa sozinha carregando duas mochilas.

Duda se ofereceu para me ajudar, mas suas palavras ainda estão dançando por minha cabeça e estou irritada demais com ele para aceitar sua oferta. Passo o caminho inteiro intrigada e pensando no que eles falaram. *Por que Thales parecia prestes a bater no Duda?*

Quando chego a nossa rua me pego olhando para a casa dele, passei o caminho inteiro decidindo se iria ou não falar com Thales, mas aqui estou, na frente da minha casa e ainda não sei o que fazer.

Entro e jogo nossas mochilas no sofá, vou até a geladeira e pego um pouco de água, estou sem fome e irritada demais para pensar em comer algo, na verdade a única coisa que quero nesse momento é conversar com Thales e perguntar por que ele estava tão furioso, por que não me esperou, por que não falou comigo? Ele realmente gosta de mim? E se ele souber que Elisa está a fim dele? Ele dormiria se Elisa contasse histórias para ele?

Essas perguntas ficam repassando milhões de vezes em minha cabeça nas duas horas seguintes. Estou sentada no sofá olhando na direção da sua casa, ele não apareceu e tenho medo de me levantar e perder o momento em que ele vai voltar.

Levanto-me e pego sua mochila, saio de casa decidida a esperar por ele no lugar onde tenho certeza de que vou encontrá-lo: na sua casa.

Sinto-me um pouco estranha ao bater na sua porta. Mesmo que eu saiba que está aberta, aguardo até que alguém venha abri-la. Quando Sandro aparece usando apenas um short curto demais para um homem da sua idade, tenho certeza de que foi uma péssima ideia vir até aqui, talvez a pior de todas.

— Ayla — ele fala meu nome de um jeito que faz parecer com que ele seja errado e dou um passo para trás.

— Eu vim só trazer a mochila do Thales. — Estendo-a para o homem parado a minha frente evitando olhar para seu peito nu, mas ele é enorme e tudo o que tenho na minha linha de visão é o seu tórax peludo e nojento.

— E onde ele está? — o padrasto do meu amigo pergunta inclinando a cabeça para o lado e me xingo por ter vindo até aqui. Achei que só encontraria Janaína, que ele estaria trabalhando, às vezes eu me esqueço de que nem todos os homens são como o meu pai.

— Ele precisou fazer uma coisa e me pediu para trazer a mochila — minto e sei que minha voz sai trêmula, odeio esse homem e, quando sua mão se estende para pegar a mochila de Thales, tudo o que posso ver é essa mão nojenta e imunda machucando o meu amigo.

— Aquele vagabundo não tem jeito, eu não sei mais o que fazer com ele — Sandro diz enquanto abre ainda mais a porta e olha para fora como se fosse encontrar Thales escondido em algum canto.

— Ele não é vagabundo — defendo-o mesmo que esteja com raiva. Não suporto a ideia de Sandro achar que pode falar dele como quiser, não, ele não pode e, se depender de mim, não vai.

— Eu sei, eu sei, é só um modo de falar. — O imbecil me dá um sorriso nojento e aperto a mochila no meu peito me preparando para voltar para casa.

— Eu vou indo. — Dou um passo para trás, mas Sandro segura meu braço de um jeito invasivo demais para o meu gosto e fico sem saber o que fazer.

— Entra, eu sei que você prefere entregar nas mãos dele. E se ele pediu para você trazê-la, provavelmente também não vai ficar muito feliz em me ver mexendo em suas coisas.

— Você não precisa mexer nas coisas, basta colocar a mochila no quarto dele — digo sentindo a raiva aumentar ao pensar nele abrindo a mochila do Thales e remexendo em suas coisas. Não confio nesse homem e não faço a menor ideia do porquê estou aqui.

— Ah, garota, você não tem ideia do que esse garoto está fazendo com a mãe dele. — Sandro mantém a porta aberta e caminha até a poltrona sentando-se nela e baixando o rosto em suas mãos dramaticamente. — A pobrezinha da Janaína mal dormiu essa noite, inclusive está deitada até agora, de tanto chorar por causa desse filho ingrato, mas o que esperar do filho de um bandido?

Abro a boca para falar, mas a fecho imediatamente. Não sei muito sobre o pai de Thales, mas sei o suficiente para saber que ele não era nenhum bandido.

— Thales não é um bandido — defendo-o mesmo que eu saiba que será em vão.

— Ainda não, mas se eu não o corrigir duramente, é o que vai se tornar.

Penso em jogar na sua cara todos os hematomas que Thales esconde, dizer a ele que não é assim que ele vai corrigir o Thales e que, ao contrário dele que é um vagabundo que nem ao menos trabalha, Thales tem um sonho e está lutando dia após dia para conquistá-lo.

— Bom, eu preciso ir — digo ainda da porta porque sei que, se eu abrir a minha boca, nada de bom sairá dela e não quero arrumar mais problemas para Thales, mas Sandro ergue os olhos e a forma como passeiam por meu corpo faz meu sangue congelar em minhas veias.

— Fique! — ele exige e não consigo me mover. Estou apavorada e tudo o que consigo pensar é que Janaína está dormindo no quarto. Ele não faria nada de ruim para mim, faria?

— Eu... — começo a falar, mas Sandro se levanta e vem até mim. A cada passo que dá sinto-me diminuir, ele deve ser uns trinta centímetros maior do que eu, mas parece ainda maior.

— Venha, menina. Tatiana logo estará em casa, ela vai adorar te ver.

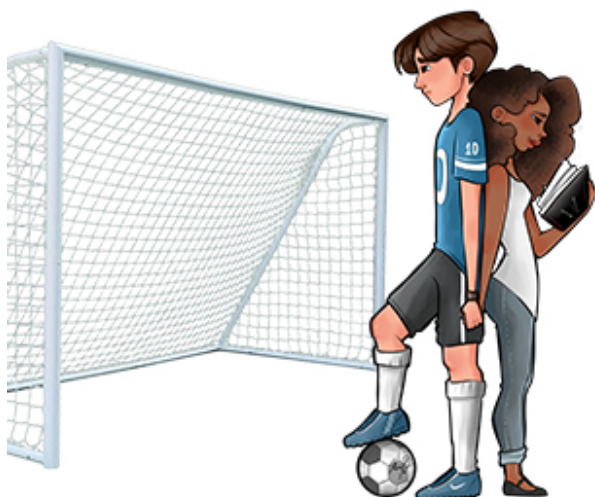
Ele estica seu braço passando-o por meu ombro e a minha respiração trava na garganta quando o sinto se inclinar um pouco.

— Vou só fechar a porta, não gosto que os vizinhos fiquem observando o que se passa dentro da minha casa. — Ele bate a porta atrás de mim e me assusto quando se afasta sorrindo de um jeito maquiavélico.

— Calma, garota, o que você achou que eu iria fazer?

Não consigo responder, tudo o que consigo pensar é que Thales está em algum lugar lá fora e estou aqui, frente a frente com o monstro que o machuca dia após dia.

As palavras duras de Duda invadem minha mente e respiro fundo criando coragem de fazer algo que eu já deveria ter feito há muito tempo. Quem sabe dessa vez eu consiga libertá-lo desse inferno.



24

Thales

O segundo jogo já vai começar e, por mais que eles me peçam para jogar, não aguento mais, minhas coxas queimam, meus pés estão esfolados e estou faminto, mas ao menos durante as últimas três horas eu não pensei em nada além da bola aos meus pés e na quantidade de gols que consegui fazer.

Um dos garotos que machuquei me olha feio enquanto caminhamos em direção aos bancos. Não ligo, até sustento o seu olhar desejando que venha até mim. Embora eu esteja cansado e fraco, eu não recusaria uma boa briga. Não hoje.

— Ei, Thales — Diego, um dos garotos responsáveis por montar os jogos, me chama. — Cara, eu sei que você é foda, mas, da próxima vez que você jogar dessa maneira, eu vou te pôr para fora — ele me ameaça e paro de andar virando-me para encará-lo.

— Como é? — provoco-o, mesmo tendo compreendido bem o que disse.

— Não me leva a mal. — Parece recuar e imagino que eu não esteja com uma aparência muito amigável nesse momento.

— Eu jogo como achar que devo e vocês que se fodam se estão achando ruim. — Começo a andar ignorando seu chamado, passo pelo moleque que está me encarando e dou uma ombrada nele. O garoto vem para cima de mim e fecho minha mão em punho para acertá-lo, meu sangue ferve nas veias e sei que, no momento em que eu começar a bater, não vou parar mais.

Olho para o garoto, que não faço ideia de quem seja, mas que está prestes a tomar uma surra e tudo o que vejo é Duda, seus cabelos claros, seu sorriso irritante, sua boca colada na dela, a porra da sua mão em torno dela...

Eu não quero bater nesse moleque, não é dele que estou com raiva.

Tento passar por ele, mas dessa vez é ele quem me dá uma ombrada tão forte, que dou um passo para trás.

— É melhor você me deixar passar — falo o mais baixinho possível e Diego aparece olhando para nós, como se ele fosse alguma merda de autoridade por aqui.

— Parem com isso agora. O que acontece no campo, fica no campo, porra! — repete uma das primeiras regras que aprendemos ao jogar futebol.

— Eu tô indo embora — digo ao passar pelo idiota que, dessa vez, fica me olhando como se pudesse me matar. Ignoro os olhares e saio mancando um pouco devido a uma distensão.

— Não tenho medo de você não, maluco! — grita vindo pra cima de mim. — Vou arrebentar sua cara e depois partir a porra da sua perna no meio. Quero ver você vir dar uma de folgado pra cima de mim — ele continua falando e caminhando até mim, não tenho medo dele e muito menos das suas ameaças. Não sou muito de brigar, mas já apanhei o suficiente para saber que toda dor passa, por pior que ela possa ser.

— Então vem me quebrar — digo quando me lembro do dia em que meu padrasto me ameaçou da mesma forma. Ele tentou, mas tudo o que conseguiu foi quebrar o próprio pé na parede. Claro que depois paguei caro por sua dor. E as lembranças daquele dia em que ele me colocou de joelhos na sua frente é o que faltava para que a humanidade suma de dentro de mim e o ódio me domine.

Não sei quando parto para cima dele, nem quantos socos dou na sua cara, nem ao menos quantos caras são necessários para me tirar de cima do moleque, só sei que tudo acabou quando sinto o impacto das minhas costas no chão duro e vejo o rosto do Diego na minha frente.

— Thales, você tá fora — ele fala baixinho enquanto me ergue do chão segurando minha camiseta. — Saia daqui e não volte mais.

— Aquele filho da puta me provocou. — Aponto para o moleque, que está apoiado em um outro banco. Seu rosto está inchado e há tanto sangue, que tenho medo de que ele esteja morto.

Olho para minhas mãos, elas estão manchadas de sangue, dois dedos estão tão esfolados que posso ver a carne pendurada, eu fiz aquilo com ele e

nem ao menos me lembro. Eu perdi a luta contra o mal, eu deixei que ele me dominasse.

No fundo, eu sou um monstro, exatamente como ele.



Demora quase meia hora até que eles me deixem ir, Diego me faz prometer que não voltarei no campo onde cresci, tenho vontade de implorar para que reconsidere, mas ele diz que precisa manter a ordem e, no fundo, sei que ele está certo. Peço desculpas e me sinto um lixo quando dou as costas para o único lugar onde me sinto em paz, além de Ayla, e saio.

Está acontecendo, estou ruindo, perdendo tudo o que tenho, exatamente como sempre soube que seria.

Faço o caminho mais longo até minha casa, a cada passo meus machucados pulsam, meu peito se comprime e eu me sinto pior. Não compreendo o prazer que alguém pode sentir ao machucar alguém repetidas vezes, ou o tamanho do ódio que ele pode sentir. Só sei que não estou bem, a imagem daquele garoto machucado e desfigurado por minhas mãos não me deixam, quero voltar e pedir desculpas, mas sei que não adianta mais, eu o humilhei diante de todos e isso não se apaga.

Paro duas vezes para vomitar, mesmo que não tenha quase nada em meu estômago. Sei que a adrenalina está começando a deixar meu corpo e começo a sentir frio, estou doente de ódio, ciúmes e medo, e me sinto perdido sem saber o que fazer.

Esmurrei um garoto até ele desmaiar e sequer me lembro do que fiz, e se ele morresse? O que está acontecendo comigo? Será que estou me transformando em um monstro? Será que um dia...

Não. Não. Não.

Apoio em uma parede tentando parar as perguntas que se formam em minha cabeça, eu não sou ele, eu não sou como ele, eu sou a vítima, eu sou aquele que é machucado, tocado, obrigado a fazer coisas da qual eu nunca vou me esquecer e que fazem com que eu me odeie. Eu não sou ele, eu nunca vou ser como ele.

A noite está quase chegando quando vejo a minha rua, preciso me esforçar para não ir até a casa dela, sei que a essa hora Ayla está sozinha,

mas ainda estou cheio de raiva e, por mais que eu saiba que precisamos conversar, hoje não é um bom dia para isso.

Aperto o passo ignorando completamente à vontade que tenho de ir até ela, ainda estou magoado, não, estou puto da vida, mas eu preciso dela, tanto que sinto que posso morrer se não ouvir a sua voz, e sei que nesse momento eu acreditaria em qualquer coisa que ela me contasse porque eu preciso dela, muito mais do que eu posso admitir.

Ayla me ajudaria, limparia meus machucados e me ouviria, ela não me julgaria, nem me olharia como se eu fosse um monstro. Para ela, eu sou o garoto bom, o seu melhor amigo e isso é tudo o que preciso agora.

Mas não vou.

Não sei por que, algo dentro de mim me impede de pedir sua ajuda, talvez ainda reste um pouco de orgulho dentro do garoto fodido que sou, talvez um coração partido seja mais forte do que a necessidade, que se foda, não ligo.

Assim que passo pelo portão sinto que algo estranho está acontecendo, ou talvez seja apenas o medo querendo me avisar que o dia ainda não acabou, que no inferno, quando algo está ruim, ele tende a piorar. O problema é que hoje não vou me submeter às suas vontades, hoje ele não vai me tocar; se tentar me bater vou reagir, aliás, estou esperando por isso e hoje estou furioso demais para permitir qualquer tipo de aproximação.

Antes mesmo de abrir a porta, eu ouço sua voz e toda a minha fúria se transforma em medo, pânico, desespero. Sinto minhas pernas, já exaustas, fraquejarem, meus punhos se desmancharem mostrando dedos trêmulos e, por mais que eu tente, não consigo respirar.

Ela está aqui dentro com ele.

Empurro a porta, que bate com força na parede, e ouço o barulho de algo caindo no chão, mas não me importo em olhar para ver o que é. Tudo o que consigo enxergar é o maldito do meu padrasto seminu sentado de frente para Ayla.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto para ela, que se levanta assim que me vê.

— Jesus Cristo, Thales, o que houve com você? — Ela vem até mim e segura minha mão erguendo-a, só então noto que o sangue úmido que escorre por ela é meu e não do garoto que bati.

— O que diabos você aprontou agora, moleque? — ele exige saber, mas não vou falar.

— Thales. — Ela espalma a sua mão em meu peito e preciso de toda a minha força para continuar calmo.

Ela está aqui há quanto tempo? Ele a tocou? Ele a machucou?

— O que você está fazendo aqui? — pergunto bem baixinho ignorando a presença da minha mãe, que acaba de entrar na sala segurando um pano de prato na mão.

— Thales! — minha mãe grita dramaticamente como se importasse comigo e meus olhos desviam imediatamente para ela. — O que você fez? — pergunta, mas também não respondo.

— Eu vim trazer a sua mochila e... — Ayla começa a falar, mas seguro seu braço puxando-a para fora do meu cativeiro. Eu não a quero aqui perto desses monstros imundos, eu não a quero sob o olhar sujo dele, eu não posso suportar a ideia de que ela possa sequer ser ameaçada por ele.

Mas ele me prometeu, ele disse que se manteria longe dela, essa foi a nossa promessa, o nosso acordo. Eu me ajoelharia para ele, eu o deixaria fazer coisas imundas e ele manteria suas mãos longes dela e da Tati, ele não pode tocá-las, ele tem a mim.

— Vamos embora daqui — digo ignorando as vozes dele e da minha mãe. Não me importo com o que vai acontecer quando eu voltar, eu só preciso tirar ela daqui.

— Thales, para com isso. — Ela tenta se livrar do meu toque, mas não permito. Eu preciso protegê-la do mal, preciso levá-la para longe deles. — Thales, me solta! — ela grita e puxa o braço com força, só então eu paro e olho para ela. Ayla está apavorada, esse não é o olhar que eu quero que tenha para mim.

Eu não sou um monstro.

— Por que você foi lá? — indago quando estamos dentro da sua casa.

— Eu fui te ver, levar sua mochila que você deixou na sala e saber o que aconteceu para você sair daquele jeito.

— Ele tocou em você? — As palavras queimam minha garganta e o tempo que espero por sua resposta parecem com a eternidade.

— O quê?! — ela pergunta horrorizada.

— Ele te tocou, te ameaçou? Fala logo, porra! — Estou desesperado e, quando Ayla dá um passo para trás se afastando de mim, percebo que eu devo estar assustando-a. — Por favor! — imploro e ela nega com a cabeça, mas eu preciso de mais, preciso de palavras ou sinto que posso enlouquecer. — Ayla, diga para mim se aquele maldito machucou você.

— Não, Thales, ele não me machucou.

— Você jura? — Seguro seus braços mantendo meus olhos fixos nela.

— Por favor, não minta para mim, não tenha medo das suas ameaças, me fale, eu preciso saber.

— Thales. — Ela retira minhas mãos de cima dela e coloca a mão em meu rosto. Seu toque é quente sob minha pele fria, estou tremendo e nem sei mais se é por medo, raiva ou se, talvez, eu tenha chegado ao limite que uma pessoa pode suportar. Eu só preciso saber que ela está bem e, então, posso desabar.

25

Ayla



Se eu pudesse descrever o olhar de alguém segundos antes de morrer, com toda a certeza do mundo seria o olhar de Thales quando me viu em sua casa. Eu sei que poderá passar anos e nunca me esquecerei dele. Nunca o vi assim tão assustado, tão fora de si.

Mesmo agora que estamos na minha casa, que ninguém pode me machucar, ele ainda parece prestes a vomitar.

— Thales — o chamo, mas sinto como se ele estivesse em outro mundo, tão distante que não consigo alcançá-lo.

Sem pensar, passo meus braços em torno do seu corpo. Ele treme tanto que acho que está tendo algum tipo de surto ou algo parecido. Aperto meus braços e deito a cabeça em seu peito tentando aquecê-lo, mesmo que a temperatura lá fora esteja agradável.

— Thales, fale comigo, você está me assustando — digo com a bochecha ainda pressionada em seu peito. Ele me afasta e segura meu rosto em suas mãos. O cheiro forte de sangue me causa náuseas, mas mantenho meus olhos fixos nos dele.

— Ayla, por favor, eu preciso que você me prometa que nunca mais vai voltar lá — pede enquanto olha dentro dos meus olhos e tudo que consigo ver é o medo nos dele. — Por favor, por favor, Ayla, por favor.

— Tudo bem, Thales, eu estou bem.

Não digo a ele que não gostei da forma como seu padrasto me olhou, talvez seja apenas uma coisa da minha cabeça. Estou nervosa e saber de todas as coisas que já fez em Thales deve ter influenciado meu julgamento.

No fundo, eu sei que não seria capaz de algo tão terrível. Afinal de contas, ele tem uma filha e Thales... enfim, não sei mais o que estou pensando.

— Não volte lá nunca mais, não importa o que aconteça, não importa o que te digam, não volte lá. Não olhe naquela direção, aquele lugar é o inferno e tudo o que eu peço é que se mantenha longe de lá.

— Mas e você, Thales? — pergunto segurando seus pulsos e tentando acalmá-lo com meu toque.

— Eu já estou morto, Ayla. Não há nada que ele possa fazer, que me fará mal.

— Não fale assim. — Sinto as lágrimas pinicarem meus olhos enquanto absorvo suas palavras. — Você está me assustando. — Continuo passando meus polegares em seus pulsos tentando tranquilizá-lo, mas ele não consegue se acalmar.

— Deus... quando eu vi você lá dentro com aquele maldito, eu pensei...

Ele volta a me abraçar, com suas mãos passeando por minhas costas, minhas costelas, meu quadril, como se estivesse em busca de algum machucado ou algo assim.

— Não aconteceu nada, sua mãe logo se levantou e veio para a sala e depois a Tati chegou e ficamos... conversando.

Ele não diz mais nada, apenas me abraça como se precisasse do meu calor para viver. Seus tremores não diminuem e, quando suas pernas ameaçam ceder, eu me afasto passando seu braço por meu ombro.

— Acho melhor você se sentar um pouco. — Tento levá-lo para o sofá, mas Thales nega com a cabeça.

— Banheiro — começa a falar, mas não conseguimos chegar a tempo, Thales começa a vomitar em si mesmo e cai no chão. Grito assustada e sem saber o que fazer, corro até a sala e tranco a porta com medo de que alguém apareça. Alguém não, Sandro.

Os sons que saem de sua boca são horivelmente dolorosos, ele se curva e seu corpo sofre espasmos enquanto coloca para fora tudo o que tem dentro dele, o que não é muito. Quando termina não consegue sequer se levantar, seu corpo parece ainda mais trêmulo e me abaixo ao seu lado ignorando o cheiro horrível.

— Thales, o que você fez? — Afasto seus cabelos úmidos do rosto. — Por favor me diz o que fazer para te ajudar.

— Eu quero morrer, Ayla, eu só quero morrer — ele choraminga e é a primeira vez na vida que vejo a voz do meu amigo falhar dessa forma.

Começo a chorar enquanto ajudo-o a se levantar e o levo para o banheiro, estamos sujos e apavorados e, nesse momento, não sei quem treme mais, ele ou eu.

— Vem cá, eu vou te ajudar. — Coloco-o sentado no vaso sanitário e começo a tirar sua roupa. De todas as vezes em que imaginei o momento em que minhas mãos estariam trabalhando em suas roupas, nunca, jamais, pensei que seria por algo assim.

— Ayla, não... — sussurra quando começo a puxar sua calça, mas não me importo. Ele precisa se lavar.

— Vamos, Thales, me ajuda aqui. — Ele se ergue apenas o suficiente para que a calça de moletom possa ser retirada e então aqui está ele, o meu Thales, usando apenas uma cueca, o hematoma em seu braço e na lateral do seu corpo ainda vivo, o rosto pálido, os lábios sem cor, as mãos sangrando, a carne em tiras penduradas em seus dedos. Uma das imagens mais tristes que já vi na minha curta vida.

— Me desculpe — diz quando consigo colocá-lo dentro do box. — Me desculpe, Ayla — repete arrasado quando me coloco na sua frente impedindo seu corpo de desmoronar.

— Shhh... pare de pedir desculpas, eu já disse. — Ligo o chuveiro sem me importar se estou ficando toda molhada, apenas controlo a temperatura até que esteja agradável e o abraço sentindo seu corpo trêmulo contra o meu, o peso da sua dor sobre mim, a sua tristeza como água, penetrando sob minhas roupas, molhando minha pele e me fazendo chorar.

Thales apoia a cabeça em meu ombro, seus lábios próximos da minha nuca, a respiração pesada causando arrepios em minha pele enquanto minhas mãos molhadas acariciam suas costas nuas.

— Eu vou pegar o sabonete. — Afasto-me dele e pego a barra do outro lado do box. Thales se senta no chão, em meio à poça rosada que se forma aos nossos pés, me abaixo na sua frente e pego uma das suas mãos nas minhas, ele ainda treme muito, mas está diminuindo.

— Minha avó sempre diz que sabonete é ótimo para evitar infecções. — Passo a barra branca em seus machucados e a espuma rosada que se forma faz meu estômago embrulhar.

Thales permanece em silêncio, os lábios entreabertos, o rosto encoberto por seus cabelos que caem sobre ele.

— Está doendo muito? — pergunto quando chego ao dedo mais machucado, ele apenas nega com a cabeça enquanto olha para mim.

Quando termino de lavar seus dedos me aproximo dele, meu corpo inteiro sobre o jato d'água, minha camiseta branca está encharcada e sei que está vendo meu sutiã, mas não me importo, passo o sabonete por seus ombros, seu pescoço, seus braços e peito, em movimentos circulares encho seu corpo de espuma. E gostaria de limpar muito mais do que seus machucados. Gostaria de limpar o que intoxica seu coração.

Puxo seu corpo para baixo do jato e esfrego seu cabelo com meu xampu. Ele fecha os olhos e aproveito para acariciar seu rosto bonito, sinto seus dedos tocarem minha cintura quando me inclino para beijar sua boca, sinto suas mãos se fixarem em meus quadris quando o beijo se aprofunda, sinto meu corpo se moldar ao seu quando me puxa para que eu possa sentar em seu colo. Sinto meu coração derreter no peito quando ele me abraça, não há nada de mais nesse abraço, apenas a necessidade silenciosa de estar perto de alguém. Mas é o abraço mais importante da minha vida.

Quando o banho termina, eu entrego uma toalha limpa para Thales e saio para que ele possa se secar, a casa está toda suja de sangue e vômito e faltam apenas uma hora para o meu pai chegar com os meninos. Corro para limpar tudo antes que Thales saia, meus olhos se enchem de lágrimas quando recordo a forma como ele desabou em meus braços.

Vou até o quintal jogar o lixo fora e, quando tenho certeza de que Thales não pode me ouvir, ligo para o meu pai. A cada toque do telefone sinto como se estivesse em uma montanha-russa descendo a cem quilômetros por hora. Espalmo minha mão em minha barriga tentando manter o estômago calmo.

— *Ayla?* — ele fala do outro lado da linha e o alívio que sinto é tanto que preciso respirar fundo para não chorar.

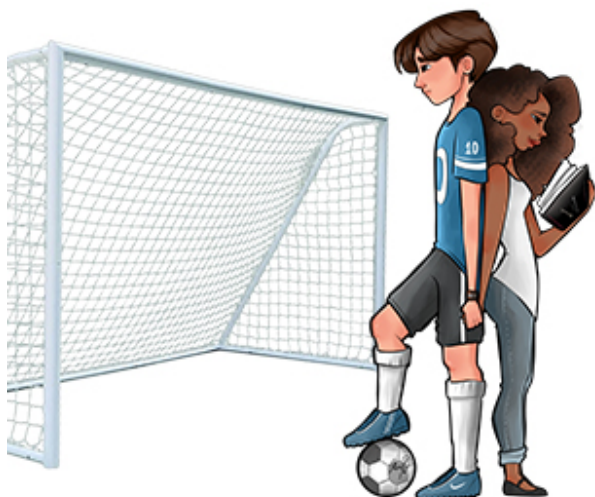
— Pai, eu preciso que o senhor faça um favor para mim.

— *O que houve, Ayla, está tudo bem com você?* — Sua preocupação é tamanha que eu posso jurar que ouço ele se levantar.

— Sim, eu estou bem. Por favor, deixe os meninos na vovó e venha para casa. Eu preciso conversar com o senhor.

Olho para a casa onde Thales deveria se sentir seguro e a única coisa que consigo me lembrar é dos seus olhos ao me encontrar lá e da promessa que me fez fazer.

“Não volte lá nunca mais, não importa o que aconteça, não importa o que te digam, não volte lá...”



26

Thales

Cheguei ao fundo do poço, fiz a única coisa que jurei a mim mesmo que jamais faria: surtei na frente dela.

Sento-me na sua cama e apoio minha cabeça nas mãos, tento afastar a imagem de Ayla sentada na sala ao lado daquele homem, mas o que me vem a seguir consegue ser ainda pior, Ayla me olhando, apavorada, as lágrimas escorrendo por seus olhos enquanto me viu quebrar. Mais uma vez.

Até onde irei, quando será o fim? Quando ela vai dizer chega?

Sinto finalmente meus dedos doerem quando tento flexioná-los, olho para eles e sinto meu estômago embrulhar novamente porque a imagem daquele garoto estendido no banco é aterrorizante. Eu fiz isso com ele, eu fiz isso com minhas mãos.

Ainda estou encarando-as quando ouço a porta se abrir, Ayla entra carregando algumas roupas em suas mãos e me sinto um pouco envergonhado por estar completamente nu por baixo dessa toalha.

— Eu trouxe algumas roupas do meu pai para você. — Ela as estende para mim e noto que desvia o olhar quando eu as pego.

— Obrigado.

— Você está com fome? — Observo seu rosto em busca de algo que me mostre que está com nojo de mim, mas só parece preocupada demais.

— Acho que não estou me sentindo bem, tenho certeza de que, se eu comer algo, vou acabar vomitando novamente. — Lembro-me imediatamente da sujeira que fiz no chão da sua sala e me levanto. — Por falar nisso, eu preciso limpar a sua sala. Eu...

— N-não precisa. — Ayla estende uma mão e desvia o olhar quando a toalha se move. — Eu já limpei tudo enquanto você estava no banheiro.

Seguro sua mão e a puxo para mim, Ayla resiste um pouco, mas quando enlaço sua cintura ela acaba cedendo e se aproximando.

— Ayla. — Seguro seu rosto em minhas mãos, acaricio sua pele escura levemente corada pela timidez, toco seus cachos molhados pelo banho que tomamos juntos e, embora esteja destruído, uma fagulha de desejo acende dentro de mim quando sinto-a tão perto. — Muito obrigado — repito e a beijo.

Seus lábios mornos e nervosos recebem os meus delicadamente e, por um instante, tudo o que eu queria era poder esquecer tudo à minha volta e me concentrar apenas nela.

Ayla envolve sua mão em meus cabelos enquanto me puxa para aprofundar mais o beijo, seguro-a com um pouco mais de força e, quando ela geme, eu preciso de toda a concentração do mundo para que o meu corpo não reaja ao seu beijo.

Ainda não sei como lidar com isso, embora já saiba lidar com meu corpo. Sei exatamente o que acontece quando ele é tocado e nunca foi assim, nunca foi bom, nunca foi algo que eu quisesse repetir, mas com ela é diferente. Ter uma garota assim tão perto, sentir coisas por ela, pensar em fazer essas coisas, me parece errado e sujo, mas bom, muito bom.

— Thales — ela me chama trazendo-me de volta para os seus braços, ainda de olhos fechados e ofegante.

— Oi — sussurro acariciando seu rosto, seu pescoço, seu ombro.

— Eu preciso te falar uma coisa. — Sua voz soa insegura e tenho medo do que ela vai falar.

— O quê?

— Eu te amo. — As palavras saem atropeladas da sua boca e me sinto mal por estar falando isso para mim, não era pra ser assim, não desse jeito. Não depois de tudo o que vi, enquanto estou lutando contra as imagens sujas em minha cabeça. Não hoje.

— Ayla... — Minha voz sai um pouco mais desapontada do que realmente me sinto, tenho medo que a interprete mal, mas nem tenho tempo de explicar.

— Tudo bem, Thales. — Ela coloca a mão em minha boca me impedindo de falar e meu coração afunda. — Eu não disse para você dizer de volta, na verdade parece tão precoce, mas é que eu sempre te amei,

sempre. — Ayla olha dentro dos meus olhos enquanto fala coisas que tem um peso grande demais para que eu possa suportar.

Afasto seus cabelos do rosto e beijo sua testa, seus olhos, seu nariz. Olho para essa garota, que não teve medo de cuidar de mim, que está aqui se declarando mesmo depois de tudo o que aconteceu e faço mais uma promessa, a mais importante de todas.

— Ayla, eu não vou dizer de volta — falo e quase posso sentir a decepção como um soco em seu rosto.

— Tudo bem, de verdade. — Ela sorri tristemente e ergo seu queixo para que possa olhar para mim.

— Isso não significa que eu não sinta — sussurro em seu ouvido. — Eu apenas não sou digno de pronunciá-las.

Vejo a pele do seu pescoço se arrepiar no instante em que falo. Deixo um beijo bem ali, onde sua pele sensível se arrepia, e quando me afasto ela sorri para mim, dessa vez um sorriso lindo que ilumina seu rosto inteirinho.

— Um dia, quando formos mais velhos, quando eu conquistar tudo o que desejo, quando eu for um cara sem traumas, sem medos, um cara que lutou e venceu, nesse dia, só nesse dia, eu me permitirei te falar as palavras que você merece ouvir.

— Isso é bobagem, Thales, tudo isso que você acha importante é bobagem — fala e vejo o quanto está magoada, mesmo que tente dizer que não.

— Não, para mim não é bobagem. Eu passei a minha vida inteira sendo acusado de coisas que não fiz, sendo julgado e castigado. Eu preciso vencer, preciso provar que sou muito mais do que apenas o saco de brinquedo de um desgraçado.

— Você já é muito mais para mim, para os meus irmãos e o meu pai, para os garotinhos do campinho que amam te ver jogar.

— Eu quero mais, Ayla, eu necessito de mais.

— Então vá atrás do que você precisa, só não se perca no caminho.

— Eu não vou.

— Ótimo! Eu acho que você deveria se vestir. — Ela espalma sua mão em meu peito e a seguro no lugar por um instante, gosto do seu toque, gosto do calor da sua pele, gosto do jeito que me sinto quando estou assim com ela. Gosto de saber que sempre me amou.

— Eu também acho.

Solto-a e pego a calça de moletom, Ayla vai até a porta, mas antes que ela saia eu a chamo. Quando olha para mim, seus olhos percorrem meu corpo e me sinto agitado.

— Obrigado.

Quando Ayla fecha a porta, eu desabo na cama, fecho meus olhos e coloco a mão em meu peito sentindo meu coração bater com força.

— Eu te amo, Ayla, eu sempre te amei, sempre vou te amar — digo baixinho para que somente eu possa ouvir.



Dez minutos depois, Ayla entra no quarto me assustando.

— Jesus Cristo, Ayla! Você não pode entrar assim!

— O que foi?

— Eu poderia estar pelado.

— Eu te vi tomando banho, Thales — diz como se não fosse nada de mais.

— Eu estava de roupa.

— Acho que uma cueca branca molhada não deveria contar como roupa — ela me provoca enquanto se senta colocando a bandeja entre nós e sinto meu rosto inteiro esquentar de vergonha.

— Merda!

— Eu estou brincando com você, juro que não vi nada, estava preocupada com outras coisas. — Enche um copo de suco de laranja e entrega para mim. — Acha que já pode comer?

Pego o suco de suas mãos e dou um gole, o líquido desce queimando minha garganta e no momento em que bate em meu estômago vazio sei que não é uma boa ideia.

— Acho que não estou tão bem assim. — Coloco o copo na bandeja.

— Só um pouquinho? — Ela estende uma torrada com manteiga e nego.

— Mais tarde.

Ayla pega a bandeja e a coloca no chão, depois retira uma pequena caixinha da sua gaveta e se senta ao meu lado pegando minha mão esquerda e colocando-a em seu colo.

— Você tem uma caixa de primeiros socorros ao lado da sua cama? — pergunto enquanto a observo pegar gaze e antisséptico.

— Faz parte. Eu namoro um atleta, preciso ter essas coisas a mão. — Ela para imediatamente o que está fazendo e me olha, seu rosto fica vermelho. — Quer dizer, eu não quis dizer que somos namorados, ou...

— Não?

— Não, aliás, não foi nada disso que eu quis dizer.

— Não somos namorados?

— Eu... eu não sei, somos? — Ela parece nervosa, depois de me ver vomitar, depois de me ver desmoronar na sua frente, é nesse momento em que falamos de relacionamentos que fica mais nervosa e vulnerável.

— Eu achei que sim.

Ayla segura meu rosto com a sua mão livre e me beija. Sinto uma paz tão grande em seu toque que, quando ela se afasta, eu me aproximo capturando sua boca mais uma vez.

Ayla termina de limpar minha mão e enfaixá-las cuidadosamente. Suas palavras ainda estão martelando na minha cabeça: “namoro um atleta”, e mesmo que eu saiba que ela está falando de mim, ainda não consigo acreditar.

— Hoje eu bati em um moleque — digo quando ela se deita em meu peito com a ponta dos dedos passeando por meu braço direito. — Eu não sei o que deu em mim, estava nervoso e, quando ele me provocou, eu simplesmente apaguei.

— Apagou? — Ela se ergue para olhar em meus olhos.

— Sim, um momento eu estava olhando para ele; no outro, eu estava sendo arrancado de cima dele. O que houve entre uma cena e outra, eu não faço a menor ideia.

— Foi assim que você conseguiu esse machucado? — Aponta para a minha mão enfaixada e confirmo sem orgulho nenhum do que fiz. — Foi a primeira vez que isso aconteceu?

— Sim, ao menos que eu tenha descontado em alguém.

— Por que você estava tão bravo?

Afasto-me um pouco me sentando e fazendo com que ela olhe para mim. Preciso olhar em seus olhos enquanto estiver falando.

— Você beijou o Duda?

— O quê?

— Você ouviu, Ayla.

— É por isso que você estava bravo?

— Beijou ou não beijou?

— Não.

— Não? — Sinto-me confuso com sua resposta. Imaginei que ela iria justificar sua atitude, mas mentir não era algo que eu esperava.

— Eu não o beijei.

— Ele disse que vocês se beijaram.

— Sim, mas foi ele quem me beijou.

— Isso faz diferença?

— Pra mim faz? — indaga sem desviar os olhos de mim.

— Certo — respondo ignorando a pontada de raiva que aquece meu peito como uma fagulha desejando se tornar fogo.

— Foi na festa do campeonato. O Duda estava bebendo algo, eu acho que foi sem querer. Ele estava alterado e aí acabou fazendo uma bobagem, foi um beijo rápido, nossas bocas mal se tocaram.

— Não foi você? — pergunto mais uma vez, embora não haja mais necessidade, eu já sei que ele mentiu.

— Não, eu ainda tinha esperanças de que você me visse lá e pudéssemos conversar. — Ayla ergue os ombros e me sinto péssimo ao me lembrar daquele dia e dos motivos que me fizeram me afastar dela.

— Me perdoe, eu não consegui chegar até você.

— Tudo bem, já passou.

— Sim, passou.

— Então foi por isso que você ficou tão bravo hoje na escola? Você estava com ciúmes?

— Também. Teve outras coisas, mas sinceramente não valem a pena.

— Abro minhas pernas e estendo o braço segurando-a pela cintura. — Agora vem cá. — Acomodo-a entre minhas pernas e ela deita a cabeça em meu peito, apoio meu queixo em seus cachos e observo como ela se encaixa bem assim, pertinho de mim.

— Você gostou?

— Do quê?

— De beijar o Duda?

Ayla se vira para ficar de frente para mim e vejo a resposta em seus olhos antes mesmo que ela diga.

— Eu nunca beijei outro garoto, Thales, nunca irei beijar.

— Isso é uma promessa?

— Sim, é uma promessa. — Ela sorri e sei que deveria dizer a ela que não a faça, que um dia eu irei embora e ela deverá beijar outros meninos, mas nesse momento eu preciso acreditar que, ao menos uma coisa boa na minha vida, vai durar para sempre.

E então eu a beijo.

— Quando será a peneira? — pergunta algum tempo depois.

— Daqui a dois dias, ela foi adiada.

— Você está ansioso?

— Muito. — Sinto um frio na minha barriga, preciso me concentrar, me alimentar e me esforçar. Do jeito que estou, não conseguirei dar nem mesmo uma volta no campo, não tenho forças para chutar uma bola e não posso perder essa chance.

Ayla segura minha mão enroscando seus dedos nos meus.

— Eu sei que você vai conseguir — afirma com tanta certeza que preciso beijá-la, mas se encolhe quando sente minha boca em sua bochecha.

— Ah, é? E por que você tem tanta certeza?

— Sei lá, eu apenas sinto.

Aperto-a e planto um beijo na curva do seu pescoço, que a faz se arrepiar, eu adoro vê-la assim. Dou risada quando tenta se esquivar e, mesmo com minha mão machucada, eu a mantenho presa a mim.

— O que acha de eu ler um pouco? — sugere.

— Deus, eu acho que é tudo o que preciso.

Ela se levanta para pegar o livro na mesinha e, quando volta para o meu lado, me deito permitindo que ela apoie sua cabeça em meu colo.

— Onde paramos? Acho que foi...

Fecho meus olhos e faço um agradecimento mental a Deus. Não sei como será quando eu sair daqui. Se o pai do garoto vier atrás de uma justificativa, é bem provável que eu receba a maior surra da minha vida. Minha mãe não deve estar muito feliz depois que a deixei falando sozinha e, para completar, não consigo sequer imaginar como será a minha vida se eu não puder mais pisar no campinho.

Minha vida está uma merda completa, tudo está ruindo, mas juro por Deus que nunca me senti mais feliz na minha vida do que nesse momento enquanto sinto o peso dela sobre corpo e o som da sua voz em meus ouvidos. Algo que não faz o menor sentido, mas, sinceramente, eu não ligo, minha vida inteira não faz sentido mesmo.

27

Ayla



Depois de dois capítulos, Thales finalmente dorme, levanto-me devagar para não acordá-lo e puxo o lençol para cobrir seu corpo. Ele se encolhe em uma bola de lado e sinto vontade de abraçá-lo. Gostaria de saber o que ele esconde de mim, sei que deve ser algo muito grave, algo que talvez poderia colocar o seu padrasto em uma situação difícil. Talvez seja algo que ele possa contar para o meu pai.

Recolho a bandeja e coloco em cima da mesinha, ele não comeu nada e me preocupa. Thales parece mais magro e fraco e, embora eu jamais vá falar isso para ele, tenho medo de que não consiga passar no teste para o clube. Sei que está suportando tudo isso porque acredita que pode passar, mas depois de tudo que presenciei hoje, o seu descontrole emocional, a forma como machucou o outro menino, eu estou realmente muito preocupada que algo ruim possa acontecer com ele.

Ouçó o portão se abrir e corro para a sala. Quando meu pai abre a porta sinto um alívio enorme ao ver seu rosto cansado.

— Onde ele está? — meu pai pergunta no instante em que fecha a porta e coloca suas coisas na poltrona. Começo a chorar, sinto que não estou sozinha, que Thales não está sozinho. Temos o meu pai e, ao ver a preocupação em seu rosto, eu sei que tudo vai ficar bem.

Quando meu pai vem até mim e me puxa para um abraço, não consigo falar, apenas o aperto junto a mim e me seguro nele. Ele é tudo o que tenho, meu alicerce, meu exemplo e meu herói, me sinto segura quando está

comigo e mesmo que eu saiba que ele é apenas um homem, com seus defeitos e fraquezas, para mim ele é o homem mais especial do mundo.

— O que aconteceu, filha? — pergunta preocupado.

— Ele está dormindo — respondo quando finalmente consigo parar de chorar. Meu pai se senta e me puxa para que eu me sente ao seu lado. Com carinho e delicadeza, ele seca minhas lágrimas.

— Os meninos vão dormir na vovó hoje. — Sua voz forte e confiante me faz sentir vontade de chorar de novo e só então percebo que eu estava me segurando todo esse tempo, eu estava sendo forte para o garoto quebrado que está dormindo no meu quarto.

— Foi horrível, pai... — começo a contar a ele tudo, desde o dia em que Duda me beijou, que Thales pulou minha janela, mesmo as coisas que ele já sabia.

Conto sobre a relação dele com seu padrasto e o fato de que eu acho que está escondendo algo muito grave de mim, conto sobre o que Thales fez com o garoto e o apagão que sofreu, conto como o segurei em meus braços quando ele desabou e como eu tive medo quando achei que não conseguiria voltar para mim.

Meu pai ouve tudo com paciência, me parando apenas para perguntar coisas que o deixam preocupado como a questão do padrasto. Todo mundo sabe que Sandro é um homem violento com Thales. Às vezes ouvimos os gritos e as surras, desde pequeno. E, infelizmente, todos nós acabamos nos acostumando com isso, não foram poucas as vezes que ouvi as vizinhas falarem que não se mete em educação, que se Thales estava apanhando era porque ele merecia. Meu pai, como um homem cauteloso, fez o que achou que seria o melhor: acolheu Thales em seu lar, abriu as portas para ele e deixou que ficasse. E foi assim que muitas vezes ele se livrou de uma surra, ou veio para cá depois de ter sido castigado.

Quando termino de falar tudo me sinto mais leve, meu pai me puxa para um abraço apertado, que era tudo o que eu precisava.

— Eu estou muito orgulhoso de você, mocinha. — Ele beija minha testa e se levanta. — Agora é a minha vez de fazer algo. — Ele abre a porta e me levanto sentindo meu coração disparar.

— Onde o senhor vai?

— Ter uma conversa de homem para homem com o nosso vizinho.

Corro até ele e seguro sua mão impedindo-o que saia.

— Pai, por favor, não vá! — imploro sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

— Calma, filha, eu sei o que estou fazendo.

Ele beija meus cabelos e se afasta saindo da nossa casa e atravessando a rua com as mãos nos bolsos e uma postura tranquila. Enquanto caminha em direção ao inferno, eu sinto que talvez ele possa fazer algo. Thales tem um problema grande demais para que meu pai possa resolver, mas sei que ele vai dar um jeito. Ele sempre dá.



Meu pai é incrível!

O homem mais esperto do mundo, o mais especial, o mais inteligente, o mais poderoso, o meu herói e, nesse momento, o herói do Thales.

— O negócio é o seguinte, você vai fazer exatamente o que eu mandar, garoto. — Ele está apoiado na minha cômoda, com as mãos nos bolsos enquanto fala com Thales, que ainda está um pouco sonolento e muito abatido. — Nenhuma linha a menos ou a mais, não quero ver você pisar fora da faixa.

Thales apenas assente, porque ainda não compreendeu muito bem como o meu pai conseguiu fazer com que sua mãe o permitisse ficar aqui, mas eu sei. Meu pai é o cara.

— Dei a minha palavra a sua mãe que estaria de olho em você vinte e quatro horas por dia, e eu estarei. — Meu pai aponta o dedo para Thales, que apenas move a cabeça para cima e para baixo, concordando. Estou ao seu lado e juro que posso senti-lo tremer. — E você, mocinha. — Seu dedo agora está apontado para mim. — Comporte-se, não me obrigue a ter aquela conversinha sobre bebês com você novamente.

— Pai! — Sinto Thales enrijecer ao meu lado e meu rosto esquentar como se um maçarico estivesse apontado para ele.

— Eu posso fazer isso todos os dias se vocês quiserem. — Ele olha para Thales, que abaixa a cabeça, mas consigo ver que está apertando os lábios um no outro como se tentasse segurar um sorriso.

— Não é preciso se preocupar, senhor, vamos nos comportar — diz como se estivesse se dirigindo a um general e sei que será mais ou menos

assim. Meu pai sabe ser rígido quando precisa. E sabe me fazer passar vergonha também.

Ele se afasta e vai até a janela, depois vai até a porta e nos olha por um instante. Posso imaginá-lo pensando na merda que se meteu, mas eu sei que não se arrependeu.

— Agora vamos, você precisa comer. — Não é um pedido e espero que Thales esteja disposto a aceitar as ordens do meu pai.

— Eu não estou me sentindo muito bem.

Meu pai retira um comprimido do bolso e entrega para Thales.

— Engula isso, é para o seu enjoo. Daqui a quinze minutos, quero você na cozinha.

Meu pai sai do quarto e deixa a porta semiaberta. Thales continua olhando para a bolsa à sua frente com os seus pertences, ele engole o comprimido e se inclina para a frente apoiando os cotovelos nas pernas, eu estou tão feliz que mal consigo me conter.

— Eu não acredito que ele conseguiu convencer a sua mãe a te deixar ficar aqui até o teste. — Minha voz sai um pouco estridente, mas não ligo, estou feliz demais.

Quando meu pai disse que daria um jeito nisso, confesso que, por um momento, pensei que ele poderia propor cuidar do Thales, mas nunca imaginei que a mãe dele deixaria. Meu pai não me contou o conteúdo da conversa, apenas disse que haveria regras, mas não me importo. Só de saber que Thales estará longe daquele monstro, eu já estou feliz.

Ele não diz nada, apenas continua encarando a sua bolsa como se estivesse em algum tipo de transe.

— Eu não posso ficar — diz ainda olhando fixamente para suas coisas.

— Você não precisa ficar se não quiser, você sabe, não sabe? — Passo minha mão por seus cabelos afastando-os dos seus olhos.

— Eu sei — sussurra ainda sem olhar para mim. — Mas eu quero, só estou cansado de lutar.

— Então deixe que meu pai lute por você um pouco.

Thales balança a cabeça e, sinceramente, não sei se ele está concordando ou não comigo.

— Você não está feliz? — Levanto-me e me coloco na frente dele segurando seu rosto em minhas mãos. — No que você está pensando?

— Agora eu tenho mais uma pessoa a quem não posso decepcionar, Ayla.

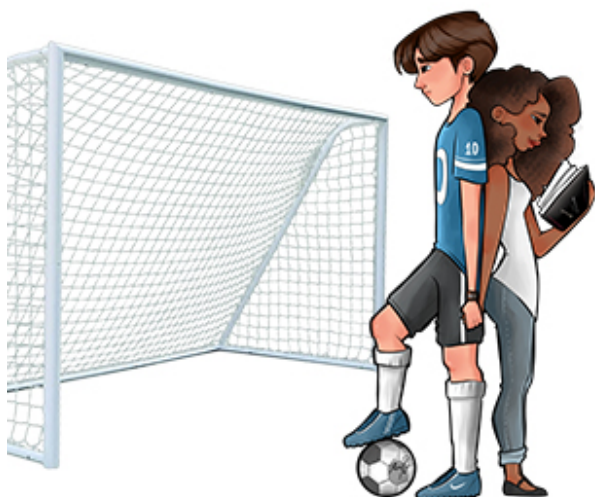
— Ah, é isso? — Ele afirma com a cabeça. — Então não se preocupe, meu pai não é assim.

— Todo mundo é assim, Ayla. Todos esperam por algo, eu só não sei se conseguirei dar a seu pai o que ele merece.

— Eu tenho certeza de que você conseguirá.

Inclino-me e beijo sua boca no exato momento em que meu pai nos chama da cozinha:

— Thales, o seu prato já está pronto.



28

Thales

Eu juro por Deus que, se eu colocar mais um pedaço de pão na minha boca, eu vou vomitar.

Claro que não digo isso em voz alta, na verdade ultimamente eu tenho medo de que Milton tenha adquirido algum superpoder e possa ouvir meus pensamentos, logo um comprimido para enjoos vai aparecer na minha frente. É sempre isso, basta eu falar que estou enjoado e ele me faz engolir um desses, de acordo com ele preciso consumir o máximo de calorias possível até o teste, tipo como os lutadores fazem, mas não sou um lutador, sou um covarde que ainda não teve sequer coragem de sair na rua por medo de encontrar seus fantasmas.

— Hoje você vai para a escola, Thales — diz enquanto começa a arrumar as coisas e sei que não é um pedido. Ele nunca pede, exige e não ligo. Nunca tive tanta atenção antes na minha vida e sei que faz para o meu bem.

No dia seguinte a conversa de Milton e minha mãe, ele me fez contar a ele tudo o que estava acontecendo na minha casa. Despejei tudo o que eu pude: as surras, as torturas psicológicas, as agressões verbais, a fome, o medo, a tristeza. Falei por horas, contei sobre o apagão do campo e ele disse que falaria com Diego e que explicaria tudo. Falei sobre meus sentimentos por Ayla e ele disse que tentaria ser maduro e aceitar que sua filha tinha um namorado. Falei sobre minhas dificuldades na escola e ele disse que falaria com a coordenadora pedagógica se comprometendo a me levar a um psicopedagogo.

Para tudo o que eu disse, recebi uma resposta, uma solução.

Só deixei uma coisa de fora, porque essa eu sabia, não havia nada nesse mundo que poderia consertar.

— Eu ainda não me sinto bem — minto enquanto encaro o pão na minha mão e ele vira o rosto para olhar para mim.

— Eu posso encher o seu estômago de remédios para enjoo, você sabe disso, não é?

— Eu sei, mas não é bem isso...

Milton para de guardar os pratos e se senta de frente para mim. Seus olhos caem no pão em minhas mãos, ele sabe o que estou falando. Ontem ele teve que fazer o papel de pai e se desculpar com o pai do moleque que quebrei o nariz garantindo que eu nunca mais faria isso. Depois passou uma hora ao telefone com a coordenadora da escola. Ele tem feito muito por mim, está abrindo mão de ficar com os gêmeos para que eu possa usar o quarto deles. Estou envergonhado e ainda não sei por que ele me quer aqui.

— Escuta aqui, eu fiz uma promessa a sua mãe de que você só sairia da minha casa para um alojamento em um clube esportivo, e você vai, porque eu acredito em você, garoto. Apostei tudo em você. Estou aqui aguentando ver você e minha garotinha juntos como um casal e, acredite, um dia você terá uma filha e saberá que isso não é nada fácil para um pai, então trate de fazer valer a pena tudo isso.

Suas palavras são duras e, quando ele bate na mesa fazendo com que todos os talheres trepidem, eu me afasto olhando para ele.

— Não me faça me arrepender, porque nunca me arrependo.

— Sim, senhor. — Enfio o resto do pedaço de pão na boca antes de sair para arrumar as minhas coisas.



— O que meu pai disse para te fazer ir à escola? — Ayla pergunta pouco depois enquanto estamos caminhando. Meu coração ainda está disparado desde que saímos da casa dela.

— Basicamente me rogou uma praga. — Seguro as alças da mochila enquanto chuto uma pedrinha de um pé para o outro, como se fosse uma bola de futebol.

— Oi?

— Ele disse que um dia eu terei uma filha e vou saber o que é vê-la com um cara. — Ergo os ombros e olho para ela. — Se isso não é uma praga, eu não sei mais o que é.

Ayla ri, não na verdade ela gargalha, alto o suficiente, para que um grupo que está na nossa frente se vire para trás para ver o que está acontecendo.

— Meu pai gosta muito de você. — Ela passa os braços em torno do meu pescoço e planta um beijo em meu rosto. — Você sabe disso, não sabe?

— Sim — respondo rapidamente.

A verdade é que não me sinto muito confortável com a atenção que recebo do seu pai. Sei que ele gosta de mim, embora eu não compreenda o motivo. De qualquer forma é estranho aceitar algo sem ter que dar nada em troca, ou ser ofendido, agredido.

— Estou ansiosa para amanhã — ela fala com uma alegria tão grande, que não consigo não sorrir de volta.

— Só porque amanhã é o dia do cara mais bonito dessa cidade? — provo-a e ela revira os olhos exageradamente. — E da garota mais sortuda — acrescento e ela dá um tapa em meu braço.

Ele já não dói mais, nem minhas costelas, assim como os meus dedos que estão se curando, mas dentro de mim há uma sombra que nunca vai embora, um pensamento que me perturba dia e noite: Tatiana.

Agora não estou mais lá para protegê-la e isso me angustia, me tira o sono. Por várias vezes tentei contar a Milton na esperança de que ele possa tirar minha irmã de lá, mas não tive coragem. E se ele não acreditar em mim?

Sinto-me sufocar todas as vezes em que me pego pensando nisso. Eu prefiro morrer, prefiro não estar mais aqui a ter que ver a minha humilhação espelhada nos olhos dele. Ou dela.

— ...mas ele não me disse mais nada, eu acho que ele tá preparando alguma coisa — ela fala sem se dar conta de que não estou ouvindo.

Perco-me em suas palavras e aproveito para observar seu rosto bonito, seus cachos escandalosos balançando à medida que caminha e saltita como uma criancinha, sua pele marrom, tão suave e quente, tão linda, que meu coração acelera por saber que é minha namorada. E, por mais que o seu pai tenha dito que somos jovens demais, eu sei que isso que sinto por ela nunca mudará.

— Ai, Thales, que susto! — grita quando a seguro pela cintura e a puxo para um beijo. Ouço o assobio das pessoas à nossa volta, mas não me importo, assim todos na escola saberão que ela é a minha garota.

— Não resisti — sussurro em seu ouvido antes de entrarmos.
De mãos dadas.



Estamos no meio da aula de educação física. Para o meu desespero, o professor decidiu que hoje vamos nos exercitar. Pensei em dizer a ele que não posso por causa da minha mão, mas não quero parecer fraco e sei que um pouco de exercício vai me fazer esfriar a cabeça.

Duda está me evitando. Na sala de aula, ele está sentado em outro lugar; no intervalo, ele ficou com outros moleques idiotas de quem sempre falamos mal. Quando seus olhos se cruzam com os meus, ele desvia; no fundo, sabe que eu já sei. Ele sabe que eu acreditei nela e sabe que, mais cedo ou mais tarde, teremos um papo sobre isso.

Sempre fui um cara de poucos amigos. Que eu me lembre, Duda sempre fez parte deles, desde pequeno, o garoto riquinho da rua de cima, não que ele seja realmente rico, mas quando se é muito pobre, o pouco vira muito. Para mim, Duda e Ayla sempre foram ricos, o que não deixa de ser uma verdade de certa forma, ambos têm pais amorosos que cuidam deles, e para mim essa é a maior riqueza.

Um novo grupo começa o circuito que o professor montou, Duda está do outro lado da quadra, Ayla está conversando com as pessoas do seu grupo e não está vendo nada. Caminho até onde ele está, a lembrança daquele dia enche minha mente de merda. *Ele a beijou e se eu tivesse visto? Era isso que ele queria? Por que diabos Duda beijou Ayla? E o mais importante, por que menti para mim?*

Há uma parte de mim que está me pedindo para deixar para lá, ele é meu amigo e deve ter havido um engano. Além do mais, não estávamos juntos, mas há a outra parte, a mais forte, a mais violenta, a parte que está nas sombras, junto com as imagens, os sons, junto com o medo e a raiva, essa parte fala mais alto e nesse momento ela diz que eu devo fazer isso, que eu devo mostrar a ele que não pode mexer com ela. Que Ayla é tudo de bom

que tenho e se ele tentar tirá-la de mim eu não terei mais nada na minha vida.

— Ei, Thales. — Ele sorri quando me vê chegar, mas não sorrio de volta. — O que aconteceu lá no campinho? O Die... — Não deixo Duda terminar de falar. Assim que me aproximo, fecho meu punho e acerto sua cara, bem no meio dela. Ele cai no chão completamente sem noção do que foi que o acertou enquanto abro e fecho a mão ignorando a dor em meus nódulos. Bater dói, bater em quem a gente gosta e acreditava que era nosso amigo dói ainda mais.

Talvez por isso Sandro não tenha problemas em me bater, nunca fui nada para ele.

— Mas que porra! — Duda grita quando vê o sangue em sua mão. — O que diabos deu em você, caralho!

Rapidamente um grupo de pessoas nos cercam e a cacofonia que está prestes a me enlouquecer silencia, tenho a sensação de que só existem eu e ele no mundo, e tudo mais é apenas o silêncio. O silêncio que precede a merda.

Abaixo-me devagar e inclino meu rosto até chegar bem perto dele. Duda se afasta, mas seus olhos estão fixos em mim.

— Nunca mais chegue perto dela. — Coloco meu dedo no seu peito e ele se encolhe com a força com que o acerto. — Se eu souber que você tentou beijá-la, isso aqui vai parecer um carinho de mãe perto do que vou fazer com você.

— O que está havendo aqui? — O professor se aproxima, mas não me movo.

— Nada não, professor — Duda responde enquanto limpa o sangue com as costas das mãos. Não digo nada, toda a minha concentração está em manter meu punho aberto e longe, bem longe da cara dele.

— Thales Reis, para a diretoria, agora!

A coordenadora surge atrás de mim como num passe de mágica, ela me segura pelo braço como se eu tivesse cinco anos de idade. Penso em afastá-la, mas desisto. Ela precisa fingir que põe ordem nessa droga de hospício, então deixo que me guie até a sala da diretoria onde sei que vou me dar mal. Minha mão pulsa, abro e fecho várias vezes, mas a sensação de alívio que sinto ao saber que deixei meu recado para ele faz valer a pena, cada consequência.

O grupo se afasta dando passagem para que possamos sair, algumas meninas vão ajudar Duda a se levantar e meus olhos se fixam em Ayla, que está olhando para mim. O sorriso que antes parecia ter sido colado em seu rosto agora se desmancha em uma tristeza, mas não me importo. Nesse momento permito que a parte sombria se satisfaça, e então sorrio.

29

Ayla



Estou sentada na porta da diretoria quando vejo o meu pai chegar. Durante quase toda a minha vida foram poucas as vezes em que o vi furioso, uma delas foi quando o médico disse que minha mãe não viveria muito tempo, eu era bem pequena, mas me lembro de como ficou transtornado, gritou com o homem, disse que ele não era Deus para decidir o dia que ela morreria. Dois dias depois, ela foi intubada e, então, veio a falecer.

Meu pai é assim. Como eu, ele tem muita fé, crê nas coisas boas e, principalmente, assim como eu, acredita que o bem sempre vence o mal. E nesse momento, enquanto ele caminha a passos largos para assinar a suspensão de Thales, eu creio, do fundo do meu coração, que ele não vai colocá-lo para fora da nossa casa porque o mal não pode nos vencer.

— Pai! — Levanto-me e vou ao seu encontro, preciso falar com ele antes que entre nessa sala. Tenho medo, muito medo e não posso deixar que tome uma decisão antes de me ouvir.

— O que você está fazendo aqui, Ayla? Não deveria estar na aula? — Ele está furioso e isso faz com que sua voz soe mais grave e alta.

— Eu disse que precisava ir ao banheiro e vim te esperar. — Sou sincera, porque mentir nesse momento não vai me ajudar.

— Onde ele está? Você está bem? O Duda está bem? — ele faz as perguntas sem esperar por uma resposta e balanço a cabeça confirmando todas elas enquanto aguardo a mais importante de todas. — Ele está bem?

Mesmo diante do caos, não consigo evitar de sorrir. Eu sabia que ele não iria me decepcionar. Se não estivéssemos em um momento tão ruim, eu

juro que me jogaria em seus braços e o beijaria.

— Não, pai, ele não está bem — respondo sentindo em seu olhar que ele se importa tanto quanto eu. — O Thales não é assim, ele não é violento — afirmo só para garantir que ele não se esqueça disso.

— Ele bateu em dois garotos nos últimos quatro dias, Ayla — meu pai fala como se fosse um crime. Todos os garotos brigam, o tempo todo, eu estou cansada de vê-los se pegando no campo. É como se estivesse no DNA masculino, essa necessidade de expressar força física, violência.

Todos brigam. Mas Thales não é todos eles.

— Eu sei, mas, por favor, não desista dele.

Meu pai me olha por um instante, seus olhos sempre gentis estão carregados de preocupação.

— Ayla... — Respira fundo, aperta a ponta do nariz como se estivesse cansado demais para pensar e meu coração acelera.

— Pai.

— Eu preciso que você seja realista, filha, eu não sei o quanto do garoto que conhecemos ainda pode ser salvo.

— O que o senhor está dizendo? — Sinto minha voz tremer.

— Eu quero que você me prometa que não vai se meter nisso, Ayla. — Abro a boca para responder, mas ele não espera uma resposta. Isso não é uma pergunta, é um aviso.

Balanço a cabeça porque é tudo o que consigo fazer agora. Não posso prometer algo que sei que não vou fazer, ele finge que acredita, eu finjo que faço e por enquanto basta.

Meu pai beija minha testa e se afasta batendo na porta. Quando ela se abre, eu posso ver Thales sentado na cadeira, seus olhos se encontram com os meus rapidamente e sussurro um “eu te amo”.

Thales vira o rosto.



O barulho dos nossos sapatos ecoando no chão é ensurdecedor, ninguém abriu a boca desde que saímos da escola, nem os carros passam, nem ao menos as árvores farfalham com o vento. É enlouquecedor e estou prestes a gritar de desespero.

Assim que entramos na nossa rua sinto o corpo de Thales enrijecer ao meu lado, ele olha para sua casa por um momento, sua respiração muda, como se ele estivesse vendo algum fantasma ou algo assim.

Meu pai abre o portão e espera até que entremos. Thales segue direto para o quarto dos meninos, o sigo pensando em algo que eu possa falar, mas não tenho tempo de pensar em nada. Thales começa a recolher suas coisas e colocar dentro da bolsa.

— O que você está fazendo? — Minha voz quase não sai.

— Estou caindo fora — responde, ainda sem olhar para mim.

— Thales, não faça isso. — Vou até ele e seguro a bolsa impedindo que coloque o moletom dentro dela.

— Ayla, para — ele me pede, mas não ligo.

— Não importa o que te disseram naquela sala, você é mais do que tudo isso que está acontecendo, não volte para lá — continuo falando, rezando para que ele me ouça.

— Não, Ayla, eu não posso continuar aqui.

— Por quê? Meu pai disse que você só vai embora depois do teste.

— Eu não posso! — grita e estremeço, olho para a porta rezando para que meu pai não ouça, mas o vejo parado na porta da cozinha, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, a postura ereta de quem está em alerta, mas não vai interferir até que seja necessário. Eu amo o meu pai, nesse momento sou capaz de chorar de tanto que o amo.

Thales joga a bolsa no chão e se senta na cama segurando sua cabeça nas mãos. Abaixo-me na sua frente e puxo suas mãos para que ele possa olhar para mim.

— Foi só uma briga, você nunca havia batido em ninguém, aconteceu.

— Eu quis bater nele, quis bater muito mais, até apagar como naquele dia — admite, com seus olhos castanho-escuros transbordando raiva, tristeza e confusão.

— Mas você não bateu, você se controlou.

Thales se levanta e caminha de um lado para o outro, com as mãos cruzadas atrás da cabeça enquanto encara o chão.

— E se eu estiver me tornando um monstro como ele? — questiona e não preciso perguntar para saber de quem está falando.

— Você nunca será um monstro.

— Mas sou um covarde, Ayla. — Ele olha para o teto como se fosse tortuoso demais admitir isso. — Meu Deus, eu prometi que não a deixaria

sozinha naquela casa e olha onde estou, aqui, fingindo que sou um cara normal enquanto ela está lá.

— De quem você está falando?

— Da Tati, ela está lá e...

— Ele não vai bater nela, por Deus, ele não vai machucar a própria filha. — Paro de falar no instante em que percebo o que disse, como se Thales não merecesse o mesmo tratamento. Ele merece, claro, mas preciso fazê-lo acreditar que a Tati está bem ou ele vai embora e não vou suportar vê-lo machucado novamente.

— Você sempre disse que o problema dele é você, lembra? — Espalmo minha mão em seu peito tentando fazer com que me ouça. — Thales, pare de falar essas coisas, você está sob pressão, está com medo, é natural que esteja assim.

— Pare você de se iludir, Ayla. — Ele retira a minha mão do seu peito, mas não ligo, não vou desistir dele, não vou permitir que volte para aquela casa, eu sinto no meu coração que, se ele voltar para lá, ele nunca mais sairá.

— Thales, me escuta, por favor. Não faça isso.

— Você não entende, eu não posso mais ficar aqui sabendo que aquele monstro está lá, eu não posso continuar aqui fingindo que faço parte da sua família porque isso não é real, eu não sou o filho do seu pai.

Ele volta a se sentar e esconde o rosto nas mãos exausto de lutar.

— Faltam tão pouco — sussurro com minhas mãos em seus pulsos. — E você estará em um clube, será o início da sua jornada. Não desista agora, por mim. Pela Tati.

— E se eu não passar? — indaga ainda com o rosto escondido e sinto o pavor em suas palavras, sei o quanto é difícil para ele me fazer essa pergunta, porque para Thales não existe essa opção. Se ele não passar, eu tenho medo do que pode acontecer.

— Eu não sei, não penso nessa possibilidade, eu confio em você.

— Mas eu não — admite, derrotado.

— Não importa, eu acredito por nós dois. — Me ergo um pouco e pouso minha mão em sua nuca e minha testa na sua. Thales está quente, ofegante e nervoso. Posso sentir tudo o que está tentando reprimir e fecho meus olhos pedindo a Deus para que ele passe nesse teste.

Eu não sei o que será dele se isso não der certo.



Thales passa o resto do dia no quarto. Depois do jantar, meu pai se junta a ele e fica lá dentro por um tempão, tento ouvir alguma coisa, mas eles conversam baixo demais e, antes que eu enlouqueça, resolvo ir para o meu quarto, meu pai sabe o que fazer.

Pego um romance que adoro na minha prateleira e me deito para ler. Às vezes, quando estou muito nervosa, gosto de reler meus livros favoritos, ao menos as partes marcadas que fizeram com que ele se tornasse querido. Mas, dessa vez, nem mesmo a rainha do drama⁵ é capaz de me distrair. Se ela pudesse ouvir minha história, tenho certeza de que seria um best-seller.

Ouçó a porta sendo aberta, está escuro e a única luz disponível é a que vem do abajur ao lado da minha cama, não sei que horas são, mas a casa está silenciosa. Thales entra devagarinho, ele deixa a porta aberta e vem até a minha cama. Sem falar, ele se deita ao meu lado e apoia sua cabeça em meu ombro.

Um longo suspiro escapa dos seus lábios como se ele estivesse tão cansado que até mesmo respirar exige demais dele, me inclino e beijo seus cabelos e volto a ler, dessa vez em voz alta. Thales enrosca seus dedos nos meus e sinto seus lábios roçarem meu pescoço me fazendo estremecer um pouco e minha pulsação acelerar.

— Você está me fazendo perder a concentração. — falo e ignoro o fato da minha voz soar meio mole.

— Esse cara é um babaca — ele fala com convicção. Sorrio porque, para Thales, todos os mocinhos dos meus romances são babacas.

— Fique quieto, e não fale assim. Eu o amo.

— Isso não é verdade. — Ele continua com seus lábios roçando minha pele, que está toda arrepiada. — Você não pode amar ele.

— E por que não posso? — Fecho meus olhos e me concentro no seu toque.

— Porque você me ama.

Coloco o livro de lado e me viro para ficar de frente para ele. Sua mão desliza por meu quadril e me dá um sorriso lindo, meio torto, tímido, triste, daqueles que tanto amo.

— Como foi lá no quarto?

— Ele é bom de argumentação.

— Ele é.

— Me desculpe — sussurra olhando em meus olhos.

— Eu já disse para você parar de me pedir desculpas. — Passo meus dedos por seus cabelos afastando-os do seu rosto.

— Eu preciso.

— Por quê?

— Para que você nunca desista de mim.

— Eu nunca vou desistir.

— Isso é uma promessa? — pergunta e faço que sim com a cabeça. — Você sabe que eu nunca esqueço uma promessa, não é?

— Sim eu sei.

Inclino-me para a frente e deixo que meus lábios se unam aos seus desejando que ele possa acreditar que eu também posso cumprir promessas.

30

Ayla



Desperto lentamente e a primeira coisa que penso é que hoje é meu aniversário e um sorriso se espalha por meu rosto. Sei que parece bobo uma garota da minha idade ficar tão empolgada com aniversário, a grande maioria das garotas da escola estão fingindo ser mais velhas, mas eu não ligo para isso, não tenho pressa para envelhecer e gosto de saborear cada pedacinho da minha vida.

Viro-me de lado e abro os olhos, e tudo o que vejo é um rosto salpicado de sardas adormecido do meu lado. Thales dormiu na minha cama. Em algum momento enquanto conversávamos ontem à noite acabamos pegando no sono e nenhum dos dois acordou a tempo de mandar Thales para o seu quarto, a porta ainda está aberta e agora eu posso ouvir o som das panelas na cozinha. Isso significa que meu pai está acordado, ou seja, ele viu Thales na minha cama.

— Thales. — Empurro seu ombro e ele afunda o rosto no travesseiro de um jeito bonitinho e meio infantil.

— Hummm...

— Thales, pelo amor de Deus, você dormiu na minha cama — sussurro para não chamar mais atenção.

Thales abre o único olho que não está escondido pelo travesseiro e olha para mim, um meio sorriso surge em sua meia boca de fora e meu estômago inteirinho se revira com a beleza dele acordando.

— Feliz aniversário — fala com a voz mole de quem ainda não acordou direito.

— Obrigada, feliz aniversário para você também, mas você ouviu o que eu disse?

Ele faz que sim com a cabeça e volta a fechar os olhos nem um pouco preocupado em ser chutado pelo meu pai.

— Thales, eu não estou a fim de estragar o nosso aniversário. Será que dá para você se levantar?

— E por que estragaria? — resmunga e eu quase não compreendo o que ele diz.

— Thales você está na mi...

Olho para a porta no instante em que meu pai se debruça nela usando as luvas térmicas e olhando para o teto.

— Já pode levantar seu traseiro daí, garoto. O trato era até as sete, já são sete e um.

Levanto-me da cama em um pulo e estou prestes a inventar algum bom motivo para que o meu melhor amigo e agora, namorado, tenha dormido na minha cama, se é que existe um bom motivo para isso, quando noto o que ele acabou de falar.

Olho para o meu pai e para Thales, que ainda não se mexeu, e não consigo entender nada. Thales volta a abrir apenas um olho e, dessa vez, o sorriso que se espalha em seus lábios é dos grandes.

— Eu pedi permissão para ele antes.

Sinto o sangue voltar a circular em minhas veias e meu coração bater normalmente enquanto vejo meu pai sorrindo para mim.

— Thales — ele o chama. — Não abusa da minha bondade, eu não dou a mínima se hoje é seu aniversário.

Thales se levanta resmungando e se senta na ponta da cama esfregando o rosto de um jeito fofo demais, até mesmo o cabelo amassado fica fofo nele, ou talvez eu esteja tão apaixonada que acho tudo o que ele faz fofo demais.

— Feliz aniversário para vocês dois — meu pai diz e sai do quarto, nos deixando a sós. — Levantem-se que estou fazendo o prato favorito de vocês.

Sento-me do lado de Thales e deito minha cabeça em seu ombro, ele beija meus cabelos de um jeito carinhoso que me faz sorrir e quero pausar o tempo para que eu possa aproveitar esse momento para sempre.

— Você não deveria estar na escola? — Ele passa um braço em volta da minha cintura e as pontinhas dos seus dedos acariciam a minha pele de um jeito íntimo e gostoso.

— Eu pedi ao meu pai, bobinho. — Beijo a sua bochecha e me levanto indo para o banheiro escovar os dentes.



— Não entendi por que tínhamos que acordar às sete, se a Ayla não tinha que ir à escola — Thales pergunta enquanto pega mais um punhado de omelete e coloca em seu prato.

— Em que mundo você vive se acha que eu sairia de casa e deixaria vocês dois dormindo na mesma cama, garoto? — meu pai pergunta sem nenhum tom brincalhão, mas não consigo conter o riso quando vejo a cara do Thales.

— Eu te fiz uma promessa, eu não pretendo descumpri-la.

— Eu sei, mas prefiro não facilitar. — Meu pai se levanta para colocar seu prato na pia quando a porta se abre e os gêmeos entram como se o mundo estivesse ruindo lá fora.

— Feliz aniversário, Ayla. — Os dois correm até mim e me abraçam, um de cada lado. Em seguida, eles correm até Thales e fazem o mesmo com ele. Eles são muito calorosos, gostam de abraços e beijos e noto que Thales se sente um pouco desconfortável quando se jogam em seu pescoço.

— Valeu! — ele diz se desfazendo do abraço com educação.

Em seguida é a vez da minha avó me esmagar em um abraço cheio de palavras fofas e muitos beijos exatamente como quando eu tinha cinco anos e, então, ela repete o mesmo com ele. É fofo ver as bochechas de Thales amassadas pelas mãos enrugadas da minha avó. Ela o ama, assim como todos na minha casa e isso me faz sorrir como uma bobona apaixonada.

— Eu trouxe os presentes, o bolo trago à noite com o seu tio — minha avó justifica enquanto entrega um pacote para mim e outro para o Thales. — É para vocês usarem hoje à noite.

— O que tem hoje à noite? — pergunto enquanto rasgo a embalagem.

— Mãe... — meu pai a repreende e começo a rir. Thales olha para mim e seus lábios também estão curvados em um sorriso enquanto segura o seu presente nas mãos.

— Ah, você não me disse que era segredo que você vai levá-los para jantar. — Minha avó termina de estragar a surpresa e abro a boca sem saber

o que dizer.

— Vamos jantar? — Olho para minha avó e para o meu pai, que revira os olhos.

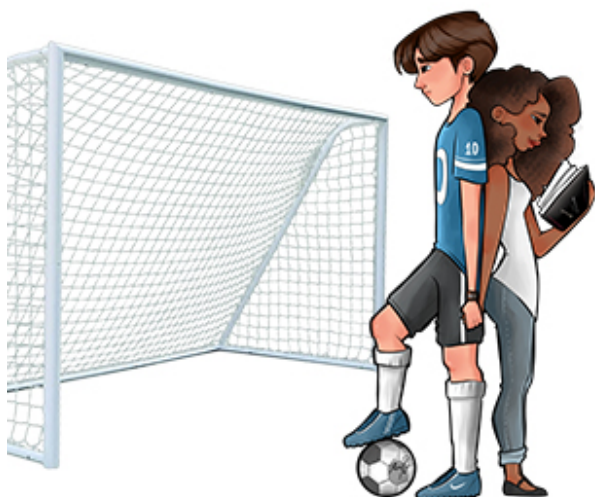
— Pergunte a sua avó, ela te dará todos os detalhes. — Ele se abaixa e deixa um beijo em meus cabelos. — Feliz aniversário, minha princesinha.

Meu pai se vira para Thales e dá um abraço meio sem jeito e um tapinha em seu pescoço.

— Feliz aniversário, garoto.

— Valeu, obrigado — Thales responde completamente sem graça, mas quando olha para o meu pai posso ver a cumplicidade entre os dois e isso me deixa feliz.

— Vamos, garotos, estamos atrasados! — meu pai grita para Guilherme e Marcos, que passam pela porta reclamando sobre a injustiça deles terem que ir à escola enquanto eu e Thales ficaremos em casa com a vovó.



31

Thales

Olho no espelho pela terceira vez em menos de cinco minutos, não me reconheço com essas roupas. Embora a camisa tenha sido presente da avó de Ayla, eu não me sinto eu com ela. Na verdade, não me sinto eu mesmo faz algum tempo, tempo suficiente para que eu comece a achar que não sei quem sou de verdade.

Passo a mão em meus cabelos desmanchando o penteado certinho, deixo algumas mechas caírem de propósito, gosto quando Ayla mexe no meu cabelo, não quero que ela ache que não pode porque tá arrumado demais.

Sento-me novamente na cama enquanto meus pensamentos se perdem no dia de hoje, passamos a maior parte dele na sala jogando videogame, vendo filmes e comendo, com os olhos atentos da vovó em nós, como se a qualquer momento eu fosse agarrar a sua neta. Consegui passar uma noite inteira ao seu lado sem agarrá-la, uma tarde na presença da vovó não é nada.

Olho para a bolsa, que ainda está no chão com minhas roupas socadas dentro, no fundo sei que estou apenas fugindo da realidade, isso aqui não é minha vida. A minha vida está do outro lado da rua, me esperando. Mas estou tão fora de mim, tão no limite, que não vi outra alternativa a não ser deixar que eles cuidassem de mim, era isso ou uma tragédia. Porque sinto que, na próxima vez que aquele maldito tentar tocar em mim, será a última.

Uma batida soa em minha porta e me levanto para abri-la.

— Está tudo bem aí? — Milton olha para mim e reprime um sorriso, que me faz fechar a cara.

— Estou muito ridículo? — Olho para a calça jeans e a camisa e depois olho para ele à espera da sua resposta.

— Eu não sei, espere que a Ayla te dirá. — Ele dá um tapinha em meu ombro. — Vem, a vovó tá esperando vocês para cantar parabéns.

Passo por ele e vou até a cozinha. Estão todos lá, a vovó, os gêmeos, Alberto – o tio tagarela de Ayla –, que quase nunca aparece aqui, e ela. Perco o ar quando a vejo, ela está linda, usando o vestido que sua avó deu a ela hoje cedo, com os cabelos presos em um coque no topo da cabeça e um sorriso iluminado no rosto. Quando me vê seus olhos caem em meu corpo e me sinto aquecer por dentro, mesmo na presença de toda essa gente.

— Até que enfim, garoto, achei que ia ter que te buscar pelos cabelos — o tio tagarela fala e eu me limito a sorrir.

Vovó se aproxima arrumando o colarinho da minha camisa e dando tapinhas em meu peito.

— Você está maior do que eu me lembrava, menino. — A camisa ficou um pouco justa nos ombros, mas não sabia se era assim mesmo, nunca usei uma camisa antes e estou tão nervoso que não dei atenção. Ela me analisa com os óculos na ponta do nariz e rezo para que não me peça para tirar, acho que gostei de quem eu me pareço com essa camisa. — Mas até que ficou bonito.

— Obrigado, eu adorei.

— É para você usar quando for para o seu clube. Os jogadores usam camisas, às vezes, não usam?

— Sim, eles usam.

— Então está ótimo, aqui está a sua. — Ela me puxa e me dá um beijo em cada lado do meu rosto. — Que Deus te abençoe, garoto. — Ela me dá um tapinha no rosto e se afasta.

— Thales — Milton me chama e estende uma caixa na minha direção. — Pra você.

Olho para a caixa por alguns instantes, e Milton a coloca nas minhas mãos, que parecem ter perdido a função.

— Espero que goste do modelo e da cor.

Olho para Ayla e ela balança a cabeça me incentivando a abrir a embalagem. Rasgo o papel devagar tentando não chorar porque sempre me sinto um pouco emotivo quando ganho algo que foi comprado com carinho para mim enquanto tento entender por que essas pessoas se importam comigo se nem ao menos minha mãe se importa.

Quando termino de rasgar o papel, ainda preciso de alguns instantes para compreender que o que tenho nas minhas mãos é realmente meu, tenho que respirar fundo algumas vezes para controlar a emoção, não vou chorar, não aqui, na frente dessas pessoas, na frente dela.

— Se não for do seu gosto podemos trocar — Milton fala e devo estar parecendo um idiota olhando para um par de chuteiras como se fosse a coisa mais preciosa do mundo.

— Meu Deus... — é tudo o que sai da minha boca enquanto noto a imagem ficar embaçada. — S-são minhas? — Minha voz sai um pouco embargada e faço de tudo para não olhar para Ayla. De onde estou posso ver sua mão se erguendo e tenho certeza de que está chorando.

— Claro, veja se ficam boas — Milton pede e preciso piscar algumas vezes enquanto caminho até o sofá carregando o presente mais especial do mundo em minhas mãos.

Todos estão olhando para mim e preciso me esforçar para desamarrar os cadarços dos meus tênis surrados e tirá-los. O contraste é tão grande que tenho medo de estragar as chuteiras ao colocá-las nos meus pés.

O couro macio desliza quando a calço, sinto o material abraçar meu pé, ajusto o cadarço e a amarro, depois faço o mesmo com o outro e, por um instante, fico olhando para elas maravilhado com a forma como se encaixam perfeitamente neles.

— Acho que ficaram boas — Ayla diz e ergo meus olhos para encontrar os seus.

— É, ficaram — consigo responder e ela sorri emocionada para mim.

— Não tem que andar para ver se ficou bom? — Milton indaga e faço o que pede.

Caminho de um lado sentindo a textura da chuteira em meus pés e meu coração socando meu peito. Quando me viro, tudo o que vejo é ela, sorrindo e chorando, com as mãos na boca. Respiro fundo sentindo o amor explodir em meu peito e sem pensar vou até ela. Minhas mãos se movem antes que eu possa pensar, uma se acomoda na curva da sua cintura, a outra retira as mãos da sua boca para que eu a cubra com a minha. Beijo-a com respeito e emoção, desejando que ela possa sentir toda a gratidão que carrego em meu peito, quando nossas bocas se separam ela segura meu rosto em suas mãos e diz:

— Esse é só o começo de uma vida linda que está te esperando lá fora.

Tudo o que faço é assentir, não consigo fazer minha boca se mover, nem as palavras saírem de dentro dela, estou emocionado demais.

Viro-me para Milton, que está me observando com um sorriso orgulhoso.

— Muito obrigado, de coração — agradeço a ele e recebo um menear de cabeça de volta.

Logo os gêmeos estão em volta de mim, pedindo para experimentar a chuteira, não sei como agir e agradeço quando o tio de Ayla retira os moleques de cima de mim.

— Eu vou guardar a chuteira.

Saio o mais rápido possível da sala, ainda ouço a vovó reclamando que ninguém deu atenção para o seu bolo e os meninos falando ao pai que querem chuteiras iguais.

— Quando vocês forem como o Thales ganharão chuteiras também — ele diz quando fecho a porta do quarto e desabo.

As lágrimas ardem ao caírem dos meus olhos, pesadas, cheias de emoção, não me julgo por estar chorando escondido, porque, pela primeira vez na minha vida, eu me lembro de ter um motivo para chorar de felicidade.



— Nunca ouvi falar de comer o bolo antes do jantar — o pai de Ayla resmunga no banco do motorista.

— Se a gente não comesse, a vovó não nos perdoaria — Ayla diz sorrindo. Ela não consegue tirar os olhos da pulseira que seu pai lhe deu e eu não consigo parar de pensar que ele deve ter gasto uma fortuna para comprar todos esses presentes e ainda nos levar para jantar.

Ayla apoia sua mão na minha perna e acaricio seu pulso contornando a pulseira. Ela olha para mim e adivinha? O sorriso está lá, lindo, iluminado e inteirinho só para mim.

— Queria ter lhe dado um presente — sussurro em seu ouvido ignorando o olhar do Milton pelo retrovisor.

— Você é o meu presente — responde e beija minha boca rapidamente.

Milton pigarreia no banco da frente e Ayla deita a cabeça em meu ombro.

Olho pela janela a cidade lá fora, mas tudo o que posso sentir é o peso da sua mão em minha perna, da sua cabeça em meu ombro e do meu coração martelando em meu peito.

— Um dia, eu ainda te darei o mundo — digo enquanto observo a vida lá fora.

— Eu já tenho e você mora dentro dele.

Ayla entrelaça seus dedos nos meus e imagino que antes da noite terminar ela me dará o seu presente: mais uma pedrinha. Depois me contará uma história boba e provavelmente mentirosa sobre a pedrinha e eu vou beijá-la até que ela perca o ar, enquanto direi para mim mesmo que sou o cara mais sortudo do mundo por amá-la.

— Eu não acredito que o senhor nos trouxe aqui! — Ayla grita animada quando Milton estaciona o carro na frente de um dos lugares mais bonitos que já vi na vida. Ah, merda! O lugar mais bonito.

— Escutem só, eu fiz reservas em meu nome. Volto em duas horas para buscar vocês, nada de álcool e o pagamento já está reservado. Quando terminarem, só dar o meu nome.

Ele olha para mim e para Ayla, e ainda estou sem palavras.

— Cuide bem da minha filha, essa é a sua chance de me impressionar, garoto.

Confirmo com um menear firme quando um homem de terno abre a porta do carro para mim, eu não faço a menor ideia do que fazer ou como agir, desço e estendo a mão para Ayla, que parece prestes a explodir de tanta alegria.

— Eu nem acredito que estamos aqui. — Ela olha em volta e sorri. — Estou me sentindo como a Hazel Grace⁶.

— Quem? — pergunto enquanto me puxa para a entrada do restaurante sem me responder e imagino que seja alguma mocinha de livro.

— Por favor temos reservas em nome de Milton Souza — ela informa para a moça bonita atrás do balcão e tudo o que consigo fazer é continuar segurando sua mão.

A moça passa o indicador por uma lista até encontrar a reserva.

— Thales e Ayla? — Sorri e penso que nunca vi uma mulher tão bonita e alta na minha vida, ela poderia ser uma modelo ao invés de estar aqui atrás desse balcão.

Ela nos leva para dentro do restaurante e não consigo decidir para onde olhar, Ayla parece tão perdida quanto eu. A moça nos apresenta a um

homem, que nos leva até uma mesa. Ele se apresenta como Maurício e diz que será o nosso garçom essa noite, nos entrega o cardápio e sai nos deixando finalmente sozinhos.

— A gente tem um garçom só para nós — falo baixinho me inclinando sobre a mesa, meu ombro esbarra em uma taça e ela tomba fazendo um barulho enorme.

— Eu sei — fala com a voz aguda e empolgada. — Ai, meu Deus, isso aqui é tipo um sonho, como em *Uma linda mulher*. — Ela abana o cardápio na frente do rosto e franzo o cenho sem entender sobre o que está falando.

Maurício, nosso garçom, surge na nossa frente com duas garrafas de água mineral e recolhe a taça trincada.

— Me desculpe... eu... — começo a falar, mas o garçom me interrompe perguntando a Ayla se ela já está pronta para pedir. Ela pede mais alguns minutos e ele se afasta nos deixando a sós.

— Eu não consigo entender nada do que está escrito aqui — fala olhando para o cardápio. — Você não vai escolher?

— Ayla, eu não sei ler nem em português, por que você acha que eu saberia ler algo disso aqui?

Maurício surge mais uma vez e começo a ficar irritado, tenho a sensação de que ele não gosta da nossa presença no seu restaurante chique e, na verdade, também não estou muito confortável agora que a euforia passou. Há um casal sentado duas mesas à frente que não para de olhar para nós, do outro lado um velho não para de olhar para Ayla e não gosto da forma como encara o decote do vestido dela, que pra falar a verdade está um pouco justo e revelador demais.

— O que você acha de experimentarmos o salmão ao molho do chef? — pergunta para mim.

— Quero bife e batata frita. — Coloco minhas mãos atrás da cabeça e noto que Maurício me olha feio.

— Temos filé mignon e batatas rústicas ao molho ranch.

Começo a detestá-lo a cada segundo que passa. Estou ficando nervoso e não sei o motivo, a ansiedade faz minha pele pinicar e cada vez que tento não ficar irritado me sinto pior.

— Pode ser, sem o rancho.

— Ranch, senhor — ele faz questão de me corrigir e me inclino para a frente ignorando-o e puxando um assunto qualquer com Ayla.

Ela pede suco de laranja para nós dois e o babaca vai embora nos deixando a sós. Ayla estica a mão e acaricia a minha enquanto me olha como se não existisse mais ninguém aqui nesse restaurante metido.

— Thales? — ela me chama como se eu não estivesse bem na sua frente.

— Oi.

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro que pode. Sempre.

Ela baixa o olhar para o guardanapo em seu colo antes de fazer a pergunta e me preocupo que seja algo grave.

— O que meu pai te disse ontem, que te fez decidir ficar?

Meu sorriso se desfaz no momento que sua pergunta é feita, relembro casa uma das palavras que Milton me disse na noite passada, cada uma das suas tentativas de me fazer ficar, cada uma das vezes em que quis contar a ele, mas a dor e a vergonha, o medo de que algo de ruim possa acontecer com Ayla e Tati me calaram. Ele sempre me cala e, ao aceitar os argumentos do Milton, me senti um verme por permitir que ele me convencesse.

— Ele disse que, se eu voltasse para a minha casa, eu partiria seu coração.

Deixo de fora o que ele disse sobre Ayla não suportar me perder, porque ele sabe que ela sempre me amou, que fui importante na vida dela quando, mesmo sem saber, ela estava vivendo o luto da sua mãe. Não me lembro muito das coisas naquela época, éramos pequenos e não falávamos sobre coisas que nos machucavam. Ao invés disso, brincávamos até a exaustão.

Ela me dá um sorriso emocionado enquanto assente como se finalmente compreendesse que não preciso de muito para concordar. Ayla sempre foi e sempre será a coisa mais preciosa da minha vida.

— Então foi isso? Meu pai te chantageou?

— Não, ele só foi sincero. Eu juro por tudo que é mais sagrado, Ayla, eu farei de tudo para não quebrar seu coração.

Ela ergue uma sobrancelha.

— É uma promessa perigosa, Thales Reis.

— É sim, por isso é tão importante cumpri-la.

Ela me observa por um tempo, seus dedos passeando por minha mão.

— Você está tão bonito.

— Você está muito mais.

— Agora já posso imaginar você de terno nos jogos importantes.

— Não quero falar sobre isso hoje, me deixa enjoado e quero comer esse tal de rancho. — Faço uma cara feia, que faz Ayla sorrir. Ela está tão feliz que sinto que posso tocar a sua alegria.

— Estou tão feliz por estar aqui com você — admite e meu peito se enche de alegria.

— Eu também — digo e me levanto saindo da minha cadeira e sentando-me na cadeira ao lado dela, passo meu braço em volta dos seus ombros e me inclino para sussurrar em seu ouvido. — Será que, se eu te beijar agora, seremos expulsos?

Ela se encolhe quando meu lábio encosta em seu ouvido e sinto seu braço se arrepiar.

— Por que você não tenta pra ver? — ela me provoca.

Molho meus lábios enquanto encaro os seus se moverem e, quando ela passa os dentes por sua boca, me esqueço de onde estamos e me inclino para beijá-la. Ela recebe minha boca com ternura, seus dedos se enroscam em meus cabelos e sinto um calafrio atingir a minha espinha quando ela solta um suspiro, que mais se parece com um gemido.

— Senhores. — Maurício surge mais uma vez atrapalhando o nosso beijo, me afasto de Ayla e reviro os olhos enquanto ela sorri envergonhada para o garçom, que começa a encher a mesa com pratos de comidas que eu não fazia ideia de que estavam no cardápio.

— Não é incrível estarmos aqui, nós dois como um casal de namorados? — pergunta enquanto corta o peixe cor-de-rosa e molha em um molho de cheiro ruim.

— Nós somos um casal de namorados, Ayla.

Ela ergue o olhar do seu prato e para com o garfo a meio caminho da sua boca.

— É, nós somos e isso é a coisa mais espetacular que poderia acontecer na minha vida.

Enfio um pedaço da carne na minha boca, ela está um pouco crua e me surpreendo já que esse lugar é caro e imaginei que a comida aqui seria a melhor do mundo.

— Você está gostando? — pergunto a Ayla enquanto bebo um longo gole do suco para tirar o gosto de sangue da minha boca.

— Muito e você?

— Também — minto e espeto uma batata desejando ter aceitado a ideia do molho do rancho ou sei lá como isso se chama.

— Quero voltar aqui ano que vem. — Ela olha em volta e posso imaginar nós dois aqui, um ano mais velhos, ainda mais apaixonados.

— Então nós viremos. Só que, da próxima vez, será por minha conta — digo com tanta certeza, que até eu me assusto.

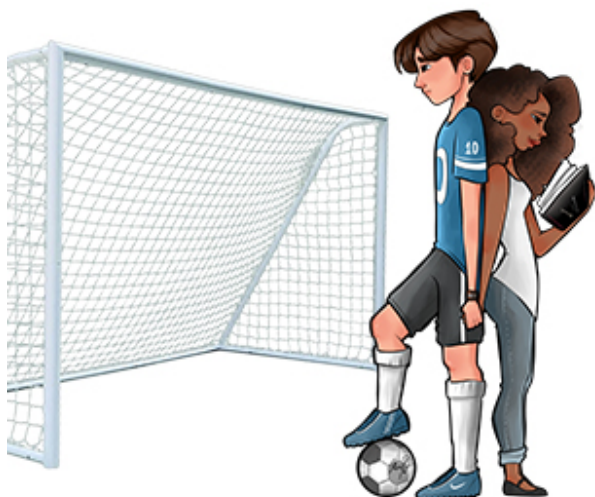
Passamos as horas seguintes comendo, rindo e nos beijando e é a noite mais especial da minha vida. A ansiedade passa, sem explicação, assim como veio e então posso relaxar. Ayla está linda e radiante e tudo o que consigo pensar é em beijá-la até não poder mais e, pelo visto, ela se sente igual porque suas mãos não param de me tocar nem um minuto sequer.

— Eu te amo, Thales — ela sussurra em meus lábios com sabor de chocolate e preciso me conter para não falar de volta, embora meu peito esteja como a taça de sorvete a nossa frente, transbordando.

Passo meus dedos por seu rosto enquanto a seguro em meus braços e nesse instante não há nesse restaurante nenhum outro ser humano mais feliz do que eu.

— Senhores, o carro chegou — Maurício nos avisa e avisto pela janela o carro do pai de Ayla parado na porta do restaurante.

Saímos abraçados e, antes de chegar à calçada, roubo um último beijo da minha namorada, na minha opinião, o mais gostoso de todos.



32

Thales

— Esse foi o melhor aniversário da minha vida — Ayla diz quando me sento ao seu lado no carro e deixo que o homem feche a porta para mim.

— Como foi o jantar? — Milton pergunta enquanto nos leva de volta para casa e Ayla descreve cada detalhe da noite, deixando de fora nossos beijos é claro, ela fala da comida e até mesmo da cor das toalhas da mesa. E até esse momento eu não fazia ideia de que existia uma cor chamada rosa chá.

— E você, Thales, gostou da noite?

Penso em falar que preferia hambúrguer e batata frita, ou uma daquelas pizzas com bordas recheadas e tanto queijo que me faria passar mal, mas aí me lembro do sorriso dela e da forma como parecíamos pessoas diferentes naquele lugar e respondo:

— Foi incrível.

A alegria que sinto é rapidamente trocada por uma angústia familiar quando entramos na nossa rua. Ayla ainda está falando sobre o banheiro do restaurante, mas automaticamente me desligo de tudo e um zumbido começa a zunir em meu ouvido.

Será sempre assim, não importa o quanto eu tente fingir que sou outra pessoa, essa casa sempre estará aqui para me lembrar quem realmente sou.

— Thales? Você está bem? — Ayla aperta minha mão me chamando a atenção e faço que sim com a cabeça desviando os olhos da casa que deveria ser meu lar.

Embora eu esteja feliz em estar aqui com ela, era lá que eu deveria estar, com minha família, minha mãe e minha irmã, recebendo abraços e presentes, um bolo e quem sabe uma pizza com refrigerante.

Milton estaciona o carro na garagem e Ayla já está descendo quando ele me chama:

— Sua mãe pediu para que você fosse em casa, acho que ela quer te dar um abraço — fala como se fosse algo natural, um filho ser abraçado por sua mãe deveria ser natural. Eu quero isso, quero abraçá-la, perguntar se me achou bonito com essa camisa, dizer a ela que fui em um restaurante e perguntar se já viu toalhas rosa chá.

— Ela pediu? — pergunto sem saber por que é tão difícil para mim acreditar em algo tão simples.

— Sim.

— Eu vou... — Olho para Ayla parada na porta nos esperando e depois olho para a minha casa. Quero trocar de roupa, mas também quero que minha mãe me veja assim, arrumado. Por alguma razão que não consigo compreender, quero que ela sinta orgulho de mim e diga que estou bonito, é ridículo e até mesmo um pouco infantil, mas a falta que sinto dela é algo que não posso controlar. Ela é minha mãe.

Vou até Ayla e seguro seu rosto em minhas mãos. A cada ano que passa a diferença entre nós se torna maior, minhas mãos cobrem todo o seu rosto e preciso me inclinar para olhar para ela, embora ela não seja uma garota pequena, eu estou crescendo a cada dia, como uma porra de uma ironia, já que ainda me sinto pequeno, frágil e incapaz.

— Eu vou dar um pulo em casa, minha mãe quer me ver.

— Isso é ótimo. Quer levar um pedaço do seu bolo? A Tati ama os bolos da vovó.

— Acho que sim.

Ayla entra me puxando pelo braço, a casa está silenciosa, mas, ao contrário da minha, o silêncio aqui transmite paz e conforto enquanto na minha casa transmite medo e apreensão.

Aguardo enquanto Ayla corta um pedaço do bolo de chocolate que sua avó fez para mim, o tempo todo fico de pé, ansioso, como se algo estivesse prestes a acontecer. Sei que é apenas minha cabeça fodida que não para de pensar no pior. Nesse momento, enquanto olho para o decote do vestido dela, penso que preciso pedir para ela nunca sair sozinha com ele. Tenho

medo, não confio em ninguém e não sei o que eu faria se algo de ruim acontecesse com ela.

Posso suportar tudo, toda a dor, toda a humilhação, toda a sujeira, mas não consigo sequer imaginar Ayla estando em uma situação vulnerável.

— Thales, aqui está. — Ayla está parada na minha frente, segurando um pote de bolo nas mãos.

— Obrigado. — Pego o pote e ignoro o fato das minhas mãos estarem suadas. Deus, eu devo estar com algum problema muito sério porque simplesmente estou começando a ficar apavorado só de pensar em atravessar a rua.

— Não demore muito, Thales, amanhã é o grande dia, você precisa descansar — Milton me pede.

— Sim, senhor.

Ayla me acompanha até o portão e, mesmo que não seja tarde, fico receoso por ela estar aqui fora com esse vestido. Ela enlaça meu pescoço com seus braços longos e beija meu queixo.

De onde estou consigo ver a curva do seu seio e como ele se move quando ela respira. Sinto o desejo aumentar dentro de mim e se alojar na base da minha espinha.

— Eu preciso ir logo, antes que fique tarde. Talvez a Tati ainda esteja acordada e possa comer um pedaço de bolo — minto porque sei que a minha irmã dorme cedo.

— Volta longo pra mim, quero ler para você — sussurra em meu ouvido e meu corpo reage de uma forma que não é muito oportuna para o momento.

Beijo sua boca rapidamente e aguardo até que ela feche o portão, atravesso a rua ajeitando-me enquanto tento não pensar em seu vestido e na sua boca. Cumprimento um vizinho que passa por mim e tenho certeza de que ele não me reconheceu com essa camisa. Sinto uma brisa fresca agitar meus cabelos e aliviar a tensão que me faz suar. Chego ao portão e por um instante penso em dar meia-volta e me aconchegar na cama dela, observar seu seio sobre o vestido enquanto ouço sua voz lendo para mim até que eu adormeça, mas antes que eu possa decidir se é ou não uma boa ideia, abro o portão e o rugido enferrujado que ele faz ao ser empurrado me faz estremecer.

Caminhar até a porta da minha casa leva menos do que dez passos, mas são os dez passos mais difíceis de dar, o pote em minhas mãos parece pesar

uma tonelada e por um instante me sinto em um *déjà vu*, como se já não fosse ruim o suficiente me sentir apavorado por estar entrando na minha própria casa.

Abro a porta e encontro tudo no mais absoluto silêncio, ela não está aqui, talvez nem mesmo tenha se lembrado de que hoje é meu aniversário e, embora isso não deveria me abalar mais, dói pra cacete.

Vou até a cozinha e abro a geladeira para guardar o bolo, procuro por um papel para deixar um recado porque se tudo der certo, e eu sei que vai dar, no momento em que eu colocar os meus pés naquele campo, eu vou me lembrar que tudo o que suportei até agora foi para poder estar lá e então eu nunca mais voltarei a essa casa. Nem mesmo por minha irmã.

Bato a porta da geladeira com uma força maior do que eu queria, estou furioso e meus olhos estão embaçados, não vou chorar, não me permito chorar por ninguém nessa casa, eles não merecem meus sentimentos e minhas lágrimas.

Aperto minhas mãos em meus olhos com tanta força que sinto agulhadas neles, apoio-me na parede e respiro fundo. Preciso me recompor, não posso voltar para a casa dela assim, não quero que me veja tão vulnerável.

Estou quase saindo quando ouço meu nome, sinto meus pelos se eriçarem ao som da sua voz e, mesmo de onde estou, posso sentir o cheiro de bebida em seu hálito.

— Então o engomadinho, pai da pretinha gostosa, mandou o meu recado?

Sinto meu sangue esquentar quando ouço sua voz se referindo à Ayla de forma tão nojenta.

— Ele disse que minha mãe queria me ver — tento parecer forte, mas na sua presença não passo de um fracote, de um verme asqueroso e sujo. Do seu brinquedinho.

— Foi isso que ele disse pra você?

— Ela está dormindo? — pergunto mesmo sabendo a resposta, ultimamente minha mãe vem dormindo cada vez mais, o sono pesado a ponto de não ouvir os sons nojentos que seu marido faz quando...

Tento manter minha respiração baixa, mas sei que ele sente minha hesitação, ele sabe exatamente como me sinto em sua presença e isso na verdade é o que mais o excita, saber que me assusta.

— Sim, ela está. — Ele sorri enquanto fala e dou um passo para trás, posso sentir a maçaneta em minhas mãos, basta girá-la e estarei fora daqui. — Camisa legal essa, hein. — Ele aponta para mim e até mesmo isso me enoja, o fato de saber que está olhando para mim me enfraquece, me assusta e me destrói. — Foi ela quem te deu? — pergunta e ignoro. — E você deu o que pra ela?

— Amanhã falo com ela então — digo ignorando suas provocações. Ele dá mais um passo e começo a girar a maçaneta, minhas mãos estão suadas fazendo com que o metal escorregue por meus dedos, sinto o jantar começar a ameaçar sair do meu estômago quando ele para bem na minha frente.

— Você não achou que eu deixaria de te dar o seu presentinho, não é? — Ele ergue a mão para me tocar e, em um impulso, o empurro para longe de mim.

Ele está embriagado e vulnerável e seu corpo despenca em cima da mesa derrubando o vaso de flores, me viro para abrir a porta, ouço o vidro da janela quebrar quando a porta bate com força na parede, sinto o calor do sangue pulsando em minhas veias quando sua mão se fecha em meus cabelos me puxando com força e me fazendo perder o equilíbrio.

— Ah, moleque, por que você tem sempre que tornar tudo mais difícil para você? — sussurra em meu ouvido, com o hálito alcoolizado invadindo meu olfato, sua barba pinicando minha pele, o som da sua voz entrando em minha cabeça e anulando tudo de bom que aconteceu comigo essa noite, assim como sempre foi. Porque uma coisa eu sei bem, não há beleza que resista à maldade, e eu a conheço bem o suficiente para saber que a sujeira está impregnada em mim, não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Só me resta aceitar.

33

Ayla



Observo Thales atravessar a rua pela janela, ele parece tenso e assustado e, embora eu acredite que ele esteja sendo apenas um pouco paranoico, no fundo sinto como se algo de ruim estivesse prestes a acontecer.

— Você não vai dormir? — Meu pai aparece do meu lado usando seu short horroroso e uma regata.

— Eu estou preocupada com o Thales, pai. — Saio da janela quando vejo Thales entrar na sua casa.

— Preocupada com o quê? — Senta-se em sua poltrona favorita e cruza as pernas.

— Ele está... — Sento-me no sofá e abraço uma almofada desejando na verdade abraçar o garoto que está a algumas casas de distância, mas sinto como se estivesse do outro lado do mundo. — Não sei, pai, hoje no restaurante ele se irritou com o garçom sem motivos, e o murro que ele deu no Duda...

Meu pai continua olhando para mim e não tenho mais certeza se foi uma boa ideia falar essas coisas, talvez seja apenas coisas da minha cabeça.

— Ele está mais explosivo — meu pai completa meu raciocínio e o fato dele compreender me assusta porque faz com que não seja apenas algo da minha cabeça.

— O senhor também notou?

— Thales está passando por muita coisa, muita pressão e muito descaso. Ele é apenas um garoto e, embora viva em uma casa, ele não tem um lar. Isso é muito importante nessa fase da vida, eu sinto que ele não

consegue expressar tudo o que sente. Thales é como um rio represado e eu me preocupo com o que vai acontecer quando essa barragem estourar.

— O que o senhor quer dizer com isso? — Meu sangue gela nas veias enquanto espero os segundos que antecedem a sua resposta.

— Thales precisa de ajuda psicológica, eu estou conversando com a coordenadora pedagógica da escola. Ontem fui falar com o treinador do campinho, ele disse que vem percebendo uma mudança no Thales. Ele está mais calado, mais fechado, mais violento e também bastante preocupado. Na verdade, a expulsão foi uma forma de proteger o Thales de algo mais grave.

— O senhor acha que o Thales está perdendo o controle?

— Eu acho que o Thales está escondendo algo muito grave, algo que não sei se sou capaz de ajudá-lo.

— Como assim? — pergunto sentindo o coração bater tão forte que meu peito dói.

— Thales precisa de alguém que possa ajudá-lo a contar o que está acontecendo, o treinador ficou de vir conversar com os pais dele, talvez, ouvindo a opinião de um profissional que trabalha com o garoto, eles percebam que o menino precisa de ajuda.

— Pai, e se o problema do Thales for exatamente os seus pais? — pergunto finalmente conseguindo a brecha que procurava para falar sobre esse assunto.

— E é, o relacionamento abusivo do padrasto, a omissão da mãe, a culpa pelo péssimo desempenho escolar, a necessidade de ir bem no futebol, tudo isso está bombardeando o garoto e se tornando um gatilho para que ele tenha essas explosões de agressividade.

Começo a puxar um fio da almofada enquanto ouço meu pai falar dele, relembro a noite maravilhosa que passamos juntos, os seus beijos e as brincadeiras que nos faziam rir ao ponto de chamar a atenção de todos a nossa volta.

Quando está comigo, ele é diferente. Ele sorri, mesmo que seja um sorriso tímido, ou fechado, mas essa noite ele estava tão feliz, seus lábios se esticavam em sorrisos enormes, que tomavam conta de todo o seu rosto, e me faziam sorrir também.

— Eu quero que você tome cuidado, Ayla — meu pai me alerta se inclinando para a frente.

— Cuidado? Com o quê? — pergunto sem entender qual foi a parte da história que perdi.

— Thales é um bom menino e gosto muito dele, mas eu amo você e me preocupo com seu bem-estar. Não quero você sozinha com Thales por aí.

— Do que o senhor está falando? — pergunto na defensiva.

— Até que o Thales esteja passando por um psicólogo, eu não quero vocês sozinhos — repete como se eu não tivesse compreendido da primeira vez, mas a verdade é que eu entendi, só não consigo compreender por que ele está fazendo isso se, desde pequena, eu, Thales e Duda andamos para cima e para baixo juntos.

— Ele não é um assassino, pai. Thales jamais me machucaria.

— Ayla, por favor, não discuta, apenas me obedeça, vocês podem ficar aqui em casa, sob minha supervisão, mas fora disso não quero vocês juntos por aí.

— Nós estudamos juntos.

— A partir de amanhã irão para a escola comigo, ou com o seu tio, ou a vovó, não quero mais vocês sozinhos.

— Isso vai magoar o Thales.

— Sinceramente, eu não me importo, sua segurança está em primeiro lugar.

— Isso é ridículo.

Levanto-me indignada e jogo a almofada no sofá, ignoro o meu pai me chamando porque nesse momento estou muito furiosa com ele, entro no meu quarto e fecho a porta sentindo o sangue subir por meu rosto.

Como ele pode pensar isso do Thales? Ele viu o Thales crescer, sabe os problemas que ele está enfrentando e, mesmo assim, teve a coragem de me pedir para não ficar sozinha com ele.

Deito-me na cama e afundo meu rosto no travesseiro, sinto vontade de chorar, mas as lágrimas não vêm. Ouço a porta se abrir e desejo mais do que tudo em minha vida que seja Thales, mas sei que não é.

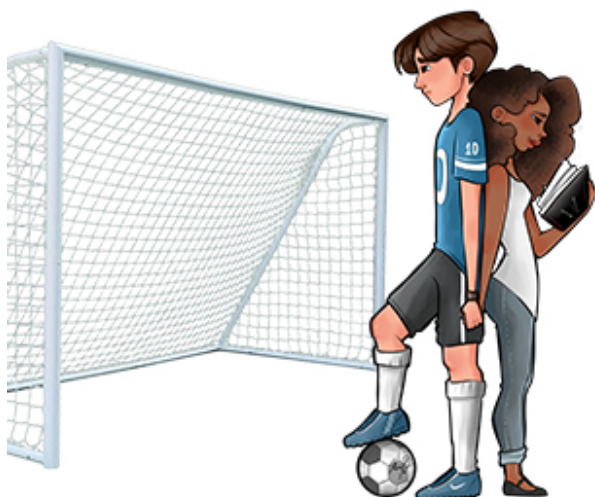
— Eu sei que você gosta dele, filha, e por esse motivo que eu me preocupo. É muito mais difícil enxergar o perigo quando ele vem de perto.

Quero mandá-lo embora, pedir que cale a boca, que não fale assim do Thales, mas, ao invés disso, eu fecho os meus olhos com força e peço mentalmente para que ele volte logo para casa.

Por favor, Thales, volte para mim, eu preciso de você aqui para mostrar ao meu pai que você não é o vilão nessa história, na verdade, você é a única vítima.

Meu pai se prepara para voltar a falar e é nesse momento que ouvimos um grito tão aterrorizante que, por um momento, eu duvido que seja humano.

E, então, eu me levanto e corro.



34

Thales

Uma vez ouvi algo sobre a dor nos fazer crescer.

Eu discordo. A dor nos tortura, é um lembrete diário de que algo não está bem. A dor é um alerta, um grito silencioso do corpo que não suporta mais aquilo, que não nasceu para ser machucado e que implora da única forma que conhece, para que tudo acabe.

Nesse momento, eu me sinto invisível.

Durante anos suportei todo tipo de humilhação, fome, dor e medo. Houve momentos, quando ainda era uma criança, em que gritei, chorei e pedi socorro, e por mais que eu tenha chorado, nunca fui ouvido.

No dia seguinte, as pessoas desviavam os olhos da minha casa, os amigos inventavam mentiras para justificar meus hematomas, até mesmo Ayla, a quem amo, fechou os olhos para o que acontece aqui.

Todos sabem que apanho, mas ninguém faz nada. Ninguém ouviu o garotinho, ele era arteiro, crianças devem ser castigadas, não se mete na educação dos pais, é melhor ele chorar agora do que a mãe chorar depois.

Agora já sou um adolescente, minhas lágrimas secaram há muito tempo, minha voz silenciou e não sai nenhum som da minha boca enquanto sou açoitado. Hoje, sou o rebelde, o marginalzinho, o perigo. Hoje me punem para me colocarem na linha, para garantir que não serei um perigo para a sociedade.

Enquanto isso, o perigo mora na minha casa.

E minha mão ainda não chora.

— Onde você pensa que vai? — Sandro rosna puxando-me para fora de casa, ele é forte e, embora esteja bêbado, ainda é muito maior do que eu.

— Me solta! — grito, mas, por alguma razão, sinto que minha voz não sai. Ela nunca sai, o medo me sufoca, a expectativa para o que está por vir me domina e tudo o que consigo fazer é me debater como um peixe em busca de ar.

— Calma, moleque, eu só quero conversar um pouco com você. — Ele esmurra minha lateral e perco o ar facilitando com que me leve para os fundos da casa.

Não. Não. Não.

Para lá não. Por favor.

Recupero o fôlego e tento me soltar, no caminho ele pega um pedaço de madeira e me acerta nas costelas, a dor é insuportável, mas não paro de tentar me soltar.

— Você sabe que lutar é pior e estou muito triste que você permitiu que aquele almofadinha te levasse para longe de casa. — Ele me joga no chão com força e me levanto rapidamente, não quero me ajoelhar, hoje não.

— Me deixa ir embora, por favor. — Me humilho porque nesse instante meu corpo implora para ser levado para longe dele, mas Sandro nunca me ouve.

— Seu lugar é aqui! — ele grita tão alto que tenho certeza de que todos podem ouvir. — Aqui nessa porra dessa casa, essa é a sua família, eu sou a porra do seu pai.

Ele bate o pedaço de madeira no próprio peito, a loucura e a maldade o fazem parecer um monstro, um ser do submundo, gigante, perigoso, impossível de destruir.

— Você achou que ia ficar por isso mesmo? — Ele se aproxima batendo a madeira na própria perna e começo a andar para trás.

— Me deixa ir embora. — Estico meus braços para mantê-lo afastado de mim, mas ele ergue a madeira e me acerta com ela, a dor me faz dobrar ao meio enquanto seguro meu braço.

— Você contou o nosso segredinho para ele? — Ele me acerta mais uma vez e gemo de dor. — Contou?! — grita e nego balançando a cabeça.

Aos oito anos, quando ele me chamou para ver sacanagem na tevê e me mostrou como um homem faz com uma mulher, me senti esquisito. Algo estranho mexeu com meu corpo e, embora eu ainda não sabia ao certo o que era, não pude dizer se era bom ou ruim. Foi a primeira vez que ele me tocou,

disse que era assim que os pais faziam com os filhos, que era melhor aprender com ele do que na rua. Eu acreditei, afinal de contas, ele era o adulto.

Eu confiei nele.

Naquele dia demos início ao nosso segredo, e ao longo dos anos ele foi se tornando maior, mais feio, mais sujo... até que não pude mais me livrar dele.

Hoje vivo em uma prisão onde o medo é a minha algema e minha mordaca, sou refém das minhas ações e das reações do meu corpo. Não consigo ver uma forma de me livrar disso, não sem que o mal vença.

— A Tati chorou de saudades de você. — Ele puxa meu cabelo erguendo-me. — Você não tem ideia.

É mentira, eu sei que é. Eu a vi todos os dias, eu a esperei na frente da casa da Ayla e a abracei antes dela ir para a escola, eu disse a ela que nunca a abandonaria, ela sabia que eu estava do outro lado da rua, eu a fiz prometer que me contaria se algo ruim acontecesse com ela, ele está mentindo. Ele sempre mente.

— Eu também senti saudades — diz sorrindo e quero bater nele, quero vomitar, quero morrer. — Eu fiquei com tanto ódio. Durante esses dias, eu pensei em tantas formas de te castigar, tantas formas de fazer você aprender que aqui é o seu lugar. — Ele me acerta mais uma vez, e mais uma e uma.

Encolho-me no chão, incapaz de me defender da sua fúria, minha camisa está destruída, assim como minha alma, meu coração, meu corpo. Afasto meus pensamentos, ignoro suas palavras, me desconecto para suportar. Ele já não me atinge mais, ele já não me machuca mais, meu corpo parou de gritar, ele sabe que não tem mais para onde ir. Então se entrega.

— Eu só quero que você aprenda — sussurra em meu ouvido, com sua respiração ofegante, exausto de tanto me bater. — Eu não sei mais como fazer para você aprender. — Ele se inclina sobre mim, o peso do seu corpo sobre o meu, o cheiro do seu hálito podre em minha pele. — Eu sou o seu pai.

Ouç-o se mover e já sei o que virá a seguir. Fecho meus olhos e tudo o que desejo nesse momento é morrer. Ele passa o nariz em meu pescoço e o rosto de Ayla surge em minha mente.

“Eu te amo”, ela sussurra para mim e sinto sua mão me tocar. Sinto o calor do seu corpo junto ao meu, tão puro e casto, tão intocado e lindo, tão diferente do meu.

Ele continua me destruindo, sinto sua mão se movendo sobre mim, me tocando em lugares que não deveria, ouço sua voz ao longe me prometendo que, dessa vez, eu vou gostar. Mentira, eu nunca gostei, nunca.

Hoje sei que não sou o que ele diz quando está comigo, não gosto disso, não suporto. Hoje sei que meu corpo reage a Ayla porque eu a amo e que reagi à moça do restaurante, assim como as mulheres dos vídeos pornográficos que, às vezes, ele me obriga a ver, não... eu não gosto disso, eu não quero isso. Eu não vou permitir mais que ele faça isso.

Tento me mover, mas ele é mais rápido e me acerta com o pedaço de madeira mais uma vez, acho que perco a consciência por alguns segundos porque ele está me tocando, dizendo coisas nojentas sobre mim e Ayla e sobre mim e ele.

Não... não... não!

Eu prometi a mim mesmo que ele nunca mais faria isso, não posso deixar, não posso.

Ele me vira de costas, seu peso me sufoca enquanto sinto sua boca em minha nuca, não consigo respirar direito e estou tão machucado, que mal consigo me mexer. Ouço o som familiar das suas calças sendo abertas, fecho os olhos com força, grito, mas logo sua mão está em minha boca. Penso em minha mãe. *Onde ela está? Por que não acorda, por que sempre que ele vem até mim ela não acorda?*

E então penso em Milton.

Não demore muito, Thales. Amanhã é o grande dia, você precisa descansar.

Amanhã é o grande dia, o dia da minha liberdade e não posso permitir que ele me tire isso.

Uma fúria desconhecida me atinge e abro os olhos, olho em volta e encontro um tijolo ao meu lado, ignoro sua mão em minha calça tentando abri-la, ignoro o vômito que chega a minha garganta e o gosto de sangue em minha boca.

Não posso permitir que ele tire de mim a única coisa que ainda tenho: a esperança.

Estico o braço e enfio meus dedos nos furos do tijolo, fecho os olhos e giro meu corpo com toda a força que possuo, ouço o barulho dele se estilhaçando, sinto o corpo dele caindo ao meu lado, preciso ser rápido, não sei quanto tempo vou suportar antes de desabar, subo em cima dele e continuo batendo, batendo, batendo. Ergo o tijolo e a cada vez que o abaixo,

lembro de todas as vezes em que ele veio até mim, todas as vezes em que ele me machucou e me fez sentir sujo, o acerto mais e mais, o sangue espirra em minha camisa arruinando-a para sempre, mas não paro, não posso parar, eu prometi que ele nunca mais me tocaria, então continuo, não paro até que sinto que ele não está se movendo, então me afasto e vomito tudo o que tem dentro de mim.

Inclusive minha alma.

Olho para a massa humana à minha frente, não reconheço mais o homem coberto de sangue, olho para as minhas mãos, para os pedaços de tijolo a minha volta, para a casa à minha frente.

Penso na garota do outro lado da rua, usando o vestido mais bonito do mundo, esperando por mim.

Mas eu não vou voltar, eu não posso voltar.

Eu matei um homem, eu me tornei como ele.

Ele venceu.

O ódio me domina, a dor em meu peito é tão grande que não consigo ver um fim para isso, não tem como me salvar, eu destruí o resto de humanidade que havia em mim.

Eu não tenho mais salvação.

Ouçó um grito, tão alto e tão feio que não sei se é humano, talvez não seja, porque ele sai da minha garganta e já não sou mais nada.

E nesse momento, enquanto percebo que estou coberto de sangue, não sinto mais nenhuma dor e então descubro que a dor é a certeza de que ainda estamos vivos.

Eu já não estou mais.

35

Ayla



Tropeço em algo, ouço o barulho de vidro se estilhaçando no chão, não paro para olhar, tudo o que preciso é chegar até ele.

Antes que eu alcance a porta, meu pai me puxa pelo braço me obrigando a parar.

— O que você está fazendo? — pergunta enquanto me segura com força, tento puxar meu braço de volta, mas ele me mantém no lugar.

— Você não ouviu? — pergunto apavorada.

— Você não pode sair assim, e se estiver acontecendo algo lá fora?

— Por isso mesmo, pode ser o Thales, ele pode estar em perigo. — Tento me soltar mais uma vez.

— Ayla! — grita enquanto me segura agora com as duas mãos. — Respira, filha! — exige e só então percebo que não consigo fazer o que ele está pedindo.

— Me solta, pai, é o Thales.

— Não, você não sabe se é ele.

— É, eu sei. Eu senti aqui no meu peito. Quando ele gritou, eu senti uma dor forte. — Sinto o desespero em minha voz. — É ele e estamos perdendo tempo aqui.

— Fica aqui, eu vou e, se não for nada de mais, eu trago o garoto de volta pra casa.

— Não, eu vou com você.

— Ayla! — ele volta a gritar, mas percebo que também está apavorado. — Por favor, filha, eu preciso saber que você vai ficar aqui.

Assinto enquanto as lágrimas caem em meu rosto.

— Então traz ele para mim, pai — peço chorando. Meu pai abre a porta da sala devagar e a angústia me domina, vou até a janela e observo enquanto ele caminha até o portão abrindo-o e saindo, há algumas pessoas lá fora, nos portões e nas janelas, mas há um silêncio fora do comum, como se o mundo de repente estivesse quieto demais.

Meu pai passa pelas pessoas e vai até o portão da casa de Thales, ele ainda está fechado e me surpreendo com o fato de que ninguém sequer chegou até ele, como se a casa fosse invisível ou já estivesse tão acostumados com as surras e ofensas que não se importam mais. De certa forma, nesse momento, também me sinto assim, enquanto estou aqui, protegida pelas paredes do meu lar, observando como uma simples espectadora sem saber se o garoto que amo está bem.

Abro a porta da sala e corro até o portão, dane-se se vou ficar de castigo por desobedecê-lo, nesse momento eu preciso ver meu Thales, preciso ter certeza de que ele está bem, que o grito que ouvi foi apenas um mal-entendido, ele precisa dormir, descansar, amanhã é o grande dia.

Continuo falando essas coisas para mim enquanto caminho pela calçada tão conhecida como se fosse algo estranho, passo pelos vizinhos sem me dar ao trabalho de olhar para a cara de ninguém, não me importo com nada, apenas com a necessidade de tirar Thales de lá.

O portão está encostado, entro e o fecho desejando que ninguém além de mim e meu pai entrem, caminho até a porta da cozinha, ela está semiaberta e noto que há coisas quebradas como se houvesse tido uma briga, estou prestes a entrar quando ouço a voz do meu pai vinda da lateral da casa, sigo pelo corredor e meu estômago afunda quando noto que está falando com alguém.

— Rua Capitão Clóvis Ribeiro, número 77. — Ele está falando ao telefone e nem se dá conta de que estou me aproximando. Sua outra mão está fechada em um pulso, há sangue espalhado por todos os lados e escapa pelos dedos do meu pai. — Eu não sei o que houve, ele... tem ferimentos nos pulsos... não sei, ele está quieto...

Não consigo mais ouvir o que fala, quando me aproximo e reconheço a camisa branca completamente lavada de sangue o outro pulso enfaixado em uma tira da camiseta do meu pai.

— Thales! — Jogo-me ao seu lado estendendo a mão para tocá-lo, mas sem saber o que fazer.

— Ayla, aperte o pulso dele com força — meu pai manda enquanto termina de falar com a pessoa ao telefone. Olho para o seu pulso, coberto com tecido lavado de sangue, vejo-o escorrer pelas frestas sujando sua pele bonita.

— Thales, você está me ouvindo? — Olho para os seus lábios quase sem cor e sinto medo, um medo avassalador que não sabia que existia até então.

— Eles já estão chegando — meu pai fala, mas não sei quem ele está tentando acalmar.

— Ayla... — ouço meu nome sussurrado por seus lábios e me aproximo. — Eu consegui, eu lutei dessa vez... eu fui corajoso... — Ele tosse e começo a chorar porque estou com muito medo.

— Eles já estão chegando, já vão cuidar de você, fica aqui, só mais um pouquinho.

— Não... eu preciso ir... — Ele tosse mais uma vez e olho para o meu pai, que parece tão apavorado quanto eu.

— O que está acontecendo aqui?! — Janaína grita no corredor. Ela parece meio desorientada e confusa, mas no instante em que vê a cena, corre até nós e começa a chorar quando vê o filho no chão.

Mantenho meus olhos fixos em Thales, inclino meu rosto um pouco mais, concentro-me apenas nele e sussurro em seu ouvido ignorando tudo a minha volta:

— Eu estou aqui, não me deixa, eu estou aqui com você.

Continuo repetindo, até que alguém chega e segura a mãe de Thales, até que a ambulância pare na porta, até que os paramédicos peçam para nos afastar e, quando meu pai me abraça forte, continuo falando para mim mesma, enquanto vejo seu corpo ser erguido, seus olhos rodeados por olheiras profundas olharem através de mim como se não me reconhecesse mais, e continuo até que ele é colocado na maca e levado para a ambulância.



O burburinho deu lugar a uma aglomeração de pessoas, temos dificuldades de sair com o carro e preciso de toda a minha calma para confiar no meu pai quando ele diz que Thales vai ficar bem.

Ele não vai ficar bem. Ele tentou se matar.

É tudo o que consigo pensar enquanto ouço o barulho da sirene na nossa frente. *O que houve para que ele decidisse fazer algo assim? O que aconteceu para que ele desse aquele grito aterrorizante?*

Foi realmente hoje que fomos a um restaurante e nos beijamos como um casal apaixonado e feliz? Minha cabeça flutua entre um Thales usando uma camisa branca e com um sorriso lindo nos lábios e um garoto que se parecia com ele, no chão, com os pulsos cortados e sua vida escapando pelos meus dedos.

Olho para a toalha manchada de sangue em meu colo e não sei o que fazer.

— Filha, fala comigo — meu pai pede enquanto vira a esquina seguindo a ambulância que leva Thales e sua mãe à nossa frente. Que ironia ser ela ao seu lado nesse momento, se quando ele mais precisou, ela sempre esteve ausente.

— Ele tentou se matar. — É a primeira vez que verbalizo essa frase, mas nem assim fica mais fácil de entender. A imagem de seu rosto quase sem vida é algo que vai me assombrar para sempre.

— Não pense nisso, Ayla, ele vai ficar bem.

— Ele não vai ficar bem, pai. Ele quis morrer, ele não vai ficar bem.

Volto a chorar quando me lembro da sua voz fraca me dizendo que precisava ir, abaixo o rosto na toalha suja com o seu sangue e deixo que toda a minha dor saia.

— Confie em mim, filha. Eu vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance, não se preocupe. — Ele massageia minhas costas enquanto tenta me tranquilizar, mas, por mais que ele diga, tudo o que consigo pensar é nas suas palavras dizendo que precisava ir.

Eu só não sei para onde.



O hospital está lotado, há pessoas doentes para todos os lados e todos, sem exceção, abrem passagem para nós quando nos aproximamos. Deve ter a ver com o fato de que parecemos ter saído de um filme de terror.

Meu pai segura minha mão com força durante todo o tempo, como se temesse me perder caso solte, estou agarrada à toalha suja com o sangue dele e mantenho meus olhos fixos em meu pai.

Ele pergunta sobre o Thales para um enfermeiro, aguardamos notícias, ele pergunta novamente, alguém se aproxima perguntando se precisamos de algo. Meu pai encontra um lugar para que eu possa me sentar, mas eu não quero me sentar, eu quero ver o Thales.

Janaína aparece um tempo depois, ela nos diz que Thales passou mal na ambulância, mas não sabe dizer o quê. Explica que os paramédicos cuidaram dele e que então ele apagou, mas agora ele está lá dentro.

— Você não sabe o que aconteceu? — pergunto ainda sentada, ainda agarrada à toalha como se fosse um pedaço dele.

— Eu não sei, Sandro me deu um remédio para dor de cabeça e eu... — Olha para o meu pai e não consigo compreender como uma pessoa tão desprezível como ela pode ser a mãe do Thales.

Meu pai tenta me acalmar, mas tudo o que consigo fazer é chorar. Um enfermeiro aparece e pergunta sobre os parentes, Janaína pede para o meu pai falar com ele.

— O paciente precisa de transfusão de sangue, sabem qual o tipo sanguíneo?

— Eu sei, A positivo — a mãe dele responde como se fosse algo espetacular saber algo tão simples. — É o mesmo que o meu, dizem que é raro. — Ela olha para mim e sorri, a desgraçada sorri.

— A senhora pode, por gentileza, nos acompanhar? — o enfermeiro pergunta e ela arregala os olhos.

— Acompanhar? Por quê?

— Teu filho precisa do teu sangue — respondo de onde estou sentada.

— Meu sangue? Eu não posso. Eu passo mal.

Suas palavras me acertam como um tapa bem no meio da minha cara. Não percebo o momento em que me levantei da cadeira, nem como cheguei até ela, mas quando dou por mim, meus punhos estão fechados e estou batendo na mulher que deu a vida ao meu namorado, mas que não faz questão nenhuma de mantê-la.

— Ele é seu filho, sua vaca, você deveria cuidar dele! — grito enquanto meu pai me arranca de cima dela. — Sua maldita, por sua culpa ele está lá dentro.

— Eu não tenho culpa se ele tentou se matar, eu não fiz nada. — Ela chora e grito de frustração.

— Ayla, se controle — meu pai sussurra em meu ouvido. — O Thales precisa da gente. Por favor, filha, se controle.

Viro-me em seu peito e agarro sua camiseta suja de sangue, ele acaricia minhas costas enquanto ouve o enfermeiro explicar para o monstro que Thales chama de mãe, como a coleta de sangue é segura.

— Mas e eu, como vou ficar sem esse sangue? — pergunta e preciso apertar o meu rosto contra o peito do meu pai para não voltar a bater nela.

O enfermeiro precisa de mais dez minutos para conseguir convencê-la a ir com ele e tudo o que penso é que Thales está mais dez minutos sofrendo.

Quando estamos sozinhos novamente, meu pai me leva até um canto tranquilo do hospital e se senta ao meu lado no chão. Ele segura minhas duas mãos e aguarda até que eu esteja calma o suficiente para ouvir o que tem a falar.

— Pai, ele vai perder a peneira. — Assim que as palavras deixam a minha boca volto a chorar e meu pai, carinhosamente, seca minhas lágrimas com suas mãos sujas.

— Filha, o Thales não vai a lugar algum agora. Ele precisa de cuidados médicos, ele tentou o suicídio e isso é muito sério.

— Por que o senhor acha que fez isso?

— Eu não faço a menor ideia, mas Sandro não estava em casa e eu acho muito pouco provável que Thales tenha causado todos aqueles machucados sozinho.

— O senhor acha que o Sandro pode ter feito aquilo com o Thales? — A bile sobe por minha garganta ao pensar que Thales pode ter sofrido uma tentativa de assassinato.

— Eu não sei, filha, mas não consigo fazer nada por ele se eu tiver que ficar aqui cuidando de você.

Começo a mover a cabeça de um lado para o outro, ele não pode estar me pedindo isso.

— Eu não vou a lugar algum, pai.

— Ayla... — ele me chama com uma calma, que me irrita.

— Eu não vou deixá-lo sozinho, eu prometi a ele que estaria aqui.

— Ayla. — Meu pai segura o meu rosto em suas mãos e me chacoalha sutilmente. — Você não pode fazer nada por ele, mas eu posso. Se você

cooperar e for para a casa da sua avó, eu ficarei mais tranquilo e poderei ajudá-lo.

Escondo meu rosto na toalha e grito sentindo a dor da impotência me sufocar. No fundo, meu pai tem razão, não posso fazer nada, nem mesmo meu sangue pode salvá-lo. Choro até que minhas lágrimas sequem, minha garganta doa e meus olhos incham. Meu pai fica ao meu lado, me sustentando, enquanto desmorono pela primeira vez na minha vida.

36

Ayla



Não me lembro muito do dia em que minha mãe morreu, eu era muito pequena e meu pai tentou me proteger de todas as maneiras. Mas eu sinto a sua morte todos os dias, mesmo que não seja doloroso pensar nela.

Perder alguém que amamos sempre é impactante.

Hoje, quando me dei conta de que Thales não se importava mais em viver, senti uma dor tão grande que achei que iria morrer. Ele ainda está vivo e, mesmo assim dói, porque não consigo parar de pensar que ele poderia ter morrido e não sei se conseguiria viver sem ele.

Chegamos em casa em silêncio, ainda há pessoas na rua, fofocando, fazendo suposições, julgando Thales como se ele fosse o vilão. Olho para duas mulheres que estão contando histórias sobre bandidos e abro a boca para dizer que Thales não é um bandido, mas meu pai segura minha mão e balança a cabeça me pedindo para não falar.

Entramos na nossa casa em silêncio, o vaso continua espatifado no chão, as rosas que o meu tio Alberto trouxe hoje cedo estão caídas em meio aos cacos de vidro e me sinto exatamente como elas: frágil e destruída. Meu pai avisa que vai tomar um banho e me dá algumas ordens, mas não consigo ouvi-lo. Vou para o meu quarto, mas paro no meio do caminho quando vejo a chuteira de Thales, no chão do quarto dos gêmeos, ao lado do short e da camisa que ele usaria daqui a algumas horas.

Sento-me e pego a camiseta laranja que ele ganhou do meu pai no Natal passado, levo-a ao nariz e fecho os olhos. Ainda posso sentir o cheiro dele nas fibras do tecido, mesmo lavada. Abraço a camiseta e olho para o tênis,

perfeitamente organizados em cima da caixa, aguardando por algo que não vai acontecer.

Ele não vai mais à peneira.

— Ayla, precisamos ir — meu pai avisa carinhosamente parado na porta, mas não consigo me mover. — Ayla... — ele me chama daquele jeito que dispensa o uso de palavras.

— Estava tudo arrumado. — Aponto para o short dobrado e a chuteira ao lado e meu pai se abaixa pegando uma delas nas mãos. Fica um instante olhando e sei que está segurando a emoção. Thales é especial para o meu pai, ele acredita nele, acredita que ele pode ser mais do que a vida está lhe oferecendo. Meu pai o viu crescer ao meu lado e sabe o quanto eu gosto dele.

— Hoje era pra ser o dia mais feliz da vida dele — falo com a voz embargada e meu pai ergue os olhos para mim.

— Ele não morreu, Ayla.

— Ele perdeu a peneira.

— Ele perdeu uma oportunidade, a vida tem muito para esse garoto. Ele ainda vai conseguir vencer, ainda não acabou.

Ele coloca a chuteira no lugar e se levanta estendendo a mão para mim.

— Vamos, filha, eu tenho muito o que fazer e o tempo está correndo.

— Pai, deixa eu ir com você, eu prometo que fico quietinha. — Sinto-me como uma criança pequena e indefesa e, embora eu gostaria de ser mais forte, nesse momento não consigo me controlar.

— Não posso levar você, filha, por favor, compreenda. — Concorro, mesmo que no meu coração eu não aceite. — Você precisa se trocar. — Ele aponta para mim e faço o que me pede.

Tomo um banho rápido e tento não olhar o sangue que escorre das minhas mãos e nem me lembrar do banho que tomamos juntos aqui. Apenas lavo meu corpo e me visto, pego a camiseta e deixo meu pai me levar para a casa da minha avó.

Quando chegamos, meu tio já está a nossa espera e nos abraça sem falar nada. Sinto como se estivéssemos em algum tipo de velório, é desesperador e tenho vontade de gritar para que parem com isso.

— Eu prometo que vou fazer tudo o que está ao meu alcance para que o Thales fique em segurança. Confie em mim, filha — meu pai diz e, quando ele se afasta, meu tio enlaça meu ombro com seus braços, como se soubesse que preciso do seu apoio.

— Ele vai ficar bem, Ayla — meu tio diz como uma forma de me consolar e agradecer.

Minha avó está na cozinha e, assim que entramos na casa, sinto o cheiro de chá de camomila, me sento no sofá e ergo meus joelhos abraçando-os, minha avó vem até mim com duas canecas enormes na mão e um sorriso carinhoso.

— Toma, fiz com as florzinhas que brotaram no meu jardim. — Ela se senta ao meu lado e me entrega uma das canecas. — Está uma delícia.

Tomo um pequeno gole do chá e ele desce com dificuldade, meu tio se recolhe já que acorda cedo para trabalhar e ficamos apenas eu e minha avó na sala.

— Ele tentou se matar, vó — digo ainda sem acreditar nisso.

— Sabe, Ayla... — Ela se vira apoiando o ombro no encosto do sofá e passando a ponta dos dedos na borda da caneca, a fumacinha que sai dela parece dançar na frente do rosto enrugado da minha avó. — Thales ainda vai ter um longo caminho a percorrer. O que realmente precisamos nos preocupar não é com o que ele fez, mas o que o motivou a fazer isso. Esse menino estava gritando por socorro há muito tempo, ele chegou ao seu limite.

— Se eu não o tivesse ouvido, agora ele poderia estar... — Não consigo terminar de falar, nesse momento não me importo com o que fizeram a ele, tudo o que consigo pensar é que Thales poderia não estar mais aqui, com seu coração bonito e bondoso, seus pés cheios de talento e sua boca gentil poderia nunca mais se contorcer no sorriso mais lindo do mundo.

— Shhh... não pense nisso, o importante é que ele agora está em segurança e assim vai ficar. Seu pai sabe o que está fazendo.

Tomamos o nosso chá enquanto conversamos, ela me pede para que eu conte como foi o nosso jantar e por um instante me recordo de como eu estava leve e feliz. Conto tudo a ela, cada detalhe, até mesmo os beijos, e ela me ouve com atenção, perguntando coisas que, em outras circunstâncias, eu jamais falaria.

— Vocês dois são o casal mais lindo que já vi na vida, mais lindo que seus pais.

Aproximo-me dela abraçando-a e deixando que me diga coisas que só avós conseguem dizer, mas tudo o que consigo pensar é que, enquanto estou aqui deitada no colo da minha avó, Thales está lá naquele hospital completamente sozinho.

E tudo o que eu queria era poder estar lá e ler para ele.



As vozes altas de Guilherme e Marcos me despertam, acordo um pouco desorientada e preciso de um instante para notar que estou na cama da minha avó. Levanto-me devagar sentindo minha cabeça prestes a explodir, meus olhos estão doloridos de tanto chorar e a camiseta de Thales está ao meu lado.

Olho para o rádio relógio antigo na mesinha ao lado da cama e vejo que já passa do meio-dia, uma dor imensa atinge meu peito ao me lembrar de que Thales realmente perdeu a peneira.

Saio da cama e abro a porta, os gêmeos estão jogando videogame e o barulho é tanto, que tenho a sensação de que minha cabeça vai explodir a qualquer momento.

— Olá, meu amor, está se sentindo melhor? — minha avó pergunta enquanto remexe algo no fogão. — Estou fazendo bolinhos de chuva para você.

Puxo a cadeira e me sento apoiando a cabeça no mármore gelado.

— Obrigada, vovó — resmungo e fecho meus olhos porque o dia está bonito demais lá fora para que eu possa suportar.

— Que carinha é essa? Trate de se animar que seu menino bonito vai precisar de você logo, logo.

Ergo a cabeça ignorando a dor pulsante nela e me concentrando no meu coração, que parece prestes a pular do peito.

— Meu pai ligou?

— Sim, e disse que o Thales está bem, no quarto, está acordado e perguntou de você.

— Perguntou? — Meus olhos cansados se enchem de lágrimas enquanto me levanto. — Que horas o papai vem me buscar?

— Eu ainda não sei, mas com certeza você não vai sair de casa assim, Ayla, é capaz de ser internada se alguém te ver desse jeito. — Ela empurra meus ombros me obrigando a sentar. — Trate de comer e depois tomar um banho.

Faço o que a minha avó manda porque não adianta discutir com ela, mas sinto como se as horas não passassem, nem a minha dor de cabeça. Estou no quarto, tentando dar um jeito nos meus cabelos, quando alguém bate à porta.

— Pode entrar! — grito para que a pessoa ouça acima dos gritos dos meus irmãos.

— Posso entrar? — Ouço sua voz e me viro surpresa por encontrar Duda parado na porta. Ele está com a aparência de quem acabou de voltar de um treinamento militar, os cabelos loiros estão escuros pelo suor, há manchas vermelhas em seu rosto por causa da exposição ao sol e as suas meias estão imundas, mas é o hematoma em sua bochecha direita que chama a minha atenção, está mais clara, mas ainda é um lembrete do que Thales fez com o nosso amigo. Isso e o fato dos seus olhos estarem vermelhos, como se ele tivesse... chorado.

— Duda... — Levanto-me e vou até ele, não precisamos falar nada. No momento em que seus braços envolvem a minha cintura e deito minha cabeça em seu ombro, as palavras deixam de ter importância. Thales e Duda podem não estar no melhor momento da amizade deles, mas não há nada que possa apagar tantos anos juntos, tantas histórias, momentos únicos, sonhos compartilhados e a esperança de que um dia seríamos pessoas especiais.

Duda me abraça e ficamos em silêncio por algum tempo, ouço-o fungar e não me importo em chorar em seus braços. Nesse momento, não me importo com muita coisa.

— Eu queria ter vindo antes, mas...

Ele não termina de falar, não precisa, sinto o cheiro de suor e terra em sua pele, sei de onde está vindo.

— Ele vai ficar bem — Duda completa com o rosto em meus cabelos e sua mão fazendo carinho em minhas costas. — O Thales é forte, ele vai ficar bem — repete, mas não consigo acreditar em suas palavras.

Concordo movendo a cabeça e ficamos assim abraçados, chorando por nosso amigo e por tudo o que aconteceu. Quando nos afastamos, Duda passa as costas da mão grosseiramente por seus olhos limpando as lágrimas que escorrem por seu rosto e faço o mesmo no meu.

— Eu não consigo acreditar que ele fez isso — diz ainda com a voz embargada.

— Nem eu.

Duda encara a camiseta jogada na cama, ele sabe que é de Thales, e sinto a tristeza na forma com que ele a encara, como se nosso amigo não estivesse mais aqui.

— Estou me sentindo culpado.

— Claro que não, por que você teria culpa?

— A gente brigou e... eu não estava lá quando ele precisou de mim.

— Eu estava, Duda, e não fui o suficiente — admito e volto a chorar ao me dar conta de que é verdade, não fui suficiente.

— Porra! — Ele passa as mãos pelos cabelos. — Que droga, Thales...

— Como você soube? — pergunto me sentando na poltrona e esperando que Duda se sente na outra.

— Não se fala em outra coisa. Quando cheguei ao campinho, todos já estavam sabendo. Eu queria ir ao hospital, mas meu pai me obrigou a subir no ônibus. — Duda ergue os ombros e posso sentir a tristeza em seu olhar. — Ele disse que eu não poderia fazer nada.

— Ele tem razão, meu pai também não me deixou ir para o hospital, disse que eu só atrapalharia.

— Como ele está? — pergunta.

— Eu não sei, ontem quando o encontramos daquele jeito... — Balanço a cabeça, surpresa com a facilidade que as lágrimas se formam em meus olhos.

— Vocês foram os primeiros a encontrar ele?

Afirmo com a cabeça enquanto tento bloquear a imagem de Thales lavado de sangue, sem sucesso.

— Era tanto sangue, Duda. — Minha voz sai mais fraca do que gostaria e meu amigo se ajoelha na minha frente segurando minhas mãos.

— Eu não faço ideia do que você está sentindo, mas saiba que estou aqui para você.

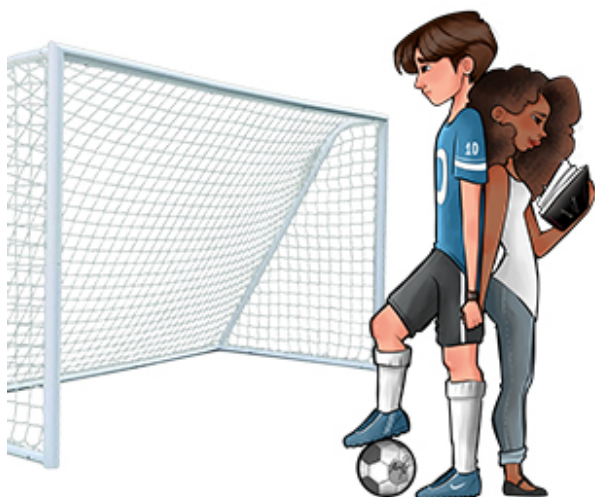
Envolvo seu pescoço com minhas mãos e o abraço voltando a chorar.

— Me desculpe, eu não consigo parar — digo ao me afastar secando novamente os olhos.

— Não tem problema, meu ombro está à disposição.

— Me conta, como foi lá? — Aponto para a sua roupa e o sorriso triste que me dá é tudo o que preciso para saber que ele foi bem. Mesmo assim, ouço Duda contar cada pequeno detalhe do dia que deveria ser um grande marco na vida de todos nós.

Mas que acabou sendo um divisor de águas.



37

Thales

É engraçado como a perspectiva muda quando avaliamos tudo mais de perto.

Tudo fica mais complexo quando damos a devida atenção.

Eu nunca havia notado como as fibras de uma gaze são desordenadas, um emaranhado de linhas desiguais, que juntas formam um intrincado desenho, que formam as faixas que, nesse momento, envolvem meu pulso e escondem do mundo o que eu tentei fazer.

Eu tentei... mas, infelizmente, não consegui.

Não consegui me defender.

Não consegui dar um fim nisso.

Não consegui matá-lo.

Não consegui morrer.

Para quem olha de longe sou apenas um suicida, um garoto problemático que tentou se matar, um cara que não tem sentimentos, egoísta, insensível, um herege que nem ao menos teme a Deus.

“Como pode um garoto saudável tentar tirar a própria vida quando tantos outros queriam estar em seu lugar?”

Foi o que ouvi uma enfermeira falar essa madrugada, ela achou que eu estava dormindo, mas eu estava apenas sonolento. Suas palavras me chocaram, muito mais pela falta de emoções que me causaram do que por seu julgamento.

Ela não me conhece, ela não viu as intrínsecas tramas que formam o que sou, ela não sabe de onde vieram as cicatrizes em meu corpo, ela só vê

os cortes que agora ardem, em meus pulsos, mas ela não sabe o que me levou até eles. Me entristeço por ela, porque, assim como a grande maioria das pessoas, ela nunca vai saber. Talvez se ela soubesse, ela poderia ajudar garotos e garotas, que, como eu, estão silenciados pela sociedade.

Calado, dolorido, respirando, aparentemente vivo.

Eu estou acordado há mais ou menos uma hora. Meu coração bate em meu peito, meus pulmões se enchem e esvaziam; o sangue, que ainda me resta, corre nas minhas veias; meu corpo dói a cada movimento dos meus músculos, mas eu estou vivo, eu ainda estou aqui.

— Ele não fala, doutor, tem certeza de que não tem nada de errado com ele? — minha mãe pergunta como se estivesse preocupada, mas ainda não olhou para mim. Todas as vezes que seu rosto vira na minha direção, seus olhos caem para as faixas em meus pulsos e ela desvia o olhar. É como se eu me resumisse aos cortes enfaixados nas extremidades dos meus braços.

Será que é isso que eu serei a partir de hoje? O garoto que tentou se matar? Sinceramente, não me importo, nunca me importei, agora menos ainda. Mas ela é minha mãe, ela deveria saber que sou mais do que isso.

Talvez, se ela olhasse para mim, poderia ver que meu olho esquerdo está inchado e que há um corte em minha boca. Se ela erguesse só um pouco a porra dos seus olhos, ela veria o hematoma que se formou onde o pedaço de madeira atingiu no meu lado esquerdo, mas basta ela olhar um pouco mais acima dos cortes em meus pulsos que ela verá as marcas dos dedos dele em minha pele, os cortes que as farpas da madeira causaram em meus braços enquanto eu era brutalmente agredido por ele.

Mas não olha.

Ela sequer me enxerga.

— Tenho certeza, senhora — o médico diz com sua voz gentil. Foi com essa mesma voz que ele me acalmou hoje mais cedo ao se sentar ao meu lado e me perguntar se eu estava bem. Ele sabia que eu não estava, mesmo assim passou quase uma hora comigo. Um estranho, que nem ao menos sei o nome, se importou mais com o moleque deitado aqui nessa cama do que minha mãe.

Ela ainda não perguntou se estou bem, e não sei se algum dia perguntará.

— Thales está em choque — ele continua, sabendo que o que eu tenho vai além de um choque. — Levemente sonolento pelas medicações, mas está bem. Na medida do possível.

Ela pergunta mais algumas coisas sobre drogas e álcool e o médico diz que os exames toxicológicos chegarão hoje no fim do dia, ele sabe que eu não estava drogado. Ela não tem mais perguntas, nada sobre se vou ficar com alguma sequela ou se estou com dor, se estou com medo ou se quero comer.

O médico olha para mim e me dá um leve menear de cabeça. Desvio o olhar, já conversamos o suficiente enquanto estávamos sozinhos e, embora ele saiba de mais coisas do que eu gostaria que soubesse, talvez eu possa confiar nele. Ele é aquele que salva vidas e se estou aqui agora, é graças a ele.

A porta se fecha e ficamos sozinhos novamente, minha mãe arrasta seus chinelos irritantes de um lado para o outro enquanto tenta, pela milionésima vez no dia, falar com alguém no telefone, não preciso perguntar, eu sei quem é e sei que ele não vai aparecer, não enquanto os ferimentos que causei nele, ainda estiverem lá como prova.

Meu estômago se revira e tenho certeza de que, se tivesse algo dentro dele nesse momento, colocaria para fora.

Ela desliga o telefone e o guarda no sutiã, como se alguém pudesse entrar no quarto a qualquer momento e roubá-lo. Depois caminha até a cama, mas no meio do caminho o telefone toca e meu coração acelera.

— Oi, tudo bem. Estou aqui com ele... — ela começa a responder perguntas e imagino que seja qualquer um, há muitos curiosos querendo saber como está a mãe do garoto que tentou se matar. — Eu não sei, ele parece... — seus olhos se fixam em meus pés cobertos pelo lençol branco — estranho, não é o mesmo Thales. Eu... — Ela respira fundo como se fosse difícil para ela falar aquilo em voz alta. — Eu nem o reconheço mais. Ela nunca me conheceu.

Dói. Para. Caralho.

Desvio o olhar e encaro a rua lá fora, está sol e imagino que seja por volta das cinco da tarde. Tento engolir o caroço que se forma em minha garganta, mas ela está machucada, provavelmente pelos gritos de ontem. Tento não pensar na noite passada e me concentro no céu, não quero pensar em nada, nem no que aconteceu ontem e muito menos no amanhã, estou pausando a minha vida, da única forma que sei fazer e não dou a mínima se estou dificultando a vida dela, ela vem tornando a minha um inferno desde que colocou aquele homem dentro da nossa casa.

A voz da minha mãe se torna um borrão, ignoro seu choro falso e tento não alimentar a raiva que parece crescer dentro de mim, mas quando me sinto fraco e com medo, ela parece ser tudo o que eu tenho, uma massa de emoções duras que me impulsionam e pinicam cada machucado que seu marido me causou.

— Obrigada — diz com a voz chorosa e se senta na cadeira do outro lado da sala.

Meus olhos voltam para ela sem que eu possa evitar, em silêncio é mais fácil observá-la. Ela limpa os olhos e, por um instante, quero acreditar que as lágrimas que está derramando são para mim.

— Eu não sei onde ele está, não consigo falar com ele — responde a outra pessoa na linha. — Obrigada, eu aviso qualquer novidade.

Ela finaliza a ligação e permanece de cabeça baixa, acariciando a foto na tela do telefone com as pontas dos dedos. As mãos que eu gostaria que estivessem aqui, ao meu lado, segurando a minha, tocando meus ferimentos, me protegendo, me acalmando, dizendo-me que eu posso dormir em paz, que ela nunca mais vai deixar nada de ruim acontecer comigo.

“Olhe para mim, mãe, me pergunte se estou bem”, imploro silenciosamente enquanto vejo seu corpo se mover com o choro que não é por minha causa.

Chore por mim, mãe. Diga que sente muito, que tudo vai ser diferente agora.

Continuo falando para mim mesmo enquanto ela seca suas lágrimas e se levanta pegando a sua bolsa e colocando-a no ombro.

Me salve, mãe...

Meu coração pulsa mesmo sabendo que não há mais como ela fazer isso. Estou quebrado e nada nesse mundo pode mudar a minha realidade. Nem mesmo ela.

Volto a olhar para a janela, porque tenho a sensação de que vou chorar a qualquer instante, mas consigo vê-la se aproximar da porta, vejo sua mão na maçaneta enquanto tenta ligar para ele novamente, vejo a porta ser aberta e me viro a tempo de ver a mulher que me negligenciou durante toda a minha vida, dando as costas para mim mais uma vez.

Não me deixe sozinho, mãe.

Quero falar, mas já não tenho mais voz.

A porta se fecha no instante em que as primeiras lágrimas escapam dos meus olhos.

E meu pulmão se enche de ar.
Meu sangue corre nas veias.
Meu coração bate em meu peito.
Mas já não estou mais vivo.

38

Ayla



Duda permanece o dia inteiro comigo, ele acaba sendo uma boa distração para as horas aflitas que passo olhando para a porta, que nunca se abre. No fim da tarde, a vovó prepara um bolo de laranja para acompanhar o chá de camomila que já não aguento mais tomar. Sei que todos estão sendo cuidadosos comigo, mas o que não entendem é que meu coração só vai sossegar quando eu ver Thales e ter certeza de que ele está bem.

— O que você acha que pedirmos uma pizza? — meu tio sugere quando passa das nove e, embora eu esteja com fome, o desespero começa a me deixar aflita.

Os gêmeos gritam e pulam animados pela pizza e pelos chocolates que nosso tio trouxe para paparicá-los. Minha cabeça está pulsando e a noite em claro começa a cobrar seu preço. Estou exausta, irritada e sem nenhuma notícia do meu pai.

Levanto-me e abro a porta. Uma parte de mim se sente frustrada por saber que ela está destrancada o dia inteiro e que não foi aberta porque simplesmente meu pai não voltou. Meu tio me observa sair e seus olhos perspicazes caem na figura ao meu lado. Ele não gosta do Duda, na verdade não é muito fã de meninos, principalmente os que não são seus sobrinhos e que ficam perto de mim. Sei que é ciúmes bobo, mas com Duda ele é diferente.

“Esse menino tem alguma coisa que não gosto”, é o que ele sempre disse, mas os anos se passaram; somos agora adolescentes, em alguns anos seremos adultos e até agora Duda não fez nada que comprovasse as suspeitas

do meu tio, então eu ainda acho que seja ciúmes e na verdade? Eu gosto do seu jeito protetor comigo. Crescer sem a presença de uma mãe fez com que ele se tornasse mais próximo de mim e dos meus irmãos e como ele nunca teve os seus próprios filhos, acabamos sendo um pouco filhos dele também.

— Onde você vai? — pergunta enquanto aguarda a pizzeria atender o telefone.

— Dar uma volta.

Meu tio olha para mim e depois para o Duda.

— Não vai sair — ele diz e me dá as costas. Olho para Duda, que ergue os ombros, e sinto todo o cansaço das últimas vinte e quatro horas se abater sobre mim.

— Você não é o meu pai, não pode me proibir. — As palavras saltam da minha boca antes mesmo que eu consiga pensar. Vejo seus ombros se retesarem quando termino de falar, mas estou nervosa demais para me importar se fui grossa ou não.

Caminho pelo quintal de plantas bem cuidadas da minha avó, ouço os passos de Duda ao meu lado. Abro o portão e saio sem olhar para trás, ouço Marcos me chamar, mas nesse momento não sou a melhor irmã.

A noite está mais fresca do que imaginei e me abraço para me impedir de tremer, embora eu não tenha certeza se é de frio ou de nervoso. Nunca falei assim com meu tio antes e agora que já andei alguns metros estou me sentindo um pouco mal.

— Acho que você está certa — Duda fala caminhando ao meu lado e me surpreendo com sua opinião.

— Acha? — pergunto para ter certeza se ouvi direito e ele balança a cabeça.

— Sim, as pessoas acham que ainda somos crianças, mas não somos. Veja só o Thales, ele poderia ser um assassino agora.

Paro de andar no momento que as palavras saem da sua boca. Um buraco se forma em meu estômago e a imagem de Thales caído nos fundos do quintal da sua casa, machucado, com os pulsos abertos e o seu sangue se esvaindo, invadem minha mente e, por mais que eu tente afastá-la, não consigo.

“Ele é a vítima, não é a droga do vilão!”, grito em minha mente enquanto observo o rosto bonito do meu amigo se transformar em algo que, nesse instante, repudio.

— Por que você está falando isso? — Minha voz soa tão áspera que Duda ergue as mãos à frente do seu corpo de forma exagerada.

— Calma, é só o que estão falando por aí. — Dá um sorriso que me irrita.

— O que exatamente estão falando?

— Que o Thales tentou matar o padrasto e, como não conseguiu, então... — ele não termina a frase e minha boca se abre, mesmo que nesse momento eu não tenha nada a falar. — Ei, não olhe assim para mim, só estou falando o que ouvi.

— E você acredita nisso? — pergunto indignada.

O vento agita as mechas loiras do seu cabelo e, nesse momento, tudo o que consigo pensar é em como são diferentes. Não apenas o fato de Duda ser mais alto e mais forte que Thales, ou dos seus cabelos serem loiros enquanto Thales tem cabelos negros, mas principalmente como me sinto agitada na presença de Duda enquanto estar com Thales é tão fácil e natural que, às vezes, me assusto com a facilidade com que me sinto à vontade ao seu lado.

Duda coça a nuca e desvia o olhar antes de me responder:

— Não sei, Ayla.

— Não sabe?! — grito e dou um passo para mais perto. — Como assim, você não sabe? É do Thales que estamos falando.

— Eu sei, mas você precisa entender que ele não é mais como antes.

— O que você quer dizer com isso?

— Olhe para mim. — Aponta para o seu rosto e, embora esteja escuro demais para ver, sei que há um leve hematoma em sua bochecha.

— Você me beijou, Duda! — acuso-o. — E disse ao Thales que fui eu quem te beijou.

— Eu não fiz por mal. Estava confuso, eu havia bebido um pouco aquele dia e nem me lembro mais o que aconteceu.

— Ótimo, continue assim.

Começo a caminhar de volta à casa da minha avó sentindo que a nossa conversa chegou ao fim. Não posso obrigar as outras pessoas a não julgarem o Thales, eles não o conhecem. Mas não posso aceitar ouvir esse tipo de acusação vinda da boca do Duda.

— Ayla, espere. — Ele segura meu braço e me solto bruscamente.

— Não quero falar com você. — Volto a caminhar e ele me chama mais uma vez.

— Me desculpe, Ayla, eu estou tão nervoso quanto você.

— Não, você não está! — grito e me odeio por não conseguir ser mais forte do que sou nesse momento. — Você não o viu, não sabe o quanto ele estava frágil naquele chão. Ele ia morrer, Duda. Se demorássemos mais dez minutos, talvez ele não estivesse mais aqui e eu não estou nem um pouco a fim de ouvir qualquer merda que seja contra ele.

— Eu sei, me desculpe — repete parecendo sinceramente envergonhado.

— Eu não quero mais falar com você, preciso ir, estou muito cansada e nervosa. — Seco minhas lágrimas bruscamente enquanto volto a caminhar ouvindo os passos de Duda atrás de mim.

— Me desculpe, por favor — repete ainda atrás de mim.

— Se quer realmente se desculpar, vá falar com ele. Eu não tenho mais nada pra falar com você.

Fecho o portão e ignoro a figura de Duda parada do outro lado. Meu peito dói porque, no fundo, eu amo meu amigo. Embora não goste nem um pouco do que ele vem fazendo ultimamente, preciso acreditar que isso tudo é apenas um mal-entendido e que logo voltaremos a ser os três juntos contra o mundo, como éramos antigamente.

Assim que chego à sala encontro Marcos e Guilherme brincando. Sinto inveja deles agora, tão alheios a tudo que está acontecendo e me pergunto se Tatiana, assim como meus irmãos, está brincando com suas bonecas, ou se está chorando pelo irmão machucado. *O que será que sua mãe falou para ela?*

— Já voltou? — meu tio pergunta com as mãos apoiadas na cintura. Ele é um bom homem, tranquilo assim como meu pai, mas seu tom de voz mostra que, nesse momento, está bem longe de estar tranquilo.

— Eu só precisava respirar um pouco. — Passo por ele e entro na cozinha, vou até a geladeira e pego a garrafa de água. Meu tio me observa enquanto encho um copo e bebo tudo evitando o seu olhar.

— Sabe, Ayla, eu compreendo o que você está passando...

— Não, tio, o senhor não compreende. Na verdade, até a noite passada, eu mesma não fazia ideia de que poderia sentir tanto medo na minha vida. Eu achei que ele havia morrido e até agora tenho medo de fechar meus olhos, porque tudo o que consigo ver é o Thales naquela maca suja com seu sangue. — Desvio o olhar para o chão, com as imagens ainda claras em minha mente. — Você já viu o sangue de alguém escorrendo? É horrível, escuro, grosso, não é como nos filmes, e o cheiro...

Volto a chorar e logo sou envolvida pelos braços dele, que afaga meus cabelos enquanto me ouve soluçar.

— Meu Deus, me perdoe. — Ele beija meus cabelos enquanto me embala e me pede perdão repetidas vezes.

— Eu só queria vê-lo, ouvir sua voz, saber que ele está bem.

Como se Deus estivesse ouvindo meus lamentos, a porta da sala finalmente se abre e meu pai entra. Solto-me do meu tio e corro até ele.

— Graças a Deus o senhor chegou! — Eu o abraço e recebo um beijo em meus cabelos.

— Oi, filha. — Sua voz soa exausta e me afasto para perceber que ele está realmente cansado, há olheiras sobre seus olhos e uma fina camada de barba cobre seu rosto.

— Como ele está?

— Ele está bem — meu pai responde sem muito ânimo.

— Ele perguntou de mim? — pergunto esperançosa e seu olhar é o suficiente para que eu saiba a resposta.

— Eu não o vi, filha — meu pai responde e dou um passo para trás surpresa.

— Como assim, não o viu? Onde ele está? Quem está com ele?

— Ayla, se acalme — meu pai exige e, quando os meninos olham para nós, nosso tio se apressa a tirá-los da sala.

— O que está acontecendo? — Tenho medo da resposta, mas aguardo por ela mesmo assim, porque, às vezes, não há nada pior do que o silêncio do desconhecido.

— Vamos nos sentar e eu te contarei tudo.

Meu pai se senta ao meu lado enquanto me conta o motivo para que ele tenha ficado o dia inteiro fora. E, quando finalmente compreendo o que está fazendo, percebo que ele sempre esteve um passo à frente em tudo.

— Vai ficar tudo bem, filha. Eu sei que, nesse momento, é a coisa mais absurda do mundo, mas eu juro para você que vai.

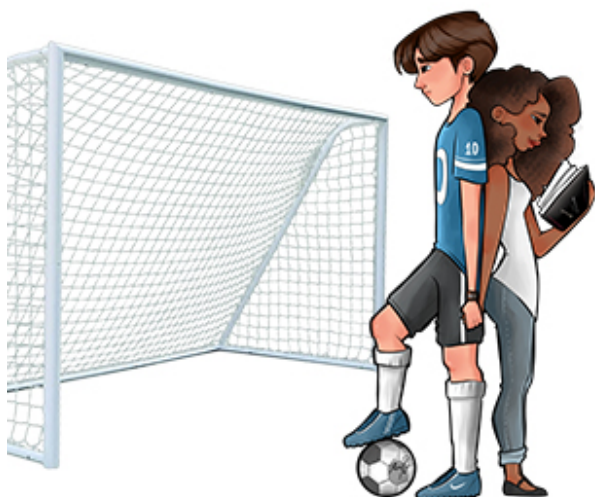
— Eu amo você. — digo enquanto seco as lágrimas que não param de cair dos meus olhos.

— Não mais do que eu te amo. — Ele sorri.

A porta se abre e o cheiro da pizza faz meu estômago roncar.

— Pizza! — os gêmeos gritam enquanto pulam igual pipoca na frente das caixas.

— Vamos comer? — Meu pai se levanta e me estende a mão e, quando entro na cozinha, me sinto uma outra Ayla, cheia de esperanças e, embora a situação não seja boa, sinto, no fundo do meu coração, que ela vai melhorar.



39

Thales

Não existe nada que eu odeie mais do que esse olhar.

Enquanto o médico fala comigo, eu tenho vontade de dizer para ele que parei de ouvi-lo há pouco mais de dez minutos, mas acho que eu só conseguiria chamar mais atenção para mim e isso é tudo o que eu não quero, então deixo que ele continue falando.

Tento manter meus olhos fixos no seu rosto, me prendo a uma cicatriz que tem no queixo e crio várias possibilidades para que ele tenha conseguido ela. *Será que foi em uma briga?* Não consigo imaginá-lo brigando, mas também não consigo imaginá-lo um garoto, é como se ele já tivesse nascido assim, com cabelos grisalhos e essa cicatriz.

Penso nos dois cortes em meus pulsos, eles pinicam e fazem com que eu sinta como se minha mão pesasse duas toneladas cada, tento imaginar como ficarão as cicatrizes e como será quando eu for da idade do médico e algum garoto olhar para elas. *Será que eles vão imaginar que um dia eu fui capaz de tentar me matar?* Agora é a minha vez de não conseguir me imaginar assim, velho, de cabelos grisalhos, rugas no rosto e cicatrizes nos pulsos. *Será que vou conseguir ser respeitado mesmo carregando-as?*

Minha mente escapa até Ayla, tento não pensar nela enquanto estou aqui nesse lugar, mas é quase impossível e estou ficando cansado de bloquear meus pensamentos. O médico continua falando e sua cicatriz já perdeu o interesse para mim, olho para a porta e me pergunto por que ela ainda não veio me ver. *Será que está com medo? Será que ela não me ama mais agora que sabe o que fui capaz de fazer?*

A porta se abre, é apenas a enfermeira com aqueles comprimidos que me deixam sonolento e confuso, não protesto, às vezes dormir é melhor do que pensar e estou exausto demais para questionar algo. Abro a boca e deixo que ela despeje o pequeno círculo em minha boca, em seguida me ajuda a beber a água, penso em dizer a ela que posso fazer isso sozinho, mas ela me lembra a avó da Ayla e gosto dela.

Ela sorri para o médico, que aguarda até que saia. A porta se fecha e me sinto pequeno, deitado nessa cama estranha, nesse quarto estranho, completamente sozinho. Nem mesmo minha mãe está por aqui, ninguém veio me ver e tenho a sensação de que, de alguma forma, eu alcancei meus objetivos. Eu morri e esse é o motivo para que eu esteja aqui, ora com a companhia torturante da minha mãe, ora com esse homem que não para de falar.

— Thales? — ele me chama e viro o rosto para olhar para ele. — Você está me ouvindo? — pergunta e movo minha cabeça para cima e para baixo, mas ele sabe que estou mentindo e mesmo assim finge que acredita em mim. — É importante que você fale, Thales.

Confirmo mais uma vez, eu sei que é importante, mas não quero falar, tenho medo do que sairá da minha boca quando abri-la e sei que isso é algo que não posso controlar por muito tempo.

O médico fala sobre dor e compartilhar sentimentos como se fossem alguma matéria da escola. Tenho vontade de dizer que ele não seria capaz de suportar dividir minha dor comigo, mas estou começando a ficar sonolento e ele percebe que já não adianta mais continuar. Ele se levanta e vem até minha cama, meu coração acelera e, por um instante, tenho um mau pressentimento, mas preciso me lembrar de que ele é o médico e que aqui estou seguro.

— Vou deixar você descansar um pouco. — Ouço sua voz ao longe.

— Muito obrigado — agradeço, com a voz vibrando em minhas cordas vocais e arranhando minha garganta. O médico olha para mim já na porta e sorri. Sorrio de volta pensando que essas são as primeiras palavras que digo desde que tudo aconteceu e são boas palavras.



Um grito me desperta e meu coração bate tão forte, que preciso de um tempo para descobrir que não se trata de um grito de verdade, mas sim de uma gargalhada. Olho na direção de onde ela veio e me deparo com minha mãe sentada na cadeira do outro lado do quarto. Ela está falando ao telefone novamente e pelo teor da conversa, deve ser uma de suas amigas. Tento me levantar, mas sem o apoio das mãos fica difícil e desisto, ela percebe que estou acordado e se despede da pessoa do outro lado da linha como se eu tivesse atrapalhado a sua conversa.

— O médico disse que você falou com ele — diz com um tom de voz bem diferente do que estava usando segundos atrás.

Olho para a janela porque ainda não consigo olhar para ela por muito tempo. Embora eu sinta a sua falta, tenho a sensação de que, quando ela está aqui, o quarto fica menor. Mais sufocante.

Minha mãe se levanta e caminha até minha cama, a proximidade dela me deixa agitado e não tenho certeza se é algo bom.

— Vai falar comigo ou vai continuar fazendo charme pra chamar atenção? — pergunta com os braços cruzados sob os peitos e a cabeça inclinada para o lado.

Não respondo.

— Escuta aqui, Thales. Eu te conheço, não adianta você continuar fazendo esse teatrinho pra cima de mim. Sei bem quem é você, fui eu quem te pôs no mundo. — Sua voz vai aumentando conforme continua falando e tento me manter calmo, mas suas palavras são como facas afiadas e a cada uma delas que penetra em meus ouvidos, fica mais difícil respirar.

— Você acha que eu tô com pena de você por ter feito essa merda? — Aponta para os meus braços e sinto a bile subir por minha garganta. — Estou furiosa com você por ter me colocado nessa situação, agora ficam me olhando como se eu fosse uma má mãe quando, na verdade, o mau filho aqui é você.

Meu corpo inteiro treme, minha garganta arde com o vômito que se forma, a dor em meu estômago é tão forte que me encolho tentando fazê-la parar.

— Eu sempre dei o meu melhor, deixei que você passasse seu tempo jogando bola, quando deveria estar colocando dinheiro em casa, eu deveria ter ouvido o Sandro, ele sempre disse que você me daria problema...

— VOCÊ NÃO É MINHA MÃE! — grito com tanta força que sinto minha garganta arranhar. Ela se afasta, com seus olhos arregalados enquanto

olha para mim como se eu fosse um monstro e não o contrário. Ela coloca uma mão exageradamente na boca no instante em que a porta se abre e uma enfermeira entra.

— Está tudo bem? — a moça pergunta enquanto olha para a minha mãe, que chora.

Eu deveria me sentir mal, eu acabei de gritar com a minha mãe, eu a fiz chorar, mas não me sinto mal.

— Thales, você não quer se deitar para que eu possa dar uma olhada nos seus curativos? — a enfermeira fala com a voz mais suave que já ouvi na minha vida. Preciso me esforçar para tirar meus olhos da minha mãe e olhar para a moça ao meu lado. Ela é jovem e paciente enquanto espera que eu responda a sua pergunta, mas não consigo mais me lembrar o que era e só quando ela toca meu braço é que noto que há uma mancha vermelha em meu curativo e, então, percebo que estou sentado.

— Sim — sussurro, bem baixinho, apenas o suficiente para que ela possa me ouvir e, então, me deito enquanto ela abre o curativo. É a primeira vez que estou vendo o que fiz em meu braço e a visão é apavorante. Não consigo me recordar de ter chegado a esse ponto.

— Vou só virar seu braço um pouco para ver melhor — ela diz, mas não estou me sentindo muito bem e o movimento do meu braço apenas piora tudo.

— Acho que vou desmaiar... — É tudo o que consigo falar antes do mundo desaparecer a minha volta.



Sinto que não estou sozinho antes mesmo de abrir os olhos. Imagino que fiz algum barulho que chamou a atenção deles porque, quando abro meus olhos, há dois pares de olhos me observando.

Milton e uma mulher que não conheço.

— Ei, garoto, finalmente te vi acordado. — Milton sorri, seus grandes e brancos dentes parecem ainda mais claros em seu rosto escuro. Ele parece realmente feliz em me ver e desvio o olhar porque estou envergonhado de tê-lo aqui nesse quarto, foi ele quem me salvou, embora eu ainda não tenho certeza se devo agradecer ou não. — Os médicos me disseram que você está

indo bem. — Ele mantém seus olhos em meu rosto e fico esperando o momento em que vai olhar para os meus curativos.

Mas ele não olha.

— Essa é a doutora Clarice, ela está aqui porque precisamos conversar com você — ele fala com sua voz tranquila de sempre. Olho para a mulher, que tem um sorriso falso no rosto, ela olha rapidamente para os meus curativos e imagino que não esteja confortável em estar aqui comigo. — Eu e sua mãe conversamos muito sobre o que será melhor para você. — Ele continua e desvio o olhar para a janela enquanto penso no que aquela mulher sabe sobre o que pode ser bom para mim. Nada, absolutamente nada. — E com a ajuda da doutora Clarice chegamos à conclusão de que o melhor para você nesse momento é ficar comigo.

Viro-me bruscamente para olhar para ele antes que termine de falar porque tenho a impressão de que ouvi errado.

— Se você quiser, é claro — completa e olho para a mulher, que ainda sorri para mim.

— Olá, Thales. — Ela se aproxima um pouco enquanto fala. — O que o senhor Milton quer dizer é que entramos com um pedido de liminar e, a partir de hoje, ele passa a ser o responsável por você.

— Onde está a minha mãe? — pergunto sentindo o gosto amargo da palavra mãe em minha boca.

— Ela está lá fora conversando com o Oficial de Justiça — a mulher responde e continuo sem entender nada do que está acontecendo aqui. Milton olha para a mulher, que dá um sorriso para ele como se tudo estivesse certo. Minha vida inteira decidida enquanto estou aqui nessa cama. — Vou deixar vocês sozinhos um pouco.

Ela sai do pequeno quarto e, quando abre a porta, meus olhos se encontram com os da minha mãe. Ela parece furiosa, os braços cruzados sobre o peito e nem um pouco interessada no que o homem a sua frente está falando.

— Eu sinto muito.

Três palavras que fazem com que eu pare de respirar por alguns segundos. Olho para o Milton, agora encarando as faixas em meu pulso, com sua mão grande apoiada na grade da cama, tão perto que ele poderia tocar nelas se quisesse.

Abro a boca para falar alguma coisa, mas nada sai, talvez eu tenha entendido errado, talvez ele tenha dito isso para outra pessoa. Não foi para

mim.

— Eu fico pensando em tudo o que deixei de fazer, todas as vezes em que eu acreditei que a conversa seria a melhor solução — ele continua, com os olhos ainda baixos como se ele estivesse... envergonhado, triste.

Deus...

— Se eu pudesse voltar no tempo e te impedir de ir até a sua casa naquela noite... — Ele balança a cabeça e ergo a mão chamando a sua atenção.

— É, mas não pode — digo rude e ele ergue os olhos até os meus.

— Sim, eu não posso.

Ele se afasta de mim e vai até a janela, penso em dizer a ele que não tem como nada pior me acontecer, mas não tenho interesse em conversar, nem mesmo com Milton.

— Thales, eu preciso que você preste bastante atenção no que eu tenho a falar.

Milton se vira chamando minha atenção e me esforço para conseguir acompanhar o que tem a me dizer, algo dentro de mim diz que é importante.

— Durante meses, eu venho pensando na melhor maneira de poder te ajudar. Junto com a coordenadora pedagógica, com alguns profissionais da área da infância e a doutora Clarice, chegamos a decisão de que pedir a sua tutoria seria o melhor...

Eu tento, com toda a força do meu coração, continuar entendendo o que me diz, mas quando as palavras se tornam frases e as frases se tornam sérias demais, algo no meu cérebro se desconecta e tenho medo de estar entendendo errado o que está falando.

— Ainda é apenas uma medida provisória, pode ser revogada, embora eu acredite que Janaína não está em posição de brigar comigo nesse momento. — Ele volta a olhar para os meus pulsos rapidamente. — Mas eu estou lutando para que seja definitiva.

Definitiva... para sempre... sem volta.

Sinto-me tonto e completamente sem voz, meu coração idiota bate com tanta força que chega a doer, mas meu cérebro defeituoso consegue compreender o que ele está falando, mesmo que não faça o menor sentido para mim.

— Por quê? — sussurro finalmente.

— Porque eu não posso permitir que algo assim aconteça novamente com você, Thales. — Ele aponta para meu corpo e desvio o olhar quando

volta a me encarar.

A porta se abre e o Oficial de Justiça entra acompanhado da advogada, ele traz em suas mãos alguns papéis e os entrega para Milton. Eles começam a conversar, palavras confusas em um emaranhado de frases que se embolam na minha mente.

E o que acontece a seguir muda completamente o rumo da minha vida.



40

Thales

No dia seguinte, às nove e meia da manhã, recebo alta da ala psiquiátrica do hospital, me sinto como um doente mental, confuso, fragilizado e com medo de qualquer pessoa estranha que se aproxima de mim.

Observo o homem alto e magro que ouve atentamente as instruções que a enfermeira está falando, ele não é meu pai, mas nesse momento está agindo como se fosse. Pelo que entendi, o papel que o Oficial lhe entregou ontem dá a ele esse poder, hoje é ele quem responde por mim, não mais a minha mãe.

Pensar nela dói, uma dor aguda bem no meio do peito. Ela se foi sem olhar para trás, não houve despedidas, nem um se cuida, ela não brigou por mim, não disse que era minha mãe e ninguém poderia me tirar dela e, por mais que eu esteja aliviado de estar indo embora com o Milton, uma parte de mim está machucada e sei que a única pessoa capaz de me curar foi embora ontem como se eu não fosse nada além de um fardo pesado que ela se livrou.

E agora Milton está prestes a me carregar em suas costas, como se eu fosse sua obrigação, só não sei por quanto tempo.

— Aqui está a alta, a receita com os medicamentos, os procedimentos de limpeza dos cortes, as consultas... — a enfermeira continua entregando papéis para Milton, que balança a cabeça a cada nova informação. Tento acompanhar o que ela diz, tentar lembrar de algo, mas tudo o que consigo fazer é continuar me perguntando. Por quê?

A moça se despede de mim e diz que deseja que eu fique bem, eu agradeço e, quando a porta se fecha e ficamos apenas nós dois no quarto, me sinto um pouco desconfortável.

— Eu já peguei as suas coisas, acho que não esquecemos de nada. — Milton olha ao redor em busca de algo que possa ter esquecido, minha dignidade talvez.

Continuo encarando as faixas em meus braços.

Eu sou um garoto complicado, defeituoso, cheio de traumas, mágoas e ódio. Sou um fardo e não sei como fazer para deixar de ser e, nesse momento, nunca senti tanta vergonha na minha vida.

— Thales? — Milton me chama e obrigo-me a levantar, caminhando até ele.

— Quer que eu leve algo? — pergunto apontando para a mochila em suas mãos.

— Não precisa, eu levo. — Ele dá um sorriso que me faz sentir mal.

Caminhamos até o carro em silêncio, ele abre a porta do passageiro e aguarda até que eu esteja sentado, depois puxa o cinto para mim e fecha a porta. Ele entra no carro e nos leva embora e por todo o caminho permanecemos em silêncio, observo-o batucar um dedo no volante enquanto o carro para nos faróis e tento manter a minha respiração o mais normal possível. Quando ele passa pela nossa rua e não entra, sinto um alívio por saber que não estamos indo para a sua casa, não quero parecer ingrato, mas tudo o que não quero nesse momento é olhar para a casa onde tudo aconteceu.

— Ayla está com saudades, então talvez ela esteja um pouco emotiva, não se assuste — diz quando paramos o carro na frente da casa da avó dela.

Milton desliga o carro, mas não consigo descer, o ar fica pesado dentro do veículo e sinto como se não tivesse forças suficientes para colocá-lo dentro dos meus pulmões, preciso inclinar a cabeça para tentar respirar, mas a cada segundo fica mais difícil.

— Thales? — ele me chama, mas não consigo respirar, nem mesmo olhar para ele, baixo a cabeça entre minhas pernas e respiro com dificuldade, ouço o carro ser ligado e ele nos leva para longe dela no instante em que ouço o barulho da porta da casa sendo aberta.

— Vamos dar uma volta, até que você esteja pronto para entrar, tudo bem? — fala com calma enquanto aciona o botão do vidro abrindo-o e permitindo que o ar entre dentro do veículo.

Continuo com a cabeça baixa por alguns minutos e sinto a mão de Milton em minhas costas, seu toque tem o intuito de me consolar, mas faz com que eu me sinta pior e me afasto sutilmente.

— Me desculpe — digo um tempo depois, ainda sem olhar para ele.

— Não se preocupe, não temos pressa. Quando você se sentir preparado, a gente volta e vamos aprendendo a lidar com isso juntos, tudo bem? — Ele se vira para mim e sorri, mas tudo o que tenho vontade de fazer é chorar.

De vergonha e de gratidão.

Não sei ao certo quanto tempo foi preciso para que eu parasse de tremer, mas já está tarde quando Milton para o carro do outro lado da calçada da casa da sua mãe novamente. Ele desliga o motor e se vira para mim.

— Você acha que agora consegue? — pergunta com paciência, como se eu fosse um bebê, e faço que sim com a cabeça, mas a verdade é que eu não me sinto confiante para nada. Até mesmo o ato de atravessar a rua parece um grande desafio para mim nesse momento.

— Ótimo, me dá alguns minutos, eu já volto.

Abro a boca para pedir que ele não me deixe aqui sozinho, mas perco a coragem e apenas concordo mais uma vez, observo-o atravessar a rua enquanto fecho as janelas e travo as portas, rezando a Deus para que um dia eu volte a ser como antes, não sei quanto tempo posso suportar essa sensação de que algo ruim vai me acontecer a qualquer momento.

Minutos depois, ele volta como havia prometido. Desço do carro e ele pega minha mochila no banco de trás, caminhamos lado a lado até a entrada da casa e, quando chegamos a porta, preciso forçar meus pés a me obedecerem.

A casa cheira a comida e sinto meu estômago roncar de fome, os gêmeos estão parados um ao lado do outro, como se estivessem congelados, a avó de Ayla está segurando a porta aberta com um sorriso enorme, mas eu não a vejo em lugar algum.

Será que ela não quer me ver? Será que ela está com nojo de mim?

Meu coração dispara, me encolho quando a senhora, que sempre me tratou com carinho, tenta me abraçar. Milton balança a cabeça para ela e sei que há um diálogo silencioso sobre mim.

— Eu fiz uma sopinha deliciosa, com muitos legumes, para que você possa ficar forte e se recuperar logo. — Ela estende a mão para acariciar

meu rosto, mas desiste no meio do caminho. Seus olhos tristes me fazem crer que meus hematomas não devem estar muito bonitos.

Talvez seja melhor que Ayla não esteja aqui.

— Venha comer, você parece tão magrinho.

— Acho melhor ele tomar um banho primeiro, mãe — Milton diz por mim e me sinto aliviado. Não sei se comer agora é uma boa ideia.

Ele me leva até o lugar onde será o meu quarto, é pequeno o suficiente para uma cama e uma cômoda, mas é aconchegante. Ele fala sobre produtos de higiene, gavetas e roupas, mas não tenho certeza de nada. Minha cabeça começa a doer e tudo o que quero é voltar para o hospital. Talvez eles tenham se precipitado em me dar alta. Eu não me sinto bem, não estou bem.

— Essa é nossa casa, nos próximos meses — diz enquanto coloca minha mochila na cama e mostra onde está o resto das minhas coisas, minhas roupas estão todas dobradas dentro das gavetas. — Se precisar de mais alguma coisa é só me chamar.

Vejo no canto do quarto minha mochila da escola e, ao seu lado, a caixa com a chuteira que ele me deu. Desvio o olhar rapidamente e tento ignorar meu peito, que parece estar em chamas, ainda não estou preparado para pensar nisso.

Merda! Não estou preparado para pensar em porra nenhuma.

Acho que vou vomitar.

— Thales? — Ele vem até mim e ergue meu rosto para que eu possa olhar em seus olhos, o toque da sua mão em minha bochecha ativa algo de ruim dentro de mim. Aperto meus braços em volta do estômago e me esforço para lembrar-me de que esse é o Milton. — Está tudo bem?

— Tudo bem — sussurro desejando que ele me solte para que eu possa respirar novamente.

— Não deixe de me chamar, Thales, por qualquer coisa, a qualquer hora, por mais bobo que pareça. Estarei no quarto ao lado e você não me atrapalhará nunca, você entendeu?

Balanço a cabeça afirmando e ele finalmente me solta voltando para a porta.

— Milton — o chamo e ele se vira imediatamente. — Muito obrigado.

Ele assente.

— Ainda não me agradeça, eu só fiz o meu dever.

Demoro um pouco mais do que o habitual para tomar banho, tento fazer os curativos sozinho, mas não consigo olhar para os meus pulsos e desisto.

Visto um short e vou para o meu novo quarto para terminar de me arrumar, mas, quando chego na porta, eu a vejo, parada na frente da cômoda, segurando algumas camisetas nas mãos.

Ainda é ela, a garota que me fez sorrir quando o mundo inteiro me fez chorar, ainda é a minha Ayla, mesmo que agora eu não seja mais o seu Thales.

— Eu estava terminando de guardar as suas roupas — diz enquanto me mostra as peças em suas mãos e tudo o que consigo fazer é olhar para ela.

— Tudo bem — digo ainda parado na porta, sinto as gotas de água escorrerem pela minha nuca e no meu peito, mas não me movo, apenas observo-a guardar o resto das roupas que estavam na mochila.

— A vovó fez questão de comprar um jogo de lençol novo — diz alisando o tecido, como se tentasse desmanchar alguma ruga.

Continuo em silêncio, inspirando e expirando enquanto ouço meu coração bater em meus ouvidos.

— Você vai gostar daqui. Apesar de pequeno é bem ventilado.

Silêncio. Silêncio. Silêncio.

Ayla olha para mim e respira fundo, seus lábios se movem em um sorriso triste. Ela caminha alguns passos até que para na minha frente, tão perto, que fica difícil respirar. Continua olhando para mim, com seus olhos carregados de lágrimas e, no momento em que ela pisca, elas escorrem por seu rosto, rolando por sua bochecha. Quero limpá-las, mas não tenho coragem de erguer minhas mãos, a faixa úmida de gaze pesa em meus pulsos e os cortes pinicam como se estivessem pulsando na batida do meu coração.

— Eu senti sua falta — sussurra enquanto ergue a mão para tocar o meu rosto.

Quero dizer que senti a sua, que pensar nela era tudo o que me mantinha bem nos dias em que estive naquele hospital, quero pedir desculpas, quero dizer que a amo, mas não digo nada, apenas observo-a se aproximar de mim devagar, como se estivesse com medo de me machucar.

— Nunca mais fique longe de mim — exige enquanto seus dedos acariciam minha pele. — Me prometa que nunca mais ficará longe de mim.

Permaneço em silêncio.

— Você ainda me deve minha promessa de aniversário.

Fecho meus olhos no momento que seu rosto toca meu peito e a textura tão familiar dos seus cachos fazem cócegas em minha pele. Eu quero tocá-la, abraçá-la de volta, mas não quero que ela olhe para os meus pulsos, então

apenas abaixo minha cabeça e encosto minha bochecha no topo da sua cabeça respirando o seu aroma de paz e desejando que ela compreenda todas as promessas que não sou capaz de fazer nesse momento.

— Eu prometo — minto para mim no instante que sinto uma única lágrima cair em meu olho.

41

Ayla



Ele está aqui.

Andando, falando e vivo.

Meu coração ainda está acelerado desde o momento em que ele entrou. Tento me esforçar para me lembrar de tudo o que meu pai falou: respeitar o espaço, não tocá-lo, não pressionar, não ficar encarando seus machucados.

Minha respiração está pesada, como se eu estivesse em uma piscina, o pulmão pressionado, o coração martelando minhas costelas.

Ainda é o Thales, não se esqueça disso, Ayla.

Não faço a menor ideia do que fazer, de repente a pedrinha azulada que está no meu bolso parece uma bobagem. Talvez ele não ligue mais para isso, talvez não ligue mais para mim, talvez... droga.

Fecho meus olhos e me concentro no seu coração batendo forte em meu ouvido, ignoro o fato dele não me abraçar, eu já esperava por isso.

— Você ainda me deve minha promessa de aniversário — digo tentando fazê-lo se lembrar de que ainda somos nós, Thales e Ayla e suas milhares de promessas.

Nesse momento, enquanto o abraço, sentindo o calor da sua pele em meu rosto, o seu coração forte batendo pesado em meus ouvidos e o seu cheiro em meu nariz, eu preciso de suas promessas, cada uma delas, todas as que ele for capaz de me fazer, porque sinto como se eu estivesse prestes a desmoronar e sei, mesmo que seja impossível prometer algo assim, que são elas que me fortalecem.

Envolvo meus braços em torno de sua cintura, apertando-o e trazendo-o para mais perto de mim até que o sinto enrijecer e me afasto. Suas mãos ainda estão caídas ao lado do seu corpo e, quando o encaro, ele parece desconfortável com a minha proximidade.

— É que ainda dói. — Ele aponta para o seu esterno onde um grande hematoma toma toda a extensão até as costas e sinto um gosto amargo em minha boca quando me afasto.

— Desculpa.

Thales ergue a mão e, por um instante, acho que ele vai me tocar, mas desiste e a abaixa desviando os olhos de mim.

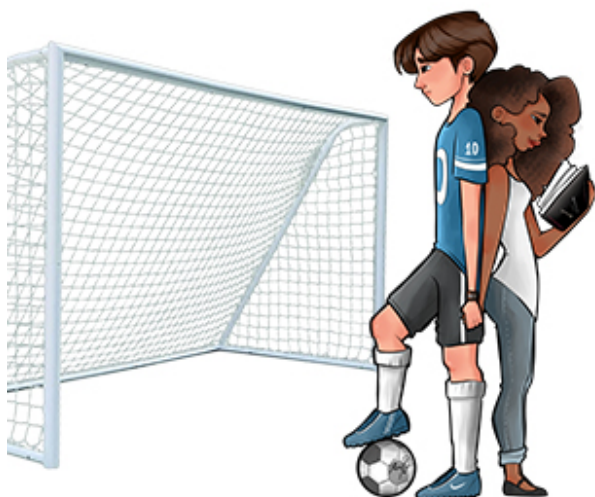
— Eu preciso terminar de me trocar — avisa olhando para o outro lado e sinto minhas bochechas corarem com a sua atitude fria.

— C-claro. — Passo por ele e saio do quarto, vejo quando ele exala, parecendo aliviado, por estar novamente sozinho e posso jurar que ouvi meu coração quebrar dentro do peito.

Coloco a mão sobre a pedra em meu bolso, de repente me sinto uma tonta por todas as histórias que inventei sobre pedras idiotas que não significam nada. Não somos mais os mesmos.

Observo suas costas por um instante e é o suficiente para que eu perceba que as extensões dos seus machucados vão além do que eu possa compreender. Há vergões por todos os lados: alguns mais avermelhados, como se ainda estivessem sangrando; outros, com uma coloração mais arroxeada; e, infelizmente, o que eu temia aconteceu.

O Thales que conheci durante toda a minha vida não existe mais.



42

Thales

Já perdi a noção do tempo enquanto tento, de todas as formas, refazer o curativo em meus pulsos, mas não consigo sequer olhar para eles. Há um buraco em meu estômago e todas as vezes que tento soltar a gaze que cobre as feridas, ele se abre um pouco mais e sinto que vou desmaiar.

Mas eu sei que não é só isso, há uma avalanche de sentimentos que ameaçam me engolir, o mais forte de todos ainda é a raiva. Sinto raiva por estar aqui, por não ter conseguido acabar com esse inferno; sinto raiva por minha mãe não ter sequer questionado a decisão do Milton, é injusto; mas sinto raiva até mesmo dele, que tomou uma decisão dessas sem me perguntar antes o que eu queria, como se eu fosse uma criança sem escolhas. Sinto raiva de Ayla, por sua bondade, por seu carinho; sinto raiva do seu toque, porque ele dói; sinto raiva do seu sorriso, porque ele me lembra de um tempo que não vai mais voltar.

A fúria começa a inflar meu peito, o quarto fica ainda menor e uma fina camada de suor cobre meu corpo, sinto meu coração bater pesado no peito e minhas mãos tremem tanto que desisto de tentar fazer algo. Fecho os olhos e me concentro no rosto dela, nas suas palavras carinhosas, na forma como me abraçou, como se temesse me perder. *Se ela soubesse de tudo, ainda teria medo de me perder?*

Ouçó a porta se abrir, mas não ergo o rosto para ver quem é. O quarto é pequeno demais e logo a presença de Milton toma todo o espaço.

— Vim ver se precisa de algo — diz do seu jeito preocupado e educado de sempre, mas a parte insana dentro de mim sente como se ele estivesse me

sufocando. É horrível e me esforço para abafar esse sentimento. Ele é meu amigo e quer o meu bem.

Antes que eu possa dizer algo, Milton se senta ao meu lado na pequena cama que range com o peso extra.

— Eu posso? — Aponta para o meu pulso esquerdo e hesito por um instante, mas acabo cedendo e permitindo que ele o puxe para seu colo. Tento não me concentrar no fato do meu braço estar apoiado em sua coxa e na ânsia que isso me provoca.

— Eu não consigo trocar os curativos — admito como se estivesse dizendo que sou um fracassado, mas ele não liga para o que digo e começa a desenrolar a faixa devagar. Seus olhos atentos estão fixos no meu braço e os meus estão presos nos meus dedos, que parecem mais pálidos, frios e trêmulos e, por um instante, sequer reconheço a mão que está fixa no fim do meu braço.

— Tudo bem, as enfermeiras me explicaram o que fazer. — Ele continua puxando a gaze até que, por fim, a remove por completo. Desvio o rosto antes de ver a imagem, o estômago se agita dentro de mim, respiro fundo para não fazer uma cena na frente dele e ignoro as pontadas que sinto no local onde está limpando.

— Eu sei que muita coisa está acontecendo, você deve estar confuso. Caso tenha algo a me perguntar, eu estou aqui para responder — fala enquanto trabalha rapidamente, como se soubesse o quanto estou lutando para me manter firme.

Tenho milhares de perguntas para fazer, a principal delas é: por que ele fez isso por mim? Mas não consigo falar, algo bloqueia as palavras de se juntarem em frases em minha boca e o cheiro do antisséptico está me deixando enjoado.

Em silêncio, ele termina de cuidar do meu braço esquerdo e preciso me virar de frente para ele para que possa cuidar do direito, tento me lembrar como consegui fazer isso enquanto observo a gaze molhada se mover em torno do meu braço. Há uma lacuna em meu cérebro, um bloqueio, talvez por ser doloroso demais recordar o momento em que desisti de tudo. Ou talvez seja apenas vergonha. O fato é que apaguei, não me lembro de como me cortei dessa maneira.

— Eu precisava fazer o que fiz, era a única forma de te proteger — Milton fala como se soubesse que não sou capaz de perguntar e, à medida que as palavras deixam sua boca, meu coração bate acelerado. — Eu não

suportava mais fingir que não via, Thales. — Ele ergue os olhos brevemente e observa meu rosto. Meus olhos estão fixos da colcha antiga que cobre a cama. — Espero que você confie em mim, estou fazendo o...

— Eu não posso ficar. — As palavras escapam da minha boca antes mesmo que eu possa refletir sobre elas. Milton para com a faixa no ar enquanto olha para mim. — Não é que eu não seja grato por tudo o que me fez. — Ergo o braço enfaixado para que ele saiba que estou me referindo a tudo, embora no fundo eu não tenho certeza se eu o perdoei por me manter aqui. — Mas eu não posso ficar.

Ele respira fundo e volta a limpar o corte, há um ponto que arde e preciso me conter para não retirar o braço do seu colo. Ele se dedica a essa parte em silêncio e, por um instante, tenho a sensação de que vai ignorar o que estou falando.

— Eu posso saber o porquê? — A pergunta sai cheia de cautela enquanto continua enfaixando meu pulso.

Mais uma vez, uma enxurrada de palavras se embolam em minha garganta. A voz de Tatiana me chamando para brincar com ela ecoa em meus ouvidos, me sinto mal por estar protegido enquanto ela está lá. Há uma parte covarde dentro de mim que grita para que eu continue aqui, que permita que essas pessoas cuidem de mim; mas a outra, a menor, mais frágil, porém a mais coerente, diz que não tenho esse direito, que permiti que aquele desgraçado fizesse coisas que eu nunca vou esquecer, para proteger a minha irmã e que não posso abandoná-la agora.

— Tatiana — digo seu nome e me sinto envergonhado, Milton termina de enfaixar o meu braço direito e o retira de seu colo, respiro aliviado quando me afasto dele.

— Você tem medo de que ele possa fazer com ela o que fez com você? — A pergunta sai baixa e as palavras parecem alfinetes pinicando meus ouvidos enquanto chegam até mim.

Ergo os olhos e encaro seu rosto cansado e bondoso, inevitavelmente o comparo ao monstro que minha irmã chama de pai e penso em como pode duas pessoas tão diferentes serem feitas da mesma matéria.

Mantenho meus olhos fixos nos dele por alguns instantes, desejando que possa ler minha mente e compreenda o medo que carrego em meu peito, lembro-me de que ele conversou com o médico e rezo para que não faça a pergunta que o outro homem fez. Me sinto exausto por carregar comigo algo

tão sujo e errado. *Será que eu responderia? Será que eu teria coragem de dizer a ele do que eu tenho medo? Será que ele sabe?*

Não, ele não pode saber. Ele não me tocaria se soubesse, eu veria a repulsa em seus olhos, ele não me permitiria chegar perto de sua filha se soubesse o que fui obrigado a fazer.

— Ele está escondido em algum lugar. — Milton tem o cuidado de não se referir a ele pelo nome, mas, embora esteja tentando me acalmar, a simples menção da sua existência é o suficiente para que eu me sinta agitado. Tento não pensar nele, no fato dele estar por aí, respirando o mesmo ar que eu depois de tudo.

Será que ele está machucando algum outro garotinho indefeso? Destruindo sua alma e seu corpo?

Às vezes, finjo que ele está morto, que estou livre, mesmo sabendo que isso é uma ilusão. Nunca estarei livre, uma parte de mim sempre pertencerá a ele.

— O Oficial disse a sua mãe que, se ele aparecer, ela deve denunciá-lo. Se ele voltar, ela perde a guarda da sua irmã.

— Ela não vai fazer isso — digo mesmo que admitir em voz alta a verdade sobre a minha mãe me fira.

Milton balança a cabeça concordando comigo e é como se algo dentro de mim morresse.

É mais fácil suportar uma realidade ruim quando aparenta ser apenas fruto da sua imaginação, mas no instante em que é compartilhada com outra pessoa ela passa a ser algo real, mortal, difícil de suportar.

Desvio o olhar me sentindo humilhado de uma forma que eu ainda não conhecia. Saber que a falta de amor da minha mãe é tão latente faz com que eu odeie o homem à minha frente. Se ele tivesse demorado apenas mais alguns minutos, talvez eu não estaria aqui agora, sendo obrigado a admitir para ele que não valho nada, que nem ao menos a minha mãe se importa comigo.

— Eu não quero que se preocupe com nada, Tatiana está segura, nada de ruim vai acontecer com ela e não vou permitir que nada aconteça a você. — Ele estende a mão para me tocar, mas me encolho instintivamente e ele desiste, olho para meus pés descalços enquanto Milton se levanta. — Não se feche, Thales. Eu não posso ajudá-lo se você não me permitir saber o que te aflige.

Apoio minhas mãos nos joelhos enquanto balanço minha cabeça concordando com ele.

— Eu não sei como fazer isso — admito ainda com os olhos fixos nos meus pés e os dedos cravados em meus joelhos.

— Não se preocupe, meu filho. Vamos conseguir, juntos. — Sua voz é firme e confiante enquanto ele fala, como se tivesse a certeza de que tudo vai ficar bem.

Ergo meus olhos e assinto para ele. Permitindo nesse momento que eu possa acreditar em suas palavras, eu vou deixar que ele cuide de mim, ao menos da parte que ainda tem conserto.



A noite chega rapidamente e a casa fica silenciosa, os gêmeos estão dormindo e já tem algum tempo que Milton passou para ver se estou bem depois que recusei o jantar alegando enjoo.

A essa hora, com a casa adormecida, o quarto parece ainda menor e claustrofóbico.

Estou deitado na pequena e barulhenta cama, tento me mover o mínimo possível, algo que não é muito difícil já que minhas costelas ainda doem. Apoio a cabeça no braço ignorando o repuxar em meu pulso quando o peso pressiona o machucado. Talvez, se eu abrir a janela, o lugar fique mais arejado, é o que penso enquanto olho para ela, mas não consigo me levantar. A simples ideia de me aproximar do que está descansando abaixo dela faz com que o enjoo aumente a um ponto quase insuportável.

Fecho os olhos e ignoro a camada de suor que começa a se formar em minha testa, respiro fundo, sentindo a costela doer, mas qual a parte do meu corpo que não dói? Nesse momento é como se eu fosse formado de retalhos humanos, pedaços que um dia pertenceu a alguém.

O tempo passa e o silêncio começa a me sufocar, não consigo dormir e o calor está quase insuportável. Levanto-me tentando fazer o mínimo possível de barulho e saio do quarto dizendo a mim mesmo que vou só beber um pouco de água, mas sei o que estou fazendo e para onde estou indo.

Abro a porta bem devagar, não quero acordá-la caso ela esteja dormindo. Eu só preciso vê-la um pouco e voltarei para o meu quarto. Mas, assim que entro, a luz do abajur acende e uma Ayla sonolenta e descabelada

me observa parado na sua porta. Devo estar parecendo um maluco, com o rosto machucado e os braços presos em ataduras, mas ela não se importa. No momento que percebe que sou eu, seu sorriso, que tanto amo, se espalha por seu rosto e ela se afasta na cama dando espaço para que eu me aproxime.

Sem falar nada, me esgueiro até sua cama e me deito ao seu lado sentindo o seu calor emanar do colchão. Ela olha para mim por um instante, mas não falo nada, não tenho coragem de dizer a ela que estou com medo, embora eu tenha certeza de que ela sabe. Ela sempre sabe.

O barulho do ventilador se assemelha com o meu coração, que nesse instante bate pesado em meu peito enquanto Ayla estende o braço e puxa o exemplar do livro que está lendo na mesinha. Ela o abre na página marcada pela orelha e, sem olhar para mim, começa a ler. Sua voz suave e sonolenta preenche as lacunas em meu cérebro, acalmando meu coração e me fazendo relaxar.

Ela ergue os joelhos e apoia o livro em suas coxas deixando assim uma mão livre apoiada no colchão ao nosso lado, Ayla não me toca, não me pede explicações, não diz nada, ela apenas se mantém ali, ao meu lado, disponível para o caso de eu precisar e, sem pensar duas vezes, estico minha mão e enrosco meus dedos nos seus enquanto fecho meus olhos e me concentro no som da sua voz.

No som da minha paz.

43

Ayla



Os dias seguintes mantêm um padrão pouco comum, Thales quase não sai do seu quarto, apenas para as consultas, come pouco e alega enjoo na maior parte do dia. Ele também quase não fala, apenas algumas palavras soltas, sem entonação e entusiasmo, sem emoção. Se alguém me perguntasse como imagino a voz de um morto-vivo, eu diria que seria a voz de Thales.

Ele está cada dia mais distante, mesmo nas noites em que vem até mim, apenas se deita ao meu lado, segura minha mão e me ouve ler. E eu tenho lido muito, mais do que o normal, porque sinto que minha voz é como um bálsamo para a sua dor.

Com exceção das raras vezes em que ele fica na sala vendo os gêmeos jogar, eu quase não o vejo sorrir e, embora meu pai tenha dito que faz parte do processo pelo qual ele está passando, tenho medo de que nunca mais volte a ser como antes.

Às vezes, passo horas relembrando a noite em que fomos ao restaurante, como parecíamos um casal de verdade, não apenas dois adolescentes apaixonados. Aquele é ao mesmo tempo o meu dia favorito da vida e o pior de todos, o que não faz sentido nenhum, já que graças a tudo o que aconteceu nele, Thales vem se tornando cada dia menos o garoto que conheci.

Nesse momento, eu não me importo tanto com nossos beijos. Embora eu sinta saudades de beijá-lo, meu coração dói por meu amigo e pelo que ele significa para mim, algo que me surpreende a cada dia porque é mais do que eu poderia imaginar. Sinto falta de conversar bobagem com ele, de caminhar

pelas ruas lado a lado sem destino algum, de ficar sentada debaixo de um sol escaldante só para vê-lo jogar. Sinto falta da alegria em seu rosto quando estava no campo e de como ele sempre olhava na minha direção quando fazia um gol, como se todos eles fossem para mim. Sinto falta do garoto de sorriso largo, de olhar doce e de voz gentil que conquistou meu coração antes mesmo de eu saber que ele seria seu.

Sinto falta do seu abraço, aquele meio desajeitado e sem graça, mas cheio de significados e vontades; do seu olhar cúmplice, da súplica silenciosa nas aulas, na forma como ele sempre prestava atenção quando eu estava lhe ensinando a matéria. Sinto falta do Thales, da Ayla, da vida, de tudo o que foi e que nunca mais será.

— E então, como vão as coisas? — Duda arremessa uma bolinha no ar e a pega enquanto caminha ao meu lado depois de mais um dia estranho de aula.

— Díficeis — admito sem querer olhar para ele, me sinto um pouco errada por falar essas coisas para Duda, mas ele ainda é nosso amigo, não é?

Duda me pediu desculpas, não uma ou duas vezes, mas dezenas de vezes e eu o perdoei, porque assim como conheço o Thales, também conheço o Duda e uma coisa que ele nunca teve foi tato para falar. Às vezes, acho que os pensamentos dele são mais rápidos que o filtro do bom senso, por isso fala tanta bobagem.

O lado bom do Duda é que ele se arrepende rápido e sempre pede desculpas, no fundo tem um bom coração.

— Que merda, Ayla!

— Pois é, mas vai passar — afirmo, mais para mim mesma do que para ele.

— Eu queria você sabe... sei lá, tentar dar uma passada na sua avó, trocar uma ideia com ele. — Ele continua jogando a bolinha e segurando-a enquanto fala e isso faz suas palavras parecerem mais casuais do que deveriam.

Duda já tentou falar com Thales umas mil vezes, quase todos os dias ele vai até lá, mas a resposta é sempre a mesma, nosso amigo não está pronto ainda, o problema é que eu acho que ele nunca estará.

— Não sei, acho que você deveria dar um tempo.

— Por quê? Ele falou alguma coisa? — pergunta na defensiva.

— Thales não fala, Duda, nem mesmo comigo, nem sei se ele fala com o meu pai, ele apenas está lá, respirando, dormindo, comendo...

— Ele também é meu amigo, eu só queria falar com ele. Ver como ele está.

— Eu sei, eu sei que você quer. — Passo as mãos no meu rosto bufando de frustração. — Eu só acho que talvez ele precise de mais um tempo, meu pai falou alguma coisa sobre estresse pós-trauma ou algo parecido.

— Certo. — Duda enfia uma das mãos no bolso enquanto volta a observar a bolinha que voa pelos ares antes de aterrissar em sua mão como se ali fosse o seu lugar.

— Sinto falta de quando éramos nós três.

— Eu também.

— Agora tudo parece tão estranho, nem a escola é a mesma.

— Acontece, nem tudo é para sempre. — Ele ergue os ombros e me sinto um pouco mais distante dele nesse momento.

— Você faz parecer como se fosse o fim.

— De certa forma é.

— Não fale assim! — o repreendo e Duda para de andar como se tivesse se dado conta do que disse.

— Eu não quis dizer isso, quer dizer, eu quis, mas não do jeito que está pensando. — Ele se enrola nas palavras e cruza meus braços em uma atitude defensiva e exagerada, estou no ápice das minhas emoções e mal consigo manter essa conversa sem sentir os meus olhos se encherem de lágrimas.

Duda bufa, como se estivesse irritado com algo que não sabe explicar e isso me deixa curiosa, porque de nós três ele sempre foi o mais falante.

— O meu pai recebeu uma ligação ontem.

Demoro um pouco para entender o que está falando, mas quando seus olhos se enchem de um brilho novo eu compreendo.

— E aí? — pergunto, mesmo já sabendo qual será a resposta.

— Eu passei. Eu já imaginava, mas... — finalmente fala e o tom da sua voz faz parecer que acabou de ser convocado para um campo de concentração do outro lado do mundo.

— Ah, meu Deus! Que notícia maravilhosa, você passou! É claro que sim. — Sorrio, mas então me dou conta do que acaba de me falar e compreendo o que realmente quer dizer. — E você vai embora... — afirmo e Duda desvia o olhar encarando a bolinha que agora descansa em sua mão. — É isso que você quer dizer com “nem tudo é para sempre”.

Duda balança a cabeça, concordando.

— Viajo em alguns dias, vou ficar uma semana lá, mas no próximo semestre eu já vou de vez. — Sua voz soa um pouco triste demais para alguém que está prestes a realizar um sonho. — Eu não queria ir sem falar com ele. Era o nosso sonho, sabe? — Sua voz embarga, seu rosto bonito fica vermelho e ele desvia o olhar para o outro lado da rua. — Porra...

— Ah, Duda... — lamento e, mesmo que as coisas estejam esquisitas, eu me aproximo e envolvo meus braços em torno de sua cintura. Duda me envolve em um abraço morno e com um beijo em meus cabelos ele diz.

— Vou sentir sua falta, baixinha.

— Vai nada. — Dou um tapinha em seu peito arrancando um sorriso dos seus lábios. — Você vai ficar famoso, conhecer várias meninas lindas e vai se esquecer de mim.

— Você sabe que isso é impossível, né? — Ele abaixa o tom de voz enquanto passa o polegar em minha bochecha e me recordo do beijo que me roubou. Sinto o coração doer por saber que nossa amizade nunca mais será a mesma, Duda vai embora e eu não faço ideia de onde Thales está nesse momento. Isso é o suficiente para que eu me afaste e volte a caminhar, enrosco meus dedos nas alças da minha mochila enquanto encaro o chão.

— Então, o que você acha?

— Sobre o quê?

— De contar ao Thales — responde com uma simplicidade tão grande, que me faz pensar se ele se deu conta de tudo o que o nosso amigo passou.

— Acho que não é uma boa ideia.

— Por quê? Você acha que ele não vai ficar feliz por mim? — pergunta parecendo ofendido.

— Sério, Duda? O Thales mal sai do quarto, ele sequer fala em futebol. Eu nem sei se o Thales pensa em alguma coisa, eu não estou brincando quando digo que ele não fala.

— Mas eu não tenho culpa, nem você. — Ele aponta para mim. — Aliás, ninguém tem culpa. Ele tentou se matar, se existe um culpado nessa história toda é ele.

— Não fale assim dele! — exijo aumentando o meu tom de voz ao ponto de Duda dar um passo para trás.

— Ei, eu só falei a verdade, Ayla. Foi ele quem tentou aquela merda, foi ele quem fodeu com tudo quando não pensou em mais ninguém, era para ele estar aqui comigo, era para sermos nós.

— Ele não fez por mal.

— Só existe um jeito de uma pessoa tentar se matar, Ayla, e eu não acho que seja por bem. — Seu tom irônico me enoja e, nesse momento, me arrependo de ter escolhido Duda como amigo, nesse momento eu o odeio.

— Fique longe dele! — exijo enquanto sinto uma fúria protetora me invadir. — Você não sabe de nada. Não estava lá, não tem o direito de falar dele como se soubesse o que aconteceu. — Afasto-me sentindo as lágrimas pinicarem meus olhos enquanto caminho.

— Não fale como se eu fosse o errado aqui! — ele grita.

— Você é. A partir do momento em que está agindo como se não conhecesse o Thales, como se não tivesse visto todas as vezes em que ele apareceu machucado e triste, era para você estar defendendo-o, não o criticando.

— Você está sendo injusta comigo, eu não fiz nada, eu só queria compartilhar algo com ele.

— Ele não está bem para compartilhar algo alegre, ele perdeu a peneira porque estava lutando pela vida dele, você não entende isso?

— Não, Ayla, é você quem não entende. Eram vocês quem estavam lutando, ele já não a queria mais.

Olho para o garoto que conheço desde sempre e, pela primeira vez na minha vida, eu não o reconheço, não vejo mais a beleza de seus cabelos loiros iluminados pelo sol, nem o seu sorriso perfeito, não vejo mais a alegria em sua voz. Tudo o que vejo é o desprezo e o julgamento da única pessoa que deveria compreender o que Thales está passando.

— Não fale comigo, nunca mais fale comigo.

— Ayla, me espera! — Duda grita, mas não me viro, apenas continuo caminhando enquanto me recordo da forma como Thales parecia estar sofrendo na noite passada quando se deitou ao meu lado e segurou a minha mão.

Talvez ele esteja falando, da única forma que ele é capaz de fazer, eu só não havia compreendido ainda.



A caminhada até a casa da minha avó é bem mais longa do que me lembro, mas é bom, preciso me acalmar, não quero que Thales saiba do que

aconteceu, ele já tem coisas demais com que lidar e tudo o que não precisa é de mais mágoa.

Quando chego em casa ainda estou tremendo, mas ao menos não estou mais chorando. Encontro Thales empoleirado no canto do sofá, ele está observando algo em suas unhas enquanto a tevê está ligada, não há mais ninguém na sala e ele parece alheio a tudo a sua volta, como se estivesse muito distante, perdido em pensamentos que mais ninguém pode compartilhar com ele.

— Olá. — Jogo a mochila no chão ao lado do sofá e me sento na poltrona à sua frente. Thales ergue o rosto e, assim que nota minha expressão, seus olhos se arregalam e ele inclina a cabeça me analisando como se pudesse ler minhas emoções.

— Você está bem? — é a primeira vez que ele fala uma frase inteira em dias e só de ouvir a sua voz já sinto vontade de chorar novamente.

— Um pouco cansada, a aula hoje foi terrível e está um sol de quarenta graus lá fora. É uma boa caminhada da escola até aqui. — Retiro meus tênis e meias e jogo tudo ao lado da mochila, ciente de que minha avó brigará comigo assim que ver. É bom ter alguém cuidando de nós o tempo todo, chegar em casa e sentir o cheiro de comida fresquinha, mas, às vezes, é um saco.

Thales me analisa por um tempo e move a cabeça para cima e para baixo.

— Como foi seu dia? — Tento parecer calma, mas meu coração ainda está batendo forte.

Ele ergue os ombros desdenhosamente e sua falta de interesse me deixa frustrada.

— O meu pai disse que você já está apto a voltar à escola. Podemos ir amanhã, o que acha?

Thales volta a olhar para os seus dedos e posso ver um vinco se formar entre suas sobrancelhas enquanto ele ignora a minha pergunta.

— Thales...

— Você tem visto o Duda? — ele pergunta abruptamente ignorando o que eu disse e meu rosto se aquece no instante em que fala, como se soubesse o que acabou de acontecer.

— Você sabe que sim, ele vem comigo até a esquina todos os dias. — Tento parecer natural.

— Hum... — resmunga e posso sentir a ironia reverberar por toda a pequena sala de estar.

— O que você quer dizer com hum? — pergunto irritada com a forma como ele faz parecer errado o que estou fazendo.

— Nada. — Thales ergue os ombros e desvia os olhos para a tevê quando passa a propaganda de um programa esportivo.

— O que isso tem a ver com o que estamos conversando?

— Como ele está?

Sei exatamente onde ele quer chegar e não estou disposta a levar nossa conversa para esse caminho.

— Por que isso agora?

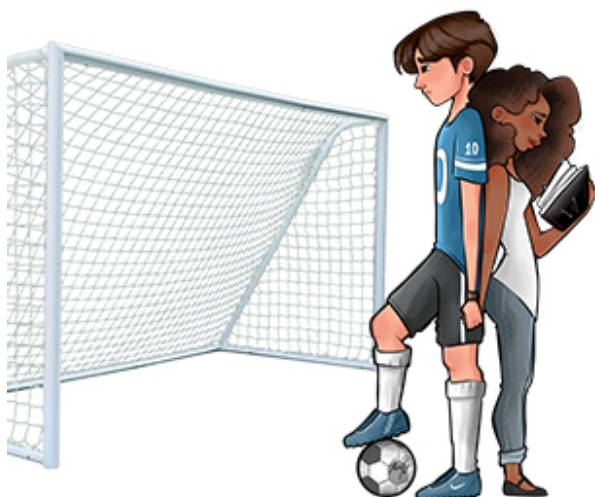
Ele volta a erguer os ombros e minha irritação chega ao limite.

— Se quer tanto saber, levante-se do sofá e vá para a escola. Lá você poderá perguntar para ele. — Então pego minhas coisas e começo a caminhar para o meu quarto deixando-o na sala sem a sua resposta.

Fecho a porta do quarto e jogo minhas coisas no canto sem me importar com a bagunça, caminho até a cama e depois até a parede tentando não ficar brava, mas antes mesmo que eu comece a me acalmar ouço a porta do quarto dele ser batida com força.

Fecho os olhos sentindo uma pontada atrás deles, estou exausta e me sentindo sobrecarregada demais para uma garota da minha idade. Não consigo conversar com Duda sem brigar, não consigo entender o Thales, nem mesmo me aproximar e isso é apenas uma pontinha do que me permite ver sobre seus problemas, sei que ele está guardando para si a pior parte, aquela que ele não é capaz de verbalizar e, no instante em que eu me dou conta disso, respiro fundo e abro a minha porta.

Ele precisa de mim e eu fiz uma promessa: preciso ser forte para ele.



44

Thales

O cheiro da terra seca invade meu olfato, a poeira entra em meus pulmões, o suor escorre por meu rosto e minha respiração fica ofegante, mas tenho um objetivo e sigo rumo a ele sem me importar com mais nada.

A bola acerta o fundo da rede com tanta força que ela parece prestes a ser arrancada do chão, grito eufórico, mas nada sai da minha garganta, tento mais uma vez, mas então não estou mais no campo, estou no quintal da minha casa, caído no chão. Ayla está na minha frente, apavorada, e estou envergonhado, tento gritar, mas não consigo, tento mais uma vez e, então, acordo.

Ergo-me bruscamente como se estivesse realmente precisando de ar, mas tudo o que sinto é o choque da realidade que sempre me assombra todas as manhãs. Demoro um instante até perceber onde estou, então jogo minhas pernas para fora da cama e inclino-me para a frente apoiando minhas mãos nas pernas e aguardo enquanto meu coração se acalma.

Todos os dias acordo da mesma forma, por motivos diferentes, mas sempre assustado, como se estivesse morrendo, ou talvez eu realmente esteja morrendo um pouco a cada dia que passa.

Levanto-me e vou ao banheiro, ignoro meu reflexo no espelho, não me vejo há dias e sei que devo estar parecendo um maluco com essa barba falha crescendo. O psicólogo diz que preciso me esforçar mais. Como se fosse fácil.

Uso o vaso, escovo meus dentes e lavo o rosto algumas vezes, tento não olhar para as cicatrizes irregulares que começam a se formar em meus

pulsos, mas elas são um pouco mais difíceis de ignorar.

A casa está quieta, o quarto de Ayla está vazio, sinal de que ela já foi para a escola e só de pensar que um dia terei que voltar para aquele lugar sinto meu estômago embrulhar. Estou exausto, mesmo tendo acabado de acordar e tudo o que eu quero é voltar para a cama, mas sei que dona Olga não vai me deixar dormir em paz sem tomar ao menos um copo de café com leite, então resolvo acabar logo com isso, mas, antes de chegar à cozinha, ouço algo que me faz parar no meio do caminho.

— A senhora viu os cortes dele? O que será que deu na cabeça daquele moleque pra fazer uma coisa dessas? — Reconheço a voz do tio de Ayla, que está falando baixo, mas a casa está quieta demais e sinto como se Alberto estivesse gritando.

— Eu não sei, mas foi algo muito grave. Se Milton não tivesse chegado a tempo... — Dona Olga não termina a frase, mas eu sei exatamente o fim dela, é algo que me assombra todas as noites desde então e sei que me assombrará até o fim da minha vida.

— Estaria no colo do capeta.

— Shhh... não fale esse nome na minha casa! — adverte a senhora que vem me tratando com tanto carinho e atenção.

— Mas é a verdade, o inferno é o lugar de quem faz esse tipo de coisa — ele diz e não consigo ouvir mais nada. É doloroso e quase tão insuportável que, se eu pudesse, iria embora agora mesmo, mas a simples ideia de sair por essa porta me apavora e tudo o que consigo fazer é voltar para o meu quarto.



Já são quase uma da tarde quando finalmente saio do quarto, inventei uma desculpa de que estava passando mal para justificar o fato de não ter saído a manhã toda e eles parecem ter aceitado, ou talvez não estejam tão confortáveis assim em estar em casa sozinhos com um maluco que tentou se matar.

Dona Olga foi buscar os gêmeos e sei que vai demorar um pouco, é o momento certo para fazer o que levei toda a parte da manhã criando coragem. Estou convicto de que estou fazendo a coisa certa, eu só preciso fazer Ayla entender.

A porta se abre e, quando ela entra, sinto toda a minha certeza se esvaír por meus dedos como areia, ela parece ter chorado e está agitada demais. Algo dentro de mim acende com a probabilidade de alguém tê-la magoado.

— Você está bem? — pergunto sentindo meus ouvidos zunirem em expectativa, ela dá uma desculpa qualquer e me ofendo por saber que está mentindo para mim, eu sei, posso ver em seus olhos. Ayla nunca mentiu para mim, talvez por isso seja tão fácil reconhecer quando faz. Ela está escondendo algo e, no fundo, eu sei que tem a ver comigo, assim como tudo, sou uma maldição, trago transtornos para todos aqueles dos quais me aproximo e isso não foi diferente com ela.

Ela pergunta como foi o meu dia, lembro-me do seu tio dizendo que eu estaria no inferno e tenho vontade de contar para ela, mas não tenho esse direito, sou um intruso aqui e não posso causar mais transtornos.

Estou com as emoções à flor da pele e me sinto vulnerável. Quando ela começa a falar sobre voltar à escola uma avalanche de sentimentos me inunda. Olho para os meus braços e me pergunto se ela já se deu conta de que eu não posso voltar para lá, eu serei o cara que tentou se matar e nunca mais me olharão de outra forma.

— Você tem visto o Duda? — pergunto mesmo sabendo a resposta, talvez seja uma maneira nova de me torturar, saber que ela está lá fora vivendo com nossos colegas enquanto estou aqui, amarrado a uma situação que eu mesmo sequer suporto.

Imagens dos nossos colegas me olhando de um jeito desagradável inundam a minha mente, penso em todas aquelas pessoas me apontando e me julgando, no meio deles Duda com seu ar de superioridade e Ayla ao seu lado.

Meu peito dói.

Uma propaganda chama minha atenção na tevê, é um programa esportivo, um dos meus favoritos. A simples ideia de ver algo relacionado a esporte me deixa transtornado.

Mal consigo respirar.

Tenho certeza de que Duda passou na peneira, esse era um dos nossos assuntos favoritos, sonhar que seríamos os novos garotos da Vila Belmiro. Talvez seja por isso que ele insiste em querer me ver, e com certeza esse é o motivo para que eu não o deixe entrar, não vou suportar ver a sua alegria, não vou me perdoar por conseguir ficar feliz por ele. Então eu o afasto, assim como venho fazendo com todo mundo.

Relembro do sonho que tive essa noite, da forma fácil com que meti aquela bola na rede, encaro minhas mãos tentando mantê-las tranquilas, mas não consigo, estou perdendo o controle do meu corpo e isso vem acontecendo com mais frequência do que eu gostaria. *Será que um dia eu serei capaz de voltar a jogar bola?*

Ayla continua me questionando, mas não consigo mais raciocinar, tudo o que vejo é o garoto alto de sorriso fácil, feliz e normal caminhando ao lado dela, falando coisas que a fazem sorrir e me deixam furioso.

Começamos a discutir, Ayla está magoada, eu estou irritado, não sei mais o que estou falando e nem como chegamos a isso. Era para ser diferente, conversaríamos, eu explicaria como me sinto para ela e ficaríamos bem, mas agora estamos gritando um com o outro e estou apavorado porque não quero magoá-la, mas estou chateado com a ideia dela estar seguindo em frente sem mim.

Ou pior, com o nosso amigo.

Ayla grita e vejo lágrimas se acumulando em seus olhos no momento em que pega suas coisas e vai para o seu quarto. Quando ela sai da sala tudo fica em silêncio, como se a vida houvesse deixado o lugar onde estou e seguido com ela para onde ela foi, é assustador de um jeito que não sei explicar.

Levanto-me e vou para meu quarto, bato a porta e começo a caminhar até a janela. Preciso de ar, preciso respirar, preciso me acalmar, mas não consigo, ela está seguindo em frente, ela vai continuar a viver enquanto eu sou apenas o cara que fui salvo de passar a eternidade no inferno.

Viro meus pulsos, arranco as ataduras e olho para os cortes, eles são feios, grosseiros. A carne estava tão destruída que os médicos não conseguiram fazer um bom trabalho e agora a pele está enrugada, torta, repugnante.

Assim como eu.

Apoio minhas mãos na parede e abaixo minha cabeça. Puxo o ar para os meus pulmões enquanto tento organizar minhas ideias, ouço a porta se abrindo e não me viro para ver quem é. Não me importo, estou furioso demais para me importar com algo.

— Thales, eu... — Ayla começa a falar, mas para e não preciso olhar para saber o que está vendo: minha bolsa com minhas poucas roupas no meio do pequeno quarto, pronta para ser levada para longe daqui. — O que

você pretende fazer? — pergunta, mas não tenho coragem de responder quando sua voz soa tão decepcionada.

— Dá o fora daqui! — grito ainda apoiado na parede.

— Você estava pensando em ir embora? Depois de tudo?

Continuo em silêncio, inspirando, expirando, apertando minhas mãos na parede, sentindo os cortes repuxarem ao ponto de doer. Concentro-me nela, não posso perder o controle, não tenho esse direito, então inspiro, sinto a dor, expiro, aperto minhas mãos, inspiro... até que Ayla se aproxima puxando meu braço com força.

— Responde! — grita em meu rosto.

— Você sabe a resposta.

— Você ia fugir enquanto o meu pai tenta de todas as maneiras te ajudar?

— Eu não vou melhorar, Ayla.

— O que você quer dizer com isso? — Seus olhos caem para o meu pulso e o pavor em sua voz é tamanho que quero esconder meus cortes. — O que você quer dizer, Thales?

— Isso não vai sair daqui, Ayla, é para sempre. Nada vai mudar. — Estico os punhos em sua direção e tento não me magoar quando ela dá um passo para trás.

— Você... está pensando em fazer isso de novo? — Seus olhos caem nas aberrações em meus braços.

— Que diferença faz?

— Para mim faz toda a diferença, tenho certeza de que para o meu pai também. — Ela ergue os olhos cheios de lágrimas para o meu rosto e sinto uma pontada de dor no peito.

— É fácil para você falar.

— Do que você está falando?

— Eu não posso ficar aqui, fingir que faço parte disso. Não posso ver você seguindo em frente enquanto eu mal consigo dormir. Não posso manter você aqui, Ayla. Eu sou um fardo insuportável, até mesmo para mim.

— E você acha que foi fácil para mim? Te ver daquele jeito... — ela não termina de falar, nem precisa, a vergonha me atinge e desvio o rosto.

— Isso não é justo com vocês.

— Então, você está querendo acabar com tudo?

— Eu quero livrar vocês.

— A gente não quer se livrar de você.

— Querem sim, só não sabem ainda.

— Você vai tentar de novo?

— Não... — minto porque não posso dizer a ela que todas as noites quando acordo de um pesadelo, a vontade de finalizar o que comecei parece a única saída. Minto porque, às vezes, a verdade é feia demais para ser compartilhada.

— Promete? — Seus lábios tremem como quando ela era uma menininha.

Balanço a cabeça incapaz de falar.

— Fala! — exige.

— Por quê?

— Porque eu me importo.

— Ayla... — Ela ergue as mãos e segura meus pulsos, suas palmas cobrem minha dor.

— Thales, fala! — implora apertando meus pulsos e respiro fundo decidindo que não faz diferença o que digo, não vai mudar o que sinto nem o que sou.

— Prometo.

— Eu preciso que você fale tudo! — exige, obrigando-me a olhar dentro dos seus olhos negros profundos.

— Ayla...

— Por favor — suplica e fecho os olhos, porque não consigo falar isso olhando para ela.

— Prometo que nunca mais tentarei me matar.

As palavras são como ácido em minha língua e sinto um aperto em meu coração quando vejo o quanto está assustada.

— Thales... — ela exala aliviada, como se minhas palavras valessem alguma coisa.

Elas não valem nada. Assim como eu.

— Não faz isso, não espera tanto de mim. Eu posso continuar vivo, mas não sou mais a mesma pessoa.

— Eu não me importo — diz como se já estivesse pronta para essa questão.

— Mas eu me importo, muito, o suficiente para não suportar mais isso aqui. — Aponto para o quarto ao meu redor e depois para mim mesmo. Preciso que ela saiba, que veja em meus olhos que não posso mais ficar aqui e fingir que está tudo bem.

— Eu sei, é difícil, mas a gente vai dar um jeito.

— Eu não consigo mais, está insuportável para mim. Estou apenas protegendo o seu pai de ver que seu trabalho foi em vão.

Ayla balança a cabeça e cruza os braços em torno do corpo enquanto olha para a mochila.

— Você pretendia me contar? — Sua voz está embargada e ela se afasta.

— Eu estava te esperando, não estava?

Ayla balança a cabeça concordando e abaixa o olhar para o chão, para o exato local onde as chuteiras ainda estão. Ela se abaixa e pega uma delas nas mãos.

— Você não ia levá-las?

Desvio o olhar porque é doloroso demais olhar, é como ver o destino rindo da minha cara a cada segundo do dia pelas escolhas erradas que fiz.

— Não — respondo, duramente.

— Por quê?

— Elas não servem mais. — Ergo os ombros tentando tirar a importância do que estou falando, dói obrigar meu cérebro a ignorar dia após dia o fato de que eu não consegui ir, dói ainda mais permitir que a realidade me acerte mostrando que destruí minha vida naquela noite.

— Não seja covarde. — Ela empurra a chuteira em meu peito e me surpreendo com a sua coragem. — Reaja, Thales, erga a sua cabeça e supere. Não deixe que ele te vença.

A chuteira cai no chão.

— Não consigo — admito me sentindo diminuir na presença da garota teimosa, que ainda não desistiu de mim.

— Consegue. — Ela espalma suas pequenas mãos em meu peito. — Você lutou todos os dias, você superou seus medos e fraquezas, você venceu o cansaço e a fome e jogava em condições precárias e, mesmo assim, ainda era o melhor. Você suportou todos esses anos de maus-tratos, você pode lutar contra algo que só existe aqui agora. — Ayla aponta para o centro do meu peito como uma flecha afiada.

— Você não imagina o quanto eu queria, mas não consigo. — Me afasto dela porque, nesse instante, eu preciso manter a maior distância possível da sua positividade, ela me sufoca com sua confiança e faz com que eu me sinta ainda pior.

Caminho pelo pequeno espaço e me sento na cama, estendendo os braços em minhas pernas e observando meus pulsos.

— Eu destruí tudo, Ayla. Deixei que meu ódio falasse mais alto do que minha razão.

— Não importa, essa é a magia da vida. Enquanto pudermos, teremos a oportunidade de mudar, de dar a volta por cima, você não vê? — Vem até mim e se ajoelha na minha frente, com o brilho dos seus olhos quase me cegando.

— Não, eu não consigo ver nada além disso. — Estendo meus pulsos para ela, eles pesam com a vergonha marcada em minha pele, mas ela os ignora com seus olhos fixos nos meus.

— Aí é que está, eu só vejo isso. — Ela espalma a mão em meu rosto. Seus dedos acariciam minha pele aquecendo meu corpo com o seu toque. — Eu vejo o garoto incrivelmente forte que tem uma habilidade ímpar com os pés, e não sou eu quem digo, são todos que te conhecem, homens e meninos. Eu vejo o garoto por quem meu pai está lutando, por quem abrimos mão da nossa casa pelo seu bem-estar. Eu vejo o seu futuro, Thales, e espero que um dia você também possa enxergá-lo.

Abro a boca para falar, mas nada sai, olho para a sua mão, para o par de chuteiras que ela coloca em meu colo, que pesam o equivalente a esperança que essa garota deposita em mim, pesam o mesmo que o futuro, incerto, incalculável.

Coloco minhas mãos em volta delas, segurando-as como se elas fossem pequenas pedras preciosas.

— E se eu falhar? — sussurro olhando para o couro lustroso, para os tons de rosa e amarelo que preenchem o calçado. Meus dedos tocam as travas imaginando como deve ser senti-las no campo.

— Eu estarei lá, sentada na arquibancada e gritarei: “Vai, Thales!”. — Ayla ergue a mão como uma torcedora e sorrio.

Deus, como ela é linda!

— Obrigado — agradeço, ainda incapaz de algo mais alto que um suspiro e recebo de volta um dos sorrisos mais lindos do mundo.

— Apenas vá e vença, seja o maior jogador que esse mundo já viu, quebre recordes, faça a multidão gritar o seu nome, seja você.

Inclino-me para a frente e seguro seu rosto em minhas mãos. Meu gesto bruto a assusta, ela perde o equilíbrio e se segura em minhas coxas para não cair. Mantenho meus olhos fixos em sua boca. Eu prometi a mim mesmo que

não a beijaria, mas, pelo que estou vendo, não sou tão bom assim com promessas.

Aproximo-me para beijá-la, mas ela se afasta surpreendendo-me.

— Primeiro me prometa — exige erguendo o rosto.

— Sim.

— Prometa que você nunca mais vai desistir.

— Prometo.

— Prometa que você vai voltar a sorrir.

Um sorriso se esboça em minha boca e o dela se ilumina.

— Prometo.

— Prometa que nunca vai me decepcionar.

— Prometo.

— Prometa que um dia você vai voltar a amar.

Ah, Ayla... se você soubesse.

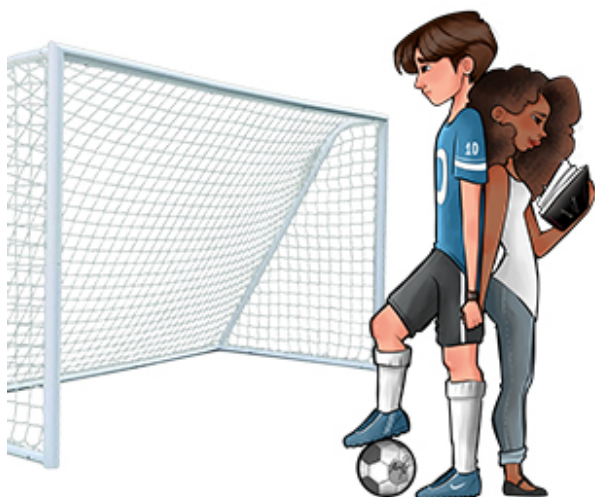
— Prometo.

— Prometa que vai cumprir todas essas promessas.

— Um milhão delas.

— Um milhão de promessas — sussurra, agora com as mãos em meu rosto e já não lembro de mais nada além da garota em minhas mãos. — Agora pode me beijar — pede e faço exatamente isso.

Eu a beijo, com tudo o que tenho e tudo o que sou, com o meu coração machucado, com minha fúria e meu medo, com todo o meu corpo e minha alma. Beijo-a como se fosse a primeira vez, confuso e trêmulo, um pouco bruto, eufórico demais, talvez porque essa realmente seja a primeira vez, da minha nova vida, uma vida que eu, até esse momento, não havia me dado conta de que havia começado, que eu a beijo.



45

Thales

Os dias passam e a mochila continua ali, no canto do quarto, como um lembrete de que se ficar insuportável eu posso dar o fora. Enquanto isso, tudo o que faço é manter o foco nas palavras de Ayla.

Acordo, como, faço um pouco de exercícios para não enlouquecer, tento conversar, mesmo que, às vezes, sinta como se eu tivesse esquecido as palavras.

Passo as tardes ouvindo Ayla me dar aulas, mesmo que isso seja a última coisa que eu quero, faz parte de um acordo entre Milton e a diretora da escola para que eu não precise voltar à escola esse semestre, até que eu esteja pronto. Tecnicamente, estou de licença e posso fazer tudo em casa, eu não faço a menor ideia de como ele faz essas coisas, então me esforço o máximo que posso para fazer a minha parte.

— Estou exausto, Ayla. — Deito a cabeça no mármore frio da mesa, o zumbido em meus ouvidos aumenta e tenho a sensação de que posso cair caso me levante nesse instante.

— Tudo bem, podemos parar por agora — assente sabendo que estou dando tudo de mim. Viro o rosto e vejo Ayla começando a guardar o material que está espalhado pela mesa. Ela também parece cansada, todos os dias ela vai à aula, caminha meia hora até a casa da sua avó e passa as tardes me ajudando a estudar, sempre com um sorriso. Sempre confiante.

— Ayla. — Estico meu braço e seguro seu pulso, ela olha para mim, com uma mecha cheia de cachos cobrindo metade do seu rosto enquanto aguarda. — Obrigado.

Ayla revira os olhos e volta a fechar cadernos e livros.

— Já disse para parar de me agradecer — diz exigente.

— Eu gosto. — Fecho um livro e coloco sobre a pilha. — Me faz sentir grato.

— Eu não gosto. Faz parecer que estou fazendo por obrigação — Ayla bufa e se levanta, levanto junto pegando a pilha de livros e levando para o seu quarto.

— Então por que faz? — Coloco a pilha em cima da cômoda e começo a mexer em suas coisas até que pego um livro aleatório na prateleira.

— Por amor — responde um pouco baixo demais, mas o suficiente para chamar a minha atenção.

Viro-me e a encaro. O sorriso se espalha pelo meu rosto enquanto tento entender por que meu coração ainda reage a ela dessa forma.

— Ayla... — começo, mesmo sabendo que não posso terminar, não ainda, não desse jeito.

— Esquece. — Ela pega a sua toalha atrás da porta quebrando o clima. — Vou tomar banho, estou morta de calor.

Ayla sai deixando-me sozinho em seu quarto, com minha cabeça cheia de suposições perigosas. Jogo-me na sua cama ignorando o estalo que ouço na madeira antiga e abro o livro em uma página qualquer, há uma frase grifada que chama a minha atenção.

“— Quando é que a vida vai parar de nos machucar?

*— Quando a gente aprender a dizer foda-se e passar a se concentrar nas pequenas coisas que nos fazem sorrir.”*⁷

Preciso ler duas vezes para compreender exatamente o que a autora quis dizer e o quanto essa frase se aplica a mim. Olho para a porta e dou graças a Deus por Ayla ainda estar no banho ou ela teria a terrível visão da minha leitura. Ainda estou com o livro aberto em meu peito algum tempo depois, embora não esteja lendo nem uma linha sequer quando ouço a porta se abrir.

— O ar que ele respira? — Ela ergue uma sobrancelha enquanto seca os cabelos com a toalha e encara o homem barbudo que estampa a capa. — Está curtindo romances agora?

— Você sabe que não leio. — Levanto-me da cama sentindo meu rosto esquentar e coloco o livro de volta no lugar, ignoro o aroma do xampu que exala dos cabelos dela e penetram em minhas narinas.

— Então estava fazendo o quê? Admirando a capa? — brinca, mas não reajo bem.

— Isso não tem graça. — Coloco o livro de volta no lugar e passo por ela.

— Thales, tô brincando.

— Vou tomar um banho.

Saio do quarto, mas as palavras daquele livro continuam martelando a minha cabeça. Enquanto tomo banho, penso em coisas que adoraria esquecer...

“Eu sei que você gosta disso...”

“Admita, você gosta...”

“Olha como você está...”

Aperto os punhos em meus olhos e abafro um grito nos azulejos, durante anos suas palavras imundas me confundiram me fizeram achar que eu era diferente, mesmo que, no fundo, nunca tenha sentido atração por outros garotos; eu sabia que não era igual a eles, eu sabia que o que acontecia na minha casa me tornava diferente.

Até hoje não entendo por que certas coisas aconteciam, por que ele mexia com a minha cabeça daquele jeito repugnante e doentio. Por que eu?

Deixo a água lavar meu corpo, desejando que ela pudesse lavar minha alma e minhas lembranças.



Não consigo dormir, me levanto e saio do quarto indo até o quarto dela. A porta está fechada e bato antes de entrar, ela está deitada, apenas a luz do abajur ilumina o livro em sua mão e seus cabelos espalhados pelo travesseiro. Eu adoro a confusão que eles se tornam quando está deitada. Ela olha para mim, mas não diz nada, nem eu, apenas jogo meu travesseiro no colchão e me deito ao seu lado.

Ayla estica a mão direita e eu a seguro fechando os olhos e me concentrando em sua voz suave e levemente rouca.

Acho que aquela autora tinha razão, está na hora de dizer foda-se para as minhas merdas e me concentrar no que me faz feliz: em Ayla.



No dia seguinte, Milton me chama para conversar logo após o jantar.

Ele espera até que eu entre no quarto e fecha a porta. Uma fagulha de medo passa por mim, mas é tão breve que preciso me esforçar para perceber que essa situação é um gatilho. Estico o pescoço tentando me desvencilhar da sensação ruim. Quero abrir a porta, mantê-la aberta para que eu me sinta seguro. Milton olha para ela e, como se pudesse ler meus pensamentos, ele vai até ela e a abre, só o suficiente para que a luz do corredor possa entrar.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto embora o medo da resposta esteja quase me sufocando.

— Aconteceu sim — responde e sinto meu coração parar.

— O que foi? — pergunto e os segundos que se passam até que ele responda são insuportáveis.

Ele vai me mandar de volta para a minha mãe... pior... o monstro voltou.

Meu coração acelera e uso tudo de mim para não despencar enquanto aguardo.

— Eu consegui algo que eu estava tentando desde o dia em que você voltou para casa. — Ele esfrega o queixo e um sorriso se espalha por seu rosto.

— Conseguiu? — Sinto minha voz falhar e seu sorriso aumenta enquanto confirma movendo a cabeça para cima e para baixo. Ele está sorrindo, então não pode ser nada ruim.

— Eu consegui o telefone do Ronaldo, Thales. O olheiro do São Paulo ainda quer te ver.

Não consigo responder, na verdade mal consigo me manter em pé, no momento em que ele fala aquelas palavras, uma chama de esperança surge dentro de mim e, em seguida, uma avalanche de pânico me faz respirar fundo em busca de ar e preciso de todas as minhas forças para não começar a chorar aqui mesmo. Porque, nesse momento, é tudo o que eu desejo fazer.



— Isso é incrível, Thales. — Ayla se balança fazendo a cama ranger.

— Shhh... para com isso. — Seguro seus ombros obrigando-a a parar e ela se dá conta de que já passa da meia-noite e todos estão dormindo.

— Desculpa, mas não resisti. Eu sabia, Thales. — Ela joga seus braços em torno do meu pescoço e preciso apoiar as mãos no colchão para que não caia trazendo-a por cima do meu corpo. — Eu sempre soube, parabéns.

Estou nervoso, ansioso, feliz e apavorado, enquanto seguro-a junto a mim estou ciente de todas as emoções que sinto e, por mais assustador que seja, eu gosto disso.

— Obrigado, Ayla, mas é só um teste. — Tento tirar o peso do que isso realmente significa para mim, não quero pensar no que vou fazer se por acaso não passar.

— Não é só um teste, é o seu recomeço. — Ela bate seu indicador em meu nariz enquanto diz com sua voz alegre e seu sorriso cheio de confiança. Meus olhos caem em sua boca e aperto meus lábios para conter a vontade que sinto de beijá-la nesse instante.

— Se você diz. — Ergo os ombros e Ayla deita a cabeça em meu ombro mantendo-me dentro dos seus braços.



Os dias seguintes se arrastam, não consigo comer, estou enjoado e ansioso demais para forçar algum alimento para dentro de mim, dona Olga me entope de vitaminas esquisitas e chá de camomila alegando que vai ajudar a me acalmar.

Não questiono o poder de um punhado de florezinhas brancas em um copo de água, apenas bebo e agradeço cada vez que ela aparece na porta do meu quarto com aquele chá.

A porta se abre bem devagar, estou um pouco sonolento e percebo que já escureceu lá fora. A luz da sala ilumina a figura pequena que entra sorrindo.

— Chega mais pra lá. — Ayla me empurra e se senta ao meu lado com as pernas encolhidas embaixo do corpo. — Te trouxe um presente. — Ela parece empolgada quando estende o pequeno pacote em minha direção.

— O que é isso? — Sento-me apoiando minhas costas na parede enquanto esfrego os olhos.

— Pega, é seu.

Obedeço e começo a abrir o pacote, encontro um jogo de tiras de couro de variados tons de marrom e olho para Ayla sem compreender por que ela me deu isso.

— Eu estava pensando nos super-heróis. — Faz aquela cara de quem está pensando demais e não consigo evitar de sorrir enquanto a espero continuar falando: — Todos eles têm suas fraquezas, não têm?

— Não sei. — Ergo os ombros.

— Sim, eles têm, seja uma pedra, um amor perdido ou um sentimento fora de controle, todos eles têm, sabe por quê? — pergunta e faço que não com a cabeça. — Porque são nossas fraquezas que nos tornam humanos.

— Sei, e o que isso tem a ver com super-heróis e fraquezas? — Ergo o pacote no ar.

— Sua fraqueza está aqui. — Ela passa seus dedos em volta da minha cicatriz e estremeço com o seu toque, o sorriso deixa meus lábios. — Está no que isso aqui significa pra você e nas lembranças que elas te trazem. — A ponta dos seus dedos continua em torno do meu pulso e meu coração acelera com o seu toque, eu não o sinto na região machucada, mesmo assim, ele me agita. — Então, se você não quiser que nada desvie a atenção das pessoas para os seus pés, você pode usá-las. — Ayla retira uma das pulseiras e a desliza por minha mão até parar no meu pulso. — Será como a sua proteção, sua capa, seu escudo, ou seja lá o que você quiser que seja.

Ela fecha a pulseira e pega outra, depois mais outra e outra até que todo o meu pulso direito está coberto de tiras de couro, que me impedem de ver as marcas e, milagrosamente, fazem com que eu me sinta mais confiante. Ayla faz o mesmo com o outro pulso e, enquanto se dedica a dar nós firmes em cada uma das pulseiras, eu observo a forma como ela sorri enquanto as ajeita.

— Prontinho, agora você está protegido.

Ela se afasta e olha o resultado do seu trabalho e, pela forma como morde o canto da boca, sei que está como queria.

— Isso não se parece com os braceletes da Mulher Maravilha? — Cruzo meus pulsos na frente do rosto e Ayla começa a rir.

— Pode ser, eles são fortes e não deixam que nada a atinja. — Ela afasta minhas mãos segurando-as no colchão enquanto olha pra mim.

— É o presente mais legal que já ganhei.

— Não é nada, eu só queria muito que você gostasse.

— Eu adorei — admito enquanto observo minhas cicatrizes cobertas por pequenas tiras de couro que tiveram o poder de me fazer acreditar que, às vezes, o que precisamos é que alguém acredite na gente, o suficiente para que nos ajude a seguir em frente.



O dia mal nasceu e estou sentado na minha cama, a toalha em volta do meu quadril, os pingos de água caindo em minhas coxas enquanto olho para as chuteiras na minha frente. Há um pedaço de papel dentro dela e sorrio porque sei exatamente quem o colocou ali. Estico o braço e retiro o bilhete abrindo-o.

*“Seja apenas você e já terá sido o maior de todos.
Estou confiante.
Não se esqueça: estou contando as suas promessas.
Beijos.”*

Sorrio imaginando a sua voz cheia de autoridade me falando isso no alto dos seus um metro e sessenta, leio suas palavras escritas na sua letra feminina mais algumas vezes, o suficiente para elas se fixarem em meu cérebro como tatuagem. Levanto-me e vou até a roupa que está limpa e separada desde ontem à tarde, me troco ignorando o tremor em minhas mãos e a minha boca seca.

— Vamos lá, Thales, é só o futebol, é tudo o que você sabe fazer.

Volto a me sentar na cama quando uma batida leve na porta chama minha atenção.

— Pode entrar! — grito e logo em seguida Milton a abre, mas ele não entra, apenas se apoia no batente e observa a chuteira em minha mão.

— Grande dia hoje. — Ele sorri deixando seus grandes dentes brancos à mostra.

— Espero que sim.

— Está precisando de algo?

Coragem.

— Não, senhor.

— Então tá, temos quinze minutos.

— Sim, senhor, eu já estou quase pronto. — Ergo a chuteira e ele assente e permanece olhando para mim como se quisesse dizer algo, mas não tem certeza se deve.

— Estou na sala — ele termina e sai.

Coloco as chuteiras, meu coração soca minhas costelas com uma força até então desconhecida, preciso me esforçar para encher meus pulmões, movo a cabeça de um lado para o outro e me levanto pegando a camiseta para vestir quando um novo bilhete cai aos meus pés e me abaixo para pegar.

“Sei que está difícil, mas eu confio em você por nós dois.

VAI, THALES! (Leia como se eu fosse uma líder de torcida. kkk)”

Visto a camiseta, vou até a cômoda recolhendo minhas pulseiras e as colocando sobre minhas cicatrizes, com se assim ela pudesse me proteger de algo. Outro bilhete está debaixo delas e esse me faz rir.

“Não se esqueça dos seus braceletes. Eles são mágicos.”

Guardo os bilhetes debaixo do meu travesseiro antes de sair, sinto que eles um dia contarão uma parte importante da minha história. Fecho a porta, faço o sinal da cruz e respiro fundo antes de ir ao encontro do Milton.

— Podemos ir? — ele indaga pegando a carteira e as chaves.

— Sim, senhor. — Sinto minha garganta cheia de areia e pigarreio na esperança de limpá-la.

Ele abre a porta e ignoro o frio em meu estômago por estar finalmente saindo de casa pela primeira vez em meses para algo além de uma consulta médica. O sol incomoda meus olhos e preciso erguer a mão para protegê-los enquanto entro no carro.

Coloco o cinto de segurança e respiro fundo enquanto ouço o som do portão se abrindo e pensando em como isso se parece com uma metáfora.

Como se uma nova fase da minha vida estivesse enfim começando. Passo meus dedos pelas correias de couro em meu pulso e finjo que elas realmente são poderosas. Sorrio com o quanto isso soa como Ayla e fecho os olhos imaginando que ela está aqui comigo, segurando minha mão enquanto fala sem parar.

46

Ayla



— Mais dois passos e você vai abrir um buraco bem no meio da sala da sua avó — tio Alberto fala antes de enfiar mais um pedaço de bolo na boca.

— Como o senhor consegue comer enquanto eles estão lá fora? — Aponto para a janela para o caso dele não entender que estou aflita.

— Se acalma, menina. Daqui até São Paulo é umas três horas, e acredito que o teste tenha demorado um pouco, eles vão demorar.

Olho para o relógio, ele marca seis da tarde, me jogo no sofá derrotada e puxo minhas pernas para cima segurando-as e apoiando meu queixo nos joelhos.

— Vai dar tudo certo, Ayla. Esse menino é muito bom, ele tem um jeito de jogar muito particular, preciso. Acredite em mim.

— Eu acredito, tio, só preciso saber que ele está bem.

— Milton está com ele, tenho certeza de que ele está.

Meu tio tem razão, não há lugar no mundo onde ele pode estar melhor do que ao lado do meu pai. Ele cuida de Thales da mesma forma que cuida de mim e dos gêmeos: com amor, atenção, cuidado e carinho, mesmo que, às vezes, Thales esteja tão arisco, que parece impossível alcançá-lo.

— O que você acha de jogar uma partida com o seu tio aqui? — Ele se levanta colocando o prato na mesa de centro e ligando o aparelho de videogame.

— Não sei, tio, não estou boa para isso hoje.

— Aproveita, garota, eu sou o único aqui de quem você consegue ganhar. — Ele estende o controle para mim e me dá uma piscadinha, que faz

com que sua proposta se torne irresistível.

Como ele mesmo disse, ganhei três partidas, uma delas um clássico 7x1 com direito a gol feito pelo Thales, sim, eu tenho um jogador Thales, com todas as características físicas e habilidades parecidas com ele, claro que não fui eu quem criou o avatar, mas sim o próprio Thales convencido, que disse que era para que eu não sentisse saudades quando ele não estivesse aqui.

Isso foi há tanto tempo...

— Ahhhhh... esse foi roubado! — Meu tio se joga para trás exageradamente enquanto grita, gargalho sentindo a adrenalina da vitória em minhas veias.

— Que coisa mais feia não saber perder.

— Isso é roubo.

— Isso é habilidade, aceite. — Deito-me no sofá fazendo uma pose exagerada e recebo uma almofada voadora na minha cara.

— O que acha de mais uma?

— Você não cansa de apanhar? — pergunto enquanto outra almofada vem ao meu encontro, estou me divertindo mais do que imaginei que poderia e ele tinha razão, eu mal vi as últimas horas passarem.

Estamos discutindo sobre qual time será o nosso quando a porta se abre e meu coração dispara.

— Olá! — meu pai cumprimenta entrando com Thales ao seu lado. Levanto-me imediatamente largando o controle no chão.

— Não faz isso, vai quebrar o controle e quem vai dar uma surra no Alberto depois? — Thales brinca e um sorriso enorme se espalha por seu rosto e tudo o que vejo é sua boca bonita se abrindo, do jeito que amo, deixando seu rosto de menino corado e feliz. Corro a pequena distância que nos separa e me jogo em seus braços sem me importar que estamos na presença do meu pai e meu tio.

— Eu achei que essa menina teria um treco. — Ouço meu tio falar e meu pai sorrir, mas nem eu e nem Thales nos separamos para responder. Sinto suas mãos abertas em volta da minha cintura, me apertando junto a mim, sinto seu cheiro de suor que eu tanto senti falta, sinto seu coração martelando no peito, exatamente como o meu está fazendo nesse exato momento.

— Consegui — Thales sussurra em meus cabelos e aumento o aperto em volta do seu pescoço. Gostaria de ser capaz de dizer alguma coisa bonita, mas estou à beira das lágrimas, então tudo o que faço é manter meu rosto em

seu pescoço e minhas mãos em volta do seu corpo enquanto ouço meu tio parabenizá-lo.

— Parabéns, moleque, eu sabia que você conseguiria.

— Obrigado, Alberto. — A sua voz reverbera em meu corpo. Ele estende uma mão para cumprimentar meu tio, mas a outra se mantém fixa em minha cintura e eu adoro isso.

Quando meu pai e meu tio vão para a cozinha, Thales beija o topo da minha cabeça e apoia o queixo nela.

— Acho que elas realmente são mágicas — diz com os lábios colados em meus cabelos. Me afasto só um pouquinho, o suficiente para olhar em seus olhos.

— Não, a magia está em você.



Na sexta-feira, meu pai decide que devemos comemorar em grande estilo e vamos todos jantar fora. Não consigo impedir as lembranças da última vez em que eu e Thales estivemos em um restaurante antes de surgirem, elas são agridoces e me deixam agitada.

— Você está linda — ele fala abaixando o rosto para que apenas eu escute.

Olho para o meu vestido branco, é um pouco antigo e bem sem graça, nada de decotes, nem ao menos é justo, mas gosto da forma como Thales me olha como se eu realmente estivesse linda.

— Não tem nada de mais.

— Gosto como ele destaca a cor da sua pele.

Olho para nossas mãos unidas em meu colo e sorrio. Sempre tive orgulho de ser negra, fui criada em uma família que sempre abominou essa necessidade de destacar o tempo todo a cor da nossa pele, como se ela fosse um holofote sobre nossas cabeças.

Amo minha cor, minha origem e minha história e ela define quem eu sou. Ela me fortaleceu, me fez admirar meus cabelos crespos, minha pele firme, meus lábios grossos. Mas também sei que nem todos pensam assim, infelizmente ainda existe muita gente que nos desqualifica por sermos negros quando, no fundo, somos todos iguais. O que vai nos destacar de

verdade são as nossas decisões na vida e não a porcentagem de melanina nas nossas epidermes. Quem sabe um dia as pessoas possam compreender isso.

— Obrigada — sussurro de volta e recebo um sorriso lindo dele.

Thales está feliz como nunca o vi antes, é como se um novo Thales tivesse voltado para casa. Ele não consegue parar de falar sobre o CT, as instalações que conheceu, o plano de carreira, o setor de base do clube. Seus olhos brilham a cada nova coisa que fala e eu não consigo parar de sorrir de alegria, sua vitória de qualquer forma é a minha também.

No caminho de volta para casa, os gêmeos adormecem no banco de trás da minivan; vovó começa a roncar baixinho com a cabeça apoiada em Thales, que não se mexe com medo de acordá-la e sua atitude é tão fofa, que me pego suspirando.

Já passa da meia-noite quando chegamos em casa e por mais que Thales tente disfarçar, sinto que seu corpo enrijece ao nos aproximarmos do bairro onde moramos. Eu não o julgo, eu mesma tenho a sensação de que, sempre que estamos aqui, ele corre algum tipo de perigo, como se o seu padrasto pudesse aparecer a qualquer momento e destruir sua alegria. Ajudo meu pai a acordar os meninos enquanto Thales e meu tio ajudam a vovó a entrar, tudo parece tão familiar e natural que, por um instante, tenho a sensação de que somos uma espécie de família, eu e Thales como... um casal.

— Está cansada? — pergunta ao entrar na sala, ainda ouço o som do meu pai pegando água na geladeira e o rádio do meu tio no quarto dele, mas estamos sozinhos.

— Bastante, hoje foi um longo dia. — Ergo meu pé e começo a desabotoar a sandália quando Thales se senta na mesinha de centro e termina de soltar as alças dela e massageia o meu pé castigado. — E você como está?

Tento conter um gemido de satisfação quando seus dedos apertam bem no meio do peito do pé e lamento por não ter feito a unha, embora isso seja algo que eu acho que nunca fiz na vida. A verdade é que enquanto ele está aqui, parado na minha frente, segurando meu pé em suas mãos grandes, desejo, pela primeira vez na vida, ser um pouco mais feminina, mais delicada, como as outras garotas da escola.

— Não sei. — Ele ergue os ombros de qualquer jeito enquanto mantém os olhos fixos no seu trabalho.

— Não sabe?

— Eu estou feliz, claro. Na verdade, acho que ainda estou um pouco confuso, mas estou feliz. — Thales coloca meu pé no sofá e começa a mexer

em suas pulseiras.

— Talvez seja porque a ficha ainda não caiu — digo me aproximando e colocando minhas mãos sobre as suas.

— Pode ser — sussurra e tenho a impressão de que ele não acredita mesmo nisso.

— Boa noite, crianças, não durmam muito tarde — meu pai diz.

Ouçõ o barulho do meu pai indo para o seu quarto, a luz do corredor é desligada e só a luz fraca do abajur da sala ilumina o rosto juvenil e triste do garoto, que por toda a minha vida esteve ao meu lado.

— Fala comigo, Thales. — Fecho minhas mãos em seus punhos afastando-os para que ele possa olhar em meus olhos e não fugir de mim.

— É babaquice minha.

— Se te deixa assim, não pode ser babaquice, fala pra mim. — Passo a mão em seu rosto sentindo um pouco da barba suave que está crescendo.

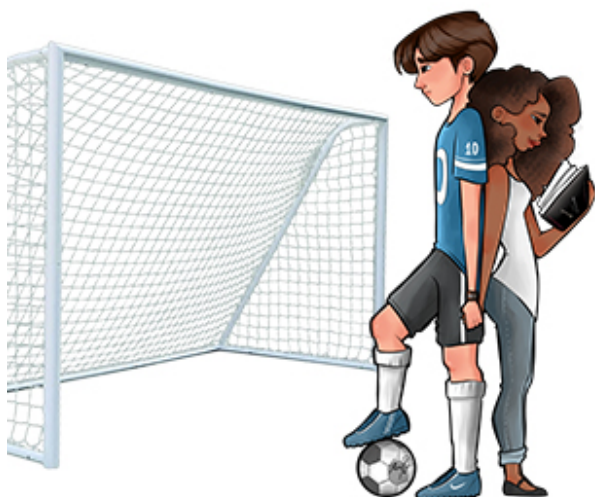
— Sabe, eu adorei jantar com vocês, de verdade, eu me sinto acolhido aqui, mas tem uma parte idiota dentro de mim que... — ele não termina, ao invés disso se afasta deixando minha mão no ar.

— Thales? — o chamo tentando fazer com que continue, mas isso não acontece e ele se levanta e passa a mão na nuca caminhando em direção ao corredor.

— Acho que estou cansado. Boa noite, Ayla. E obrigado por tudo.

Penso em dizer que ele está quebrando o nosso trato, mas percebo que, nesse momento, ele precisa agradecer, então apenas sorrio de volta.

— Boa noite, Thales.



47

Thales

Merda! Merda! Merda!

O que diabos há de errado comigo? Por que estou tão triste quando, na verdade, deveria estar dando pulos que fossem até a lua de alegria? Eu consegui, não foi? Eu realizei meu sonho, vou para um clube, darei tudo de mim e me tornarei um grande jogador, então por que estou tão triste?

Entro no quarto, fecho a porta, sento-me na cama e apoio meus cotovelos nas coxas como fiz há pouco lá na sala, mas, dessa vez, sem o olhar interrogatório de Ayla tentando enxergar o meu interior.

Não quero que ela saiba que sou um fraco, um covarde, um imbecil doente que, as vezes, se pega pensando se fez a coisa certa na vida, porque, por mais que eu diga a mim mesmo todos os dias que sou a vítima, bem lá no fundo uma parte de mim ainda acha que eu provoquei tudo isso, que se eu não o enfrentasse todas as vezes que ele me corrigiu... talvez, se eu tivesse me mantido de cabeça baixa quando ele me acusou de coisas que eu não fiz... se eu nunca o tivesse desafiado a primeira vez em que me ameaçou e me fez ajoelhar na sua frente... se eu fosse um bom garoto... eu não teria passado por tudo isso, eu ainda teria uma família e talvez minha mãe agora poderia se orgulhar de mim. Talvez...

Meu peito dói, uma dor tão profunda que mal consigo respirar. Quero gritar, me sinto sufocado, quero bater em algo, sentir meu punho atingir um alvo, quero chorar, mas não há nada dentro de mim. Estou seco como o deserto, como um homem morto deve ser. Completamente seco e vazio.

Tiro a camisa que ainda tem em seu tecido o cheiro dela, dobro-a e coloco sobre a cadeira, pego o short velho que uso para dormir e visto, retiro as pulseiras deixando minhas cicatrizes à mostra, nesse momento sinto falta do repuxar dos pontos em minha pele, ele ao menos era um lembrete dolorido de toda a humilhação que passei aquele dia.

Deito-me na cama e encaro o teto desgastado como faço quase todas as noites enquanto esfrego meus polegares nas cicatrizes até que comecem a arder. Meus olhos pinicam com todas as lágrimas que não consigo derramar, minha garganta arranha com as palavras que não me permito pronunciar e meu peito dói com os sentimentos que se acumulam dentro de mim.

Não sei quanto tempo passa, o tique-taque do relógio antigo embala meus pensamentos destrutivos enquanto a noite segue seu curso. A porta se abre e a escuridão do corredor me diz que ela não quer que ninguém saiba que está aqui. Ayla entra e fecha a porta devagar, eu deveria mandá-la de volta para o seu quarto, deveria pedir para que ela se afastasse de mim. Não sou mais o garoto sonhador que ela conheceu na sua infância, eu deveria dizer a ela todas as coisas sujas que já fiz, todas as coisas imundas que meus ouvidos já ouviram, eu deveria contar a ela onde minha boca já tocou, quem sabe assim ela não sentiria repulsa e me deixaria em paz, quem sabe talvez assim eu consiga protegê-la do monstro sou.

Quem sabe assim, eu não a machuque.

— Eu sei que você está chateado — ela começa a falar e sua voz gentil aumenta a raiva dentro de mim.

— Não, você não sabe — digo ainda deitado, com meus olhos ainda fixos no teto.

— Sei sim, você se acha indigno de conseguir algo. — Ela continua como se fosse a porra de uma psicóloga ou alguma merda do gênero.

Estou irritado com ela, comigo, com o que sinto por ela. O único sentimento que não consegue ficar abafado, amortecido em meu peito, e que me faz sentir um medo terrível de fracassar.

É isso, eu estou com medo, apavorado, desesperado só em pensar em fracassar.

— Ayla, vá embora — peço sentindo a pele sensível do meu pulso queimar com a força que aplico nele.

— Converse comigo, Thales. — Ela ignora meu pedido.

— Vá embora — repito agora de olhos fechados.

— Eu não entendo, você parecia tão feliz lá no restaurante e de repente... — ouço-a respirar fundo como se precisasse se conter para não desabar.

— Vá embora daqui, Ayla. — Pressiono meus dedos em meus olhos tentando não fazer nada que eu vá me arrepender depois.

— Eu só... eu só achei que poderia...

Não sei como me levanto da cama, nem como vou até ela. A próxima coisa que sinto é o meu corpo colado no seu, pressionando-a contra a porta, sufocando-a com a minha presença. Ayla ergue o queixo para olhar para mim, suas mãos pequenas espalmadas em meu peito nu, as unhas machucando a minha pele, pressiono mais o peito contra elas, aceitando a dor suave de sua ira.

— Eu mandei você ir embora — rosno baixo encarando seu rosto na penumbra do quarto.

— Não faço o que você manda. — Ela me enfrenta e seu atrevimento acende algo dentro de mim.

— Deveria.

— Ou o quê? — ela continua, firme e corajosa.

— Ou você vai ver algo que não quer.

— Você está me ameaçando, Thales?

Dou um passo para trás porque, na verdade, não sou esse tipo de monstro, eu não me alimento do medo das pessoas que eu amo e eu amo essa garota atrevida e corajosa, que me empurra mantendo suas unhas em minha pele.

— Você está magoado, Thales, eu entendo, mas não faça isso.

— Você não entende — digo ainda olhando em seus olhos. — Eu estou te protegendo.

— Não precisa me proteger de você, eu sei que não vai me machucar.

— Eu vou — admito abaixando a cabeça e me sentindo derrotado. — Eu quero.

— Não, você não quer, você só está com raiva.

— Sim, eu estou. — Apoio a cabeça na parede ao lado do seu rosto e seus lábios se aproximam do meu ombro. — Eu estou cheio de raiva, tanta que não suporto mais carregar tudo isso dentro de mim.

A verdade é que, às vezes, a raiva é tudo o que me mantém em pé, é o sentimento mais forte que tenho. Ele enche minhas veias de energia, faz meu coração bater forte, me faz sentir que ainda estou vivo.

— Tudo bem sentir raiva — ela me consola e isso não ajuda em nada.

— Eu só queria provar para ela que eu venci. — Quando as palavras saltam da minha boca, nada fica mais fácil, ao contrário, me sinto mais idiota, fraco e patético.

— Você já está provando, você está aqui.

— Ela nunca veio me ver — admito. Uma realidade que me machuca, mesmo que todos os dias eu tente dizer para mim que isso não importa.

— Eu sei...

Sinto o toque suave das suas mãos em meu peito, seus dedos acariciam o hematoma que ela mesmo me deixou agora há pouco. Fecho meus olhos me concentrando na sensação agriçoce de ser tocado por ela e odiar ser tocado, mesmo que seja por ela.

— Converse comigo, me fale tudo o que está sentindo.

— Não posso — admito movendo a cabeça de um lado para o outro. — Eu não posso.

— Por quê?

— Você não me suportaria se soubesse.

— Tente — diz com os lábios colados em meu ombro, a ponta da sua língua resvalando em minha pele em chamuscas pelos motivos errados. — Não sou tão ingênua como você pensa, eu sei o que você quer.

Afasto-me e encontro seu rosto bonito, seus olhos atentos e seus lábios desejáveis.

— Não, Ayla, você não sabe. — Eu me surpreendo com o quanto minha voz sai suave.

— Sinto falta de você — admito em um rompante de sinceridade, que me comove, e ergo uma mão para segurar seu rosto.

— Eu também.

— Sinto falta de te beijar, de te abraçar como antes.

— Nada é como antes, Ayla.

— Eu sei — ela sussurra. — Mas eu gostaria de fingir que ainda é.

— Ayla.

— Por favor.

Fecho os olhos, incapaz de pensar enquanto ela me pede que a beije como se ainda fôssemos apenas dois adolescentes apaixonados, cheios de hormônios e desejos, mas sou muito mais do que isso. Embora eu saiba que não devo, não consigo conter a força que me aproxima dela. Que me faz tocar a sua cintura por cima do tecido macio da sua camisola; que me faz

ficar ciente dos seus seios pressionando meu peito, quando ela envolve minhas costas com suas mãos e me puxa para junto de si; do calor do seu hálito quando suplica mais uma vez.

Quando meus lábios tocam os seus, sinto o sabor de algo limpo, puro, correto. Sinto o sabor de algo que, mesmo sem saber, temi ter perdido. Sinto o sabor do que deveríamos ser desde sempre.

Seus braços envolvem meu pescoço puxando-me para mais perto, minha mão enrosca no tecido fino da sua camisola, subindo delicadamente até chegar a lateral do seu peito, sentindo o seu pulmão se encher e esvaziar enquanto ela me beija uma e outra vez. A ponta dos meus dedos percorre seu externo e ela suspira com meu toque, repito o gesto sentindo uma onda de desejo me atingir quando ela volta a suspirar. Quero despi-la, ver seu corpo nu, quero tocá-la mais intimamente, quero fazer com ela coisas que eu não deveria pensar depois de tudo o que aconteceu.

Ayla beija meu queixo, a lateral do meu pescoço, os sons dos meus gemidos se misturam com o som dos seus beijos. Meus dedos continuam desbravando seu corpo, seguindo pelo monte do seu seio, sentindo seu corpo estremecer quando chego ao seu mamilo e o meu próprio corpo parece prestes a se partir ao meio. Estou duro como nunca estive antes e a necessidade de estar perto dela chega a ser dolorosa.

Ayla geme, meu cérebro entra em pane, não consigo pensar em mais nada racional, meu corpo está prestes a dominar minha mente, suas unhas voltam a cravar em minha pele e começo a gostar dessa dor, ela sempre me lembrará da garota pertinente que não desiste daquilo que quer. Mas, nesse momento, eu preciso ser a razão, eu preciso ser aquele que a protege, porque sei que, embora estar com ela seja tudo o que eu desejo, ainda não estou pronto para isso, mesmo que nossos corpos estejam nos provando que sim, eu sei que não posso. Minha mente está fodida demais e não sei se sou capaz de separar passado e presente.

Então, eu faço a coisa mais difícil que já fiz na minha vida.

Eu me afasto dela.

— Acho melhor você ir para o seu quarto — digo, com a voz ofegante de quem está dando tudo de si para não fazer algo que vai se arrepender para sempre.

Ayla ergue os olhos e, por um instante, posso ver a dor neles. Ela também respira com dificuldade e desvia o rosto antes de concordar.

— Acho que você tem razão.

Dou mais um passo para trás, a luz do abajur torna possível ver as curvas do seu corpo através da camisola. Ela olha para o meu short e não me cubro, eu quero que ela veja que não se trata de não desejá-la. Seus olhos permanecem por um bom tempo olhando para minha ereção, quando ela ergue os olhos, eles estão marejados.

— Eu achei que poderia ser.

— Não, hoje não.

— Por quê? — Sua voz soa magoada e tão triste que eu fecho meus punhos para me manter no lugar e não correr até ela e beijá-la até que nunca mais tenha nenhuma dúvida sobre o que sinto.

— Porque hoje não sou o garoto que você merece, Ayla.

Ela volta a olhar para mim, para o meu rosto, meu peito, minha ereção visível no short pequeno, minhas pernas nuas e meus pés descalços. Em seguida volta a olhar para os meus olhos.

— Estranho, porque você ainda me parece o mesmo de antes.

— Isso é porque eu não passo de uma boa mentira que, de tanto contar, fiz com que todos acreditassem que era verdade.

Ela pisca e as lágrimas começam a rolar em seu rosto escuro e bonito. Desvio o olhar porque é doloroso demais ver que eu a machuquei assim quando está tão pronta para ser minha. Dou as costas para ela e apoio-me na cômoda apertando com força a madeira frágil da peça. Abaixo minha cabeça e fecho meus olhos enquanto digo a mim mesmo que estou fazendo o que é certo.

Ouço-a fungar, depois ouço-a abrir a porta bem devagar, ouço-a fechá-la e, quando tenho certeza de que estou sozinho, faço uma promessa para mim mesmo.

Eu vou vencer, vou fazê-la minha mulher, eu farei amor com ela e, quando acabarmos, eu me sentirei orgulhoso do homem que sou e ela olhará para mim sabendo que fez a escolha certa.

48

Ayla



Os dias passam mais rápido do que eu gostaria, as tardes de estudo se tornam silenciosas, não há reclamações sobre cansaço, eu peço, ele faz e acabou. As noites são terrivelmente solitárias, há dias que não consigo ler um livro sequer, tudo parece sem graça, os romances simples e os sentimentos rasos, nada parece sequer próximo da dor que sinto por ter sido rejeitada por Thales daquela forma.

Hoje sei que não deveria ter feito aquilo, mas, naquela noite, eu estava certa de que, talvez, se nós dois pudéssemos dar aquele passo, algo tão forte como aquilo poderia fazê-lo notar o quanto é importante para mim, mas tudo que planejei deu errado e agora mal nos olhamos nos olhos quando nos esbarramos pela pequena casa da minha avó.

— Saudades do vô? — minha avó pergunta quando me vê sentada no canto do sofá com o porta-retratos do casamento dela em meu colo.

— Gosto dessa foto — respondo sem tirar os olhos do rapaz alto e forte que mantém a mão na cintura da jovem negra de cabelos bem modelados e um sorriso de fazer inveja a qualquer modelo internacional.

— Eu também, saudades dessa cinturinha — brinca enquanto admira o dia mais especial da sua vida.

— Vó, a senhora já se arrependeu alguma vez de ter escolhido se casar com o vovô?

Ela olha para a foto por mais alguns instantes, sem notar, retira da minha mão e acaricia o rosto do seu marido. Meu peito se aperta de saudades

do jeito brincalhão dele. Não tenho muitas lembranças, mas a mais forte de todas com certeza é a sua risada.

— Sabe, Ayla, na nossa época, um jovem bonito como seu avô, branco — ela acrescenta —, se apaixonar por uma negra era praticamente uma sentença de morte para a sociedade. Ninguém se importava muito em disfarçar, olhavam para nós como se fôssemos leprosos. Quando ele segurava minha mão ou beijava meu rosto em público era um choque. — Ela passa seus dedos em sua bochecha e sorri, o mesmo sorriso lindo da garota vestida de branco na foto. — Mesmo assim, ele não deixava de me beijar sempre que podia, nunca andou na rua sem segurar a minha mão e, mesmo que as pessoas olhassem para nós de cara feia, ele sempre tinha um sorriso bondoso para todos.

— Igual o papai — digo percebendo a semelhança.

— Igualzinho. — Ela baixa o olhar para a foto e respira fundo. — Foram cinquenta e oito anos muito bonitos, muito difíceis e muito amados. Havia dias em que eu queria matá-lo e tenho certeza de que ele, às vezes, também queria me jogar pela janela. Brigamos, nos magoamos, nos amamos, lutamos contra uma sociedade que tinha certeza de que nosso casamento não daria certo por causa da nossa diferença de cor.

“Onde eu não era aceita, ele não ia. Éramos um só, vimos muitos casais que eram considerados certos se separarem enquanto nós nos mantínhamos firmes. Criamos nossos meninos, os mandamos para a escola, os incentivamos a ser o melhor não porque eram negros, mas porque eram nossos tesouros.”

Ele respirou fundo e continuou:

— Sabe qual a coisa mais linda que seu avô fez por mim? — pergunta e nego com a cabeça. — Foi ensinar aos nossos meninos a ter orgulho da sua cor, de ser quem são e de nunca abaixar a cabeça para ninguém. Ele segurava as mãos dos meninos sobre a dele e dizia o quanto os amava. — Ela para de falar como se estivesse vendo o filme da sua vida passar pela sua frente. — Tivemos o prazer de ver nossos netos nascerem, cumprimos o que juramos no altar, e todas as noites antes de dormir eu digo boa noite para ele, porque, embora tenha sido difícil, eu sei que só cheguei até esse momento, porque tive ele ao meu lado.

Sinto uma lágrima escorrendo por meus olhos enquanto ouço suas palavras. Meu coração já apertado parece prestes a parar de bater enquanto pergunto a ela:

— Como a senhora soube que seria o vovô?

— Filha, o amor é como um jogo de loteria. Não tem como saber, apenas se joga e cruza os dedos para que dê certo.

— Mas e se eu não estiver certa sobre isso?

— Então passará a vida inteira pensando no jogo que não fez e em todas as coisas que mudariam na sua vida se você tivesse tido coragem de fazer.

Olho pela janela. Thales está batendo bola com os gêmeos, o sol bate em sua pele iluminada pelo suor que brilha em seus ombros; o sorriso grande estampa seu rosto enquanto ele dá um drible, que derruba Guilherme.

— Ele vai embora em algumas semanas, acho que é melhor deixar para lá. — Olho para as pulseiras em seus pulsos e me recordo da noite em que as coloquei ali.

— Se ele for realmente seu, ele voltará, filha. Jogue, não tenha medo. Um dia você se arrependerá de ter sido covarde.

Minha avó afaga meus cachos e beija minha bochecha antes de sair indo até o quintal e chamando os meninos para um lanche. Os gêmeos param imediatamente correndo atrás dela para a cozinha. Observo minha avó com os meninos e imagino papai e tio Alberto, pequenos e hostilizados por serem negros e filhos de um casal que a sociedade hipócrita definia como errada e, mesmo assim, nunca vi nenhum dos dois se sentirem inferiores a ninguém. Talvez seja porque o amor que eles tinham em casa era forte o suficiente para que nunca duvidassem do que são.

Meus olhos voltam para Thales e o pego me observando, seus lábios, agora livres do sorriso, estão entreabertos e me recordo da sensação de tê-los sobre os meus, duros, fortes e exigentes. Meu corpo estremece e meu coração se agita no peito quando lembro de suas mãos em mim. Baixo o olhar porque me sinto exposta, mas ele continua me olhando como se estivesse pedindo que eu vá até ele.

Mas sou teimosa o suficiente para fazer exatamente o caminho contrário, vou até o meu quarto e fecho a porta. Caminho de um lado para o outro sentindo meu coração bater com força, como se ele fosse capaz de falar, de me pedir para que eu vá lá atrás dele. Ouvir a história de amor da vovó mexeu comigo de um jeito perigoso.

Deito-me na cama e cubro minha cabeça com o travesseiro. Estou frustrada, magoada, irritada, e conversar com a minha avó não ajudou muito

as coisas. Tenho medo de estar exagerando meus sentimentos, temo que o meu medo tire o brilho do que realmente sinto por Thales.

Ainda estou abraçada ao meu travesseiro quando ouço a porta se abrir, espio por baixo dele e vejo Thales apoiado na porta, o boné virado para trás e uma regata cobrindo seu peito. Ele mexe nas pulseiras, em uma nova mania, enquanto olha para mim.

— Eu queria falar com você, Ayla — começa, mas não me movo. Continuo com o travesseiro cobrindo meu rosto e me permitindo observá-lo escondido. — Eu sei que as coisas estão um pouco esquisitas e não sei como arrumar isso. — Sua voz parece um pouco áspera, como se falar fosse uma tarefa difícil demais. — Mas queria que você soubesse que eu sinto muito por ter te magoado, eu não queria fazer isso com a gente.

Não me movo, não digo nada, apenas continuo olhando para ele e esperando que meu coração volte a bater naturalmente.

— Eu sei que você deve estar pensando que eu não gosto de você, mas a verdade é que eu gosto muito, mais do que imaginei que seria possível. — Thales puxa a aba do boné para a frente e abaixa a cabeça escondendo seus olhos de mim. — Na verdade, eu acho que te amo.

As últimas três palavras saem sussurradas, tão baixinho que eu não tenho certeza se ouvi direito, meu coração agora bate com tanta força, que não consigo ouvir mais nada além dele.

— Ayla, por favor, quer tirar esse travesseiro da sua cabeça? Eu estou te vendo daqui.

Abaixo o travesseiro devagar enquanto me sento cruzando as pernas e o agarrando junto ao meu peito.

— Diz alguma coisa.

— Você vai embora. — Ele balança a cabeça, concordando. — E tudo o que você me disse agora vai ficar repassando na minha cabeça como um dos discos antigos riscados do tio Alberto e não vou saber se é verdade ou se eu sonhei com isso.

— É verdade, Ayla. — Sua voz é firme quando diz dessa vez.

— Então por que... — não consigo completar a frase, estou envergonhada e emocionada.

Thales olha para trás e posso imaginar que está pedindo permissão silenciosa a minha avó, em seguida ele entra fechando a porta devagar e se apoia nela.

— Eu não quero que você ache que eu não te queria aquela noite, porque é tudo que eu penso desde que... — ele parece nervoso e, sem que eu perceba, meus pés me levam até onde ele está.

— Eu tô com medo — admito ainda distante dele o suficiente para que ele precise esticar o braço para tocar em meus cabelos.

— Medo do quê?

— De você me esquecer, de que tudo isso que estamos vivendo seja frágil demais para suportar o que está por vir.

— E o que está por vir, Ayla?

— O mundo, Thales.

Ele balança a cabeça e um sorriso descrente estampa seu rosto.

— É por isso que você queria?

— Também. — Olho para os meus dedos tentando não sentir vergonha.

— Eu queria que você tivesse algo para se lembrar.

— Não há nada no mundo que me faça esquecer de você. — Ele desce a mão por meu rosto, meu pescoço, meu ombro. Seus dedos passeiam por minha pele até se enroscarem nos meus dedos e ele me puxar para junto de si.

— Promete? — peço como em todas as vezes.

— Eu te prometo, Ayla. — Ele deixa um beijo carinhoso em meus cabelos enquanto seus braços me envolvem em um abraço cheio de significado. — Prometo que você estará sempre comigo, todos os dias e, principalmente, todas as noites. Eu prometo que vou fazer com que você se sinta sempre ao meu lado. — Thales se afasta e segura meu rosto em suas mãos, a aba do boné protege nossos rostos, nos guardando em uma aura invisível. — Eu prometo que, se você quiser, se puder me esperar, você será a minha primeira... — ele não termina a frase. No lugar das palavras, seus dentes se fixam no seu lábio inferior e posso jurar que nunca na minha vida vi nada tão lindo como esse garoto tímido, triste e quebrado, com seu rosto salpicado de sardas, seus olhos castanhos iluminados e suas promessas feitas para mim.

— Eu vou te esperar — sussurro um segundo antes de ter a sua boca na minha. No momento em que sinto seus lábios quentes sobre os meus, eu sei que estou selando a minha promessa. Mesmo que ele não me peça para prometer, porque ele sabe, no fundo ele sempre soube que sou sua, desde sempre, e não importa quanto tempo passar, eu sempre serei.



Como é valioso o tempo que desperdiçamos com bobagens, hoje sei que não deveria ser tão orgulhosa. Não deveria ter deixado que passássemos tantos dias longe um do outro por coisas simples.

— Sua vó sabe que venho ao seu quarto todas as noites? — Thales pergunta com a cabeça deitada em minha barriga enquanto folheia um livro que não temos a menor intenção de ler.

Minha camiseta subiu um pouco e o seu cabelo faz cócegas em minha pele à medida que se mexe, minha mão esquerda está enroscada nos fios longos do topo da sua cabeça e a direita brinca com as pulseiras em seu braço.

— Não sei, às vezes eu acho que todos sabem. Por quê?

— Não quero que ela ache que eu desrespeitei a sua casa — diz com seriedade e penso em como eu adoraria que estivéssemos desrespeitando a sua casa nesse instante.

— Pode ficar tranquilo, eu contarei a ela.

— O quê? — Ele se vira para olhar para mim e reprimo um sorriso.

— Que somos virgens.

— Ah... — Ele volta a mexer no livro e um suspiro longo sai de seus lábios.

Thales pega minha mão e começa a brincar com meus dedos, quase consigo ver os pensamentos se formando em sua mente enquanto seu olhar vago passeia por nossas mãos juntas. Gosto de olhar para elas, de ver como as dele ficaram tão grandes e fortes, gosto da diferença entre nós, cresci vendo como nossas cores combinam e só hoje, depois de ouvir minha avó falar sobre seu amor, vejo isso de forma mais especial e percebo que, durante todo esse tempo, nunca olhei para outro garoto, sempre foi ele. Sempre será.

— Você acha que ela sabe?

— Que somos virgens?

— Não! — Ele sorri e noto que estamos falando de coisas diferentes. — Minha mãe — diz depois de um tempo e odeio o tom frágil e triste que sai sempre que a menciona.

— Sim, meu pai sempre a deixa a par de tudo.

— Ah...

Sinto a raiva me invadir quando noto o quanto sua mãe consegue magoá-lo. Mesmo estando a tantas quadras de distância, ela ainda tem o poder de atingi-lo, machucá-lo.

— Eu pensei... — Ele ergue os ombros como sempre faz quando sente que está acuado. — Queria me despedir dela. Sei que parece idiota da minha parte, mas...

— Ela é sua mãe — completo a frase para que ele saiba que o compreendo.

— Sim, não importa o que aconteça, ela sempre será.

Ergo-me para poder beijar seus lábios, sinto o toque suave da sua língua se unindo a minha enquanto acaricio seu rosto. Quero abraçá-lo com meu beijo. Confortá-lo, fazê-lo se sentir bem.

— Se quiser posso ir com você.

Ele se levanta do meu colo e me olha como se eu estivesse falando algo absurdo.

— Do que está falando?

— Da sua mãe. Se quiser, posso ir com você até lá.

— Você faria isso?

— Claro.

— Me sinto um idiota por me importar — admite envergonhado.

— Você não é idiota, você é um garoto bom e eu o amo muito.

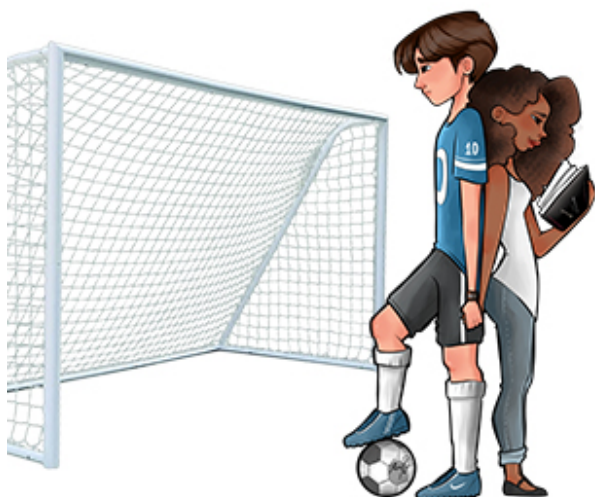
Ele me puxa pelo pescoço e beija a minha boca, do seu jeito duro que gosto. Sua língua exige espaço, sugando a minha, me fazendo amolecer em suas mãos.

— Obrigado — sussurra quando o beijo termina.

Eu reviro os olhos.

Ele sorri.

Meu coração se derrete.



49

Thales

— Ela tem alguma ordem para se manter longe de você ou algo assim?
— Ayla pergunta enquanto caminhamos em direção à minha casa.

— Ela não precisa disso, ficar longe de mim para ela é algo fácil. —
Dou uma risada, que soa mais como um gemido.

A verdade é que, para a minha mãe, sempre fui apenas um estorvo, a lembrança do seu casamento fracassado, o culpado por suas estrias e por seu peso extra aos vinte anos de idade. Durante toda a minha vida, ouvi-a falar que, por minha causa, ela nunca pôde fazer nada de bom e isso sempre foi algo que me envergonhou.

Ayla envolve meu braço no seu e deita a cabeça em meu ombro. Inclino-me para beijar sua cabeça enquanto caminhamos pelas ruas do bairro onde nascemos e crescemos. É estranho pensar em todas as vezes que meus pés pisaram nessas calçadas. Na grande maioria delas, essa garota esteve ao meu lado, talvez por isso seja tão natural para mim sentir o que sinto por ela, sempre fez parte de mim.

— O que acha de irmos tomar sorvete depois? — propõe me trazendo de volta dos meus pensamentos.

— Você quer? — pergunto e ela faz que sim com a cabeça me mostrando uma nota dobrada entre seus dedos.

— Meu pai me deu antes de sairmos.

Dou um sorriso um pouco sem graça para ela, Ayla guarda o dinheiro no bolso de trás do seu jeans e volta a deitar a cabeça em meu ombro.

— Um dia vou devolver tudo o que o seu pai faz por mim.

— Isso é uma promessa?

— É sim, uma das mais valiosas.

Ela para de andar e olha para mim. Hoje seus cabelos estão presos deixando seu rosto livre e seu sorriso bonito faz meu estômago revirar de um jeito bom.

— Eu quero que me prometa uma coisa agora. — Ayla segura minhas mãos me fazendo virar de frente para ela.

— Pode pedir.

— Não importa o que aconteça quando entrarmos na sua casa, não importa o que a sua mãe diga ou faça, não importa. Quero que me prometa que você nunca vai deixar que isso te atinja.

— Não posso te prometer isso, Ayla.

— Por favor, eu preciso saber que ir até lá não vai arruinar tudo o que fizemos até agora.

— Eu prometo que, seja lá o que for, eu vou arrumar um jeito de voltar para você, tudo bem assim?

— Isso não me tranquiliza.

— É tudo o que posso prometer agora.

Ayla respira fundo e morde o interior da boca como se estivesse tentando encontrar um modo de mudar isso, mas eu sei que não há, eu já tentei.

Fazemos o resto do caminho em silêncio, a leveza do nosso passeio se perde à medida que nos aproximamos da nossa rua. Reconheço cada casa, cada calçada e árvore que fizeram parte de toda a minha vida e toda a minha história. Hesito por um instante e nem me dou conta de que parei de caminhar até que Ayla me puxa.

— Se quiser parar por aqui, podemos ir embora. — Ela espalma a mão em meu peito tentando me acalmar.

— Eu preciso ir.

Ela se ergue na ponta do pé para depositar um beijo em minha boca, seguro-a pela nuca sustentando-a junto a mim e aprofundo o beijo um pouco mais do que o aceitável para essa hora da tarde. Vejo duas velhas fofoqueiras olhando para nós quando Ayla se afasta sorrindo e molhando os lábios e ignoro. Elas nunca me viram quando precisei de ajuda, agora a opinião delas não me importa mais.

Ayla é um pouco mais educada e cumprimenta as pessoas enquanto caminhamos. Eu mantenho meus olhos fixos na casa de número 77, tudo

continua exatamente igual, como se os últimos meses não tivesse passado de um pesadelo e eu estivesse apenas voltando para casa depois de um dia normal. Observo Ayla olhar para a sua casa quando passamos por ela e me inclino para sussurrar em seu ouvido:

— Também sinto saudades, principalmente da sua cama. — Ela se encolhe e sorri dando um tapinha brincalhão em meu braço. — Daqui a pouco vocês poderão voltar — digo e sinto meu peito apertar ao imaginá-la morando aqui novamente, tão perto de tudo.

— Não sei se quero voltar, não me sinto mais confortável aqui.

Sinto um alívio ao ouvi-la falar isso, não significa que ela estará a salvo se continuar morando na casa da sua avó, mas ao menos posso me iludir achando que estará um pouco mais segura lá.

Meu coração começa a acelerar e tento ignorar a sensação de secura na boca e suor. Assim que chegamos ao portão baixo e quebrado, as lembranças daquela noite começam a voltar. Solto a mão dela porque sinto meus pulsos pinicarem nos lugares onde me machuquei, esfrego-os agitadamente e Ayla pousa sua mão sobre a minha.

— Respira, Thales — sussurra bem baixo para que apenas eu possa ouvir.

— Estou respirando — minto e sei que ela sabe porque sua outra mão toca meu rosto acariciando-o delicadamente.

— Ele não está aí, você sabe disso.

— Eu sei, eu só...

— Thales! — Ouço uma voz me chamando e minha cabeça se vira para a figura pequena de Tatiana, que corre ao meu encontro.

No momento em que a vejo, meu medo dá lugar a saudade. Uma saudade que machuca, envergonha.

— Tati. — Ajoelho-me para abraçar a minha irmã, ela parece ter crescido, embora não faça tanto tempo assim desde a última vez que a vi. — Como você está? — Passo as mãos em seus cabelos, afastando-os do seu rosto para poder observá-la.

— Eu estou bem. — Ela volta a me abraçar e quero ter o poder de levá-la comigo, mas ainda não posso. — A mamãe me disse que você tinha ido embora. — Sua voz soa magoada e me sinto mal por não ter vindo aqui antes, acontece que eu estava tão envolvido na minha bolha particular de problemas, que não me dei conta de que ela não sabia onde eu estava. Claro que nossa mãe não contou da forma correta.

— Eu vou jogar bola, em um time de verdade — explico para ela, que sorri com a notícia.

— Você vai aparecer na televisão?

— Um dia, com certeza.

— Que legal, Thales, você me leva pra ver você jogar?

— Claro, te levarei onde você quiser.

— Promete? — Ela me estende o dedinho exatamente como a ensinei. Eu envolvo-o com o meu e dobramos eles em sincronia.

— Prometo — respondo sorrindo e desejando, do fundo do meu coração, que eu possa dar a essa garotinha tudo aquilo que ela merece.

— Bem. O Guilherme e o Marcos vieram? — Ela olha em direção à casa de Ayla.

— Não, viemos sozinhos.

— Tatiana! — minha mãe grita um instante antes de aparecer no quintal procurando por minha irmã. Tati estremece em meus braços e um sinal de alerta começa a piscar em meu cérebro. Olho para a minha irmãzinha, analiso seus braços e suas pernas minuciosamente à procura de qualquer coisa que possa ser considerada um indício de que algo está acontecendo com ela. Como se eu não soubesse que nem sempre os ferimentos podem ser visíveis a olho nu.

— Mamãe, olha, o Thales voltou. — Ela me puxa pela mão e sinto minhas pernas fraquejarem, só não sei se é pela mera ideia de ver Tati passar pelo que passei, ou se é pela presença da minha mãe, que se mantém firme parada na porta da cozinha olhando para nós como se fôssemos estranhos.

Levanto-me obrigando minhas pernas a se manterem firmes. Tati segura meu braço, como se temesse que eu pudesse fugir caso me soltasse. Ayla espalma sua mão de forma carinhosa em minhas costas, seu polegar acaricia-me, como uma forma de dizer que está tudo bem.

— O que vocês querem aqui? — grita de onde está e tudo congela dentro de mim.

Por um instante perco a capacidade de pensar e Ayla responde por mim:

— Oi, Janaína.

— Oi — ela responde grosseiramente, mas Ayla continua sorrindo, me tocando, me encorajando.

— Thales veio ver a senhora antes de ir embora. A senhora soube que ele passou no teste, não é mesmo? — minha garota continua falando como se estivesse conversando com alguém amigável.

— Seu pai me disse — fala sem tirar os olhos de mim. — Isso vai dar dinheiro?

— Ainda não. — Envergonho-me por minha voz sair tão frágil, me sinto com a mesma idade de minha irmã e quase tão desprotegido quanto ela.

— Sabia, essa merda de futebol! — Ela balança a cabeça e junto todas as minhas forças para me concentrar na mão de Ayla em minhas costas.

— Janaína, é o começo. Ele vai subir rápido, o Thales é bom. — Ayla olha para mim e vejo todo o orgulho que sente em seus olhos.

— Bom, vocês é quem sabem. Não tenho mais nada a ver com sua vida. Se dependesse de mim, você estaria trabalhando, colocando dinheiro dentro de casa, já que agora estou sozinha.

Sinto o peso da sua acusação como um soco em meu estômago, Ayla enrijece e Tati se encolhe ao meu lado. Ela parece ainda menor mais assustada e eu tenho quase certeza de que algo está acontecendo com minha irmã.

— Tatiana, entra. Você ainda não terminou a sua obrigação. — Ela é dura enquanto exige que a minha irmã se afaste de mim. Me abaixo mais uma vez para abraçá-la.

— Você está bem?

Que idiota sou ao fazer essa pergunta. Quantas vezes eu a ouvi de Ayla, de alguma professora, de Milton, dos técnicos. E quando foi que em todas as milhares de vezes em que ela foi feita que eu disse a verdade?

— Uhum — responde olhando para a nossa mãe.

— Escute bem o que vou te falar agora. — Seguro seu rostinho nas minhas mãos e olho dentro dos seus olhos — Seja uma garota inteligente e forte, o irmão promete que vai voltar o mais rápido possível.

— De dedinho? — Ela estende o dedo novamente e somos rápidos dessa vez.

— De dedinho. — Me inclino e deixo um beijo em seus cabelos. — Eu amo você, com todo o meu coração.

— Tatiana, não me faça ir até aí! — grita e sei que está fazendo isso para me atingir.

Minha irmã corre ao seu encontro e se encolhe à espera de um cascudo quando passa por ela e entra na cozinha deixando-me com uma sensação ruim.

— Deixa eu entrar que tô com panela no fogo. — Ela olha para Ayla e para mim como se fôssemos lixos desprezíveis. — Menina, diga a seu pai

que venha falar comigo depois! — ordena e entra fechando a porta e me dando a certeza de que nada foi um sonho. Eu realmente vivi tudo aquilo, foi real.

Ainda é real.

50

Ayla



Thales permanece parado no quintal da sua casa mesmo depois que a porta se fecha. Não digo nada, nesse momento não há nada que possa ser dito, tudo que eu faço é manter minha mão em suas costas, tocando-o, fazendo-o saber que não está só.

Vejo seu peito subir e descer com a respiração pesada, vejo seu maxilar tenso, os lábios comprimidos em uma linha firme enquanto seus olhos carregados de tristeza se mantêm fixos na porta que continua fechada.

— Thales, acho melhor irmos embora — digo dez minutos depois, mas ele não se move. — Thales, vamos. — Toco seu braço e ele desvia o olhar para mim. Seus olhos me perscrutam como se eu fosse uma estranha.

E, então, ele se vira e se afasta caminhando para fora da sua casa.

— Thales, me espera. — Corro ao seu encontro, mas ele não para, sequer diminui o passo. — Thales. — Aumento a velocidade para acompanhá-lo e, quando chegamos no fim da rua, já estou ofegante. — Ei, fala comigo. — Pouso a mão em seu braço e ele me afasta de forma grosseira.

Paro de andar e o vejo caminhar para longe de mim, não sei o que fazer, estou preocupada com a sua reação ao ver Tatiana. Sei o que ele está pensando e, pior, eu também estou preocupada com ela.

— Thales, vamos conversar! — grito enquanto tento alcançá-lo novamente. — Você me prometeu que não faria isso.

— Eu não prometi nada.

— Thales, me espera!

— Me deixa em paz, Ayla — fala sem parar de andar e, quando atravessa a rua virando à direita, sei exatamente para onde está indo.

Lembro-me do acordo que fiz com meu pai no dia em que me explicou a situação do Thales: *“Se ele estiver alterado, não fique perto, não tente ajudar, me chame, não importa o quanto ele esteja em perigo, não se aproxime”*.

Naquele dia achei que meu pai estava exagerando um pouquinho, mas agora, enquanto sigo atrás do Thales, sei exatamente o que ele queria dizer.

“Thales é como uma bomba, ele não está conseguindo lidar com tudo o que está acontecendo com ele e, quando ele estourar, eu não quero que você esteja perto para se machucar, sua segurança é minha prioridade.”

Abraço-me enquanto caminho com passos firmes em direção ao nosso lugar. Sei que deveria parar em algum orelhão e ligar para o meu pai, mas, se eu fizer isso, Thales vai ficar arrasado, ele vai achar que não confio nele e eu confio. Eu sei que ele não vai me machucar, eu entendo o meu pai, ele está preocupado com minha segurança, mas não conhece o Thales como eu.

Um garoto conhecido passa por mim e acena, ele olha na direção de Thales e a forma como reage me faz perceber que fofocas são mais poderosas do que eu poderia imaginar, ele segue seu caminho ignorando Thales como se não o conhecesse, fico aliviada por ele não ter se dado conta disso ainda, a verdade é que, desde que tudo aconteceu, ele mal sai de casa e agora eu o compreendo.

Para uma pessoa machucada, um olhar é o suficiente para quebrá-la.

Thales pula com facilidade o muro da casa abandonada, dou a volta desviando de alguns sacos de lixo e entulho que começam a se acumular na entrada abandonada, encontro Thales apoiado no lado de dentro, a cabeça baixa, as mãos espalmadas na parede áspera, seu corpo se move com força à medida que tenta se acalmar. É como ver um animal enjaulado, lutando contra a sua natureza.

— Thales, conversa comigo — digo o mais calma possível.

— Não tenho nada pra falar — resmunga, mas não se mexe.

— Não guarda pra você, divide comigo, eu estou aqui.

— Vai embora, Ayla, eu não quero falar com você — exige, mas não dou a mínima.

— Tudo bem. Se não quer falar, eu aceito, mas não vou a lugar algum sem você.

Ele ergue os ombros, mas não se vira para olhar para mim. Sento-me em um monte de tijolos e tento pensar em alguma coisa que eu possa fazer para ajudá-lo a sair do transe, mas não tenho experiência nenhuma com garotos e o máximo que já precisei lidar foi com os gêmeos e com eles é fácil, nada que um chocolate não resolva.

— Por quê? — pergunta algum tempo depois. — Eu só queria saber o motivo. Por que, porra?! — grita e esmurra a parede. — Droga, a Tati não! Porra, a Tati não! Maldita, por quê? — Continua esmurrando a parede e aperto minhas mãos em torno dos meus lábios enquanto o ouço chorar, gritar e xingar. — Eu tô de saco cheio disso.

Ele pega um tijolo e arremessa no outro lado do terreno, o impacto na parede faz com que se estilhace como vidro, em pedaços espalhados por todos os lados.

Thales arremessa mais quatro tijolos, sem se importar com o que diz.

— Maldito! Ele destruiu a minha vida, ela deixou que ele acabasse comigo e agora ela vai destruir a Tatiana e não posso fazer porra nenhuma... — Thales enfia seus dedos machucados em seus cabelos os puxando com força. — Eu cumpri minha promessa, eu fiz tudo o que ele me pediu, eu permiti que me destruísse, eu me calei e aceitei tudo. Era para ser apenas eu. — Dá mais um murro, dessa vez posso ouvir o barulho dos seus ossos se chocando com o concreto. — Desgraçada, eu a odeio, odeio essa mulher, eu odeio que ela tenha sido sempre tão permissiva, sempre se achando a coitada e culpando a todos por suas desgraças!

Thales continua falando, sem se importar que eu esteja ouvindo e, embora seja doloroso vê-lo se machucar dessa forma, eu sei que o que está dentro dele o está matando aos pouquinhos, então apenas permito que ele continue e o assisto em silêncio enquanto luta com seus fantasmas.

— Vai embora daqui, Ayla, vai embora dessa podridão antes que seja tarde demais para você também. — Ele se senta no chão erguendo os joelhos e enfiando as mãos sujas nos cabelos. — Sai de perto de mim, esquece que eu existo, segue sua vida. Eu vou destruir você — fala, mas seus olhos não se encontram com os meus.

Levanto-me ignorando os tremores em minhas pernas e me aproximo lentamente dele, como quem se aproxima de um bicho selvagem.

— Não posso ir, Thales. — Chego um pouco mais perto. — Eu te amo. — Estendo a mão envolvendo a sua. — Não posso. — Apoio meu rosto no

dele e posso sentir a vibração da sua raiva, ele treme enquanto tenta respirar. — Aceita isso.

— Não, não, não, não... — Balança a cabeça e passo meu outro braço em seu pescoço permitindo que apoie sua cabeça em meu ombro. — Eu não pude proteger a Tati, eu falhei com ela.

— Não, você não falhou. Você é só um garoto, Thales.

— Não, eu falhei, eu fracassei. De nada adiantou, não fui o suficiente para eles. Tudo o que fiz... — sussurra, com seus lábios úmidos em minha pele. — Tudo o que suportei... foi em vão. — Ele desaba sobre mim, dividindo sua dor e sua angústia em minhas mãos frágeis e assustadas e é no meu ombro que descansa enquanto chora uma dor que eu não conheço.



Ainda estou tremendo quando me sento ao lado de Thales na velha casa abandonada onde nos beijamos pela primeira vez. Uma sensação triste me invade quando me recordo daquele dia, as palavras duras que ele disse, a forma como implorou para que eu o deixasse, quando, na verdade, estava pedindo ajuda.

Se eu soubesse o que estava prestes a acontecer...

Thales não fala mais, apenas olha para o nada, com as pernas abertas, os braços apoiados nelas enquanto seu olhar vazio de emoções encara o outro lado de uma parede em ruínas. Observo seus dedos ralados, a carne exposta violentamente enquanto ele extravasava sua dor. Não há mais nada a ser dito.

Apoio minha cabeça em seu ombro tentando pensar em algo que possa fazer com que se sinta melhor, mas tudo o que consigo pensar é na forma como ele se partiu na minha frente quando sua mãe fechou a porta na sua cara. Tudo o que ele queria era a aprovação dela, um desejo de boa sorte, quem sabe um sorriso, qualquer migalha que desse seria o suficiente para ele.

Mas ela não tinha nada a oferecer.

— Ainda me lembro da primeira promessa que fiz, ou a primeira que me lembro. — Sua voz rouca de tanto gritar chama minha atenção e me afasto para olhar para ele. — Eu devia ter uns seis anos eu acho, tinha

acabado de chegar em casa depois de uma pelada com os meninos, ela havia limpado o chão e eu sujei.

Thales abaixa a cabeça e puxa uma pele solta da falange, seu rosto se contrai.

— Apanhei com o cabo da vassoura enquanto ela dizia que eu era a desgraça da vida dela. — Um sorriso triste passa por seus lábios bonitos e minha garganta se fecha com a imagem do meu amigo tão vulnerável. Essa foi a época em que nos conhecemos, eu não fazia ideia de que o menino magricelo, que parecia ter rodinhas nos pés, passava por algo assim em sua casa.

Deixo um beijo em seu ombro e passo minha mão em sua nuca massageando a base da sua coluna tentando ajudá-lo a relaxar.

— Mas embora eu saiba que aquela surra doeu pra cacete, o que eu me lembro daquele dia não foi a dor, mas a forma como ela chorava e dizia que, se não fosse por mim, sua vida seria diferente.

— A culpa não é sua — digo, mas acho que ele não me ouve porque continua com aquele sorriso que detesto.

— Naquele dia ela me fez limpar a casa toda, eu era pequeno e não fazia a menor ideia de como limpar uma casa. Quando terminei ela me bateu de novo e disse que estava tudo uma merda. Eu limpei a casa mais três vezes até que ela achasse que estava aceitável. Fui dormir chorando porque eu me senti um merda. Você tem ideia do que é para um garotinho de seis anos se sentir um merda?

Ele me olha esperando que eu possa responder, seus olhos estão inchados por conta das lágrimas que ainda derrama e tudo o que faço é negar com a cabeça porque não sei o que dizer.

— Prometi que um dia eu seria alguém, eu provaria a ela que valeu a pena não desistir de mim e esse foi meu objetivo. Eu sempre soube que era bom com a bola, sempre foi a única coisa que me manteve concentrado por mais de dez minutos e fiz disso meu objetivo de vida. Até que a Tatiana nasceu e eu me vi querendo protegê-la, eu me perguntava por que Deus deixou algo tão pequeno e tão bonito entrar naquela casa, onde só havia ódio e dor. Hoje, quando eu vi seus olhos assustados, foi como voltar no tempo e ver aquele menino de seis anos, que só queria agradar a mãe.

Ele espalma as duas mãos na cabeça segurando-a enquanto lamenta:

— Era para ser em mim, Ayla, nunca nela, nunca. Eu não deveria ter saído de casa.

— Thales. — Me coloco entre suas pernas erguendo o seu rosto e o obrigando a olhar para mim. — Você não entende, estando lá você não poderia fazer nada além de continuar sendo agredido. — Seus olhos cansados me observam falar e desejo que ele possa compreender o que digo. — Agora você tem a chance de vencer e, um dia, poder dar a Tati tudo o que ela merece, inclusive um lar melhor.

— E se ele voltar?

— Ele não vai voltar, ele sabe que não pode.

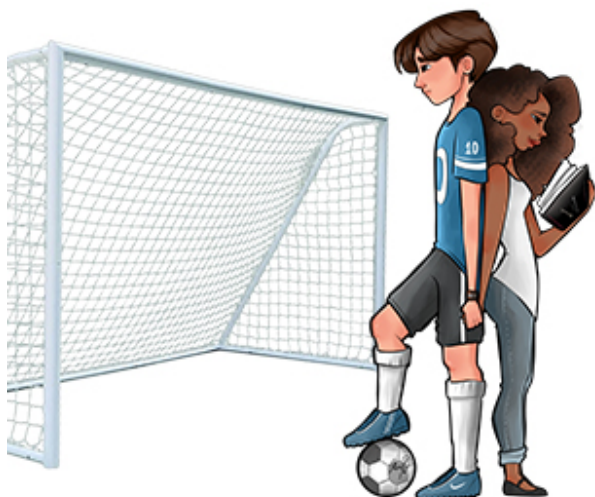
— E se eu não for rápido o bastante? Se eles destruírem a Tati como fizeram comigo?

— Não há como prever isso, Thales, e isso é mais um motivo para que você dê o seu melhor e seja o maior jogador que essa merda desse mundo já viu.

Envolvo meus braços em torno do seu pescoço e inclino meu rosto até estar com a minha testa apoiada na dele, Thales suspira e fecha os olhos e posso sentir a raiva deixando seu corpo como um manto de névoa que evapora suavemente.

— Eu serei, Ayla. Eu prometo que serei o maior de todos.

— Eu acredito em você — digo e então o beijo.



51

Thales

Não existe uma idade certa para saber quando seu destino é traçado, não é como nos rótulos de bebidas ou filmes eróticos onde um círculo vermelho em torno de um número finge proteger uma criança de ter contato com aquilo, não há ninguém na vida real que possa nos avisar com a porra de um alerta: “Cuidado, amanhã seu destino começará a foder a sua vida e não vai ser nada bonito”.

Eu tentei, com tudo de mim, com meu corpo e minha alma, impedir que o destino batesse na minha porta e me fodesse mais do que um garoto de dezesseis anos deveria ser capaz de suportar, mas não consegui; e como brinde, ao me permitir acreditar que eu poderia ter um recomeço, fodi com a vida da minha irmã também.

Merda de destino, merda de vida!

A mão de Ayla esbarra na minha e me retraio quando sinto o machucado em meus dedos esfolados, ela baixa o olhar e abre a boca prestes a dizer algo, mas desiste e se afasta um pouco e agradeço. Ayla me conhece bem, há tanto tempo que sabe exatamente o momento que eu não estou bom para falar.

Estamos voltando para sua casa, fizemos o caminho mais longo e já faz quase uma hora que estamos caminhando no mais completo silêncio, a sensação de derrota é como uma pedra em meu estômago, pesa, dói e, acima de tudo, me lembra a cada batida do meu coração que fracassei.

Já vivi tantas coisas ao lado dela que não deveria estar com vergonha, mas estou. Talvez o fato de estarmos crescendo faz com que o desprezo da

minha mãe pareça mais evidente, mais doloroso, ou talvez seja porque é quase insuportável sentir a piedade em seus olhos.

Coloco minhas mãos nos bolsos ignorando a ardência em meus dedos quando resvalam no tecido da minha calça e abaixo a cabeça concentrando-me no tênis surrado que começa a apertar o meu dedão, tento me lembrar quando foi que minha mãe comprou ele, na verdade Sandro o trouxe em uma sacola de mercado, sem caixa, e tenho quase certeza de que ele já havia sido usado, mas não reclamei. Tento me lembrar quando foi a última vez que eles compraram algo para mim e a pedra em meu estômago triplica de tamanho quando, depois de alguns minutos, chego à conclusão de que não me lembro. Todas as minhas roupas, todos os meus sapatos, tudo que tenho, sempre chegou para mim em sacolas de supermercado, todas sem etiquetas, como se tivessem sido retiradas do guarda-roupa de algum moleque que já não as queria mais. Descartadas, assim como eu.

— Thales — Ayla finalmente me chama quando chegamos a rua da casa da sua avó e paro de andar para olhar para ela. — Eu quero que você saiba que eu sinto muito, muito mesmo, mas que nada do que aconteceu hoje muda o que você é para mim e para as pessoas que moram naquela casa. — Ela aponta para a casa amarela no fim da rua. — Sei que não somos a sua família de verdade, mas o que família realmente é? Não é o sangue que define isso, mas sim o sentimento.

— Você sabe que isso é bobagem, não sabe?

— Não, não é — fala com tanta convicção que me irrita.

— Se amanhã eu me apaixonar por outra garota, você acha que sua família ainda vai gostar de mim? — Me odeio assim que as palavras fogem da minha boca, mas não posso permitir que Ayla ache que eu acredito nessa baboseira de sentimentos.

Ela se retrai com a ideia de me ver com outra menina e, sinceramente, por dentro, também me sinto da mesma forma, mas mantenho meus olhos fixos nos dela enquanto aguardo a sua resposta:

— Se você não me machucar no processo, tenho certeza que sim. — Sua voz perde a firmeza de alguns instantes atrás e me sinto mal por isso.

— Tudo bobagem, você não acredita nisso.

Começo a andar de volta e Ayla se apressa para me alcançar.

— Escuta aqui. — Ela segura meu braço me impedindo de continuar caminhando e olho para a sua mão em volta das pulseiras que escondem minha vergonha. — Quando você chegou naquele hospital se esvaindo em

sangue e o médico perguntou quem poderia doar sangue a você, meu pai foi o primeiro a se levantar, enquanto sua mãe, aquela cretina que te colocou no mundo, questionava o médico, meu pai já estava arregaçando as mangas sem pestanejar. E eu... — Ela bate em seu peito cheio de mágoa. — Eu estava apavorada com a sua imagem quase morto, machucado. Mesmo assim, se fosse possível, eu também daria o meu sangue para você. Portanto, antes de falar qualquer merda sobre laços de sangue ou o que for, quero que se lembre disso.

Ela começa a caminhar deixando-me com as suas palavras batendo em mim como pequenas bofetadas. Meus pés não se movem e tudo o que eu quero é poder ir para outro lugar, mas não tenho onde ir e, no fundo, ela tem razão. Estou sendo ingrato e arrogante, ela não tem culpa da merda de mãe que eu tenho e estou descontando na última pessoa que merece minha raiva.

— Ayla! — grito quando consigo me mover. — Espere. — Apresso o passo para alcançá-la, mas ela não diminui o ritmo. — Ayla. — Seguro-a com as duas mãos parando na frente dela.

— O que você quer? — grita na minha cara.

— Me perdoe, você tem razão, você está coberta de razão, eu estou sendo um babaca.

— Sim, está. — Ela ergue o rosto para me encarar.

— Eu sei, me perdoe, eu não queria dizer essas coisas.

Ayla bufá e cruza os braços na frente do peito como sempre faz quando está brava comigo e me sinto feliz, prefiro que ela esteja brava e falando comigo do que a sua indiferença.

— Não há nada que você possa fazer para mudar quem eles são, mas você tem em suas mãos o poder de mudar quem você é. — Ayla aponta o indicador em meu peito e a região onde ela me toca parece queimar. — Faça com que tudo valha a pena.

Movo a cabeça freneticamente enquanto concordo com o que ela diz, Ayla tem razão e estou sendo estúpido ao descontar em sua família meus problemas. Se não fosse por Milton, eu não sei o que seria de mim hoje. Merda, se não fosse por ele eu sequer estaria vivo. Seus ombros despencam demonstrando o quanto ela está exausta emocionalmente e um medo se instala em meus ossos. Sem pensar a puxo para os meus braços e a beijo, a princípio ela não retribui, apenas permite que minha língua entre em sua boca de forma desesperada, implorando para que não desista de mim, mas quando sinto suas mãos pequenas a minha volta, tenho a sensação de que ela

tem o poder de afastar de mim todas as dores e medos do mundo e, mesmo que eu saiba que é apenas uma utopia, nesse momento, enquanto ela me abraça, eu finjo que está tudo bem.

— Eu odeio quando você faz isso — sussurra sem olhar em meus olhos.

— Eu sei, me desculpa.

— Vamos, estou faminta e você ainda me deve um sorvete. — Ayla se afasta estendendo a mão para mim e mesmo que ela ainda esteja brava comigo, ao segurar a sua mão, me sinto melhor.

— Eu prometo que um dia te levarei para tomar o melhor sorvete do mundo.

— E como saberei se esse é realmente o melhor? — Olha para mim de forma desafiadora, com nossas mãos balançando unidas entre nossos corpos enquanto caminhamos pela rua.

— A gente vai experimentar todos antes.

— Todos? — Ayla ri e a pedra em meu estômago começa a diminuir ao ver seu sorriso.

— Quase todos, os mais famosos pelo menos.

— Tenho certeza de que nenhum é mais gostoso que o do bar da Zilda.

— Então eu te levarei no bar da Zilda e te comprarei todos os sorvetes que você suportar tomar.

— Olha que eu vou cobrar.

— Estou contando com isso. — Abro o portão e espero até que ela entre na minha frente. Ao passar por mim, ela se estica na ponta do pé e deixa um beijo em minha bochecha que me faz sorrir igual um bobo.

Entramos na casa da sua avó ainda falando sobre sorvetes e promessas, estou me sentindo mais leve e, se não fosse pelos meus dedos que ardem a cada segundo, eu poderia fingir que nada do que aconteceu essa tarde foi real.

Assim que Ayla entra na sala, seu sorriso se desfaz e ela para na porta atrapalhando minha passagem. Empurro seu corpo gentilmente e entro dando de cara com a última pessoa que imaginei encontrar hoje.

Que. Maravilha.

— Duda? O que você está fazendo aqui? — Ayla pergunta de forma nem um pouco amigável.

Meu amigo ergue o rosto e olha para nós dois parados na porta, me surpreendo ao perceber o quanto senti a sua falta e como durante anos passamos horas imaginando como seria a nossa vida se nos tornássemos

jogadores profissionais. Nesse momento sinto falta da nossa felicidade simples e despretentiosa daquela época.

— Oi. — Ele se levanta secando as mãos na bermuda.

— E aí. — Ergo a mão em um aceno de longe, mas Ayla não se mexe, ela volta a cruzar os braços no peito.

— Eu vim me despedir de vocês. — Sua voz é um pouco triste ao falar e não gosto de como estamos esquisitos um com o outro.

— Parabéns, Duda — digo dando alguns passos até ele e estendendo a mão.

Por um momento me esqueço do estado em que ela está, mas assim que Duda a encara me arrependo de tê-la oferecido.

— Tá tudo bem? — pergunta e, embora seja a minha mão machucada, é para ela que ele olha.

— Tá sim — responde rapidamente.

— Fui ver minha mãe — completo sem dar a mínima se ele vai sentir pena de mim. É melhor do que ele achar que eu, de alguma forma, possa ter feito algo para Ayla.

— Porra, que merda!

— Tudo bem, já passou.

Duda coça a parte de trás da cabeça meio sem jeito e força um sorriso estranho.

— Eu fiquei sabendo, São Paulo, hein?

— Pois é.

— Bacana, é um bom clube. Na verdade, é um clube do caralho!

— É sim.

Paramos de falar e seus olhos caem na garota marrenta parada na porta.

— Ayla — ele a chama e, por alguns instantes, noto algo entre eles. Um olhar que não conheço, um diálogo silencioso que diz mais do que palavras e isso me incomoda um pouco. — Amanhã eu embarco em um ônibus e não tenho a menor ideia de quando vou voltar ou quando estaremos assim novamente, não quero ir sem me despedir de vocês e dizer que eu sinto muito. — Ele olha para mim ao dizer as últimas palavras. — Eu tentei vir antes.

— Eu sei, me desculpe, não estava em condições de falar com ninguém.

— Eu compreendo — diz de um jeito triste.

Ayla bufa e revira os olhos de forma feminina e exagerada antes de se aproximar de Duda e jogar seus braços em volta do pescoço dele e seus

braços a envolvem de um jeito que não gosto.

— Eu tenho certeza de que você vai arrebentar — ela diz ao se afastar dando um tapinha amigável no ombro dele. Duda sorri e seu rosto fica levemente corado, o que é uma surpresa já que ele quase nunca fica tímido.

— Obrigado — agradece olhando dentro dos olhos dela, por tempo demais para o meu gosto. Não quero parecer um babaca ciumento, talvez eu apenas esteja um pouco possessivo demais devido ao que aconteceu hoje à tarde, mas não consigo evitar de me sentir desconfortável com a situação.

— Trouxe um lanchinho para vocês. — A avó de Ayla aparece na sala para a minha salvação. Ayla aproveita o momento para se afastar de Duda e, imediatamente, eu seguro sua mão trazendo-a para perto de mim. Que babaca!

— Vi vocês dois chegando. — Ela pisca para mim ao notar Ayla ao meu lado e me dá um sorriso amistoso enquanto coloca a travessa em cima da mesa. — Tenho certeza de que estão famintos. — Dona Olga carrega uma travessa recheada com bolo, torta e suco.

Duda se senta no chão e avança em um pedaço generoso de torta de frango com legumes, Ayla se senta do outro lado e faz o mesmo. Sento-me entre eles e faço questão de estender a minha perna, para que ela passe por cima da dela. Não sei por que me sinto tão territorialista, mas, sinceramente, não estou nem aí para isso. Nesse momento, Ayla é tudo o que tenho de mais importante na minha vida e não me importo de parecer um idiota ciumento ao seu lado.

— Experimenta essa torta — ela fala de boca cheia e me estende o pedaço que está comendo, abocanho tudo fazendo-a rir. Duda pega o segundo pedaço sem perder tempo e começamos a brigar por comida como nos bons e velhos tempos. Mesmo que isso não faça tanto tempo assim, sinto que essa é a nossa despedida, que seja lá o que o destino tenha reservado para nós, nunca mais estaremos juntos dessa forma.

E isso me assusta pra caralho!

52

Ayla



Passamos uma tarde deliciosa juntos, comemos até passar mal, depois jogamos videogame como sempre foi. Eles jogam e eu narro daquele jeito ridículo que eles odeiam e que me faz rir até quase fazer xixi nas calças, eu nem ao menos sabia o quanto estava com saudades de tê-los ao meu lado até então, Duda e Thales estão me deixando e a sensação de perda bate forte em meu peito enquanto me dou conta de que esse tipo de coisa não vai mais acontecer, talvez nunca mais.

Eu tenho certeza de que eles serão bons jogadores e talvez o destino os levem para longe de mim, muito mais rápido do que imaginam. Imagens de Thales sendo vendido para algum clube árabe fazem os pelos do meu braço se arrepiarem, isso acontece muito e sei que, se o clube receber uma boa proposta, ele não terá como recusar e então ele será levado para longe de mim.

Preciso respirar fundo para não pirar bem no meio de uma partida de futebol. Duda grita gol exageradamente e Thales sorri daquele jeito que faz quando é provocado. Empurro a sensação de despedida para o fundo do meu peito, um lugar escondido onde guardo tudo aquilo que não posso mudar e que não sei bem como lidar.

Minha avó aparece com sua câmera fotográfica antiga e nos obriga a tirar algumas fotos, fazemos poses ridículas, mostramos a língua, nos abraçamos e eternizamos essa tarde para sempre.

Thales me mantém ao seu lado o máximo possível, seus olhos atentos sempre se encontram com os meus entre um lance e outro, vejo-o franzir o

cenho sempre que bate os dedos machucados na calça jeans e me levanto indo até o banheiro atrás de band-aid.

— O que aconteceu com a tua mão? Se meteu em uma briga sem mim?

— Duda indaga ainda com os olhos na tela da TV.

— Troquei uma ideia com a parede, não foi nada de mais — Thales responde e, quando Duda percebe que não terá mais informações do que isso, ele me olha como se esperasse que eu o dissesse o que foi.

— Ele derrubou um tijolo na mão — minto e Thales olha para mim com uma expressão confusa.

— Vocês foram na casa abandonada sem mim? — Duda olha de mim para Thales, como se estivesse visualizando algo impróprio.

— Ei, se liga no jogo e para de falar merda — Thales chama a sua atenção e o assunto termina.

Depois da partida obrigo Thales a colocar os band-aids nos dedos e voltamos ao terreno juntos enquanto Duda conta como está ansioso para o próximo semestre.

O lugar ainda é o mesmo de sempre, cinza, feio e sujo, mas que serviu para que três crianças pobres pudessem criar um mundo diferente através das suas brincadeiras. Hoje já não somos mais os mesmos e, enquanto cada um de nós deixamos nossos nomes rabiscados na parede castigada pelo abandono do nosso lugar favorito, desejo que, um dia, possamos olhar para esse dia e ver que tudo valeu a pena.

O resto da tarde passa entre lembranças de nossa infância, dos jogos no campinho de terra e de um futuro, ainda incerto para todos nós.



— Até que enfim — Thales sussurra em meu ouvido assim que Duda vai embora e dou um tapa em seu braço enquanto tento conter um sorriso.

— Não seja mal-educado, ele veio se despedir.

— Eu sei, mas precisava ficar para o jantar?

— Ele sempre ficou, Thales.

— Sempre? — pergunta coçando a parte de trás da cabeça e confirmo mordendo o lábio para não sorrir. — Não me lembro disso. — Thales olha na direção da cozinha onde minha avó, meu pai e os meninos estão jantando

e quando tem certeza de que ninguém está olhando se inclina e rouba um beijo exigente e possessivo que me faz perder o ar. — Eu estava com saudades disso. — Ele molha os lábios enquanto se afasta apoiando as costas no encosto do sofá e pegando o controle remoto para zapear os canais.

— De me beijar? — pergunto baixinho como se estivéssemos fazendo algo errado.

— Também. — Ele me puxa para o seu lado segurando-me pela cintura. — Mas eu me referia a isso. Ficar em casa, rir até a barriga doer, jogar. Ser normal. — Ele desvia o olhar da TV para me encarar e, por um instante, sei exatamente o que está falando.

— Eu também senti falta disso.

Meu pai tem a brilhante ideia de assistir uma maratona de filmes de heróis que ele vem prometendo aos gêmeos há meses, mas que até agora não tinha conseguido cumprir. No segundo filme vou tomar banho e decido que meu romance está muito mais interessante do que a disputa entre os meninos e os heróis na tevê para ver quem grita mais.

Deito-me na minha cama e abro o livro na página que parei na noite passada, mas não consigo ler nada, apenas fico repassando tudo o que aconteceu hoje e como me sinto em relação ao futuro. Algo que até esse momento me parecia tão distante que nunca me preocupei com ele.

Como vai ser quando Thales for embora? Como fica nossa relação? Será que ele vai me esquecer rápido?

Minha mente me leva de volta para o seu comentário sobre se apaixonar por outra menina e meu peito dói de um jeito ridículo ao imaginá-lo beijando outra garota, não quero pensar nisso e me obrigo a prestar atenção na história que estou gostando bastante.

Acordo com gotas de água caindo sobre meu rosto, a princípio não sei dizer de onde vem a umidade que cobre minha bochecha, mas no instante em que abro meus olhos encontro Thales pairando sobre mim, seus cabelos molhados pingando em minhas bochechas, e o meu sorriso favorito espalhado por seu rosto. Ainda consigo ouvir o som do mundo sendo destruído por algum vilão, vindo lá da sala, mas a porta do meu quarto está encostada e a luz apagada.

— O que você está fazendo aqui? — sussurro enquanto me afasto para que ele possa se deitar ao meu lado.

— Não aguento mais ver aquele bando de homens destruindo o mundo. — Ele coloca as mãos atrás da cabeça e seu cotovelo fica na linha dos meus

olhos.

— Hum... achei que você gostava de super-heróis, não é assim com todos os meninos?

Thales inclina o rosto em minha direção e seu perfil permite que eu possa admirar o castanho-esverdeado dos seus olhos e as sardas que cobrem seu nariz e bochecha.

— Gosto, mas gosto muito mais de você. E não sou mais um menino.

Não consigo evitar o sorriso que se inicia em meu estômago, invade cada cantinho do meu corpo e se instala em meus lábios.

— Isso é bom, muito bom.

Thales se vira de lado apoiando as mãos embaixo da bochecha, estamos tão perto um do outro que posso sentir o calor da sua respiração em meu rosto e o cheiro de xampu invadindo todos os cantos do meu corpo agitado. Thales se aproxima um pouco mais, com seu nariz roçando no meu, subindo e descendo, fazendo com que fique difícil manter meus olhos abertos. Seus lábios tocam os meus, bem devagar, acomodando-se sobre eles, abrindo-os lentamente, tocando-os com cautela, sua língua entra em minha boca, a ponta acaricia o interior, causando arrepios em partes do meu corpo que me deixam envergonhada, passo meu braço em sua cintura, enroscando meus dedos em sua camiseta, mantendo-me presa a algo.

— Estou com saudades e eu nem saí daqui ainda — diz com a boca colada na minha enquanto a voz rouca causa arrepios em minha pele.

— Eu também — admito com minha voz mole e sonolenta embora eu não esteja com nem um pingão de sono.

Thales passa a mão em meu rosto, seu dedo contorna a lateral, em volta da minha orelha, em meu pescoço; seus olhos acompanham o caminho que sua mão faz e tudo o que consigo fazer é manter minha respiração funcionando enquanto sinto meu corpo todo em chamas.

— Vamos dar um jeito — ele diz, com seus dedos roçando meu ombro, a curva do meu colo, a gola da camiseta. — Eu prometo que vamos dar um jeito.

Balanço a cabeça, incapaz de manter meus olhos abertos por mais tempo quando ele se coloca sobre mim, seu corpo pressionando o meu.

— Eu só quero ficar um pouco mais perto de você — justifica quando seu peito encosta no meu, dificultando a minha respiração e aquecendo o meu coração.

— Tudo bem — sussurro encarando seus olhos, sabendo que, embora eles estejam negros pela escuridão do quarto, eles são castanhos, com riscos esverdeados e que brilham no sol ou quando ele faz um gol, ou quando olha para mim, como está fazendo nesse momento.

Thales se inclina, sua boca se cola na minha e ele me beija devagar, envolvo suas costas com minhas mãos abraçando-o, acariciando seus cabelos, sua nuca. Os beijos se tornam mais afoitos, seu corpo se move sobre o meu, abro minhas pernas para que ele possa se encaixar melhor e diminuir o peso sobre mim, o quarto parece menor, mais abafado. Mesmo assim, sinto um misto de medo de sermos vistos e de ansiedade, além de um desejo de estar mais perto dele, mesmo que sua língua ainda esteja dentro da minha boca.

Thales desce uma das mãos por meu corpo pela lateral, sinto seus dedos próximos do meu seio. Sei onde isso vai dar se não pararmos agora, ele vai embora amanhã e talvez essa seja a nossa despedida.

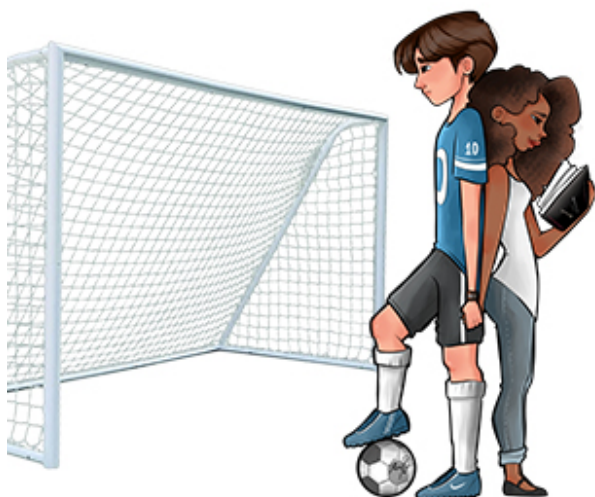
Sua mão quente e forte entra por baixo da minha camiseta enquanto sua língua brinca em meu pescoço me fazendo perder o ar. Não consigo me concentrar, pensar se torna difícil quando seus dedos tocam o tecido do meu sutiã.

— Ayla... — sussurra, fecho os olhos me concentrando no que estamos fazendo.

— Eu amo você — sussurro de volta e ele me beija novamente.

Seus toques se tornam mais confiantes, minhas mãos entram dentro de sua camiseta tocando a sua pele quente. Ele geme em meu ouvido enquanto seu quadril se move no meu. É a sensação mais deliciosa que já senti e ainda estamos completamente vestidos e sei que continuaremos assim. Esse não é o fim, não precisamos fazer nada agora, estamos nos conectando, mostrando que confiamos um no outro a ponto de permitir que algo assim aconteça.

Olho para a porta entreaberta, os *Vingadores* ainda estão salvando o mundo, enquanto o meu começa a ser demolido pelos lábios duros e firmes de um garoto, que me promete a cada segundo que nada vai mudar, embora nós dois saibamos que, a partir de amanhã, tudo será diferente.



53

Thales

Estou fazendo de tudo para não pensar, mas minha cabeça não para de contar os minutos que faltam para que eu vá embora e isso está me matando. Quando entrei no quarto de Ayla, tudo o que eu queria era ficar um pouco mais com ela, perto dela, o mais perto possível, o mais próximo que eu poderia ficar.

— Eu amo você — sussurro em seu ouvido enquanto minhas mãos afoitas exploram seu corpo, não quero que ela pense que estou me aproveitando dela, eu realmente a amo, tanto que, às vezes, me sinto tonto. Sei que prometi não dizer nada até ser um cara de verdade, mas estou apavorado com a ideia de nos separar sem ela saber o quanto é especial para mim.

Ayla me beija com mais força, suas mãos parecem estar em todos os lugares e sinto minha pele arder, baixo o bojo do seu sutiã e ela arqueia quando toco seu seio, sentindo a maciez da sua pele. Meu coração bate com tanta força, que tenho a sensação de que vou acordar com um hematoma no lugar. Ela geme baixinho e esconde o rosto na curva do meu pescoço quando meus dedos se fecham em seu mamilo, fecho os olhos quando sua língua acaricia a minha pele sensível.

Estou duro, mas, ao contrário do que imaginei, não estou apavorado, não me sinto sujo, não é errado, porque é ela. É sua mão que toca meu corpo, é sua boca que acaricia a minha pele... somos nós, é o certo.

— Thales... — geme meu nome em meu ombro.

Nossos quadris se movem um de encontro ao outro procurando por um alívio que não vamos ter, enquanto minhas mãos continuam tocando-a.

Não consigo falar, apenas me concentro no som da sua voz e na certeza de que estamos bem, que isso não é sujo, que não estamos fazendo nada errado.

Ayla crava suas unhas em minhas costas e apoia a testa com força em meu ombro, ouço sua respiração aumentar e a minha segue o mesmo caminho. Estamos em sincronia, embora não tenho tanta certeza do que estamos fazendo, fecho meus olhos e mordo meu lábio quando uma sensação forte percorre minha espinha e se instala no meio das minhas pernas. E então acontece: uma explosão de sensações me invadem, me apavoram, me dominam e, por um instante, tudo o que penso é que está tudo bem, eu estou bem, ela parece estar bem.

— Ayla... — Não reconheço minha voz quando toco seu rosto fazendo-a olhar para mim.

— Está tudo bem — diz me acalmando, com sua mão pequena em meu peito, sentindo a força do meu coração batendo por ela.

— Deus... eu... — não sei o que estou dizendo. Meu corpo parece ter sofrido uma descarga elétrica, estou sujo, mas de uma forma boa e ela parece não se importar com isso, embora esteja um pouco envergonhada.

— Está tudo bem — repete enquanto acaricia meu rosto. Arrumo seu sutiã e abaixo sua camiseta quando ouço algo que me assusta vindo lá de fora, mas ela parece alheia a tudo enquanto olha para mim, como se estivesse memorizando esse momento. Quero gravá-lo também, sei que um dia será algo bobo, mas hoje é muito mais do que imaginei.

— Isso não é o nosso fim, Ayla.

— Eu sei...

— Pare de me olhar como se fosse — peço e ela sorri, mas continua me observando como se eu fosse desaparecer a qualquer momento.

— Só estou te admirando, você está tão bonito assim. — Ela passa a ponta dos dedos em meus lábios. — Eu amo você — sussurra, bem baixinho, como um segredo que só eu posso saber.

— Eu também te amo.

Ayla se aninha ao meu lado, com a cabeça apoiada em meu peito, sua perna encostada em meu quadril, ignorando a sujeira em meu short. Nossas respirações se acalmam lentamente e me sinto sonolento de um jeito diferente, como se estivesse em paz, no braço da garota que amo.



Acordo sobressaltado, a cabeça de Ayla descansa em meu braço adormecido, sua mão espalmada em meu peito, sua perna enroscada em meu quadril, a casa está silenciosa e a porta do quarto um pouco mais aberta. Meu coração dispara quando penso em Milton nos vendo assim, droga! Eu não deveria ter fechado meus olhos.

Levanto-me devagar para não a acordar, recolho o livro do chão e o coloco na mesinha ao lado dela, puxo o edredom e cubro seu corpo lembrando da forma como se mexia junto ao meu e como me senti. Eu não sabia que poderia ser assim, que eu poderia me sentir bem com isso. Mas eu não deveria me surpreender, é Ayla e tudo dela me faz bem.

Abaixo-me, deixo um beijo em sua boca e saio devagar tentando fazer o mínimo de barulho possível, entro no meu quarto e fecho a porta ignorando o desejo de voltar para o quarto e dormir ao lado dela, sentindo o peso do seu corpo em mim, sua respiração em meu pescoço, seus cabelos pinicando minha pele. Vou sentir falta disso, sei que vou e todas as noites vou me lembrar de como ela me fez sentir especial.

Deito-me na cama acreditando que não conseguirei dormir tão cedo, mas no instante que apoio minha cabeça no travesseiro e fecho meus olhos eu apago.



Acordo com o som de vozes lá fora, preciso de um instante para me lembrar de que dia é hoje e por que estou tão ansioso. Abro os olhos lentamente enquanto penso em Ayla, um sorriso idiota se espalha em minha boca enquanto meu coração acelera. É assustador, mas estou apaixonado por essa garota, muito mais do que eu poderia imaginar.

Uma emoção estranha invade meu peito, sinto uma agitação em meu estômago com a ideia de que ela está aqui, perto de mim, só a duas portas de distância. Estico meus braços e pernas e me levanto, mas no instante que meus olhos caem na mala apoiada do outro lado do quarto meu sorriso se desfaz e a realidade me atinge.

Hoje vou embora.

Um peso se instala em meu peito enquanto penso em tudo o que me aguarda do outro lado dessa porta, jogar bola é a única certeza que tenho na minha vida, mas estou imerso em sentimentos e emoções que me puxam para longe. Olho para os meus pulsos, meus lembretes eternos de quem sou e o que sou, depois para os meus dedos envoltos em band-aid e lembro o que me trouxe até aqui.

Abaixo minha cabeça nas mãos, respiro fundo tentando manter meu foco, afasto as imagens de Ayla gemendo meu nome, ignoro meu corpo acendendo com a simples menção dela, respiro mais uma vez. Somos jovens demais, eu preciso seguir adiante, preciso ser forte e lutar pelo meu objetivo, um objetivo grande para um garoto tão ferrado como eu, mas é algo que pode me tornar um homem, alguém que um dia poderá voltar aqui e dizer a ela que valeu a pena.

Levanto-me da cama e visto a roupa que Ayla separou para mim ontem, um bilhete cai da camiseta dobrada e sorrio ao pegá-lo.

“Não dá pra fugir para outra cidade, outro lugar, outro estado. A coisa de que a pessoa está fugindo, seja ela qual for, vai junto com ela. E fica com ela até a pessoa descobrir uma maneira de confrontá-la.” – Métrica

Demoro um pouco para ler a frase inteira e um pouco mais para compreendê-la, não sei que horas ela colocou esse papel entre minhas roupas, mas sei que se refere ao que aconteceu ontem à tarde depois de ver a minha mãe. Não sei o que é *Métrica* e muito menos o problema que se refere no texto, mas tenho certeza de uma coisa: eu estarei carregando minhas merdas comigo, em uma bagagem invisível, onde só eu sou capaz de erguê-la do chão e espero que, um dia, eu possa esvaziá-la.

A porta se abre e ainda estou com uma manga da camiseta no braço e a outra no ombro, Milton olha para mim e sorri ao notar que estou lendo algo.

— Ayla e seus bilhetes. — Ele aponta para o papel e o dobro rapidamente guardando-o no bolso lateral da minha mochila.

— Bom dia — cumprimento-o ignorando o seu comentário.

— Temos que sair em meia hora, o café está na mesa.

— Sim, senhor.

Termino de me vestir e olho mais uma vez para o quarto que me abrigou no pior momento da minha vida. Odeio tudo o que essas paredes guardaram, mas sou grato a elas por terem suportado toda a dor que trouxe comigo daquele hospital.

— Está com medo, campeão? — Ayla pergunta parada ao lado do seu pai, os braços cruzados no peito e a cabeça apoiada no batente.

— Nunca tenho medo — minto e ela sorri.

— Isso aí, é assim que eu gosto.

— Obrigado pelo bilhete, o que é *Métrica*?

— Um livro que vou ler para você.

— Não me diga que é mais um daqueles romances?

— Exatamente, um daqueles romances, dos melhores. E você vai amar.

— Você sabe que o que eu verdadeiramente amo é a voz da leitora e não a história em si, né?

Ela ergue os ombros e me dá um sorriso tímido, que combina perfeitamente bem com seu rosto. Uma vontade louca de beijá-la me invade.

Os gêmeos começam a brigar e Milton sai nos deixando sozinhos. Vou até ela e a puxo para os meus braços, o lugar de onde ela nunca deveria sair.

— Será que um dia esses moleques vão parar de brigar?

— Veja só, eu me apaixonei pelo meu amigo de infância, a vida é uma caixinha de surpresas.

Sorrio com o seu comentário e me inclino para beijar sua boca, saboreando a sensação boa de sentir sua respiração se juntando a minha.

— Olha só, vamos continuar estudando. Por favor, faça os exercícios que a gente aprendeu, não tenha vergonha de perguntar duas, três ou mil vezes; e se você achar que tá muito difícil, não hesite em ligar para mim.

— Ayla. — Ergo seu queixo e a obrigo a olhar em meus olhos. — Eu estou indo embora, vou ficar meses sem te beijar e você acha realmente que a escola é o maior dos meus problemas?

Ela revira os olhos e sorrio sentindo saudades da sua forma mandona de falar comigo.

— Eu estou falando sério, engraçadinho. Mantenha o foco.

— Meu foco é você. — Beijo sua boca mais uma vez e ela me empurra.

— Não faz assim, estou tentando ser forte.

— Não consigo ser forte, Ayla, não depois de ontem.

Ela desvia o olhar para a porta como se estivéssemos sendo ouvidos.

— Eu sei, eu também, mas precisamos ser. É para o seu bem.

Abaixo minha cabeça até que minha testa esteja apoiada na dela e fecho meus olhos concentrando-me no que diz. Ela está certa, é para o meu bem, eu preciso me esforçar.

— Promete que você vai estar aqui quando eu voltar? — peço como uma criança insegura prestes a ir para a escola. Ela sorri.

— Promete que sempre vai voltar? — Ayla pergunta enquanto me beija.

— Promete que ainda vai me amar? — digo com meus lábios ainda nos seus.

— Promete que sempre vai me amar? — pergunta deitando a cabeça em meu peito.

— Esse seu pedido é desnecessário. Te amar é natural, como respirar.

— Faço uma careta termino de falar, mas o sorriso que se abre nos lábios dela faz a frase melosa valer a pena. — Viu só o que esses romances fazem comigo?

— Eu adorei. — Ela deixa um beijo rápido em minha boca.

— Thales, vamos logo — Milton me chama quebrando o clima.

Ayla se afasta me estendendo a sua mão e saímos. Fecho a porta do quarto com a certeza de que não importa o que aconteça a seguir, o garoto que está saindo desse lugar, nunca mais voltará.

54

Ayla



Passamos a viagem de duas horas em silêncio, Thales mantém minha mão em seu colo enquanto continua com sua mania de puxar as cordas das pulseiras em seu braço. Ele adicionou mais uma de borracha preta, mais elástica e cruel com sua pele e o barulho dela atingindo seu pulso me deixa nervosa.

Quando chegamos ao lugar onde ele viverá nos próximos meses há um grupo de outros garotos entrando. Há uma vaga aparência de escola nessa cena. Descemos de mãos dadas, mas ainda em silêncio.

— Meninos, eu tenho algo para vocês. Não se empolguem muito porque não é nada novo, mas acho que vai ajudar para que não se sintam tão longe um do outro. — Meu pai entrega um pacote para mim e um para o Thales. — Não é o melhor, mas o cara da autorizada me garantiu que estão funcionando bem.

Abro a embalagem ao mesmo tempo que Thales e encontramos um aparelho de celular para cada.

— Jesus Cristo! — Thales olha para mim e para o meu pai. — Eu não posso aceitar. — Ele estende o celular para o meu pai, que empurra o aparelho de volta para Thales.

— Não te ensinaram que é feio recusar presente, moleque?

— Obrigada, pai. — Jogo meus braços em seu pescoço e beijo seu rosto.

— Obrigado, Milton — Thales agradece meio sem graça.

— Eu vou ali pedir algumas informações. — Meu pai se retira e eu tenho quase certeza de que está dando um tempo para nos despedirmos.

— Seu pai é de verdade?

— Às vezes, eu também acho que não.

Thales olha para o aparelho em suas mãos e depois para mim e ambos sorrimos com nossos celulares usados, e imagino que nesse momento não há nada mais valioso que esses dois objetos.

— Vamos nos falar todas as noites — digo ignorando o aperto em meu coração.

— Acho que vai ficar mais fácil manter a minha promessa de te amar para sempre assim.

— Bobo. — Bato em seu peito e ele envolve seus braços longos em torno da minha cintura e apoia meu corpo no carro parado na minha frente.

— Eu te amo — sussurra em meu ouvido. — Não se esqueça disso.

— Essa sua frase é desnecessária, Thales — brinco repetindo o que me disse ainda em casa e ele sorri.

Acaricio seus braços passando minha mão para cima e para baixo. Não falamos mais nada, apenas ficamos abraçados, absorvendo o máximo possível um do outro.

— Eu vou te ligar todas as noites.

— Eu vou aguardar.

— Já estou com saudades — ele diz à medida que o tempo de se afastar de mim se aproxima.

— Eu não vejo a hora de ter uma camiseta com o número dez e seu nome escrito em cima.

— Eu não vejo a hora de te ver usando-a. — Ele cola seus lábios em meu ouvido e sussurra: — Apenas ela.

Minhas pernas amolecem, meu coração se desmancha e minhas bochechas esquentam tanto, que acho que vão pegar fogo. Antes que eu possa falar algo, ele beija minha boca do seu jeito duro e exigente, enrosco meus dedos em sua camiseta, puxando-o para mais perto, sem me importar se estamos em público e que meu pai possa nos ver.

— Vai lá e arrasa com todos. — Sorrio para enfatizar a minha falsa alegria e dou dois tapinhas em seu peito afastando-o. — Quero essa camiseta logo.

Thales morde o lábio enquanto se afasta de mim e preciso respirar fundo para não começar a chorar.

Não é um fim, Ayla, isso não é um fim.

— Pode deixar, eu prometo. — Thales sorri e sei que também está se esforçando para ficar bem.

Não é justo, isso é algo que sonhamos durante toda a nossa vida. Sei que esse é o momento mais feliz da sua vida. Mas por que não estamos felizes então?

— Pronto? — Meu pai chega interrompendo o nosso momento constrangedor.

— Sim, estou pronto — Thales diz segurando a alça da sua mochila com força e evitando meu olhar.

— Então vamos.

Acompanhamos ele até a porta onde um emblema grande indica que aqui é um local onde o futuro dele começa. Olho em volta observando alguns meninos, a grande maioria aparentemente da mesma idade de Thales entrando, alguns com um agasalho igual, como se estivessem chegando para uma aula; outros, assim como ele, com malas nas mãos e um olhar assustado e ansioso. Sinto seus dedos se envolvendo nos meus e não quero olhar para ele.

— Ayla — sussurra e balanço a cabeça negando. — Preciso entrar.

Ele passa o braço em minha cintura puxando-me para um abraço, cubro meu rosto com as mãos não querendo que veja que estou chorando.

— Vai ficar tudo bem — promete e, embora eu saiba que vai, não consigo evitar meu coração de doer de saudade. — Eu te ligarei todos os dias.

— Eu vou cobrar — digo ainda com o rosto escondido e a voz chorosa.

— Eu tenho certeza. — Ele sorri ao falar. — Eu te amo. — Ele beija meus cabelos e então se afasta. Continuo de olhos fechados até que não o ouço mais falar, até que meu pai toca minhas costas dizendo que precisamos ir.

Dou as costas e deixo meu pai me levar até o carro.

E não abro os olhos em nenhum momento.



Eu realmente achei que deixar Thales naquele alojamento tinha sido a coisa mais difícil da minha vida, na verdade, deixá-lo lá foi apenas o pontapé para uma sucessão de coisas difíceis que apareceram daquele dia em diante.

Deixá-lo naquele lugar imenso, longe de mim, do meu pai e de tudo que aprendemos a gostar, foi difícil, mas só quando cheguei em casa é que eu soube o verdadeiro significado de difícil.

Foi difícil ver que a porta do seu quarto ainda estava fechada e que permaneceria assim por um bom tempo. Ele não estaria mais lá para abri-lo, talvez para sempre.

Foi difícil não ter a sua presença silenciosa nas refeições, com seus braços compridos ocupando metade da mesa e me fazendo reclamar.

Foi difícil ver os gêmeos jogar videogame sem ele no meio para dizer qual o melhor posicionamento tático dos jogadores.

Foi difícil tomar banho e ver que seu xampu não estava mais na prateleira e que a camiseta suja no cesto era a última lembrança de que um dia ele morou aqui.

Mas o mais difícil de tudo foi entrar no meu quarto e relembrar tudo o que vivemos na noite passada, a forma como me senti confortável e íntima dele e como desejei que tivéssemos ido mais além.

— Não é um fim, Ayla — digo baixinho para mim mesma enquanto afasto uma lágrima boba que insiste em cair e me sento na cama puxando o travesseiro e tentando encontrar o cheiro dele.

— Não é um fim... — repito enquanto pego o livro que estava lendo para ele e abro na última página lida e uma frase chama a minha atenção.

*“Estou aqui por você. Estou aqui por sua causa. Estou aqui porque você me viu, não apenas com seus olhos, mas com o seu coração. Estou aqui porque você quis saber o que eu tinha a dizer e porque estava certa... todo mundo precisa de amigos.”*⁸

E nesse momento, enquanto fecho o livro e meus olhos, relembro do garoto tímido e triste, com seus cabelos bagunçados e sem corte, com suas roupas puídas e sua fala baixa, com seu olhar doce e determinado. O garoto que tem cheiro de sol e um sorriso capaz de derreter o Ártico. E eu tenho certeza de que não importa o rumo que nossas vidas vão tomar, o meu coração sempre terá uma parte que é eternamente dedicada a amar esse menino que só eu conheci quando o mundo ainda não fazia ideia de quem era Thales Reis.

SEGUNDO TEMPO



55

Ayla



Alguns meses depois...

— *Peraí, não entendi, então ele estava morto o tempo todo?*

— Sim! Eu não acredito! — fungo igual uma boba e Thales ri do outro lado da linha.

— *Meu Deus, Ayla, você está mesmo chorando?*

— Claro que estou, ele está morto, isso é terrível.

— *Isso não é real, não precisa chorar* — fala como se eu fosse uma criancinha e fungo mais uma vez.

— Daqui a pouco passa — justifico enquanto seco mais uma rodada de lágrimas idiotas.

— *Eu sei, queria estar aí para te abraçar* — sussurra e ouço o som das risadas ao fundo, sei o quanto é difícil para ele conseguir um tempo a sós para falar comigo.

— Eu também — sussurro de volta como se estivesse dizendo algo proibido.

Fecho meus olhos e o imagino aqui ao meu lado, rindo da minha cara por estar chorando por alguém que nem ao menos existe, depois me abraçando e mexendo em meus cabelos, imagino beijando seus lábios e me deitando ao seu lado para sentir seu cheiro e ouvir seu coração bater. É tão vivido que eu tenho a sensação de que, se eu esticar meu braço, posso tocá-lo.

— Estou com saudades — digo e minha voz sai mais chorosa do que eu gostaria que fosse, uma nova rodada de lágrimas escorrem por meu rosto enquanto encaro o teto branco e sem graça do meu quarto. Ouço sua respiração profunda e pesada e abafó meu choro com uma das mãos enquanto agarro o celular com força junto a meu ouvido, na esperança de ouvir seu coração bater.

— *Eu também* — ele diz entre uma respiração e outra e imagino que esteja tentando controlar a emoção.

— Desculpa, eu não devia... — Limpo o nariz e dou uma última fungada. — É tudo por causa desse livro.

Ele não diz nada, apenas ri baixinho. Thales tenta de todas as maneiras evitar demonstrar emoção no alojamento, ele diz que não é muito fácil se manter discreto em um lugar com mais 45 garotos e tudo o que não quer é ser o motivo de gozação deles.

— *O que você vai ler agora?* — muda de assunto, sua voz agora está muito mais firme que instantes atrás.

— Eu não sei, estava pensando em um thriller psicológico, o que acha? — Levanto-me da cama e vou até a prateleira, que começa a ficar pequena para os livros novos que chegaram no mês passado, presentes do meu pai que achou que eu estava triste demais e resolveu me presentear.

Meu pai é realmente um gênio.

— *Ayla, vai ter mortes. Você acha que está preparada para isso? Não quero te ouvir chorando a cada assassinato cometido.*

— Então acho que vou ler um romance de época.

— *Ah não, por tudo que é mais sagrado, eu não aguento mais romances de época.*

Ele choraminga baixinho e começo a rir, mesmo que meus olhos ainda estejam avermelhados por conta das lágrimas recém-derramadas.

— Tudo bem, eu vou decidir e te mando as opções depois.

— *Sem assassinatos e sem donzelas* — pede e concordo.

Volto a me deitar na cama e imagino como é o lugar onde está agora, se há mais algum outro garoto que também deixou alguém em casa e se ele sente falta da sua mãe. Mas não pergunto nada disso, evitamos ao máximo falar de coisas que o deixam vulnerável.

— Como está indo a escola? — pergunto e Thales geme me fazendo rir.

— *Eles têm um programa de aulas particulares por aqui, é como viver no inferno. Quando chego da escola, tenho mais aulas.*

— Isso é bom, vai te ajudar.

— *Eu tenho consulta marcada com alguns médicos.*

— Aconteceu alguma coisa?

— *Eles estão suspeitando que eu não seja apenas burro, o que é bom, não é?*

— Como assim? — pergunto ignorando a parte em que ele se diz burro.

— *Não sei, pra variar não entendi porra nenhuma do que o psicólogo falou, mas preciso fazer alguns exames.*

— Eu sempre disse que você não é burro, não será uma surpresa para mim.

— *Você sempre acreditou em mim* — diz como uma constatação.

— Claro, eu sou uma garota esperta, não me apaixonaria por um idiota.

— *Mesmo que esse idiota seja alguém que ganhou a camisa titular hoje?*

— Não brinca! — grito e a gargalhada que ele solta do outro lado da linha é a coisa mais gostosa de se ouvir. Gostaria de gravar e deixar no *repeat* para sempre.

— *Juro!*

Thales começa a me contar sobre como está sendo fácil para ele se adaptar à rotina de exercícios e preparação física. Todos os dias recebe elogios dos treinadores e Ronaldo, o olheiro que o colocou no time, é como um anjo da guarda, sempre ao seu lado, conversando com ele e o incentivando nos momentos difíceis.

Meia hora depois ouço alguém o chamar, são apenas nove e meia da noite, mas ele tem horários para tudo e meu peito se aperta de saudades de ouvir a sua voz.

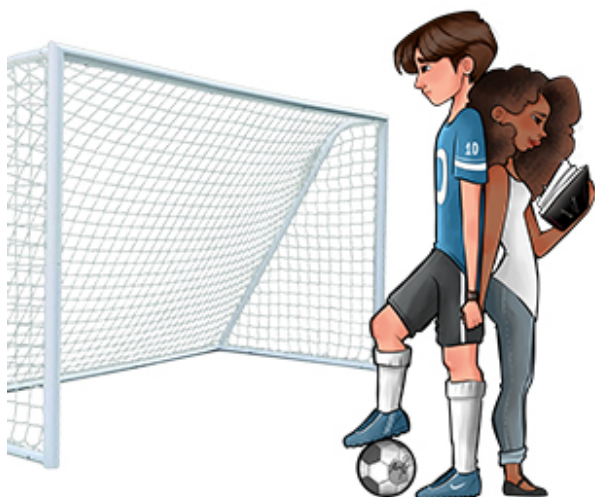
— *Menos um dia* — ele diz.

— Menos um dia — sussurro de volta. É nossa forma de contar o tempo que falta para nos encontrarmos de novo. — Eu te amo, boa noite.

— *Boa noite.*

Ele espera até que eu desligue a chamada, algo que sempre faz, imagino que assim não sinta como se estivesse me afastando dele.

Viro-me para o lado e coloco o celular no carregador, abro minha agenda e risco o dia de hoje no calendário, quatro meses se passaram, agora faltam apenas três meses e doze dias para que estejamos juntos novamente.



56

Thales

Minha vida se resume a horários, tenho horário para tudo, desde a hora que me levanto até a hora de deito, não é ruim, às vezes é exaustivo e tenho que me esforçar para manter os olhos abertos enquanto Ayla lê para mim do outro lado da linha, mas é bom. Gosto de me sentir cansado ao ponto de minha mente se esvaziar e eu não conseguir pensar em nada.

O primeiro mês foi difícil, o segundo quase insuportável, mas no terceiro tudo começou a melhorar. Ainda sou o cara estranho que fala pouco e quase nunca se enturma, gasto minhas horas vagas com aulas particulares, terapia, fono e toda essa merda que eles arrumam para me enlouquecer, mas tem o lado bom, tudo isso faz com que eu não tenha tempo para perder a cabeça. E isso já é o bastante.

— *Eu não sei o que você está falando* — ela me provoca do outro lado da linha e mordo o lábio para não rir igual um idiota. Tem um grupo de moleques do outro lado da sala e eles estão olhando para mim.

— Sabe sim, você gosta de ler essas coisas, admita.

Ela geme do outro lado da linha e decido que esse é o momento de dar o fora daqui, não quero sequer estar no mesmo ambiente que outros garotos quando ela faz esses sons. Quando chego no corredor sinto um alívio por saber que está vazio e provoco-a um pouco mais.

— Você pensa em mim? — pergunto enquanto decido se devo seguir adiante com esse joguinho, são oito e meia da noite e tenho mais no máximo quarenta minutos com ela.

— *Você sabe que sim* — ela responde, mas sua voz está mais baixa, manhosa... *Deus, eu preciso dar o fora daqui antes que as coisas fujam do controle.*

— Não é isso que estou falando, eu quero saber se... — Olho dos dois lados antes de entrar no banheiro no fim do corredor, nunca desejei tanto na minha vida ter um pouco de privacidade quanto agora. — Você pensa naquela noite? — Apoio minha cabeça na porta e fecho os olhos me concentrando na sua voz.

Ela demora um pouco para responder e posso ouvir o barulho dela se mexendo na cama, merda! Minha mente suja viaja até sua casa. Imagens dela deitada, ouvindo o que estou falando e ficando excitada me deixam duro.

Estou mais ciente do meu corpo a cada dia, das coisas que se fazem quando se está com uma mulher e o que quero fazer com Ayla quando a encontrar novamente. Resultado de meses morando com um monte de moleques de mente suja, que não conseguem pensar em outra coisa a não ser sexo e consomem uma quantidade absurda de material pornográfico. Não é algo que eu goste, sexo ainda me deixa incomodado de um jeito vergonhoso, às vezes acho que se, um dia, Ayla não me quiser, nunca mais tocarei em uma mulher, mas sei também que isso não é algo que se conta para os seus companheiros de time. Então, eu finjo que curto e vejo as sacanagens que eles encontram por aí.

— *Sim, e você?* — responde e sei que está envergonhada por admitir isso.

— Todos os dias. Eu penso em você todos os dias, Ayla. — Baixo o olhar para o meu corpo e, enquanto espero por sua resposta, imagino coisas que poderíamos fazer mesmo estando distantes.

— *Pensa?*

— Uhum... muito.

— *Ah, meu Deus... Eu também tenho... pensado.* — Sua voz sai ainda mais baixa e fecho os olhos imaginando-a aqui na minha frente.

— Estou pensando em você agora — admito e meu coração dispara bombeando o sangue que tem um único destino nesse momento.

— *Onde você está?* — sussurra como se pudéssemos ser pegos.

— No banheiro.

— *O que você está pensando?* — pergunta e posso imaginar seu lindo rosto negro ficando levemente rosado, seus lábios carnudos sendo

abocanhados por seus dentes enquanto olha para mim.

— Em você aqui comigo, em suas mãos em mim. — Deixo que minha boca fale sem me preocupar se estou passando dos limites. Ela respira fundo do outro lado da linha e imagino que seu corpo esteja tão desesperado quanto o meu.

— *Eu tocara em você* — fala com a voz mole, baixa e tortuosa.

— Eu não vejo a hora de tocar em você novamente — digo enquanto minha mão começa a fazer o que eu adoraria que ela estivesse fazendo. Continuo falando enquanto cuido de mim, ouvindo-a respirar com dificuldade do outro lado da linha enquanto diz algumas sacanagens cheias de timidez, que só aumentam o meu tesão e meu desejo de estar ao seu lado para poder sentir o seu corpo estremecer no mesmo instante que o meu.

— Jesus Cristo... Ayla... — gemo seu nome enquanto meu corpo é tomado por espasmos que parecem não ter mais fim.

— *Eu te amo* — diz do outro lado da linha e sua voz rouca denuncia que está tão imersa nisso quanto eu.

— Eu te amo, muito, porra, eu te amo demais — digo ainda de olhos fechados, com a cabeça apoiada na porta, a evidência do meu desejo por essa garota manchando a madeira e o coração prestes a sair do peito.

— *Um dia a menos* — ela diz algo que se tornou rotina desde a noite em que chorou por uma hora seguida e combinamos de contar os dias que faltavam para nos ver.

— Um dia a menos — respondo, embora minha voz ainda esteja uma merda.

Aguardo até que desligue o telefone, enquanto tento me recompor.

Quando a ligação termina, olho para a tela, para o rosto bonito que preenche todo o espaço enquanto sopra um beijo para mim.

Agora só faltam um mês e vinte e cinco dias.

57

Ayla



Estou tremendo tanto que meu pai pergunta se quer que eu feche as janelas do carro, mesmo estando uma tarde ensolarada. Aperto meus dedos no colo tentando manter a minha ansiedade sob controle, mas sei que é o mesmo que tentar conter uma represa prestes a ruir.

Assim é minha saudade.

Como uma represa que está há quase dez meses rachando, pouco a pouco.

— A gente vai ver ele jogar, isso é o máximo! —Guilherme fala empolgado no banco de trás.

— Quantos gols você acha que ele vai fazer? — Marcos pergunta ao seu lado.

— No mínimo dois.

— A gente vai poder falar com ele? — Tati pergunta ansiosa.

— Não sei, querida, espero que sim. — Meu pai dá um sorriso carinhoso para a garotinha que está espremida entre os meus irmãos tagarelas. Ainda não acredito que meu pai conseguiu a permissão de Janaína para poder trazê-la, mas esse é o meu pai, ele consegue tudo.

Thales vai enlouquecer quando vê-la.

Meu pai olha para mim e me dá um sorriso que significa “está tudo bem?” e é o mesmo que ele vem dando desde o dia em que o deixamos naquele Centro de Treinamento.

Dez meses...

Eu ainda não acredito que o tempo passou tão rápido. Há dez meses tudo o que tenho dele são alguns punhados de fotos tiradas depois de muito pedir, centenas de ligações, umas mais ousadas que outras, muitas declarações de amor e uma saudade que cresce exponencialmente em meu peito.

Paramos no posto de gasolina para que meu pai possa levar os meninos ao banheiro, pergunto se Tati também quer ir, mas ela nega balançando a cabeça.

— Falta muito?

— Só um pouquinho.

Mando uma mensagem para ele, embora eu tenha certeza de que ele deve estar concentrado.

AYLA: "Estamos chegando, arquibancada B. Arrasa, campeão!"

Assim que termino de enviar a mensagem me sinto um pouco idiota e forçada, olho para a foto do seu perfil, é uma imagem com todos os meninos do sub-17. Ele está em pé, ao lado do goleiro e de um outro garoto, que é mais alto que ele. Seus cabelos estão cortados e bem penteados, sua camisa é limpa e justa deixando evidente que os exercícios estão começando a surtir efeito no meu garoto. Meu coração acelera com a expectativa de assistir ao seu primeiro jogo oficial, é importante e eu prometi a ele que estaria lá.

— Trouxe um chocolate para você. — Marcos me entrega minha barra de chocolate favorita e lhe dou um beijo no rosto. Meus irmãos idolatram Thales e para eles ir a esse jogo é como ver a seleção jogar. — E outro para você. — Ele entrega um para Tati, que agradece timidamente.

— E eu não ganho beijo? — Guilherme me pergunta enciumado e o agarro enchendo sua bochecha de beijos. Olho mais uma vez para o celular, mesmo sabendo que minha resposta vai demorar para chegar.



O estádio é pequeno, mas é bonito e está cheio. Há uma boa quantidade de repórteres espalhados pelas laterais e nas áreas destinadas a eles, nos

acomodamos nas cadeiras e meus olhos se prendem na entrada. Assim que avisto o grupo de garotos entrando, minha respiração acelera e meu coração, que já estava agitado, parece prestes a despencar arquibancada abaixo. Eu o reconheço no momento em que ele coloca seus pés no estádio. Thales está sério, concentrado, o rosto erguido, os punhos envoltos em faixas negras que substituem as pulseiras que dei, o corpo firme, completamente alheio a tudo a sua volta. Quem não o conhece pode facilmente imaginar que seja uma postura arrogante, mas eu sei que ele está apenas se desligando do mundo, desconectando os plugs que o liga a tudo até que sobre apenas ele e a bola, seu objeto de adoração.

O hino começa a tocar e meus olhos não desgrudam dele, Tati está em pé ao meu lado, seus olhinhos brilham ao olhar o irmão.

— É o Thales? — indaga apontando para onde ele está.

— É sim, ele não está lindo? — respondo, ela se vira para mim e sorri.

Os gêmeos não param de gritar o seu nome, meu pai assobia e seu rosto se vira para nós. Percebo o exato momento em que ele nos encontra, seus olhos vidrados se suavizam, a expressão séria do seu rosto ganha um sorriso lindo e ele move a cabeça suavemente em nossa direção. Os gêmeos gritam ainda mais, o hino acaba, eles se cumprimentam e cada um vai para a sua posição. O árbitro apita e a magia começa.

Já assisti centenas de jogos dele, o vi fazer as mais absurdas e inacreditáveis jogadas, mesmo assim, no instante em que a bola toca seus pés, é como se fosse a primeira vez. A emoção que me invade é única e me pego ansiosa e agitada por todo o tempo. O time rival é bom e os garotos são tão competitivos quanto o time de Thales. O jogador escalado para marcá-lo é agressivo e, embora Thales seja mais rápido que ele, no segundo tempo o garoto consegue derrubá-lo dentro da pequena área. Todos se levantam vibrando com a marcação do pênalti, mas eu não consigo me mover, tudo o que vejo é meu amor caído no chão, a expressão de dor em seu rosto enquanto segura a perna esquerda. Rapidamente ele é envolvido pelos outros jogadores e um médico chega para atendê-lo.

Meu coração para de bater, sinto meu corpo inteiro tremer de uma forma ruim, a bile sobe em minha garganta e meus olhos ardem com as lágrimas que se formam. Os minutos se passam e para mim uma vida inteira acontece enquanto seu rosto está escondido atrás das pernas dos seus colegas de time.

— Ele vai ficar bem, filha, foi só uma contusão — meu pai diz afagando minhas costas e tudo o que consigo fazer é assentir para ele, sem tirar meus olhos de Thales.

Alguns minutos depois, ele finalmente se levanta com a ajuda de um garoto que fica ao seu lado o tempo todo. Ele firma o pé no gramado e começa a caminhar lentamente. A expressão de dor se suaviza aos poucos e enquanto todos vibram pelo gol, tudo o que consigo ver é Thales.

Meu pai tinha razão e logo ele está firme novamente, suas jogadas se tornam mais agressivas, o marcador não consegue mais se aproximar dele, a bola desliza sobre seus pés como se fosse capaz de ouvir seus comandos, e dez minutos depois de ter sido atingido, ele faz seu primeiro gol. O pequeno estádio vibra e tenho a sensação de que todos os gritos estão dentro de mim, ele corre solitário pelo campo até parar na frente da nossa arquibancada e beija seu punho esquerdo enquanto olha para o local onde estamos. Lágrimas escorrem por meus olhos. É real, ele está jogando, há pessoas vibrando por ele e, embora seja apenas o começo, ele parece feito para aquilo.



O jogo termina em 4 x 1, Thales faz dois gols e dá a assistência para o terceiro. Ouço algumas pessoas comentando sobre ele, a sua habilidade é notória e preciso me conter para não me meter nas conversas e falar o quanto ele é incrível e meu.

Os gêmeos estão tão empolgados, que não conseguem parar quietos enquanto esperamos por Thales. Tati parece tão ansiosa quanto eles, e não estou muito diferente, mas estou depositando toda a ansiedade nas minhas unhas.

Uma hora se passa e mais uma quando finalmente vemos um grupo de meninos entrando na lanchonete onde combinamos de nos encontrar, Thales está entre eles, as mãos enfiadas nos bolsos da calça do agasalho igual aos dos outros meninos, com um sorriso contido nos lábios enquanto ouve algo que o garoto negro que o ajudou no campo diz. Ele ergue a cabeça assim que entra e preciso me segurar para não sair correndo até ele e me jogar em seus braços. Assim que o veem, os gêmeos se levantam e começam a acenar para chamar a sua atenção e, quando seus olhos avistam sua irmã, ele para por um

instante, enquanto ela corre até ele e é erguida em seus braços em uma rara demonstração de emoção.

Chega a ser ridículo a forma como meu coração bate acelerado enquanto o observo vir até nós com Tati ao seu lado. Thales parece diferente, maior, mais arrumado, os cabelos estão bem cortados, as roupas novas e no tamanho correto para os seus ombros largos, ele mal consegue chegar até nós e é envolvido pelos braços dos meninos, que o agarram e o enchem de perguntas, enquanto eu tento entender como ele pode ser o meu Thales e, ao mesmo tempo, se parecer com outra pessoa.

— Meninos, deixem o Thales se sentar — meu pai os repreende e Thales o cumprimenta com um abraço sem jeito e batidinhas nas costas enquanto meu pai o parabeniza.

— Oi — ele fala quando se separa do meu pai e tenho a impressão de que até mesmo a sua voz está diferente, mais grossa, mais rouca. Mais linda...

— Oi — respondo como se estivesse cumprimentando um carinha que acabo de conhecer e não o meu melhor amigo da vida inteira.

— Crianças, vamos fazer os nossos pedidos, estou faminto. — Meu pai se levanta levando os barulhentos gêmeos e Tati com ele e dou graças a Deus por ter um momento a sós com Thales.

— Eu não acredito que vocês conseguiram trazer ela.

— Meu pai consegue tudo.

— Ele consegue mesmo. — O sorriso se espalha por seus lábios, ele parece tão feliz, tão realizado, que mal me contenho de alegria.

— Vem cá. — Ele me puxa pelo braço e me envolve em um abraço, que tem cheiro de saudade e amor. Enfio meu rosto na curva do seu pescoço, não reconheço o cheiro da colônia que ele usa e é estranho sentir o corte do seu cabelo em meus dedos, mas ele ainda é o meu Thales, e basta sua boca tocar a minha que tudo volta a ser como antes, nada mais existe além do sabor dos seus lábios com gosto de menta e o calor do seu corpo junto ao meu. — Que saudades eu estava — ele sussurra antes de deixar um beijo em meus cabelos.

— Eu também. — Afasto-me um pouco e abaixo o olhar para a sua perna. — Você se machucou?

— Não foi nada. — Ele me puxa novamente e sua boca faminta logo está sobre a minha novamente.

Ouvimos os meninos que entraram com ele fazer algumas gracinhas e Thales se afasta passando as mãos nos cabelos úmidos e sorrindo timidamente para o grupo.

— Parece que você fez novos amigos, hein? — digo quando nos sentamos um de frente para o outro, e Thales de costas para os garotos.

— Na verdade não muitos, mas eles são legais. — Ele ergue os ombros como sempre faz quando não quer dar importância a algo que, na verdade, já é importante de alguma forma para ele.

— Eu gostei do negro.

Thales olha para o grupo onde o garoto que o ajudou a levantar está sentado e, quando ele olha para mim, uma expressão estranha estampa em seu rosto.

— Gostou? Como assim? — Franze a sobrancelha de um jeito bonitinho.

— Ele parece ser seu amigo, não saiu do seu lado quando você se machucou, gostei da forma como pareceu leal. — Agora é a minha vez de erguer os ombros e Thales sorri.

— Ele é um bom amigo, na verdade acho que Caio é o meu único amigo de verdade, os outros são... diferentes de nós dois.

Ele começa a picotar o guardanapo e sei exatamente o que quer dizer, olho novamente na direção dos garotos que parecem felizes e despreocupados e consigo reconhecer no olhar de Caio a intensidade que vejo nos olhos de Thales. Olhos de quem lutou muito para estar onde está e que sabe que essa talvez possa ser a sua única chance de conquistar algo na vida.

— O que achou do jogo? — Thales pergunta me trazendo de volta ao presente e sorrio feliz por estar aqui com ele.

— Eu achei incrível.

Começamos a conversar sobre o jogo, ele me conta como se sentiu ao fazer o seu primeiro gol e que se descuidou permitindo assim que o jogador do outro time o atingisse. Logo meu pai chega com sanduíches, batatas e *milk-shakes* para todos, Tati senta ao seu lado enquanto ele repete tudo novamente para o meu pai e passamos uma das tardes mais incríveis da minha vida juntos.

Thales nos acompanha até o carro quando chega a hora de irmos embora. Seus amigos ainda estão na lanchonete e tenho a sensação de que estão apenas esperando por ele, uma pontadinha de ciúmes me invade

quando noto duas garotas entrarem na lanchonete e atraírem os olhares dos garotos. *Será que ele também olharia se não estivesse comigo?*

— Ei, eu estou aqui — fala envolvendo minha cintura com suas mãos e me puxando para mais perto.

— Eu sei, desculpa, é que eu odeio despedidas.

— Eu também — diz ao se aproximar apoiando a sua testa na minha.

— Vai ser sempre assim, vamos nos ver por algumas horas e logo vou ter que te deixar — digo melancolicamente.

— Por que está falando isso?

— Não sei, talvez seja apenas saudade — digo não querendo expor para ele um dos meus maiores medos. Sei que ele vai para o time principal em breve, eu também vou para a faculdade, nossas vidas vão nos levar para longe um do outro, é inevitável.

— Ei, em algumas semanas eu estarei em casa, vamos passar o Natal juntos, teremos muitos dias para aproveitar.

— Eu sei, desculpa. — Beijo seu peito e deito minha cabeça nele matando a saudade da minha melodia favorita da vida: o seu coração.

— Não fica assim, eu não gosto de te ver triste.

— Não estou triste, eu juro.

— Então me beija — ele pede e ergo meu rosto para olhar para ele. Tento memorizar como é bonito e como está se tornando um homem espetacular. Acaricio a pele do seu rosto sentindo a textura áspera da barba que foi feita, ela está mais espessa, sem falhas agora e gosto da sensação dela em minha pele. Toco o contorno da sua boca, minha coisa favorita nele e me apaixono um pouco mais por seus olhos doces e gentis.

A mão dele resvala em meu bolso e ele sente o pacote que trouxe comigo, mas que não tive coragem de entregar.

— O que é isso? — pergunta com a mão ainda sobre ele.

— É... você sabe, o seu presente — digo timidamente e Thales vira a mão com a palma para cima, pronto para recebê-lo.

— E por que não me deu ainda?

— Não sei, tive medo de você não gostar mais disso, era algo nosso, de quando éramos crianças e...

— Eu nunca vou deixar de gostar delas, vamos, quero saber de onde essa veio.

Enfio minha mão no bolso e retiro a pedra branca com partes transparentes, eu havia inventado uma história relacionada ao último livro de

fantasia que lemos, mas agora, enquanto observo os garotos rindo e jogando guardanapo uns nos outros, me sinto idiota e infantil.

— É uma longa história, prometo contar depois. — Coloco a pedra em sua mão e ele a analisa com um sorriso bobo.

— Essa é linda, eu amei. — Ele volta a me olhar como se tivesse acabado de ganhar o melhor presente do mundo e sorrio de volta me sentindo boba. — Seu presente chega em alguns dias — diz cheio de orgulho.

— O que é?

— Surpresa — sussurra com a boca sobre a minha.

— Feliz aniversário — digo quando ele me beija.

— Feliz aniversário — repete ainda sem se afastar.

— Eu amo você — sussurro enroscando minha mão em seus cabelos.

— Eu também te amo, muito — diz e então sua língua está dentro da minha boca e eu me esqueço de tudo.

Tento afastar os pensamentos negativos, a insegurança e o ciúme, isso não é justo com ele, Thales merece o mundo e ele está pronto para recebê-lo. A mim, resta amar o que tenho e é isso que faço.

Concentro-me no garoto lindo e dedicado que segura meu rosto em suas mãos como se fosse a coisa mais preciosa do mundo e o beijo com todo o meu amor. Sinto um puxão em minha camiseta e Thales se afasta no instante em que Marcos puxa a sua.

— O papai está te chamando — Guilherme diz ainda segurando minha camiseta.

— Acho que chegou a hora.

— Sim, chegou. — Ele suspira e passa a língua pelo lábio inferior enquanto tenta fingir que está tudo bem.

— A gente se vê no Natal — diz enquanto envolve minha mão na sua e me leva até o carro.

— A gente se vê no Natal — repito e ele empurra meu ombro com o seu.

— Não é assim tão ruim, né?

— Não, com certeza não é tão ruim.

Thales me beija mais uma vez e se despede dos meninos e de Tati.

— Obrigado por tê-la trazido, foi muito importante para mim — ele diz enquanto se despede do meu pai.

— Tenho certeza de que foi importante para ela também.

Thales aguarda até que eu entre e fecha a porta se inclinando para mais um beijo rápido e contido.

— Até daqui a pouco.

— Até mais.

O carro sai deixando para trás um pedaço enorme do meu coração nas mãos do garoto que tem o mundo a sua frente e que ainda não faz ideia disso.

Alguns minutos depois sinto o telefone vibrar no meu bolso e retiro para ver a mensagem que chega para mim.

THALES: *“Hoje cumpri uma das minhas promessas, cada movimento meu foi todo para você, cada toque na bola foi para te **imprecionar**. Hoje foi um dos melhores dias da minha vida. Obrigado por me enxergar mesmo quando eu ainda era **invizível**. Eu amo você, muito. Menos um dia. Feliz aniversário.”*

Leio e releio a mensagem mais vezes do que poderia ser considerado normal para uma pessoa sã, sorrio ao notar que os erros de português estão diminuindo graças as aulas extras que ele está tendo. Thales está bem, feliz, saudável e absurdamente lindo e, mesmo quando chegamos em casa, o sorriso ainda está no meu rosto e o meu coração transborda de amor. Um amor que cresce a cada dia e me assusta por sua força.

58

Ayla



Infelizmente, tudo que é bom dura pouco, ou apenas o momento necessário de se tornar inesquecível.

Li isso uma vez em uma dessas frases de redes sociais e só agora, enquanto espero a mensagem que está sendo digitada por ele, é que compreendo o que ela significa.

THALES: “Dois gols, um de bicicleta.”

AYLA: “Isso é incrível, Thales, parabéns!”

Infelizmente não pude ir a mais nenhum outro jogo dele, as partidas são em horários e cidades que tornam inviável, mas ouço todos no rádio ao lado do meu pai e depois ouço ele me contar tudo. Estou orgulhosa do caminho que está seguindo, semana passada ele disse que houve uma palestra com o ex-técnico da Seleção Brasileira e que vira e mexe há olheiros de outros clubes por lá analisando eles. Inclusive, de clubes do exterior, o que me deixa de cabelo em pé. Para minha sorte, meu pai está a par de tudo o que acontece com ele, e me garantiu que o São Paulo não tem interesse nenhum em deixar o Thales ir embora.

Ele é um fenômeno.

Em algumas semanas começará a peneira para a Seleção Sub-17 e Thales está tão ansioso que mal consegue dormir, eu me sinto igual,

imaginar que ele pode usar a camisa da Seleção mais rápido do que imaginamos me deixa flutuando de alegria.

THALES: *“Obrigado, foi incrível. Olha isso.”*

Ele responde e, em seguida, me envia uma foto do seu gol, suas pernas musculosas pelos exercícios no ar em um ângulo elegante e preciso, seguindo em direção à bola, objeto que seus olhos observam com total fascínio.

Perco o ar e algumas batidas do meu coração com a beleza da foto. Ele é lindo e meu, mal posso acreditar nisso e, quando fecho os olhos, ainda sinto o peso das suas mãos em minha cintura me abraçando enquanto seus lábios me beijavam.

AYLA: *“Deus! quem tirou essa foto?”*

Continuo admirando enquanto ele responde:

THALES: *“Foi uma amiga de um dos garotos, o Túlio Nogueira, lembra?”*

Forço-me a lembrar do garoto de cabelos loiros que me lembra Duda. Thales não é muito fã dele, inclusive já tiveram alguns desentendimentos, pelo que entendi, mas Thales me prometeu que não se importa com isso e eu fico aliviada.

AYLA: *“Ela que te enviou?”*

THALES: *“Sim.”*

Meu coração falha uma batida enquanto leio, mais uma vez, a mensagem na esperança de ter entendido algo errado. Minha mente traiçoeira me leva até aquelas duas meninas que vi entrar na lanchonete aquele dia e imagens delas sorrindo para o meu Thales enquanto trocavam números de telefone fazem meu estômago se revirar.

AYLA: *“Legal.”*

É tudo o que consigo responder.

THALES: *“O que foi?”*

Ele pergunta, mas não respondo mais e alguns segundos depois meu telefone toca. Penso em não atender, mas não posso ser tão infantil assim e no sexto toque eu atendo.

— *Sério que você estava pensando em não me atender?* — Ele parece ofendido e tento disfarçar o meu ciúme.

— Estava vestindo uma blusa — minto.

— *Ayla, você não sabe mentir.*

Bufo e me jogo na cama exatamente como uma menina birrenta e posso ouvir a risada dele do outro lado da linha.

— Eu não sei onde você está vendo a graça — resmungo e quase cruzo os braços, mas desisto no meio do caminho.

— *Na sua atitude.*

— Por que essa garota tem o seu número de telefone?

— *Porque o Túlio precisou mandar uma mensagem um dia e usou o telefone dela.*

— Hummm...

— *Eu não acredito que você realmente está com ciúmes.*

— Não seja convencido, Thales, eu não estou com nada.

— *Está sim, eu posso sentir o seu ciúme me estapeando daqui.* — Há um tom leve e divertido em sua voz, que faz com que um sorriso surja em meus lábios, mesmo contra a minha vontade.

— Eu não estou com ciúmes. — Respiro fundo e admito. — Tá bom, eu estou com ciúmes porque seja lá quem for essa garota, ela estava aí, ela imortalizou um momento especial da sua vida e isso sempre foi a minha função.

— *Eu compreendo, eu também queria que você estivesse aqui. Nesse exato momento, eu daria tudo para ter você aqui comigo, mas a gente sabe que as coisas serão assim por algum tempo.*

— Eu sei, mas não me impede de sentir ciúmes.

Ele ri, uma risada grave que atinge o meio do meu estômago e me faz corar.

— Espero que esteja sentindo o tapa que o meu ciúme está te dando nesse momento.

— *Não se preocupe, não há o que ter ciúmes.*

— Ela por acaso tem três olhos?

— *O quê?*

— Cinco braços? Ou talvez ela seja verde?

— *Verde? Olha que eu sou louco na Gamora², hein.*

— Ridículo!

Ele cai na gargalhada e o peso em meu coração se desfaz. Ele tem razão, não podemos nos dar ao luxo de sentir ciúmes, estamos a centenas de quilômetros de distância um do outro e precisamos confiar no que sentimos.

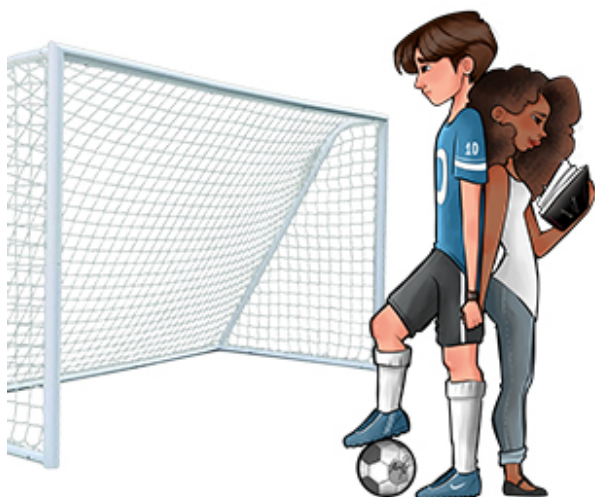
— *Eu quero que saiba que eu só tenho olhos para você.* — Ele abaixa o tom de voz e o divertimento se vai. — *Na verdade, eu sou inteiro só para você, meu corpo, meus pensamentos, até mesmo meus sonhos são todos seus.*

Cubro meu rosto com a mão enquanto ouço ele falar essas coisas. Estamos cada dia mais ousados, às vezes falo coisas que jamais me imaginei dizendo para um garoto e sei o que ele está fazendo do outro lado da linha enquanto me ouve falar. E adoro ouvir os sons que ele faz nesses momentos. Já temos dezessete anos e não somos mais crianças, muitas meninas da minha sala já perderam a virgindade e, se não fosse a distância, nós provavelmente já teríamos feito sexo.

— Seus sonhos também? — o provoco diminuindo o meu tom de voz exatamente como ele gosta. — Então me conta qual foi o último.

Mordo o lábio enquanto ouço Thales me enlouquecer com seus sonhos pervertidos e sua voz sedutora. Fazendo com que meu coração bobo se acalme.

Olho para a sua foto mais uma vez antes de fechar meus olhos e permitir que minha mente me leve para onde ele está, em sua cama, exatamente como está me dizendo agora.



59

Thales

Sua mão pesada toca minha nuca, indicando da forma silenciosa o que devo fazer, não quero ceder, não hoje. Eu a beijei e ainda estou pensando no quanto gostei de tê-la beijado, mas ele não sabe disso, sequer se importa com o que vem fazendo comigo, quebrando-me ao me obrigar a se ajoelhar a seus pés.

— Vamos lá, garoto, achei que já tínhamos passado dessa fase — fala com uma voz carinhosa que me faz desejar vomitar. Meus olhos imploram, cheios de palavras que minha boca não é capaz de dizer.

O aperto em minha nuca se intensifica, ele aperta o polegar e o indicador na base do meu pescoço e desabo à sua frente. Meus joelhos doem com o impacto, minha cabeça roda com a sensação de desmaio que ameaça me atingir, mas eu não posso cair, não posso deixar que ele tenha o controle da situação.

Seus dedos se enroscam em meus cabelos, acariciando-os e fazendo com que a bile suba a minha garganta. Meus olhos se enchem de lágrimas e desvio o olhar porque, por tudo que é mais sagrado, eu não vou chorar. Eu nunca vou chorar.

— Olhe para mim — exige enquanto se prepara para me matar mais um pouquinho.

— Não... não... por favor, não... — imploro tentando me afastar, mas ele puxa meus cabelos com força. — Não... não... não...

Uma mão repousa em meu ombro e não suporto mais seu toque, eu me afasto empurrando-o com força.

— Não me toque! — grito enquanto meu punho acerta seu rosto, uma e outra vez. — Não me toque! — grito enquanto choro e o acerto, mas ele não revida.

— Caralho! Thales para com isso, porra! — alguém grita.

— Tira ele de cima do moleque. — Outra voz ecoa em meus ouvidos, mas estou tremendo e não consigo me mover, eu preciso lutar, preciso manter o monstro longe de mim.

— Não me toque! — grito, implorando desesperado.

Braços seguram minhas mãos no ar e começo a me debater, alguém envolve meu pescoço em um mata-leão. Estou morrendo, não consigo respirar, ele vai conseguir, dessa vez ele vai conseguir.

— Thales, respira, porra, ou não vou te soltar. — Ouço a voz de Caio, ele está aqui, está perto de mim. Talvez ele me salve dessa vez...

— Chamem alguém. — Ouço a voz de outra pessoa, as luzes se acendem e o quarto entra em meu campo de visão.

Estou deitado em cima do meu amigo, com seu braço em volta do meu pescoço, me sufocando e me prendendo. Dezenas de pares de olhos me encaram como se eu fosse um monstro.

Desvio o olhar para o meu lado e vejo Túlio Nogueira, meu colega de quarto desacordado, seu rosto desfigurado e coberto de sangue. Tento erguer minha mão, mas alguém a está segurando no lugar, olho para ela e então vejo sangue e meu coração para de bater.

Eu estraguei tudo.



— Eu não vou, pode me pôr pra fora — digo para Ronaldo, que está parado na porta do quarto da ala médica onde me enfiaram há quase quatro dias como se eu fosse um maluco perigoso, só faltam as amarras e a camisa de força.

— Você não tem opção, Thales, é isso ou a rua. — Ele mantém o tom de voz tranquilo enquanto eu estou perdendo o controle. De novo.

— Eu não vou falar minhas merdas para ninguém. — Tento manter a calma, eu preciso provar para ele que não sou maluco, mas é impossível enquanto estou agindo como um.

Não foi a primeira vez que perdi o controle, apenas foi a pior. Primeiro aquele episódio em que perdi a cabeça no banheiro quando um dos moleques veio com uma brincadeira estranha pra cima de mim. Não lembro como aconteceu, só sei que meu punho acertou sua boca e ele precisou de uma restauração em um dos dentes e eu uma bronca e quatro dias afastado dos treinos.

Agora isso...

— Thales, você atacou um garoto, de novo.

— Eu estava dormindo.

— Ele quebrou o nariz e estamos tendo problemas para explicar isso para os pais dele.

Volto a me sentar na cama, estou exausto embora tudo o que eu venho fazendo desde que me jogaram aqui dentro é dormir, tenho certeza de que estou sendo dopado. Abaixo minha cabeça nas mãos e tento pensar, mas até isso parece difícil, estou confuso e assustado.

— Estou perdendo os treinos. — Esfrego meu rosto.

— Você está afastado, Thales.

— Eu tenho que terminar uma redação, me deixa voltar, eu não vou mais fazer isso, por favor, me deixa sair daqui — imploro completamente fora de controle e, pela forma com que Ronaldo olha para mim, sei que estou cavando meu buraco o mais fundo possível.

— Eu sinto muito, Reis, mas você não vai a lugar algum.

Envolvo meu corpo em meus braços e balanço para a frente e para trás enquanto sinto a bile subir em minha garganta. Estou arruinado, ele conseguiu, ele tirou de mim tudo o que eu tinha, ele me destruiu, mesmo sem chegar perto de mim.

— Onde está o Milton? Eu quero falar com ele — peço como um garotinho acuado.

— Ele está chegando.

— Eu não sou maluco, eu não sou.

— Ninguém disse que você é, só precisamos garantir a segurança dos outros meninos. — Faz uma pausa como se estivesse tentando manter a calma. — E a sua também.

Nas horas seguintes não falo nada, ele também não me força a falar e, quando ouço uma batida na porta e o rosto familiar de Milton surge na minha frente, sinto vontade de chorar de alívio.

Ele cumprimenta Ronaldo, que nos deixa a sós, e quando a porta se fecha ele vem até mim e se ajoelha na minha frente. Seu olhar tranquilo e paterno me faz querer abraçá-lo, mas me contenho e tento parecer forte.

— Eu não sou maluco, Milton, eu jamais quis fazer aquilo — digo enquanto encaro meus pulsos sem minhas pulseiras para esconder minha sujeira.

— Ei, garoto, eu sei. Eu conheço você, mas eles não.

— Eu nunca fiz nada de errado, foi um acidente.

— Eu sei, filho, mas existe uma conduta que precisa ser seguida. Eles têm um nome a zelar.

— Eles querem que eu fale com um médico, eu não quero falar.

— Thales precisamos ser coerentes aqui. Isso não é uma brincadeira, é o seu futuro que está em risco e você não pode deixar que o fantasma do passado te impeça de seguir adiante. Ele não pode mais te tocar, ele não tem mais poder sobre você, agora é você que tem que lidar com a sua cabeça e ninguém com seu trauma consegue isso sozinho.

Gelo por dentro quando ouço ele falar, como se soubesse do que estou fugindo. Encaro seus olhos negros sentindo toda a emoção deixar meu corpo até que tudo o que resta é a vergonha.

— Do que você está falando? — Minha voz sai tão fraca, que mal consigo compreender o que digo.

Milton desvia o olhar para os meus pulsos e quero morrer nesse exato instante porque o seu silêncio é a resposta que qualquer homem daria a alguém como eu.

— Você sabe... — sussurro sentindo as lágrimas pinicarem meus olhos.

Ele move a cabeça lentamente confirmando.

— Jesus Cristo, você sempre soube? — Afasto-me indo para o meio da cama e erguendo meus joelhos até o peito.

— Não, claro que não, eu jamais permitiria que algo assim acontecesse com você se eu sequer desconfiasse.

— Quem te contou? — pergunto, mas no mesmo instante lembro-me da conversa que tive com o médico quando estive no hospital.

— Eu sou o responsável por você, filho. Eles precisavam me contar.

— Eu não contei tudo, eu tentei falar o mínimo possível. Como ele soube?

— Infelizmente, eles sempre sabem.

Balanço a cabeça incapaz de acreditar que ele sabe e, mesmo assim, me deixou ficar em sua casa, beijar a sua filha, deitar-se ao seu lado.

— Thales existem profissionais especializados em casos como o seu, eles têm o jeito certo de lidar com isso, você não precisa ter vergonha.

— É fácil falar, né? — Levanto-me e vou para o outro lado do quarto. Não há absolutamente nada na mesa, como se eles já imaginassem que eu poderia arremessar algo na parede ou tentar contra a minha própria vida. Eles sabem que eu já tentei, talvez por isso achem que eu sou louco.

— Não é fácil falar, não foi fácil ouvir, ainda tenho dificuldades de compreender como um homem...

— Cale a boca. — Cubro os meus ouvidos não querendo ouvir a piedade em sua voz. Isso era tudo o que eu temia, que ele soubesse que sou sujo, que não sou digno de beijar a sua filha.

— Thales... — Ele estende o braço tentando me tocar, mas eu me afasto.

— Não me toque, não tente fingir que sabe o que é ter que ouvir as coisas que ele me dizia para me diminuir, para que eu me sentisse sujo ao ponto de vomitar por dias inteiros. Você não sabe o que é ter a sua identidade rasgada e jogada no lixo, você não sabe o que é se ajoelhar na frente de um filho de uma puta maldito, que ainda sorri quando termina.

As palavras escapam da minha boca antes mesmo que eu possa contê-las, não ligo mais para o que ele vai pensar de mim, ele já sabe que sou um puto, um lixo usado para satisfazer o corpo de um doente mental. Agora tudo acabou, a farsa de bom menino foi desmascarada, é o meu fim.

Afasto-me ignorando as lágrimas que nublam os meus olhos, meu estômago dói com as lembranças do vômito forçado para eliminar toda a sujeira de dentro de mim. Não consigo respirar e esse quarto branco está me levando à loucura, talvez eles tenham razão. Eu enlouqueci, eu estou perdendo a sanidade.

Apoio minhas costas com força na parede e desabo tentando respirar enquanto choro como um garotinho assustado. Escondo meu rosto em minhas mãos e peço a Deus que acabe com tudo agora, nesse momento.

— Thales, olhe para mim. — Milton segura meus ombros chacoalhando-me. — Por favor, meu filho, olhe para mim. — Sua voz está embargada e não consigo reconhecer o que está acontecendo aqui.

— Eu não sou seu filho! — grito sabendo que ele não merece. Mas nesse momento eu preciso gritar, preciso fazer com que ele sinta algo,

porque está insuportável sentir sozinho.

— Eu sei, infelizmente não é, mas eu te amo como se fosse. Por favor, por favor, me diga uma coisa, eu preciso saber. — Ele mantém as mãos em meus ombros sustentando-me enquanto apoio a cabeça na parede e olho para o outro lado. — Ele... — Milton tenta falar, mas não consegue. — Meu Deus... Aquele desgraçado, ele...

Viro o rosto para encarar o homem que vem me colocando como sua prioridade, ao lado dos seus filhos, que dirigiu por horas para estar aqui comigo agora, que me deu nos últimos anos todas as lembranças que tenho sobre o que é ou o que deveria ser uma família, ele está chorando por mim e meu coração sujo dói por ele.

— Isso faz diferença para você?

— Eu só quero saber o quanto ele te machucou.

— O suficiente para que eu fizesse isso. — Estendo meu pulso para ele.

Milton abaixa a cabeça apoiando-a na parede ao meu lado, posso sentir o seu ombro roçando no meu e esse simples toque é o suficiente para que eu me sinta angustiado.

— Eu sinto tanto... — sussurra e o som engasgado do seu choro me comove. — Eu deveria ter sido mais atencioso, se eu tivesse cuidado melhor de você...

— Não foi sua culpa — digo do fundo do meu coração. Porque eu sei que se existe um culpado nessa história toda, e esse alguém sou eu.

— Foi sim, se eu tivesse questionado seus machucados...

— Ele daria um jeito de me machucar mais — admito porque é a verdade. Sempre que o Milton falava algo, sempre que eu sequer ameaçava contar seu segredo, ele me fazia me arrepender do dia que nasci.

E eu me arrependia sempre.

— Por favor, filho, me deixe te ajudar.

Fecho meus olhos, cansado demais de ser sozinho, cansado de sentir tanto, cansado da dor, da vergonha, do medo...

— Jesus Cristo. Por quê? — Milton bate a cabeça na parede enquanto se faz a mesma pergunta que eu faço a minha vida inteira. — Aquela noite, ele tentou novamente? — ele pergunta ainda sem olhar para mim e balanço a cabeça. — Ele...

— Não, eu jurei que, se ele tentasse mais uma vez, eu o mataria... — Olho para os meus pulsos me lembrando da noite em que eu desisti de viver. — E nem isso eu consegui fazer.

Milton passa a mão trêmula na testa e respira aliviado, como se o fato dele não ter transado comigo aquela noite fizesse alguma diferença, apagasse as outras tantas noites em que aquele monstro esteve sobre mim.

O que Milton não sabe é que brasa queimada não pega fogo e, naquele dia, eu já havia virado cinza.

60

Ayla



O dia está quente, como uma bela manhã de verão deve ser, ouço a risada dos gêmeos indicando que já estão aproveitando o dia. Sinto saudades de quando tinha a idade deles e minha única preocupação era fazer com que Thales me deixasse brincar com ele.

“Isso não é coisa de menina.”

Foi o que ele me disse a primeira vez que tentei jogar futebol. Eu chorei, ele apanhou, meu pai falou com a sua mãe, ele me pediu desculpas. Eu aceitei. Nos tornamos amigos.

Viro-me para o outro lado e abro meus olhos, o celular descansa silenciosamente na mesinha, em cima do livro que ganhei de presente de aniversário dele, mas que está intacto à espera de ser lido há quase oito semanas.

Estou exatamente como eles, em silêncio, aguardando até que eu possa acordar desse pesadelo e voltar para a minha vida, até que eu possa ouvir a sua voz, até que eu possa sentir o meu coração bater novamente. Até lá, sou como esses objetos inanimados, fria e cheia de poeira.

A porta se abre e fecho os olhos fingindo estar dormindo. Ouço seus passos entrando e fechando a porta, ele sempre faz isso, todos os dias desde que recebeu aquele telefonema no meio da madrugada e saiu correndo sem me levar com ele.

Algo aconteceu com Thales e ele não quer me contar.

— Bom dia, filha — cumprimenta-me com sua voz gentil que eu sempre amei, mas mantenho meus olhos fechados.

Ouço-o se sentar ao meu lado na cama e posso imaginar seu corpo magro se inclinar para a frente apoiando os cotovelos nas pernas.

— Está um dia lindo lá fora, Alberto está enchendo a piscina, os gêmeos estão empolgados à sua espera.

Meu peito dói de saudades de brincar com eles, sinto falta dos meus irmãos, mas, infelizmente, hoje não tenho nada para dar a eles além da minha dor e revolta.

— Meu amor, por favor, fala comigo, diz qualquer coisa, briga, chora, mas, por favor, reaja.

Ele estende a sua mão e afaga meus cabelos, aperto os olhos para me impedir de abri-los porque sei que, no instante em que olhar para o meu pai, eu vou correr para o seu colo. Eu preciso dele, a cada dia mais, porém, quando me lembro que ele está me escondendo informações importantes sobre o Thales, eu crio forças para me manter longe.

— Eu estou tentando fazer as coisas da maneira certa, filha, mas não é fácil. Eu não sou perfeito e sei que nesse momento você deve estar me odiando, mas só estou te protegendo.

Não preciso de proteção, eu preciso do Thales aqui do meu lado. Mas não falo isso, ele já sabe, ouviu-me dizer isso dezenas de vezes na primeira semana em que Thales não respondeu as minhas mensagens, enquanto eu implorava aos prantos para que ele me contasse o que estava acontecendo.

Ele me ouviu falar todas as noites enquanto chorava, me ouviu pedir para me levar até ele e só assim eu voltaria a ficar bem, mas não fez. Apenas disse “eu sinto muito” enquanto me viu chorar até secar.

Espera pacientemente que eu me mova, mas continuo de olhos fechados, sentindo meu peito vazio doer, meus olhos inchados arderem e meu corpo cansado sofrer. Ele aguarda até que desiste e se levanta bufando, frustrado, por sua filha não ser mais uma garotinha que pode facilmente exigir que aja conforme as suas vontades.

— Eu vou dar uma saída, volto no fim do dia — diz, mesmo que eu não pergunte nada. — Tente comer algo, filha. Estou preocupado de verdade.

Ele abre a porta e sai, e só quando a porta se fecha é que me permito abrir os olhos e encarar o lugar amassado no lençol que indica que ele esteve aqui. E então eu choro.



O Natal passa sem que eu sinta, me obrigo a ir às compras com a minha avó porque ela me arrancou da cama. Ela me comprou um vestido vermelho horroroso, mas não digo nada. Depois compramos jogos para os gêmeos, camisas para o meu pai e para o meu tio e um boné para Thales. Passamos a noite embrulhando os presentes que enfeitam a árvore, que não ajudei a decorar.

Na manhã seguinte, ajudo-a a cozinhar a ceia, a cozinha está espaçosa sem Thales enfiando seus dedos em tudo para experimentar. Fecho meus olhos e respiro fundo cada vez que penso nele. Dez semanas de silêncio não ajudaram em nada o meu coração a ficar mais calmo.

À noite, a casa está cheia e estou usando o vestido vermelho chamativo que em nada se assemelha com o meu interior. Por dentro estou preta, cinza, marrom, sombria e tão triste como nunca imaginei estar.

Obrigo-me a colocar um sorriso falso nos lábios enquanto ouço elogios de parentes que mal falo durante o ano. É quase meia-noite quando a campainha toca e meu coração ameaça ganhar vida, me obrigo a me manter no lugar. *Calma, Ayla, pode não ser...*

A porta se abre e o sorriso da minha avó é o suficiente para que eu saiba que estou certa.

Duda passa por ela, um sorriso enorme estampa seus lábios rosados, os cabelos loiros estão cheios de estilo, ele está lindo, enorme, forte, feliz demais para uma noite como a de hoje e, embora uma parte de mim esteja com raiva por ele estar aqui e Thales não, outra está feliz por ele ter vindo me ver.

— Feliz Natal! — Duda me envolve em um abraço familiar e me ergue do chão com facilidade, fecho meus olhos para não chorar enquanto o abraço de volta. — Como você está linda — diz enquanto olha para meu vestido.

— Obrigada, você também não está nada mau, hein! — Dou um tapinha em seu braço e ele sorri do jeito convencido de sempre.

Ele me disse que viria. Ao contrário de Thales, Duda vem me ver quase todos os dias desde que chegou em casa. É ele quem me ouve chorar em silêncio, é ele quem me traz sorvete e me obriga a assistir seus filmes chatos,

é ele quem vem ocupando o lugar que está vazio desde que o dono do meu coração desapareceu.

— Te trouxe um presente. — Retira um saquinho de dentro do bolso da calça jeans bacana e me entrega.

— Duda... — choramingo e ele revira os olhos de um jeito elegante.

— Vai logo, Ayla, deixa de frescura e abre o presente.

Faço o que me pede e encontro uma pulseirinha prateada com a letra do meu nome.

— Viu, não é nada de mais.

— É sim, eu amei. — Estendo a pulseira para ele. — Põe para mim.

Vamos para o quintal e nos sentamos em um banquinho perto do jardim da minha avó, passamos um bom tempo conversando. Duda me conta como foi a sua ceia de Natal e como está empolgado para voltar ao alojamento. É incrível, posso sentir a sua felicidade como uma névoa que envolve todo o seu corpo.

— Vou sentir sua falta — diz segurando a minha mão e apoiando-a em sua perna enquanto brinca com a pulseira.

— Eu também sinto falta de vocês, embora eu esteja feliz com tudo o que está acontecendo.

Duda passa a mão em meu cabelo, afastando uma mecha do meu rosto, o toque do seu dedo em minha pele faz com que eu me afaste um pouco.

— Ayla. — Meu pai aparece na porta, como se estivesse aguardando o momento certo. — Está tarde, filha. Acho que está na hora do Duda ir para casa.

Duda se levanta e se despede do meu pai, acompanho-o até o portão.

— Te vejo amanhã.

— Combinado.

A gente se despede e entro decidida a ir direto para o meu quarto, todos já foram embora e os gêmeos estão adormecidos no sofá.

— Ayla — meu pai me chama e, embora eu tenha vontade de deixá-lo falando sozinho, vou até ele. — Cuidado, não use esse garoto para...

— O Duda é meu amigo — interrompo-o antes que diga algo que me magoe.

— E o Thales é seu namorado.

— É? Quem disse? Por que ele não está aqui então? — Minha voz sai um pouco mais alta do que eu gostaria e me arrependo no instante em que termino de falar.

— Você não sabe o que está acontecendo com ele.

— O senhor tem razão, eu não sei, mas isso não me impede de ver meu amigo que, ao contrário do meu namorado, veio aqui me ver e ainda me trouxe um presente. — Ergo o braço mostrando a pulseira que balança.

— Eu só quero que você tome cuidado, não se deve usar uma pessoa para magoar a outra, isso nunca dá certo e no fim das contas todos saem feridos.

Meu pai vai até os gêmeos e os acorda mandando que eles vão dormir em seus quartos. Antes de sair, ele me chama mais uma vez.

— Esse pacote na árvore é seu. Boa noite, filha.

Ele vai embora, junto com os meninos que resmungam sonolentos e olho para o pacote que descansa sozinho debaixo da árvore de Natal. Mordo o lábio enquanto decido se devo ou não abrir, mas a minha curiosidade me vence e acabo pegando o pacote que está mais pesado do que eu imaginava. Me sento no sofá e apoio a embalagem entre as minhas pernas enquanto leio o cartão que está em anexo.

“Meu amor,

Eu sempre fui fassinado em fazer promessas, tenho certeza de que, ao longo da minha curta vida, já fiz mais de um milhão delas, a grande maioria para você. E, embora eu tenha falhado miseravelmente na última que fiz, hoje tive o prazer de poder realizar uma delas.

Prepare-se, a sua biblioteca começa a ser montada a partir de agora.

Espero que goste, foi difícil fazer surpresa.

Com todo o meu amor, minha alma e meu coração.

Feliz Natal,

Seu Thales.”

Olho para o cartão sem acreditar que ele me mandou um presente, sua caligrafia infantil, os erros de português, e a letra firme de quem passou um bom tempo tentando escrever o seu melhor fazem meus olhos se encherem de lágrimas.

Hesito em abrir a embalagem, penso em jogar fora ou mandar meu pai devolver, mas a cada instante que passa sinto meu peito arder de saudades, meus dedos passeiam pelo papel enrugado, acaricio o durex mal colado e

sorrio ao imaginar as caras que ele fez ao embalar o presente, por fim não resisto e abro o papel rasgando-o e encontrando a série nova da minha autora favorita.

Pego cada um dos livros em minhas mãos me recordando de uma das nossas últimas conversas e em como ele insistiu em saber qual o nome da série e de cada um dos livros. Claro, ele já estava planejando comprá-los para mim.

Quando retiro o último livro da embalagem, outro cartão cai em meu colo, o abro enquanto seco as lágrimas que caem de meus olhos.

“Gostou? Eu espero que sim. Deu um puta trabalho encontrar eles e outro ainda maior em embrulhar, mas fiz questão de fazer eu mesmo para que não haja dúvidas em seu coração que eu penso em você a cada instante da minha maldita vida.

Infelizmente, hoje não posso cumprir dezenas de outras promessas que te fiz, nem ao menos responder a suas perguntas. Só posso te prometer (mais uma) que um dia eu te contarei tudo, quando eu estiver pronto para isso, e que, embora eu esteja um trapo, tudo o que sou ainda pertence a você.

Respeitarei a decisão que você tomar, aceitarei o que você tiver para me dar, mas quero que saiba que eu sempre estarei aqui ao lado do telefone, só esperando para ouvir a sua voz.

Se puder fazer isso sem me perguntar nada, me ligue, nesse instante.

Se não puder, eu aceito.

Eu te amo muito.

Thales.”

Quando termino de ler o bilhete estou aos prantos, não faço ideia do que está acontecendo e do porque ele teve que se afastar de mim. Meu choro dói, me causa espasmos que não consigo controlar, a capa do último livro está molhada com minhas lágrimas e, nesse instante, eu não me importo com nada. Choro até que sinto os braços do meu pai em volta de mim e me jogo em seu colo agarrando a gola da sua camisa nova e chorando ainda mais.

— Eu sinto muito, filha — diz enquanto me consola e aceito suas palavras pela primeira vez desde que começou a dizê-las.



O dia está quase amanhecendo quando finalmente entro no meu quarto carregando os bilhetes em uma mão e os livros em outra. Coloco tudo em cima da mesa, me troco e me deito na cama. Olho meu celular ainda no mesmo lugar de sempre e penso nas suas palavras.

“Se puder fazer isso sem me perguntar nada, me ligue nesse instante.”

Será que posso? Será que é o suficiente para mim permanecer na dívida? Será que um dia ele poderá me contar tudo o que houve durante todo esse tempo em que ficou longe de mim? E quanto tempo mais ele ficará?

Ouvir sua voz é o suficiente para mim?

Não demoro muito para saber, basta um único toque do outro lado da linha para que a minha resposta seja dada.

Sim, eu aceito.

— Alô — ele fala, e o som da sua voz faz tudo acender dentro de mim, como milhares de pequenas luzes de Natal trazendo de volta a vida para o meu coração apaixonado.



61

Thales



“A Seleção Brasileira Sub-17 chega ao Brasil nessa quinta-feira trazendo em sua bagagem o quarto mundial conquistado. Thales Reis, do São Paulo, com apenas dezessete anos, foi o artilheiro do campeonato com dezesseis gols. Ele também foi o melhor jogador do mundial.”

O suor escorre por meu rosto ardendo meus olhos e mal consigo enxergar. Passo o punho sobre eles para secar a umidade e continuo correndo, estou cinco quilômetros acima do estipulado para hoje, minhas coxas ardem, meu pulmão queima e já não sinto mais os meus pés.

— Se continuar assim vai acabar queimando a esteira. — Caio se aproxima ligando a esteira ao meu lado e começando seu preparo físico.

Durante os últimos nove meses muita coisa mudou na minha vida. Fui quebrado ao meio, arrancaram de dentro de mim tudo o que eu tinha de mais feio e sujo, cavaram fundo e encontraram coisas que eu sequer sabia que poderia lutar, eu achei que não haveria como sobreviver aquilo, mas consegui. Ainda não passo de um garoto frágil que está aprendendo a lidar com as suas merdas, tenho dias bons e dias ruins e tudo o que me mantém de

pé é o meu amor pelo futebol e por uma garota que não vejo há quase um ano.

— Estão falando por aí que talvez você assine com a equipe principal — Caio comenta enquanto corre, mantenho meus olhos fixos na paisagem lá fora, me sinto em paz aqui, nesse lugar que me ajudou a encontrar o equilíbrio entre a dor e a força, gosto principalmente pelo fato de, embora ter uma porrada de moleques ao meu redor, eu posso estar sozinho no momento em que eu quiser.

— Esses moleques falam demais — respondo sem tirar os olhos da chuva fina que cai lá fora.

A verdade é que fui convocado para a Seleção Sub-17 e meu desempenho foi melhor do que eles esperavam, quando voltei haviam dezenas de propostas, a grande maioria para clubes no exterior. Para me manter aqui no Brasil, o clube me ofereceu um contrato profissional e em alguns meses estarei me mudando para a capital onde estarei com a equipe principal e disputarei os campeonatos oficiais, entre eles o Paulista e o Brasileiro.

Faz apenas duas semanas que Ronaldo nos deu a notícia. Conversei com Milton e só dei a ele uma única condição: que ele se torne oficialmente meu empresário. Não foi fácil convencê-lo de que não haveria a menor possibilidade de eu ir a algum lugar sem ele. Mas, no fim, ele percebeu que eu não estava brincando e aceitou. Soube por ele que, até dezembro, eles estarão de mudança para a capital. De acordo com o cronograma chegarei lá mais ou menos na mesma época e finalmente voltarei a ver Ayla.

Pensar nisso me causa um misto de emoções que ainda não aprendi a lidar. A última vez que a vi estava tudo bem entre nós, éramos um casal e eu a beijei na hora da despedida prometendo que nos encontraríamos em algumas semanas. Mas então tudo aconteceu e precisei me afastar e, pela primeira vez, desde que me lembro, passei nosso aniversário longe dela.

Meu terapeuta me disse que essa separação é fundamental para que eu aprenda a lidar com minhas sujeiras, que ele carinhosamente chama de traumas. Para ele, eu preciso separar o que sinto por Ayla do que sinto pelo garoto que eu era quando tudo aconteceu. Só assim saberei se realmente gosto dela, ou se eu me agarrei a essa relação como uma tábua de salvação em um momento nebuloso da minha vida.

Grande monte de merda é o que tenho vontade de falar para ele, mas não digo nada. Apenas me sento lá, conto como foi meu dia, ouço os seus

conselhos, faço o que me pede e assim ficamos todos bem. Nos últimos meses aprendi a falar cada vez menos, com exceção da equipe médica, de Caio que se tornou um grande amigo e Ronaldo, que sempre está do meu lado nos piores momentos. Eu quase não falo com ninguém, o episódio entre mim e Tulio só fez com que fosse ainda mais fácil para os outros meninos me evitarem, acrescente a isso um bando de playboyzinho mimado e com dor de cotovelo por meu desempenho e posso ser considerado um estranho no ninho e, na boa, eu estou bem assim.

Quando as coisas ficam muito ruins, eu encho o saco de areia da sala de luta de pancadas, ou faço como hoje, venho para a esteira e corro até minhas pernas fraquejarem.

Desligo o equipamento e pego a garrafa de água do suporte bebendo aos poucos enquanto sinto cada músculo do meu corpo protestar com a força com que foram usados.

— Ei, o que acha de jogarmos uma partida quando eu terminar aqui? — Caio sugere enquanto tenta manter o ritmo da corrida.

— Não posso. Tenho terapia em vinte minutos e depois fono. — Reviro os olhos para o meu amigo, que aperta os lábios em um lamento silencioso.

Se eu achava que minha vida era difícil, não fazia ideia do que estava por vir. Além de todas as minhas merdas mentais, ainda tenho que trabalhar meu déficit educacional. Tenho um problema no processamento auditivo, que me impede de compreender e assimilar coisas, desde as mais simples às mais complexas. Isso é uma merda, talvez, se eu tivesse sido diagnosticado na infância, teria me poupado de muita coisa, mas é melhor do que uma dislexia, que era o que os profissionais e professores achavam que eu tinha. A verdade é que sou a porra de um fodido, mas, para minha sorte, meus pés trabalham muito bem e eles aparentemente valem a pena o trabalho que eles têm em me colocar na linha.

— Preciso ir, a gente se fala. — Ergo o punho e encosto no seu em um cumprimento rápido e sigo para as minhas obrigações do dia.



Às nove da noite estou exausto e minha cabeça não para de pensar um instante sequer, são muitas decisões a tomar e não tenho ideia do que o

futuro me reserva. Nesse instante, tudo o que eu mais quero é deitar na minha cama e ouvir a sua voz.

O telefone toca apenas duas vezes até que ela atenda e a expectativa que sinto nesses segundos em que aguardo por ela é tanta que me pego mordendo o lábio.

— *Oi* — ela sussurra de um jeito tímido, odeio que ela não seja mais tão natural e aberta como antes, mas como disse na carta que enviei no Natal, eu estou disposto a aceitar o que ela puder me dar e, nesse momento, isso é tudo.

— Oi

— *Como foi o seu dia?* — pergunta como sempre.

— Exaustivo.

— *Já recebeu suas notas?*

Estendo a mão e recolho o boletim que recebi hoje pela manhã e tiro uma foto enviando para ela em seguida. Aperto os lábios enquanto aguardo que ela veja meu desempenho. Não é nenhum boletim espetacular, mas ao menos não tem nenhum rastro de tinta vermelha nele e isso para mim é praticamente um milagre.

— *Você sabe que estou orgulhosa de você, não sabe?* — diz um instante depois, provavelmente enquanto verifica a imagem.

— Sim.

Ficamos um instante em silêncio, minha boca se abre, ansiando por falar para ela tudo o que tenho guardado para mim durante todos esses meses longe, mas antes que eu cometa um erro a fecho e olho para a noite estrelada pela janela enquanto ouço-a respirar, provavelmente passando pelo mesmo que eu.

— Como vai o Duda? — Sinto meu peito doer só de pronunciar seu nome e os segundos que ela demora para responder é o suficiente para que eu crie mil cenários em minha mente.

— *Está ótimo, falei com ele mais cedo, acho que ele tem coletiva de imprensa na próxima semana, para vestir a camisa e tirar fotos, você sabe.*

— Sim, eu sei, ele me contou — digo do fundo do meu coração. Duda foi contratado pelo Santos e saber que meu amigo conseguiu seu objetivo é algo que me alegra, mesmo que esse mesmo amigo seja o cara que anda ocupando meu lugar no coração da garota que eu amo. — Ele me contou.

— *Logo será você.*

— O Milton te contou?

— *Sim, sei que é segredo, juro que não falei para ninguém, estou tão feliz.*

— *Valeu* — digo tentando ser o mais distante possível.

— *Eu sempre soube.*

— *É...*

Não digo mais nada, não posso levar essa conversa adiante, meu coração está acelerado e minha respiração está pior do que quando estava em cima daquela porra de esteira. Isso não é bom para mim de acordo com o psicólogo, mas como posso controlar os meus sentimentos?

— *Ainda está aí?* — pergunta um instante depois e movo a cabeça como se ela estivesse na minha frente. — *Thales?*

— *Sim, eu estou.*

— *Está tudo bem?* — pergunta e o sinal de alerta acende em meu peito.

Não posso responder para ela como me sinto, preciso fugir de perguntas de cunho emocional e Ayla é a responsável por tudo de bom em questão de emoções que carrego no meu peito, infelizmente é uma parte muito pequena, mas é totalmente dela.

— *Você pode ler um pouco?* — peço e, embora eu tente ser o mais gentil possível, minha voz soa áspera e dura.

— *Claro, só um instante.*

Ayla deixa o telefone em cima da cama e se levanta. Ouço o som dos seus passos pelo quarto, ainda me recordo de cada pequeno detalhe daquele lugar: as paredes de um amarelo sujo e antigo; a cômoda bege, que em nada combina com a cama e muito menos com o guarda-roupa; o colchão velho; o estrado barulhento, que sempre avisava quando alguém se deitava nele. Me recordo muito mais do que eu gostaria.

Acomodo-me na cama desligando a luz do abajur e deixando o quarto no mais absoluto escuro. Estou exausto demais, trabalhei meu corpo e meu cérebro e, no momento, tudo o que preciso é da sua voz para acalmar a minha alma. É tudo o que tenho dela.

E que se foda esse papo de separar, ela faz parte de mim, do que fui, do que sou e do que um dia serei, mesmo que eu nunca mais a toque. Enquanto ela me permitir ouvir a sua voz, eu estarei bem.

— *Ainda está aí?* — pergunta momentos depois, provavelmente na sua cama, com o livro aberto no colo e o celular no viva-voz.

— *Sim* — respondo. “Eu sempre estarei aqui, Ayla”, completo apenas para mim.

62

Ayla



Chego correndo da escola, largo minha mochila no chão da sala e ligo a tevê, a voz do apresentador invade o ambiente enquanto aguardo pela matéria que realmente importa.

“Thales Reis, o artilheiro do mundial sub-17, acaba de assinar contrato com o time do São Paulo. Vindo das categorias de base do clube, o jovem de apenas dezessete anos vem se destacando em todos os jogos que disputa e já está sendo comparado com grandes atacantes mundiais. Ele é uma das apostas do clube para o ano...”

Meu coração dispara quando a imagem de Thales, ao lado do presidente do clube e do técnico, aparece na tela. Ele parece tranquilo enquanto ouve o homem falar das suas qualidades, uma jovem loira e bonita entrega a camiseta com seu nome nas costas e ele a veste por cima da polo vermelha que está usando. Meus olhos caem nas pulseiras que cobrem seus pulsos, ainda são as mesmas que dei e é o suficiente para que eu sinta que um pedaço de mim ainda está lá com ele.

O clique das câmeras eternizando esse momento faz meus olhos se encherem de lágrimas enquanto ele estende a mão cumprimentando a todos e em seguida, meio sem graça, com um sorriso tímido, ele posa para as fotos.

Meu telefone toca imediatamente, atendo sem tirar os olhos da tela e agradecendo a tecnologia e a mídia porque sei que passarei a tarde revendo essas imagens na internet até decorar cada movimento dele.

— Pronto — digo recolhendo a mochila do chão e desligando a tevê quando uma nova matéria começa a passar.

— *Você está ouvindo isso?* — meu pai fala e posso ouvir o burburinho da imprensa ao fundo.

— Claro que estou, não perderia por nada.

Começo a subir as escadas da nossa nova casa enquanto sustento o aparelho no ombro, paro em um conjunto de fotos que decora a parede do corredor que leva aos nossos quartos. Em uma delas, eu, Thales e Duda estamos sentados na calçada, todos descalços, sujos e descabelados, os braços em volta dos ombros uns dos outros e um sorriso imenso.

Agora Duda está em um clube, Thales em outro e cá estou eu, filha de um empresário de jogador de futebol. Nossas vidas mudaram tanto desde o dia em que essa foto foi tirada e, embora eu esteja feliz com o rumo delas, sinto falta daquele tempo.

— *Preciso desligar, filha. Beijos.*

— Bom trabalho, avisa a ele que ligo mais tarde.

— *Pode deixar, se cuida.*

A ligação finaliza e o silêncio da casa me preenche causando uma sensação estranha em meu peito. Ignoro a tristeza momentânea e entro no meu quarto ligando o notebook imediatamente. Tenho certeza de que a internet já está cheia de fotos de Thales vestindo a camisa nova.

O primeiro lugar que procuro é no seu fã-clube oficial, já está atualizado com dezenas de cliques dele do momento em que entrou na sala de imprensa até o fim. Escolho as melhores e imprimo uma dezena delas, a maioria só muda o ângulo em que ele foi fotografado. Recorto todas e abro minha pasta colando-as na folha em branco, folheio as páginas já preenchidas com informações e matérias sobre ele e meu peito se enche de amor e saudades, dois sentimentos que andam lado a lado quando o assunto é Thales Reis.



Sabe aquela coisa sobre expectativas e realidades? Pois é, quando soube que moraria novamente na mesma cidade que Thales eu achei que poderíamos finalmente nos ver, mas, embora já estejamos em São Paulo há quase dois meses, ainda não consegui encontrá-lo. Todas as vezes que

tentamos marcar algo, Thales tem algum compromisso de trabalho, alguma entrevista ou viagem e temos que desmarcar.

A verdade é que Thales é a sensação do momento, ele estampa as capas das revistas teens em todos os lugares onde vou. Nas redes sociais já existem dezenas de fã-clubes dedicados a ele, que são culpados por me fazer perder horas lendo cada um dos posts e comentários que me encham de raiva, orgulho e ciúmes, uma combinação esquisita que detesto. A verdade é que, embora ele esteja cada dia mais distante de mim, sua imagem se tornou mais presente no meu dia a dia.

A última fofoca é sobre uma cantora americana que supostamente foi vista com ele na França em um jantar íntimo, as imagens são bem ruins e quase não é possível ver o seu rosto, mas eu reconheceria suas pulseiras em qualquer lugar do mundo.

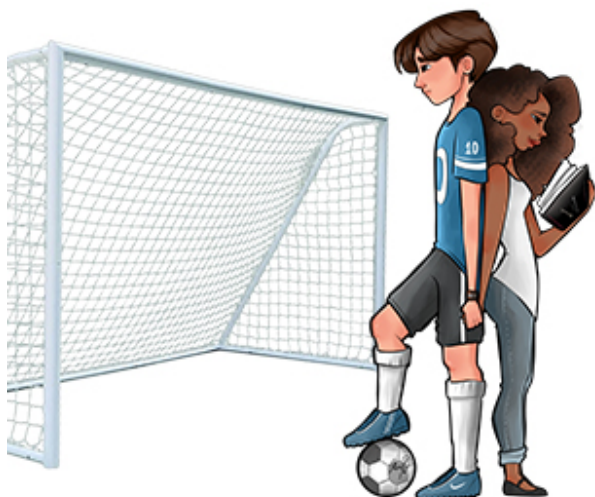
Passo horas olhando para essas fotos, já stalkeei a tal de Ashley Moore, 23 anos, uma das cantoras pops famosas da atualidade, morena, com longos e macios cabelos, um corpo sem defeitos e lábios cheios que me deixam em dúvida sobre a sua naturalidade.

Mas fora essa imagem pouco reveladora, tudo o que tenho são mais boatos e uma dor em meu coração insuportável, que me impede de criar coragem e perguntar a ele se essas fofocas são verdadeiras ou não. Tenho certeza de que facilitaria minha vida.

Fecho o notebook e me obrigo a me trocar, estou atrasada, para variar, e não vou ter tempo de almoçar. Sei que, à noite, quando minha avó contar para o meu pai que pulei mais uma refeição, ele ficará bravo comigo, mas eu tenho me mantido ocupada a maior parte do dia. Estou fazendo cursinho, inglês e até me inscrevi em um curso de escrita criativa, não que eu esteja realmente pensando em me tornar escritora, mas achei legal quando li no panfleto.

Só preciso manter minha mente ocupada o máximo de tempo possível enquanto aguardo o próximo passo da minha vida.

Ou a próxima fofoca dos tabloides sobre o astro do campo e a queridinha da América.



63

Thales



“Em uma virada impressionante, o São Paulo está classificado para a final do Campeonato Paulista, com dois gols do garoto Thales Reis, que levou a torcida ao delírio com gritos de “É CAMPEÃO!” e empolgou o time. Mesmo machucado, ele ainda fez uma jogada que culminou no terceiro gol e, ao final da partida, fica a certeza de que ainda vamos ouvir falar muito sobre ele.”

A vida de um atleta é medida pela quantidade de dor que é capaz de suportar, um bom atleta é aquele que suporta mais dor. Hoje tenho certeza de que cheguei ao meu limite. Sou feito de dor.

— Cara, o que foi aquele lance para o Pablo? — Gerson, o fisioterapeuta da equipe, fala enquanto massageia minha coxa me fazendo gemer.

— Precisávamos dessa vitória para empolgar a torcida — respondo enquanto sinto meu músculo ser retorcido pelas mãos torturadoras dele.

Ainda posso ouvir o eco da torcida gritando meu nome, ele pulsa dentro de mim e me faz suportar melhor a sessão de tortura. A adrenalina que sinto

quando estou em campo não é nada perto disso, é surreal ouvir meu nome cantado em coro por milhares de pessoas.

— Isso parece feio, hein. — Souza, o zagueiro do time, aparece por cima do meu ombro olhando o inchaço, que parece aumentar à medida que Gerson mexe.

— Acredite, tá pior do que parece. — Aperto as mãos no banco enquanto sinto o suor escorrer por meu rosto.

Outros jogadores se aproximam, todos me parabenizam pelo meu desempenho e me sinto muito feliz por saber que fiz o meu melhor, embora seja difícil conquistar uma posição fixa em um time de grandes jogadores e sendo eu ainda um moleque.

Caio entra assobiando com a camiseta do Palmeiras enrolada no pescoço.

— Mais uma para sua coleção? — Ergo o queixo em direção a ele.

— É, mais uma. — Ele gira a camiseta no ar e estica o pescoço. — Sessão amasso logo cedo, Reis.

— Ainda tô sentindo as travas da chuteira na minha garganta — digo a ele que se abaixa para olhar o hematoma.

— Amanhã isso vai estar uma merda.

E é nesse instante, enquanto Gerson decide que precisamos continuar na sala de fisioterapia, que me lembro de que eu havia combinado de me encontrar com ela.

— Porra! — Bato a mão espalmada na testa. — Acabei de me lembrar que marquei de jantar com a Ayla hoje.

— Sem chance, garoto. Eu preciso te deixar inteiro para o próximo jogo, o professor me mata se você não estiver cem por cento amanhã.

Olho para Caio, que já sabia sobre o jantar, e ele se levanta dando um tapinha em meu ombro.

— Relaxa, cara, ela vai compreender.

— Tomara que sim, porque, ultimamente, parece que o universo está conspirando para que esse encontro não aconteça.

— Isso que dá ser o galã do time, tá todo mundo louco pra arrancar uma casquinha do Thales Reis, ou sua cueca — Caio me provoca e começa a cantarolar uma música com seu inglês ridículo.

— Vai se foder! — respondo e recebo um apertão de Gerson, que me faz gemer.

— Relaxa, cara, cadê aquela gringa? Tenho certeza de que ela pode dar um jeito em você — Lucas Soares, o atacante, diz com seu sorriso malicioso.

Reviro os olhos e não respondo, conheci Ashley em um evento de uma revista teen em que fui homenageado. Ela é legal, seus avós são brasileiros, então ela era a única pessoa que sabia falar meu idioma. Passamos algum tempo juntos e, para o meu azar, fomos fotografados em um restaurante.

Foi o suficiente para que as revistas e sites de fofoca nos apontassem como o mais novo casal do momento. E parece que, quanto mais negamos, mais fogo colocamos nessa confusão toda.

Então desisti de negar.

— Ui, gostosão. — Fred, o goleiro, joga uma luva em cima de mim e logo sou alvejado por uma avalanche de uniformes suados, um coro cantando o refrão da música da Ashley e piadinhas de mau gosto dos meus companheiros de time e mesmo cansado, com dor, e com o coração apertado por saber que vou decepcionar Ayla mais uma vez, sinto que finalmente encontrei o meu lugar.



— Como ela está? — Acomodo-me na cama tentando não gemer quando movo a perna machucada, sinto meu peito doer ao perguntar da minha irmã, de um jeito que é quase tão insuportável quanto a dor física.

— Ela está bem, Thales — Milton me garante. Mesmo eu confiando em sua palavra, não há nada que ele possa fazer para aplacar a culpa que me corrói por dentro.

Desde que fui embora da cidade onde nasci, eu não a vejo com tanta frequência. Milton me mantém informado e a avó de Ayla sempre arruma um jeito de ir até lá para vê-la. Faço videochamadas com ela uma vez por semana e tenho relatórios escolares e médicos dela a cada trimestre, é uma das condições para que minha mãe possa continuar recebendo a sua mesada todos os meses. Isso é tudo que tenho dela, o terapeuta disse que ainda não estou preparado para resolver outros problemas e que devo me focar nas próximas etapas do meu tratamento. Não me resta nada além de confiar nele.

— Eu tenho garantido que o dinheiro está sendo depositado em uma conta em nome dela, pode ficar tranquilo — Milton diz erguendo a pasta em suas mãos e concordo com a cabeça. É ele quem cuida de toda a grana que

entra na minha conta, Milton é o responsável pela mesada da minha mãe e o dinheiro que é depositado em uma conta para Tati, ele também é o único que sabe qual o número de zeros que tem na minha, um número que vem crescendo a cada dia e me assusta pra caralho.

Ele insiste em me mostrar todas as transações, mas a única coisa que eu realmente me importo é jogar bola.

— Eu sei, não há outra pessoa que eu confiaria além de você.

Puxo um fio da faixa de gaze que pressiona minha coxa enquanto tento me acomodar melhor na cama.

— E você como está? — Olha diretamente para a minha perna enquanto pergunta.

— Puto da vida, eu falhei com Ayla mais uma vez.

— Ela sabe que você tem compromissos, que não faz por mal. — Milton tenta me acalmar como sempre faz. Mas dessa vez não adianta, não há o que ele diga que pode me fazer sentir melhor.

Estamos nos afastando cada vez mais, as fofocas da mídia, minha vida corrida, os compromissos dela, minhas merdas. Tudo parece agir para que não fiquemos juntos.

— Mas ela está chateada, odeio saber que a estou decepcionando.

— Escuta, filho, essas coisas vão se tornar cada dia mais comuns. Você está crescendo, as propostas estão chegando, seu time está chegando ao final do campeonato. Sua camisa é a mais vendida nas lojas, há centenas de e-mails todos os dias na minha caixa com propostas de campanhas publicitárias. Você tem ideia de onde isso vai te levar?

Para longe dela.

Fecho meus olhos e apoio a cabeça no travesseiro quando as suas palavras me atingem. Eu sei o que ele quer dizer e, embora eu não queira pensar nisso, no fundo eu sei que ele tem razão.

— Não me importa.

— Claro que importa, é sua carreira.

— Eu amo a sua filha, Milton. Você pode até achar que isso não tem importância, mas Ayla e Tatiana são as pessoas mais importantes da minha vida e, embora eu esteja dando tudo de mim, sinto que as estou desapontando cada dia mais.

— Esse é o preço da fama, Thales.

— Mas eu não estou disposto a pagar.

— Eu sei, filho, mas acho que é tarde demais para isso.

— E se ela se cansar de esperar por um cara, que parece cada dia mais inacessível?

— Vocês são jovens, têm um caminho a seguir. Se o futuro de vocês for ficarem juntos, lá na frente vai acontecer. Não se cobre demais, nesse momento você precisa se dedicar a sua carreira e Ayla a terminar os estudos, é o que eu quero para ela e para você também.

— Eu não posso... — Balanço a cabeça ignorando o fato de estar me abrindo para o pai da garota que amo, mas foda-se, ele é a única figura paterna que conheço e, nesse momento, eu preciso disso.

— Pode sim, garoto. Você me mostra, dia após dia, que não importa as adversidades da vida, quando se tem um amor dentro do peito e um objetivo em mente, nada, absolutamente nada, pode nos impedir de conseguir conquistar nossos sonhos.

— Mas de que adianta tudo isso? — Aponto para a minha perna lesionada e para os outros hematomas em meus tornozelos. — De que adianta dar tudo, se não tenho tempo para vê-la?

Milton se aproxima colocando a pasta com os depósitos para Tati e para a minha mãe ao meu lado na mesa de cabeceira e se senta no colchão ao meu lado.

— Você não se perdoaria se deixasse tudo para trás por causa da Ayla, se tornaria um homem frustrado e infeliz e faria a minha filha infeliz também. — Suas palavras são duras e cruéis, mas tudo o que ele fala é verdade. A porra da verdade.

— O que eu faço, Milton? — pergunto me sentindo desesperado.

— Deixe a vida seguir seu fluxo, filho. Confie no destino, ele é sempre um bom guia.

Desvio o olhar encarando o porta-retratos na parede, nele eu, Ayla e Duda estamos sentados na calçada, somos apenas crianças felizes que ainda acreditam que a vida é como uma brincadeira de fim de tarde.

E, por mais maluco e insano que pareça, uma pontada de saudades daquela época surge em meu peito. Ao menos dos meus amigos.

64

Ayla



Um temporal desaba na cidade, as ruas estão alagadas e o trânsito, que já é caótico em uma sexta-feira à noite, está completamente parado. O celular vibra na *clutch* em meu colo, retiro e encontro uma nova mensagem:

THALES: “Atrasada.”

Sorrio ao ver seu nome em destaque na tela.

AYLA: “Estou a caminho, está tudo parado. :(”

Assim que a mensagem chega ele começa a digitar.

THALES: “Manda o motorista tomar cuidado, estou te esperando.”

AYLA: “Okay. ;)”

Observo a tela à espera de mais mensagens por mais alguns instantes, guardo o celular e volto a olhar a paisagem ao meu redor, tento manter minhas pernas paradas, mas não consigo.

— Falta muito para chegarmos? — pergunto ao motorista, que olha no GPS antes de me responder:

— Mais dez minutinhos, menina.

Dez minutos, em apenas dez minutos verei Thales novamente. Meu coração, que não bate normalmente desde que acordei hoje pela manhã, está acelerado. Tento manter a calma e uso o reflexo da janela para verificar meu cabelo mais uma vez.

Quando o carro para na frente do endereço que entreguei a ele, tenho a sensação de que, dessa vez, ele parou de funcionar. Preciso respirar fundo algumas vezes antes de descer e mais algumas para criar coragem e entrar no luxuoso hotel onde está acontecendo a recepção. Um segurança abre a enorme porta de vidro para que eu possa entrar e me indica o lugar onde devo ir, como se já soubesse quem sou.

Sigo até os elevadores e aperto a cobertura desejando estar usando algo mais confortável, já que minhas pernas parecem ter perdido a coordenação motora. Quando as portas se abrem, um lindo salão aparece na minha frente, está mais cheio do que eu imaginava e isso me deixa um pouco frustrada, as chances de conversar com Thales são menores do que eu imaginava.

Uma jovem bonita, usando um vestido preto elegante, me recepciona perguntando meu nome e conferindo na lista.

— Por aqui. — Ela me indica o caminho e a sigo até o meio do salão. — Fique à vontade — diz ao se retirar me deixando completamente sozinha.

Decido caminhar pelo salão, talvez assim eu consiga encontrá-lo, ou quem sabe meu pai. O lugar está cheio de jogadores muito bem-vestidos, reconheço alguns e sorrio ao pensar em como isso tudo é surreal. Mulheres lindas e homens mais velhos, que imagino que sejam empresários assim como meu pai, conversam confortavelmente. Não me sinto à vontade, mas quando meu pai me disse que eu poderia encontrá-lo aqui, vi uma oportunidade única.

— Eu não acredito que você é aquela garota descabelada que adorava roubar a bola dos meus pés. — Uma voz soa em meus ouvidos e me viro para encontrar meu amigo parado na minha frente.

— Duda! Ah, meu Deus que alegria te ver! — Envolver meus braços em seu pescoço e sua risada faz cócegas em meus ouvidos.

— Estava preocupado, você demorou. — Ele abre os braços e sorri escandalosamente.

— Você sabe como é São Paulo, choveu, parou.

Seus olhos descem por meu vestido e me sinto um pouco desconfortável por estar usando algo tão justo e tão curto, mas Fernanda, minha amiga da faculdade, me garantiu que eu estava linda.

— Uau! Você está... linda — Duda diz.

— Você também. — Espalmo minha mão em seu peito e posso sentir o bom trabalho que o futebol vem fazendo com ele.

Duda está enorme, e não digo apenas em altura, mas seu físico mudou muito em quase dois anos que está jogando no Santos. Seus cabelos estão compridos e presos em um coque justo que deixa toda a beleza do seu rosto à mostra, uma barba suave cobre seu maxilar de um jeito que o faz parecer alguém mais velho e muito poderoso.

— Senti sua falta — diz segurando minha mão em seu peito por um pouco mais de tempo que o necessário.

— Também senti a sua.

— Esse ano foi uma loucura.

Duda sorri e não é para menos, o Santos ganhou o Campeonato Paulista em cima do São Paulo e perdeu o Brasileiro por poucos pontos, mas está classificado para a Libertadores, algo que não acontecia há cinco anos e Duda foi o artilheiro do time. Claro que a mídia aproveitou o marketing em cima do fato de que o artilheiro dos dois times são amigos de infância e me diverti vendo nossa história sendo contada. Eu até dei uma entrevista, foi esquisito.

— Acho que para todos nós.

— E você, como está sendo essa vida de universitária?

— Corrida, mas bem legal.

Minha vida parece boba e sem graça diante da loucura que é a vida dos meus amigos, sempre viajando, treinando, dando entrevistas, sendo fotografados e julgados por tudo o que fazem, comem e vestem.

Jogar futebol é bem mais complicado do que imaginávamos.

— Estava procurando meu pai e o Thales, você os viu?

— Thales? Esquece, faz quase uma hora que cheguei e ainda não consegui falar com ele. Parece o príncipe da bola, rodeado de pessoas e garotas.

Ele bebe um gole do líquido em seu copo e até mesmo a forma como segura o copo é elegante.

— Então, que bom que encontrei você — brinco fingindo não sentir uma pontada em meu peito ao imaginar Thales rodeado de garotas e imaginando se a tal da Ashley está aqui. — O que acha de me mostrar o lugar?

Duda me oferece seu braço e o aceito me aproximando enquanto desviamos de pessoas pelo salão.

— E você, hein. Arrasou no último jogo.

— Você assistiu? — pergunta surpreso.

— Claro, não perco um.

— Achei que você só assistia aos jogos do Thales. — Sinto um pouco de mágoa em sua voz, mas decido ignorar.

— Eu assisto, mas assisto você também.

— Recebeu minha camisa?

— Está guardada junto com todas as outras coisas na caixa Duda Medeiros. — Pisco para ele e meu amigo sorri orgulhoso. — Aliás, esse cabelo combina muito com você.

Duda passa a mão no coque e pisca de forma sedutora para mim.

— As garotas gostam.

Conversamos e passeamos por algum tempo. O salão é ainda maior do que eu poderia imaginar e há vários ambientes distintos. Encontramos meu pai, mas ele está conversando com algumas pessoas e não quero atrapalhar, então só aceno de longe.

— Sinto que estou no meio de uma reunião de negócios — digo para Duda enquanto ele pega o terceiro copo de bebida de um garçom que passa por nós.

— De certa forma é o que isso aqui é. — Ele vira o copo dando um grande gole antes de apontar para a nossa frente. — E lá está o nosso garoto.

E quando viro para a direção que ele aponta encontro Thales, rodeado de pessoas, uma moça segurando um gravador ouve o que ele diz, outra faz anotações em um caderno. Ele está impecável com um terno preto sem gravata, os botões da camisa abertos mostrando um pouco da sua pele dourada. Ele parece maior, mais velho que seus dezoito anos, a expressão séria em seu rosto enquanto ouve o que a moça tem a dizer forma um vinco entre seus olhos, tão bonito que me falta o ar, mas, no momento que sorri, ainda vejo o menino por quem me apaixonei embaixo de todo o seu controle.

— Thales tá subindo rápido demais — Duda fala e me viro para olhar para ele. — Não estou dizendo que é ruim, mas, caralho, ele ainda é um moleque e olhe para ele. — Duda aponta o copo na direção do nosso amigo e posso sentir uma pontada de inveja em seu comentário.

— Cada um tem o seu caminho a seguir, Duda, esse é o dele. Eu sempre soube que ele seria grande.

— Você dizia isso para mim também.

— E, pelo que sei, você está indo muito bem. — Duda sorri e bebe um longo gole.

— Estou feliz por ele. — Ele termina de beber e coloca o copo vazio em uma bandeja, noto que sequer olha para o garçom e isso me incomoda um pouco.

— Pega leve no álcool, você acabou de completar dezoito anos.

— Claro, você acha que eu sou burro, tá cheio de repórteres por aqui, loucos por uma fofoca.

Estremeço ao me lembrar de que ele tem razão, fofoca é como sangue para esses vampiros e tudo o que não quero é estar nesse meio.

— Duda Medeiros? — Um homem se aproxima chamando sua atenção.
— Podemos conversar um instante?

Duda pede licença e sai acompanhado do homem que, ao que me parece, é um repórter de uma grande rede de televisão. Uau! Isso tá ficando cada vez mais sério.

Encontro uma pequena mesa alta com dois banquinhos de onde consigo ver Thales. Decido me sentar e admirá-lo de longe, estou começando a ficar cansada e não quero perdê-lo de vista quando noto um rapaz se aproximando de mim com um sorriso amistoso.

— Ayla? — o rapaz pergunta e logo o reconheço.

— Caio! — Ele estende a mão para mim e a recebo cumprimentando-o.

— Ele já te viu por aqui?

— Não, na verdade eu cheguei há pouco tempo, estou esperando-o terminar ali. — Aponto para onde Thales está.

— Então fez bem em se sentar, ele é o queridinho da imprensa, não o vi sozinho um instante sequer.

— Isso é o máximo, ele merece.

— Sim, o garoto é incrível. — Caio se senta no banquinho à minha frente e volta a sorrir enquanto olha para Thales. — Cara, ele tá louco pra te ver. Meu ouvido tá quase explodindo de tanto ouvir Ayla pra cá, Ayla pra lá.
— Caio faz uma voz engraçada imitando Thales e começo a rir sentindo-me leve na presença dele.

— Ei, você também joga muito bem. Gosto do seu estilo e da forma como se movimenta no campo, além de ser um jogador versátil e isso é algo que os treinadores amam.

— Uau! Acho que me apaixonei. — Ele faz uma cara exagerada e coloca a mão no peito me fazendo rir. — Você realmente entende de futebol.

— Cresci no meio de dois craques.

Conversamos um pouco sobre futebol e gosto de Caio, ele é leve e divertido e me faz rir com grande facilidade.

— Não acredite em tudo que ele diz. — Uma voz sussurra por trás de mim me fazendo perder o equilíbrio e quase despencar do banquinho.

— Thales! — exclamo assustada quando suas mãos me seguram pela cintura mantendo-me no lugar.

— O próprio, de carne e osso.

— Bom, galera, acho que chegou a minha hora. Vou deixar os pombinhos matarem a saudade. — Caio se levanta e me estende a mão mais uma vez. — Foi um grande prazer te conhecer. Ele tinha razão, você é a maior gata. — Caio pisca para o amigo e sei que está provocando o Thales.

— Não liga pra ele, é um palhaço — ele diz ao se sentar onde Caio estava.

— Então, não sou uma gata? — Olho para o meu vestido, que mal cobre um palmo de coxa, e sinto meu rosto esquentar quando Thales faz o mesmo.

— Você é a garota mais linda do mundo, eu sequer me recordo dos últimos dez minutos de entrevista. Deus permita que eu não tenha falado nenhuma merda porque não conseguia tirar os olhos de você.

Molho os lábios tentando conter a euforia que toma conta de mim com seu comentário.

— Estou orgulhosa de você.

— Obrigado, tem sido um ano intenso.

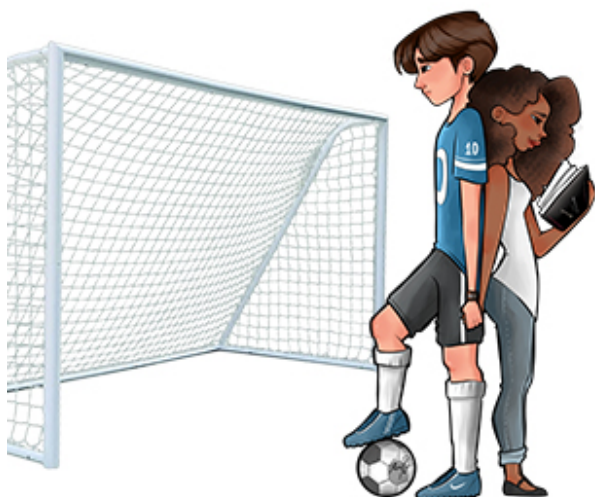
— Sim, meu pai mal para em casa.

— Nossa, o Milton tá enlouquecendo com tantos compromissos. Eu ainda não sei como ele dá conta.

Um garçom para na nossa mesa e oferece taças de champanhe, Thales pega uma para mim e outra para ele. Observo seu punho quando o paletó sobe e vejo que minhas pulseiras ainda estão no mesmo lugar, mas, ao mesmo tempo, tenho a sensação de que esse é o único elemento que me liga a esse rapaz bonito, bem-sucedido e requisitado. Não o reconheço, nem mesmo consigo manter uma conversa com ele e, antes que eu possa voltar a abrir a boca, Thales é retirado de mim mais uma vez para atender a um dos seus mais importantes patrocinadores.

Observo-o se afastar. De certa forma, essa imagem retrata bem o que está acontecendo nas nossas vidas. Não conseguimos mais ficar juntos, nem mesmo em um dia como o de hoje.

Abro a *clutch* que está em meu colo e passo meus dedos sobre a pedrinha que trouxe comigo. A vida seguiu seu curso, Thales está finalmente no lugar onde nasceu para estar, eu preciso aceitar e seguir o meu caminho.



65

Thales

— Se você continuar andando de um lado para o outro dessa forma vai abrir um buraco no chão — Ashley diz com seu sotaque carregado, que seria bonitinho se eu não estivesse tão furioso.

Caminho por toda a sala, sentindo o piso frio em meus pés descalços. Conto os passos que dou até chegar à ampla e bem equipada cozinha: vinte e dois.

Abro a geladeira e pego a garrafa de vinho que está no mesmo lugar desde o dia em que cheguei aqui, há exatas três semanas. Esse é meu novo apartamento, não, na verdade é meu *loft*, que, embora se pareça com um apartamento, é um quarto de hotel particular, onde posso comer, dormir, tomar banho e fingir que é minha casa.

Milton me convidou centenas de vezes para morar com sua família, tenho até mesmo um quarto lá, com fotos e todas essas coisas que fazem com que um lugar se torne lar, mas não aceitei, preciso definir minha relação com Ayla sem a pressão de estar dividindo o mesmo teto que ela, mesmo que eu passe grande parte dos meus dias no CT.

Então aceitei esse tal de loft e hoje à noite tive a certeza de que fiz a coisa certa.

Abro os armários em busca de um copo enquanto as imagens de Ayla e Duda juntos pinicam minha mente, a mão dela em seu peito, as dele em sua cintura, a forma como os dois sorriam e se olhavam...

Merda, merda, merda!

Pego um copo qualquer e bato com força na bancada chamando a atenção da minha companheira.

— Tem certeza de que é uma boa beber? — pergunta se levantando. — Tecnicamente, você nem deveria estar bebendo, ainda é de menor.

— Aqui no Brasil não. — Encho o copo e tomo um longo gole sentindo a garganta arder com o líquido.

Odeio bebidas alcoólicas, mas odeio ainda mais a raiva que sinto de mim mesmo por estar louco de ciúmes.

— Mas você já bebeu bastante na festa. — Ela retira o copo e a garrafa de perto de mim.

— E daí? Todo mundo bebeu.

— Mas você não é assim, baby. — Ela me olha com um sorriso bonito e gentil, que diz o quanto ela tem razão.

Ashley sabe o que sou, um fodido perturbado que não consegue seguir em frente emocionalmente porque está com os dois pés fincados no passado. Não é algo que me orgulho em contar, apenas duas pessoas sabem minha história, mesmo que não por completo: ela e Caio.

— Foda-se, estou cansado de ser o bom menino, me devolve essa garrafa. — Estico o braço para pegar o vinho, mas Ashley a coloca em suas costas erguendo uma sobrancelha para mim.

— Nem pensar — diz tranquilamente.

Abro a geladeira e pego uma cerveja, abro a tampa na bancada e passo por Ashley como um menino mimado e ridículo. Ela tem razão, bebi o suficiente para não ser capaz de andar em linha reta pelo meu *loft*. Odeio esse nome, odeio esse lugar, odeio essa porra dessa camisa que me incomoda.

Começo a puxá-la de dentro da calça enquanto caminho até a sacada, Caio desvia o rosto do celular e olha para mim como se estivesse sendo pego fazendo algo errado.

— Ei, mano, tem certeza de que vai fazer isso mesmo? — Aponta para a cerveja em minha mão.

— Eu mereço, afinal de contas hoje é o meu aniversário, a partir de agora sou dono da porra do meu nariz.

Caio balança a cabeça em desaprovação, isso me irrita já que ele sempre é o mais divertido de nós dois.

— Só acho que você está fodendo ainda mais as coisas, deveria ligar para ela.

Tomo um longo gole da cerveja e desabo no sofá de frente para Caio. É macio e confortável e decido que passarei a noite aqui, eu, minha cerveja e meu coração partido.

— Não posso.

— Por que não? — Ashley pergunta se sentando ao lado de Caio ainda com o meu copo de vinho em suas mãos.

— Não vou estragar a vida dela só porque sou um babaca.

— Você não é um babaca, não foi sua culpa se todos queriam falar com Thales Reis — Caio justifica.

— E eu acho que ela não está com aquele tal de Duda — Ashley diz com tanta convicção que sinto vontade de acreditar.

— Eu os vi indo embora juntos. — Sinto o gosto amargo das palavras, como se as proferir tornasse mais real os meus ciúmes. Estou louco de raiva, queimando por dentro por imaginar Ayla e Duda juntos no carro novo dele.

Deus, ela estava tão linda, tão sexy naquele vestido, precisei de todas as minhas forças para não puxá-la para mim e beijá-la até que todas as pessoas que estavam naquele salão soubessem que ela é minha.

O problema é que ela não é minha. Ao menos, não como eu gostaria que fosse.

— Mas eles são amigos, não são? — Ashley fala como se isso fosse uma descoberta científica.

— Ele sempre gostou dela.

— Mas ela sempre gostou de você, parceiro — Caio diz.

— Então, por que ela foi embora com ele? Por que não está aqui comigo? Essa noite era para ter sido especial...

Fecho os olhos em frustração quando me recordo de como imaginei que essa noite terminaria, eu e Ayla finalmente juntos, como um casal. No nosso dia especial.

Seu presente ainda está no mesmo lugar, esperando que ela o abra, sobre a cama, onde imaginei que estaríamos nesse momento. Mas as coisas não saíram como eu planejei e agora me sinto frustrado, triste.

— Eu ainda acho que você deveria ligar para ela.

— Me devolve esse copo. — Estico a mão para Ashley, que acaba cedendo e me entregando o vinho.

Bebo tudo de uma vez e me jogo novamente no sofá. Observo a garota bonita do outro lado, que me olha com carinho, ela é uma boa amiga, assim como Ayla um dia foi.

— Vem cá. — Estico meu braço para ela. Caio ergue os olhos entre nós, mas não diz nada quando ela se levanta e se senta ao meu lado. Eu a envolvo em meus braços e a puxo até que sua cabeça esteja apoiada em meu peito. — Me desculpe — sussurro com os lábios em seus cabelos.

— Não é para mim que você quer dizer essas palavras, baby. — Ela acaricia meu peito por cima da camisa e fecho meus olhos sentindo o cansaço da noite se abater sobre mim.

— Você sabe que é, e sabe o porquê estou pedindo desculpas.

Ela move a cabeça confirmando, Caio parece confuso, como se estivesse de fora de algo, na verdade ele está. O que ele não sabe é que não sou capaz de tocar Ashley como ela gostaria, não posso.

Meu corpo assim como meu coração pertencem a uma única garota. Não há nada que me faça esquecê-la e toda a baboseira sobre meus sentimentos estarem confusos perdem a razão.

Eu a amo. Sempre amei, sempre vou amá-la.

Mas, pela primeira vez na minha vida, amar a minha melhor amiga dói.

Ou talvez não seja o amor que faz meu peito doer e meu estômago se revirar, seja a realidade de que, se eu não fizer nada, talvez eu a perca. E, dessa vez, pode ser para sempre.

66

Ayla



É incrível como há habilidades que nem ao menos sabemos que possuímos até que seja necessário utilizá-la.

Ultimamente estou me tornando uma expert em fingir. Fingo o tempo todo, finjo para o meu pai, que precisa ter certeza de que estou bem para que ele fique bem também; finjo para os gêmeos, que me perguntam o tempo todo por que estou triste; finjo para as pessoas na faculdade, que me tratam como se eu fosse algum tipo de pop star por ser amiga do novo queridinho nacional; finjo para a minha avó, que passa o dia inteiro observando cada movimento meu como se eu fosse desmoronar a qualquer momento.

Talvez eu realmente esteja desmoronando, como um barranco. Aos poucos, pequenos pedaços de mim escapam sem que eu note, enquanto finjo ser quem não sou: uma garota compreensiva.

Foi o que fiz há quase uma semana, quando Duda me trouxe para casa. Depois que ficou insuportável ver Thales e aquela gringa, sorrindo tirando fotos e conversando como se fossem um casal, no nosso dia especial.

Fingi que estava com dor de cabeça, depois fingi que estava feliz por ver Thales rodeado de tantas pessoas cantando parabéns para ele, fingi que não ligava por aquela garota, linda por sinal, tocá-lo com tanta naturalidade. Thales odeia ser tocado, ou ao menos odiava, quando éramos amigos de verdade.

E agora, enquanto respondo a uma das suas mensagens, finjo que estamos bem, que não choro todas as noites enquanto me torturo imaginando

como ele terminou aquela noite, com as mãos daquela garota abrindo os botões da sua camisa e o ensinando coisas que eu nunca pude fazer.

AYLA: *“Tenho uma apresentação na última aula, não posso faltar.”*

Minto quando ele me convida para almoçar.

AYLA: *“Pode ser na próxima semana? Acho que estou livre na quinta.”*

Envio a mensagem já sabendo a sua resposta. Ser a filha do seu empresário me dá acesso à sua agenda de trabalho e sei que ele não estará em São Paulo na próxima quinta. Jogo sujo, eu sei.

THALES: *“Quinta eu viajo.”*

AYLA: *“Que pena... deixa para a próxima.”*

THALES: *“Sim, melhor.”*

Assim encerramos nossa conversa, sem nenhum “eu te amo”, “estou com saudades” ou um “aquela vaca te tocou?”.

Nada.

Um grande nada.

Abro a página do fã-club de dele e clico na última foto, Thales e Ashley Moore sorrindo enquanto se olham na noite que deveria ser nossa, é o suficiente para que qualquer pontada de remorso passe.

Deixo minha família assistindo a um filme em nossa ampla e confortável sala de estar e subo para o meu quarto, é estranho como, embora estejamos melhores de vida, morando em um lugar legal e todos juntos, não me sinto em casa, talvez seja porque lar seja mais do que paredes limpas e cômodos amplos, lar seja muito mais do que estar todos debaixo do mesmo teto, significa estar juntos e, infelizmente, sinto como se estivéssemos cada dia mais distantes uns dos outros, como se estivéssemos sempre apressados demais para nos dar conta disso.

Entro no meu quarto e fecho a porta, aqui a distância entre um cômodo e outro é tão grande, que mal se nota que tem outras pessoas na casa. Nem mesmo as risadas escandalosas dos gêmeos chega até aqui e posso finalmente me permitir estar completamente sozinha, física e emocionalmente.

Jogo o celular na cama e caminho até a janela abrindo-a e deixando que a brisa da noite alivie minha tensão, mas é em vão. Estou nervosa, irritada, chateada, magoada e a única forma de resolver isso seria conversando com Thales, mas ao invés disso, sempre que podemos, estamos nos atacando, ele me pergunta de Duda, como se fôssemos um casal, eu ignoro as fofocas e as fotos, agora nítidas e muito bem tiradas, dele com aquela garota e deixamos que um abismo se forme em nossa relação.

Quando foi que chegamos a isso?

Não sei o que está acontecendo comigo, sempre fui uma garota que não liga muito para a opinião dos outros, sempre fui feliz com quem sou e com o que tenho, mas a ironia é que, no momento em que nossos sonhos se realizaram, percebi que não era bem eles que nos motivavam, mas a busca por um ideal e, nesse momento, estou tentando encontrar um novo ideal para mim. Algo que não seja Thales Reis.

Olho em volta do meu lindo, moderno e bem equipado quarto, tenho tudo o que uma garota da minha idade poderia desejar, inclusive uma linda e branquinha estante com espaço suficiente para que eu possa enchê-la com as mais incríveis e apaixonantes histórias. Começo a retirar os livros e empilhá-los na cama, sem pensar muito bem no que estou fazendo, é hora de mudar, de desconectar antigas convicções e dar espaço para novidades, eu sempre quis fazer isso, mas nunca tive coragem e a hora é agora.

Demoro cerca de duas horas até que tudo esteja pronto, estou exausta e satisfeita quando me sento na cama e observo as paletas de cores que iluminam a estante, do branco ao amarelo, do rosa ao vermelho, do azul ao preto. Vejo coleções desmontadas, livros grandes e pequenos juntos e uma parte de mim grita para colocá-los de volta no lugar, mas, no fundo, eu sei que mudanças necessitam que saíamos da nossa zona de conforto e, nesse momento, embora esteja maravilhada com o resultado, estou totalmente fora da minha zona de conforto.

Recordo-me da minha antiga e frágil prateleira que guardava meus tesouros mais preciosos e de como Thales sempre dizia que um dia ele me daria muitos livros, e ele faz. Sempre que pode ou que me vê comentar de

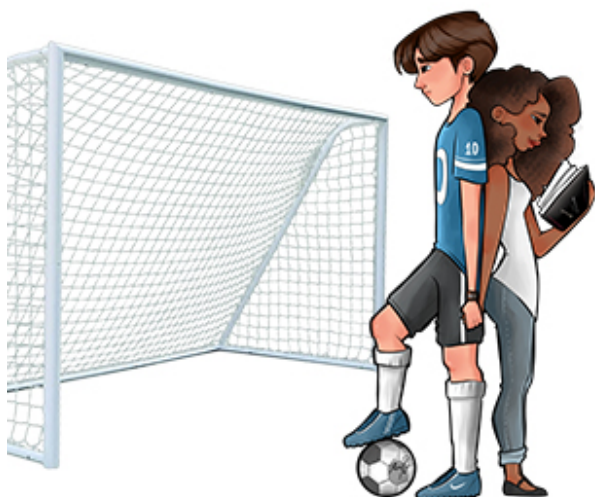
algum livro novo, no meu aniversário, Natal, Dia dos Namorados, Dia da Mulher, Dia do Beijo e até mesmo no Dia das Crianças, livros nacionais, importados, edições especiais e até mesmo autografados, mas, embora eu ame ganhar livros (afinal, que leitor não ama?), eu trocaria minha bela estante organizada por cores e esse quarto com cama de casal e televisão por meu pequeno e mofado quarto, minha velha e barulhenta cama, que sempre reclamava quando Thales deitava nela; minha prateleira torta e minha pequena coleção de livros. Troco tudo isso para poder ser novamente a garota que podia amar. Sei que é egoísta da minha parte, mas, às vezes, tenho a sensação de que era mais feliz quando Thales só tinha a mim, era só meu.

Levanto-me decidida a parar com essa autossabotagem e vou até a estante, sei exatamente o que vou pegar e o motivo. Meus dedos tocam a lombada preta com letras laranja do segundo volume da série que Thales me deu no primeiro Natal, volto para a cama abraçada a ele, mas sem nenhuma intenção de ler, apenas quero senti-lo perto de mim, passar meus dedos na lombada gasta por horas aberto enquanto eu lia e relia, folheio as páginas sentindo a magia de reviver a história enquanto vejo os quotes. O livro inteiro está todo marcado, rosa, verde, azul, cada pedacinho que naquele momento significou mais do que apenas uma leitura, era um presente, o mais especial de todos. Abro em uma página qualquer e releio a frase grifada:

“Quero que ouçam sua história. E saibam que há uma força especial... Uma força especial é necessária para suportar tais provações sombrias e dificuldades... E permanecer benevolente e gentil. Ainda disposta a confiar... e a se aproximar dos outros.

Há dias bons e ruins para mim... mesmo agora. Não deixe que os dias ruins vençam.”^{[10](#)}

E nesse momento, sinto aquele instante mágico que André Maurois diz, sobre “a leitura de um bom livro ser um diálogo, o livro fala e a alma responde”. Minha alma se enche de esperança de que eu tenha força e fê para aguardar pelos dias bons e, principalmente, para que eu possa reconhecê-los quando chegarem.



67

Thales

Balanço a perna como se não tivesse o menor controle sobre meu corpo, olho pela janela do carro e abro para que talvez eu consiga respirar melhor enquanto espero a resposta.

AYLA: *“Você estava incrível hoje.”*

Sei que parece bobagem, mas toda vez que ela diz isso um sorriso enorme se espalha por meu rosto.

THALES: *“Você gostou?”*

AYLA: *“Uhum... Cortou o cabelo de novo?”*

Passo a mão por meus cabelos sentindo a textura do corte baixo pinicando meus dedos.

THALES: *“O Caio me obrigou, disse que o meu antigo corte estava ultrapassado.”*

AYLA: *“Eu gostava, mas assim está mais bonito. Talvez ele tenha razão, Caio sabe das coisas.”*

THALES: *“Provavelmente, ao menos mais do que eu.”*

AYLA: “Uhum.”

Olho para a tela do celular enquanto aguardo mais alguma coisa, odeio quando ela responde com um “Uhum”, é o sinal de que a conversa está chegando ao fim; e a cada dia, ela termina mais rápido. É como se, de alguma forma, desaprendemos a conversar.

Observo a rua à nossa frente. Um grupo de pessoas conversam em um bar legal, estão todos sentados em uma mesa, há várias garrafas de cerveja e uma garota acaricia o rosto de um homem. Sinto um pouco de inveja dele nesse momento.

AYLA: “Amanhã é o dia.”

Ela envia e meu coração bobo se alegra.

THALES: “Sim, estou empolgado.”

AYLA: “Você vai arrasar, preciso ir, estou exausta. Boa noite.”

THALES: “Boa noite.”

Quero completar com “menos um dia”, algo que fazíamos logo no começo, quando estar longe dela era algo tão doloroso que eu mal conseguia respirar, mas ao invés disso bloqueio a tela e guardo o aparelho no bolso para não mandar mais nenhuma mensagem.

— Relaxa, mano, vai dar tudo certo — Caio diz enquanto dirige com uma mão no volante e a outra descansando tranquilamente na janela aberta.

Engraçado me sentir tão à vontade e seguro ao lado de alguém que conheço pouco mais de dois anos. Sempre achei que Duda seria meu amigo para sempre, mas descobri que o para sempre não existe e que, às vezes, o dinheiro mexe com as pessoas, ele mexeu com Duda, ainda nos falamos, ainda o amo como sempre amei, mas não temos mais a mesma conexão e tudo bem, porque só assim tive o privilégio de esbarrar nesse moleque engraçado e divertido, que me faz rir mais do que achei que seria possível para um cara como eu.

— Estou relaxado — minto e Caio ergue suas sobrancelhas grandes para mim.

— Tão relaxado quanto aquelas estátuas de museu — brinca e aumenta o som da música eletrônica que invade o carro.

Caio tem razão, estou nervoso pra cacete, são dez e meia da noite e eu deveria estar dormindo, me preparando para o grande jogo de amanhã, aliás, nós dois deveríamos, mas ele sabe como agitar uma noite importante e nos colocar em perigo.

— Me liga quando quiser que eu te busco, beleza? — Caio diz quando para na frente da casa dela. Olho para o sobrado cinza com janelas brancas e sorrio para o meu amigo, que me estende o punho.

— Valeu, bro. — Abro a porta do carro sentindo-me um pouco estranho por estar aqui, parado na frente de uma casa que não significa absolutamente nada para mim, mas que guarda tudo o que tenho de mais importante na minha vida.

Olho para o muro, não é tão alto, mas não sei se conseguiria pular, então enfio a mão no bolso da minha calça e retiro a chave que Milton me entregou alguns meses atrás.

“Ela também é sua, filho.”

Foi o que ele me disse quando entregou a chave da sua nova casa, comprada com o dinheiro que conquistou com seu trabalho impecável de empresário, ainda é pouco diante de tudo o que ele fez e ainda faz por mim. Se fôssemos justos, Milton deveria morar em um castelo ou algo do tipo.

Naquele dia, ele disse que sempre haverá um quarto pronto à minha espera e, embora isso já tenha um bom tempo, eu sei que esse quarto ainda está reservado para mim e sempre estará. Esse é o Milton, o cara que tem o coração do tamanho do mundo.

Abro o portão e entro tentando fazer o mínimo de barulho possível, mas no instante em que o fecho tenho certeza de que tive a pior ideia do mundo, olho para as janelas no primeiro andar da casa sem saber como farei para chegar até uma delas, não posso me machucar, seria irresponsabilidade demais da minha parte, mas também não quero tocar a campainha. Analiso minhas opções, caminho até o corredor lateral da casa verificando tudo até que encontro um banco de madeira nos fundos do quintal, arrasto ele o mais devagar possível e o posiciono embaixo da janela dela, depois coloco um vaso de metal em cima do banco, mesmo assim não consigo alcançá-lo, olho no relógio e verifico as horas, eu ainda poderia entrar da forma convencional, mas minha teimosia é maior que a minha sanidade e então tento de outra forma.

Arrasto o banco para o muro, e com o vaso e um pouco de esforço consigo subir nele, sem olhar para baixo, caminho até estar de frente a sua janela e, então, começo a retirar as bolinhas de gude que trouxe comigo e jogo uma atrás da outra na janela fechada a minha frente.

Vamos, Ayla...

Na terceira bolinha, uma luz acende e meu coração acelera como se eu estivesse prestes a ser pego fazendo algo errado, decido jogar mais uma e a sombra de alguém se levantando aparece, é pequena, o que me faz crer que só pode ser ela, a menos que seja a sua avó. Oh, Deus, por favor, que não seja a dona Olga.

A janela se abre e perco o equilíbrio no instante que ela chama meu nome:

— Thales?

— Merda! — exclamo enquanto balanço os braços exageradamente no ar para não perder o equilíbrio.

— Jesus Cristo! O que você está fazendo?

— Estou tentando chegar ao quarto da minha amiga — digo quando finalmente consigo me estabilizar e ouço sua risada.

— Não sei se você sabe, mas temos uma porta lá na frente, ela funciona bem.

— Mas aí não seria eu — brinco enquanto tento analisar o impulso que tenho que dar para pular daqui até aquela janela. Merda! Onde fui me meter?

— Na verdade seria, só que inteiro.

— Se afasta, eu vou pular — digo enquanto balanço meu corpo para a frente e para trás.

— Thales, você não vai... — ela começa a falar e, então, estou com meus braços estendidos na janela, meu peito ardendo com o impacto contra a parede e a sensação de que meu pulmão foi esmagado por algo.

Ayla segura meus pulsos e me puxa com força, mas não me ajuda muito, encaixo meus pés na parede e escalo o restante do caminho até que consigo me sentar e jogo minhas pernas para dentro do quarto.

— Você é maluco! — exclama quando entro ofegante e dolorido.

— Na verdade, uma vez uma garota me disse que eu tinha superpoderes, resolvi testar.

Ela sorri timidamente e meu estômago se agita.

— Você se machucou?

— Não, estou bem — minto porque minhas palmas ardem e meu pulmão ainda está com sua capacidade reduzida, mas a alegria de finalmente estar aqui com ela compensa qualquer coisa.

— Eu ainda não acredito que você está aqui.

— Como nos velhos tempos.

— Sim...

Silêncio... silêncio... silêncio.

Afasto-me da janela e passo a mão em meus braços limpando a sujeira que ficou neles, em seguida enrosco o dedo nas tiras que cobrem meus pulsos porque não faço a menor ideia de como começar essa conversa.

— Senti sua falta — sussurro sem querer estragar o momento, mas desesperado para dizer algo que seja verdade.

— Você não deveria estar concentrado? — Ela ignora meu comentário.

— Sim, mas eu precisava vir aqui.

— Por quê?

— Já disse, estou com saudades.

— Você me viu na sua festa, não faz tanto tempo assim.

— Ayla... — chamo-a porque sei o que ela está fazendo e hoje não vou deixar que a gente entre por esse caminho de provocações, que sempre terminam com meu humor no lixo e meu coração dolorido.

Hoje não.

— Por que você fez isso? — pergunta cruzando os braços na frente dos seios.

— Já disse. Precisava te ver.

— Não me refiro à hoje, mas a todo esse tempo. Por que você não veio aos jantares que minha avó fez? Por que não estivemos juntos nos nossos aniversários? Por que você me afastou de você?

Ela começa e me sinto aliviado. Se vamos ter essa conversa é melhor que seja sem rodeios, direto ao ponto, como sempre fomos.

— Porque eu precisava.

— Precisava?

Caminho até sua estante, observo os livros reconhecendo alguns que ela leu para mim, outros que dei para ela, muitos que nunca vi.

— O terapeuta me pediu — digo ainda sem olhar para ela.

— Seu terapeuta te pediu para se afastar de mim? — pergunta parecendo ofendida e me viro para observar seu rosto bonito e magoado.

— Não, ele me pediu para que eu me desconectasse de tudo o que me fazia lembrar o que aconteceu comigo.

— Ah... — Ela suspira. — E isso se encaixa a mais alguém ou apenas a mim?

— Com você principalmente.

— Legal.

— Ele disse que eu precisava construir o meu futuro, me fortalecer, definir o que realmente era bom para mim e o que não era.

— E você já definiu em que categoria eu me encaixo?

— Ayla...

— Não, assim, só para eu saber mesmo porque não é nada legal esperar por alguém sem saber se essa pessoa vai sequer responder as suas mensagens.

— Eu sei, você tem razão.

— E a Ashley? Ela se encaixa em que categoria? Calma, essa eu sei, ela é o futuro.

— O quê?

— Deixa pra lá, eu não tenho nada a ver com isso.

— Claro que você tem, do que está falando?

Ayla caminha até o outro lado do seu quarto e odeio que ele seja tão grande, sinto que estou me perdendo e não sei como fazer isso, nunca fui bom com as palavras, ela sempre leu minhas emoções, mas agora parecemos dois estranhos.

— Eu entendo que você esteja magoada, de verdade, mas você não tem ideia de tudo o que eu tenho que passar para poder estar naquele time.

— Olhe para você, Thales, olhe para o que nos tornamos. — Ela aponta para um mural e só então percebo o que há neles, fotos, dezenas de fotos minhas em campanhas publicitárias, capas de revistas de todos os gêneros, recortes de jornal e tudo o que eu posso imaginar. — Você se tornou o meu ídolo e eu não passo de uma fã que dorme com a sua camiseta porque isso é o mais perto que consigo chegar de você.

— Não, você tem a mim. Você sempre terá. — Vou até ela e a seguro pelos braços, mas Ayla se esquia e dá um passo para trás.

— Não, eu não tenho nada além de lembranças e promessas.

— Isso não é verdade, você sabe disso.

— A única coisa que eu sei é que não suporto mais isso.

Dou mais um passo e a seguro, dessa vez com um pouco mais de força trazendo-a para junto de mim.

— Por favor não faz assim. — Seguro seu rosto impedindo que se afaste novamente. Estou desesperado, apavorado e estou disposto a tudo para que ela não me mande embora.

— O que você está fazendo aqui? Por que está fazendo isso com meu coração?

— Porque não posso viver sem você.

— Eu vi o quanto você não pode viver sem mim na sua festinha. — Ela me encara enquanto fala, com seus olhos carregados de tanta tristeza que meu peito dói.

— O que você está falando?

— De você, daquela garota.

— Você não pode estar falando sério.

— Ah, eu estou, muito.

— A Ashley é só uma amiga.

— Eu também sou sua amiga. — Ela se desvencilha de mim e sinto como se tivesse sido esbofeteado.

— Você acha que estamos juntos?

— Eu não acho nada, só não posso continuar assim.

— Você está acreditando em fofocas?

— Thales é melhor você ir embora.

— Eu vi você e o Duda.

— Ah, por favor, não seja ridículo.

— Por que, ridículo? Eu vi vocês na festa, se tocando, sorrindo como...

— Como sempre fomos, como amigos, assim como éramos com você, ou já esqueceu?

— Não, eu não esqueci, mas não gostei de te ver indo embora com ele.

— Ah, é mesmo? Talvez, se não estivesse tão ocupado mostrando os dentes para aquela gringa, teríamos ficado mais tempos juntos, os três, como sempre fomos.

Suas palavras saem altas, ácidas e cheias de raiva. Não foi para isso que vim até aqui, não posso permitir que ela acredite que eu tenha algo com Ashley quando tudo o que penso é nela, em sua boca, seu corpo, seu sorriso, em como necessito dela para ser feliz.

— Ayla, vem cá. — Seguro seu braço puxando-a para mim.

— Me solta, Thales.

— Para com isso, nós não somos assim.

— Não existe mais nós, Thales. Já faz um tempo.

— Não, por favor, não diz isso.

— Eu não posso lidar com essa situação, eu achei que podia, mas é demais.

— O que é demais? — pergunto sentindo um desespero avassalador me invadir.

— É melhor você ir embora daqui. Talvez seu terapeuta tenha razão, talvez eu te faça mal.

— Você nunca me fez mal.

— Mas nunca te fiz sorrir como você sorriu para aquela garota.

— Ayla, pelo amor de Deus, para com isso!

— Vai embora, Thales — ela diz, mas suas mãos estão em meus braços, me segurando, como se temesse que eu realmente fosse embora.

— Você está me mandando embora da sua vida?

— Não, eu estou te dando a liberdade para que você possa seguir seu caminho, estou te libertando do último vínculo que você tinha com o seu passado para que possa construir o seu futuro.

— Você é o meu futuro, meu passado e meu presente, você é o meu sol e minha lua, o ar que respiro e o sangue que bombeia a vida em meu coração, não me mande embora, porque eu não posso ir.

— É melhor assim, você estará livre.

— Não quero ser livre, eu quero você.

Ela pisca lentamente, como se soubesse que não há como evitar as lágrimas de caírem, recolho elas com os polegares enquanto observo seu rosto triste por minha causa.

— Eu te amo, Ayla.

— Eu sei... eu também te amo — sussurra, tocando meu rosto delicadamente. — Mas nem todos os amores nasceram para ficarem juntos.

— Não, não, não...

— Shhhhh... — Ela coloca o indicador em meu lábio e o beijo, depois afasto sua mão e beijo sua boca, desesperadamente, com força, como se quisesse fazê-la sentir, através dos meus lábios, tudo o que sinto por ela.

— Eu te amo. — Seguro seus cabelos em minha mão afastando-os da orelha e sussurrando em seu ouvido: — Com todo o meu coração.

— Eu sei.

— Não, você não sabe.

— Eu sei, mas precisamos deixar esse amor morrer.

— Não, Ayla, não. — Beijo sua boca novamente, e de novo, de novo, sinto o sabor das suas lágrimas, ou talvez sejam as minhas, não sei. Nesse momento, enquanto ela diz que nosso amor acabou, me agarro a ela com tanto desespero, que chego a perder o ar. — Eu não aceito. Não agora, não depois de tudo o que suportamos, de tudo o que tivemos que abrir mão. Se eu cheguei até aqui foi porque eu sempre acreditei que existiria um nós, não me diga que agora acabou.

— Eu odeio ser a garota insegura e ciumenta, odeio me sentir mais uma fã, odeio não saber tudo a seu respeito.

Pego sua mão e coloco em meu peito, onde meu coração está acelerado de medo de perdê-la.

— Você sabe tudo o que mais importa, só você sabe como fazer ele bater desse jeito, se você for embora da minha vida, eu não sei o que será de mim.

— Você ainda será o Thales Reis.

— Um homem morto, sem sonhos, sem esperança. Sem amor.

Ela respira fundo, as lágrimas escorrendo por sua pele linda enquanto me olha como se estivesse decidindo o meu futuro e de certa forma está.

— Eu te amo — diz, com seus dedos enroscados em meus cabelos, puxando-os para si, como se ela também precisasse se agarrar. — Eu sempre vou te amar, mas...

Ergo-a em meus braços enquanto ouço ela se despedir de mim, beijo-a mais uma vez, enquanto caminho com ela em direção a cama. Volto a beijá-la quando a deito lentamente, ignorando a onda de pânico que me invade fazendo meu estômago doer.

— Por favor acredita em mim — sussurro enquanto me coloco sobre ela acariciando seu rosto, implorando por mais uma chance.

— Me beija — Ayla pede e eu obedeço.

Então a beijo, com desespero, medo, dor, tristeza, com meu coração.

Com tudo o que sei ser.

68

Ayla



Não vamos transar.

Isso é tudo o que meu cérebro consegue computar enquanto o beijo, enquanto sinto seu corpo pesado sobre o meu, a rigidez dos seus músculos tão bem trabalhados, a força da sua língua exigindo o lugar que sempre foi seu em minha boca.

Não vamos transar.

É o que penso quando sua mão entra por baixo da minha camiseta, se espalha por minha barriga, quando as pontas dos seus dedos tocam a parte de baixo do meu seio. Quando meu coração dispara, minha respiração se atrapalha até que se torna apenas um gemido.

Não vamos transar.

É o que ainda tento dizer para mim enquanto passo as mãos por baixo da sua camiseta e cravo minhas unhas em suas costas, puxando-o para mim, mesmo que eu quase não suporte mais tanto peso.

“Ele é meu!”, é o que grita meu cérebro, que a essa altura já se transformou em gelatina, dominado pelo desejo, pelo ciúme, pelo amor.

Ele é meu, sempre foi, cada uma das pintinhas em seu corpo, das sardas em seu rosto, cada uma das suas cicatrizes, cada lágrima que ele derramou, cada dor, cada sorriso.

Meu. Todinho meu.

Sua mão envolve meu seio e o polegar brinca com meu mamilo, encaixo meus lábios na curva do seu pescoço para não gritar quando o desejo explode dentro de mim.

— Puta merda... — diz enquanto se inclina para me beijar.

Passo a mão em suas costas, desço pelos músculos que não conheço, mas que parecem terem sido feitos para estarem em seu corpo, desço por sua cintura até alcançar a barra da sua calça. Quero despi-lo, quero senti-lo, quero ser dele.

Nós vamos transar.

Isso é tudo o que sempre sonhei, em cada livro que li. Cada casal que se amava, cada momento em que o amor explodia em sensações mágicas de meus personagens, era nele que eu pensava, era em seu corpo, em sua voz, em seu gosto.

— Eu te amo — digo quando seus dedos se enroscam na calcinha simples de algodão que estou usando e a puxam me deixando nua da cintura para baixo, gemo alto quando seus dedos trêmulos e sem jeito tocam minha intimidade, sentindo o quanto o desejo.

— Nossa, Ayla... — Ele volta a me beijar enquanto movo meu quadril para que ele me toque. — Eu te amo tanto — diz quando apoia a testa em meu ombro e respira fundo. — Me desculpe — diz quando se afasta, deitando-se ao meu lado.

Abro a boca para protestar, estou ardendo de desejo, tão molhada, que chega a ser vergonhoso. Meu corpo parece prestes a explodir por ele, mas então ele coloca um braço sobre o rosto enquanto acomoda a enorme ereção, que repuxa seu jeans, com a outra mão e, então, eu sei.

Nós não vamos transar.

Ele não me quer e isso é tudo o que eu consigo pensar enquanto meu coração bate descompassado e meu corpo, aceso por seu toque, implora para que, dessa vez, cheguemos ao fim.

Thales se vira de lado, seus olhos castanhos, doces e tristes observam os meus, negros e cheios de porquês. É tudo tão íntimo e tão trágico. Estamos nos despedindo, mais uma vez, meu peito sente, meu corpo sabe e meu coração maltratado, de certa forma, já sabia. No fundo, eu sempre soube.

— Está tudo bem? — pergunto mesmo sabendo que não.

— Eu tenho duas propostas que estão sendo analisadas. — responde, com sua voz rouca e baixa como se ele estivesse se controlando para manter tudo sob controle. — Uma é aqui, no Brasil; a outra... — hesita um pouco, posso ver seu pomo de adão se mover enquanto se prepara para falar algo que já sei, mesmo que meu pai não fosse seu empresário, eu sempre soube, seu tempo comigo era curto. — E na Espanha.

Obrigo meus lábios a se moverem forçando-os em uma expressão, que se assemelha a um sorriso, ergo a mão e aperto seu ombro acariciando-o.

— Você já tomou a sua decisão?

— Ainda não, eu estava esperando falar com você.

— De jeito nenhum, essa decisão é sua. Nós dois sabemos qual deve ser a sua escolha.

— Ayla, eu...

— Quanto tempo? — interrompo antes que ele fale algo do tipo “só vou se você for”. Não posso deixar que ele faça isso, preciso libertá-lo, permitir que faça o seu caminho. Prendê-lo a mim seria cruel demais, ele merece voar, ser livre depois de tantos anos de sofrimento, Thales Reis merece o mundo.

Ele abaixa a cabeça apoiando a testa no meu ombro, viro-me de lado, encaixando minhas pernas nuas entre as suas, a textura da sua calça jeans em minha pele é, ao mesmo tempo, desconfortável e reconfortante. Passo meus dedos por seus cabelos, sentindo a familiar sensação de tocar as ondas grossas e pesadas por meus dedos.

— Thales, você deveria estar feliz, deveria estar comemorando. Você conseguiu em muito menos tempo do que imaginei. Você é incrível, todos te amam.

Ele ergue o rosto, seu nariz passa por minha bochecha, estamos tão perto, mesmo assim sinto que não tenho o suficiente e me aproximo mais.

— Metade da população adolescente do país daria um braço para estar aqui agora. Você tem ideia do que é isso? — Beijo a ponta do seu nariz, mas ele não reage.

— Eu prometi ao presidente do clube que não saio antes do fim da próxima temporada.

— Oito meses então — digo e ele move a cabeça, concordando. — Ótimo, temos todo esse tempo.

— E depois?

— E depois, você vai ganhar o mundo e eu vou estar na faculdade. Vamos estar atarefados demais realizando nossos sonhos cada um do seu jeito, não teremos tempo para dramas adolescentes. — As palavras saem exageradas da minha boca, um vinco se forma entre os olhos dele enquanto me ouve vomitar um monte de babaquices que nós dois sabemos que não é verdade.

Oito meses é tudo o que tenho dele, depois disso não sei o que será de mim e não me importa.

— Quando foi que você aprendeu a falar tanta bobagem? — Seu tom é sério, mas sei que está brincando.

— Tive muito tempo livre para isso.

— O que houve com todos aqueles romances que você gostava de ler?

— Eu ainda os leio, mas não é a mesma coisa sem você.

— Eu estou aqui.

— E eu não tenho a mínima intenção de ler, ao menos não agora.

Thales permanece um tempo olhando para mim, seus olhos percorrem meu rosto, analisam cada traço, cada detalhe, cada defeito, sinto como se uma vida inteira se passasse antes dele se aproximar de mim e me beijar novamente. Dessa vez sua língua é suave e doce enquanto acaricia minha boca, com calma, me fazendo perder o ar, tamanha a sua gentileza. Mas antes que eu possa fazer algo, o beijo acaba e Thales se ergue da cama indo até minha estante. Ele estende o braço e começa a ler as lombadas, me ajeito na cama sem me preocupar em arrumar minha camiseta, apenas visto minha calcinha, afinal, não faz diferença se estou nua ou com uma burca, ele não veio aqui para isso, então decido que não vou me importar. Como disse, nem todos os amores nasceram para existir, o nosso é um desses. Eu apenas preciso de oito meses para aceitar isso.

Thales encontra o que estava procurando, o exemplar de *Métrica* está em sua mão enquanto desabotoa a camisa e se desfaz dos seus tênis. Preciso explicar para o meu cérebro repetidas vezes que ele tem um livro em suas mãos enquanto se despe, não é como se fôssemos fazer amor. Ele está apenas se livrando de suas roupas para ficar mais à vontade ao meu lado e poder me torturar com mais eficácia.

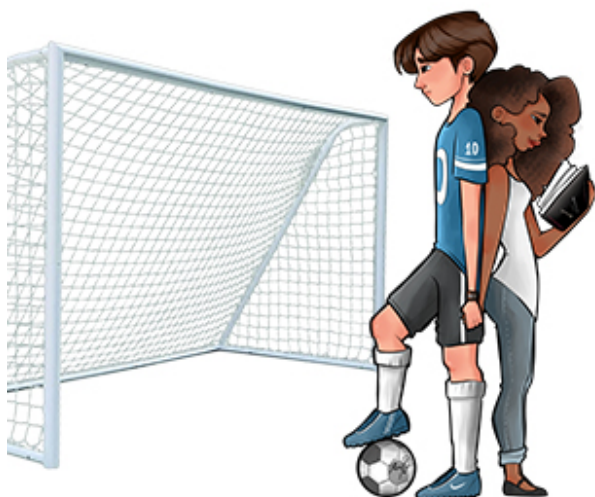
Thales sempre foi bonito, ao menos eu sempre o achei assim. Mesmo quando criança, eu achava adorável a forma como sua boca se curvava toda vez que estava concentrado em uma jogada, sempre sonhei que ele seria o garoto que me beijaria, que me levaria a um baile, que me amaria. Ele sempre foi único para mim, mas agora não é mais um garoto. Thales já tem a composição física de um homem, alto, magro, com músculos esculpidos pelo exercício e uma pele naturalmente bronzeada, que faz com que seus músculos abdominais pareçam iluminados pela luz suave do abajur. Também não sou mais uma menina, sou uma mulher e o desejo que achei que sentia por ele antes, não é nada em comparação ao que sinto hoje.

Ele se livra das calças e observo a forma como suas coxas estão maiores, mais duras. Minha respiração fica mais difícil à medida que meus olhos sobem por seu corpo até pousarem em seus quadris estreitos e na sua...

Desvio o olhar porque é cruel demais desejá-lo da forma que desejo sabendo que não posso ter, seja lá o que for. Thales parece ter um bloqueio que o impede de ir a partir de um ponto e, por mais que já tenhamos nos tocado e falado muitas sacanagens ao telefone diversas vezes, quando estamos juntos, tudo parece diferente. Penso em perguntar se o problema sou eu, mas é vergonhoso demais e não importa. Oito meses não são suficientes para esse tipo de coisa.

O colchão afunda quando se senta ao meu lado pousando o livro na mesinha, ele trabalha em suas pulseiras, agora gastas pelos anos de uso. Enquanto tira uma a uma deixando-as ao lado do livro, ele esfrega o pulso marcado e, em seguida, faz o mesmo com o outro, despindo-se de tudo para mim e então se deita novamente. Virando-se, ele pega o livro e o coloca em minha barriga nua.

— Leia para mim, Ayla — sussurra e meu corpo reage da mesma forma como se estivesse me pedindo para fazer amor com ele. Abro o livro na primeira página e, mesmo que esteja frustrada, triste e apavorada com o que acontecerá daqui para a frente, eu começo a ler.



69

Thales

Quando aceitei a brilhante ideia do meu companheiro de quarto e amigo para fugir da concentração e vir aqui ver Ayla, tudo o que eu queria era conversar, entender o que estava acontecendo com a gente, dizer que ainda a amo e que não suporto mais ficar longe dela e, por fim, contar que estou pensando em dizer não para a proposta do Barcelona, porque descobri que o futebol é minha paixão, mas que ela é a minha vida. Pensei em abraçá-la, me aninhar em seu corpo, sentir o calor da sua pele, ouvir seu coração acelerado por estar em meus braços, pensei em beijá-la até que seus lábios ficassem inchados e seus olhos pesados de sono. Mas então ela me disse para ir embora e o pânico me dominou, um medo tão insuportável de perdê-la que achei que poderia morrer.

Meu corpo tomou o controle da situação e, quando vi, já estava tocando-a, provocando-a, preparando-a para algo que não posso dar a ela.

Eu quero, Deus, como quero! Mas não consigo. Quando ela começou a me tocar, sua mão desceu por minhas costas e senti sua respiração em meu pescoço, algo em mim acendeu e, então, travei.

E agora ela me diz que temos oito meses.

E tudo o que consigo fazer é pensar que estou perdendo-a, sei disso, aos poucos nosso amor está se tornando algo do passado, apenas uma lembrança de um sentimento bobo e infantil, ela está me tornando seu ídolo, um carinho que estampa uma imagem fria colada na sua parede, estou me tornando um estranho para a única garota que amei na minha vida.

Ela começa a ler o livro do qual tenho um trecho guardado dentro da minha carteira, descubro que se trata de um amor jovem, que, assim como nós, não pode acontecer. Reconheço o desespero dele por não poder tocar a garota que ama e, embora eu esteja ao lado de Ayla, minhas pernas enroscadas nas suas, minha mão tocando sua pele, meus lábios beijando seu ombro, estamos nos perdendo. Nesse exato momento, estamos nos distanciando pouco a pouco.

No livro, o amor deles parece tão sério, tão real, duro e triste, que, pela primeira vez, não brinco com as frases melosas que eles trocam, ao contrário, me pego desejando ter dito o mesmo para a minha Ayla. Percebo, enquanto as páginas são viradas, os capítulos lidos e o amor deles aumentando, que para sentimentos não existe tempo, nem idade, eles não conhecem o sentido do certo e errado, apenas desejam uma coisa: estar ao lado da pessoa que os despertam. Como uma força magnética que os atrai a um objeto. É físico, não há controle.

— Eu te amo — sussurro enquanto admiro a forma como seus lábios se movem enquanto ela lê, como seu nariz é bonito e como sua pele escura parece brilhar com a luz do abajur.

Abro minha mão em sua barriga, sentindo o local exato onde cada um dos meus dedos a tocam, Ayla se atrapalha com a leitura e ergo meus olhos para notar que ela fechou seus olhos por um instante. Sei que não deveria fazer isso, por mil e uma razões, a mais importante delas é que isso só vai me ferir mais, mas não consigo manter minhas mãos longe dela. Posso não conseguir ir até o fim, mas acho que posso fazê-la se sentir bem. Nós somos bons nisso.

Concentro-me em sua voz melódica, baixa, bonita, enquanto observo a forma como seu corpo se contorce cada vez que meus dedos se esticam e se contraem em sua barriga, seu peito começa a subir e descer com força enquanto minha mão desce um pouco mais chegando ao elástico da sua calcinha.

Ayla para de ler por alguns instantes e imagino o quanto está difícil para ela continuar, isso me excita de um jeito que me sinto zozinho, desço os dedos um pouco mais, toco o tecido macio de algodão desejando que ele se dissolva ao meu toque para não haja mais nada entre mim e ela.

— O que você está fazendo? — pergunta com a voz tão fraca, que quase não a ouço.

— Leia para mim, Ayla — sussurro em seu ouvido, ela inclina a cabeça um pouco mais para perto e beijo seus cabelos. — Por favor, leia.

Ela faz o que peço, embora nesse momento eu não faça a menor ideia do que diabos ela está falando. Meus dedos chegam ao meio das suas pernas e sinto o tecido úmido com sua excitação. Mordo o lábio para não falar nada, nesse momento qualquer coisa que eu diga me parece sujo e filetes de escuridão ameaçam surgir em minha mente trazendo lembranças que não quero e me levando de volta a um lugar onde não devo voltar.

— Thales... — geme meu nome e paro de mover meus dedos enquanto olho para ela.

— Por favor continue lendo, Ayla, por favor — imploro quando meu corpo se arrepia de uma forma ruim me lembrando de que sou estragado, que nunca serei um cara normal, que não importa o quanto de terapia eu faça, eu nunca vou me esquecer.

Nunca.

— Ah, meu Deus... — ela geme quando pressiono com um pouco mais de força e me assusto.

— Você quer que eu pare? — pergunto implorando para que ela não me peça para parar. Ela nega com a cabeça abrindo os olhos com dificuldade para olhar para mim. Beijo sua boca enquanto tento arrancar a calcinha dela, Ayla ergue o quadril facilitando assim que eu possa mover a peça por suas pernas morenas e macias.

— Continue, eu preciso ouvir a sua voz — digo mais como uma forma de torturá-la.

Ayla precisa limpar a garganta antes de voltar a ler e se atrapalha novamente enquanto afasto suas pernas apoiando uma no colchão e a outra em meu quadril. Ela solta um gemido baixo quando a toco, sentindo sua umidade fazer meus dedos deslizarem por ela. Tento ser delicado, embora meu corpo esteja doendo tanto que acho que vou partir ao meio. Mas tudo nessa noite diz respeito a ela, preciso que sinta que o problema não é ela. Eu a amo, a desejo enlouquecidamente, quero que ela sinta a minha devoção, preciso que saiba que isso não é uma brincadeira de criança. Sou um homem com sentimentos e desejos e, nesse momento, tudo o que quero é fazer com que ela vá até o céu através do meu toque.

— Continue, não estou te ouvindo — falo enquanto meus dedos ganham ritmo, em movimentos circulares, empregando a força certa no seu ponto mais sensível, fazendo-a choramingar.

— Não consigo... — sussurra.

— Eu preciso da sua voz, Ayla, leia para mim. — Desço um pouco mais até chegar à sua entrada e, quando enfio um dedo dentro dela, o livro cai em seu peito e ela se estica gemendo meu nome. Santo Deus, eu vou morrer...

— Thales... — ela me chama, tiro o livro de seu peito e ergo a sua camiseta, enquanto enfio mais um dedo dentro do seu corpo. — Thales...

— Estou aqui, meu amor — digo enquanto abaixo minha boca e tomo um dos seus seios em meus lábios. Ela os empina e esfrego minha ereção em sua perna, porque não suporto mais. Vou explodir de tanto tesão.

— Por favor... — pede, mesmo que não complete a frase eu imagino o que deseja e acrescento mais um dedo em seu corpo sentindo-a se apertar a minha volta. — Thales... ah... — Ela empurra o quadril ditando o ritmo que minha mão deve seguir e faço o que me pede, aumento a pressão enquanto a chupo, beijo e digo que a amo; e, quando seu corpo começa a estremecer de prazer em minha mão, me sinto o homem mais completo do mundo.

— Nossa... — Ela se joga no travesseiro, seu corpo ainda agitado, a respiração acelerada, os lábios inchados dos nossos beijos.

— Eu te amo — digo ao tirar meus dedos de dentro dela e descansá-los em sua barriga sujando-a com seu prazer e ignorando o meu corpo que implora por um alívio que não vai ter. Não hoje.

— Eu te amo — ela me diz enquanto envolve seus braços em volta do meu pescoço e esconde seu rosto no meu ombro, com sua respiração ainda irregular enquanto seu corpo se acalma e sua mão começa a descer por minha barriga.

— Não. — Seguro-a antes que ela alcance minha ereção e ela solta um suspiro triste.

— Um dia, você vai me contar?

Um arrepio se espalha por minha espinha com sua pergunta, sinto as lágrimas pinicarem meus olhos e engulo o nó que se forma em minha garganta. Eu a desejo tanto, sonho com o dia em que conseguirei torná-la minha, mesmo que no fundo eu sinta que talvez esse dia nunca chegue. Eu nunca me torne um homem completo.

— Não sei — respondo a verdade, ou talvez um pouco dela, porque sinto que nunca serei capaz de contar, não para ela, eu não suportaria olhar em seus olhos depois.

Ayla enche meu pescoço de beijos, mas meu desejo se foi como uma nuvem de fumaça. Puxo sua camiseta para baixo cobrindo sua nudez e encaixo seu quadril no meu enquanto a abraço desejando poder pausar esse momento e guardá-lo exatamente como é, os cheiros, as emoções, os sentimentos, até mesmo o medo e a insegurança. Desejo poder guardar tudo isso para que, quando for mais velho, eu me lembre de que um dia amei uma garota com toda a força do meu coração.



Já passa das duas da manhã quando finalmente entro no carro de Caio. Ele olha para mim como se soubesse que fiz algo, embora eu esteja tão virgem como quando entrei no quarto dela.

— E aí? Se acertou com a sua garota?

Não respondo, enrosco meus dedos nas tiras de couro e começo a puxá-las me concentrando no contato delas com minha pele.

— Cara, aquele técnico filho da puta deve ter jogado uma maldição em todos nós. Eu juro por Deus que, se meu pau não funcionar nunca mais, eu vou matar aquele homem!

Tento conter o riso, mas Caio tem o poder de me fazer rir mesmo quando minhas bolas parecem prestes a explodir.

— Cale essa boca! — digo tentando parecer sério e falhando.

— Eu tô falando sério, a garota estava lá prontinha para mim e, na hora que eu cheguei perto dela, meu pau murchou como a porra de uma bexiga, ele simplesmente não funcionou! — Caio começa a gritar e não consigo mais conter o riso. — Não ri não, eu tô aqui desabafando com você que falhei como um maldito ancião e você ri?

— Desculpa, cara, foi mal. — Seguro minha barriga enquanto tento parar de rir.

— E sabe o que é o pior? Eu acho que vi o técnico lá deitado na cama. Era como uma ilusão, em um momento era a gatinha gostosa que eu estava louco pra transar, no outro pluft! Lá estava o nosso técnico.

— Mano, eu acho que meu pau faria o mesmo, não dá pra lidar com uma coisa dessa — brinco e Caio começa a rir enquanto conversa com seu pau como se fosse uma criança desobediente.

Quando paramos de rir, ele olha para mim e o meu amigo está de volta.

— E aí... você e sua garota... — Ele balança o dedo apontando para o meu colo e faço uma cara feia para ele empurrando sua mão de perto de mim.

— Eu não vim aqui para isso — digo a verdade, embora ainda possa ouvir os gemidos de prazer de Ayla em minha mente.

— Sei... você fez bem, cara, você fez muito bem.

— Para de falar merda e acelera aí porque, se o professor nos pegar fora da concentração, eu posso garantir que tua brochada vai ser o menor dos nossos problemas.

— Ei, *bro*, não fala assim que eu tô preocupado...

Caio volta a falar sobre sua deprimente experiência enquanto penso na garota que deixei dormindo em um quarto, rodeada de histórias de amor, com seu corpo envolto na minha camisa e com um pedaço grande do meu coração em suas mãos.

70

Ayla



“Em uma partida emocionante com direito a gol anulado, lances polêmicos e uma verdadeira aula de futebol, o garoto Thales Reis junto com seus companheiros de equipe, levaram o São Paulo para as principais páginas esportivas do mundo com o título de campeão paulista depois da sua vitória por 4x3 em cima do Corinthians. Será que estamos vendo o nascimento de um novo REI?”

Minha garganta arde quando o grito de gol escapa dos meus lábios, observo seus pés conduzirem a bola até a pequena área, onde ele a leva para o seu lugar favorito do mundo pela segunda vez nessa partida. O estádio inteiro estremece diante do garoto que faz magia com seus pés, as cores do time preenchem cada canto e, nesse momento, sinto como se fôssemos nós contra o mundo, guiados pelos pés mágicos do silencioso e habilidoso Thales.

Ele corre até onde estamos e, como sempre faz, beija o punho envolto em um tecido com as cores do uniforme, já virou a sua marca pessoal. Para todos, é apenas um charme do garoto prodígio que está incitando garotinhos

a usarem como um acessório, mas que pouquíssimas pessoas realmente sabem o que está escondido por baixo delas.

Levo minhas mãos aos lábios e jogo beijos para ele, desejo que ele possa sentir o tamanho do meu orgulho que, de tanto pesar em meu peito, transborda em meus olhos enquanto ouço uma multidão de milhares de pessoas ecoarem seu nome como uma prece que parece chegar ao céu.

É lindo, e é tudo para ele, para o meu menino triste que enfrentou a morte para renascer campeão. O dono do meu coração, o meu eterno amor.



Demora dois dias até que finalmente consigo encontrar com Thales, ele finalmente consegue vir jantar conosco e, embora passe boa parte das três horas em que fica em casa, ao meu lado, quase não conseguimos ficar juntos de verdade.

— Vocês dois estão ligados que fui eu quem ensinou esse Zé Mané a fazer aquele drible, né? — Caio, que também foi convidado para o jantar, diz para os gêmeos que não acreditam nem por um instante nas suas histórias.

— Quantos dias vocês têm de folga agora? — tio Alberto pergunta de boca cheia e vovó o repreende como se ele fosse um garotinho.

— Dois dias — Thales responde enquanto aperta minha mão e tudo dentro de mim se revira como se estivesse descendo uma montanha-russa a cem quilômetros por hora.

— Achei que vocês tinham mais tempo — meu tio continua.

— Estamos cheios de entrevistas, o garoto propaganda aí vai fazer umas sessões de foto com outros jogadores para uma marca de creme de barbear. Mano, nossa vida tá uma loucura! — Caio sorri com tanta alegria, que tenho a sensação de que seu sorriso nunca mais vai se desfazer.

Ignoro a semana que ele vai passar nos Estados Unidos para gravar o novo videoclipe da Ashley Moore, sei que isso só vai aumentar os boatos sobre um possível romance entre eles, mas isso é algo que tenho que aprender a lidar, são apenas boatos e publicidade.

Depois do jantar, meu pai arrasta os meninos para o escritório por quase uma hora. Pelo jeito, ele está se dando bem nessa vida de empresário e Caio será seu novo cliente, o que por um lado é bom já que ele está provando que

é um excelente profissional, mas por outro é ruim, porque ele tem passado tão pouco tempo com os gêmeos.

Estou no meio da segunda partida de futebol quando sinto as longas pernas de Thales se encaixarem nas minhas e suas mãos enlaçarem a minha cintura.

— Tá brincando, essa garota joga videogame? De onde você saiu? — Caio brinca enquanto se senta ao lado de Guilherme e mexe no cabelo dele.

— Do lugar que não é da sua conta — Thales responde provocando-o e Caio começa a rir.

— Ih, olha lá o outro cheio de ciúmes — Caio brinca e Guilherme começa a rir.

— Eca! — Meu irmãozinho faz quando Thales me abraça e beija minha bochecha.

— O que foi, moleque? Você também quer um beijinho? Vem cá, que eu te dou.

Thales se lança para cima de Guilherme fazendo um biquinho ridículo, que me desconcentra, e acabo permitindo que Marcos faça um gol. Logo estamos todos rindo, brincando e se provocando. Sinto falta de Duda, mesmo assim me sinto feliz como há muito tempo não estive e tenho a sensação de que a vida é assim, feita de pequenos momentos, como uma colcha de retalhos, onde nunca nenhum é igual ao outro, mas que juntos formam aquilo que um dia, na velhice, aquece o nosso coração: nossas memórias.



Olho para o relógio na mesinha ao lado da cama, já passa das duas da manhã, mas não consigo dormir sabendo que Thales está aqui na mesma casa que eu, viro de um lado para o outro enquanto tento relaxar, digo a mim mesma que amanhã teremos um dia inteiro para ficarmos juntos, mas a minha necessidade de estar perto dele parece não ter fim e me levanto sem saber o que vou fazer ao certo, não posso ir até o seu quarto e bater na porta, Caio está lá. Caminho de um lado para o outro e abro a janela para refrescar um pouco mais, sinto que o lugar está sufocante e decido que preciso de um copo de água, abro a porta prestes a descer até a cozinha, mas bato em uma parede de músculos.

— Eu... n-não c-consigo dormir e... — Thales gagueja enquanto segura meu braço quando perco o equilíbrio.

— Nem eu, na verdade estava indo tomar um copo de água. — Aponto em direção a cozinha enquanto tento desviar os olhos do seu peito nu e do short que está baixo demais mostrando um pouco da sua cueca e dos suaves pelos que descem até um lugar que ainda não conheço.

Puxo o ar para dentro dos meus pulmões enquanto ignoro meu rosto, que está esquentando.

— Acho que também preciso de água — diz enquanto olha para mim e, quando baixo meus olhos, noto que minha regata branca não é suficiente para esconder meus mamilos e ele está olhando exatamente para eles.

— Vamos. — Tento passar por Thales, mas ele coloca seu braço na minha cintura me erguendo do chão com facilidade e me levando de volta para dentro do meu quarto, envolvo minhas mãos em seu pescoço e, antes que ele possa dizer algo, beijo sua boca um pouco desesperada demais. Nossos dentes colidem e ambos sorrimos enquanto nos afastamos apenas o suficiente para tomar um pouco de ar e voltar a nos beijar.

Thales segura minha bunda erguendo-me do chão e me apoia na parede, ele é bruto e urgente e adoro essa necessidade quase animalasca com que está me beijando, sua mão se ergue e ele abaixa a alça da minha regata deixando meu seio de volta.

— Nem fodendo você desce com essa regata — geme enquanto o coloca na boca e me derreto em suas mãos quando sinto sua língua me provocando.

Beijo sua nuca enquanto ele me suga com força, mordo seu ombro quando se dedica a fazer o mesmo com o meu outro seio, estou mole em seus braços e prestes a derreter quando sua boca volta a cobrir a minha. Nossos beijos se tornam afoitos, esfrego meu quadril em sua ereção e ele geme me estimulando a fazer novamente, me sinto ousada e excitada. Durante dias repassei a noite em que me deu prazer e depois foi embora no meio da noite, durante dias me peguei imaginando como seria devolver o favor, ouvir seus gemidos de prazer, senti-lo se esvaziar em minhas mãos, na minha boca. Coisas que até hoje eu só li nos romances mais picantes.

Meu corpo se arrepia ao imaginar algo tão íntimo, até então não tinha certeza se eu seria capaz de fazer algo assim, mas agora, enquanto ele me beija de um jeito que me faz gemer de prazer, tenho certeza de que eu seria capaz de fazer qualquer coisa para estar com ele.

Thales mantém meu corpo colado na parede, enquanto me segura com uma mão e com a outra me toca. Beijo seus lábios quentes e macios, sugo sua língua, mordo sua boca, sinto seu corpo estremecer quando passo minhas unhas em sua pele nua.

— Eu preciso de você — sussurro em seu ouvido e ele enrijece. A princípio imagino que tenha sido algo da minha cabeça, não pode ser possível, eu posso sentir sua ereção pressionando meu corpo, implorando para me penetrar como deve ser, eu sei, já li romances suficientes para saber quando um homem deseja uma mulher e sei que ele me deseja. Mas por que ele não quer ir até o fim?

Afasto-me um pouco e ele me coloca no chão, mas logo sua mão desce até meu short e começa a desfazer o nó permitindo que caia no chão me deixando apenas com a regata abaixada e uma pequena calcinha de renda branca.

— Jesus Cristo, Ayla! — Ele passa os nós dos dedos pela renda subindo e descendo até o meio das minhas pernas e é o suficiente para que eu estremeça de prazer. Sei o que seus dedos são capazes de fazer comigo, mas hoje quero mais, hoje quero seu corpo, sua ereção, hoje quero que sejamos um, quero ser sua, quero me tornar mulher.

Levo minhas mãos até seu short,airo meus dedos bem em cima da sua ereção, seguro-a sentindo a dureza e o tamanho dele, Thales espalma as duas mãos na parede e mesmo que meu coração esteja prestes a explodir no meu peito, eu o quero mais que tudo. Acaricio seu corpo, beijo seu pescoço, seu queixo, sua boca, ele geme, seu rosto mantém uma expressão tensa, como se estivesse sentindo dor. Puxo o short para baixo, expondo-o para mim, permitindo que eu possa sentir a sua pele macia e quente, a umidade que se forma na ponta, o pulsar dele em minha mão. Ele é lindo e isso não me surpreende, não há nada em Thales Reis que não seja perfeito.

Seguro-o com mais firmeza, acariciando-o da ponta até a base. É intenso, assustador e delicioso ouvir os sons que saem da sua boca e saber que sou em quem está lhe proporcionando tal prazer.

— Ayla — ele me chama, como se estivesse prestes a me pedir algo e, sem pensar, eu faço o que quer.

Ainda com sua ereção em minhas mãos, eu me ajoelho na sua frente, abaixo ainda mais o seu short permitindo que ele caia a seus pés assim como o meu e envolvo meus lábios em torno da sua ereção. Não sei ao certo o que houve, não sou experiente e, sinceramente, além dos meus romances, nunca

tive interesse em ver nenhum vídeo onde eu pudesse aprender como dar prazer a um homem. Mas eu juro que nesse momento, enquanto Thales me empurra para longe de seu corpo e se veste como se eu fosse um monstro prestes a decepá-lo, eu desejo ter um pouco mais de experiência, quem sabe assim eu seria capaz de saber onde foi que errei, qual a parte da sua anatomia que machuquei, será que o mordi? Não me lembro de ter chegado a tocá-lo para isso.

Caio no chão sem saber o que houve, me sinto humilhada e envergonhada. Thales se afasta passando as mãos nos cabelos enquanto olha para mim, ele caminha de um lado para o outro enquanto olha para o chão, ou será que é para o seu corpo? Estou confusa e não sei o que está acontecendo até que ele vem até mim e me segura pelos ombros me colocando de pé.

— Nunca mais, nunca mais faça isso! — Ele aponta o dedo em meu rosto enquanto grita. — Está me ouvindo? — Chacoalha meus ombros e não consigo falar. — Nunca mais se ajoelhe na minha frente, nunca mais — repete e a vergonha me inunda de uma forma que jamais imaginei que pudesse acontecer. — Está me ouvindo? — Ele me chacoalha mais uma vez e percebo que estou soluçando, as lágrimas caindo dos meus olhos enquanto encaro o rosto feroz do garoto que achei que seria o único homem da minha vida.

Não sei ao certo quando Caio entrou, apenas sinto os braços de Thales serem arrancados de cima de mim enquanto repete mais uma vez que eu devo me manter longe dele.

— Cale a porra da boca! — Caio sussurra para Thales enquanto se coloca entre mim e ele obrigando-o a olhar para ele. — O que diabos você está fazendo?

Thales não parece ouvi-lo, ele apenas olha para mim como se eu fosse uma estranha enquanto Caio o leva para fora do meu quarto, ouço a porta do quarto deles se fechar e despenco no chão sentindo a força das suas palavras me atingirem de um jeito que acreditei que nunca ouviria.

Alguns minutos se passam quando ouço Caio se ajoelhar na minha frente segurando meus cabelos para trás e olhando para mim.

— Ele te machucou? — pergunta com a preocupação clara em seus olhos. — Por Deus, me diz que ele...

Nego com a cabeça e ele respira fundo, aliviado, ao perceber que estou bem.

Caio finalmente olha para o meu corpo, com delicadeza ele sobe as alças da minha regata cobrindo meus seios e me ajuda a levantar e vestir meu short, cubro meu rosto com as mãos sem conseguir conter as lágrimas enquanto Caio permanece parado na minha frente.

— Eu... eu acho que... eu... — Não consigo falar, estou envergonhada e assustada demais, mas ele parece paciente e continua parado com uma mão gentil em meu ombro.

— Por favor, se ele te fez algo me fale, eu não vou permitir que ninguém machuque uma garota, nem mesmo o meu melhor amigo. — Ele é doce ao se referir a Thales e crio coragem para falar, não posso permitir que ele pense que algo de ruim aconteceu comigo.

— Na verdade... — Desvio o olhar tentando criar coragem de falar. — Na verdade, eu acho que eu o machuquei.

— Você o quê? — ele pergunta.

— Eu estava... você sabe, eu queria... — não consigo falar e ele não faz a menor ideia do que estou dizendo. — Eu me ajoelhei e estava... e eu acho que o machuquei de alguma forma, mas não fiz por mal, eu só...

Volto a chorar enquanto percebo que Caio compreende a minha humilhação. Ele permanece ao meu lado até que eu consiga parar de chorar, enquanto me explica que, talvez, eu tenha ido com muita sede e meus dentes tenham o machucado. Caio faz tudo parecer apenas um mal-entendido e me sinto um pouco melhor, se é que isso é possível quando ele começa a me contar uma história meio pervertida, mas totalmente engraçada sobre uma garota bêbada que pensou que ele era um... pedaço de chocolate.

Faço uma careta enquanto conta como se fosse algo natural e, quando começo a parar de chorar, ele me garante que amanhã Thales virá falar comigo e que vai ficar tudo bem.

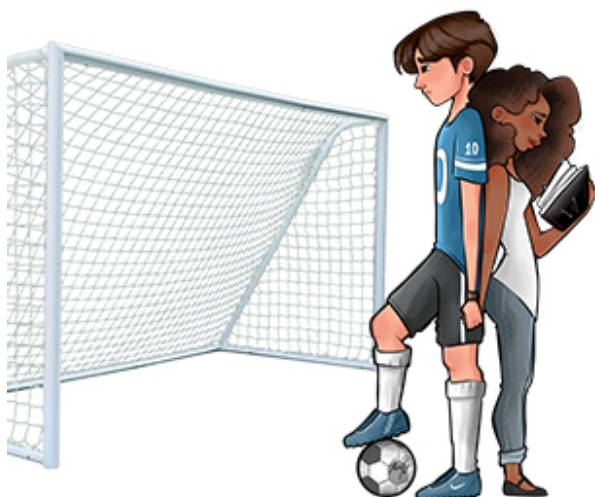
— Não se preocupa, vocês vão ficar bem. — Ele empurra meu ombro enquanto sorri. — Eu garanto, nada que um boquete bem feito não resolva. — Caio pisca fazendo com que eu queira morrer de tanta vergonha. — Mais uma dica de amigo: assiste a uns videozinhos, só pra você, sabe, não traumatizar o meu garoto.

— Ah, meu Deus! — Cubro meu rosto com as mãos e Caio ri descaradamente. — Obrigada.

— Relaxa, acontece.

Ele se levanta e vai até a porta, antes de sair ele se vira para mim e diz:

— Lindos peitos, mas não conta para o Thales, ou eu serei um cara morto. — Ele pisca me fazendo rir e se despede, mas, assim que passa pela minha porta, eu vejo a sua máscara cair e uma expressão tensa surgir em seu rosto enquanto olha para o quarto de Thales.



71

Thales

Eu sou um doente. Um maldito doente, destruído, quebrado, sem conserto, eu não mereço ser chamado de homem, eu não sou um homem, aquele verme me tirou esse direito no dia em que me obrigou a fazer aquelas coisas.

Caio está lá, confortando-a, mas ainda posso ouvi-la chorar e isso é demais para mim. Puxo meus cabelos, bato minha cabeça na parede e decido que não suporto mais um segundo nessa casa.

Saio sem olhar para a porta que continua aberta, ignoro a voz do meu amigo e tento apagar o olhar apavorado de Ayla enquanto ela se desculpava. Meu Deus... ela deve estar achando que fez algo errado quando, na verdade, a única coisa errada em sua vida é se apaixonar por um perverso como eu.

Saio na rua e sinto o vento frio do inverno me atingir, não ligo se estou com os pés no chão e sem camiseta. Que se foda, eu preciso de ar para apagar a dor que queima dentro de mim, preciso do frio para que eu saiba que ainda estou vivo. Ainda sinto, embora, nesse momento, tudo o que desejo é morrer.

Olho para as minhas mãos, as mãos que empurraram Ayla, as mãos que tocaram aquele maldito. *Como eu pude achar que poderia fazer com ela as mesmas coisas que fiz com ele? Como eu permiti que um dia ela pudesse acreditar que eu seria o homem que a faria feliz?*

Aquele terapeuta de merda mentiu para mim. Ele disse que um dia eu aprenderia a ver o sexo como algo saudável, mas essas lembranças ainda

estão aqui, na porra da minha cabeça, me torturando, me dilacerando, me fazendo lembrar o quanto sou sujo.

Uma onda de dor antiga me atinge e vomito no meio da rua, mesmo depois de tantos anos ainda posso sentir o gosto da sujeira em minha garganta e não consigo acreditar que ela quase... não, não, não, a minha doce Ayla não, ela não pode se ajoelhar e ser usada, ela não, ela não pode ser machucada, ela é tão pequena e delicada e eu...

Sinto uma dor imensa na sola do meu pé, ergo a perna e vejo um filete de sangue escorrer pelo corte, está escuro e não faço ideia do que seja e, no fundo, não ligo. Continuo andando com dificuldade, permitindo que o muro que ergui para manter as lembranças longe de mim se despedace.

Sua voz grossa de satisfação faz meu corpo estremecer, minha nuca arde com a lembrança da sua mão forçando-me a ir mais fundo, os olhos cheios de desejo de Ayla se misturam com os dele, seus lábios belos tocando-me, me excitando, me desejando encher a sua boca...

Cristo... o que estou pensando? Eu não sou ele, eu jamais a obrigaria a fazer aquilo, jamais me colocaria dentro dela à força, jamais me excitaria com as suas lágrimas e sua dor. Eu não sou o monstro, eu sou o que restou quando o monstro passou por mim.

Uma nova onda de vômito me atinge com força me obrigando a parar de andar e me apoiar em um muro. Deixo que o mal saia de mim, embora eu saiba que ele é como uma erva daninha que cresce. Não importa o que eu faça, ele sempre cresce até preencher cada canto do meu ser e me sufocar, me enlouquecer, me destruir, me matar.

Caminho por horas, por ruas que não conheço, deixando um rastro de sangue por onde passo, já não sinto mais a dor em meu pé, meus olhos estão inchados de tanto chorar e minha garganta arde pela força do vômito. Me deixo cair em um canto, ao lado de uma montanha de lixo, porque é isso que sou, um monte de lixo que um dia foi usado e descartado e que não serve mais para ninguém.



O sol arde em meu rosto quando ouço meu nome ser chamado, tento abrir os olhos, mas não consigo e decido que não é uma boa ideia.

— Graças a Deus! — Ouço a voz de Caio e o som de uma porta sendo aberta.

— Que diabos deu em você, porra?! — indaga e, quando seu corpo para na minha frente encobrendo o sol, posso finalmente abrir os olhos. Caio se abaixa e joga um moletom em cima de mim, mas não o pego. Já me acostumei com o frio e ele já não dói tanto.

— Me deixa em paz. — Olho para a figura de Milton parada atrás dele. Para variar, meu anjo da guarda parece tranquilo, como se já esperasse por isso.

— Você também, me deixa em paz — rosno, mas minha voz quase não sai.

— Lamento te decepcionar, mas, além de seu empresário, sou o pai da garota que você deixou para trás e prometi a ela que te traria de volta.

Ergo-me um pouco e gemo ao sentir meu pé doer.

— Que merda, você se cortou feio — Caio diz ao se abaixar e erguer meu pé na altura do seu rosto.

— Okay, vamos logo. Preciso te levar ao hospital. — Milton se inclina para segurar meu braço, mas o afasto.

— Qual é, cara? Não dificulta as coisas com o teu... sei lá o que ele é seu. — Caio me estende a mão, mas também a ignoro.

— Você fez a minha filha chorar, e eu nem quero pensar no que aconteceu para que ela estivesse daquele jeito. Vou ignorar o hematoma no braço dela por alguns dias, então, por favor, Thales, entra na porra do meu carro agora, você me deve isso.

Olho para o homem, que sempre me ajudou nos meus piores momentos, e sinto uma fagulha de decepção me atingir. Ele nunca falou comigo desse jeito, Deus, eu nem sei se me lembro de ter visto ele falar palavrão alguma vez.

— Eu sabia que esse dia chegaria — digo com a voz rouca e cheia de dor. — Ninguém suporta isso por muito tempo. Pode ir, vai embora, você não tem que ficar, eu não sou nada seu, absolutamente nada.

— A gente discute isso depois, agora entra no carro, não me faça perder a paciência. — Milton volta para o carro e bate a porta com tanta força, que estremeço.

— Velho, você tá encrencado — Caio diz enquanto me ajuda a vestir o agasalho e depois a me levantar. — E está fedendo a banheiro público.

Ele me ajuda a entrar no banco de trás do carro enquanto resmunga como um velho chato. Não ouço a metade do que ele diz e, quando o carro é envolto em um silêncio frio e aconchegante, eu fecho meus olhos e tudo o que consigo fazer é chorar.

72

Ayla



Ainda não consigo sair do meu quarto, minha avó entra pela quinta vez trazendo mais um chá de camomila, que ela sabe que não vou tomar. Estou encolhida no meio da cama, meu coração batendo baixinho no meu peito.

Não quero tomar o chá porque sei que, quando eu fechar meus olhos, vou ver o rosto retorcido de dor e desespero de Thales e a expressão enfurecida do meu pai. Então, eu permaneço acordada o máximo de tempo que consigo.

O som do meu celular vibrando na mesinha me assusta, estendo a mão e abro os olhos inchados de tanto chorar. Há uma mensagem de Thales e meu coração acelera de medo e preocupação.

THALES: “Ei, é o Caio. Estamos no hospital. Thales tem um corte feio no pé que precisa ser costurado, depois vamos direto para o CT, mas fica tranquila. Ele tá vivo, meio destruído, parecendo um saco de merda, mas vivo. Então, por favor, garota, se cuida. Seu pai precisa que vocês fiquem bem, o coroa tá malzão. Qualquer coisa, se quiser trocar uma ideia, anota meu número aí. Falouuuu!”

Ele está bem, vivo. Isso é tudo o que importa por agora.

AYLA: “Obrigada, manda notícias.”

Envio a mensagem e desligo o telefone, me viro para o outro lado e respiro fundo sentindo a tristeza de saber que nosso amor merecia um fim

um pouco mais bonito. Eu sempre soube que ele seria breve, mas nunca imaginei que seria trágico.

Já é tarde da noite quando meu pai chega em casa, mas, ao contrário do que imaginei, ele não vai até meu quarto me ver. Desço para pegar um copo de água e o encontro em seu escritório, sentado no sofá elegante que um arquiteto desconhecido colocou lá, as mãos apoiadas nas pernas, o olhar distante. Ele parece tão triste e cansado.

— Pai? — chamo-o da porta e ele ergue o rosto ao notar que não está mais sozinho. — O que houve? — Ajoelho-me na sua frente e apoio minhas mãos em suas pernas.

— Como você está, filha? — Ele passa a mão carinhosamente em meus cabelos.

— Estou bem, e o Thales?

— Está bem, medicado e em casa.

— O que houve com o pé dele?

— Ele se cortou em algum pedaço de vidro, precisou levar alguns pontos, mas está bem.

Respiro aliviada por saber que ele está bem, porém triste porque esperava que ele ao menos me mandaria uma mensagem para saber como estou.

— Ayla, quero que me escute com atenção — diz com seu tom de voz sério. — Eu não te quero perto do Thales.

— Como?

— Ele não está bem. Eu não quero nem pensar no que aconteceu aqui e...

— Pai, não aconteceu nada.

— Ayla, sou seu pai, sua segurança está em primeiro lugar e eu sei que o Thales não está bem, ele precisa se cuidar.

— E o que isso tem a ver comigo?

Então algo acende em minha mente. Recordo-me do dia em que me disse que o terapeuta pediu para que ele se afastasse de mim. Sou seu gatilho para os maus-tratos que ele sofria em casa.

Mas por que eu?

— Thales tem mil compromissos, contratos milionários, ele precisa manter a cabeça boa ou sua carreira pode ser prejudicada. O técnico não gostou nada de saber que ele se machucou. Ele precisa manter o foco, a

carreira dele está a um passo de se tornar internacional. Um namorico infantil não pode ficar no caminho.

Deixo-me cair com a menção do nosso namoro como algo banal dito pelo meu pai.

— Não sou um namorico — digo ofendida, mas meu pai não está com paciência para dramas e esfrega a base do nariz, como se precisasse reunir todas as suas forças.

— Por favor, Ayla, eu tenho tentado fazer a coisa certa por anos. Estou esgotado e tudo o que eu não quero é ter que me preocupar com você.

— Você não precisa se preocupar comigo.

— Então faça o que eu estou mandando. — Ele aumenta o tom de voz, algo que raramente acontece, principalmente comigo.

— Por quê?

— Porque Thales precisa de mim e eu não posso lidar com ele se estiver preocupado com você.

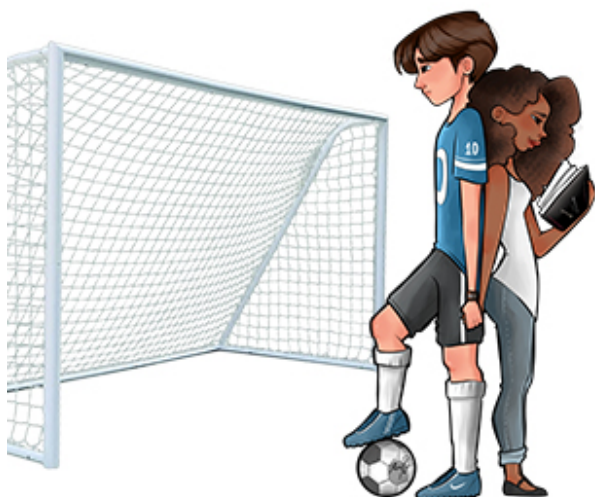
— Por que não posso ajudar?

— Porque você é parte dos problemas dele.

Baixo a cabeça sentindo suas palavras fazerem um buraco em meu peito, Thales não está bem, na verdade, ele nunca esteve. Mas saber que sou responsável por sua dor é como descobrir que tudo o que vivi até hoje não foi real.

Me dou conta então de que os oito meses que imaginei que teríamos acabou antes da hora. Eu preciso soltá-lo.

Preciso deixá-lo ir.



73

Thales



“O São Paulo continua invicto no Campeonato Brasileiro, depois de trinta rodadas ele pode ser campeão por antecedência. O garoto Thales parece um touro indomável, nada o separa da bola, suas pernas de aço suportam mais pancadas do que parece ser possível. Artilheiro do campeonato, ele está com os dias contados no São Paulo, time que o descobriu, e na próxima temporada se juntará a outros craques no badalado Barcelona.”

Sempre tive um único objetivo na vida: chegar onde cheguei. Agora, mesmo diante das minhas vitórias, não sei mais o que sou.

De acordo com o meu novo psicólogo, esse processo faz parte. Que a cada conquista é como se um novo Thales nascesse, o trauma e blá-blá-blá.

Balela.

Tudo balela.

Tive que contar tudo, expor minha fraqueza, destrinchar minha dor. Foi humilhante, mas o que não é na minha vida?

Moro em um apartamento duas vezes maior que a minha casa; tenho tantas roupas no armário, que acho que nunca conseguirei usar todas elas; há

garotas gritando meu nome na porta do clube, cartas, caixas de chocolate, ursinhos de pelúcia e outras coisas que prefiro não comentar.

Cheguei ao ápice, sou um jogador bem-sucedido, tenho um contrato com tantos números que mal sou capaz de contar. Um carro que mais parece uma máquina. O mundo parece aos meus pés.

Mesmo assim, à noite quando me deito em minha cama e desligo as luzes, quando o silêncio toma conta de mim e tudo à minha volta se apaga, tudo o que sinto é medo, dor e solidão.

Medo de dormir, de sonhar e de sentir.

Sentir a dor de saber que não importa o que eu faça, nunca poderei mudar o que fui.

Sentir a solidão de ser diferente, estranho, confuso.

Levanto-me da cama e saio do quarto, caminho por todo o apartamento sem acender nenhuma luz. Não preciso, conheço cada centímetro desse lugar, faço isso todas as noites, enquanto tento não ligar para ela.

Eu prometi para o Milton.

Mais umas das minhas promessas, a mais difícil de todas, a que corrói meu coração e me faz sentir como se nada tivesse sentido.

Vou até a sacada e sinto o ar gelado em meu peito nu, respiro fundo tentando me acalmar, não quero voltar para a cama e me arrependo de não ter aceitado o convite de Duda para uma noitada em uma boate cara que acabou de ser inaugurada. Olho para o celular: são duas da manhã. Ela deve estar dormindo.

Abro a caixa de mensagens e leio todas que envio para ela, não há respostas. Nem espero por elas, só preciso contar sobre o gol do último jogo, sobre uma piada que o Caio contou, sobre o contrato com a marca de chocolate para o Natal, sobre tudo e, ao mesmo tempo, sobre nada. Nunca falo o quanto sinto sua falta, ou como odeio o silêncio desse apartamento, nunca conto sobre meus pesadelos que nunca me deixam, nem como odeio acordar duro e me lembrar do seu corpo.

Nunca digo o quanto tenho medo de nunca conseguir deixar alguém me tocar.

Ela lê todas.

Sento-me na poltrona e escrevo mais uma, tento contar sobre a prova teórica para tirar carta, que consegui fazer depois da burocracia para que eu pudesse ter a ajuda de uma intérprete. Apago porque isso não é nada do qual eu me orgulhe. Depois tento falar sobre nosso amigo, mas desisto, por fim

faço o que meu coração pede e digo a ela o motivo para que eu esteja perdendo meu sono nas últimas semanas.

THALES: “Amanhã verei a Tati, estou empolgado e louco de saudades.”

Clico em enviar antes que eu acrescente mais alguma coisa, não quero que ela pense que estou precisando ouvir a sua voz, mesmo que eu esteja, desesperadamente.

Coloco o celular em cima da mesa e me inclino observando o céu sem estrelas dessa cidade caótica, sinto saudades de casa, algo que nunca imaginei que um dia sentiria, talvez seja porque lá eu sabia quem eu era, enquanto aqui, nesse apartamento estranho, rodeado de luxo e dinheiro e longe de todos que amo, não sei quem eu sou.

Pouco depois o celular acende chamando minha atenção, olho para a tela e meu coração dispara quando vejo seu rosto preenchendo todo o espaço, seus cachos caindo no rosto, seu sorriso iluminando a noite, a minha vida.

Meus dedos tremem quando toco no botão verde e aceito a chamada, ela não diz nada, mas posso ouvir a sua respiração do outro lado da linha, imagino que ela também esteja ouvindo a minha e, provavelmente, o meu coração também.

— Ayla... — digo seu nome quase como uma súplica, aperto o celular junto a meu rosto enquanto me inclino para a frente, meus olhos fixos nas ranhuras da mesa.

— Oi.

Duas letras sussurradas, capazes de fazer meu coração parar de bater.

Deus, como posso viver longe dela?

— Oi.

Ficamos em silêncio, ouvindo a ansiedade dominar o ambiente, abro e fecho a mão tentando me acalmar, mas minha mente está em branco, não consigo pensar em nada que possa dizer a ela que faça sentido e que não seja para implorar por seu perdão.

— *Thales...* — Ela respira fundo antes de continuar e fecho meus olhos para me concentrar apenas na sua voz. — *Não deixe que ela te machuque.*

Balanço a cabeça mesmo sabendo que não pode me ver.

— Sim, eu sei...

— *Eu sei que é difícil.*

— Sim.

Um minuto inteiro se passa antes dela voltar a falar:

— *Você quer que eu vá com você?*

Meu coração dispara. Sem pensar duas vezes abro a boca para dizer que sim, não só quero, mas preciso dela do meu lado, como sempre foi, segurando minha mão, me dizendo que tudo vai ficar bem e que ela não pode mais me machucar, mas então me lembro da promessa que fiz ao Milton de que me mantereí longe dela até que eu seja capaz de provar a ele que estou bem.

Então respiro fundo e respondo:

— Não, obrigado.

Ela suspira, o silêncio se torna desconfortável e não sei mais o que falar.

— Acho que é melhor desligar, amanhã acordo cedo para pegar estrada.

— *Ah sim, claro.*

— Boa noite, Ayla.

— *Boa noite, Thales.*

Logo em seguida, ela desliga e o silêncio volta a preencher meu mundo.



O carro para na frente do sobrado amarelo localizado em um dos bairros mais caros da cidade, dou instruções ao segurança para voltar em no máximo duas horas, mas para ficar de olho no celular que posso chamá-lo a qualquer momento.

Minhas mãos estão tão suadas que preciso limpá-las duas vezes antes de tocar a campainha. O portão está fechado, as janelas e portas também, o jardim está bem cuidado e posso ouvir o som dos pássaros nas árvores que cercam as casas nesse lado da cidade. Parece um bom lugar para uma garotinha crescer.

Tatiana vem correndo até mim, seu sorriso lindo se espalha no rosto enquanto ela me envolve em seus braços.

— Que saudades! — Beija minha bochecha e a ergo do chão em um abraço, que parece não ter fim.

— Meu Deus, como você está grande! — Observo minha irmã, agora uma pré-adolescente e sinto uma tristeza enorme por não tê-la visto deixar de ser criança.

— Já estou maior que a mamãe — ela se gaba enquanto me leva para dentro da casa que comprei para elas assim que consegui juntar dinheiro suficiente. Foi minha primeira promessa cumprida.

— Eu posso imaginar, se continuar nesse ritmo logo estará maior que eu.

— Mamãe, olha quem chegou! — Tati grita assim que entramos na ampla e bem decorada sala de estar.

Meu coração bate tão forte, que tenho medo de que ela possa ouvir, meus olhos percorrem todo o lugar analisando o espaço, satisfeito por saber que estão bem instaladas.

— Mamãe! — Tati grita mais uma vez e então ela desce as escadas e quase não reconheço a mulher que me observa como se eu fosse um estranho.

— Oi, Thales — minha mãe diz com a voz fria.

— Oi, mãe — digo com a voz frágil e, se não fosse por Tatiana, que continua com o braço em volta do meu, tenho certeza de que eu despencaria.

Minha mãe está... linda. Bem-cuidada, os cabelos loiros, longos, os lábios pintados. Até está usando um salto, algo que nunca vi.

Um sorriso se espalha por meus lábios ao ver que ela está bem, não há mais a magreza da fome, nem o olhar assustado de quem vivia à espera de ser agredida, não há mais o medo de não ter como pagar as contas.

Eu consegui, realizei todas as promessas que fiz a ela, eu devolvi tudo o que ela perdeu ao me criar.

— Como você está bonita! — Me ouço falar antes mesmo de pensar e ela ergue as sobrancelhas surpresa.

— Obrigada, você também está muito bem.

— A casa parece ótima.

— É, não é lá grande coisa, mas serve.

Respiro fundo tentando não me deixar atingir, não tenho mais o que falar, continuamos em pé no meio da sala, ela não me convida a sentar, nem para mostrar a casa que eu sei que tem uma bela piscina nos fundos. Ao invés disso, ela pega o celular que toca dentro da sua bolsa e atende à ligação, como se fosse uma empresária.

— Ah, sim, o táxi acabou de chegar. Te encontro em meia hora. Beijos.

Ela desliga e olha para mim com seu ar de superioridade. No fundo, sei que nunca me perdoou pelo que fiz ao seu marido; para ela, eu destruí sua família e tudo o que faço é uma forma de compensar a sua perda.

Ela não sabe, mas eu ainda aguardo o dia em que Sandro vai voltar e cobrar o preço por não ter terminado o que comecei aquela noite. Só espero que seja para mim e não para elas.

— Desculpe, eu já havia marcado um almoço com um amigo, mas Tatiana te faz companhia.

— Claro, sem problemas. Foi bom te ver.

Ela olha pela janela no instante em que um táxi para na frente da casa.

— Chegou. Bom, divirtam-se.

Ela passa por mim e sai, sem sequer me dar um abraço.

A decepção é como um punho acertando o centro do meu peito, eu não deveria me sentir assim, já sou um homem, um atleta bem-sucedido, não preciso mais da aprovação da minha mãe para nada, mas nesse momento me sinto exatamente como o garoto de dezesseis anos que a visitou antes de ir embora, implorando por ser aceito.

Nesse momento, enquanto observo minha mãe entrar no táxi sem nem olhar para trás, dou graças a Deus por Ayla não estar aqui.

74

Ayla



“Com uma campanha sensacional, o São Paulo é o novo campeão brasileiro com três rodadas de antecedências. O título foi festejado com muita emoção por todo o time e Thales Reis se consagrou como o grande artilheiro do campeonato com 35 gols encerrando com chave de ouro sua passagem pelo clube.”

As provas finais do semestre me deixaram louca, estou fazendo maratonas de estudo que poderiam ser consideradas métodos de tortura por qualquer um. Minha vida se resume a estudar, comer, dormir e estudar, com certeza nunca nessa ordem.

O som da televisão está alto e um gol é comemorado lá na sala, estremeço porque sei exatamente quem fez apenas pela forma como os gêmeos gritam. Thales está arrebentando no campo, agressivo, forte, impiedoso. Ele vem chamando a atenção do mundo. No instante em que suas chuteiras tocam o gramado, o mundo para; todos querem presenciar os próximos passos do rei do campo.

Eu sou uma delas, ainda sinto meu coração palpitar todas as vezes que ele entra em campo, ainda sorrio como boba a cada entrevista que ele dá, o

que é algo raro, já que Thales não consegue falar na presença de muitas pessoas. Então quando ele consegue, é lindo ver seu sorriso tímido, as bochechas coradas, as sardas evidenciadas, os cabelos úmidos do suor depois de uma partida, o rosto abatido, exausto de tanto correr e apanhar.

Sei que eu não deveria fazer isso, é insano e nada saudável.

Ainda choro escondida às vezes quando meu peito dói de saudades e me odeio por não conseguir esquecê-lo, nem por não ser capaz de ignorar as suas raras ligações que recebo de madrugada onde posso ouvir seu choro baixinho enquanto espera por ouvir a minha voz.

Isso não é seguir em frente, não é estar bem, isso é sofrer e mentir, fingir que damos conta quando, na verdade, estamos nos destruindo um pouco mais a cada dia.

Coloco os fones de ouvido e volto a me concentrar na videoaula que estou assistindo, tenho prova amanhã e preciso ter certeza de que irei bem em ao menos uma parte da minha vida.



— Muitos anos de vida! — minha família grita em uníssono enquanto apago as velinhas do meu bolo. A sala está repleta de bexigas pretas e douradas, é uma tradição e não vou discutir. Embora esteja completando dezenove anos, gosto de me sentir a garotinha do papai e, desde que ele esteja feliz em me tratar assim, eu posso lidar muito bem com um punhado de bexigas.

Meu pai me envolve em um abraço apertado enquanto diz o quanto me ama e sente orgulho de mim, meu tio Alberto diz que não está gostando de me ver crescer tão rápido e minha avó aperta minhas bochechas e diz que estou com olheiras demais para uma mocinha tão jovem. Explico que é tudo culpa dos estudos e ela aceita, os gêmeos me abraçam e me dou conta de que eles estão maiores do que eu. *Deus, como pude não ter notado antes? Eles estão enormes.*

— Eu amo você — Guilherme, sempre o mais falante, diz envolvendo-me em um abraço enquanto deita a cabeça em meu peito. — Mesmo que eu nunca diga isso.

— Eu também te amo — Marcos diz e seu sorriso tímido faz meu coração aquecer. Meus garotos agora são dois adolescentes e me sinto culpada por não ter tido muito tempo para eles ultimamente. *Será que já estão apaixonados? Será que já beijaram uma garota?*

Recordo-me do meu primeiro beijo, do único garoto que beijei, recordo-me do momento que percebi que amava estar em seus braços e que sentir o calor do seu corpo ao meu lado na cama enquanto eu lia, já era amor mesmo que eu não soubesse.

Estremeço quando a saudade aperta, tento ignorar a falta que me faz, mas Thales é como um membro amputado. Embora ele não esteja mais presente na minha vida, eu ainda sinto como se estivesse aqui.

Minha avó corta o bolo dando o primeiro pedaço para mim, finjo que não vi o bolo de Thales na geladeira. Sei que mais tarde meu pai vai vê-lo e, provavelmente, levará o bolo de chocolate que ele tanto ama. Mesmo sabendo que ele provavelmente ganhou uma dezena de bolos das mais caras confeitarias da cidade, é difícil se desligar de tradições quando elas estão enraizadas há tanto tempo em sua vida.

Os meninos comem e brigam como sempre, meu pai e meu tio falam sobre trabalho e isso significa que ouço o nome de Thales mais vezes do que gostaria. O ano está acabando, logo ele vai embora e só de pensar nisso sinto o bolo em meu estômago se revirar.

Meu celular vibra na bancada e meu coração idiota acelera mesmo sabendo que não é ele.

— Ayla, o Duda tá te ligando. — Guilherme ergue o celular para que eu possa ver o nome do meu amigo na tela. Sinto uma pontada de decepção ao ver seu nome, mas ignoro envergonhada por não ser capaz de esquecer aquele garoto e atendo.

— *Então temos uma mulher adulta entre nós agora?* — ele brinca do outro lado da linha e saio da sala barulhenta e começo a subir as escadas. — *Fiquei sabendo que o Milton te deu um carro, é verdade?*

— Pois é, rumo a liberdade.

— *É o que dizem.*

Paro na porta do quarto de Thales e coloco a mão na maçaneta. Sinto sua falta, principalmente hoje.

— *Me desculpa por não poder estar aí, amanhã tenho avaliação médica* — ele se justifica, mas não ligo. Estou acostumada a ser deixada de

lado, sem dramas, mas não é muito fácil viver com pessoas que tem mais compromissos que o presidente dos Estados Unidos.

— O que houve com você? Está tudo bem?

— *Está, eu só me senti um pouco cansado no treino de hoje e o professor pediu para que eu passasse o dia de amanhã na clínica, então já vii, né? Estou na cama para descansar, mas queria estar aí com vocês.*

— Relaxa, não foi nada de mais, só o tradicional bolo da vovó e as bexigas do papai.

— *Ah, droga, eu perdi o bolo da dona Olga!* — ele choraminga e sorrio enquanto entro no quarto e vou até a cama onde Thales dormiu a última vez em que esteve aqui. Deito-me e encaro o teto enquanto converso com Duda.

— Pois é, mas se você prometer que vem me ver essa semana eu guardo um pedaço para você.

— *Pode deixar, eu acho que vou a festa do Thales, você vai?* — ele me pergunta casualmente, como se fosse algo natural.

Lembro-me de todas as vezes que sonhamos com nossos aniversários depois da fama, nas mil e uma ideias que tínhamos e como em nenhuma delas, estaríamos separados.

— Não vou, tenho prova no dia — minto, porque não quero falar sobre Thales com Duda. Ainda somos amigos, mas a cada dia sinto nossos laços se tornando mais fracos e isso me entristece, embora eu saiba que faz parte da vida.

— *Jura? Vai ser um puta festão, melhor que a do ano passado. Fiquei sabendo que vai estar cheio de artistas.* — Ele se empolga falando e ergo os ombros, mesmo que ele não possa me ver.

— Então tenha juízo para não parar naqueles sites horrorosos de fofoca bêbado igual um gambá.

Duda ri e começa a falar sobre alguns convidados famosos que estarão na festa e entre eles: Talita Mendes, uma top model que já saiu com mais jogadores do que é possível contar e que está na lista de convidados.

Tento parecer interessada no assunto, mas a verdade é que não consigo compreender a fixação dele em ser visto. Duda vibra com cada aparição sua nos sites e revistas de fofoca, cada semana com uma garota diferente em uma mão e um copo de uísque na outra. Estou preocupada com ele, mas sempre que falo que precisa manejar ele me responde com um “está tudo sob controle”, que me deixa sem graça.

— Eu preciso ir, obrigada por ter ligado Duda.

— *Que é isso, ainda somos os mesmos, só um pouco mais velhos agora* — ele brinca e, embora seja gostoso ouvir isso, sei que não passa de uma mentira bonitinha que a gente fala para aquecer o coração dos outros.

Desligo o telefone e olho para a tela do meu celular, algumas notificações aparecem, todas de pessoas me desejando parabéns, respondo algumas e sorrio ao ler a mensagem de Caio. Ele é uma figura e quase sempre estou sorrindo quando nos falamos.

Abro a barra de pesquisa e digito Talita Mendes, sei que não deveria fazer isso, mas como sou uma doente masoquista eu faço e não me surpreendo ao ver uma loira fabulosa nas centenas de fotos que aparecem, em muitas ela está com seus namorados. Clico em uma de uma campanha publicitária de uma marca de lingerie e meu estômago se revira ao imaginar essa mulher perfeita na festa de Thales, perto dele, o tocando, desejando felicidades... Estou começando a sentir saudades de Ashley Moore. A cantora gringa agora está ocupada, namorando um ator de Hollywood que foi escolhido o homem mais sexy do ano. Esperta essa garota.

Fecho a aba e saio do quarto desejando que Duda não tivesse me dito isso, eu não preciso de mais essa informação para mexer com a minha droga de cabeça, eu já tenho meus fantasmas e agora uma loira siliconada de um metro e oitenta acaba de entrar na lista.

Entro no meu quarto, ainda um pouco irritada com minhas inseguranças sem sentido, e encontro um pacote em cima da minha cama. Sei de quem é mesmo que eu ainda esteja a uns três metros de distância e meu coração idiota acelera esquecendo-se completamente da raiva que estava há poucos segundos.

Sento-me na frente do pacote e pego o envelope, sei que tem uma carta dentro dele e coloco-o ao lado. Rasgo o papel e encontro várias caixas. Abro a primeira e encontro o logotipo de uma grande marca de joias. Um sorriso bobo surge ao ver o colar com meu nome dentro, é lindo e delicado, as letras se juntam em uma curva fina, fazendo meu nome se parecer com ondas do mar. No fundo da caixa há um bilhetinho:

~~“Um dia vou comprar um colar para você, o mais bonito do mundo...~~
Promessa cumprida!”

Seguro o colar nas minhas mãos por um instante enquanto admiro a beleza e relembro da promessa feita quando ainda éramos muito pequenos e uma menina da escola havia arrebatado meu colar de conchinhas do mar.

Em seguida pego a segunda caixa, abro-a e sinto o aroma de chocolates invadir meu olfato, na tampa em dourado está o nome de uma loja em inglês que não conheço e, no fundo, mais um bilhetinho:

~~“Prometo que vou te comprar os melhores chocolates do mundo...~~
Promessa cumprida!”

As lágrimas se acumulam em meus olhos enquanto me lembro dessa promessa, ele sempre me dizia isso quando me dava um bombom.

A terceira caixa é a maior de todas e, quando a abro, fico chocada com o que vejo: vários exemplares de *Métrica*, em várias línguas diferentes, todos autografados e com dedicatória para mim. Não faço ideia de como ele chegou até ela, mas nesse momento quero abraçá-lo e gritar histericamente como uma fã faria ao receber um presente tão lindo desses.

No fundo da caixa há um último bilhetinho, que faz um pedacinho da pedra que coloquei sobre o nome dele se romper.

Um dia te darei todos os livros do mundo...
Feliz aniversário.
Do seu eterno Thales.”

Passo meus dedos pela caligrafia ruim, mas agora sem erros de português, sentindo um misto doloroso de emoções em meu peito enquanto milhares de promessas surgem em minha mente, ele se lembra delas, ele está cumprindo cada uma delas.

Sei que um punhado de palavras, livros, chocolates e joias não significa que está tudo bem entre a gente, existem coisas sobre Thales que não compreendo, segredos que o afastam de mim e só existe uma forma de resolvermos isso.

Coloco o colar em meu pescoço, pego um chocolate e como, gemendo de prazer ao sentir a maciez dele se desmanchando em minha boca, pego o envelope e abro sentindo meu coração bater mais forte.

“Não vou enrolar nessa carta dizendo coisas que você não quer ouvir, nem tentar justificar minhas merdas com minhas palavras ruins, odeio escrever, mas odeio ainda mais tudo o que está acontecendo.

Sei que você quer saber por que fiz aquilo, eu me pergunto todos os dias por que eu fiz aquilo e a resposta é simples: eu não sou normal, nunca vou ser e peço perdão porque não sou capaz de te explicar o motivo. Mesmo assim, mesmo fodido da cabeça e com o coração em pedaços, eu tenho uma única certeza, já disse um milhão de vezes e vou continuar falando. Eu te amo, sempre te amarei.

Daqui a dois dias terá uma festa, eu daria meu pé esquerdo para te ver lá. Sei que provavelmente você está rindo da minha cara nesse momento, isso se estiver lendo essa porra, mas, por favor, vá. Em pouco tempo estarei do outro lado do mundo e então... então você poderá viver sua vida, me deixar definitivamente, mas antes, por favor, vá a essa festa. Eu prometo que não vou te tocar, prometo que não falarei nada que você não queira, só preciso te ver.

Era o nosso plano, comemorar essa conquista juntos, lembra?”

Um barulho chama minha atenção e avisto meu pai parado na porta, com os olhos fixos nos pacotes sobre minha cama.

— Deixa eu adivinhar, o senhor tem alguma coisa a ver com isso?

Ele me dá um sorriso tímido de quem não é capaz de dizer um não ao seu pupilo.

— Ele implorou, Ayla, eu não pude negar. — Ele ergue os ombros.

— Eu imagino. — Sorrio ainda segurando a carta em minha mão. — Como ele está indo?

— Lutando contra seus fantasmas.

— Você acha que um dia ele vai conseguir vencer.

— Não, mas eu tenho certeza de que ele vai aprender a não temê-los.

Respiro fundo assimilando suas palavras. Nem sempre podemos nos livrar dos nossos fantasmas.

— Eu queria poder ajudá-lo.
— Você já está ajudando.
— Como? Eu não o vejo há meses.
— Mas você o ouve, isso é tudo o que o Thales precisa nesse momento, aprender a falar.
— Ele não me machucou, pai, aquele dia...
— Não quero falar sobre aquele dia.
— Mas eu preciso falar. — Crio coragem para contar algo que nenhuma garota sequer sonha em contar para o seu pai.
— Ayla...
— Eu o forcei a fazer algo que ele não queria. Fui eu quem o machuquei.
— Jesus Cristo! — Ele esfrega as mãos no rosto.
— Ele nunca me tocou de outra forma que não seja carinhosa.
— Eu sei disso, filha.
— Sabe? Eu não entendo, então por que você foi tão duro com ele?
— Porque eu precisava de algo que o assustasse o suficiente para que ele voltasse para a terapia.
— Você o manipulou... — constato assustada com a capacidade do meu pai.
— Não diria isso, eu apenas coloquei uma luz sobre o cenário para que ele percebesse que não adiantava mascarar seus problemas.
— E então ele se afastou.
— Ordens médicas.
— Ele me disse que sou um gatilho para os seus traumas.
Meu pai balança a cabeça confirmando.
— Infelizmente sim, e para que ele possa te fazer feliz, ele precisa aprender a lidar com isso.
— Eu entendo.
— Eu amo aquele garoto como se fosse o meu filho, me partiu ao meio afastá-lo de você, mas foi preciso.
— Estou partida ao meio também.
Meu pai vem até mim, seus braços abertos se envolvem em meus ombros e me apertam como quando eu era uma garotinha e acordava com medo no meio da noite.
— Eu não consigo imaginar a dor que o Thales sente, mas eu sei que, se quisermos que ele supere, precisamos nos afastar, é por amor, filha.

— Eu confio em você.

— Obrigado, vai dar certo, ele vai conseguir, eu acredito.

Balanço a cabeça, incapaz de admitir que não tenho tanta certeza e ficamos assim, abraçados no meio do meu quarto, durante muito tempo.

— Pai.

— Hum...

— Só para o senhor saber, eu ainda sou virgem.

Ele respira fundo e apoia o queixo no topo da minha cabeça.

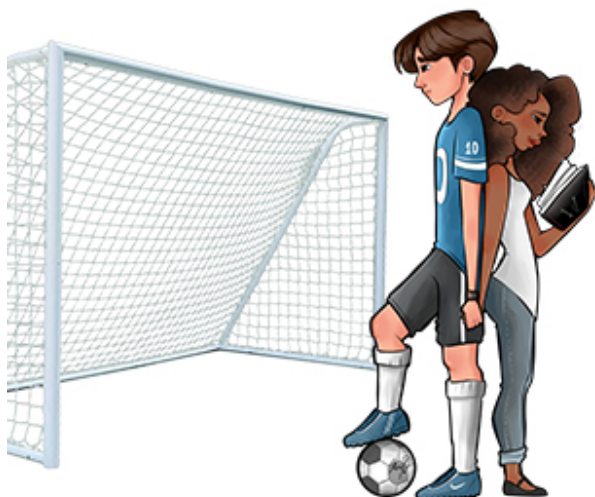
— Eu sei.

— Sabe?

— Sim, o Thales me contou que nunca esteve com você. E se te tranquiliza, ele também é.

É a minha vez de respirar fundo e, sem que eu possa impedir, um sorriso bobo se espalha por meus lábios.

Ah, Thales...



75

Thales



“Hoje, o técnico da Seleção Brasileira anunciou quem enfrentará os próximos três amistosos. Alguns nomes já eram esperados, como o garoto revelação Thales Reis, que completou dezenove anos na última segunda-feira. Em entrevista, ele disse estar realizando um sonho e que deseja poder retribuir à nação tudo o que fazem por ele. Apenas continue jogando, pequeno rei.”

Estou agitado há dias, meus nervos não existem mais, não consigo dormir direito e a ansiedade é como uma segunda pessoa vivendo ao meu lado. A diferença é que, pela primeira vez na minha vida, não estou fingindo que estou bem.

Saio da sessão de terapia me sentindo como se tivesse passado uma hora com um padre confessando meus pecados, ainda é estranho contar minhas neurais para o desconhecido, mas aprendi que preciso falar, só assim conseguirei lidar com toda a minha bagagem.

Destravo o alarme do carro e retiro o celular do bolso, há algumas mensagens perdidas: Caio, Duda, Milton... farra, farra, trabalho...

E há uma dela.

Entro no carro e fecho as portas, abro a mensagem e um sorriso bobo se espalha em meu rosto. Há uma foto de Ayla abocanhando um chocolate, o colar ilumina seu colo e passo a ponta dos meus dedos por ele desejando poder sentir o calor da sua pele.

AYLA: “No próximo aniversário pode mandar um *personal*, tenho certeza de que já engordei uns trinta quilos.”

THALES: “Tenho certeza de que não, mas pode deixar. Eu posso ser seu *personal*, meia hora de treino e você vai chorar igual criancinha.”

Envio a mensagem e observo enquanto ela digita.

AYLA: “Acho que vou passar, mas obrigada.”

THALES: “De nada. ;)”

Antes que eu possa digitar algo, meu celular toca. É o Duda. Penso em ignorar, mas a gente mal tem se falado ultimamente e sei que estou em falta com ele.

— *Ei, playboy, tá mais fácil falar com o Papa do que com você.* — Sua voz é divertida e posso ouvir as batidas da música alta ao fundo.

— Desculpa, eu estava muito ocupado esses dias.

— *Tô sabendo, Seleção, hein, que loucura!*

— Pois é...

— *Tô feliz por você, irmão.*

— Eu sei, obrigado.

— *E aí, tem lugar na sua agenda para um antigo amigo?*

— Claro, sempre.

— *Então hoje à noite?*

— Beleza.

Duda me passa o endereço de um bar. Ele promete que é sossegado e que não vamos ter que lidar com repórteres chatos. Respiro fundo e digo a mim mesmo que não tem nada de errado em passar um tempo com um velho amigo, só algumas horinhas fingindo ser um cara normal não podem fazer mal para ninguém.

Tenho certeza de que meu terapeuta vai ficar orgulhoso de mim.



O bar é exatamente como Duda falou, um lugar discreto e elegante em um bairro boêmio da capital, uma garota bonita me leva para a parte dos fundos onde Duda está jogando sinuca com outro cara.

— Finalmente, Thales Reis. — Ele ergue os braços e nos cumprimentamos com tapinhas nas costas.

— E aí, Duda, como vai?

— Fodido, mas bem. — Ele ergue um copo no ar e bebe tudo em uma golada só.

A verdade é que as coisas não andam tão bem para Duda, seu contrato com o Santos para a próxima temporada ainda não foi confirmando e, pelo que Milton ficou sabendo, o único clube que se interessou por ele é um do Sul, que está prestes a cair para a segunda divisão. Infelizmente, um dos motivos para que Duda esteja em uma fase tão ruim é a sua vida fora dos campos, todo fim de semana estampa as páginas de fofoca, seja por seus casos, as festas extravagantes ou brigas. Ele está se perdendo e eu não sei como fazer para ajudá-lo, esse é o motivo para que eu esteja aqui, talvez consiga dizer algo que possa fazê-lo mudar de vida.

— Ei, cara, não fica assim, o campeonato ainda não acabou.

— Que se foda, eu tô fora! — Enche o copo e toma mais um gole.

— Já definiram?

— Ouvi alguns comentários. Vou passar a próxima temporada no Sul.

— Ele sorri, mas é um sorriso triste que me deixa chateado. Não era para ser assim, não foi isso que sonhamos para nós.

— Ah qual é, Duda, você é jovem, tem todo o futuro pela frente, vai lá e mostra quem você é.

— E quem eu sou, Thales? Me diz.

— Você é o meu parceiro, o maior artilheiro que já conheci, o jogador arrogante e feroz que não tem medo de nada, nem de ninguém.

Duda ouve o que digo e noto um brilho em seu olhar, mas é tão breve que logo se apaga.

— Bobagem... tudo bobagem.

Caminhamos até o balcão, agora só tem nós dois e imagino que essa parte do bar esteja fechada para nós.

— Me conta de você, tenho certeza de que tem mais coisas legais do que eu para falar.

Sorrio imaginando o que ele acharia se soubesse que estou há meses sem ver a garota que amo porque não suporto ser tocado por ela, sem que lembranças dos abusos que sofri na infância me façam surtar.

Conversamos durante horas, lembramos momentos da nossa infância, as brigas no campinho de terra, os sonhos que imaginávamos ser altos demais, Duda liga para Ayla, pede para ela vir nos encontrar, mas ela não está em São Paulo, viajou com algumas amigas e só volta amanhã. Duda bebe o tempo todo e estou preocupado com ele, não me parece apenas uma bebedeira de amigos e temo que meu amigo esteja perdendo o controle.

— Como vai você e a Ayla.

— Não sei. — Ergo os ombros enquanto passo a ponta dos dedos pelo copo suado a minha frente. — Faz um tempão que a gente não se vê.

— Ela é uma boa garota.

— Ela é.

— Eu quero te pedir desculpas.

— Por quê?

— Por ter sido um mau amigo, aquele dia no campinho, eu estava tão apaixonado e confuso, eu não sabia o que estava fazendo quando a beijei.

— Deixa isso pra lá, já passou.

— Ela ainda te ama, sempre te amou.

Surpreendo-me com a afirmação dele e me viro para encará-lo.

— Eu sei disso, porque ela nunca me deu bola.

— Duda...

— Por favor, cara. Se acerta com ela, porque vou ficar muito frustrado se eu tiver perdido a Ayla por nada.

— Não seja idiota, eu sei que você tá pegando aquela atriz da novela das nove — mudo o foco do assunto porque não estou interessado em falar de Ayla com um Duda embriagado, quando mal consigo falar sobre ela comigo mesmo.

— A Bianca é só curtição, ela é porra-louca igual a mim.

Sorrimos e ouço Duda contar suas aventuras, a noite passa sem que nos damos conta, é como se fôssemos novamente aqueles moleques do interior, sujos, suados e cheios de sonhos e logo o dia começa a dar sinais de que está chegando, nos despedimos e prometemos que vamos nos ver mais vezes.

— Valeu, irmão, foi muito importante para mim ter te visto antes de partir.

— Que é isso, Duda, a gente ainda vai se ver, meus patrocinadores estão preparando uma festa para mim e você já está na lista.

— É isso aí, vamos comemorar a vitória do meu irmão. — Duda me puxa para um abraço meio sem jeito, um pouco sem equilíbrio e cheio de emoção. — Te amo, cara — sussurra em meu ouvido, com as emoções embriagadas pelo álcool, mesmo assim sinto a verdade em suas palavras. — Mas eu morro de inveja de você.

Ambos sorrimos e nos despedimos com promessas de nos encontrarmos em breve.

Chego em casa exausto, mas com o coração leve por saber que, às vezes, tudo o que a gente precisa é de coragem para usar as palavras a nosso favor, dizer o que está no nosso coração e confiar nas pessoas que estão a nossa volta, porque ninguém precisa suportar suas dores sozinho. Duda está sofrendo e preciso arrumar um jeito de ajudar meu amigo, antes que seja tarde demais.

Tomo um banho quente e despenco na cama, tão cansado e satisfeito que mal noto o sono chegar. Desligo o celular e então eu durmo, sentindo a exaustão de dias de insônia me derrubar.

76

Ayla



“Carlos Eduardo Medeiros, o jovem atacante do Santos, sofreu um grave acidente essa madrugada. De acordo com imagens de câmeras de segurança, é possível ver Duda ultrapassar um cruzamento movimentado em alta velocidade. Sergio Lopes, frentista, que estava indo trabalhar e foi o primeiro a chegar ao local do acidente, confirmou que o carro estava em alta velocidade quando atravessou o canteiro central e colidiu com um poste. O impacto foi tão grande, que deixou o bairro inteiro sem energia durante toda a manhã desse sábado. A equipe de resgate demorou cerca de dez minutos para chegar, mas o jovem de apenas dezenove anos, descoberto ainda garoto pelo clube paulista, estava preso nas ferragens e não resistiu aos ferimentos.”

Não consigo respirar, o ar parece pesado, quente, triste, sufocante.

Alguém esbarra em meu ombro, mas não me viro para ver quem é, meus olhos estão fixos no garoto do outro lado da sala, o corpo grande e musculoso envolto em uma camisa preta que tenho certeza de que alguém escolheu para ele, seus olhos, agora livres dos óculos de sol não se

levantaram desde que chegou acompanhado de sua mãe e irmã, mas mesmo de onde estou, posso ver que estão inchados.

Thales balança a cabeça para algo que Caio diz e me sinto aliviada por saber que não está sozinho, seus dedos trabalham arduamente puxando as tiras em seus pulsos e seus ombros parecem carregados de dor.

— Filha, trouxe um café para você. — Meu pai me estende uma xícara e aceito.

Um grupo de empresários se aproxima para nos cumprimentar, saio de fininho e vou para uma parte mais tranquila da sala. Caio se levanta e vem até mim, ele me abraça, sinto o cheiro de Thales em sua camisa e imagino que ele tenha estado lá por ele desde ontem.

— Ei, preta linda. — Ele me beija e se afasta passando a mão carinhosamente por meu rosto.

— Como ele está? — pergunto ainda olhando para Thales, que parece congelado na mesma posição.

— Destruído, ele foi o último a ver o Duda com vida.

Viro o rosto para a porta, que dá para a sala onde o corpo do nosso amigo está sendo velado. Ainda não tive coragem de ir até lá. É doloroso demais pensar que o garoto bonito e sorridente, que cresceu ao meu lado, não existe mais.

— Ele deve estar se culpando.

— Você conhece o garoto.

Sim, o suficiente para saber que, se fosse possível, ele trocaria de lugar com Duda nesse exato momento.

— Ele me ligou, pediu que eu me juntasse a eles, estava sorrindo, os dois estavam tão felizes, eu ainda não consigo acreditar.

— Ayla, infelizmente o Duda foi imprudente, bebeu a noite inteira, depois pegou um carro e sentou o pé... — Caio passa a mão em sua cabeça raspada e olha para Thales. — Ele arriscou e perdeu a vida.

— Não acho que ele fez por mal.

— Também não, mas ele estava brincando com a morte há algum tempo.

Caio tem razão, nos últimos meses Duda foi afastado dos jogos por causa da sua imprudência, ele estava perdido, e nós não fomos rápidos o suficiente para salvá-lo. Olho para Thales e vejo Tati apoiar a cabeça em seu ombro e dizer algo para o irmão. Ela o ama e saber que está ao lado dele nesse momento acalma meu coração.

- Quer ir lá falar com ele?
- Daqui a pouco, preciso pensar no que dizer.
- Às vezes, tudo o que a gente precisa é de um abraço.



O velório se estende por todo o dia, pessoas vêm e vão, é difícil falar com os pais de Duda, eles parecem ter morrido junto do filho. Thales passa a maior parte do tempo cercado de pessoas, meu pai é um deles. É tão doloroso ver o sofrimento em seu rosto, que mal consigo suportar, mas Caio tem razão. Thales não precisa de palavras, ele precisa sentir que não está sozinho.

Aproveito um momento em que ele vai até a máquina de café e o sigo, meu coração parece prestes a pular do peito quando ele se vira e me vê. Não digo nada, não há o que ser dito, então apenas caminho até ele e envolvo meus braços em sua cintura. Thales se encaixa em mim, seus braços em minhas costas, me segurando com força, seu rosto em meu ombro, o peso da sua dor sobre mim.

— Eu sinto tanto... — é tudo o que digo.

— Se eu não tivesse deixado ele sozinho... — Ele se afasta e desvia o olhar para o teto, piscando várias vezes em uma tentativa vã de manter a emoção controlada enquanto passa a mão na nuca.

— Não, Thales, não foi sua culpa, você não podia saber.

— Eu deveria, ele não estava bem.

— Não faça isso com você.

— Ele não está mais aqui, Ayla, o Duda... — Ele para e respira fundo, é doloroso vê-lo assim. — Ele não vai mais me ligar, nunca mais vai me provocar, ele não existe mais... Acabou. — Thales olha para os seus pulsos e sei exatamente o que está pensando.

— Não faça isso, Thales.

— Eu não tô suportando... — admite, com a voz embargada pela dor.

— Eu tô aqui — digo sentindo a emoção em minha voz, Thales me puxa para si e ergo minha mão até sua nuca, segurando-o em meus braços. — Eu tô aqui, eu tô aqui... — repito enquanto meus dedos acariciam a sua pele e ele chora em meu ombro. É triste e tão íntimo, que ninguém se

aproxima. Nesse momento somos só nós. A dor de perder um amigo e a certeza de que não importa o que aconteça, nada poderá trazê-lo de volta. Nunca mais nada será como antes, nunca mais seremos nós três.

Sinto as lágrimas escorrerem dos meus olhos, um soluço escapa dos meus lábios. Seus dedos pressionam o meio das minhas costas ao ponto de doer, mas não ligo, ela é bem-vinda, combina com o que meu coração está sentindo, com as palavras que estão engasgadas em minha garganta, com tudo que não há mais sentido em ser dito.

O tempo passa sem que nenhum de nós diga mais nada, ouço passos se aproximando e Thales se afasta secando seus olhos com as costas das mãos.

— Precisamos ir — meu pai diz, mas não reconheço sua voz, ela está destruída, assim como o homem que olha para nós dois como se fôssemos aquelas crianças de antes.

Thales é o primeiro a se afastar, mas assim que chega até meu pai ele desaba novamente. Seu corpo grande é envolvido pelos braços paternos que sempre estiveram abertos para ele e volto a chorar.

Nunca vi Thales chorar, não dessa forma e, enquanto meu pai o sustenta até que Thales consiga se recompor, desejo que essa seja a última vez que ouço esse som. É o mais triste do mundo.

Thales passa as costas das mãos nos olhos inchados, coloca os óculos de sol e então se vira para mim e me estende a mão, eu a seguro e caminhamos juntos até o local onde o corpo de Duda está sendo velado. No instante em que Janaína e Tatiana se aproximam, Marcos e Guilherme estão ao nosso lado. Como uma grande família.

É a coisa mais difícil que preciso fazer, ainda pior do que ver Thales naquela noite, banhado de sangue. Avisto os cabelos loiros de Duda antes mesmo de chegar até o seu corpo e me surpreendo com o som do choro que escapa dos meus lábios. Seu rosto bonito parece tranquilo. De acordo com meu pai, a grande maioria dos seus ferimentos foram no tronco, o impacto foi tão grande que seu tórax foi esmagado, mas seu rosto, por algum motivo, foi preservado, dando a todos a impressão de que ele está apenas nos pregando uma peça e vai se levantar a qualquer instante.

— Filha, precisamos ir — meu pai diz com a mão em minhas costas e não consigo me mover. Thales já está lá, debruçado sobre o corpo do nosso amigo, seus ombros largos se movendo enquanto chora e se despede.

Os pais de Duda se aproximam, um de cada lado, consolando-o. Ele pede desculpas e não consigo ouvir mais nada, desabo nos braços do meu

pai.



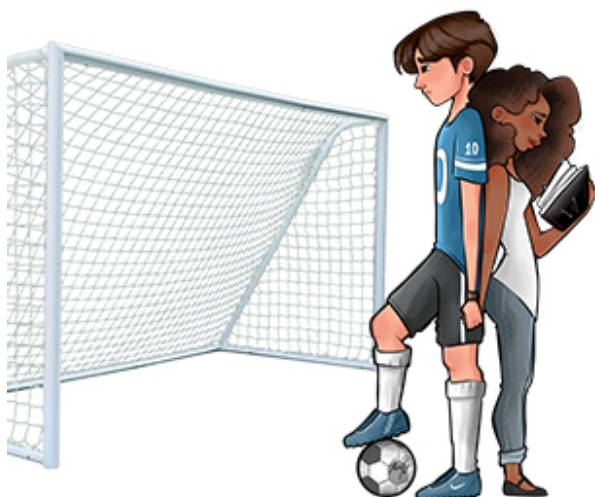
A cerimônia íntima termina e meu pai nos leva para longe das câmeras no instante em que a imprensa é autorizada a entrar, me despeço dos pais de Duda e me odeio por não conseguir dizer nada que possa confortá-los.

Saímos em silêncio, caminhando pelos fundos do salão, escoltados por um bando de seguranças que nos protege da multidão de curiosos, é surreal.

Thales entra no carro acompanhado de sua mãe e Tati, seguimos no carro de trás. É difícil sair do cemitério, milhares de torcedores, fãs e curiosos se aglomeram na imensa fila que serpenteia todo o lugar.

— Ele ia gostar dessa bagunça — Guilherme diz quando passamos por um grupo de meninas usando camisetas com o rosto de Duda estampado nelas, que choram e seguram cartazes com declarações de amor.

— Acho que o Duda tá feliz no céu vendo como ele era amado — Marcos fala e as lágrimas voltam a escorrer por meu rosto quando me dou conta de que ele tem razão. Esse é exatamente o tipo de despedida que Duda adoraria saber que teve.



77

Thales



“Depois de uma semana longe dos gramados, recuperando-se da perda de seu amigo de infância, Duda Medeiros, morto no último dia sete em um acidente de carro, Thales Reis retorna levando o São Paulo a mais uma vitória. Ainda bastante abatido, o garoto de ouro, que já está com sua estreia no Barcelona garantida para a próxima temporada, jogou com a camisa 7 em homenagem ao seu amigo e não comemorou o único gol que fez na partida, no fim do jogo ele não quis falar com a imprensa e saiu do campo em silêncio.”

Sinto meu corpo adormecido pelo gelo da banheira, a adrenalina ainda corre em minhas veias e meu coração bate tão forte que mal consigo respirar. Se eu fechar os olhos, ainda posso ouvir o nome de Duda sendo ecoado pelos torcedores durante todo o jogo e isso faz com que eles se encham de lágrimas.

Às vezes, acho que nunca mais vou parar de chorar.

Minha mãe foi embora há dois dias, Caio finalmente voltou para sua casa ontem e a minha está novamente vazia. Não quero voltar para lá, o

silêncio faz com que meus pensamentos se tornem altos demais e, às vezes, eles me assustam.

Voltei a ter pesadelos, o terapeuta alega que é normal, estou em luto e tudo isso é natural, perder alguém nunca é fácil. Passo as noites revivendo aquele dia, me imaginando lá. Às vezes, o impeço de entrar naquele carro; às vezes, estou ao seu lado; às vezes, sou eu quem morro em seu lugar.

Esse é o sonho que mais me assusta, porque é como se fosse a versão correta, não há medo, dor ou arrependimento, apenas o vazio que antecede o fim.

Logo a sala de fisioterapia está lotada de jogadores, alguns lesionados, outros apenas cumprindo o protocolo. As vozes preenchem o ambiente, entram em minha mente e, por algum tempo, levam a dor para longe de mim.



Já passa das dez da noite quando chego em casa. Tatiana está no telefone comigo enquanto jogo minha mochila em cima da mesa e vou para a cozinha, ela tem sido uma irmã incrível, ainda não consigo me acostumar com a maturidade dela, mas é bom saber que não sou mais sozinho.

— Como está a mamãe? — pergunto enquanto encho um copo de água e bebo tudo de uma vez.

— *Ah, você sabe, o mesmo de sempre.*

O silêncio que preenche o fim da frase faz meu peito doer por saber que não importa o que eu faça, ela nunca mudará.

Fecho a geladeira e me viro para sair da cozinha, ainda estou ouvindo Tati falar algo, mas já não consigo compreender nada.

Ela está aqui.

— Tati, eu preciso desligar, depois a gente se fala.

Desligo a chamada antes mesmo dela responder, Ayla se levanta e sorri para mim, um sorriso tímido que não combina em nada com ela.

— Desculpa se te assustei, meu pai disse que eu poderia vir.

— Desde quando você está aqui?

— Faz mais ou menos uma hora.

Dou alguns passos até estar na sala, o som dos carros na rua lá embaixo e do meu coração idiota no peito são os únicos dentro desse apartamento.

— Certo.

— Se quiser eu posso ir embora.

— Não... fica, por favor.

É estranho ter ela aqui. Desde o enterro de Duda que não a vejo, sequer falei com ela, ignorei suas mensagens, não porque não queria falar com ela, mas porque não me sinto no direito de tê-la quando nosso amigo se foi.

E agora ela está aqui e tudo o que consigo pensar é na vontade insana que tenho de abraçá-la novamente.

— Eu não consigo dormir — diz, como se estivesse confessando algum segredo.

— Eu também não.

— Eu fico ouvindo a voz dele, brincando, rindo... — Ayla desvia o olhar para a porta que leva à sacada e enrosco o indicador em uma das tiras que envolvem o meu pulso puxando-a com força. O impacto arde minha pele e me impede de ir até ela. — O bolo dele ainda está na geladeira, esperando-o voltar.

Tento engolir o nó que se forma em minha garganta, mas não consigo, o estalo da tira chama a atenção dela e Ayla volta a olhar para mim.

— Eu precisava te ver.

Ergo meus olhos e observo seu rosto, ela parece tão triste.

— Por quê?

— Porque eu sei que você está sofrendo.

— Que diferença faz? Ele não vai voltar.

— Ele não vai, mas a gente ainda está aqui, e o que estamos fazendo? Nos afastando um do outro, brigando por bobagens, nos perdendo. Cada um carregando a sua dor em silêncio.

— Ayla...

— Eu sinto sua falta, Thales, todos os dias, cada segundo que passa eu sinto sua falta.

— Porra... — Esfrego o rosto e me jogo no sofá desejando que ela vá embora. Não posso ter essa conversa com ela não agora, talvez nunca.

— Eu não quero mais ficar longe de você. — Ela se aproxima, sentando-se na mesa de centro a minha frente. — Não depois de tudo o que aconteceu.

— Não tenho nada pra te oferecer — digo encarando meus pés.

— Não me importo, eu só preciso de você.

— Pelo amor de Deus... — Volto a esconder o rosto em minhas mãos enquanto sinto meu corpo vibrar com suas palavras. — Eu também preciso de você, Ayla — admito me sentindo exausto de viver essa batalha entre querer e poder.

— E eu estou aqui. — Ela segura meus pulsos obrigando-me a erguer o rosto e olhar para o seu rosto lindo.

— Mas eu não posso.

— Por quê? Se for por causa daquele dia, tudo bem, eu já te perdoei.

— Mas eu não e nunca vou me perdoar.

— Por quê?

— Porque eu não sou o que você pensa, eu não posso ficar com você.

Ayla baixa o olhar e sinto o peso das minhas palavras atingindo-a, ela balança a cabeça enquanto absorve cada uma das minhas confissões. Passa-se apenas alguns segundos, mas sinto como se fosse uma vida inteira. E quando ela olha para mim novamente, sei que não importa o que eu diga ou faça, ela é a Ayla, a garota que segurou minha mão quando todo mundo soltou, a única capaz de alcançar o meu coração defeituoso. E ele é todo dela, mesmo que nunca possa possuí-lo.

— Eu cresci entre dois garotos teimosos, que me ensinaram a não desistir daquilo que eu queria, seja jogar bola, videogame ou de conquistar o garoto que eu amo. Não vou desistir de você.

— Certo.

Ela sorri novamente, passa a mão no cabelo afastando uma mecha rebelde e desvia o olhar para o apartamento.

— Ele é lindo — muda de assunto.

— É do clube.

— Sim, mesmo assim é melhor que o alojamento — Ayla brinca, mas não consigo sorrir. Tudo o que penso é que ela está aqui e que não consigo pensar em mais nada além do fato de que estamos sozinhos pela primeira vez desde aquela noite e que não posso tocá-la.

— Quer que eu te mostre?

Ela assente e me levanto, levo-a para um tour pelo loft, não tem muito o que ver, além da sala, da cozinha e da sacada. Só resta o meu quarto e, quando entramos nele, me sinto levado de volta para o seu quarto na antiga casa, onde eu escalava a sua janela para poder ouvi-la ler para mim.

Parece que faz tanto tempo que mal consigo acreditar que aquele garoto sou eu.

Ayla caminha pelo quarto observando cada pequeno detalhe, a roupa jogada no canto, as caixas de presentes que não param de chegar de todos os cantos e que não dou conta de abrir.

— Aqui é seu guarda-roupa? — pergunta tocando a porta.

— Vá em frente — instigo-a sabendo que ela vai se surpreender com o que vai ver.

Ayla abre a porta do *closet* e seus olhos se arregalam.

— Thales, isso é incrível!

Sorrio pela primeira vez em dias enquanto caminho até ela, me apoio em uma prateleira e observo seus dedos se movendo pelas peças que ocupam quase todo o lugar.

— A grande maioria eu ganhei.

— Eu imagino, você nunca foi muito fã de compras.

Penso em dizer a ela que, na verdade, eu nunca fiz uma compra, que a maioria das vezes minhas roupas eram usadas e que mesmo que eu quisesse, meu corpo, quase sempre cheio de hematomas, não era algo que eu tinha vontade de cobrir com roupas novas. Eu não as merecia.

Eu ainda não as mereço.

78

Ayla



Ele não me quer mais e deixou isso bem claro hoje, mesmo assim não consigo ir embora, eu precisava vê-lo e ainda não estou pronta para voltar à vida sem Thales.

Perder Duda me fez rever nossa situação, palavras não ditas, segredos obscuros, medo, orgulho ferido... nosso amor tão puro e belo vem sendo esmagado por sentimentos que não nos levarão a lugar algum, eu sei que ele me ama, mas não se sente digno, acontece, e a vida é curta demais para não lutar por algo tão importante quanto o amor.

Passamos um tempo em seu quarto, ele me deixa mexer em tudo, sorrio ao ver suas chuteiras novas ao me lembrar de um tempo em que ele jogava com os pés no chão. Entro em seu banheiro, mexo em seus perfumes e sinto ciúmes de imaginá-lo aqui se arrumando para sair, sem mim.

Thales pede para que eu escolha algo para comer, peço comida japonesa e nos divertimos enquanto ele tenta sem sucesso comer sushi.

— Isso é horrível, Ayla — diz fazendo careta para o peixe.

— Não é não, você que está com frescura.

Comemos sentados no chão da elegante e impessoal sala de estar do apartamento em que ele vive. É triste, bonito e vazio, assim como Thales.

Ele me conta um pouco da sua rotina puxada e me sinto exausta apenas por ouvir, passamos horas relembrando coisas que vivemos com Duda, revendo fotos e chorando.

É a primeira vez desde a morte do Duda que me sinto bem em chorar porque sei que ele entende a minha dor. Ela também é sua.

Já passa das duas da manhã quando Thales me chama para ir para a sacada.

— Aqui é o meu lugar favorito. Passos horas olhando para o céu. — Ele se senta em um confortável sofá e me sento ao seu lado, nos inclinamos e ficamos observando as estrelas. Nossos corpos estão tão perto um do outro que posso sentir o calor da sua pele.

— É um bom lugar para ficar sozinho.

— Eu estou sempre sozinho, Ayla, mesmo quando estou cercado de pessoas. — Ele se vira para mim.

— Eu sei, eu também estou.

Aproximo-me um pouco mais, sinto sua resistência se desmanchar à medida que meu rosto chega mais perto do seu. Sei que é errado, ele disse que não podemos ficar juntos, mas nesse momento sou capaz de implorar por seu toque.

— Ayla...

— Shhh... por favor, não diz nada — peço quando meu nariz toca o seu.

— Em dois meses vou embora.

— Eu sei, mas agora você está aqui. — Espalmo minha mão em seu peito e sinto seu coração disparado. — Nós ainda estamos aqui — completo quando sua mão cobre a minha segurando-a no lugar.

Ergo-me antes que perca a coragem e, quando meus lábios tocam os seus, sinto todo o meu corpo relaxar, me desmancho em suas mãos e sei que nunca será assim com outra pessoa, ninguém nunca será como Thales.

Sua boca se abre lentamente, como se tivesse medo de me machucar, invado-a com minha língua, acariciando-o, convidando para me tocar. Ele me puxa para mais perto e coloco a parte superior do meu corpo sobre o seu. Thales geme quando aprofundo o beijo e logo ele está me beijando também. Como antigamente: com fúria, saudade, dor.

Tento memorizar cada segundo dele, seu sabor, seu cheiro, os sons que saem de sua boca, a forma como seus lábios pressionam os meus e seus dedos se enroscam em minha camiseta, como parece tão certo estarmos assim, como minha dor se acalma com o seu toque, como o sinto suspirar com o meu. Queria poder pausar esse momento para sempre, queria poder fazê-lo acreditar que podemos sim ficar juntos. Mas não posso, tudo o que tenho é o hoje e vou fazer valer a pena.

— Eu sinto muito... — diz quando o beijo termina, com seus olhos fixos nos meus, sua mão em meus cabelos.

— Eu sei...
— Eu não quis te machucar.
— Eu sei...
— Eu queria poder ser outra pessoa.
— Não quero outra pessoa, Thales, eu quero você.
— Eu não posso.
— Eu sei, tudo bem.

Sorrio um sorriso falso, mentiroso, triste, não está tudo bem, não quando sei que ele ainda está aqui, sobre meus dedos, a poucos centímetros de distância dos meus lábios, e mesmo assim está tão longe de mim.

— Me beija, por favor — peço e é o que ele faz.

Thales me deita no sofá e se inclina sobre mim, seus lábios cobrem os meus e ele me beija devagar, como quem sabe que precisa apreciar o momento porque ele é o último.

Passamos a noite juntos, abraçados, em silêncio, nos tocando, nos beijando, nos despedindo... E, em algum momento da noite, adormecemos nos braços um do outro, como nos velhos tempos, como uma última lembrança do que fomos um dia.

79

Ayla



“Thales Reis encerra sua temporada no Brasil com chave de ouro. Após conquistar a Libertadores da América, o camisa 10 do São Paulo e artilheiro do campeonato ergueu nessa tarde de domingo a taça de campeão brasileiro e ainda foi considerado o melhor jogador do ano pelos principais canais esportivos. Em uma rara declaração emocionada, o jogador dedicou o título ao amigo morto em outubro desse ano e diz que vai embora com o coração transbordando de orgulho e saudades. Nós também sentiremos sua falta, menino Thales.”

A foto de Thales no lugar mais alto do pódio, rodeado por seus companheiros de time, erguendo a taça de campeão é a coisa mais linda que já vi na vida, ela está em todas as principais revistas, sites e jornais, está no escritório do meu pai e na minha mesa de cabeceira.

Tudo normal por aqui.

A porta se abre e os gêmeos entram sem esperar serem convidados. Eles estão lindos, altos e cheios de estilo. Há muitos anos deixaram de usar roupas iguais, mas para quem não os conhece ainda são como o espelho um do outro, para mim são meus pontinhos de luz em dias nublados.

— O que vocês estão fazendo aqui? — brinco quando eles se jogam na cama, um de cada lado.

— Viemos ver se você ainda está viva — Marcos brinca roubando o controle da minha mão e mexendo nos canais.

— Ei, eu estava assistindo! — resmungo.

— Agora não tá mais — ele me provoca enquanto Guilherme ri.

— Vocês não têm mais o que fazer?

— Melhor do que encher seu saco? Não.

Finjo estar irritada, mas no fundo adoro quando resolvem passar um tempo com a irmã mais velha chata e deprimida, eles me fazem sorrir com suas aventuras e me distraio por um tempo relembando coisas que fiz com Thales e Duda quando tinha a idade deles.

— Será que o Thales vai vir para a ceia de Natal? — Gui pergunta enquanto zapeia os canais.

— É dele que você quer saber ou de uma certa garotinha? — pergunto fazendo meu irmão corar.

— Nada a ver, a Tati é só nossa amiga — ele desconversa, mas Marcos não perdoa e logo eles começam a brigar.

Sinto meu coração acelerado quando olho para a imagem do rosto suado e realizado do garoto que verei amanhã me sentindo exatamente como quando tinha a idade dos gêmeos. Algumas coisas não mudam nunca.



A casa está lotada de pessoas, familiares, amigos de trabalho, parceiros...

Há tanta comida que mal posso imaginar, garçons circulam entre os convidados e minha avó parece irritada ao ver tantas pessoas em sua cozinha.

A árvore de Natal parece simples vista daqui de fora, agora cercada por tantas pessoas.

— Acho que meus irmãos tinham razão, a gente deveria ter comprado uma árvore maior. — Aponto para a quase invisível árvore piscando em meio ao caos que se formou na nossa sala de estar.

— Eu gosto dela assim, combina com vocês — Thales diz ao meu lado, olhando para o mesmo lugar que eu.

Já faz mais ou menos meia hora que estamos aqui, no jardim, sentados no escuro, longe de todos, protegidos pelas plantas da vovó. Sequestrei Thales depois de ver seu olhar desesperado no meio de uma conversa chata sobre política mundial, eu inventei uma história qualquer e o arrastei para cá.

Como nos velhos tempos.

Sinto seu ombro roçando minha pele, o tecido macio da sua camisa cara é como uma carícia bem-vinda, o cheiro da sua colônia me faz lembrar o dia em que estive em seu apartamento e nos beijamos como se nossas vidas dependessem daquele momento.

Foi a última vez.

— Também acho, mas a pobrezinha mal é vista.

— Ela poderia ter o tamanho de um edifício, que mesmo assim não a notariam. A grande maioria ali está mais interessada em negócios.

— Aquele ali veio pela comida. — Aponto para um homem barrigudo, que está testando a força dos botões da sua camisa, enquanto devora uma coxa de frango.

— Aquela ali pela bebida. — Thales aponta para uma mulher com um cabelo que mais parece um cachorro molhado e rimos.

Gosto de ouvir a sua risada, ela agita meu coração e me faz esquecer, ao menos por um tempo, que ele está me deixando.

— Você perdeu a aposta — ele diz mexendo em suas pulseiras gastas, ainda são as mesmas que dei a ele naquele dia, antes do seu teste, estão velhas e gastas e destoam de todo o resto que cobre seu corpo.

— Ainda faltam cinco minutos. — Olho para a tela do meu celular no instante em que ele acende com uma mensagem do meu pai.

MILTON: *“Onde vocês estão?”*

— Ganhei. — Ergo a tela para que Thales possa ler a mensagem e ele apoia a cabeça no muro bufando.

— Pode dizer a ele que estamos em Marte?

— Não vou mentir para meu pai, ele vai entender.

AYLA: *“Estou aqui fora com o Thales, ele está precisando respirar um pouco, cuida de tudo por ele?”*

Envio sob o olhar atento de Thales e a resposta vem em seguida.

MILTON: “*Sempre.*”

— Prontinho, bebê chorão, agora estamos livres.

Ele respira fundo e sei que, embora seja um pouco dramático, ele está mesmo aliviado. Minha casa nesse momento é tudo o que Thales mais detesta. Um lugar cheio, barulhento e repleto de estranhos.

— Obrigado — sussurra ainda olhando para mim e dou um empurrãozinho em seu ombro.

— Não me agradeça, ainda me deve um prêmio.

— Só pedir. — Ele ergue os ombros de uma forma arrogante que fica muito bem nele.

Eu quero você.

— Pode deixar que eu pedirei.

Ficamos mais um instante em silêncio, observando as pessoas, posso sentir a tensão que emana de nossos corpos e todas as coisas que estamos evitando falar desde aquela noite em que adormecemos nos braços um do outro.

— Vi a matéria sobre você domingo no canal de esporte, ficou incrível, você está cada dia melhor com as câmeras.

— Você viu aquilo? — Ele balança a cabeça e solta uma tira no pulso. — Pura baboseira.

— O quê? Eu achei maravilhoso.

— O que é maravilhoso, Ayla? — Ele se vira para olhar para mim.

— Como assim? Tudo, suas conquistas, seus sonhos realizados. Você não pode desmerecer tudo o que conquistou por causa do Duda.

— Não tem nada a ver com o Duda. — Ouço mais um estalo em seu pulso.

— Então o que é?

— Tudo, Ayla... — ele diz enquanto solta a tira uma e outra vez, a raiva escapa dos seus dedos atingindo sua pele.

— Thales. — Seguro sua mão impedindo-o de soltar a tira mais uma vez. — Você está assim porque está indo embora?

— Está acontecendo tudo tão rápido, que eu mal tenho tempo de respirar.

— Era o seu sonho.

— A gente precisa ter cuidado com o que sonha. — Sua voz soa tão triste que não consigo acreditar que estamos falando da mesma coisa. Sigo seu olhar e avisto Tatiana sorrindo para algo que os gêmeos estão falando, eles estão ficando bem mais altos que ela, uma clara demonstração de que não são mais crianças.

— Você está preocupado em deixá-la.

— Eu prometi cuidar dela e agora estou indo para o outro lado do mundo.

— Meu pai vai ficar de olho nelas, ele te prometeu.

— Milton não tem obrigação, é minha responsabilidade cuidar dela e da minha mãe.

Sinto meu sangue aquecer ao ouvi-lo falar de Janaína como se ela merecesse sua preocupação. Desde que o dinheiro se tornou algo fácil em sua vida, ela vem tratando Thales como um objeto, algo que ela precisa tratar razoavelmente bem. Seus sorrisos frios e seu falso amor não me engana. Ela nunca disse a ele que tinha orgulho de suas conquistas e, por mais que ele não fale, sei que isso o machuca. Ela nem ao menos fez questão de estar aqui essa noite, o último Natal antes dele ir embora e ela preferiu passar em uma festa. Cretina.

— Está tudo certo, você sabe disso.

— Mas ele não é o meu pai.

Envolvo meus dedos entre os seus, sinto a rigidez da sua mão sobre a minha e imagino o quanto Thales vem suportando sozinho, incapaz de incomodar com suas inseguranças que ninguém compreende, me sinto insensível por acreditar que ele deveria estar feliz quando na verdade sei que seu coração nunca pertenceu a coisas e sim a pessoas.

— Ele te ama como se fosse — sussurro enquanto fecho meus dedos sobre os seus. — E eu também.

Thales inclina seu rosto apoiando sua bochecha em minha cabeça, ele não diz nada, nem que me ama, mas talvez seja melhor assim, eu preciso me acostumar a viver sem ele.

— Contratei outro segurança para tomar conta dela — diz se referindo à Tati.

— Você acha que ela corre perigo?

— Não sei, tento não pensar muito nisso, mas no fundo não me sinto seguro.

— Ele pode ter morrido, faz tanto tempo.

— Não acredito nisso.

— Você acha que ele pode voltar?

— Não sei, mas se ele tiver essa ideia, quero estar preparado.

Sinto um arrepio em minha espinha ao ouvi-lo falar aquilo, espero que ele esteja apenas angustiado por causa da viagem, prefiro acreditar que o destino deu um fim em Sandro, já passou da hora de Thales poder ter um pouco de paz.

Ele respira fundo, como se estivesse exausto por ter essa conversa e aponto para onde Caio está, mudando de assunto.

— Vou sentir falta dele — Thales admite.

— Vocês não vão deixar de ser amigos, Caio te adora e tenho certeza de que, assim que ele puder, vai para a Espanha te arrastar para a farra.

Thales sorri e balança a cabeça porque sabe que estou certa, me sinto feliz por saber que ele tem Caio em sua vida. Ele é um bom amigo e vem sendo o suporte que não posso.

— Ele me prometeu.

— Eu tenho certeza que sim.

Thales fecha seus dedos sobre os meus e seus olhos caem para as nossas mãos juntas, talvez seja a última vez que elas estejam assim e meu coração se aperta de tristeza.

— Eu já sei o que quero — digo baixinho sentindo a ansiedade enfraquecer minha voz.

— O quê?

— Meu prêmio da aposta.

— Só pedir.

Afasto-me para ficar de frente para ele, ignoro a grama que pinica minhas coxas e meu coração que maltrata minhas costelas, me concentro no rosto do meu melhor amigo, do amor da minha vida, do homem que vai partir meu coração em alguns instantes, mas para quem eu o daria de novo.

— Me beija.

Thales não se mexe, seus olhos escuros pela noite estão fixos nos meus e mesmo que eu não possa vê-los direito, sei com exatidão que são esverdeados, lindos e tristes e que sou completamente apaixonada por eles.

— Ayla...

— Eu mereço — digo antes que ele me humilhe de alguma forma com suas palavras.

Thales respira fundo e começo a me arrepender, quero retirar o que disse, sair correndo, deixá-lo sozinho. Mas antes que eu possa sequer me mover, ele envolve a mão em meu pescoço e me puxa para junto de si, sua boca envolve a minha com tanta naturalidade que tenho vontade de chorar de saudades. Sua mão é dura sobre minha nuca como se eu pudesse me desmanchar com o beijo e sua língua é exigente, bruta, deliciosa.

O beijo é profundo e intenso, mas não dura muito. E quando ele se afasta, apoiando a cabeça no muro e erguendo o rosto para o céu, tenho a sensação de que meu cérebro parou de funcionar. Não consigo dizer nada, porque no fundo sei que o que eu disser será vago demais para o que estou sentindo.

— Vem cá. — Ele me puxa para o meio das suas pernas e deixo meu corpo ir apoiando meu rosto em seu peito e sentindo seus lábios em meus cabelos, beijando-os a cada instante. — Deixei uma coisa para você no seu quarto, mas, por favor, me prometa que só vai abrir quando eu estiver na Espanha — diz depois de um tempo quebrando o silêncio que nos permeia.

— Pode deixar — sussurro, ainda incapaz de me mexer.

O céu se ilumina com os primeiros fogos, de onde estamos podemos ouvir as pessoas dentro de casa se cumprimentando, mas não nos mexemos.

— Feliz Natal, Ayla.

— Feliz Natal, Thales.

PRORROGAÇÃO



80

Ayla



É engraçado como, às vezes, as estradas da vida se desenham tão claramente a nossa frente, como se estivessem sempre ali, entre dois caminhos distintos. Uma que me leva a um novo futuro, onde terei minhas experiências, me formarei, me tornarei professora e sabe-se lá o que mais. A outra, uma estrada apagada, como uma nuvem de sonhos, porém, mais familiar, onde há um garoto com o braço estendido, aguardando para caminhar ao meu lado pela antiga, gasta e esburacada estrada. E embora eu nunca vá admitir isso para ninguém, no fundo eu sei que só ela seria capaz de me fazer feliz.

Mas, como uma nuvem de fumaça, quando eu estico meu braço para o garoto, ela se apaga.

THALES: “Recebi seu presente, valeu, estava precisando.”

A mensagem chega duas horas depois do fim do jantar de despedida de Thales. Por motivos óbvios não fui, tenho certeza de que eu me rastejaria aos seus pés e pediria para ele me beijar pateticamente como fiz na noite de Natal e já tenho uma grande lista de humilhações em meu diário, não preciso de mais.

AYLA: “Eu vi o estado das suas, não quero nenhum gringo achando que você

não tem condições de ter pulseiras novas.”

THALES: *“Acha mesmo que eles se importariam com isso.”*

AYLA: *“Não existe nada mais vaidoso na face da Terra do que jogador de futebol, tenho certeza de que eles reparariam.”*

Envio a mensagem e fico olhando para a tela com um sorriso idiota, não demora para o telefone tocar. Embora tenha melhorado muito com as aulas particulares e as sessões de neuro e fono, Thales ainda odeia escrever, principalmente quando está ansioso.

— *Oi.*

— Bem melhor. — Sorrio e me apoio nos travesseiros enquanto encaro o teto. — Como foi o jantar?

— *Horrível, mas necessário.*

— Sua mãe foi?

— *Sim, ela precisava acertar alguns detalhes sobre a grana da Tati e conhecer o novo segurança.*

Meu coração afunda no peito, mas infelizmente ela não vai mudar e Thales sabe disso.

— E a Tati?

— *Chorou e me fez chorar.*

— Que merda.

— *É, odeio isso.*

— Logo vocês estarão juntos.

— *Não vou levá-las para a Espanha, eu já decidi. Não quero minha mãe perto de mim e Tati ainda é menor de idade, então é isso.*

— Por enquanto.

— *Sim...*

Faço perguntas idiotas que fazem Thales rir, pergunto se ele não está esquecendo seus documentos ou suas meias, começo a ouvi-lo abrir e fechar gavetas me garantindo que está tudo vazio.

— *Não sobrou nada* — diz e odeio o significado de suas palavras e o fato de que mesmo agora, poucas horas para que ele se vá, sua voz ainda soa tão triste.

— Vai dar tudo certo — digo, pela milionésima vez no dia.

— *Senti sua falta* — diz e fecha os olhos ignorando as lágrimas fujonas.

— Eu não podia ir.

— *Eu sei.*

— A gente havia combinado, lembra?

— *Sim, sem despedidas.*

— Sem despedidas.

Passa mais um momento de silêncio constrangedor, até que Thales volta a falar:

— *Preciso ir, amanhã acordo cedo.*

— Vai lá, arrasa com eles e me enche de orgulho.

— *Pode deixar.*

— Te amo.

— *Tchau, Ayla.*

Ele desliga e, então, posso chorar em paz.



“O mais novo jogador do Barcelona, Thales Reis, foi apresentado na tarde da última terça-feira. O craque da camisa 10 disse estar feliz em finalmente fazer parte da equipe e que jogar no Barcelona era um sonho desde criança. O garoto de apenas dezenove anos, que vem chamando a atenção do mundo com seu estilo habilidoso e agressivo em campo, foi recebido pelos torcedores que lotaram o estádio Camp Nou para gritar seu nome. Os ingressos para seu jogo de estreia se esgotaram em poucas horas. ‘Voa, garoto Reis, o mundo é seu!’”

Estou há duas horas sentada no chão do meu quarto, os envelopes que Thales deixou em minha cama no Natal estão em meu colo, estou decidindo se abro e descubro o que tem dentro deles, ou não.

Meu dedo passeia pela parte áspera do envelope, puxo um pedaço do papel ouvindo-o se rasgar. Retiro a carta de dentro, meus dedos tremem enquanto crio coragem e leio o conteúdo:

“Ayla,

Você deve se perguntar por que não falo com você sobre a noite em que tentei me matar; o motivo por trás de tudo aquilo, ou o fato de, embora te amar e te desejar com todo o meu coração, eu simplesmente não conseguir transar com você.

Antes de mais nada, quero que saiba que não há nada de errado com você, na verdade você é linda, perfeita e eu sonho com seu corpo todas as noites. Você sempre foi e sempre será a garota mais linda do mundo.

O problema está em mim; e, embora eu tenha ido a todas as sessões de terapia, falado tudo o que guardo dentro de mim, ainda não sou capaz de falar com você sobre isso, talvez nunca serei. Essa parte da minha vida é a minha maior vergonha, mas sei que, se um dia eu quiser que você me perdoe, eu preciso deixar você ver quem eu sou. Quem sabe assim eu poderei me perdoar.

Eu não posso falar, mas seu pai sabe. Se quiser pode perguntar a ele, diga que estou pedindo. Foi preciso três anos de terapia para que eu fosse capaz de escrever essa carta. Estou tremendo, já vomitei duas vezes enquanto tento escrever, e não faço a menor ideia de como vou ter coragem de deixar isso para você, tenho medo do que você vai pensar de mim, medo do que você vai decidir, mas não suporto mais viver assim, preciso seguir em frente e só vou conseguir se você segurar a minha mão, ou se soltá-la de vez.”

Releio a carta mais uma vez sentindo um frio em minha espinha ao imaginar o que meu pai sabe e se eu estou realmente preparada para ouvir a verdade sobre aquela noite.

Levanto-me e vou até o seu escritório, hesito um pouco antes de entrar e preciso respirar fundo algumas vezes para criar coragem. Ele está ao telefone e ao me ver acena com a cabeça para que eu entre, como se já estivesse à minha espera há muito tempo.

Sento-me na cadeira à sua frente e me sinto estranha enquanto aguardo até que a ligação termina.

— Está tudo bem? — pergunta provavelmente percebendo a minha ansiedade. Abaixo os olhos para a carta em minhas mãos e, no instante em que meu pai a percebe, sua expressão muda, provavelmente sabendo do que se trata.

— É do Thales?

Movo a cabeça para cima e para baixo sem saber ao certo o que quero, na verdade quero poder voltar no tempo e apagar tudo o que aconteceu, quero perder a virgindade naquele dia com o garoto que amo e estar vivendo um relacionamento normal, mas infelizmente isso não é possível.

— Ele me escreveu uma carta, disse umas coisas estranhas e me pediu para vir aqui falar com o senhor. Do que ele está falando?

— Ele disse isso? Que você viesse falar comigo? — pergunta e confirmo com a cabeça enquanto entrego a carta em suas mãos.

Vejo a dor surgir no rosto sempre tão calmo e gentil do meu pai enquanto lê a carta, em seguida ele se levanta e vem até mim e nesse momento percebo que, seja lá o que for, é algo sério.

— Então vamos sair daqui. Isso não é algo que eu queira falar em um escritório.

Seguro a mão do meu pai e me deixo ser levada por ele até o jardim. Ele se senta e pede para eu me sentar ao seu lado segurando minha mão enquanto olha para mim.

— Filha, o que eu tenho para te contar é algo que vai mudar muita coisa, eu... — Ele respira fundo, tentando encontrar uma forma de me falar, e começo a ficar nervosa. — Eu quero que saiba antes de mais nada que tenho muito orgulho daquele garoto, de quem ele é e o que se tornou. Thales é um herói, é o meu herói, e agradeço a Deus todos os dias por poder ter tido o privilégio de participar da vida dele.

— Eu também — digo sentindo minha voz tomada pela emoção.

— Quando o Thales tentou se matar, os médicos perceberam que havia mais do que maus-tratos acontecendo com ele. — Meu pai engole em seco, como se a palavra queimasse em sua garganta e coloco as duas mãos na minha boca desejando que eu esteja ouvindo errado. — Eles me contaram e usei o relatório médico para conseguir a guarda dele.

— O que o senhor está falando?

— Sandro abusou sexualmente do Thales.

— O que o senhor está falando?

— Tudo começou quando ele era ainda muito pequeno, Sandro o ameaçava, o torturava psicologicamente e Thales se viu acuado, com medo e vergonha.

— Eu não posso acreditar...

Sinto uma onda de náusea surgir, meu estômago se revira, minha cabeça dói e dou graças a Deus por estar uma linda tarde de verão, porque, de repente, sinto que não existe mais ar.

— Todas as vezes em que Thales precisou se afastar de você, eram ordens médicas. Você é um gatilho muito grande para Thales, seus conflitos e traumas o impedem de se sentir confortável com seu corpo e sua sexualidade, e toda vez que ele estava com você... — meu pai não termina a frase, mas não é preciso. — Fizemos um acordo com o clube para que ele pudesse cuidar da sua cabeça. Desde então a terapia tem ajudado, mas não é como se ele pudesse apagar todos aqueles anos de abuso em um punhado de horas em um consultório.

— E a Janaína? — Minha voz não é mais do que um sussurro enquanto falo com meu pai.

— Ela não sabia, ou disse que não sabia. — Ele ergue os ombros. — Enfim, eu usei tudo o que pude para tirá-lo das mãos dela, porque sabia que ele se mataria se continuasse naquele lugar.

Encaro a carta em minhas mãos sentindo-me mal por tudo o que aconteceu entre nós. A pressão que fiz mesmo sem saber, a forma aterrorizada com que me olhou quando me ajoelhei na sua frente... Cubro meu rosto com as mãos, envergonhada, enquanto ouço meu pai me contar como aquele monstro destruiu a vida do Thales, ameaçando-o, usando a sua irmãzinha e até mesmo eu, para conseguir com que lhe fizesse favores sexuais. Relembro a vez em que ele me encontrou na sua casa, o olhar apavorado em seu rosto, a forma como ele desmoronou na minha casa, seu choro enquanto implorava para que eu nunca mais voltasse lá.

Deus... não consigo imaginar toda a dor que ele suportou em silêncio.

A cada palavra dita, algo se despedaça dentro de mim, é doloroso demais imaginar todas as vezes que ele pulou minha janela e pediu para que eu lesse para ele, como se precisasse apagar todas as outras vozes dentro de si.

Seu rosto coberto de sangue vem à minha mente, os pulsos cortados, a sua vida deixando seu corpo e uma lembrança pulsa em minha mente. Ele estava aliviado. Como se estivesse finalmente acabando com um ciclo, um pesadelo. Para ele, naquele momento, só mesmo a morte poderia livrá-lo, ou talvez o amor daqueles que realmente se preocupavam com ele a ponto de conseguir ouvir o que o seu silêncio gritava.

Graças a Deus, meu pai o ouviu e o salvou para mim.

— Chega, pai! — grito implorando para que ele não diga mais nada.

Ele me segura em seus braços enquanto choro, um choro doído que rasga a minha garganta, a minha alma, o meu coração.

Não consigo sequer falar, a ideia de algo tão absurdo acontecendo com o Thales é demais para mim. Ele foi torturado, física e psicologicamente da forma mais monstruosa com que uma pessoa pode ser. Sua inocência foi arrancada dele, seu corpo foi violado, algo que era para ser nosso foi roubado.

Ele foi quebrado e não sei o que restou para ser colado.



Já é tarde quando meu pai me deixa sozinha, ainda estou agarrada a carta enquanto espasmos involuntários sacodem o meu corpo. Não consigo acreditar, tenho a sensação de que estou no meio de um pesadelo e que a qualquer momento vou acordar.

Olho para a parede onde dezenas de imagens dele estão coladas, seus olhos sempre tão tristes, mesmo nos momentos mais importantes da sua carreira, abrigam um garoto silenciado por um monstro, e eu que tanto o amo, que o conheço desde sempre, nunca percebi, nunca sequer imaginei que algo assim estava acontecendo com ele.

Levanto-me e pego a outra carta que está na mesinha, abro sem pensar duas vezes e leio as suas palavras:

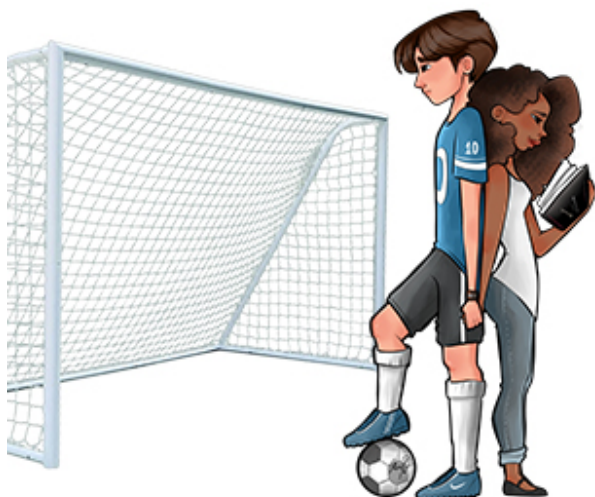
“Leia essa carta apenas se sua escolha for seguir comigo. Caso tenha soltado minha mão, eu vou entender e, embora eu saiba que te amarei para sempre, eu vou aceitar.

Eu sei que já te fiz um milhão de promessas e no meu coração eu gostaria de te fazer outras milhares. Não sou como os outros homens, uma parte de mim nunca será inteira e preciso aprender a lidar com meus traumas. Agora você já sabe e, sinceramente, nem sei como vou suportar olhar para você, a vergonha me consome e, às vezes, acho que seria melhor se você não me quisesse mais. Mas se você estiver disposta a me aceitar, depois de tudo o que você ouviu, eu te quero ao meu lado, mesmo que seja

apenas como amiga. Estou preparado para lidar com tudo, estou disposto a viver com a vergonha, estou pronto para aceitar o que você estiver disposta a me dar.”

Levanto-me da cama correndo, tropeço em uma mochila que está no meio do caminho, pego meu celular e digito uma mensagem.

Chega de ficar aqui me escondendo da vida. Há um garoto parado no meio de uma estrada feia, suja e escura, que está com as mãos estendidas, incapaz de me pedir, mas eu sei que ele precisa de mim e que se foda! Eu o quero, do jeito que for, porque ele é o caminho que escolhi para seguir e eu preciso segurar a sua mão. Não por ele, mas por mim porque não sei caminhar se ele não estiver ao meu lado.



81

Thales



“O mundo parou para ver o tão esperado clássico espanhol na 27 rodada da La Liga, o Barcelona recebeu em casa seu maior rival, Real Madrid, em um jogo emocionante com direito a uma defesa incrível do goleiro catalão e jogadas impressionantes do seu mais recente reforço, Thales Reis, que levou o time à vitória e consagrou o camisa 10 como um dos mais completos jogadores da atualidade. Um jogo histórico que, com certeza, será lembrado por décadas.”

Olho para o relógio pela milionésima vez, Caio está atrasado e começo a ficar preocupado. Ele nunca se atrasa, olho o número do voo em que disse que chegaria, checo se ele já pousou e, de acordo com os dados, ele está em Barcelona há mais de cinco horas.

Então, por que diabos ele não atende a porra do telefone?

Fecho o agasalho e ergo o capuz, está frio e por mais que eu seja um cara que não gosta de reclamar, às vezes sinto como se ele se instalasse em meus ossos, principalmente quando fico mais de uma hora esperando o imbecil do meu amigo em um lugar que não tem nada que me proteja do frio.

A sorte é que a maioria das pessoas não me reconhecem e os poucos que se aproximam pedindo um autógrafo são discretos, mas estou começando a ficar preocupado. Não sei o que farei se precisar me livrar de um grupo de fãs.

Esse é um dos motivos que não costumo sair sozinho, o outro é porque simplesmente não tenho vontade. Nunca fui um cara de festas, na maioria das vezes sou arrastado por Caio e, antes dele, Duda. Continuo o mesmo, apenas em um país diferente.

Olho para o celular mais uma vez, abro a caixa de mensagens e, sem motivo algum, rolo até o nome dela. Não sei porque faço isso, ela nunca me mandou uma mensagem desde que cheguei, nem sei ao certo se ela leu minhas cartas ou se falou com Milton, sinceramente não tive coragem de perguntar.

Há dores que precisamos evitar.

Penso naquelas cartas todos os dias, meu estômago se agita ao imaginar a repulsa que ela sentiu ao descobrir meus segredos e não suportou. Eu compreendo, sempre soube que essa era uma possibilidade, a mais real de todas. *Que garota vai querer um cara com o meu passado, um cara tão fodido que mal suporta ser tocado e não consegue fazer sexo com a garota que ama?*

Nem mesmo Ayla suportou isso.

Agora preciso seguir em frente, aceitar que a perdi e esperar que com o tempo possa ao menos recuperar sua amizade. Nesse momento agradeço por estar tão longe, acho que esses meses todos podem ser bons para que eu possa aprender a lidar com essa nova realidade. Ao menos é o que espera meu terapeuta.

Volto a olhar para o celular, tento ligar para Caio mais uma vez, estou decidido a ir embora, já estou aqui a tempo demais, está começando a escurecer e as ruas estão se enchendo de pessoas em busca de um bom café ou restaurante. As chances de ser reconhecido só aumentam a minha ânsia de sair fora. Meu humor não é dos melhores nesse momento.

Dou alguns passos em direção ao fim da rua, desvio de um grupo de turistas e baixo o rosto para não ter que olhar para ninguém, esbarro em uma pessoa que me faz parar para pedir desculpa, mas ela já se foi sem se importar muito, europeus...

E nesse momento, enquanto me viro para continuar meu caminho, eu a vejo. A princípio acredito que seja apenas uma peça pregada por meu

coração cheio de saudade, mas então o vento sopra seu cabelo e ela o joga para trás daquele jeito que só ela sabe fazer e, quando seus olhos me encontram, ela sorri.

E tudo à minha volta perde a importância.

— Ayla... — sussurro mais para ter certeza de que estou mesmo a vendo. Ela começa a caminhar em minha direção, com seu corpo pequeno encolhido em um casaco pesado que não conheço e seus cachos rebeldes soltos emoldurando seu lindo rosto.

— Sabe, uma vez um rapaz me disse que me levaria para conhecer todos os sabores de sorvete do mundo — diz ainda a uma certa distância.

O vento move seus cabelos e ela retira uma mecha do rosto.

— Está meio frio para isso.

— Mas sempre podemos começar com os chocolates.

— Onde está o Caio?

— É uma longa história. — Ela enfia as mãos nos bolsos do casaco enquanto me observa, ainda sorrindo.

— Você leu minha carta? — pergunto mesmo sabendo que não deveria estragar esse momento, talvez ela ainda não saiba, é a única justificativa para que esteja aqui.

Deus... ela realmente está aqui?

— Li.

Respiro fundo, mas o ar parece não entrar em meu pulmão. Ela leu minha carta.

— Falou com Milton? — Minha voz ameaça falhar.

— Sim.

— E mesmo assim você está aqui...

— O que te faz pensar que eu não viria?

— A verdade.

— Sabe, eu nunca fui uma garota comum, nunca gostei de bonecas e rosa jamais foi a minha cor favorita. Sempre preferi os super-heróis às princesas e ouvi muitas vezes pessoas, que nunca sequer falaram comigo, me chamarem de esquisita, o que eu sei bem que é uma forma pejorativa de duvidar da sexualidade de alguém, o que por mim tudo bem. Eu não me importaria se gostasse de garotas, mas a verdade é que eu sempre amei um menino sujo e calado, irritantemente bom de bola, que nunca me deixou jogar porque eu era menina e meninas choram. Ele nunca chorava, e eu estava decidida a provar para ele que eu também não choraria. Então, um dia

fiz uma única promessa a mim mesma: que um dia provaria a esse menino que eu era tão boa quanto ele e, sem perceber, ser como ele se tornou meu objetivo.

Algumas pessoas passam por nós, olham, mas não param, Espanha é um país de muitas línguas, muitas culturas e muitas pessoas, eles já não ligam mais para o que acontece a sua volta. Ótimo, já estou me sentindo esquisito, não sei como agiria diante de uma plateia.

— Eu tenho muito orgulho daquele garoto. — Ela se aproxima um pouco mais encurtando a distância entre nós e diminuindo o tom da sua voz. — De quem ele é, de quem ele se tornou, de quem ele sempre será.

— Eu não sou esse garoto, Ayla.

— É sim, e eu jamais pensaria outra coisa de você, aliás, hoje eu posso dizer que minha admiração por você só aumentou. Saber que você lutou e venceu, que está aqui, nesse lugar lindo. — Ela olha em volta, para os edifícios centenários que nos cercam na charmosa cidade e depois volta a olhar para mim. — Se transformando em um homem ainda mais especial.

— Eu achei que você teria nojo de mim — admito e minha voz nada tem a ver com o homem que ela descreve, ela se parece com a de um menino assustado.

— Nunca, eu jamais te magoaria assim e você nunca deve se envergonhar de quem você é. — Ela dá mais um passo enquanto fala: — Você é brilhante, incrivelmente habilidoso, forte, corajoso, gentil, belo... — Solto um longo e cansado suspiro, como se estivesse prendendo a respiração por toda a minha vida. — É isso que te define — ela continua. — São as suas qualidades e os seus defeitos, é o que você absorve, o que você transmite. Não os erros de outra pessoa.

— É isso que você vê quando olha para mim?

— Sim.

— Eu sou diferente, eu sei que nem todos conseguem compreender, mas estou trabalhando para melhorar isso. Todos os dias eu luto para ser melhor, eu estou me esforçando, Ayla. Mas nem sempre consigo.

— Eu não tenho medo do diferente, não ligo para o que pensam ou dizem, nem para os estereótipos que a sociedade define como o certo.

— Eu tenho problemas de controle da raiva.

— Eu sei.

— Eu não consigo ser tocado.

— Eu sei.

— Eu ainda acordo de madrugada gritando quando sonho com ele.

— Eu sei.

— Eu não quero que você perca a sua juventude ao lado de uma pessoa como eu, e se eu não me curar?

— Você está tentando, não está?

— Todos os dias da minha vida.

— Eu não tenho medo de estar perdendo a minha juventude porque eu acho isso uma babaquice. Ser jovem para mim significa sonhar, ter planos e manter o coração livre da amargura e repleto de amor. — Ela dá mais um passo, seu corpo agora está tão perto que posso sentir o perfume dos seus cabelos. — Só existe uma forma de aproveitar a minha juventude, Thales. — Ela retira a mão do bolso e a estende para mim. — Em uma das cartas você me disse que só poderia seguir em frente se eu estivesse segurando a sua mão. Aqui está ela.

— Ayla...

— Você me prometeu.

Respiro fundo e estendo a mão fria e trêmula, mas antes que eu possa segurá-la Ayla recolhe a sua e um sorriso brincalhão surge em seu rosto.

— Antes de aceitá-la, preciso que saiba de uma coisa. — Ela se afasta e retira uma coisa de dentro do seu bolso. Não consigo ver o que é, mas imagino que seja uma das suas pedrinhas e o sorriso já começa a surgir em meu rosto. — Naquela noite, você disse para que eu nunca mais me ajoelhasse para você.

— Ayla, por favor... — tento interrompê-la, mas meu coração pulsa em meus ouvidos e meus olhos estão nublados pela emoção de ter ela aqui.

— Durante meses, suas palavras me magoaram porque eu não fazia ideia de que, naquela noite, você só estava tentando me proteger, mas hoje eu compreendo, hoje eu sei o significado disso, hoje eu preciso que você aceite que eu seja a única a me ajoelhar por você. — Ela mantém seus olhos fixos nos meus enquanto abre a mão e no meio da sua palma está um anel prateado, com uma pedra branca cravada no meio. — Thales Reis, você aceita minha mão?

82

Ayla



Meu coração parece prestes a rasgar meu peito e cair bem no meio de uma rua gelada em Barcelona enquanto me ajoelho aos pés do homem da minha vida e faço a coisa mais ousada que imaginei: peço-o em casamento.

Seu rosto é a verdadeira expressão da dor enquanto olha para mim sem ter ideia do que estou fazendo aqui. Quero me jogar em seus braços, gritar que o amo, que me perdoe por ter duvidado de seu amor. Quero tocá-lo, protegê-lo, dizer a ele que estou aqui e que nada mais importa, eu sempre estarei, mas me concentro no anel que demorou quase dois meses para ficar pronto e que agora está estendido, aguardando que ele o aceite.

Minha visão periférica me diz que não estamos mais sozinhos, tem uma porção de pessoas à nossa volta e não sei quanto tempo até alguns paparazzi aparecerem e estragarem meu momento, mas que se dane, não ligo. Cansei de ter medo, de ser a garota comportada que ficou nas sombras, cansei que pensar no que os outros vão achar.

Podem olhar, quero que vejam o quanto esse garoto assustado, que me observa como se eu fosse uma maluca, é amado. Quero que usem esse momento como exemplo, que guardem em seus corações, que espalhem por aí. Quero que, ao estarem velhinhos, contem para os seus netos que, em um fim de tarde frio, em uma calçada movimentada de Barcelona, uma garota apaixonada se ajoelhou e declarou seu amor ao rei do futebol mundial.

— Vem cá. — Ele me puxa para seus braços e, quando suas mãos circulam minha cintura e sua boca se cola à minha, ouço uma explosão de aplausos a nossa volta.

— Espera aí, engraçadinho. — Espalmo minha mão em seu peito e me afasto um pouco. — Você ainda não me deu sua resposta.

— Ah, porra, só existe uma resposta. É sim, sempre foi e sempre será.

— Sim? Então você me aceita?

— Jesus Cristo, você só pode estar brincando!

— Você sabe, eu nunca pedi um garoto em casamento antes.

— Se depender de mim, serei o único.

Solto-me de seus braços e seguro sua mão, meus dedos estão tremendo e os seus estão frios e úmidos, ignoro os assobios e flashes enquanto coloco o anel no seu dedo anelar e relembro todas as vezes em que sonhei com esse momento.

— Eu estou tremendo — digo com um sorriso nervoso.

— Eu estou sonhando — sussurra para mim enquanto observa o anel.

— Ele é lindo. — Thales envolve meu rosto com suas mãos.

— Desculpa demorar tanto, não foi fácil achar quem conseguisse fazer o que eu queria.

— Você é incrível, e agora é minha.

— Sempre fui, bobinho. — Mordo o lábio inferior enquanto o observo.

— Eu amo você — diz bem baixinho e adoro o som que essas palavras tão importantes têm.

— Eu amo você — repito suas palavras sentindo o calor dos seus lábios próximos aos meus.

— Obrigado — ele sussurra com a voz embargada e, antes que eu possa ver as lágrimas nublando seus lindos e tristes olhos, ele me abraça, puxando-me de encontro a seu corpo. — Obrigado por me amar mesmo diante de tudo.

— Não tem como não amar o garoto que sempre me fez um milhão de promessas e que nunca sequer pediu uma em troca.

— Não preciso, eu tenho você.

Abro um sorriso enorme e volto a beijá-lo sob os aplausos de dezenas de desconhecidos.



Thales me leva para jantar em um dos seus restaurantes favoritos. Caminhamos pelas ruas de Barcelona de mãos dadas, às vezes ele ergue sua mão e observa o anel em seu dedo, com um sorriso de menino estampando seu rosto lindo.

— Como você conseguiu fazer isso?

Conto para ele toda a aventura até encontrar um joalheiro que topasse fazer o anel.

— E quando eu disse que seria para Thales Reis, ele ainda me deu um desconto.

— Safada, usou meu nome para ganhar um desconto!

— Eu precisava apressar o cara, estava louca para rever meu amor.

Ele volta a segurar meu rosto e me beijar, estamos em uma viela tranquila e puxo-o para um lugar mais escurinho. Thales pressiona meu corpo com o seu enquanto aprofunda o beijo, estou tão excitada e ansiosa que passo minhas mãos por baixo do seu moletom sem me importar quando sua pele se arrepia pelo frio.

— Porra... que saudade — sussurra enquanto seus lábios descem por meu pescoço me fazendo arfar. — Eu achei que nunca mais teria isso. — Suas mãos descem por meu quadril, apertando-me de um jeito que me faz desejar fazer coisas impróprias para o lugar onde estamos.

— Thales... — o chamo enquanto ergo meu pescoço para que ele possa me beijar.

— Oi...

— O que acha de sairmos do meio da rua?

Ele se afasta, dando-se conta de que qualquer um pode nos ver. Baixo meu olhar para seu quadril e noto que não sou a única que parece prestes a entrar em erupção aqui, Thales está excitado.

— Vamos embora daqui. — Ele segura minha mão e me puxa para o seu lado.

— Para onde vamos?

— Para a minha casa. — Ele sorri orgulhoso e quero rasgar suas roupas e pular em seu colo aqui mesmo.



A casa de Thales fica em um pequeno condomínio em uma vila afastada do centro, o caminho todo ele aponta para monumentos e me conta algo. Para quem está aqui há apenas três meses, ele parece bem instalado.

A euforia do momento passou e, à medida que nos aproximamos da sua casa, a ansiedade aumenta. Tenho medo que ele surte por alguma coisa, não tenho experiência nenhuma e não sei como agir. O desejo com toda a força do meu coração, mas estou preparada para esperar o momento que ele achar que será o certo.

Pode não ser hoje.

Thales desliga o carro na entrada de uma pequena e charmosa casa com um jardim bem cuidado e lindas flores. Ele abre a porta do carro e dá a volta para me receber, seguimos de mãos dadas e posso sentir que não sou a única que estou ansiosa aqui.

Ele se atrapalha um pouco com as chaves e, quando entramos, me surpreendo com o quanto ela é bonita e elegante.

— Uau! Ela é bem maior do que imaginei.

— Pois é, eu também tive essa impressão quando cheguei.

Thales fecha a porta e joga as chaves em um aparador, em seguida retira o moletom e fica apenas de camiseta de mangas compridas. Também retiro o casaco que comprei assim que cheguei e coloco-o em uma cadeira.

Caminho pela sala imaginando Thales vivendo aqui, sozinho.

— Gosta do que vê? — pergunta e, quando me viro, encontro-o apoiado na parede, com as mãos nos bolsos da calça, e o rosto corado pelo aquecedor. É tão lindo, que perco as palavras.

— Gosto muito. — Caminho até onde ele está e passo minhas mãos por seu peito. — Você nem imagina o quanto. — Ergo-me nas pontas dos pés e dou um beijo em sua boca.

Suas mãos logo se instalam em minha cintura e ele me puxa para junto de si. É um gesto simples, mas posso sentir a ansiedade se misturar com o desejo quando volta a me beijar.

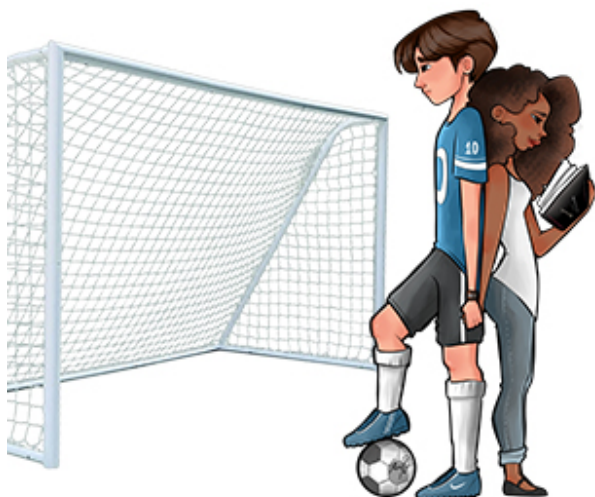
— Eu ainda não acredito que o Milton deixou você vir.

— Sou maior de idade, posso fazer o que eu quiser. E, para sua sorte, meu pai te ama. Se pudesse, ele mesmo pilotaria o avião.

— Eu imagino, embora não entenda.

— O amor não tem que ser compreendido, tem que ser sentido. — Movo as pontas dos meus dedos suavemente sobre seu peito. — Consegue sentir?

— Eu sinto. — Ele se inclina e volta a me beijar.



83

Thales

Seus dedos se movem sobre meu peito, bem em cima de onde meu coração apaixonado bate por ela. Eu ainda não acredito em tudo o que está acontecendo, tenho medo de fechar os olhos e, quando os abrir, me dar conta de que ainda estou naquela praça esperando Caio chegar.

Completamente sozinho.

— O que acha de me mostrar sua casa?

Ela se afasta e faço o que pede. Ayla faz perguntas enquanto caminha por cada um dos cômodos. O sorriso em seu rosto se espelha no meu. Sinto-me como em um jogo decisivo, com a adrenalina nas alturas e meu corpo agitado à espera do que está por vir.

Quando chegamos ao quarto sinto um *déjà vu*. Já vivemos isso antes e, embora naquela noite ela tenha adormecido em meus braços, era uma despedida. Eu a estava libertando.

— O que houve?

Ela se aproxima passando a ponta do dedo entre meus olhos.

Uma parte de mim quer fingir que não precisamos ter essa conversa, que se ela está aqui é porque me aceita como sou e com as merdas que tenho. Mas a outra parte, a menor, mais frágil e covarde, sabe que preciso falar.

— Seu pai te contou... tudo?

— Tudo o que preciso saber.

— Ele falou sobre...

— Tudo, Thales, eu sei de tudo.

Meu corpo inteiro se arrepiava ao som da sua voz. A vergonha e a tristeza são como veneno em minhas veias. Sinto uma vontade quase insuportável de mentir, mas se quero ter algo com essa garota, preciso ser sincero sobre o que ela vai ter de mim.

— Eu falei com seu psicólogo, ele não revelou nada, claro, mas eu tinha muitas dúvidas de como agir, não quero te assustar como da outra vez que...

Ah, merda, merda, merda...

Fecho os olhos e tento não pensar no que ela conversou, sei que ele não disse nada do que falei, mesmo assim é vergonhoso demais.

— Thales, olhe para mim! — ela exige e ergo meu rosto encarando a garota à minha frente.

— Como você pode não ter nojo de mim?

— Nojo? Por que eu teria nojo do homem que amo?

— Talvez porque eu não seja... um homem.

— Ele disse isso para você? — pergunta e confirmo com a cabeça, envergonhado demais para pronunciar as palavras que me atormentaram por tantos anos.

— O que aconteceu com você foi horrível, nenhuma pessoa merece o que você viveu, mas não foi escolha sua. Ele te machucou e eu o odeio por isso, mas ele não tem o poder de roubar o que você é.

— Ele... — Baixo o rosto quando sinto as lágrimas encherem meus olhos e escorrerem por meu rosto. — Ele dizia que eu não era como os outros garotos, que eu... — Respiro fundo, com a voz embargada pela vergonha e dor. — Ele dizia que eu não era mais homem por permitir que me tocassem.

— Se meu pai soubesse, ele teria feito alguma coisa.

— Eu não podia contar, eu mal consigo olhar para você agora. Ele me ameaçava, ameaçava a Tati. Eu não podia deixá-lo chegar perto da Tati. Se alguém tinha que passar por aquilo, que fosse eu, nunca a minha irmãzinha. Nunca ela.

— Eu sinto tanto — ela sussurra e ergo o rosto para encarar seus olhos negros.

— Por favor, não. Não tenha pena de mim, eu não vou suportar sua piedade.

— Não tenho pena de você, eu tenho admiração, amor. — Ela estende a mão e toca meu rosto. — Passei noites relembrando todas as vezes que você pulou minha janela e a única coisa que você me pedia era para que eu lesse.

— Você me salvava. Todas as vezes em que lia para mim, sua voz abafava o som dele em minha mente.

— Thales... — ela começa a chorar e quero morrer por saber que, embora ela diga que não sente pena de mim, suas lágrimas revelam o contrário.

— Por favor, não chora. — Passo meus polegares sobre seus olhos tentando impedir as lágrimas. — Não chora, meu amor, eu estou bem agora, eu estou bem. — Puxo-a para meus braços porque preciso provar para ela que sou forte, que consigo lidar com isso.

— Eu te amo tanto — diz enquanto beija meu rosto. — Tanto, tanto... — Continua salpicando beijos por todos os lados, com as suas lágrimas escorrendo por minha pele e o sabor salgado da sua tristeza tocando minha boca.

— Ayla... — sussurro seu nome enquanto envolvo meus dedos em sua blusa, há um conflito desgastante dentro de mim. Uma parte a deseja enlouquecidamente; a outra tem medo de que eu perca o controle e surte como da outra vez.

Eu a quero, mas não sei se consigo.

— Está tudo bem — ela sussurra. — Não precisa se preocupar.

Ela puxa sua blusa, removendo-a do seu corpo, o sutiã branco simples me diz que ela não veio aqui para isso.

— Eu te amo — digo quando vejo-a soltar o fecho do sutiã, libertando seus seios lindos e firmes.

Noto seus mamilos endurecerem com o ar frio do quarto e meu corpo se agita.

Ayla segura meu rosto em suas mãos. Sua boca devora a minha enquanto meus dedos passeiam por sua pele macia e quente. Sinto-a ofegar a cada toque e meu corpo responder na mesma intensidade.

— Eu te amo — diz, como se pedisse permissão para me tocar. Sua mão desce por meu peito até chegar à barra do meu moletom. — Não se esqueça disso, nunca.

Volto a beijá-la enquanto me concentro em sua voz, na forma gentil como remove minha roupa, deixando meu peito nu. Quando seus olhos caem para o meu esterno sinto-me exposto, quando seus dedos tocam o desenho estremeço, mas não de medo e sim de prazer.

— Eu não conheço isso. — Ela passa os dedos sobre a tatuagem.

— Fiz antes de viajar, eu precisava ter um pouco das pessoas que amo junto a mim.

Ela se inclina para observar o desenho, um emaranhado de coisas que representam muito para mim: a data do dia em que renasci em números romanos, cercado as rosas e ramos que significam a vitória.

— É linda e combina perfeitamente com você — diz ainda olhando para ela e, quando volta a olhar para mim, seus olhos estão cheios de expectativa. — Não precisamos fazer nada, podemos ficar apenas assim, juntos. — Ela se aproxima um pouco mais, seus seios tocando minha pele e me enchendo de tesão.

— Você acha que não te desejo?

— Não, hoje não penso mais assim.

— Eu te quero muito.

— Eu também, mas não tenho mais pressa, quero que seja bom para você, que seja especial.

— Já está sendo.

Ayla morde o lábio enquanto sorri e, puta merda, ela é a coisa mais bela desse mundo, com sua pele negra, macia, iluminada e seminua, ergo-a em meu colo, e levo-a até a minha cama enquanto ela me beija.

Deito-a delicadamente e me coloco por cima dela, já estivemos assim antes, mas agora é diferente, ela sabe e preciso mostrar para ela o quanto quero que dê certo.

— Não sei o que fazer, estou nervoso pra cacete e...

— Me beija — pede interrompendo meu falatório. — Deixa que meu corpo silencie as lembranças ruins.

— Ah, Deus, eu quero tanto.

— Então pare de pensar e deixa que nossos corpos façam o que nasceram para fazer.

Observo a linda mulher em meus braços por um instante, ela parece tão segura que preciso me esforçar para me lembrar de que também é a primeira vez dela. Ergo minha mão para segurar seu rosto e capturo sua boca em um beijo faminto e cheio de tesão. Sinto suas mãos em todo o meu corpo, o conflito entre o desejo e o medo me fazendo estremecer, mas não deixo de beijá-la, nem quando ela começa a gemer em minha boca, nem quando seus quadris começam a se mover sobre minha ereção, porque isso é o certo, um homem e uma mulher que se amam e se tocam porque não suportam ficar

longe um do outro, duas pessoas que necessitam dar prazer para demonstrar o quanto se amam.

— Eu amo você — diz e ignoro o quanto estou tremendo, de medo de não conseguir, de ansiedade por saber como é estar com uma mulher.

Ayla abre o meu jeans e faço o mesmo com o dela, nos livramos de nossas roupas até estarmos apenas com nossas roupas íntimas. Analiso seu corpo lindo enquanto me lembro da forma como a fiz sentir meses atrás.

— Me perdoe por não ter contado.

— Shhh... — Ela coloca um dedo em meus lábios. — Hoje não existe passado, só o presente e o futuro.

E então eu a beijo até meus pensamentos silenciarem, até meu corpo relaxar sobre o dela, até que seus gemidos não me assustem. Eu a beijo sentindo meu corpo implorar pelo dela e me assustando em como a desejo.

Ayla envolve minhas costas com suas mãos puxando-me mais para perto, minha boca desce por seu pescoço, ombros, seios...

Ela se contorce e preciso me esforçar para lembrar de que ela está gostando, que o que estou fazendo com ela é o certo, é amor.

Meu quadril se move para a frente e para trás desejando poder se livrar das peças de roupas que nos separam, desço meus lábios por todo o seu corpo, seguindo apenas meus instintos.

— Thales... — geme meu nome quando me coloco entre suas pernas, acariciando-a por cima da calcinha com meus dedos.

Ergo meu rosto e a observo enquanto a toco, seus olhos estão fechados e, embora ela se pareça mais com alguém que está sentindo dor, sei que está gostando. Afasto a calcinha e penetro-a delicadamente, ela se contorce e meu coração explode no peito com a visão da minha garota gemendo meu nome enquanto lhe dou prazer.

Seus dedos se enroscam em meus cabelos, suas pernas em minhas costas enquanto estou com os lábios em sua intimidade. É tão cru e erótico que sinto meu próprio corpo cheio de desejo, prestes a explodir.

— Não para — pede e eu obedeço. — Isso, assim... — Sua voz não é mais que um sussurro e, quando passo minha língua no ponto mais sensível, ela grita meu nome enquanto goza.

Ouvir Ayla gozando é a coisa mais excitante que já fiz na vida.

Puxo sua calcinha jogando-a no chão, ela está nua, na minha cama, satisfeita e sorridente. Ayla está feliz, eu a fiz feliz.

— Vem — ela me chama e olho em volta sem saber o que fazer.

— Não tenho camisinha — digo envergonhado, porque a verdade é que nunca tive motivos para comprá-las, jamais imaginei alguém na minha cama.

— Tudo bem, não tem problema, eu tomo pílula.

— Toma?

— Na verdade comecei mês passado, estava me preparando para você.

Deus do céu...

Subo por seu corpo e cubro sua boca com a minha, beijo-a de forma desajeitada, cheio de emoção e amor. Ayla acaricia minhas costas enquanto afasta suas pernas para me dar acesso ao seu centro.

— Estou nervoso — admito e ela se ergue para tocar meu rosto.

— Eu te quero tanto que dói, mas eu não quero que faça nada para me agradar, você não tem que se sentir obrigado a isso.

— Não estou.

— Então não tem o que temer, vem. — Ela estica a sua mão e me ajuda a tirar minha cueca, seus dedos delicados tocam a ponta da minha ereção, seus olhos me observam enquanto seus dedos me acariciam.

— Mais forte — peço enquanto observo-a me tocar.

Ela me obedece, seus dedos quase se fechando a minha volta, subindo e descendo por meu membro duro.

Ela me toca até que sinto que posso explodir.

— Eu quero você — sussurro segurando sua mão, sentindo a umidade na ponta do meu pau. — Eu preciso de você — digo com toda a certeza do mundo, Ayla se deita, seus olhos me analisando enquanto me posiciono na sua entrada, olho para o seu rosto à espera de algo que me faça recuar, medo, dúvida, dor...

Mas a única coisa que encontro é amor.

— Se eu te machucar...

— Você não vai me machucar, não pense nisso, apenas vem — diz enquanto seus dedos sobem e descem por meu braço.

E com suas palavras me incentivando, eu a penetro, devagar, como se ela pudesse se partir ao meio no processo. Observo seu rosto à procura de algo que me diga que estou fazendo errado.

— Só mais um pouquinho — ela diz, a voz um pouco tensa por estar sendo invadida pela primeira vez. Posso sentir a barreira que me impede de seguir em frente.

— Eu preciso forçar — digo em seu ouvido, pronto para me afastar se ela quiser, mas, quando seus olhos se fecham e suas pernas se enroscam em

minhas costas, tudo o que vejo é prazer.

— Está tudo bem — diz me incentivando e empurro com força, Ayla se retesa e paro apoiando-me nos cotovelos e sentindo que estou inteiro dentro dela.

— Como você está? — pergunto preocupado.

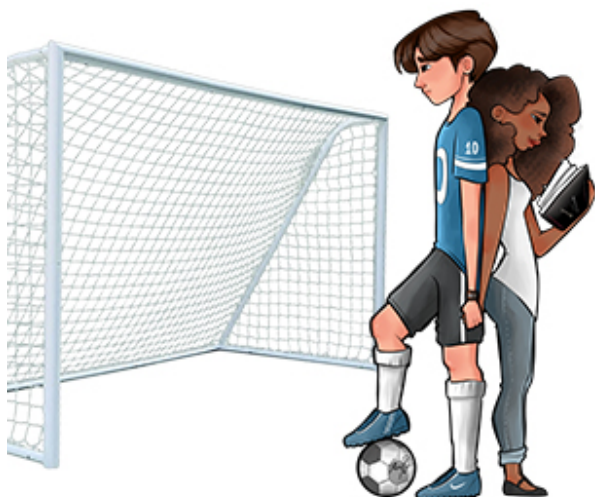
— Me sentindo a mulher mais feliz do mundo. — Ela sorri e me inclino para beijar a sua boca, estou dentro dela, suas pernas em volta do meu quadril, seus lábios em meu pescoço, suas mãos em minhas costas. É a melhor sensação do mundo e, antes que eu possa pensar em algo, estou me movendo, a princípio devagar, sentindo seu corpo apertado à minha volta, seus gemidos a cada estocada, suas unhas me arranhando. Então aumento a velocidade, indo mais fundo, sentindo que nunca é o bastante, desejando mais, forçando-me sobre ela até que meu cérebro para de funcionar, meu corpo toma o lugar da razão e deixo que ele faça como quer: forte, bruto, intenso, insano.

— Thales... ah, meu amor. — choraminga quando saio de dentro dela só para voltar com força, alcançando mais fundo. Ergo sua perna aumentando a pressão, a cama se choca na parede fazendo um barulho enorme, meus gemidos se juntam aos dela, e já não sei mais quem sou eu, o mundo a minha volta silencia e tudo o que ouço é o som da sua respiração a cada estocada minha e do meu coração a cada gemido seu. Sinto quando o prazer aumenta me fazendo perder o controle e, quando gozo, é como se estivesse me desmanchando dentro dela; forte, selvagem e assustador. Ayla me segura em seus braços, como se pudesse me proteger de alguma forma.

— Conseguimos — diz, ofegante, exausta, por suportar o meu peso. — Conseguimos, meu amor — repete enquanto beija meus cabelos suados.

Passo meus braços em volta da sua cintura quando desabo de lado trazendo-a comigo. Apoio meu rosto na curva do seu pescoço enquanto ela continua me beijando e dizendo o quanto me ama, mas não consigo falar. Nesse momento, sou um amontoado de sentimentos confusos e apavorados e tudo o que sou capaz de fazer é me lembrar dele: do homem que tirou de mim tudo de bom que eu tinha, que me fez acreditar por anos que eu seria incapaz de fazer algo tão belo com uma mulher. O homem que fez de mim seu brinquedinho, que me sujou e me calou. O homem que me quebrou.

E, então, eu choro.



84

Thales

Sandro me partiu, ele me machucou e me mostrou um lado podre do ser humano. Durante toda a minha vida, eu sempre soube que nunca seria igual aos outros, havia uma parte faltando em mim, uma que achei que jamais encontraria.

Ela a encontrou, e com seu amor e sua fé em mim, colou a parte que faltava em meu coração.

Eu sempre soube que seria ela.

Mas nem nos meus mais loucos sonhos, imaginei que desabaria em seus braços depois de fazer amor, mas foi o que fiz.

Eu chorei, com todo o meu coração ferido, com minha alma corrompida, com meu corpo sujo. Eu chorei porque, lá no fundo, eu temia que esse dia nunca chegasse, que eu fosse incapaz de fazer amor, que eu nunca sentia prazer com o sexo.

Sexo para mim sempre foi algo feio, feito no escuro, em silêncio para não ser ouvido, escondido, cruel, doloroso.

Hoje, Ayla me mostrou que ele também pode ser a coisa mais bonita do mundo.

E eu a amo mais por isso.

Não sei quanto tempo choro em seu colo, ainda dentro dela, sentindo que nunca terei o bastante. Ela me consola, diz que está tudo bem e que me ama. Não digo nada, não consigo, sou um emaranhado de emoções.

Nos beijamos, nos tocamos e, quando dou por mim, estou me movendo novamente. Dessa vez é confuso, triste e os sentimentos se sobressaem ao

desejo. Ela está silenciosa, mas suas mãos continuam sobre mim seus lábios ainda me beijam e seu corpo ainda me recebe e, quando gozo, não sinto mais nada, não há mais lágrimas, nem dor, nem vergonha, só uma sensação de alívio por me sentir, pela primeira vez na vida, um homem de verdade.



Ayla lê para mim um e-book que baixou no celular, não tenho a menor ideia do que fala o livro. Tudo o que faço é prestar atenção na sua voz enquanto ela se aninha em meus braços, ainda nua, satisfeita, feliz. Não sei ao certo quem dorme primeiro, acordo com o celular em meu peito e Ayla ao meu lado, envolta em um lençol e mais nada. A primeira coisa que penso quando vejo essa imagem é que temos uma vida inteira para acordar assim.

Olho para o anel em meu dedo e um sorriso idiota surge em meu rosto. Idiota deveria ser o meu nome do meio porque tenho a sensação de que para sempre estampearei esse sorriso quando me lembrar de ontem.

Levanto-me e vou até meu celular, há milhares de mensagens e respondo as mais importantes. Deixo a de Caio por último e, quando ele me responde, não consigo evitar o sorriso.

CAIO: *“O que diabos você está fazendo me mandando mensagens? Vai curtir tua garota, babaca, e não entre na internet.”*

Caio acende o alerta e faço exatamente o que ele me pede para não fazer. A primeira notícia que vejo é de um site de fofocas que diz que fui visto com uma fã. Uma foto minha abraçado com ela na rua estampa a notícia e sorrio ao imaginar a cara dela quando ver isso. As outras notícias são tão mentirosas quanto e, depois de ler alguns comentários maldosos sobre a cor da sua pele ou o fato dela ser uma desconhecida, desisto e bloqueio o celular lamentando pelas pessoas que acreditam nesse tipo de notícia e a falta de empatia delas.

Volto para o quarto no momento em que Ayla se vira para o outro lado. O lençol escapa e observo seu corpo nu; a beleza da sua pele negra em contraste com os lençóis brancos; seus cabelos, que parecem ter vida própria, se espalham por todo o travesseiro. A curva sexy da sua bunda que faz minha mão coçar para apalpá-la. Apoio-me na porta enquanto observo-a

dormir, imaginando como será ter isso todos os dias, ela em minha cama, nos meus braços, na minha vida.

— Eu estou ouvindo... — resmunga com a cara enfiada nos travesseiros.

— O quê? — Sorrio enquanto vou para a cama e beijo a curva do seu quadril, sua cintura, a lateral do seu seio.

— Sua baba caindo. — Ela começa a rir e a viro para poder olhar nos seus olhos.

— Acho que você precisa baixar um pouco a sua bola, garota, tá muito convencida!

— Hummm... — Ela puxa minha mão e beija meus dedos fazendo com que meu corpo se agite. — Ele combinou tão bem na sua mão.

— Acho que vai combinar mais ainda quando tiver um no seu. — Beijo sua boca com gosto de sono aos sons dos seus resmungos.

— Você poderia ter esperado eu escovar os dentes — diz tentando me afastar.

— Eu não posso passar os próximos oitenta anos da minha vida esperando você escovar os dentes, Ayla.

Ela gargalha e me puxa para si mordendo meu queixo.

— Oitenta anos, é?

— Ou mais.

— Terei sexo fantástico e bom dia na cama?

— Todos os dias. — Beijo seu ombro, seu pescoço e logo nos perdemos novamente.

— Isso é uma promessa, Thales Reis?

— Pode ter certeza que é.

Ela se mexe abrindo suas pernas, me convidando a possuí-la mais uma vez.

— Como você está se sentindo? — pergunto preocupado com o que fizemos na noite passada.

— Vazia. — Ela se ergue e morde o lóbulo da minha orelha no instante em que a penetro fazendo-a gemer.

— Eu te amo — sussurra para mim quando a encho com meu corpo e meu desejo.

— Eu te amo — digo da mesma forma enquanto sorrio e começo a me mover.



Ayla fica mais dois dias comigo, passamos boa parte do tempo passeando pelas ruas de Barcelona, levo-a a alguns restaurantes. Caio nos convence a irmos em uma casa noturna, mas não demora para que eu seja reconhecido e vamos embora rindo.

Fazemos amor mais vezes do que imaginei que seria capaz, e em todas elas sinto um medo terrível de que não serei capaz, mas quando acaba me sinto o cara mais sortudo do mundo.

— A gente se vê em breve — ela diz, mas seus olhos estão fixos no botão do meu casaco.

— Eu já tô morto de saudades.

— Vai ser sempre assim, né? Um momento de felicidade para uma vida de saudade.

— Só até que eu coloque uma aliança no seu dedo — digo com meus lábios em sua testa.

— Isso é uma promessa, Thales Reis?

— Não, é um objetivo.

Ela sorri e me beija.

— Já posso ver a manchete: *“Astro do Barcelona é flagrado no aeroporto beijando fã”* ou melhor *“Astro do Barcelona é atacado por fã”* — brinca, mas no fundo sei que não gostou muito das coisas que leu sobre nós. As pessoas sabem ser cruéis quando querem, e o fato de estarem escondidas atrás do teclado de um computador faz com que acreditem que não há limites para a maldade.

— Acho que gosto de ser atacado — brinco e a encho de beijos. — Ninguém mandou você me escolher — sussurro em seu ouvido.

— Eu escolheria mil vezes.

Ayla envolve meu pescoço com suas mãos e me beija quando seu voo é anunciado.

— Tenho que ir — avisa e me beija mais uma vez.

— Eu te amo — digo quando se afasta de mim, com um sorriso.

— Eu amo muito mais, vai lá e arrasa! Estarei em casa, torcendo por você. — Ela caminha, ainda olhando para mim até tropeçar em uma senhora mal-humorada.

Aceno enquanto observo-a se afastar até que tudo o que resta são as lembranças dos dias mais felizes da minha vida.

85

Ayla



“A Seleção Brasileira retorna hoje ao Brasil depois de três vitórias nos amistosos entre Inglaterra, Espanha e Itália. O técnico falou rapidamente sobre o desempenho do time e a possível escalação do ponta esquerda Thales Reis para a Copa América.”

— Acho que são eles — digo erguendo o pescoço para olhar através da multidão. Caio está ao meu lado, com o boné enterrado na cabeça e óculos escuros mesmo que estejamos em um local fechado.

— Acredite, os gritos das garotas nos dirão quando eles chegarem.

Ele cruza as pernas e volta a mexer no celular, na grande maioria das vezes ele está fazendo vídeos engraçados que posta nas redes sociais. Ele faz muito sucesso por lá.

— Não me filma, hein! — Bato em seu ombro para chamar sua atenção.

— E perder a chance de aparecer com uma negra linda dessa? — Ele sorri e sei que está brincando. Não quero ser a fã maluca novamente, já passei por isso quando os sites de fofocas alegaram que Thales havia realizado o sonho de uma fã ao passar um fim de semana romântico em

Barcelona comigo. Não li tudo o que falaram, mas o suficiente para sentir o ódio das fãs e a maldade das pessoas que não conhecem a nossa história, sei que preciso aprender a lidar com isso, entender que viver ao lado de um astro dos gramados me colocará no alvo de fofocas e que nem sempre serão boas. Mas Thales vale a pena, e descobriremos como lidar com isso também.

Meia hora depois, os gritos dos fãs avisam que eles chegaram. Um sentimento de alívio toma meu peito ao vê-los passarem pelas portas de vidro, alguns seguranças formam uma barreira que impede que os fãs cheguem até eles, mas não consegue controlar os gritos de “Thales é o nosso rei”, que ecoa pelas paredes do saguão.

— Ele tá muito foda — Caio diz ao se aproximar de mim erguendo o celular para fazer mais um dos seus vídeos.

Thales é sempre muito reservado, seu sorriso tímido enlouquece as meninas e faz com que a legião de fãs apaixonadas só aumente, para o meu desespero. Quando ele para e autografa uma camisa da Seleção ergo o meu celular e tiro uma foto. É como ver um dos nossos devaneios de criança tomando forma e isso enche meu coração de alegria.

— O Duda ia amar ver isso. — Sinto meu coração apertar ao lembrar com exatidão do nosso amigo deitado no chão de terra sonhando com sua estreia na Seleção.

“Ei, Thales, imagina quando a gente for convocado para a Seleção... vai ser muito foda!”

— Ayla, podemos ir? — Um dos seguranças nos chama me trazendo de volta e o seguimos para a parte privada onde os jogadores partirão para suas casas.

Assim que me vê, Thales caminha até mim. Ele está mancando e usa uma muleta, seu rosto tem uma expressão de dor a cada passo que dá, o que me deixa nervosa.

— Meu Deus, que saudades — sussurra ao me envolver nos seus braços e me puxar para perto. Seguro seu rosto em minhas mãos e beijo sua boca matando um pouco a saudade.

— Como você está? — Baixo meus olhos para o seu joelho envolto em uma proteção.

— Morto de saudades de você, de casa, de comida de verdade. — Ele me beija mais uma vez. — Nessa ordem.

— E a sua perna?

— Está tudo bem, foi só um susto.

Ainda estremeço ao lembrar o desespero que senti ao vê-lo se contorcer de dor no campo depois de uma entrada maldosa do zagueiro da Seleção da Argentina. Thales não é manhoso e naquele momento, enquanto ele era retirado em uma maca gritando de dor, eu senti meu coração parar de bater. Estar longe fez com que tudo fosse ainda pior e o alívio por ter ele aqui comigo, maior.

— Será que dá para os pombinhos pararem um pouquinho? — Caio se enfia entre nós e envolve seus braços em volta do pescoço de Thales puxando-o para um abraço desconfortável. — Porra, cara, não sabia que você era tão chorão! — Caio brinca e Thales sorri meio sem graça.

— Ainda sinto o gosto das travas daquela chuteira na minha boca.

— Aquele filho da puta deveria ter sido expulso.

Eles começam a conversar enquanto caminhamos devagar em direção à saída, Thales acaba cedendo à dor e o empurro em uma cadeira de rodas enquanto Caio brinca chamando-o de bebezinho.

Bento, o goleiro da Seleção, se junta a nós e logo estamos no carro de Caio discutindo para onde vamos e o que vamos comer. Ninguém concorda com ninguém e acabamos parando em uma pizzaria italiana bacana. Thales e Bento trocam de roupa dentro do carro para não perdemos tempo e, então, me dou conta de que estou com três dos jogadores mais gatos do Brasil ao meu lado. Eu realmente sou uma garota de sorte.

Caio e Bento estão disputando para ver quem fala mais bobagem, Thales mantém um braço em torno do meu ombro enquanto ouve com atenção o que seus amigos falam, sua perna está estendida em uma cadeira e noto que de vez em quando ele faz uma careta de dor, mas continuo acreditando que está tudo bem.

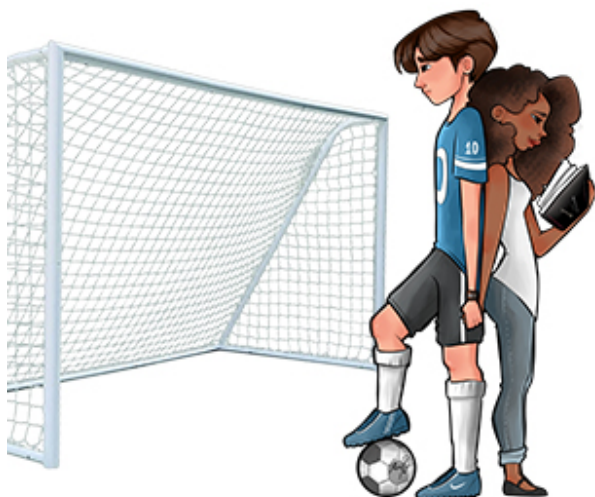
— Estou com saudades — sussurra em meu ouvido e meu corpo inteiro se arrepia em expectativa, não vejo a hora de ir para casa, de beijá-lo até cansar, fazer amor lentamente matando minha saudade e depois dormir em seu peito.

— Eu também — digo de volta e ganho um beijo lento e suave, que faz com que uma chuva de batata frita voe em nossa direção. Thales ergue a mão para nos proteger, mas seus lábios não desgrudam dos meus.

A tarde logo se transforma em noite e minha barriga dói de tanto comer e rir, é uma noite perfeita ao lado de pessoas que amam o Thales por ele ser o que é, o garoto tímido e humilde que não se deslumbra com a fama, que

ainda mantém suas promessas para a namorada de infância e que, embora tenha o mundo aos seus pés, ri com coisas bobas.

E no meio das gargalhadas causadas por Caio, meu telefone toca estourando nossa bolha de alegria e me lembrando de que não existe perfeição.



86

Thales

Uma vez assisti um filme sobre guerra. Em um momento, tudo estava calmo, os soldados caminhando com suas armas nas mãos, alguns conversando baixinho, outros concentrados em algo bem distante dali, até que alguém pisa em uma bomba e tudo acaba, uma explosão muda a vida de todos, nada mais é o mesmo.

Eu acabei de pisar em uma bomba.

Há um zumbido em meu ouvido, é um som constante, quase parecido com o que acontece quando estou em campo, só que ao contrário do jogo, onde estou concentrado na bola e somente nela, neste momento não há nada, absolutamente nada em que eu possa me concentrar.

É como se eu estivesse caindo em um buraco escuro e sem fim.

— Já estamos quase chegando — Caio diz, ou seria Bento? Não sei, não consigo sequer erguer os olhos para confirmar quem está no volante. Meus olhos, minha atenção, meu coração, minha vida inteira estão direcionadas a ela.

O telefone não para de tocar, quero desligar, mas não posso. Ayla estremece a cada toque, mas seus olhos estão fixos na estrada, como se olhar para mim fosse insuportável.

— Ayla, fale comigo, por favor. — Acaricio sua mão enquanto imploro para que diga qualquer coisa. Mesmo que seja algo horrível, prefiro seu ódio a seu desprezo.

Ayla se vira para mim e um sorriso triste surge em seus lábios, machuca meu peito vê-la assim. Durante meses me torturei com a expressão em seu

rosto na noite em que a rejeitei, e prometi a mim mesmo que nunca mais a veria triste. Mas já percebi que não sou tão bom em promessas como imaginei.

— Tudo bem... — Ela ergue a mão e acaricia meu rosto. — Você não tem culpa, ninguém tem.

Suas palavras rasgam a minha alma, porque sei que são falsas, eu tenho culpa, eu sou o único culpado porque, na minha ânsia de proteger minha irmã, não me dei conta de que estava deixando outras pessoas desprotegidas.

Entre elas a única que nunca pensou duas vezes para me proteger, que sempre colocou a minha segurança acima da sua e que me ensinou que família vai muito além de laços de sangue. Aquela que em uma guerra se jogaria em uma bomba para salvar minha vida.

Abro a boca para responder, mas o celular toca novamente. Caio atende e voltamos nossa atenção para o meu amigo.

— Chegamos em vinte minutos. — Ele desliga e se vira para nós. — A imprensa já está sabendo, tem uma porrada de jornalistas acampados na frente da casa.

Ayla solta um gemido e volta a olhar para a estrada, baixo o rosto em minhas mãos reprimindo um grito, tudo o que não precisamos nesse momento é da porra da imprensa especulando.

— Já está em todos os sites de fofocas. — Caio vira o celular para mim e avisto uma manchete com uma foto minha e outra de Milton estampando a matéria.

“Milton Souza, empresário do jogador Thales Reis, foi sequestrado na madrugada dessa sexta-feira. De acordo com fontes seguras, Milton foi rendido dentro da sua antiga casa por Sandro Junqueira, padrasto do artilheiro do Barcelona, que estava desaparecido há quase quatro anos. Sandro ainda não fez nenhuma exigência, a polícia já está negociando com o sequestrador, e garantiu que Milton está bem.”

Sinto a bile subir por minha garganta quando termino de ler a matéria. Caio abre mais um site, mas não tenho mais condições de ver nada. Um soluço chama minha atenção e, quando me viro, vejo Ayla tentando secar as lágrimas que agora caem descontroladamente por seu rosto.

— Porra... — Tento respirar, preciso me manter calmo, mas não consigo pensar em nada que a console, Bento diz meia dúzias de palavras vazias enquanto dirige e Caio se mantém na tarefa de responder e ignorar mensagens.

— Cara, já encontraram seu celular, filhos da puta! Quem será que dá essas informações para eles? — meu amigo pergunta, mas ninguém tem essa resposta.

Puxo Ayla para perto de mim e, quando ela deita sua cabeça em meu ombro, tudo o que faço é abraçá-la e desejar que eu possa de alguma maneira devolver a Milton tudo o que ele fez para mim.

Talvez seja a minha vez de me jogar em frente à bomba, e tudo bem, eu estou pronto para isso.



Um grande tumulto se forma na entrada da casa da minha mãe, flashes de câmeras e microfones obstruem nossa passagem e demoramos quase meia hora para conseguir entrar na garagem em segurança.

Estão todos lá, Alberto, dona Olga, os gêmeos e Tatiana correm a nosso encontro e sinto minha garganta arder quando envolvo minha irmã em um abraço aliviado ao imaginar que poderia ser ela nas mãos daquele maldito. Ergo meus olhos e vejo Ayla ser amparada por sua família, a culpa me faz sufocar com a visão dela chorando nos braços da sua avó.

— Onde está a mamãe? — pergunto secando as lágrimas do rostinho dela.

— Está na cozinha conversando com o chefe da equipe.

Cumprimento os parentes de Ayla em silêncio, não tenho muito o que dizer a não ser um pedido de desculpas que ninguém aceita. Vou até a cozinha mancando, a dor em minha perna se tornou insignificante diante da dor em meu peito. Ayla se aproxima e segura minha mão livre, um simples toque que age como um sopro de ar em meus pulmões. É uma forma silenciosa de me dizer que ela ainda está aqui.

A grande cozinha está lotada de desconhecidos, há três homens debruçados sobre papéis, apontando para um ponto e falando. É surreal e, por um momento, tenho a sensação de que tudo isso é apenas um pesadelo do qual vou acordar a qualquer momento.

— Thales, graças a Deus! — Minha mãe se levanta e vem até nós, não reconheço a mulher que se joga em meus braços e me abraça como se eu fosse a coisa mais importante da sua vida.

Passei anos sonhando com isso, mas agora, enquanto tento encontrar um modo de abraçá-la sem me sentir estranho, sinto um vazio tão grande, que perco a capacidade de falar. Não é ela quem eu desejo abraçar, é o homem que, nesse momento, está correndo risco de vida por minha causa.

— Ayla, minha querida... — Ela estende a mão para tocar o rosto de Ayla, mas minha garota se afasta no momento e desvia a atenção para o policial.

— Vocês têm notícias do meu pai? — Sua voz sai tão frágil, que tenho vontade de abraçá-la.

O policial responsável pelo caso nos conta tudo, Sandro está nesse momento na antiga casa onde eles viviam, armado, alterado e exigindo coisas. Ao contrário do que vi na matéria.

— E se eu for lá? — pergunto para o homem de olhar sério e postura firme à minha frente.

— Não trocamos reféns, garoto.

— Mas sou eu quem ele quer.

— Na verdade, ele quer um resgate. Disse que vai definir tudo no decorrer do dia.

— Tudo bem, eu pago o que for.

— Calma, garoto, ele não vai sair dessa.

Ayla volta a cair no choro, minha mãe mantém-se calada, com seus olhos passeando pelas pessoas como se estivesse tentando entender o que está acontecendo.

— Você sabia que ele estava por aqui? — pergunto para ela.

— Não.

— Diga a verdade, mãe — exijo e ela desvia o olhar para o chefe da polícia.

— Na verdade, ele falou comigo há alguns dias, mas...

— Ah, porra! Por que você não avisou a eles?! — grito a fazendo se encolher e o policial se aproximar.

— Eu não sabia que ele ia fazer isso — ela choraminga e a raiva aquece meu sangue.

— Como não? É do Sandro que estamos falando, é claro que ele ia fazer algo. — Esfrego meu rosto freneticamente. — Podia ser a Tati...

— Thales, é melhor você se sentar. — Ayla toca meu braço. — Sua perna.

— Foda-se minha perna, o Sandro veio aqui, ele esteve perto da Tati enquanto eu estava fora. Ela sabia e não fez nada. — Volto a alterar a voz. — Essa era a única exigência para suportar seus desejos e, mesmo assim, você foi fiel a ele.

— Thales, olhe para mim — Ayla pede e obedeço. — Não faz isso, não posso te ver assim. Por favor, senta e tenta se acalmar, os policiais estão cuidando de tudo.

Faço o que ela pede só porque não estou mais aguentando a dor em minha perna, mas não consigo me acalmar.

— Ela mentiu para mim.

— Isso não importa mais. Como está a sua perna? — Ayla pergunta tocando em minha coxa, mas não sinto nada além de um profundo vazio em meu peito.

— Eu estou bem — minto e ela sabe que não é verdade, mesmo assim finge que acredita, afinal de contas é isso que as pessoas fazem quando não tem o que ser feito, elas fingem.

Eu vivi a minha vida inteira fingindo, conheço bem a expressão de uma pessoa que está fingindo, eu a ensaiei por dias, meses, anos. Aprendi a fingir que estava bem quando, na verdade, eu estava morrendo. Fingi que era um garoto normal quando havia passado a noite sendo tocado por um monstro, que eu devia respeitar. Fingi que era feliz quando, na verdade, eu era o garoto mais triste do mundo.

E agora a bomba explodiu, o silêncio chegou e eu continuo sendo o garoto mais triste do mundo.



O dia acaba, a noite chega e nada acontece. Estou sentado em um sofá há mais ou menos quatro horas, meu corpo está adormecido. Minha alma atormentada grita desejando se libertar desse tormento, mas nada acontece, nada, absolutamente nada. De onde estamos é possível ouvir o som dos helicópteros que sobrevoam a casa onde vivi os momentos mais especiais da minha vida. A tevê está desligada, não suporto mais ver o lugar que foi o lar deles, rodeado de polícia, imprensa, curiosos.

Ayla é a imagem da desolação, suas unhas estão destruídas, seus olhos cansados e mesmo assim, toda vez que ela olha para mim, há um sorriso e

isso me destrói. Eu preferia que ela me culpasse, eu saberia lidar com a culpa, mas não com a compreensão, isso dói demais.

A porta se abre, dois policiais entram e vêm em minha direção.

— Filho, precisamos conversar com você. — Um deles se abaixa para falar olhando para mim como se eu fosse uma criança de cinco anos. — Preciso fazer algumas perguntas sobre Sandro Junqueira.

Só de ouvir o seu nome, meu estômago se revira. Olho pela janela, mas tudo o que vejo é uma multidão de pessoas, na maioria curiosos que se aglomeram na frente da casa.

— Por que vocês não metem uma bala na cabeça dele, como nos filmes?

— Infelizmente não é assim tão fácil, a segurança da vítima é nossa prioridade. Primeiro precisamos esgotar nossas negociações.

— Achei que a polícia não negociava com bandido.

— Estamos fazendo o nosso trabalho da melhor maneira possível, fomos treinados para esse tipo de situação.

Tenho vontade de gritar com ele, de dizer que estão fazendo um trabalho de merda, mas respiro fundo e finjo que acredito no que ele diz. Afinal de contas, sou bom em fingir.

O policial me faz um milhão de perguntas, a grande maioria delas tão idiotas que, em um determinado momento, perco a paciência. O tempo está passando e ele está me perguntando como era minha vida quando morava naquela casa. Sinto vontade de dizer que era um inferno... ao fazer sexo oral em um velho enquanto o ouvia me ameaçar a cada dia, ao ser agredido com o consentimento da minha mãe e não conseguir dormir à noite, por medo de que ele pudesse fazer o mesmo com a minha irmã era o meu dia a dia, mas não falo nada disso.

Os homens vão embora satisfeitos com as minhas respostas. Levanto-me com dificuldade e caminho até o banheiro, minha bexiga parece prestes a explodir e não faço ideia de quanto tempo estou naquele sofá. Uso o vaso, lavo minhas mãos e nem me dou ao trabalho de me olhar no espelho, tenho certeza de que não serei capaz de reconhecer a pessoa que me olha de volta.

Saio do banheiro me arrastando e lamentando não ter trazido a muleta, me surpreendo em como a minha vida mudou em menos de vinte e quatro horas, ontem eu estava em um hotel em Londres, rindo e comemorando com meus colegas; hoje estou de volta ao inferno sentindo o medo, meu velho conhecido, tomar conta de cada pedaço de mim.

A tevê está novamente ligada, há um alvoroço na casa, um barulho chama minha atenção, policiais estão se aproximando, olho em volta em busca de Ayla, ela sai da cozinha e corre ao meu encontro, não sei o que está acontecendo, mas meu coração está doendo e sei que é algo muito ruim.

— Eu preciso ir — digo afastando Ayla e caminhando com dificuldade. Foda-se a minha perna, nesse momento eu só preciso chegar até Milton, eu sei que ele vai me querer no lugar dele, eu sempre fui o seu brinquedinho favorito.

— Thales, não! É perigoso! — ela insiste.

— Foda-se! É o Milton que está nas mãos daquele monstro, por minha causa, eu devo isso a ele.

Ayla se afasta no mesmo instante porque ela sabe que estou certo, que nada vai me parar.

— Eu vou com você. — Ela me entrega a muleta.

— Desculpa, filho, mas você não tem permissão. — Um policial me para na porta e tento empurrá-lo, mas não é algo muito fácil quando se tem apenas uma perna forte.

— Me deixa passar, eu preciso ir! — grito, mas ele não se mexe, como se estivesse colado no lugar.

Vejo um grupo de policiais entrando na casa, mais homens fardados chegam para conter a população, minha vida se tornou um caso de polícia e ainda não consigo acreditar.

— Onde está Janaína? — alguém pergunta.

Olho em volta e meus olhos param na figura assustada, que me olha na escada.

— Thales, a mamãe não está em lugar algum. — Tatiana está chorando, joga a muleta no chão e tento correr até ela.

Não... não... por favor, ela não pode ter feito isso.

O barulho de vozes a minha volta me deixa tonto, desabo no meio do caminho, o zumbido aumenta e eu me desespero enquanto braços finos envolvem meu pescoço. Eu a abraço com força desejando poder tirar a dor de seu coraçãozinho.

Mas isso é algo que não sou capaz de fazer.



Estou exausto, há um silêncio assustador na casa, até mesmo os jornalistas parecem calmos demais. Um arrepio se instala na minha coluna, um presságio, uma sensação ruim.

A noite se transforma em dia, o grupo de policiais que entram trazem novidades, a tevê está ligada em um jornal sensacionalista que odeio, sinto um calafrio toda vez que a câmera se aproxima. Ayla começa a chorar, Tati ainda não parou desde que acordou, Alberto anda de um lado para o outro, dona Olga continua rezando.

Tudo continua igual.

A porta se abre e um policial chama por mim, levanto-me imediatamente ignorando minha perna.

— Ele quer te ver — o homem avisa.

Uma parte de mim, o garoto assustado, grita para que eu fuja; a outra parte, o homem que sobreviveu, me diz que chegou minha hora. É nele que me concentro quando digo:

— Então vamos.



A rua está lotada de curiosos, policiais, imprensa, todos se aglomeram à espera do desfecho. O som do helicóptero faz com que tudo pareça ainda pior, meu coração dispara no peito quando avisto a casa para onde eu fugia quando minha vida ficava insuportável. Ironicamente é lá onde a história se repete, mas, dessa vez, serei eu que vou salvar aquele que me salvou durante toda a minha vida.

— Onde está a minha mãe?

— Está na sala com ele e o Milton, o acordo é entregar o Milton em troca de te ver.

Um arrepio sobe por minha espinha e noto que mesmo agora ele ainda tem o poder de me assustar.

— Tudo bem, vamos lá.

— Você não vai entrar, só vai deixar que ele te veja — o policial diz, mas minha atenção está na janela enquanto eles colocam um colete à prova de balas em mim e me dá instruções que não faço questão nenhuma de ouvir.

Vou fazer o que tem que ser feito, foda-se o resto.

Entramos no quintal, há um silêncio absurdo, os dois policiais que estão ao meu lado chamam por ele, dou um passo, mas não chego a finalizar outro quando um barulho ensurdecedor surge dentro da casa.

Os policiais correm, os jornalistas se espremem para encontrar o melhor ângulo, alguém me empurra para o chão, desabo com o rosto colado no asfalto e sinto o peso de alguém sobre mim, tudo o que vejo é a confusão e o medo. Um par de pernas que reconheço surge em meios ao caos, meu coração respira aliviado. Ayla grita e o som da sua voz é a certeza de que não estou sonhando.

Milton está livre.



O caos se forma dentro da casa, vozes alteradas e um grito feminino. Não reconheço a voz que chama por ela, mas sinto as vibrações das minhas cordas vocais quando o estouro de mais um tiro ecoa pelas paredes.

Debato-me querendo sair, demora um instante até que eu possa me mover, o policial sai de cima de mim, olho em volta em busca dela e não a encontro em lugar algum. Mais homens entram na casa, sou puxado violentamente para longe, me debato, quero ir até ela, quero matá-lo com minhas mãos, quero terminar o que não pude aquele dia.

Meu coração para por um instante quando vejo um policial gritar que a vítima foi atingida. Me solto e corro para onde eles estão, quando tentam me segurar grito que me deixem passar.

— É a minha mãe!

Empurro alguém, outra pessoa abre passagem, meus pés não reconhecem o chão em que piso, meus olhos não olham para lugar algum, sou um amontoado de medo e confusão quando entro na sala e então a vejo, caída no chão, os cabelos espalhados em torno da sua cabeça, o rosto sujo de sangue. Seus olhos se fixam em mim e me ajoelho caindo próximo dela.

— Mãe... — sussurro estendendo a mão para tocá-la, mas não consigo alcançar. Alguém me segura.

— Thales, meu filho... — ela sussurra e consigo me libertar. Caio ao seu lado, com meus olhos fixos nela.

— Mãe...

— Eu... te... amo — ela diz, ou talvez seja apenas a imaginação de um garoto triste que sempre sonhou em ouvir a sua mãe dizer algo assim e que, no auge do desespero ao saber que essa seria a última vez que ouviria a sua voz, criou a fantasia de que ela o amou, ao menos no fim, ao menos uma vez.

Ao menos a última vez.

PÊNALTIS



87

Ayla



“Nos últimos dias, o país se comoveu com o sequestro de Milton Souza e a morte de Janaína Reis, mãe de Thales Reis, o novo ídolo dos gramados. Milhares de fãs e curiosos se uniram na frente da casa onde Sandro Junqueira, ex-marido de Janaína, que estava desaparecido há quase quatro anos, manteve o empresário refém por quase dois dias e assassinou a ex-mulher. Para demonstrar apoio ao jogador e a sua irmã, milhares de flores, cartazes e velas são colocadas no lugar onde Janaína foi morta com dois tiros à queima-roupa. De acordo com o último boletim, Milton Souza está se recuperando em casa. Fontes próximas à família, informaram que o sequestro era uma vingança de Sandro. O acusado foi gravemente ferido, mas não resistiu aos ferimentos e morreu antes de chegar ao hospital. Thales, que está de volta ao Brasil depois da sua brilhante atuação nos jogos da Seleção Brasileira, não deu nenhuma entrevista sobre o caso. Ele está afastado dos campos por tempo indeterminado por conta de uma lesão em seu joelho esquerdo.”

Acordo no meio da noite e não encontro Thales em lugar nenhum, levanto-me assustada, pego um moletom e visto saindo do quarto atrás dele.

A casa está escura e não me preocupo em acender a luz, caminho devagar pelo corredor, abro a porta do seu quarto e o encontro sentado no chão, as pernas longas estendidas, a cabeça apoiada na parede enquanto o som das tiras de couro atingindo sua pele ecoam pelas paredes.

— Oi — digo apoiando minha cabeça na porta e tentando enxergar seu rosto na escuridão.

Um estalo, dois, três...

— Thales? — o chamo mais uma vez.

Ouçó outro estalo e ligo o abajur, a luz faz com que ele aperte os olhos se protegendo da parca claridade, meu coração começa a doer quando noto seus pulsos vermelhos.

— Posso entrar? — pergunto desejando que meu pai estivesse aqui. Ele sempre soube lidar com Thales melhor do que eu.

— Pode, claro — diz, mas continua puxando as fitas até quase arreventá-las e depois soltando-as.

Caminho até ele e me sento entre suas pernas, de frente para ele. Thales abre os braços e me aconchego em seu peito desejando poder confortá-lo.

— Vai ficar tudo bem — ele me diz como se fosse eu quem precisasse de amparo. — Agora vai ficar tudo bem — repete acariciando minhas costas com seus dedos longos.

— Vai sim, eu tenho certeza de que vai. — Ergo meu rosto para olhar em seus olhos, eles ainda estão inchados e suas bochechas estão úmidas, nunca o vi chorar tanto e isso me deixa péssima, sua mãe se foi e, por mais que eu odeie dizer isso, ela era a sua mãe e Thales sempre acreditou que um dia eles conseguiriam se acertar. Agora tudo acabou e eu gostaria de poder tirar essa dor do seu coração, mas não sei o que fazer, então acaricio o seu rosto desejando que meu toque o tranquilize. — A Tati vai ficar bem, ela tem você, tem a nós, somos uma família.

— Eu sei — diz olhando para algum lugar atrás de mim.

— Você quer falar?

— Como o Milton está?

— Bem, minha avó não o deixa em paz, parece que ele tem dez anos.

Thales sorri, mas seus olhos ainda estão tristes.

— Ele deve estar enlouquecendo.

— Imagino que sim.

Thales respira fundo, seus olhos encaram a parede atrás de mim, queria poder saber o que ele está pensando, como fazer para ajudá-lo a se sentir

bem.

— Eu achava que ele não poderia tirar mais nada de mim.

— Thales...

— Mas, mesmo no fim, ele conseguiu.

— Meu amor, não fala assim. Foi um acidente.

— Não, Ayla, ela o preferiu a mim. Ela foi lá para morrer ao lado dele.

Passo a ponta dos meus dedos abaixo dos seus olhos secando os últimos resquícios das suas lágrimas, sentindo a barba por fazer arranhar a minha pele, toco seus lábios carnudos, percorrendo o contorno bonito da boca que tanto amo.

— Eu sinto muito.

— Eu também — sussurra tão triste, que meus olhos se enchem de lágrimas.

— Eu amo você, todos nós te amamos e estamos aqui para você — digo baixinho enquanto deito minha cabeça em seu ombro. Ele suspira, aparentando estar exausto demais, até mesmo para sentimentos e não o culpo. Sua mãe acaba de ser morta pelo homem que destruiu a sua vida.

Thales me envolve em seus braços me apertando junto ao seu corpo e ficamos assim, quietos, sentindo o calor um do outro, sem pressa, apenas aguardando que a avalanche passe por nós.



Sandro está morto, eu ainda não consigo acreditar e me arrepio todas as vezes em que sinto alívio por isso, ele era um monstro, machucou um garotinho, tirou dele a sua inocência e nada nesse mundo poderia me fazer acreditar que ele tinha algum motivo para suas atrocidades.

Não há motivos para a maldade, ela apenas existe, é um prazer doentio, uma satisfação que nada tem a ver com a nossa essência, fomos criados para amar, o que aquele homem fez vai contra tudo o que acredito sobre o ser humano e, infelizmente, não sinto nem um pouco de pena dele. Só espero que ele esteja no único lugar onde merece estar: no inferno.

A liberação do corpo de Janaína demora um pouco mais do que o normal por se tratar de um caso policial, há perícias a serem feitas e tudo isso faz com que Thales sofra ainda mais.

Há dias, a tevê está desligada e evitamos ao máximo acessar redes sociais, as pessoas não têm ideia do peso das palavras que usam para ganhar atenção e o quanto elas são perigosas. Estamos vivendo em tempos de guerra virtual, onde ganha quem tem menos escrúpulo ou mais criatividade, onde a empatia está perdendo forças para quem chega antes e estamos sentindo na pele o peso das palavras. É triste, muito triste.

O celular de Thales está com a equipe do meu pai, o meu está abarrotado de tantas mensagens não lidas. Toda a minha energia e amor estão concentradas em Thales, ele precisa de mim, mais do que tudo.

— O que eu posso fazer por você? — pergunto na porta do quarto enquanto observo-o se vestir. Ele olha para mim enquanto abotoa a camisa preta e sorri, um sorriso triste que combina tão bem com seus olhos e com a sua roupa.

— Eu só quero que isso acabe logo — diz com a voz pesada.

— Está acabando, mais algumas horas e então... — não finalizo a frase, não sei o que dizer, não faço a menor ideia de como Thales está se sentindo. Ele não fala e isso me deixa desesperada porque sei que está armazenando toda essa merda em seu peito.

Meu pai também está preocupado, aliás, ele está destruído. A morte de Janaína, o sequestro, o estado em que Thales se encontra, tudo isso é demais para ele. Nunca o vi tão transtornado, sinto como se estivéssemos todos envoltos em uma aura de dor e tristeza e não consigo achar a saída. Só espero que minhas palavras sejam a verdade, preciso tirá-los daqui o mais rápido possível.

Thales coloca suas pulseiras, uma a uma em seus pulsos machucados, finjo não perceber que hoje a pele em volta das cicatrizes está ainda mais vermelha e tento dizer a mim mesma que é a sua forma de expressar a dor, mas estou de olho, só mais algum tempo até que eu comece a me preocupar de verdade.

— Vamos. — Thales se aproxima estendendo a mão.

Sinto-me mal por não estar dando a assistência que a Tatiana precisa, mas entre ela e Thales minha prioridade sempre será ele. Sei que ela está nas melhores mãos possíveis, minha avó e toda a sua sabedoria e bondade estão enchendo aquela garotinha de amor e com o acréscimo de Guilherme e Marcos, que não saem do lado dela. Sinto que há algo mais que amizade entre aqueles três e não quero nem pensar nisso, um triângulo amoroso nunca termina bem.

O dia inteiro passa como um borrão, triste e quieto. Thales e Tatiana não se desgrudam nem um instante sequer, ela chora sem parar e é consolada por seu irmão o tempo todo, eu permaneço atrás deles acompanhada do meu pai e dos gêmeos, que se mantêm em silêncio. Nunca os vi tão tristes e sei que tem a ver com a garotinha nos braços do meu noivo.

O cemitério está lotado, há coroas de flores espalhadas por todos os lados, o cheiro me enjoa. Centenas de pessoas estão do lado de fora, curiosos e fãs que vieram dar o seu apoio ao menino, que em pouco tempo se tornou o queridinho da nação e que hoje não consegue enxergar o tamanho do amor das pessoas por ele.

O padre faz uma pequena cerimônia, é bonita, mas, principalmente, triste, porque suas palavras sobre amor, família e mãe não se encaixam para esses dois órfãos, já que nunca tiveram isso.

Tati foi negligenciada por toda a sua vida, nos últimos anos seus passos eram vigiados pelo Conselho Tutelar e por seguranças que Thales contratou; sua mãe era obrigada a cuidar dela, mas uma mãe nunca deveria ser obrigada a cuidar de um filho, isso deveria ser algo natural. Uma mãe deve amar um filho, mas, infelizmente, Janaína nasceu e morreu sem conhecer esse sentimento.

O enterro termina e voltamos para casa em silêncio. Tati e os gêmeos vão com meu tio e a minha avó, eu e Thales com meu pai. Ninguém fala nada nas duas horas seguintes, só ouvimos o barulho do motor do carro e dos pneus seguindo pela estrada que nos leva de volta para São Paulo.



Quando chegamos em casa é tarde e estamos todos exaustos, os gêmeos acompanham Tatiana até o quarto que era de Thales, minha avó sobe com eles, ela provavelmente está ligada nesses três e sabe que precisa ficar de olho. Faço uma anotação mental para conversar com eles, preciso saber o que está acontecendo, não quero ver meus irmãos brigarem por causa de uma garota que faz parte da nossa família agora.

Meu pai pergunta se precisamos de alguma coisa, ele tem olheiras profundas embaixo de seus olhos e parece ter emagrecido dez quilos na última semana. Nos despedimos e ele vai para o seu quarto. Assim que

chegamos ao meu, Thales para na porta enquanto começo a arrumar a cama e pegar um pijama.

— Preciso de um banho, você quer alguma coisa? — pergunto e ele nega com a cabeça. — Já volto. — Me ergo e deixo um beijo na sua boca antes de entrar no meu banheiro.

Assim que a água quente toca minha pele me sinto um pouco melhor, os nós dos meus músculos começam a se desfazer e apoio minha cabeça no azulejo permitindo que o banho leve embora toda a tristeza do dia de hoje.

Ouçõ a porta se abrir e me viro para ver Thales parado olhando para mim.

— Eu só não queria ficar sozinho — justifica e estendo minha mão para ele.

Thales hesita um instante e então se aproxima segurando minha mão e entrando no boxe. A água logo molha suas roupas e seus cabelos e ele parece não se importar, suas mãos tocam a lateral do meu quadril e respiro fundo tentando me manter calma, sei que está machucado e em busca de qualquer coisa que tire a dor do seu coração e estou aqui para consolá-lo.

— Eu te amo tanto — ele diz olhando para meus olhos. — Por pior que tenha sido, por mais repugnante, doloroso e nojento que tenha sido minha vida, eu não mudaria nada. Eu não deixaria de fazer nada do que fiz, nem uma das malditas vezes em que ele entrou no meu quarto. — Thales ergue a mão afastando meus cabelos do rosto. — Porque em todas elas eu pensava em você, na Tati e em como eu estava sendo corajoso por vocês, para vocês. Mas, às vezes... — Ele suspira e eu suspiro junto porque sua dor também é minha.

Começo a chorar, minhas lágrimas se misturam com a água enquanto ele continua acariciando meus cabelos e se abrindo para mim. Ainda dói imaginar que ele tenha que ter suportado tamanha violência por tanto tempo, em silêncio, com medo. Não gosto de pensar nisso, dói, sinto uma dor física e saber que muitas vezes, quando ele fugia para o meu quarto, era uma forma de escapar do abuso, faz com que eu o ame ainda mais.

— Eu faria qualquer coisa para impedir que algo de ruim atingisse vocês — diz com os lábios em meu ombro, as mãos apoiadas nos azulejos e a tristeza nos rodeando.

— Eu sei, mas eu daria tudo para que você não tivesse precisado passar por isso.

— Eu odiava aquilo, odiava como me sentia. Eu odeio como me sinto aqui, agora com você. Odeio tudo o que ele fez com a minha cabeça, mas eu não mudaria nada, porque eu posso viver com as merdas da minha vida, mas eu não suportaria viver nem mais um segundo em um mundo onde ele tocasse em vocês, onde ele sujasse vocês.

— Mas agora acabou. — Acaricio sua nuca enquanto tento confortá-lo.
— Ele não pode mais te tocar. Você nos salvou, não precisa mais ter medo. Acabou.

Um gemido alto escapa da sua garganta, é doloroso, triste e tão íntimo, que não falo mais nada. Apenas o sustento em meus braços enquanto Thales chora. Dura o tempo que ele precisa para poder erguer o rosto e olhar para mim.

— Acabou — sussurro com meus lábios colados aos dele. — Acabou...
— repito quando ele me beija. — Acabou, meu amor. — Continuo falando quando ele me abraça me segurando junto a seu corpo enquanto sua boca me consome em um beijo doloroso e cheio de alívio.

Beijo-o com toda a força do meu amor, nesse momento quero arrancar a dor do seu coração, quero apagar as lembranças tristes que nublam a sua vida, quero encerrar um ciclo, quero fazê-lo feliz, quero que ele saiba que eu faria o mesmo por ele, que suportaria toda a dor do mundo se isso me garantisse que ele estaria bem.

Digo isso com meus lábios, com minhas mãos, com meu coração, digo isso da única forma que eu sei que jamais poderia dizer para outra pessoa.

Thales me ergue do chão e envolvo minhas pernas em sua cintura, ele me apoia na parede e abro os botões da sua camisa enquanto sua boca consome a minha em um beijo desesperado, não sei o que estamos fazendo e nem mesmo onde vamos chegar, mas preciso estar perto dele, preciso desse contato, da sua boca em minha pele, da sensação boa que só ele é capaz de me dar.

Thales abocanha um dos meus seios enquanto puxo sua camisa molhada por seus braços, ele é rude e gemo um pouco com a sensação dolorosa de prazer que sinto, me afasto um pouco para ter acesso a outra manga, ele me coloca no chão e joga sua camisa do outro lado do banheiro enquanto ele continua me tocando, como se precisasse disso para viver.

— Eu amo você — sussurra quando sua mão toca minha intimidade, com a água batendo em suas costas enquanto ele me beija. — Eu sempre amei você. — Thales me penetra com um dedo, depois mais um, seu toque

bruto me fazendo arfar, entrando e saindo com força enquanto observa meu rosto retorcido de prazer. Com a outra mão ele toca meu seio, seus dedos massageando meu mamilo, aumentando meu prazer. Isso não deveria ser sobre mim, não sou eu quem está sofrendo, mas nesse momento não consigo raciocinar direito, apenas sinto seu toque bruto em meu corpo delicado e me derreto gemendo seu nome quando gozo em sua mão.

Thales me abraça puxando-me para os seus braços enquanto me recupero, deixo beijos em seu peito nu, ele beija o topo da minha cabeça e segura meus cabelos firmes em suas mãos enquanto acaricio sua pele quente e úmida.

— Posso te tocar? — peço porque sei que esse é o momento mais delicado para ele, permitir, confiar, aceitar.

Thales balança a cabeça confirmando e minha mão desce por sua calça encharcada tocando sua ereção, ele enrijece, mas não me afasta, ouço seu coração disparado enquanto eu o acaricio sobre o tecido.

— Você confia em mim? — pergunto ainda tocando-o. Ele hesita um pouco e move a cabeça em mais um sim silencioso.

Aumento meus movimentos enquanto me concentro em sua respiração. Aplico um pouco mais de força, meus dedos tocam os pelos que surgem na borda da cueca. Tento puxá-la, mas ele segura a minha mão me impedindo de continuar.

— Não — pede, com a voz fria e dura.

— Thales, sou eu, meu amor, eu quero te tocar. — Afasto-me e olho em seus olhos esperando que ele volte para mim. — Já acabou, não precisa mais ter medo, agora somos só nós

— Ayla, e se eu não conseguir? — indaga, mas sua voz não tem mais tanta convicção.

— Podemos só tentar?

Sinto sua ereção pulsando em minha mão, implorando por atenção. Ainda não chegamos a esse nível de intimidade, sempre que estamos juntos ele quase nunca me deixa tocá-lo e, quando o faz, é como se fosse algo doloroso. Mas hoje sinto que ele quer, que talvez seja um marco de uma nova vida, uma onde ele se permita ser amado.

— Ah, meu Deus, eu...

— Tudo bem. — Me afasto, apoiando minhas costas na parede, dando a ele todo o espaço que ele precisa para tomar a sua decisão.

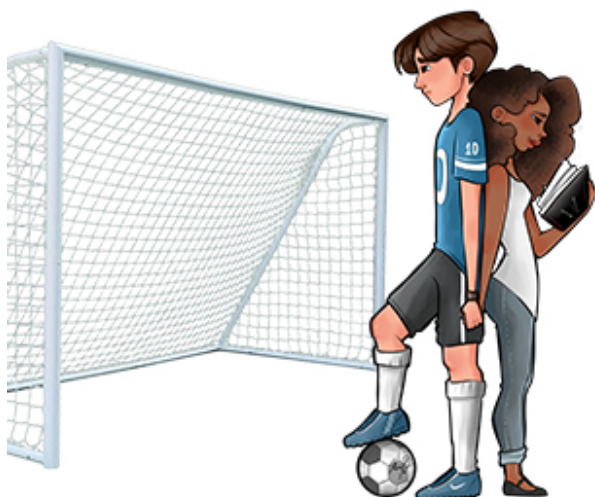
Thales hesita por um instante, seus olhos se prendem aos meus enquanto ele remove sua calça e cueca, ficando nu, ereto, exposto para mim.

A água escorre por seu rosto, caindo em seus lábios e descendo por seu pescoço, ele é lindo, uma beleza rústica, melancólica; e nesse momento, enquanto estamos aqui cheios de um amor triste, somos como nos romances que leio em que os casais sofrem até mesmo quando se amam.

— Eu estou com medo — admite e, nesse momento, ele volta a ser o garoto machucado e sozinho que não fui capaz de salvar.

— Não precisa ter medo, eu amo você, amo seu corpo, amo te dar prazer — sussurro para ele sentindo a ansiedade em minha voz.

Thales segura minha nuca e me puxa para um beijo, que meu corpo entende como um convite.



88

Thales

A lembrança mais dolorosa que tenho na minha vida é da sensação de medo que sentia toda vez que a minha porta era aberta, o som das dobradiças, depois os sons que saíam da sua garganta, os sons que eu não podia fazer... eu os odiava mais do que as palavras que eram ditas, eles se fixavam na minha mente por dias e dias. E depois a frase que ele sempre me dizia quando tudo acabava.

“Você é meu garotinho. De mais ninguém.”

Essa frase foi tatuada na minha pele, anos antes das cicatrizes em meus pulsos. Eu tinha certeza de que ele tinha razão, mas eu era apenas um garotinho assustado, humilhado e sujo. Naquela época, eu não sabia nada sobre a vida e por muito tempo eu acreditei no que ele disse. Eu era dele, para sempre seria, um escravo dos seus prazeres, silenciado, mesmo que minha boca fosse capaz de falar.

E mesmo agora, dias depois da sua morte, eu ainda posso ouvir o som das dobradiças.

Quando Ayla entrou no banheiro me senti sozinho e assustado, como se a qualquer momento os fantasmas dos meus pesadelos pudessem entrar e me aprisionar para sempre.

Quando entrei no banheiro tudo o que eu queria era companhia, era ouvir a sua voz para que eu pudesse me acalmar. Sua voz sempre me acalmou.

Quando ela me estendeu a mão, eu pensei: *“talvez em seus braços eu me sinta melhor, estou exausto, preciso dela como nunca precisei de nada na*

minha vida”.

Quando senti o seu corpo molhado e nu se colar no meu, eu não pensei em nada, apenas permiti que ela se encaixasse em mim, sua pele negra, iluminada pela água, tão macia, tão bela, tão pura.

Então desabei, disse a ela coisas que jurei a mim mesmo que nunca diria, mas que, no auge do meu desespero, precisei compartilhar, como se assim pudesse impedir os fantasmas de me levarem com eles.

Eu não queria que ela tivesse nojo de mim, nunca quis, por isso nunca contei. Achei que, se eu guardasse esse segredo, ela poderia me amar, mas as minhas merdas são maiores do que eu posso imaginar e hoje estou aqui, justificando os atos daquele monstro, tentando explicar para a garota que amo que não sou um lixo, que tudo o que queria era protegê-la. Porque, cada vez que ele dizia o quanto o corpo dela o excitava, eu ficava apavorado. Toda vez que ele dizia que a viu na rua, meu coração parava. Eu sabia que ele seria capaz de qualquer coisa e, para protegê-la, eu me sacrifiquei.

Ayla me beija, me entrega seu corpo como sempre faz, sem medo, sem dor, sem lágrimas, e eu a amo, com todo o meu coração. Amo lhe dar prazer, ouvir seus gemidos, sentir sua umidade, ver seu corpo se contorcer em espasmos.

Até hoje nunca deixei que ela fizesse o mesmo comigo, meu corpo se arrepiava toda vez que ela me toca e preciso me forçar a lembrar de que é ela, que tudo o que ela quer é me fazer bem. Mesmo assim tenho medo de não conseguir, de falhar, ou pior, de que ela não goste de me ter em sua boca.

Mas agora, enquanto ela me sustenta em suas mãos pequenas e fortes, diante de tudo o que aconteceu, cheio de medo e amor, sinto que talvez tenha chegado o momento de permitir que ela faça o que quiser de mim, o cara quebrado por um monstro, que tem medo de ser tocado, mas que deseja isso com todo o meu coração.

— Você está bem? — pergunta, com a mão em volta do meu pau enquanto seus olhos procuram por algo em meu rosto.

Não, eu não estou bem, mas estou cansado de me sentir assim, eu não quero mais ser o cara que tem medo, quero sentir sua boca à minha volta, ela disse que quer e posso ver isso em seus olhos enquanto espera por minha resposta.

É hora de mudar as minhas lembranças. Eu quero ser feliz e essa garota linda é a minha felicidade.

— Sim.

— Se eu fizer algo errado, você... — Ela baixa o olhar e umedece os lábios enquanto olha para o meu corpo nu.

— Eu não sei o que é o certo e o errado, Ayla — admito envergonhado. Minha garganta se fecha com a humilhação de não saber o que fazer. Ayla balança a cabeça e, nesse momento, eu daria tudo para ser um homem diferente.

— Então vamos aprender juntos. — Ela se estica e me beija. — Como deve ser.

— Sim... — sussurro em sua boca enquanto ela me provoca passando a língua em meus lábios. Estremeço quando sua mão volta a se mover tocando-me, a princípio de forma lenta e rítmica, depois aumentando a pressão. Apoio minhas mãos no azulejo tentando não fechar os olhos, não posso fechá-los, não quero pensar em nada que não seja esse momento, ela e eu, nesse boxe apertado, suas mãos em cima de mim, porque ela quer, porque me ama e me deseja, porque quer me fazer bem.

Abaixo o rosto para vê-la me tocar, tudo é tão novo e assustador e, ao mesmo tempo, tão erótico, que não sei como agir.

— Assim tá bom? — pergunta observando minha expressão como fiz há pouco com ela.

— Um pouco mais forte — respondo timidamente, tentando manter o controle, sei que não vai demorar muito caso ela continue nesse ritmo.

— Assim? — Ela se aproxima passando sua língua em meu pescoço e gemo em resposta enquanto inclino o quadril involuntariamente. — Me diga, Thales, o que você quer?

Abro a boca, mas não consigo falar, meus olhos estão pesados e franzo o cenho com força quando ela acelera um pouco mais. Fecho os olhos e as lembranças ameaçam me consumir, sinto meu corpo falhando...

— Thales — ela me chama e abro os olhos.

— Fale comigo — peço, porque preciso da sua voz para me guiar de volta ao paraíso, como sempre foi, como sempre será.

Ela conversa comigo por um tempo, volto a relaxar e começamos a nos beijar. Pressiono seu corpo contra a parede enquanto esfrego minha ereção em sua barriga, ela me afasta um pouco, com seus olhos cheios de malícia enquanto me beija no pescoço, no ombro, no peito.

— Thales, eu quero você. Por favor, não tenha medo, eu vou te beijar lá embaixo, mas, se não for bom, é só pedir, que eu paro — ela diz e assinto,

com meu coração acelerado enquanto observo minha garota se ajoelhar na minha frente e me segurar em suas mãos novamente.

“Deixe que eu seja a única a me ajoelhar para você.”

Ela volta a olhar para mim e dou a permissão para que me coloque na sua boca.

— Ah, porra... — Fecho os olhos por um instante, a sensação da sua boca quente e úmida em volta do meu pau é algo avassalador, mas logo os abro porque preciso olhar para ela, preciso saber que ela quer fazer isso e, principalmente, que está gostando.

Ayla se atrapalha um pouco, seus dentes me machucam e ela sufoca. Demora um pouco até que ela pegue o ritmo, minha mente é um grande vazio, não penso em nada, nenhum som, nenhuma palavra, nada. Nesse momento somos apenas nós. Um homem e uma mulher aprendendo a se amar.

— Mais forte — peço e ela faz exatamente como digo, meus gemidos aumentam à medida que meu corpo se prepara. Aperto minhas mãos com força na parede fria e úmida enquanto observo atentamente ela me chupar, à procura de qualquer desconforto, mas não há nada além da minha Ayla sorrindo para mim enquanto me dá prazer com suas mãos e boca.

— Ayla, eu... — tento falar, mas ela me suga aumentando o ritmo e preciso me controlar para não forçar meu quadril. — Ayla, eu vou gozar — falo um instante antes e, quando ela se afasta, os espasmos que percorrem meu corpo saem com força, sujando-a com meu prazer. Minhas pernas tremem, meu corpo inteiro se arrepia, perco o ar e não reconheço os sons que saem da minha boca enquanto gozo de um jeito que nunca imaginei que seria possível.

Vejo o líquido branco escorrendo por sua pele negra e é a visão mais erótica e bonita que já vi na minha vida, ela segura minha mão, seus dedos entrelaçados nos meus enquanto ela me observa em meu momento mais íntimo.

Deixo-me cair no chão sujo e molhado, Ayla se coloca entre minhas pernas abraçando-me e me beijando enquanto tento recuperar o fôlego.

— Obrigada por confiar em mim — diz com a cabeça em meu peito. — Eu te amo — ela sussurra.

— Eu te amo, Ayla, eu te amo.

Beijo seus lábios inúmeras vezes enquanto continuo falando o quanto a amo e agradecendo por ela não ter desistido de mim. E, enquanto meu corpo

se acalma e meu coração desacelera, sinto que uma nova etapa da minha vida finalmente está começando.

Hoje sou um homem livre e agora posso finalmente dizer que há uma mulher que me quer e eu a quero e isso é tudo o que eu preciso.



Já passa das duas da manhã, minha boca está colada na sua enquanto a faço gozar pela segunda vez, ainda estou dentro dela e não quero tirar, sinto seu corpo se contrair enquanto ela se acalma, seus seios empinados se movem com a intensidade do seu orgasmo. Quando finalmente suspira satisfeita, eu saio devagar. Ela geme baixinho e, mesmo que eu esteja satisfeito, sinto meu corpo acender.

Puxo o edredom e cubro nossos corpos nus enquanto ela se enrosca em mim e deita a cabeça em meu peito.

— No que você está pensando? — pergunta com a voz sonolenta.

— Que eu nunca vou me cansar de você — respondo rapidamente.

— Acho bom, porque não pretendo parar antes dos setenta anos.

Sorriso e ela beija meu peito enquanto puxa meu braço para brincar com a minha cicatriz.

— Como você soube como fazer? — pergunto observando a forma como ela se encaixa perfeitamente em mim.

— Eu li algumas matérias, vi alguns vídeos.

— Você assistindo pornografia?

— Eu precisava me preparar, não queria te assustar com a minha falta de experiência e Caio disse que seria bom.

— Caio?

— Você sabe, aquele dia, ele só estava tentando ser legal.

Balanço a cabeça concordando com ela, isso é tipicamente algo que ele faria, provavelmente com um tom bem-humorado para quebrar o gelo.

— E todos esses romances? — Aponto para a estante e ela ergue a cabeça para admirar a sua coleção, que está cada dia maior.

— Eles me deram uma ideia, a base, mas a técnica eu precisava ver.

Imagens de Ayla vendo vídeos pornô para me agradar invadem a minha mente e, mesmo que eu já esteja satisfeito, meu pau endurece imediatamente.

Ayla ergue o rosto me encarando incrédula e ergo os ombros um pouco envergonhado.

— Quer que eu te ajude aqui? — Ela morde o lábio e me surpreendo com o fato dela parecer estar curtindo isso tanto quanto eu.

Quando não respondo, ela aceita isso como um sim e empurra o edredom para o lado descendo por meu corpo e fazendo com que eu acredite que a felicidade está realmente nas coisas simples da vida.



Acordo um pouco desorientado e sem saber onde estou, no instante em que abro os olhos me dou conta de tudo o que aconteceu ontem, de como me senti com Ayla e como a fiz se sentir.

— Bom dia, dorminhoco. O que acha de levantar? Estão todos à mesa.
— Ayla aparece na porta do banheiro escovando os dentes e preciso me obrigar a sair da cama e me arrastar puxando a cueca e o short por minhas pernas e entrando no banheiro atrás dela.

— Bom dia. — Beijo seu ombro e olho para nossos reflexos no espelho, ela está linda como sempre, com uma camiseta larga que cai por seu ombro deixando a pele escura exposta para mim, os cachos estão presos em um coque no topo da sua cabeça e ela parece radiante.

Gosto de imaginar que ela está assim por causa de tudo o que fizemos na noite passada.

— Como você está? — pergunta se virando e beijando a minha boca.

— Eu não sei, acho que com um pouco de remorso — admito e ela franze o cenho sem compreender. — Eu deveria estar triste.

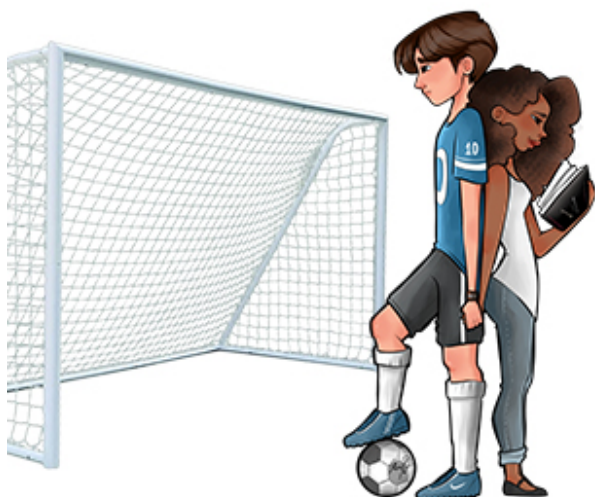
Sinto-me mal por dizer isso, por não sentir nada além de alívio em meu coração machucado.

— Thales, você esteve triste a sua vida inteira, não me importo se, de hoje em diante, você começar a ser feliz pra variar.

— Você é incrível, sabia?

— Se você diz. — Ela ergue os ombros e envolve meu pescoço me puxando para um beijo longo e cheio de desejo, que me faz gemer enquanto a afasto para poder escovar os meus dentes. — Será que vai ser sempre assim? — Ela aponta para a ereção que se alonga em meu short.

— Não sei, mas espero que sim.



89

Thales

O fisioterapeuta está de saída quando Tatiana entra no quarto. Ela está quieta, com os olhos tristes e quase sempre os desvia quando me vê. Senta-se na minha cama e mantém os olhos fixos no *All Star* surrado em seus pés. Sei que preciso conversar com ela, mas não faço ideia do que deve ser dito.

— Como você está? — Me aproximo mancando, depois da sessão de tortura, até a cama e me sento ao seu lado.

Tati ergue os ombros e continua olhando para baixo.

— Você está precisando de alguma coisa?

— Quando você vai embora?

— Em dez dias.

Ela respira fundo como se estivesse se preparando para falar algo difícil e faço o mesmo, me preparando para aceitar, seja lá o que for.

— Sinto falta da mamãe.

— Eu também.

— Sério? — pergunta erguendo os olhos.

— Ela também era a minha mãe e, por mais que nossa relação não tenha sido boa, é ruim pensar que não está mais aqui.

Tati volta a baixar o olhar para seus pés, que balançam agitadamente.

— Você quer dizer mais alguma coisa?

— É que eu também sinto saudades do papai.

Sinto como se acabasse de ser atingido. Algo dentro de mim não reage bem a sua sinceridade. Desde que ele foi embora, esqueci-me de que Tati era sua filha, mas agora, ao ouvi-la chamar aquele monstro de papai preciso me

conter para não estourar. Aperto os punhos com força desejando minhas pulseiras, mas não me movo. Apenas espero que minha mente vença minhas emoções e eu possa consolar minha irmã. Ela não sabe de nada e, se depender de mim, nunca saberá. Eu a protegerei de toda a maldade.

— Eu sei que você o odiava, que ele nunca foi nada para você.

— Ele não foi legal comigo, Tati.

— Eu sei, me desculpe. — Sua voz embarga e ela ergue a mão para secar uma lágrima que escapa de seus olhos.

— Por favor, não peça desculpas.

— Eu sei que ele batia em você, eu sei que, por culpa dele, você as tem. — Ela olha para as cicatrizes em meus pulsos e resisto à vontade de me levantar e pegar as pulseiras. — Mas comigo ele era bom, ele era meu pai.

— Graças a Deus, você não imagina o quanto é importante para mim saber que ele foi um bom pai para você.

— Eu queria que ele tivesse sido bom para você também. — Ela se vira para mim, com seus olhos agora avermelhados encarando os meus.

— Mas isso não importa mais.

Sinto como se tivesse engolido areia, minha garganta arranha com as palavras que saem dela e preciso pigarrear para que eu possa continuar.

— Eu sinto muito, Tati — minto porque não sinto nada além de alívio por saber que aquele verme não respira mais o mesmo ar que ela, que ele nunca mais vai machucar nenhum garotinho e que Tati nunca precisará saber que seu pai era um monstro. — Se depender de mim, eu sempre farei de tudo para que você nunca sofra.

— Eu sei, Thales. Me desculpe por estar chorando por ele.

— Tati...

Sem pensar, puxo-a para meus braços e ela se enrosca em mim, escondendo seu rosto na curva do meu pescoço enquanto chora a morte de um homem que quase matei com minhas próprias mãos.

Seguro-a em meus braços e espero em silêncio até que ela pare de chorar, é uma das coisas mais dolorosas que já fiz, preciso dizer a mim mesmo que ela não faz por mal, ela não sabe, nunca saberá.

Quando Tati se acalma, ela se afasta de mim e noto que ainda tem algo que ela precisa falar.

— Thales...

— Oi.

— Eu estive pensando. — Ela encara as unhas roídas enquanto se prepara para continuar.

— Sim?

— Eu acho que não quero ir com você.

Preciso de um tempo para perceber o que ela está falando.

— Eu quero ficar aqui, no Brasil.

— Entendo.

— Eu vou sentir falta daqui.

Ergo seu queixo e obrigo-a a olhar para mim, sorrio porque no fundo sei que farei qualquer coisa para a felicidade dessa garotinha. Eu sempre fiz.

— Tudo bem, eu vou falar com o Milton, vamos resolver isso.

— Obrigada, Thales. — Ela sorri, parecendo aliviada. — Ainda podemos passar as férias juntos.

— Sim, sempre.

Ela se ergue e beija minha bochecha, em seguida descansa a bochecha em meu peito e passa os braços em minha cintura.

— Eu amo você.

— Eu também te amo muito.



Não é nenhuma surpresa quando, no fim do dia, entro no escritório de Milton e digo a ele que Tati não quer ir comigo. Como sempre, ele está um passo à frente e já esperava por essa decisão. Depois de me garantir que Tati estará melhor aqui com ele e sua família me sinto aliviado e satisfeito.

À noite estamos todos em volta da mesa, como uma grande e estranha família. O jantar já acabou, mas ninguém tem vontade de se afastar. Há várias conversas paralelas e brincadeiras saudáveis, ninguém tem medo de ser castigado por fazer algo errado, é uma família que se ama e me sinto amado por todos.

— Eu acho que está na hora de contar uma história para vocês — Milton diz. Ele olha de mim para Tati e, em seguida, para seus filhos, sua mãe e seu irmão. Toda a sua família está olhando para ele, em expectativa.

Ayla está sentada no balcão ao meu lado, o braço enroscado no meu e o queixo apoiado em meu ombro, com os olhos atentos ao homem que está a nossa frente.

— Eu sei que sou um homem de sorte, tenho uma linda família que amo e sei que me ama. Tenho filhos incríveis que Deus me deu e tenho o prazer de ter vocês dois na minha vida.

Ele aponta para mim e para Tatiana e sinto-a suspirar ao meu lado quando seguro a sua mão.

— Vocês devem se perguntar por que são tão especiais para mim e está na hora de contar uma história de quando eu era apenas um garoto, assim como vocês. — Ele aponta para os gêmeos dessa vez. — Eu tinha mais ou menos uns treze anos quando conheci a garota mais linda desse mundo, eu me apaixonei por ela no mesmo instante. Ela era engraçada, divertida e muito bonita. Era alguns anos mais velha do que eu e isso me deixou ainda mais apaixonado.

Ele balança a cabeça e os gêmeos sorriem.

— O tempo passou, ela enfim me notou e começamos a namorar. Ela foi a minha primeira garota, meu primeiro beijo e... enfim. — Ele ergue os ombros. — Quando eu disse eu te amo para ela, tinha certeza de que nunca mais diria aquelas palavras para ninguém, ela era a dona absoluta do meu coração de moleque. Passamos um ano inteiro juntos e eu sabia que ela era a mulher da minha vida, mesmo com tão pouca idade.

Ele olha para mim e para Ayla e sei que está se referindo ao nosso amor.

— Eu achei que estávamos bem, e estávamos. Mas aí chegou um carinha novo no bairro, ele era mais bonito eu acho, ou talvez mais experiente, mais legal, não sei. Durante muito tempo, eu tentei entender o que aquele garoto tinha que fez com que os olhos dela se voltassem para ele. Eu sabia que algo estava acontecendo, mas a amava tanto que não tinha coragem de perguntar, eu apenas aceitava as migalhas que ela me dava até que um dia me chamou para conversar. Estávamos prestes a completar dois anos de namoro e eu ainda a amava como no primeiro dia que a vi. Ela estava chorando muito e disse que precisava me contar algo muito importante.

Milton olha para a sua mãe, como se estivesse trocando algum tipo de confidência. Ninguém fala nada, o silêncio é total e ele respira fundo antes de continuar:

— Ela estava grávida. Eu, claro, fiquei apavorado. Era apenas um garoto, não fazia ideia do que seria da minha vida, o que dirá de um bebê, mas ela parecia ainda mais apavorada que eu e naquele momento. Enquanto

ela chorava, eu soube que faria qualquer coisa para não vê-la daquela forma. Então eu disse: “Okay, a gente se casa”. — Milton ri como se estivesse tirando sarro da própria ingenuidade e sorriu ao olhar para Ayla sabendo que eu faria o mesmo por ela. — Mas, na verdade, ela não sabia quem era o pai, se eu ou o garoto novo. Aquilo me destruiu, eu achei que iria morrer. Voltei para casa e contei aos meus pais, tomei uma surra do meu pai e passei a noite chorando no colo da minha mãe.

Olho para dona Olga, ela está chorando enquanto ouve o filho contar e me sinto um pouco nervoso com o rumo que essa história está tomando.

— Nos meses seguintes, eu estive ao lado dela. Mesmo que eu estivesse machucado, havia uma chance daquele bebê ser o meu filho, e eu devia isso a ele. Eu tinha apenas dezessete anos, mas já estava agindo como um homem. Meu pai me obrigou a arrumar um emprego e eu sabia que a faculdade seria apenas um sonho, e não me importava, eu iria cuidar daquele bebê e, se ela me escolhesse, estava disposto a cuidar dela também.

Milton baixa seu olhar para as suas mãos, sinto a mágoa em suas palavras e me compadeço por ele, não sei como reagiria se Ayla me fizesse algo assim.

— Mas então algo aconteceu, e ela perdeu o bebê. Depois daquilo, meus pais me mandaram para passar um tempo na casa dos meus tios em uma cidade vizinha, eles sabiam que aquele relacionamento não seria bom para mim. Eu fui, mas meu coração ficou com ela. O tempo passou, eu cresci, conheci outra garota, descobri que um coração machucado é capaz de se recuperar e que o amor não é algo rígido, ele se molda de acordo com as necessidades e o meu se moldou a ela. Namoramos por dois anos, nos casamos e logo ela engravidou. Voltei a ser o homem mais feliz do mundo, até que meu pai adoeceu e precisei voltar para ficar com a minha família. Levei minha esposa e minha pequena Ayla comigo.

Milton olha para mim e meu coração começa a acelerar quando imagino o rumo da sua história.

— Em uma noite, eu estava na sala assistindo um jogo e ouvi um grito. Eu conhecia aquela voz o suficiente para sair correndo de casa e atravessar a rua sem me importar com o que poderia me acontecer. Encontrei-a caída no chão, com o rosto inchado pelos socos que o maldito idiota, que ela escolheu para ser seu marido, desferiu, e ao seu lado havia um garotinho, nascido no mesmo dia que a minha filha, chorando assustado.

Ele volta a olhar para mim e tudo o que desejo é que eu esteja enganado, que ele diga outro nome, que seja outra pessoa.

— Foi a primeira vez que te vi, Thales. Você não tinha mais do que três anos, mas já parecia um homem. — Ele pisca afastando as lágrimas e não consigo fazer o mesmo, as minhas escorrem por meus olhos enquanto olho para ele. — Você me pediu para salvar a sua mamãe e, naquele momento, eu me lembrei do bebê que ela perdeu, que poderia ser meu e que, infelizmente, eu nunca saberia. Eu a levei para o hospital, enquanto minha esposa, sem entender nada, cuidou de você. No dia seguinte, quando cheguei em casa, contei tudo a ela. Chorei, pedi perdão e disse que a amava e eu não estava mentindo, eu amava a minha esposa. Mas meu coração sempre foi da mulher que me trocou por um idiota, que a machucou e depois abandonou. Naquele dia, eu fiz duas promessas a minha esposa: a primeira, é que eu sempre seria fiel a ela; e a segunda, é que eu sempre cuidaria daquele garotinho que adormeceu ao lado da minha menina. E, graças a Deus, eu cumpri as minhas duas promessas. Mesmo nos anos que estive longe, eu sempre te visitava, sempre estive ao seu lado. E durante todos esses anos vi o garotinho crescer e adormecer ao lado da minha filha, vi ele se apaixonar por ela, vi ele lutar para ser um bom menino, mesmo quando a vida não lhe deu muitas oportunidades; eu vi ele morrer, para nascer ainda mais forte; e hoje, eu vejo ele ser o homem que tenho certeza de que vai fazer a minha filha muito feliz. E hoje eu sei que valeu a pena fazer aquelas promessas tantos anos atrás, porque foram elas que me mantiveram perto de vocês dois por todos esses anos. Janaína morreu para me salvar, aqueles tiros eram para mim, mas ela se colocou na minha frente. — Um soluço escapa da sua boca e ele seca as lágrimas desajeitadamente. — Ela disse que me devia isso, por tudo o que fiz por vocês — ele diz em meio às lágrimas. — Eu sinto muito, filho, eu não pude salvá-la. Não dessa vez.

Quando Milton termina de falar, o silêncio ainda permanece na cozinha. Tenho a sensação de que nada se mexe, tudo está pausado, apenas eu e ele estamos aqui de verdade. Não sei ao certo como tudo aconteceu. Em um instante, estou ao lado de Ayla e Tatiana; e no outro, estou abraçando Milton, o único pai que eu tive em toda a minha vida e que, graças a uma promessa, me deu a chance de lutar por meus sonhos e de conhecer o amor em todas as suas formas.

Abro a boca para agradecer, mas as palavras saem embargadas, cheias de emoção, e só consigo mover a cabeça de um lado para o outro.

— Eu amo você, Thales, como se fosse o meu filho perdido. — Ele acaricia meu rosto e, pela primeira vez na vida, sinto o carinho de um pai enquanto ele me beija. E desejo que, de alguma forma, eu seja o seu filho, mesmo que seja apenas em seu coração.

Milton estende a mão e vejo Tatiana se aproximar, ainda tímida e com os olhos inchados de chorar. Em seguida, Ayla desce da bancada e corre até nós, e logo estamos todos, inclusive os gêmeos, abraçados ao homem mais incrível que esse mundo já conheceu. E eu percebo que mesmo com todas as dificuldades, mesmo tendo conhecido o lado mais feio da humanidade, no fim das contas eu sou um garoto de sorte, porque o amor me salvou.

90

Ayla



NEWS

“Hoje, Thales Reis deixou um marco na história do futebol espanhol e do Barcelona, o time recebeu uma proposta milionária pelo seu camisa 10. Nunca um jogador tão jovem foi tão valorizado no clube, que é conhecido por ser a casa dos maiores craques da bola. Os espanhóis gritam em coro: ‘¡Thales es nuestro rey!’”

A sala está lotada, dezenas de pessoas usando a camisa azul e grená com o número 10 e o nome dele nas costas, a minha ainda tem um pouco do seu cheiro, do cheiro do seu abraço, do seu toque, do nosso amor. O nosso cheiro.

O hino da UEFA enche a sala com sua melodia dramática e emocionante e meu corpo inteiro se arrepia, é a noite de ouro do futebol europeu. Não, na verdade é a noite mais importante do futebol mundial.

É a noite dele.

— Sai da frente, Ayla. — Guilherme me puxa pela cintura e dou um tapa na sua mão.

— Me respeita que, embora você seja maior do que eu, ainda sou a sua irmã mais velha.

Ele ri, Marcos joga uma almofada na sua cabeça e Tati o repreende. Por incrível que pareça, não tive tempo de conversar com eles ainda. Com a faculdade e Thales do outro lado do mundo, as coisas estão um pouco mais difíceis. Todo o tempo que temos estamos juntos, seja no celular ou quando ele consegue vir para cá ou eu para lá.

Ainda não sei qual é a dos meninos, mas já sei que Tati está caidinha pelo Guilherme, talvez seja o seu jeito brincalhão, o fato dele sempre estar fazendo-a sorrir ou a forma como para ele é natural estar sempre tocando-a, assim como Thales e eu. O fato é que, para ela, sorrir é algo que faz muita diferença, e Gui sorri sempre, muito mais que Marcos, meu irmão tímido.

O problema é que amo os dois e não poderei ajudá-la muito, isso se eu não estiver fantasiando coisas e lendo romances demais.

— Filha, come alguma coisa. — Minha avó me entrega um pedaço de torta de frango e mordo só para deixá-la mais tranquila, mas eu não estou com fome, na verdade estou ansiosa. Não dormi à noite e, por incrível que pareça, estou mais nervosa que Thales para esse momento.

A transmissão começa e todos gritam quando o rosto lindo do meu noivo surge na tela da tevê. Ele está concentrado, a expressão séria fazendo-o aparentar mais do que os seus vinte anos. As sardas em seu rosto estão mais evidentes por causa da quantidade de sol que está tomando, seus olhos castanhos estão mais esverdeados hoje e, mesmo que a câmera esteja focando apenas no seu rosto, enquanto ele aguarda o momento em que seu nome será chamado, quando ele abaixa o olhar sei exatamente para onde está olhando. Abaixo meus olhos para a tatuagem em meu pulso e sorrio. Os números romanos que marcam o dia do nosso nascimento rodeiam exatamente o mesmo lugar que as dele estão, acaricio minha pele relembrando o dia em que a fizemos, juntos.

— Esse é o dia em que nascemos. — Ele me mostrou o pulso vermelho pela agulha com a tinta ainda fresca cobrindo a sua cicatriz. — E aqui o dia em que renasci. — Ele ergueu o outro pulso com a data exatamente igual, dezesseis anos depois, a noite em que achei que o havia perdido, marcada para sempre em sua pele.

Olho novamente para a tela, Thales molha os lábios em um gesto completamente inconsciente e que eu sei, vai se transformar em centenas de posts e imagens que inundarão a internet em alguns instantes.

É, eu sou noiva do maior jogador brasileiro da atualidade e do homem mais sexy do ano, escolhido por uma respeitada revista de variedades. É difícil administrar os ciúmes, principalmente com fotos dele apenas de cueca estampando revistas por aí, mesmo que eu saiba que tudo aquilo é só meu, às vezes me sinto invisível diante da monstruosidade que é o mundo onde ele vive, mas eu sei que o verdadeiro Thales, o garoto que não é bom com palavras, que tem dificuldades de ler e escrever, mas que ama ouvir histórias contadas enquanto me abraça e diz que me ama; que detesta ser tocado, mas que se desmancha em minhas mãos; o garoto que deixa meus irmãos golearem ele no videogame só para eles ficarem felizes, esse só eu conheço.

A câmera dá um giro pelo estádio, está lotado, milhares de pessoas estão lá. O nome dele ecoa pelo espaço, como uma prece, uma adoração, o Rei dos gramados, o garoto prodígio que vem batendo recordes, conquistando torcedores e corações pelo mundo inteiro. O meu Thales.

Choro enquanto ouço seu nome ser chamado e a câmera acompanha enquanto ele sobe as escadas que o levam para o futuro, para o lugar onde ele pertence, onde ele é rei e soberano e nada, nem ninguém, pode atingi-lo. Vejo o garoto magricelo e calado se tornar um homem enorme, forte, invencível, ovacionado por milhares de pessoas que gritam seu nome em outras línguas enquanto ele acena para elas. É como o fim de um livro, aquele momento mágico em que o leitor suspira e diz: “ele merece, por tudo o que passou, esse é o seu final feliz, e não poderia ser melhor”.



“Mesmo depois de ter vendido o seu mais importante jogador na mais cara transação financeira do clube para o Barcelona, o São Paulo continua colhendo os frutos do seu trabalho. Na última segunda-feira, a FIFA anunciou os dez gols que concorrerão ao troféu de mais bonito da temporada, entre eles está Thales Reis com um gol de voleio inesquecível marcado na semifinal do Campeonato Paulista.”

— Eu não consigo respirar nesse vestido. — Olho apavorada para Tatiana que, ao contrário de mim, parece ter nascido para usar um desses vestidos com nomes próprios.

— Não seja boba. Você está linda, Ayla. — Ela ajusta o corpete enquanto olha para mim através do espelho, estou começando a me sentir constrangida. Essas crianças estão crescendo rápido demais, Tatiana mal completou treze anos e já está maior do que eu.

— Você diz isso só porque sabe que estou prestes a ter um infarto — digo enquanto acaricio o colar, que vale mais do que o que supostamente ganharei em toda a minha vida, em torno do meu pescoço.

— Eu digo isso porque é o que acho, você é a garota mais linda do mundo. As branquelas dessa cidade cinzenta e chuvosa vão morrer de inveja quando te virem.

Sorrio e sinto que meu coração vai rasgar esse vestido caro e desconfortável, que provavelmente tem nome, RG e carteira de vacinação.

— Eu só quero que uma pessoa me veja. — Sinto meu rosto esquentar e meu peito doer de tanta saudade, olho para o meu pulso e vejo a tatuagem coberta por uma pulseira imoral, de tão bela.

— Ele não precisa de nada disso pra te ver — Tati diz e sei que ela tem razão. Thales me enxergou quando eu ainda era apenas uma garotinha descabelada e desarrumada, que preferia jogar bola ao invés de brincar de bonecas.

— Ei, o carro chegou — Gui avisa e seus olhos caem diretamente na garotinha ao meu lado e, embora sua pele seja morena, posso notar seu rosto ficando corado. — Vocês tão gatas, hein — ele diz vestindo a sua carcaça de brincalhão e Tati agradece timidamente.

— Obrigada, galãzinho, você também não está nada mau. — Ajusto a sua gravata e ele faz uma cara de desdém, que arranca mais um sorriso dela.

— Vamos logo, meninos! — meu pai grita da sala e, depois de meia hora, finalmente conseguimos sair do hotel onde estamos hospedados desde que chegamos na última sexta-feira.

— Ele deve estar nervoso... — Marcos comenta.

— Ele parece sempre tão tranquilo, como se tudo isso que está acontecendo fosse normal — Gui completa e logo ambos começam a imaginar o que fariam se estivessem no lugar dele.

Meus olhos se encontram com os do meu pai e ele sorri.

— Sua mãe estaria orgulhosa da mulher linda que você se tornou — ele diz com a voz emocionada.

— O mérito é todo seu. — Me inclino e beijo sua bochecha deixando uma mancha rosada brilhante em sua pele negra.

Assim que chegamos ao local indicado, há uma multidão de pessoas usando camisas de vários times e seleções, milhares de fotografos e emissoras de TV. Sou levada para uma pequena sala onde me orientam com quem falar e como agir, e aguardo até o momento em que Thales vem me buscar.

No instante em que ele entra na sala, meu coração para de bater. Estou tão nervosa que não consigo agir naturalmente na sua presença, embora ele pareça estar usando moletom e camiseta ao invés do smoking bonito e elegante que cobre seu corpo perfeito.

— Desculpa, eu acho que entrei na sala errada — ele brinca segurando a maçaneta da porta. — Estou procurando uma garota descabelada, que adora usar minhas camisetas e calças e que detesta cor-de-rosa. Você viu alguém assim por aí?

— Eu poderia te bater, mas estou tentando me mexer o mínimo possível.

Thales molha os lábios enquanto seus olhos passeiam por meu corpo envolto no mais belo tom de rosa que já vi na vida e tenho a sensação de que ele pode ver através do tecido. Caminha até mim, com seu andar elegante e sedutor e a saudade cobra seu preço quando suas mãos tocam minha cintura.

— Você não tem ideia de como fica linda com essa cor — ele diz de um jeito tão íntimo que meu coração acelera no peito.

— Vi uma coleção linda da *Vitoria's Secret* nessa cor.

— Jesus Cristo, você quer me matar?

— Só se for de amor.

— Você está mais magra — diz quando sua mão acaricia as minhas curvas.

— Estou um pouco sem tempo — digo e, em partes, é isso. Porém, a verdade é que descobri a fórmula mágica do emagrecimento: namorar a distância, acrescente a isso seu noivo ser um cara cobiçado por metade da população feminina e uma parte da masculina também e terá um excelente inibidor de apetite.

— Devo me preocupar?

— De jeito nenhum, a não ser que não goste do que vê.

Thales passa as costas da mão em meu rosto, meu pescoço e meus ombros nus, causando arrepios na minha pele, sinto falta do seu toque, do seu beijo e da nossa intimidade, foram poucas as vezes em que conseguimos ficar juntos esse ano.

— Eu amo, cada pedacinho do que vejo e do que não posso ver nesse momento — diz e respiro aliviada, embora pareça bobagem.

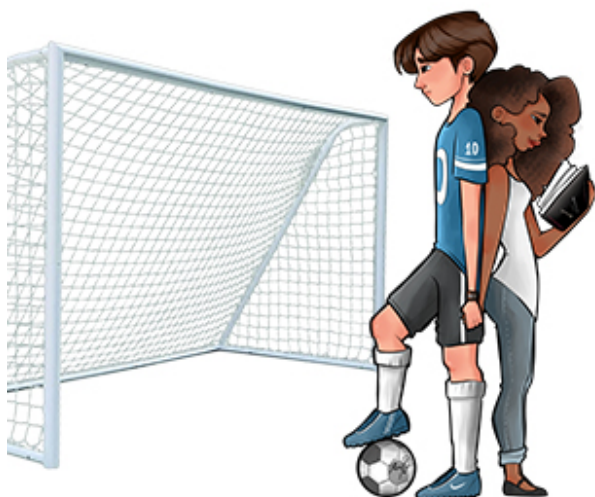
— Estava com saudades. — Ergo a mão e acaricio seu rosto, tocando as sardas que embelezam sua pele.

— Eu ainda estou — ele diz e se inclina para me beijar quando a porta é aberta e um rapaz com um *headfone* nos chama para entrar.

— Pronta para brilhar? — Thales pergunta enquanto estende a mão para mim.

— Tolinho, você sabe que o mundo só tem olhos para você.

Ele sorri e segura minha mão erguendo-a e beijando-a de forma elegante e charmosa e eu derreto mais uma vez de amor.



91

Thales

Estou nervoso pra cacete, não dormi nada essa noite devido à ansiedade pelo prêmio *Puskas*, por falar em público, por fazer tudo da forma mais correta possível e isso não é muito quando diz respeito a mim. Sou conhecido como antissocial e arrogante pela mídia, mas a verdade é que eu não consigo falar. Às vezes, quando tenho que ler algo, preciso me preparar dias antes; eu gaguejo em quase todas as entrevistas e coletivas que participo e sempre que posso deixo para os meus companheiros de time a função de falar no final do jogo. Por mais que eu tenha tentado, não consegui me adaptar às palavras, acho que nasci mesmo para usar os pés.

Mas as pessoas não sabem disso e é mais fácil me julgar. Quem liga?

Desde que ela saiba quem sou e minha família me apoie, eu não dou a mínima ao que a mídia fala. Meu objetivo é fazer o que amo: jogar bola, fazer gols e levar a minha equipe a vitória; e, graças a Deus, nisso eu sou bom.

Aperto a sua mão e noto que ela está suada e gelada, estou com dó dela porque, embora o foco seja eu, não tem como não notar a garota negra linda que me acompanha enquanto atravesso o tapete vermelho. Ela está deslumbrante com esse vestido em um tom de rosa claro que destaca a sua pele e deixa cada curva do seu corpo em destaque. Preciso admitir que vê-la tão sexy está me matando.

Não é fácil namorar a distância uma mulher como Ayla, ela me enlouquece com suas ligações cheias de saudade. Desde que a temporada começou, mal temos tempo juntos, os paparazzi não largam do meu pé e ela

odeia chamar atenção. Nesse tempo longe lemos uns dez livros juntos, assistimos muitos filmes e fizemos muito sexo por telefone, não é o relacionamento ideal, mas dá pra matar um pouco a saudade enquanto ela não vem morar comigo na Espanha.

— Não vejo a hora disso tudo acabar e poder ficar a sós com você — sussurro em seu ouvido e ela se arrepia inteira.

— Estou contando com isso, bonito. — Ela pisca de um jeito, que faz meu corpo se agitar.

A noite é incrível, revejo amigos que estão em outros clubes, inclusive Caio, que acabou de fechar contrato com o Milan. Ele parece feliz e estou feliz por ele. É difícil não ficar emocionado quando encontro jogadores que foram meus ídolos poucos anos atrás enquanto eu era apenas um garoto sonhador e hoje vêm até mim dizer que me admiram. É tudo surreal demais.

Duda está em meu coração o tempo todo. Imagino como seria tê-lo aqui comigo e me emociono quando sou parabenizado por nossos ídolos.

Ayla aperta minha mão quando o prêmio de gol mais bonito é anunciado e, embora eu já saiba que sou eu o dono desse troféu, ao ouvir o meu nome sinto meu coração acelerar e meus pelos se arrepiarem. Inclino-me para a minha mulher linda e a beijo segurando seu rosto com cuidado para não estragar o penteado, cumprimento os jogadores que estão concorrendo comigo e levanto indo até o palco. Caminho entre as centenas de atletas que, assim como eu, batalham dia a dia para se destacarem, ignorando suas dores, seus medos e problemas, tudo por amor a algo que nem todos compreendem.

— Arrebenta, campeão — Ayla sussurra bem baixinho e pisco para ela enquanto tento não tropeçar na escada.

Recebo o troféu e agradeço a modelo, que me parabeniza enquanto me coloco na frente do microfone para fazer o discurso que Ayla me ajudou a escrever em uma das muitas madrugadas que passamos longe um do outro. Retiro a cola que fiz de dentro do bolso do smoking e balanço no ar fazendo com que todos sorriam.

— Eu estava preparado — brinco e abro o papel. Minhas mãos estão tremendo tanto que estou envergonhado.

Limpo a garganta e começo a falar:

— Palavras... — Olho para a multidão que me observa em silêncio e, estranhamente, não me sinto nervoso. — Eu nunca as compreendi; as mais complexas, nunca fui capaz de escrever sem errar. Desde muito pequeno

aprendi que elas tinham poder, elas poderiam destruir como também fortalecer. Eu tinha uns sete anos quando perguntei a um homem muito especial o que eu poderia ser quando crescesse, já que eu só gostava de futebol. Ele me respondeu: “Você pode ser o que você quiser, garoto”. — Olho para cima, onde Milton, Tati e os gêmeos estão sentados, e sorrio. — Eu ouvi milhares de coisas depois daquele dia. Durante toda a minha vida ouvi falar que eu era burro porque não conseguia ler e escrever direito; ouvi dizer que o futebol era apenas um sonho, que eu não chegaria a lugar algum. Palavras que ferem e maltratam, que destroem sonhos, mas as únicas que escolhi guardar para mim foram aquelas que aquele homem falou. Ele me ensinou que o que importa não são as coisas que nos derrubam, mas sim aquelas que nos levantam.

Ergo o troféu e olho para todos aqueles jogadores que me ouvem nesse momento e que, na minha opinião, são muito melhores do que eu, mas que, por algum motivo, estão aqui hoje de pé aplaudindo um moleque que até pouco tempo atrás achou que a única solução da sua vida seria a morte.

— Se existir nesse momento, em algum lugar do mundo, um garotinho me vendo, eu quero saiba que ninguém pode roubar seus sonhos, e que você pode ser o que você quiser — digo e volto a olhar para o Milton. — Ei, campeão! Esse troféu é seu! — Ele seca seus olhos e sinto como se estivesse devolvendo a ele nesse momento tudo o que fez por mim.



O carro para na frente do que um dia foi o lugar mais assustador do mundo para mim. Sinto uma agitação conhecida em meu corpo, um arrepio em minha pele, um aviso irracional para que eu fuja, mesmo que eu não precise mais. Os monstros se foram, eles não podem mais me atingir.

— Você está bem? — Ayla pergunta segurando minha mão.

— Sim, estou. — Sorrio para ela e descemos do carro.

Ainda é muito cedo, mas a equipe de empreiteiros que contratamos já está trabalhando, há homens espalhados por todos os lados e o engenheiro chefe está a nossa espera.

— Bom dia, senhor Thales, é um prazer conhecê-lo — ele me cumprimenta com um aperto de mão forte. — Eu sou Gabriel e estou aqui para apresentá-lo à obra.

Aperto a mão do homem de olhar intenso e mão firme, que me leva por todos os cômodos. Ainda há apenas um punhado de paredes pela metade e muitas ideias para pôr em prática. Mas já consigo ver o que idealizei tomando forma.

— Meu sócio está do outro lado da rua e ele poderá mostrar as instalações que já estão prontas.

Ele aponta para o que um dia foi o meu refúgio, o lugar onde eu me escondia do meu maior pesadelo, e sorrio satisfeito com o que vejo.

Alan, o outro engenheiro, está a nossa espera conforme seu sócio disse e, ao contrário do outro homem, ele sorri orgulhoso do seu trabalho enquanto nos mostra todas as instalações e tudo o que há de mais moderno para receber as crianças que terão aqui nesses dois espaços, uma oportunidade para serem o que elas quiserem ser.

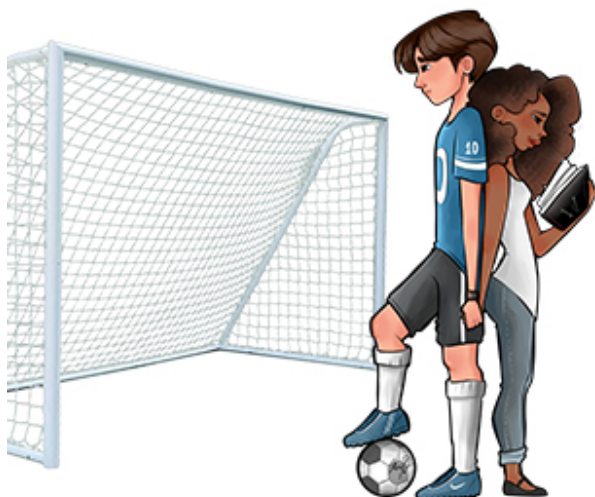
— Em menos de dois meses estará tudo pronto. O terceiro edifício está em fase final de acabamento, nossa equipe está trabalhando dia e noite para finalizar tudo no prazo — Alan diz com uma confiança que não deixa dúvidas.

Ele se refere ao conjunto em ruínas onde brincávamos quando criança, onde eu e Ayla nos beijamos pela primeira vez. Um pequeno centro de treinamento está sendo montado lá. Vimos todas as paredes serem demolidas, e guardamos apenas um pequeno pedaço, uma lembrança da última vez em que estivemos os três lá, juntos, com nossos nomes, eternizados.

Ayla sorri enquanto se abaixa para olhar a placa que descansa no chão aguardando o seu momento de brilhar na fachada.

— “Complexo esportivo Duda Medeiros”. — Ela passa a ponta dos dedos pelas letras elegantes e olha para mim. — Fala sério, ele ia amar isso aqui — afirma com os olhos marejados.

— Com toda a certeza do mundo.



92

Thales



“Hoje é um dia histórico para milhares de fãs do príncipe da bola. Depois de brilhar nos campos de futebol e conquistar os maiores títulos mundiais, chegou o momento do jogador conquistar o seu maior prêmio. Em uma cerimônia fechada para a imprensa, com a presença de cerca de quinhentos convidados, Thales Reis e Ayla Souza, um dos casais mais românticos e discretos da mídia, finalmente se casarão. Desejamos os mais sinceros votos de felicidades ao casal.”

O dia está lindo, mais bonito do que ela imaginou, não há nenhuma nuvem no céu e a previsão do tempo disse que será uma tarde agradável.

Eu sinto que vou derreter a qualquer momento.

Coloco a mão entre o colarinho e meu pescoço e puxo mais uma vez, não consigo respirar e tenho a sensação de que essa camisa está pequena demais para mim. Olho para as pessoas sentadas nos bancos, centenas de rostos me observam atentamente, todas parecem tranquilas e felizes e ninguém está derretendo como eu. Maravilha.

A música começa e todos se levantam, centenas de pessoas, muitos dos jogadores mais importantes do mundo, artistas e amigos, todos olhando para

ela e de repente o calor passou, não sinto mais nada, nem ao menos ouço a melodia que toca. Todos os meus sentidos se voltam para a garota que me deu um anel e me pediu em casamento no meio de uma rua em Barcelona e que prometeu me amar para todo sempre.

Ela está linda usando um vestido longo de renda branco esvoaçante que deixa seu colo exposto, fazendo sua pele negra iluminar, seus cachos que tanto amo estão presos e caem em cascatas pelo ombro e seu sorriso lindo se espalha em seus lábios enquanto ela caminha para mim. Nesse momento, enquanto ela vem ao meu encontro, fecho meus olhos e tento conter a emoção, mas não consigo e tudo o que faço é secar as lágrimas que caem enquanto minha futura esposa se aproxima. Ela está de braço dado com seu pai e, por um momento, penso que esse homem incrível que me salvou de uma vida amaldiçoada está agora me entregando a coisa mais preciosa da sua vida. Da nossa vida.

— Obrigado por tudo — digo enquanto o abraço, Milton balança a cabeça, mas não diz nada, está emocionado demais para isso e se afasta secando as lágrimas que escorrem por seu rosto.

Nesse momento não sou capaz de me impedir de pensar na minha mãe, ela poderia estar aqui, ao meu lado, feliz por mim. Sinto uma pequena pontada de tristeza ao me dar conta disso, mas assim que olho para a minha noiva e vejo o amor estampado em seus olhos, passa.

A vida é feita de escolhas, ela fez as suas. Hoje estou começando a minha.

— Oi, campeão — Ayla diz quando enrosca seu braço no meu, o sorriso parece ainda maior.

— Oi. — Beijo sua testa delicadamente e inalo o perfume feminino que exala de seus cabelos. — Deus, você está tão linda!

Ela sorri e seguro a sua mão prometendo, diante de Deus e de todos os nossos convidados em um lindo fim de tarde, enquanto leio meus votos, nunca mais soltá-la.



Coloco-a no chão com cuidado enquanto fecho a porta do quarto. É exatamente o mesmo em que ficamos na noite em que ganhei o prêmio de

melhor jogador do mundo, naquele dia achei que não tinha como um homem ser mais feliz do que eu, mas estava enganado.

— Então, aqui estamos nós de novo — ela brinca enquanto caminha pela sala passando as mãos pelo encosto do sofá. Enfió minhas mãos nos bolsos da calça enquanto observo o movimento dos seus quadris dentro desse vestido, a forma como suas costas nuas indicam que ela não está usando nenhum sutiã e como seus seios firmes e belos se moldam ao tecido.

Ela é linda, perfeita e, a partir de hoje, minha esposa.

— Eu amo você — digo quando ela vem até mim e passa seus dedos em volta dos botões da minha camisa abrindo-os.

— Eu também, muito. — Ela beija a pele exposta do meu peito enquanto continua abrindo a camisa, deixa que continue me beijando e me despindo enquanto observo maravilhado a forma como se satisfaz em me dar prazer.

Hoje não tenho mais medo de ser tocado, aprendi que o toque nem sempre machuca, que ele pode curar e, sem saber, Ayla me cura todas as vezes em que seus dedos estão sobre minha pele.

— Eu não sei se quero tirar o seu vestido — digo passando o dedo pelo tecido delicado que cobre seus seios.

— Uma pena, gastei meses escolhendo o que tem por baixo dele. — Ela me desafia e rosno sentindo meu pau crescer com a imagem dela nua para mim.

— Jesus Cristo, você quer me matar?!

— De jeito nenhum, eu quero você bem vivo, você tem um milhão de promessas para cumprir.

— E eu cumprirei cada uma delas.

Pego Ayla nos braços e a levo para a cama, ela começa a me beijar no caminho, com desejo, amor e carinho. Retiro seu vestido com cuidado, me satisfazendo com cada parte do seu corpo que aparece para mim. O conjunto de lingerie é de um tom rosado, igual ao vestido que ela usou na outra noite.

— Você disse que eu estava linda, achei que gostaria de repetir.

— Você é a mulher mais linda do mundo, e eu o cara mais sortudo.

Deito-a no colchão e me coloco sobre ela, esperamos por esse momento há tanto tempo, sonhei com o dia em que ela seria minha esposa por toda a minha vida.

Desmancho o penteado e deixo seus cachos soltos esparramados pelo travesseiro.

— Esse é o início do nosso felizes para sempre. — Ela se ergue e morde meu queixo enquanto começa a me tocar do jeito que amo, fazendo com que todo o medo e a ansiedade desapareçam. Essa garota tem esse poder sobre mim, ela sabe fazer com que eu me sinta amado de um jeito raro. Desço minhas mãos por seu corpo, que aprendi a conhecer tão bem quanto o meu. Sei exatamente o que preciso fazer para excitá-la e já a vi gozar muitas vezes, mas sempre que seu corpo estremece por mim e ela geme meu nome como uma súplica me sinto o homem mais feliz do mundo. Quero fazer o mesmo por ela, quero que ela seja mulher mais feliz do mundo e quero repetir isso por todos os dias das nossas vidas.

— Eu te quero tanto — digo em seu ouvido enquanto minhas mãos trabalham no meio das suas pernas, meus dedos dentro do seu corpo, tocando-a do jeito que gosta.

Ayla geme e se contorce a medida que meus dedos circulam seu ponto mais sensível, sinto sua umidade aumentar e minha ereção implorar por ela. Olho em seus olhos enquanto me acomodo guiando meu pau para a sua entrada, olho para nossos corpos se unindo, lentamente, sentindo o prazer que só duas pessoas que se amam podem dar uma a outra. Ela confia em mim, confia seu corpo em minhas mãos e eu sei, por experiência, que isso é a coisa mais valiosa que ela pode me dar.

Tento ser delicado e a penetro completamente, volto a me deitar sobre ela e sinto o seu calor a minha volta, me recebendo pela primeira vez como minha mulher e uma onda de satisfação me move fazendo com que eu comece a entrar e sair de dentro dela. Mantenho meus olhos em seu rosto, absorvendo cada pequeno detalhe dele, a forma como ela respira, como passa a língua nos lábios enquanto geme a cada nova estocada. Como seus seios se movem com a força com que a penetro. Sinto-me selvagem, primitivo e possessivo enquanto faço amor com minha mulher.

— Mais forte — pede e me sento puxando seu quadril ao meu encontro, facilitando minhas estocadas.

Ayla geme, seus sons sensuais me levam à loucura e todas as minhas ideias de uma noite longa de muito prazer vão para o espaço, preciso gozar agora. Cravo minhas unhas em sua pele, Ayla ergue os braços para trás segurando-se na cabeceira da cama enquanto entro mais fundo, mais forte, mais rápido. O som dos nossos corpos se chocando e dela gritando de prazer me levam à loucura, e quando sinto que estou no limite, saio de dentro dela e

gozo em seu corpo, gemendo alto enquanto ela me observa com seu olhar apaixonado.

Ayla se ergue e segura meu pescoço, com seus lábios sobre os meus e nossas respirações ofegantes.

— Eu amo você — sussurra em minha boca, algo que fez inúmeras vezes durante nossa vida e que, mesmo assim, acende algo dentro de mim.

Olho para o seu corpo suado, sujo com meu prazer, satisfeito, exausto e me sinto o homem mais feliz do mundo. Eu me sinto um homem.

— Eu amo você, minha linda esposa.

Ela morde, beija e lambe meu ombro enquanto fala e tudo o que consigo fazer é segurar meu peso para não machucá-la. Ainda estou pulsando em ondas suaves de prazer quando volto a penetrá-la, não quero parar e ela sente quando começo a me mover novamente, dessa vez bem devagar enquanto meu corpo se recupera. Ela ergue a sobancelha e envolve suas pernas em minha cintura.

— Sou um atleta, tenho um ótimo preparo físico — brinco enquanto giro meu quadril fazendo-a arfar.

— Eu sou a esposa mais feliz do mundo — Ayla brinca e volta a me beijar e, então, tudo a minha volta se apaga e a única coisa que resta é o corpo quente e macio da minha esposa, o meu lugar favorito do mundo.



O sol está começando a se pôr e estou dentro dela, em um dos lugares mais lindos do mundo, sob um mar cristalino, ouvindo o barulho suave das ondas batendo das colunas de madeira do nosso bangalô.

Ayla se move lentamente, subindo e descendo, seu corpo está iluminado pelo suor e não me canso de olhar para ela. Vê-la gozar é a coisa mais incrível do mundo e, desde que chegamos nesse pedaço escondido do paraíso, eu tenho tido muitas imagens dela gozando.

— Eu acho que poderíamos ficar aqui para sempre — ela diz algum tempo depois, deitada em meu colo completamente nua, enquanto observamos o céu em vários tons de laranja que toca o mar azul a nossa frente.

— Mas não é isso que torna esses momentos tão especiais? — digo enquanto vejo seus dedos acariciarem minhas cicatrizes.

— O quê? Desejar?

— Não. Saber que nada é para sempre, que um dia tudo acaba.

Ayla se vira para mim e apoia o queixo em meu peito.

— Isso é meio mórbido para a nossa lua de mel.

— Sim, mas é a verdade, amor. Um dia, eu não estarei aqui, meu coração vai parar de bater e isso faz com que cada batida dele seja importante, e cada uma delas são para você. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da sua orelha enquanto observo a curva do seu bumbum por cima do seu ombro. — Se tivéssemos isso aqui para sempre deixaria de ser especial. Assim como a vida, ela é especial porque não sabemos o que vem em seguida.

Ayla balança a cabeça enquanto pensa no que eu disse.

— É como nos livros, a ideia de imaginar o que vem depois do fim é o que torna a leitura tão especial — completa meu raciocínio.

— Exatamente. — Ergo-me para beijar a sua boca e me viro colocando-a por baixo de mim e afastando suas pernas para penetrá-la. — E essa parte da história é só nossa, de mais ninguém — digo sentindo o prazer de saber que isso é apenas o começo da nossa longa, feliz e eterna história de amor.

EPÍLOGO

Ayla



Muitos anos depois...

Coloco minhas chaves no aparador e tiro meus sapatos jogando-os no armário e pensando na bagunça que está ali dentro. Fecho a porta e ignoro o fato de que vou precisar arrumar isso em algum momento nas próximas semanas.

A casa está silenciosa. Chamo por Thales, mas ele não responde, já era para ter chegado do treino. Olho no relógio em meu pulso, que ganhei no nosso quinto aniversário de casamento, e confiro as horas: são quase oito da noite.

Passo pela sala de estar e subo as escadas até o primeiro andar, vou direto para o nosso quarto, observo nas paredes a história da nossa vida retratada: o nosso casamento, nossa lua de mel, dezenas de fotos de momentos especiais da carreira dele. Paro um instante em uma das minhas favoritas: Thales parece estar voando enquanto comemora um gol, a camisa amarela da Seleção envolve seu corpo de forma sensual, até mesmo o short abraça suas pernas musculosas e me faz aquecer.

Conheço esse corpo como ninguém e amo cada pedacinho dele, cada cicatriz ganhada por cirurgias e machucados ao longo dos anos. Cuidei de cada uma delas, desde as primeiras, ainda naquele campinho de terra na cidade onde crescemos e prometi que cuidarei até o fim.

Passo por outra e sinto meus olhos marejarem quando vejo os três amigos sentados no sofá da antiga casa da minha avó, os meninos segurando

os controles remotos do videogame e eu no meio deles, como sempre foi. Toco o rosto bonito e arrogante de Duda e meu coração aperta de saudades; mesmo tantos anos depois, ele ainda faz parte das nossas vidas. Em seguida, olho para Thales e reconheço a tristeza que permeava seu olhar naquela época. Nós ainda não fazíamos ideia de como nossas vidas mudariam depois daquele dia.

Vejo mais uma foto, Thales recebendo pela primeira vez o prêmio de melhor jogador do mundo, depois dessa vieram mais oito, mas essa é a mais especial: ele chorou como criança em meus braços quando foi informado que havia ganhado.

As duas fotos seguintes são as mais importantes de todas: em uma, está toda a nossa família no casamento de Gui e Tatiana. Ela está linda e ele se tornou um homem maravilhoso assim como Marcos, que está noivo de uma modelo maravilhosa.

A última foi tirada há poucas semanas e, embora nesse momento eu esteja morta de cansada, sei que em algumas semanas sentirei falta dessas curvas mágicas que abrigam a vida dentro de mim.

Mais uma vez...

Acaricio minha barriga desejando que essas próximas semanas passem mais devagar, sei que vou morrer de saudades de ter minha menininha só para mim e logo terei que dividi-la com o restante do mundo. Entro no nosso quarto e me surpreendo quando vejo que está vazio, vou até o quarto de Alice e não encontro ninguém, desço as escadas sabendo exatamente onde eles estão e o que estão fazendo.

Vou até o fim do corredor e desço um pequeno lance de escadas, que me leva para o meu lugar favorito da casa: a sala de leitura. Sim, eu tenho a minha própria sala de leitura, montada do jeitinho que sempre sonhei, com estantes que vão até o teto e um belo sofá com vista para o jardim. Essa é mais uma das promessas que meu marido cumpriu nos últimos dez anos desde que nos casamos.

Encontro o que estava procurando no canto esquerdo da sala. Thales está sentado com as pernas abertas, o joelho recém-operado está descansando em uma almofada de ursinho e tem um band-aid cor-de-rosa em cima da faixa, há uma garotinha, de cabelos rebeldes e cacheados, sentada no meio das suas pernas. Ouço sua voz baixa e lenta se esforçando para conseguir ler para a sua garotinha. Ela balança seus pezinhos que estão

dentro das chuteiras do pai e sinto vontade de congelar esse momento para sempre.

Thales sente a minha presença e ergue os olhos do livro sorrindo para mim. Ele está ainda mais bonito agora aos trinta e três anos. A expressão de menino deu lugar a um ar sexy e imponente, que ainda faz sucesso com as mulheres, para o meu desespero interno. Porém, seus olhos ainda carregam uma tristeza que acho que sempre vai existir lá no fundo, como uma marca do que aconteceu com ele, mesmo que hoje seja um homem feliz e realizado. Traumas não somem, precisamos aprender a lidar com eles, meu marido aprendeu, ao longo dos anos, que suas conquistas foram maiores que suas perdas.

Thales abre um sorriso enquanto abaixa o livro e sorrio de volta porque ainda acho que sua boca é a parte mais bonita de seu corpo e eu amo as coisas que ela faz e diz.

— Mamãe! — Alice grita exageradamente acenando para mim. — O papai estava *leno* o livro do *poquinho* para mim. — Ela ergue o livro e me aproximo segurando a mão que Thales me oferece, para me sentar ao seu lado. Ele me dá um beijo e acaricia a minha barriga enquanto ouvimos nossa garotinha contar a história do seu jeito para nós.

— Isso é incrível, filha, que legal. — Beijo seu rostinho e ela fala “oi” para a irmãzinha beijando minha barriga.

— Como foi seu dia hoje? — Thales pergunta.

— Foi bom, um pouco cansativo, mas bastante produtivo, e o seu?

Thales olha para o joelho e faz uma cara feia antes de responder.

— Doloroso. Em duas horas de fisioterapia, eu desejei morrer quatro vezes, mas foi um bom dia.

— Pobrezinho do meu marido. — Ponho a mão em seu rosto acariciando a barba por fazer e beijo sua boca.

— Mamãe! — Alice grita mais uma vez chamando nossa atenção e sorrimos como dois bobos, porque tudo o que ela faz é lindo para nós. — Olha só o que o papai me *pestou*?

Ela aponta para o tênis grande demais em seus pezinhos e reconheço as chuteiras que meu pai deu a Thales no dia do nosso décimo sexto aniversário. Passo minha mão pelo couro gasto e relembro aquele dia que mudou nossas vidas para sempre.

— O papai disse que é mágico. — Ela continua balançando os pezinhos.

— Eles são mesmo.

— É por isso que não fica com os *outos*? — Ela aponta o dedinho em direção ao andar de cima onde Thales guarda seus troféus e balanço a cabeça, concordando.

Alice tem cinco anos e ainda fala muitas palavras erradas, suspeitamos que ela possa ter o mesmo problema que Thales, mas, graças a Deus, ela tem tido progresso com as sessões de fono. Por sorte temos condições de dar a ela tudo de melhor para que possa ter uma vida escolar tão boa como qualquer outra criança.

— Papai, quando eu *cescer* eu posso ser jogadora e usar os seus tênis mágicos? — pergunta para Thales, que a coloca em seu colo e acaricia seus cachinhos rebeldes. Ele olha para ela com tanto amor, que sinto meu peito doer de emoção.

— Claro que pode, filha. Quando você crescer, você poderá ser quem você quiser.

Alice encolhe os ombrinhos de alegria e deita a cabecinha no peito do pai.

— Alice, você sabia que o papai consegue segurar o mundo inteirinho nos braços? — ele pergunta e ela arregala os olhos de um jeito, que me lembra os gêmeos quando tinham a sua idade.

— O mundo *tilinho*, papai?

— Sim, com tudo de melhor que há nele. Quer ver? — Thales pergunta e Alice balança a cabeça exageradamente. Então, ele a envolve com um braço e com o outro me puxa para mais perto beijando-me do jeito que sempre fez. Com seu coração. — Aqui está.

— Papai... isso não é o mundo *tilinho*, é eu e a mamãe — Alice diz fazendo biquinho.

— Esse é o mundo inteirinho do papai, tudo que eu preciso cabe aqui dentro. — Ele beija a bochecha dela e depois meus lábios.

— Agora é a vez da mamãe contar uma história. — Alice interrompe nosso beijo entregando outro livro para mim. Acomodo-me nos braços do meu marido enquanto Alice se senta ao lado da minha barriga para abraçar a irmãzinha e começo a ler. Thales deita a cabeça em meu ombro enquanto sua mão faz carinho em nossa bebê em meu ventre.

— Eu amo ouvir a sua voz — Thales sussurra no meu ouvido e, por um instante, volto a ser aquela garotinha deitada em sua cama velha com seu livro favorito nas mãos e o coração acelerado de emoção por ter o garoto

mais especial do mundo ao seu lado e com a magia das palavras nos desconectamos do mundo real e nos tornamos apenas nós e as histórias que cercam a nossa vida.

FIM

NOTA DA AUTORA



Um Milhão de Promessas é um livro que traz em seu enredo um personagem com uma grande carga emocional que aborda dois problemas muito importantes, mas que é muito pouco mencionado na sociedade.

O primeiro deles é o DPAC, ou Distúrbio do Processamento Auditivo Central.

Thales é considerado burro por sua família, desatento, desinteressado em tudo que não seja o futebol, em muitas cenas vemos ele perder o foco quando o assunto se prolonga por muito tempo, ou quando há muito barulho a sua volta, às vezes parece que ele não consegue ouvir direito, troca letras e tem dificuldade em ler; e quando se esforça se sente cansado, com dor de cabeça e desmotivado. Ele mesmo, depois de tanto ouvir, se acha burro.

Essas são algumas das características de crianças e adolescentes que possuem DPAC, um distúrbio neurossensorial que afeta a forma como são captadas as informações auditivas.

Vou tentar explicar de uma forma leiga para que você compreenda. Imagine um telefone sem fio, o ouvido recebe a mensagem de forma correta, porém, no caminho que o som percorre até chegar ao cérebro, essa informação acaba se perdendo, chegando embaralhada e sem nexos.

A pessoa ouve a fala humana, mas tem dificuldade de interpretar a mensagem recebida.

É assim que acontece com quem tem DPAC, pessoas com esse distúrbio tem dificuldades que interferem gravemente na compreensão de coisas complexas ou que exigem concentração audiovisual por longos períodos,

como a alfabetização e o interesse pelos estudos, já que a criança, ao compreender errado a mensagem ouvida, não consegue acompanhar os outros alunos gerando assim um atraso no seu rendimento escolar que pode ser leve a grave.

E foi exatamente por causa do desenvolvimento escolar da minha filha que a psicopedagoga me orientou a investigar as fortes dores de cabeça dela. Depois de um longo processo de exames e profissionais desde neurologista, otorrinolaringologista, psicóloga, fonoaudióloga e outros, fechamos o diagnóstico, ela tem DPAC.

Nunca vou me esquecer do dia em que ela, ao ouvir o médico explicar da forma mais lúdica possível, porque ela tinha tanta dificuldade em se interessar pela escola, ela se virou para mim e disse: “então, eu não sou burra, mamãe?”.

Aquilo partiu meu coração e me fez pensar em tantas crianças que, infelizmente, passaram pela escola acreditando que elas eram burras.

Ninguém é burro, só existem diferentes formas de se aprender e infelizmente, no Brasil, os profissionais da área da educação nem sempre estão preparados para lidar com essas limitações da forma correta.

O segundo tema abordado nesse livro é um pouco mais grave, porém tão pouco citado quanto o DPAC.

Trata-se do Abuso sexual de meninos. Um tema que ainda é um tabu na nossa sociedade.

De acordo com dados do boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, de 2011 a 2017, 58 mil crianças foram vítimas de abuso sexual no país, desse total, 25% em média, são meninos entre 1 a 9 anos de idade e, na maioria das vezes, o abusador é do sexo masculino e mora na mesma casa.

Porém, é difícil saber o número exato de meninos abusados, já que acredita-se que há na sociedade machista, onde a sexualidade do homem é colocada à prova desde menino, onde sentimentos são represados e a vergonha os impede de buscar ajuda, uma barreira entre os casos relatados e a realidade, fazendo com que esses dados sejam falhos.

Nos Estados Unidos estima-se que um em cada seis homens sofre algum tipo de abuso sexual ou estupro em algum momento da sua vida, muitas vezes os abusos vêm mascarados como brincadeiras em grupos de amigos, assédio de mulheres mais velhas, ou, no pior dos casos, o estupro.

Thales retrata bem os reflexos do abuso na sua insegurança sexual, na depressão e angústia, em muitas cenas ele chega a duvidar até mesmo da sua

masculinidade, um prisioneiro silencioso de ameaças e tortura de um homem cruel.

Noções equivocadas sobre a masculinidade incentivam a prática obscura e silenciosa do abuso de meninos, que crescem aprendendo que homem não chora, não sente medo, nem dor.

Precisamos cuidar dos nossos meninos, incentivá-los a expor seus sentimentos e falar. Assim como as meninas, eles apresentam mudanças de comportamento quando sofrem abuso, talvez se Thales tivesse uma mãe atenta, talvez ele pudesse ter sido poupado de tanto sofrimento.

AGRADECIMENTOS



Passei dois anos pensando no que iria escrever quando chegasse esse momento. E mesmo com esse tempo todo, ainda não sei o que escrever.

Primeiramente, claro, quero agradecer a você que chegou até aqui, que leu essa história tão triste e profunda, tão especial e épica.

É isso que *Um milhão de promessas* é para mim, uma jornada épica de um herói que conheceu o inferno e renasceu para se tornar um ídolo dos campos.

Que, ao ter suas palavras roubadas junto com a sua inocência, encontrou na voz de uma garota, nas histórias narradas por ela, a fuga para a sua dor.

Ah, os livros... eles salvam vidas.

Um milhão de promessas não foi um livro fácil de escrever, imagino que para você, em muitos momentos, também não tenha sido fácil de ler, mas eu acredito que a beleza dessa história está exatamente aí, na vitória final, no felizes para sempre, no bom e velho clichê do bem vencendo o mal.

Thales venceu e nesse momento, enquanto, com os olhos marejados, escrevo essas palavras cheias de emoção para você, desejo do fundo do meu coração, que outros Thales também sejam capazes de vencer.

Mais uma vez preciso dizer que escrever esse livro foi uma aventura e nem só de dor e tristeza se fez as minhas noites e dias de pesquisas, há um mundo incrível que eu amei explorar mais profundamente, a paixão nacional, o único esporte capaz de unir povos do mundo inteiro.

O futebol.

E que delícia foi poder acompanhar todos os passos do príncipe dos gramados, desde o campo de terra, os campeonatos de várzea, até chegar as

categorias de base e, por fim, se tornar um jogador de nível mundial.

Então vamos aos agradecimentos...

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, por ser meu guia nessa jornada louca que chamamos de vida, por ter me dado a oportunidade de contar essa história, por encher o meu coração de amor.

A meu marido, meu “consultor permanente para assuntos futebolísticos”, que teve toda a paciência do mundo em me ajudar a pesquisar sobre tabelas de campeonato, grades de contratação, posicionamento em campo, número de camisa, nomes e termos usados. Sei que você também está orgulhoso de ver um são paulino chegar tão longe, não é?

As minhas leitoras betas, que me ouvem falar do Thales, que leram e releeram, que apontaram os erros e me ajudaram com suas leituras perspicazes. Vocês são maravilhosas, não sei o que seria de mim sem vocês.

A Thais Alves, por, mais uma vez, ter feito magia e me entregado a capa mais linda do mundo.

A Carla Santos, minha revisora e diagramadora, cada pedacinho desse livro tem um pouco de você.

E por fim, e não menos importante, a você meu querido leitor, seja você novo ou antigo, que me deu a oportunidade de te contar essa história, meu muito obrigada.

Espero que esse livro tenha tocado e seu coração, assim como tocou o meu.

Antes de sair, não deixe de avaliar na *Amazon*, sua opinião é importante para que mais pessoas possam conhecer e se apaixonar por essa história.

BIOGRAFIA



É uma escritora apaixonada por romances, adora as mil formas com que uma história de amor pode ser contada e a magia por trás disso. Autora da *Série Segredos*, *Antes dos vinte*, *Um novo amanhecer*, *Confie em mim*, *Só hoje* e *Um milhão de promessas*.

Mora em São Paulo, com seu marido, duas filhas e Jack, um cãozinho preguiçoso e ciumento.

OBRAS



Série Segredos



Outros romances



amazon kindleunlimited

1)

Jogos Vorazes, de Suzanne Collins. [↵](#)

2)

Aos perdidos, com amor, de Brigid Kemmerer. [↩](#)

3)

Contra todas as probabilidades do amor, de Rebekah Crane [!\[\]\(8af806fb1314382d09bc5ec5b767526c_img.jpg\)](#)

4)

O homem de giz, de C. J. Tudor [!\[\]\(d0a1791f26d167e866e44ebbf83efebe_img.jpg\)](#)

5)

Colleen Hoover é uma escritora norte-americana que escreve romances *new adults* e *young adults*. [↵](#)

6)

Protagonista do livro *A culpa é das estrelas*, de John Green. [↩](#)

7)

O ar que ele respira, de Brittainy C. Cherry [↗](#)

8)

A voz do arqueiro, de Mia Sheridan. [↵](#)

9)

Personagem fictícia que aparece nas HQ's da Marvel Comics. Filha adotiva de Thanos e a última da sua espécie. [↩](#)

10)

Corte de névoa e fúria, de Sarah J. Maas. [!\[\]\(21199eb166cc97331a0c54c649195dcc_img.jpg\)](#)

Table of Contents

[FOLHA DE ROSTO](#)

[FICHA CATALOGRÁFICA](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[EPÍGRAFE](#)

[AVISO DA AUTORA](#)

[PRIMEIRO TEMPO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[Thales](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[Thales](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[Thales](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[Thales](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[Thales](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[Ayla](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[Thales](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[Ayla](#)

CAPÍTULO 15

Ayla

CAPÍTULO 16

Thales

CAPÍTULO 17

Ayla

CAPÍTULO 18

Thales

CAPÍTULO 19

Thales

CAPÍTULO 20

Ayla

CAPÍTULO 21

Ayla

CAPÍTULO 22

Thales

CAPÍTULO 23

Ayla

CAPÍTULO 24

Thales

CAPÍTULO 25

Ayla

CAPÍTULO 26

Thales

CAPÍTULO 27

Ayla

CAPÍTULO 28

Thales

CAPÍTULO 29

Ayla

CAPÍTULO 30

Ayla

CAPÍTULO 31

Thales

CAPÍTULO 32

Thales

CAPÍTULO 33

Ayla

CAPÍTULO 34

Thales

CAPÍTULO 35

Ayla

CAPÍTULO 36

Ayla

CAPÍTULO 37

Thales

CAPÍTULO 38

Ayla

CAPÍTULO 39

Thales

CAPÍTULO 40

Thales

CAPÍTULO 41

Ayla

CAPÍTULO 42

Thales

CAPÍTULO 43

Ayla

CAPÍTULO 44

Thales

CAPÍTULO 45

Thales

CAPÍTULO 46

Ayla

CAPÍTULO 47

Thales

CAPÍTULO 48

Ayla

CAPÍTULO 49

Thales

CAPÍTULO 50

Ayla

CAPÍTULO 51

Thales

CAPÍTULO 52

Ayla

CAPÍTULO 53

Thales

CAPÍTULO 54

Ayla

SEGUNDO TEMPO

CAPÍTULO 55

Ayla

CAPÍTULO 56

Thales

CAPÍTULO 57

Ayla

CAPÍTULO 58

Ayla

CAPÍTULO 59

Thales

CAPÍTULO 60

Ayla

CAPÍTULO 61

Thales

CAPÍTULO 62

Ayla

CAPÍTULO 63

Thales

CAPÍTULO 64

Ayla

CAPÍTULO 65

Thales

CAPÍTULO 66

Ayla

CAPÍTULO 67

Thales

CAPÍTULO 68

Ayla

CAPÍTULO 69

Thales

CAPÍTULO 70

Ayla

CAPÍTULO 71

Thales

CAPÍTULO 72

Ayla

CAPÍTULO 73

Thales

CAPÍTULO 74

Ayla

CAPÍTULO 75

Thales

CAPÍTULO 76

Ayla

CAPÍTULO 77

Thales

CAPÍTULO 78

Ayla

CAPÍTULO 79

Ayla

PRORROGAÇÃO

CAPÍTULO 80

Ayla

CAPÍTULO 81

Thales

CAPÍTULO 82

Ayla

CAPÍTULO 83

Thales

CAPÍTULO 84

Thales

CAPÍTULO 85

Ayla

CAPÍTULO 86

Thales

PÊNALTIS

CAPÍTULO 87

Ayla

CAPÍTULO 88

Thales

CAPÍTULO 89

Thales

CAPÍTULO 90

Ayla

CAPÍTULO 91

Thales

CAPÍTULO 92

Thales

EPÍLOGO

Ayla

NOTA DA AUTORA

AGRADECIMENTOS

BIOGRAFIA

OBRAS

NOTAS